
The Words
USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
A. JADE




Tradução: Livia

Revisão: Sibele, Cris

Leitura: Selena

Conferência: Line

Formatação: Thame

# AVISO

Esta presente tradução é de autoria pelo grupo Enchanted Pages. Nosso grupo não possui fins lucrativos, sendo este um trabalho voluntário e não remunerado. Traduzimos livros com o objetivo de acessibilizar a leitura para aqueles que não sabem ler em inglês.
Para preservar a nossa identidade e manter o funcionamento dos grupos de tradução, pedimos que:

↬ Não publique abertamente sobre essa tradução em quaisquer redes sociais;
↬ Não comente com o autor que leu este livro traduzido;
↬ Não distribua este livro como se fosse autoria sua;
↬ Não faça montagens do livro com trechos em português;
↬ Não poste – em nenhuma rede social – capturas de tela ou trechos dessa tradução.

Em caso de descumprimento dessas regras, você será banido desse grupo.
Caso esse livro tenha seus direitos adquiridos por uma editora brasileira, iremos exclui-lo do nosso acervo.
Em caso de denúncias, fecharemos o canal permanentemente.

# SINOPSE

Ele era o bad boy talentoso que todos queriam.
Eu era a nerd irrelevante que todos odiavam.
Ele era o sol... atraindo todos nós.
Eu era um buraco negro... ocupando espaço.
Ele estava destinado a ser uma estrela.
Eu estava destinada a permanecer um insignificante ninguém.

Até que ele me fez acreditar que eu era especial...
E então ele me destruiu.

Nunca pensei que veria Phoenix Walker novamente depois que ele quebrou meu coração, mas o destino tinha outros planos.

Um passeio. Oito semanas. Quarenta shows.
Inúmeras oportunidades para fazê-lo pagar.

**O mundo pensou que ele era um Deus...**
**Mas eu sabia a verdade.**

# CONTEÚDO


Dedicatória
Playlist

Prólogo
Phoenix

Capítulo 1
Lennon

Capítulo 2
Lennon

Capítulo 3
Phoenix

Capítulo 4
Lennon

Capítulo 5
Lennon

Capítulo 6
Phoenix

Capítulo 7
Lennon

Capítulo 8
Lennon

Capítulo 9
Lennon

Capítulo 10
Phoenix

Capítulo 11
Lennon

Capítulo 12
Lennon

Capítulo 13
Phoenix

Capítulo 14
Lennon

Capítulo 15
Lennon

Capítulo 16
Lennon

Capítulo 17
Phoenix

Capítulo 18
Lennon

Capítulo 19
Lennon

Capítulo 20
Phoenix

Capítulo 21
Lennon

Capítulo 22
Phoenix

Capítulo 23
Lennon

Capítulo 24
Lennon

Capítulo 25
Lennon

Capítulo 26
Phoenix

Capítulo 27
Lennon

Capítulo 28
Lennon

Capítulo 29
Phoenix

Capítulo 30
Lennon

Capítulo 31
Phoenix

Capítulo 32
Lennon

Capítulo 33
Lennon

Capítulo 34
Phoenix

Capítulo 35
Lennon

Capítulo 36
Lennon

Capítulo 37
Lennon

Capítulo 38
Lennon

Capítulo 39
Lennon

Capítulo 40
Phoenix

Capítulo 41
Lennon

Capítulo 42
Phoenix

Capítulo 43
Lennon

Capítulo 44
Lennon

Capítulo 45
Lennon

Capítulo 46
Lennon

Capítulo 47
Phoenix

Capítulo 48
Lennon

Capítulo 49
Lennon

Capítulo 50
Lennon

Capítulo 51
Phoenix

Capítulo 52
Lennon

Capítulo 53
Lennon

Capítulo 54
Phoenix

Capítulo 55
Lennon

Capítulo 56
Phoenix

Capítulo 57
Lennon

Capítulo 58
Lennon

Capítulo 59
Lennon

Capítulo 60
Lennon

Capítulo 61
Phoenix

Capítulo 62
Lennon

Capítulo 63
Lennon

Capítulo 64
Phoenix

Capítulo 65
Lennon

Capítulo 66
Lennon

Capítulo 67
Lennon

Capítulo 68
Lennon

Capítulo 69
Lennon

Capítulo 70
Phoenix

Capítulo 71
Lennon

Capítulo 72
Phoenix

Capítulo 73
Lennon

Capítulo 74
Lennon

Capítulo 75
Phoenix

Capítulo 76
Phoenix

Capítulo 77
Phoenix

Capítulo 78
Phoenix

Capítulo 79
Phoenix

Capítulo 80
Lennon

Capítulo 81
Phoenix

Epílogo

# DEDICATÓRIA

À memória amorosa de meu pai,
*Eu te amo mais.*

“*Cada santo tem um passado, e cada pecador tem um futuro*.”

— **Oscar Wilde**

# PLAYLIST

Para seu divertimento, aqui está uma lista de reprodução do Spotify

https://open.spotify.com/playlist/0JOpbihYgKnj06TtxP6hk0

Boa leitura,
A. Jade

# PRÓLOGO

## PHOENIX

***Quatro anos antes…***

— Venha aqui seu merdinha...

Eu não tenho sido um *merdinha* desde a sétima série. Não que ele soubesse.

Afastando-o, ando os cinco degraus pelo corredor minúsculo e estreito que leva ao meu quarto.

Estou girando a maçaneta quando uma garrafa de vidro atinge minhas costas.

Está vazia. *Sempre vazia*.

Porque Vance Walker nunca desperdiçaria uma gota de bebida.

Vendo vermelho, eu me viro e o agarro pela camisa suja. — Você está bêbado.

— E você é um inútil. — Ele balança o punho, mas sua coordenação está fodida, então ele erra e tropeça para trás. — Bastardo.

*A maldita ironia*. — Só porque você me fez um.

Minha mente volta a uma época em que minha vida não era um desastre. Antes do álcool e das drogas. Antes deste pedaço de merda de trailer nesta cidade de merda. Antes do caso. Antes do abuso.

*Antes de ela nos deixar*.

Eu deveria odiá-la por isso... mas não posso.

Ela viu a oportunidade de liberdade - uma chance de uma vida onde costelas quebradas, narizes quebrados e hematomas não eram uma ocorrência diária - e ela aproveitou.

Mesmo que isso significasse deixar seu filho de sete anos para trás para se defender sozinho.

Eu olho em seus olhos azuis nebulosos e vidrados - olhos que eu herdei dele - me perguntando como ele se deixou escorregar tão longe na toca do coelho.

Há um tempo, meu pai era uma lenda. Ou pelo menos prestes a se tornar uma.

As pessoas diziam que ele era o próximo Jimi Hendrix. Inferno, alguns até afirmaram que ele era melhor.

Ele também tinha uma esposa linda que o amava e um filho que olhava para ele como se ele fosse um herói.

Ha algum tempo ─ ele tinha tudo.

E então ele perdeu.

*Eu me recuso a cometer o mesmo erro*.

# CAPÍTULO 1

## LENNON

Estou comendo minha segunda tigela de *Captain Crunch* quando meu pai entra na cozinha, batendo nos bolsos.

— Você viu minhas chaves?

Aponto para a ilha onde elas estão à vista. — Bem ali.

— Ah. — Caminhando até a ilha de mármore, ele as pega. — Obrigado, cara de macaco.

Você pensaria que alguém com seu talento teria inventado um apelido melhor para sua filha, mas, infelizmente, estou presa a isso.

Segundo ele, quando nasci, eu parecia um macaco – orelhas grandes e tudo.

Instantaneamente, há um puxão forte no meu coração e eu coloco minha colher na mesa.

Infelizmente, era a única memória positiva associada ao meu nascimento para ele, já que minha mãe – sua alma gêmea – morreu minutos depois.

— Você sabe onde meu...

— Ali — digo a ele, apontando para o caderno que ele colocou no balcão ao lado da geladeira.

Alívio toma conta de seu rosto. — Obrigado. Tenho uma reunião com Black Lung hoje.

Isso chama minha atenção. — Black Lung? — Eu sufoco a risada subindo pela minha garganta, porque meu pai definitivamente não se encaixa na base de fãs de Black Lung. — Você não é um pouco... você sabe.

Ele ajusta os óculos de armação grossa que deslizam pelo nariz. ─ Um pouco o quê?

Eu não sou Willy Wonka, então não adoço merda nenhuma. ─ Você está chegando aos cinquenta, pai.

A expressão confusa em seu rosto deixa claro que ele não entendeu. ─ Então?

─ Você já foi a um show do Black Lung? A maioria dos fãs deles tem *a minha* idade.

Embora eu não saiba o porque, porque eles não são muito bons. Mesmo que meu pai consiga fazer sua mágica e escrever algumas músicas de sucesso, isso não resolverá seus maiores problemas.

A falta de harmonia da banda.

E a falta de… bem, de *tudo* do vocalista principal.

Ele dá de ombros, não parecendo nem um pouco preocupado. ─ O empresário deles me procurou. Não o contrário.

Nenhuma surpresa. Idade à parte, meu pai ainda é o maior compositor desde seu favorito, John Lennon. De quem ─ *surpresa* ─ ele me deu o nome.

─ Além disso ─ ele continua, estalando o colarinho. ─ Eu ainda estou na moda.

Está na ponta da minha língua apontar que só os velhos usam termos como *na moda*, mas já o insultei o suficiente por um dia.

─ Acabe com eles, Pops.

Ele pisca. ─ Se eu fizer isso, eles não vão me dar um cheque. ─ Seus olhos vão para o relógio acima da minha cabeça. ─ Certo. Estou atrasado, cara de macaco. Tenho que ir. ─ Inclinando-se, ele beija minha bochecha. ─ Tenha um bom dia na escola.

Eu sufoco um gemido porque é impossível para mim ter um bom dia na Hillcrest High. O lugar tem sido minha versão pessoal do inferno desde o momento em que entrei pelas portas.

— Tente não entrar em nenhum mosh pit[1]. Você não quer *quebrar*[2] um quadril.

— Muito engraçado. — Ele caminha até a porta da frente, mas faz uma pausa antes de abri-la. — Droga. Onde eu coloquei minhas chaves?

Eu pego minha colher. — No seu bolso.



Eu puxo a barra da minha blusa enquanto caminho em direção ao prédio de tijolos inundado de alunos. Eu realmente gostaria de ter comprado o top em um tamanho maior para que ele parasse de subir. Deus sabe que a última coisa que alguém quer ver é mina barriga aparecendo. Respirando fundo, tento sugá-lo, mas não adianta. Eu poderia inalar até meus pulmões explodirem, mas minha barriga ainda se estenderia além do cós do meu jeans tamanho dezoito.

O ciúme floresce no meu peito enquanto olho ao redor do estacionamento, observando todas as garotas bonitas com um abdômen tonificado e plano.

A pequena cidade de Hillcrest pode ter apenas quatro mil e um habitantes, mas deve haver algo na água aqui porque quase todo mundo é bonito.

E isso incluía minha mãe.

De acordo com as fotos e meu pai, ela era linda, alta e magra com a voz de um anjo. No entanto, eu não herdei nenhuma dessas qualidades dela. Bem, além do meu amor por cantar no chuveiro quando meu pai não está em casa.

Não, eu sou a cara do meu pai. Baixa, morena, olhos castanhos, visão ruim, aparência comum... e presa em algum lugar entre gordinha e obesa.

— Tire uma foto, bunda gorda. Vai durar mais.

*Sabrina Simmons*. Minha arqui-inimiga e a perdição da minha existência. A garota é tão puta que faz Regina George parecer Mary Poppins.

Linda, popular e a capitã do time de dança – todos em Hillcrest são obcecados por ela.

No entanto, ela me odeia.

O que, é claro, faz com que todos os outros sigam o exemplo.

Eu rapidamente percebo que há duas opções. Uma - eu poderia ignorá-la, o que só vai piorar. Ou, duas, eu poderia dar a ela um gosto de seu próprio remédio... o que também vai piorar.

Basicamente, não há boas opções aqui, então eu vou com aquela que não vai me atrasar para a aula. Eu passo por ela.

— Ou suas roupas encolheram ou você está engordando — ela grita atrás de mim.

— Vamos lá, todos nós sabemos que é o segundo — acrescenta Draven Turner, capitão do time de futebol e às vezes namorado de Sabrina. — A cadela é tão gorda, que quando sobe na balança diz, *continua.*

Seu pequeno grupo explode em gargalhadas e eu não quero nada mais além de que o chão se abra e me engula inteira.

Quem disse que ignorar um valentão é o melhor curso de ação ou é um idiota do caralho ou alguém que nunca experimentou um verdadeiro tormento.

O fato de estarmos nos formando em um mês e eles ainda estarem tirando sarro de mim é, sinceramente um absurdo.

Absurdo *e* assustador. Eu costumo dizer a mim mesma que toda essa merda humilhar as pessoas por serem gordas terminaria depois do ensino médio, mas agora estou começando a pensar que crianças idiotas crescem e se tornam adultos ainda mais idiotas e a sociedade está condenada.

Uma coisa é certa, no entanto. Estou farta de ser o saco de pancadas deles.

Eu giro. O braço de Draven está pendurado nos ombros magros de Sabrina, deixando claro que eles estão juntos novamente.

Posso não ser capaz de atacar a aparência deles, mas ainda posso acertá-los onde dói.

— Uau. — Meu sorriso é tão falso quanto as extensões de Sabrina quando me lembro do último drama que circulou em Hillcrest. — Eu pensei que depois que você pegasse Sabrina transando com Phoenix no estacionamento durante o baile, você terminaria com ela para sempre. — Eu coloco minha bolsa no meu ombro. — Mas olhe para vocês dois... juntos *novamente*. Acho que o amor verdadeiro realmente existe.

O grupo fica em silêncio, mas fica claro pela raiva iluminando o rosto de Draven e as adagas que Sabrina está direcionando para mim que meu trabalho aqui está feito.

Eu mal me viro quando o casal feliz começa a gritar um com o outro.

Verdade seja dita, não é como se eu pudesse culpar Sabrina por ficar com Phoenix Walker.

Ele é tão lindo quanto misterioso.

Ele não anda com os populares, mas definitivamente também não está na zona dos perdedores. Ele não fala muito, mas quando o faz, você não pode deixar de ouvir, porque há algo em sua voz profunda e rouca — *nele* — que te deixa enfeitiçado.

No segundo em que ele entra em uma sala, ele suga todo o oxigênio e comanda sua atenção.

Deus deve ser um comediante ouvindo meus pensamentos, porque arrepios surgem ao longo da minha carne e minha temperatura sobe.

*Não olhe*.

Mas eu não posso me conter. Eu sou masoquista.

Minha boca fica seca, e a terra se inclina em seu eixo quando me

viro e olhos azuis penetrantes me mantêm refém.

Aposto que mesmo no escuro, ele poderia olhar através de mim.

Vestido de preto da cabeça aos pés, ele se encosta em seu Toyota Camry surrado, parecendo que não tem nenhuma preocupação no mundo. Seu cabelo loiro escuro é longo o suficiente para cair em seus olhos quando ele se move, fazendo-o parecer ainda mais enigmático. Um cigarro pende de seus lábios carnudos... afirmando que ele não dá a mínima para a política da escola ou a possibilidade de se meter em encrencas.

Nós nunca nos falamos, mas eu o observei ao longo dos anos.

Eu sei que ele mora no estacionamento de trailers de Bayview Estates.

Eu sei que há apenas uma pessoa na escola que ele considera um amigo – Reese Storm.

Eu vi o jeito que ele avalia as pessoas quando elas se aproximam... silenciosamente determinando se elas valem o seu tempo.

A máscara cruel que ele usa quando todos estão olhando.

*O tormento em seus olhos quando não estão*.

Nós nunca dissemos uma única palavra um ao outro...

Mas às vezes sinto que ninguém o conhece melhor do que eu.

# CAPÍTULO 2

## LENNON

— Preciso ver você depois da aula, Lennon.

Vinte pares de olhos curiosos olham na minha direção. Meu estômago revira porque essas são palavras que você nunca quer ouvir de um professor. Especialmente um mês antes da formatura.

Examino meu cérebro enquanto a Sra. Herman se volta para o quadro e continua sua lição sobre a literatura renascentista versus a da Idade Média. Sou aluna A desde a primeira série. Caramba, eu teria sido a oradora oficial se David Paul não tivesse marcado cem em nosso último teste de matemática, me vencendo por dois pontos. *O bastardo*.

Não tenho certeza do que está acontecendo, mas isso me deixa no limite. Tanto que mal me concentro durante o restante da aula.

Depois que todos esvaziam a sala, me aproximo de sua mesa.

— Está tudo bem?

Ela franze os lábios, me estudando atentamente antes de sorrir. — Eu só queria dizer pessoalmente o quanto estou orgulhosa de você por entrar em Dartmouth. Você sempre trabalhou duro e estou tão feliz que você está saindo da sua concha e prosperando.

Eu nunca fui boa em receber elogios, e agora não é exceção.

— Ah... hum. Obrigada.

Para ser honesta, embora eu tenha me inscrito em algumas escolas da Ivy League, meu plano era frequentar a faculdade comunitária local.

O pensamento de meu pai estar sozinho em casa enquanto estou a horas de distância não me agrada. No entanto, ele me garantiu que ficaria bem e, por mais que sentisse minha falta, ficaria chateado se eu

perdesse a oportunidade de uma vida só porque estava com medo de fugir do ninho.

Ele insistiu que era hora de abrir minhas asas, mas para não me preocupar, porque ele sempre estaria lá sempre que eu precisasse dele.

Por mais ansiosa que o pensamento de partir me deixe, no fundo, eu sei que ele está certo. Há mais no mundo do que Hillcrest e mal posso esperar para começar a explorá-lo.

Sinto-me compelida a dizer algo em troca antes de partir, então digo: ─ Você é uma ótima professora.

Com isso, ela franze a testa. ─ Eu não tenho mais tanta certeza sobre isso.

Bom, isso é estranho.

Organizando suas canetas em linha reta em sua mesa, ela suspira. ─ Tem um aluno que vem me dando muita dificuldade. Eu acredito que ele está motivado para se sair bem, mas não importa quantas vezes eu fique depois da escola para lhe dar ajuda extra, eu simplesmente não consigo falar com ele. Eu sugeri que ele se beneficiaria de contratar um tutor para que ele possa passar na próxima final, mas ele não pode pagar um. ─ Suas sobrancelhas se unem. ─ A partir de agora, é altamente improvável que ele se forme.

Eu não tenho certeza por que ela está *me dizendo* isso, mas meu coração está com quem quer que seja.

A menos que seja Draven. Esse idiota pode chutar pedras.

─ Realmente sint..

─ Eu vi você ajudar outros alunos, Lennon. Você é paciente e gentil... mesmo quando eles não merecem, e você tem um jeito de acender a lâmpada para eles. Eu sei que não tenho o direito de pedir que você faça algo assim, especialmente de graça, mas eu realmente sinto pelo garoto. A vida na casa dele... ─ Como se sentisse que ela falou demais, ela fecha a boca. ─ Ele não se formar fará muito mais mal

do que bem. No entanto, para evitar isso, ele *precisa* passar na final, além de concluir um projeto extracurricular para aumentar ainda mais sua nota de inglês.

*Ah, rapaz*. Isso é muito para se pensar. Não é que eu não queira ajudar, mas parece estressante. Para não mencionar… demorado.

Não que eu tenha uma vida social ou algo assim.

— É apenas inglês que ele precisa passar ou há mais assuntos com os quais ele está lutando?

— Falei com seus outros professores e, embora suas notas não sejam ótimas, ele vai passar nessas aulas. Parece que o inglês é seu assunto mais fraco.

Dado que o inglês é o meu melhor, parece que posso fazer algo de bom.

Parte de mim quer recusar e não se envolver, mas sei que se não tentar pelo menos ajudar, isso vai me corroer.

— Tenho algum tempo depois da escola e nos fins de semana. Eu pego meus livros da minha mesa. — Não posso prometer que minha tutoria o fará passar, mas estou disposa a tentar.

Ela acende. — Isso é maravilhoso. Muito obrigada, Lennon.— Ela olha ao redor de sua sala de aula vazia. — Há uma reunião do corpo docente depois da escola hoje, mas posso deixar minha sala de aula destrancada para você usar para que vocês dois possam se conhecer e definir um horário.

— Parece bom. Obrigada. — Estou indo em direção à porta quando me ocorre que eu nem sei para quem é que vou dar aulas particulares.

— Quem é o aluno?

Ela olha para cima da pilha de papéis em sua mesa. — Eu não tenho certeza se você o conhece, já que vocês dois não estão na mesma classe, mas é Phoenix Walker.

Parece que alguém puxou o tapete debaixo dos meus pés.

— Oh.

Ela pisca. — Isso é um problema?

Não, a menos que ela considere meu estômago afundando, meu súbito caso de palmas das mãos suadas ou a incapacidade de puxar ar para meus pulmões um problema.

— Não. Está tudo bem.

*Muito bem*.



Talvez eu devesse dizer à Sra. Herman que peguei mono.

Ou malária.

Eu poderia dizer que há uma emergência em casa.

Ou que meu peixinho dourado morreu.

Eu puxo a barra da minha camisa enquanto ando pelo corredor vazio, silenciosamente me xingando por ter concordado com isso em primeiro lugar.

*Estúpida, estúpida, estúpida.*

Eu esperava que meus nervos tivessem diminuído ao longo do dia, mas eles só pioraram.

E agora aqui estou... pronta para dançar tango na cova dos leões.

Não que Phoenix seja um leão.

Ele é mais como um lobo solitário.

Especialmente com aqueles olhos azul-gelo e a mascara *não brinque comigo ou vou arrancar sua jugular com meus dentes*.

Fico aliviada quando encontro a sala de aula vazia. Chegar primeiro me dá vantagem... e algum tempo extra para relaxar.

Colocando minha mochila na longa mesa na parte de trás, eu me sento em um assento.

Cinco minutos logo se transformam em dez, e ainda não há sinal

dele.

Aliviada, arrumo minhas coisas enquanto canto uma de minhas músicas favoritas, “Cryin”, do Aerosmith.

A música sempre foi meu primeiro amor. Sempre que estou estressada, triste ou nervosa... está lá de braços abertos. Envolvendo-me como um cobertor quente em um dia frio.

Não demora muito para que meu cantarolar se transforme em canto total. Estou cantando a linha sobre o amor ser uma doce miséria quando vejo uma forma alta entrar na sala de aula no meu periférico.

*Ah, Deus*.

Eu congelo. O único som que posso ouvir agora é meu pulso batendo em meus ouvidos.

*Não olhe*.

Eu meio que preciso, já que ele está aqui para me ver.

Quando finalmente reuno coragem para inclinar a cabeça, encontro-o encostado na porta com as mãos no bolso da calça jeans e um sorriso malicioso no rosto.

*Incrível*.

— Não pare por minha causa.

Sua voz é veludo amassado envolto em seda e cascalho.

Felizmente, o meu soa muito mais no controle do que eu sinto.

— Você está atrasado.

Ele entra como se fosse o dono do lugar. — Tinha que cuidar de algumas coisas.

Eu me controlo para não perguntar o que era, porque não é da minha conta.

Ele se levanta, pairando sobre mim como uma nuvem de uma tempesteade iminente enquanto eu tiro alguns livros e pastas da minha bolsa.

— Sra. Herman disse que você está tendo problemas na aula de

inglês.

Eu me sinto uma idiota porque, *duh*, é por isso que ele está aqui, mas não tenho ideia de como fazer a bola rolar porque ele não é exatamente o Sr. Falador.

Depois do que parece uma eternidade, ele se junta a mim na mesa, mas ainda permanece em silêncio.

Decido tentar uma tática diferente. — Que dias e horários você está disponível? Geralmente estou livre depois da escola e nos fins de semana.

Eu me bato mentalmente porque me fiz parecer uma perdedora.

Ele se recosta na cadeira com as pernas abertas e uma expressão chateada em seu lindo rosto. Como se fosse *minha* culpa ele estar aqui.

Abrindo uma pasta, pego o ensaio que devemos ler e analisar, e uma lista de perguntas sobre ele. — Ok. Podemos definir nossa agenda mais tarde. — Deslizo o papel sobre a mesa. — Eu vou te dar alguns minutos para ler isso e então nós podemos...

Não fazer nada... porque ele está saindo da sala de aula.

Sento-me atordoada por alguns momentos porque *que audácia*. Aqui estou eu tentando ajudá-lo para que ele possa se formar e ele simplesmente se levanta e vai embora sem nem um obrigado ou um foda-se.

A irritação ferve na boca do meu estômago, e eu saio correndo atrás dele.

Estou cansada de as pessoas confundirem minha bondade com fraqueza. Cansada de idiotas pensando que eles podem simplesmente passar por cima de mim porque eu não pareço uma modelo do Instagram ou visto tamanho 2.

Cansada de aceitar um comportamento de merda que eu não mereço.

Phoenix se foi quando chego ao final do corredor vazio. Eu debato

correr para o estacionamento, mas por que me incomodar? Se ele não quer minha ajuda – e ele deixou bem claro que não quer – eu não vou perder meu tempo.

Rangendo os dentes, volto para a sala de aula para pegar minhas coisas e ir para casa. Estou me aproximando da porta quando o som melódico do piano enche meus ouvidos. As notas são familiares, mas meu cérebro ainda leva um segundo para perceber que é uma versão simplificada da música que eu estava cantando antes.

E então eu ouço.

Meu coração para antes de acordar com um grande baque que envia tudo dentro de mim em espiral.

Existem boas vozes.

E depois há vozes únicas na vida.

O tipo hipnotizante que o mantém refém e exige cada grama de sua atenção... cada pedaço de sua alma.

O tipo que faz você seguir o som como uma mariposa para uma chama.

Um desejo que você não pode ignorar.

Minha pele se arrepia quando entro na sala da banda, onde encontro Phoenix sentado ao piano com os olhos fechados e a cabeça inclinada para o teto enquanto canta.

Embora cantar pareça a palavra errada para o que é isso.

É como se ele estivesse sugando cada nota em sua corrente sanguínea para que ele pudesse transformá-la em algo ainda mais bonito com suas cordas vocais.

Sinto como se estivesse assistindo a uma experiência espiritual... uma *metamorfose* acontecendo.

Sua voz baixa e rouca me envolve como uma névoa espessa. Eu não consigo tirar os olhos dele, mesmo que eu queira. Ele é absolutamente hipnotizante.

*Como se ele tivesse nascido para isso*.

A música termina e não tenho certeza se ele está ciente de que estou aqui.

Não até que ele rosna: ─ Eu não quero sua ajuda.

Eu deveria estar insultada com sua rejeição e a dureza de suas palavras. Em vez disso, deixo escapar: ─ Você ganha vida quando canta.

Não recebo uma resposta, mas isso não importa. Eu dou um passo em sua direção. ─ Sua voz... vendo você fazer *isso*... ─ Avançando mais perto, eu inalo uma respiração profunda. ─ Você tem um dom, Phoenix.

Eu nem percebo que estou ao lado dele até que ouço as pernas do banco do piano rasparem no chão de madeira e ele se levanta, elevando-se sobre mim.

Ele é como o sol. A energia que irradia dele puxa você e você não pode deixar de se aproximar. Ansiosa para sentir o calor em sua pele. Para fazer contato com algo tão poderoso. Tão bonito.

*Mesmo que te queime*.

─ Eu não quero sua ajuda, ─ diz ele novamente.

Sua voz baixa e rouca é uma corrente turbulenta de água, me puxando para baixo. No entanto, é o olhar assombroso e desesperado em seus olhos que é a minha ruína.

─ Mas eu preciso.

# CAPÍTULO 3

## PHOENIX

Se alguém me dissesse que Lennon Michael seria a chave para a minha liberdade, eu teria pedido a eles que me dessem a merda que que estavam fumando.

Apesar de frequentar a mesma escola nos últimos quatro anos, nunca conversei com a garota. Inferno, eu não acho que ninguém fala com a garota.

Eles estão muito ocupados falando *sobre* ela.

Eu não sou cego, Lennon não é magra de jeito nenhum. Portanto, sua aparência não garante nenhum interesse ou atenção dos caras. As garotas desta escola, no entanto. São como moscas na merda. Principalmente Sabrina.

Essa garota praticamente faz da missão de sua vida intimidar Lennon.

Provavelmente porque ela está com ciúmes.

Enquanto Sabrina é gostosa pra caralho por fora, ela é fraca pra caralho por dentro. É dolorosamente óbvio que ela está desesperada pela aprovação das pessoas.

Lennon não é assim, no entanto. Enquanto a garota não hesita em ajudar os outros – até mesmo minha bunda por causa de sua oferta para me ensinar – ela não é uma tarefa fácil.

Eu nunca a vi derramar uma lágrima dos insultos de Sabrina ou de qualquer outra pessoa. Ela leva tudo no tranco, como se ela realmente não se importasse com o que eles pensam.

Só isso é atraente.

A voz dela também.

Embora não seja convencionalmente perfeita, o tom rouco e sensual é um puxão lento no meu pau. Há essas pequenas rachaduras nela que fazem você pensar que a voz dela vai falhar, e ela está prestes a mergulhar de um penhasco... mas isso nunca acontece.

Sua voz é tão resiliente quanto ela.

Eu poderia ouvi-la cantar a porra do dia todo.

Não hoje, no entanto. Eu preciso levar minha bunda para a casa de Storm para que possamos praticar.

Nossa *banda* é composta apenas por nós dois. Eu ─ um cantor que sabe tocar teclado. E Storm – um baterista com habilidades que o fazem soar como o filho amoroso de John Bonham, Neil Peart e Tommy Lee.

O último é porque ele tem um estilo único que é todo ele. É como se toda vez que ele batesse nessas coisas, ele estivesse atacando seus demônios.

É um denominador comum que o torna não apenas meu colega de banda, mas também meu melhor amigo.

Toda vez que eu fecho meus olhos e canto... toda a merda ruim desaparece no fundo.

Quando estou perdido na música, não sou mais Phoenix Walker. Garoto estúpido de um estacionamento de trailers que leva uma surra diária do pai bêbado e foi deixado para trás pela mãe.

Eu sou Phoenix Walker.

O cara que vai comandar o palco, roubar cada gota de sua atenção *e* fazer você cair de joelhos para que você possa chupar meu pau enquanto eu faço isso.

Storm e eu temos um plano. Assim que terminarmos o ensino médio, iremos para Los Angeles para que possamos ser descobertos. Se não der certo para nós lá, tentaremos Nova York.

Apesar das minhas notas de merda, eu não sou um idiota total.

Estou bem ciente de que muitos músicos aspirantes falham antes de crescerem. E enquanto Storm e eu estamos totalmente preparados para viver de miojo e coabitar com baratas pelos próximos cinco anos, vamos precisar de alguma renda enquanto fazemos isso.

Portanto, precisarei arrumar um emprego enquanto persigo meus sonhos. No entanto, nenhum empregador em potencial gosta de um abandono do ensino médio, então, para garantir um semi-decente, terei que obter meu diploma.

É por isso que me encontro na infeliz posição de precisar de Lennon Michael.

Eu tenho que dar o fora desta cidade - longe do meu pai - antes que eu acabe como ele.

Você só é jovem uma vez, então é agora ou nunca.

Eu sei que nunca vou me perdoar se pelo menos não tentar. Mesmo se eu falhar, é melhor do que não tentar.

— Estou disposta a ajudá-lo, — diz Lennon, arrancando-me dos meus pensamentos. — Vamos voltar para a sala de aula e começar.

Prefiro enfiar pregos no escroto.

— Não posso. — Eu puxo as chaves do meu carro do meu bolso. — Eu tenho planos.

Eu vou passar por ela, mas ela para na minha frente e coloca a palma da mão no meu peito.

Sua boca cai aberta, como se ela estivesse igualmente insultada e abalada pela minha partida. — Você está falando sério? Caso você não tenha me ouvido, estou me oferecendo para ajudar a orientá-lo para que você possa *se formar*. Não temos muito tempo. Quanto antes começarmos, melhor.

Estou bem ciente de que o relógio está se esgotando. No entanto, a música tem precedência sobre tudo e qualquer coisa.

*Sempre será*.

Olho para a mão que ainda está no meu peito. ─ Saia.

Com as bochechas rosadas, ela a remove e dá alguns passos para trás. ─ Se você não vai levar isso a sério, eu estou fora.

Cristo. Deixe para *essa* garota arrebentar minhas bolas.

─ Estou livre amanhã à noite depois das nove. Eu vou te buscar.

Com isso, ela levanta uma sobrancelha. ─ Me buscar? Que? Onde...

─ No meu carro, ─ eu interrompo. ─ A menos que você queira caminhar até o outro lado da cidade. ─ Eu deixo meu olhar cair, dando a seu corpo uma leitura lenta e ameaçadora da cabeça aos pés. ─ No escuro... sozinha.

Estou disposto a apostar minha bola esquerda que a Pequena Senhorita Inocente nunca cruzou os trilhos e brincou com os lobos grandes e maus.

Ela está muito ocupada vivendo a vida de luxo no lado agradável de Hillcrest em uma casa ainda melhor.

─ Bem, não, mas...

─ Achei que não.

Passando por ela, eu a checo no processo. ─ Vejo você amanhã.

─ Você nem sabe onde eu moro, ─ ela grita atrás de mim.

Ela está errada. Eu sei exatamente onde ela mora.

A grande casa no topo da colina na Baldwin Avenue.

Lennon não é a única que está observando uma pessoa com quem nunca falou ao longo dos anos.

Só que ao contrário dos motivos dela, os meus são estritamente comerciais.

Seu pai é Don Michael. Um homem que escreveu algumas músicas de sucesso para muitos grandes músicos.

E embora eu seja orgulhoso demais para pedir a ele para colocar uma palavra sobre suas conexões, tenho toda a intenção de contratar o

homem assim que for grande.

Mas, para isso, preciso me formar.

E encontrar uma maneira de Lennon me ensinar sem descobrir um dos meus maiores segredos.



— Onde diabos você esteve? — O cadela Storm, pergunta quando entro em sua garagem.

Desde que seus pais o abandonaram, ele mora com a avó em uma casinha não muito longe do estacionamento de trailers.

Felizmente, a pequena casa tem uma garagem de tamanho decente. A avó dele nos deixou converter em um lugar onde pudéssemos praticar.

Melhor ainda? Ela não dá a mínima para todo o barulho que fazemos. Ela é quase totalmente surda, então ela apenas tira seus aparelhos auditivos sempre que estamos tocando.

Estou agradecido por isso *e* a*o* futon do Storm onde ele me deixa dormir sempre que as coisas atingem níveis insuportáveis em casa.

Eu não digo merda nenhuma enquanto ando até o pedestal do microfone.

Mas Storm não deixa pra lá. — Puta merda. Quantas malditas vezes eu tenho que dizer para você parar de foder as vadias antes do treino?

Muitas vezes para contar. No entanto, não foi por isso que cheguei atrasado hoje.

Sabrina chupou meu pau *antes* de conhecer Lennon.

Eu me viro para olhar para ele. — Eu estava na escola... conhecendo meu novo tutor.

Suas sobrancelhas se erguem. — Novo tutor? Para que?

Aqui vai.

— Sra. Herman vai me reprovar se eu não fizer alguma besteira extracurricular e passar na final.

Cinco. Quatro. Três. Dois…

— Você está brincando comigo?

*Um*.

Ele joga as baquetas no chão como uma criança fazendo birra. — Você me disse que tinha essa merda tratada.

Eu tenho.

— Eu vou passar, cara. Não se preocupe. — Isto me lembra.

— Posso trazê-la aqui depois do treino amanhã à noite? Porra, eu não vou poder estudar com... você sabe.

Meu pai babaca bêbado por perto.

Pegando suas baquetas e colocando-as em cima do tambor, ele acena com a cabeça. — Sim. — Seus olhos se estreitam. — Juro por Deus, Phoenix, é melhor você não deixar seu pau ficar no caminho. — Ele tira um cigarro do maço e o acende. — Eu não dou a mínima para o quão gostosa ela é. Não foda essa garota até você se formar.

— É Lennon Michael.

Instantaneamente, qualquer preocupação que ele tinha desaparece, e ele ri. — Deixa pra lá então.

*Exatamente*. De jeito nenhum eu foderia aquela garota.

Ela não só não é o meu tipo, como agora eu sei que ela vai ser um pé no saco de lidar.

Eu volto para o microfone. — Vamos, idiota.

# CAPÍTULO 4

## LENNON

Estou estacionando minha bicicleta na garagem quando ouço.

*Miau*.

— Eu não tenho comida para você, Mittens.

Não que ela precise. O gato do meu vizinho é *muito* agradavelmente gordo. A Sra. Palma e seu marido a alimentam bastante... junto com o resto do bairro, já que o felino persa vasculha o quarteirão, jogando seu charme em todos nós.

Não aceitando não como resposta, ela dá um tapa no ar com a pata e me dá um pequeno ronronar.

Dobro como uma cadeira de jardim barata. Caminhando até o saco de comida de gato que guardo para ela, pego um pouco e coloco no chão.

No momento em que ela os devora, eu a pego. — Agora que você conseguiu o que veio aqui, é hora de você ir para casa.

Ela mia quando começo a caminhada até a casa da Sra. Palma, ainda implorando por comida.

*Eu ouço você, irmã*.

A música pode ser meu primeiro amor, mas a comida é minha melhor amiga... sempre lá para me confortar.

A Sra. Palma para sua jardinagem quando ela me vê... e seu gato.

— Eu sinto muito. — De pé, ela tira as luvas e pega Mittens de mim. — Eu a coloquei em outra dieta, mas ela não está muito feliz com isso e continua tentando escapar.

Sorrindo, faço um pouco de carinho na cabeça de Mitten. — Não

precisa se desculpar. Eu amo quando Mittens vem dizer olá.

Seus lábios torcem enquanto ela me estuda. ─ Quem é o menino?

Não tenho certeza de como essa mulher sabe dessas coisas, mas juro que ela deve ser em parte psíquica.

E desde que eu tinha onze anos e vim correndo pra cá chorando porque eu tinha menstruado e não sabia o que fazer... ela também tem sido uma espécie de figura materna para mim.

─ Ninguém. ─ Eu aceno com a mão. ─ Não é nada. Não é grande coisa.

Exceto que é. Porque Phoenix Walker vem me buscar amanhã à noite.

Apesar de não parecer convencida, ela deixa passar. ─ Se você diz. ─ Ela coça Mittens atrás das orelhas. ─ Eu tenho que entrar e começar o jantar, mas estarei aqui mais tarde se você quiser ter uma conversa de garotas.

Normalmente, eu aceitaria isso, mas ela só vai me dizer pela milionésima vez que sou bonita e que meu tamanho não me define.

Ela vai me dizer que caras como Phoenix Walker seriam loucos se não namorassem comigo.

Embora eu sempre aprecie suas palavras gentis... eu sei que elas não são verdadeiras.

Caras como Phoenix nunca vão gostar de garotas como eu. É apenas um fato da vida.

*Um que aprendi a aceitar*.

Dando-lhe um pequeno aceno, eu caminho de volta para minha casa. Meu pai ainda não chegou, então eu invado os armários e pego um saco de batatas fritas e uma barra de chocolate. Depois de parar para pegar um refrigerante na geladeira, vou para o meu quarto.

Cartazes de músicas das minhas bandas favoritas cobrem as paredes, junto com registros físicos das minhas músicas favoritas que eu

mantenho emolduradas.

Largando o saco de batatas fritas, doces e refrigerantes na minha cama, eu fecho meus olhos...

Então eu tiro minha roupa.

Caminhando até o grande espelho de tamanho normal na extremidade oposta do meu quarto, inspeciono cada centímetro de mim mesma.

— *Tire uma foto, bunda gorda. Vai durar mais*.

— *Ou suas roupas encolheram ou você está engordando.*

— *A cadela é tão gorda quando sobe na balança que diz, continua.*

Os insultos de hoje reverberam por toda a minha mente em um loop, me forçando a encarar a verdade fria e dura.

E então eu tiro o marcador.



— Onde você está indo? — meu pai pergunta quando passo pela sala a caminho da porta da frente.

Phoenix não disse uma palavra para mim na escola hoje, mas suponho que ainda vamos, já que ele não me disse o contrário.

Olho para o relógio na parede acima da cabeça do meu pai. São 8h58. O que significa que ele estará aqui em dois minutos.

*Eu acho*.

Embora eu não tenha ideia de como ele sabe onde eu moro.

— Estou ensinando um amigo.

Amigo soa muito melhor do que *cara gostoso da escola que eu sou obcecada.*

Meu pai gira no sofá, agora olhando para o mesmo relógio que eu. — Mas são nove horas. Em uma noite de escola.

— Tecnicamente, são oito e cinquenta e nove. E da última vez que

verifiquei, fiz dezoito anos no mês passado, ─ eu o lembro, para seu desgosto.

─ A última vez que verifiquei, você ainda vive sob o meu teto ─ ele *me lembra*.

Não querendo perder esta batalha, eu puxo um Uno reverso. ─ Você está dizendo que quer que eu me mude porque...

─ Não, Lennon. Não seja ridícula. ─ Ele empurra os óculos para cima do nariz. ─ Que horas estará em casa?

Eu não faço ideia. ─ Duas... ─ eu começo a dizer, mas então ele faz uma careta.

─ Tente novamente.

─ Uma e meia?

Outra carranca.

─ Meia-noite ─ diz ele. ─ Nem um minuto depois.

Isso não é justo. ─ Pai, são apenas *três* horas.

Não tenho ideia de quanto tempo Phoenix vai precisar de mim. Além disso, não quero parecer uma perdedora com toque de recolher.

Pelo menos posso fingir cansaço à uma da manhã, já que temos escola amanhã.

─ Vamos. Deixe-me ficar fora até uma...

─ O que você poderia precisar fazer em quatro horas que você não pode fazer em três? ─ O horror cruza seu rosto. ─ Este não é um *menino* que você está ensinando, é?

Ele cospe a palavra *menino* como se sentisse o gosto de algo rançoso.

─ Uh... ─ Eu começo a responder, mas o som de alguém buzinando me interrompe.

Meu pai praticamente pula do sofá e vai até a janela. Ele abre a cortina e, com certeza, o Toyota de Phoenix está estacionado bem no final da nossa garagem.

Felizmente, está muito escuro e ele está muito longe para ver seu rosto.

Não que isso importe.

— Apenas um punk adolescente detestável toca sua buzina assim. — Meu pai olha para mim. — Um *adolescente* punk detestável.

Bom Deus.

— Não é assim, — eu gaguejo, meu cérebro embaralhado. — Ele é... Phoenix é gay.

Meu pai pisca. — Oh.

Aproveito a oportunidade para correr em direção à porta da frente. — Te amo. Tchau tchau. Vejo você à uma.

— Meia noite e meia, — ele grita quando estou fechando a porta da frente atrás de mim. — Nem um minuto depois.

*Ugh*. Não é muito, mas pelo menos é melhor do que a Cinderela conseguiu.

Mal posso esperar até parar de me acovardar por fazer meu teste de motorista. Embora eu tenha certeza de que a liberdade recém-descoberta só vai deixar meu pai ainda mais louco.

Abro a porta do passageiro do carro de Phoenix e entro.

— Down with the Sickness — do Disturbed explode em meus ouvidos e eu não posso deixar de sorrir antes de pronunciar as palavras.

Pessoas da minha idade tendem a ouvir a última porcaria de pop ou hip-hop no rádio. Não é rock ou rock alternativo... que é o meu favorito.

Eu gostaria que uma banda de rock incrível aparecesse e salvasse meus colegas de todas as besteiras com que eles estão enchendo seus ouvidos.

Cada geração antes de mim teve a sorte de conseguir mais de um.

Deus sabe que é nossa hora.

O fato de Phoenix saber o que é boa música só o torna muito mais irresistível.

Eu posso senti-lo me estudando enquanto ele sai da vaga.

— *Você* gosta dessa música? — ele questiona, ou pelo menos eu acho que ele faz porque o volume está muito alto.

— Rock é o meu estilo de música favorita — eu grito sobre a música.

— E Disturbed é *incrível*. Embora, tecnicamente falando, eles se inclinem mais para o espectro de heavy metal do rock.

Independentemente disso, eles são um clássico atemporal. Praticamente um pré-requisito para quem afirma ser um verdadeiro fã de rock.

Observo os tendões de sua mão e pulso flexionarem enquanto ele agarra o volante e acelera para fora do meu bairro, infringindo um punhado de leis de trânsito.

Quando a música termina, Phoenix pressiona o botão de pausa no som. — Que horas é o seu toque de recolher?

— O que faz você pensar que eu tenho um toque de recolher?

*E como diabos ele sabe*?

Seus lábios se curvam em um sorriso. — Você parece ser desse tipo.

Eu quero perguntar o *que* isso quer dizer, mas então ele me joga seu telefone, que está passando música pelo som.

— Vamos, groupie. Jogue-me algo bom.

O nome ofensivo me faz estreitar os olhos. — Foda-se. Eu não sou uma groupie.

Eu sou uma fã. Grande diferença.

Irritada, percorro a lista de reprodução em seu telefone. Temos gostos semelhantes. Ele até ouve algumas das mesmas bandas que não são super conhecidas. Ele ganha pontos por isso.

No entanto, ainda estou irritada com o comentário de groupie dele, então escolho uma música para refletir isso.

Eu dou a ele um sorriso quando — I Hate Everything About You, de

Three Days Grace, vem pelos alto-falantes.

Seus lábios se contorcem antes de se curvarem em um sorriso sexy que faz meu coração parar.

Sou grata por passarmos o resto do passeio ouvindo música.



Estou confusa quando ele para na rua em frente a uma pequena casa. ─ Onde estamos?

Achei que ele ia me levar para a casa dele para que pudéssemos estudar.

─ Relaxe ─ diz ele quando sai do carro. ─ Não é uma casa de crack.

Eu não sei como tomar essa observação. Ele está me assegurando... ou tirando sarro de mim?

Espero seriamente que não seja o último, porque eu não sou assim.

Eu saio atrás dele. ─ Desculpe-me por querer saber onde um cara com quem eu mal falei está me levando...

Eu paro de falar quando ele avança em mim... lentamente me apoiando até que minha coluna encontre a janela de seu carro.

─ Qual é o problema? ─ Um brilho ameaçador escurece seus olhos enquanto ele varre seu olhar para cima e para baixo no meu corpo de uma forma que me faz sentir nua e exposta. ─ Medo de que eu tenha o meu caminho perverso com você? Fazer todas as pequenas coisas sujas em que você pensa quando está sozinha em sua cama à noite... se tocando?

*Deus, eu desejo.*

Um zumbido passa por mim quando ele se inclina, seus lábios deslizando sobre minha orelha. ─ Ou é isso que você *espera* que aconteça esta noite?

Minha boca fica seca. Eu tento formar palavras, mas nenhuma sai.

— Você pode fingir inocência o quanto quiser, mas eu sei que você gosta de me perseguir, Groupie. — Ele se afasta. — Mas eu vou precisar que você mantenha sua pequena paixão sob controle para que eu possa me formar. Será que você pode gerenciar isso? Ou preciso pedir à Sra. Herman para encontrar outra pessoa?

Parece que ele acabou de derramar uma banheira de água gelada na minha cabeça.

— Eu não... — Eu luto contra a onda de constrangimento que me percorre. — Você sabe o que? Dane-se. Eu não pedi para te ensinar. Portanto, não preciso gastar *meu* tempo livre fazendo isso.

Estou prestes a ir embora e abrir o aplicativo Uber para que eu possa chegar em casa, mas sua mão envolve meu pulso.

— Olhe para mim, Lennon.

O tom de comando combinado com seu toque me faz desistir.

No segundo em que nossos olhos se encontram, ele diz: — Eu só quero ter certeza de que cada um sabe onde o outro está, para que a merda não fique complicada.

— Por que a merda se complicaria?

A única maneira que poderia ser se Phoenix devolvesse minha pequena *paixão* como ele a chama. E nós dois sabemos que isso nunca vai acontecer.

Eu aceito.

Mas por alguma estranha razão, parece que *ele* não recebeu o memorando.

— Não vai. — Ele transfere seu peso para uma perna e, mais uma vez, estou ciente de quão alto ele é. Facilmente mais de um e oitenta. — Não do meu lado de qualquer maneira.

— Não do meu lado também.

— Bom. — Ele solta meu pulso. — Que bom que esclarecemos isso.

Ele gesticula para que eu o siga. Suponho que vamos entrar na

casa, mas ele abre a porta da garagem.

Vejo o microfone e o suporte, teclado, amplificador e bateria quando entro.

— Você está em uma banda?

Quero dizer, se ele não está, ele definitivamente *deveria*. Apesar de ser um idiota, ele tem a voz de um deus.

Ele caminha até o futon no lado oposto da garagem. — Sim. Somos apenas eu e Storm que é o baterista, mas nós fazemos isso funcionar. Esta é a casa dele, a propósito.

Isso é... surpreendente. — Oh. Tem certeza...

— Está bem. Ele disse que poderíamos relaxar aqui.

Eu não sei muito sobre Storm. Além de ser bem assustador, e amigo de Phoenix... mas foi legal da parte dele oferecer seu lugar.

É ainda mais legal que eles estejam em uma banda juntos.

Estou prestes a sugerir que eles façam audições para encontrar um guitarrista, mas então Phoenix se senta no futon. — Vamos acabar com essa merda.

Abrindo minha bolsa, pego a mesma redação de ontem para que ele possa ler e responder uma lista de perguntas sobre isso depois.

Nossa professora de inglês não é uma vadia sem coração que está querendo ferrar com ele. Ela só quer ter certeza de que ele é capaz de fazer o mínimo necessário para se formar.

Assim que ele responder a esse conjunto de perguntas e um conjunto diferente de outro ensaio – além de escrever um pequeno ensaio próprio – seu *projeto extracurricular* estará concluído.

Então podemos nos concentrar em estudar para a final.

— Vou te dar alguns minutos para ler isso.

Ele a arranca da minha mão.

Suas sobrancelhas franzem e eu observo a maneira como seus lábios se movem enquanto ele lê.

— Você pode parar de olhar para mim? — ele estala um minuto depois.

Nossa.

Saindo do futon, vou direto para os instrumentos.

Eles não são caros. Na verdade, tudo parece de segunda mão – talvez até de terceira mão – mas eles os mantêm em boas condições.

Estou tão absorta em imaginar como seria vê-lo se apresentar, que não percebo quanto tempo se passou até que olho para o meu telefone. São quase dez e meia.

Eu ando de volta para ele. — Desculpe. Eu meio que me desliguei.

Phoenix não olha para cima. — Eu preciso de mais tempo.

Embora eu o admire querendo fazer tudo por conta própria, a razão pela qual estou aqui é para ensiná-lo e garantir que ele esteja no caminho certo.

— Está bem. Vou analisar suas respostas e dar um feedback. Dessa forma, posso ver com o que você está com dificuldade e criar um plano de estudo para colocá-lo de volta nos trilhos.

Seus tiques de mandíbula. — Ainda não terminei de ler essa merda.

Eu não sei se rio porque ele está puxando minha perna... ou me preocupo porque ele está lendo há mais de uma hora.

É um ensaio de cinco páginas. Não é um livro.

— Um...

— Eu preciso de mais tempo, — ele range os dentes.

Segurando minhas mãos para cima, eu me afasto. — Sem problemas.

Volto para os instrumentos, só que agora estou apenas focada em observá-lo enquanto ele lê.

Não tenho dúvidas de que ele está se concentrando, é óbvio pela forma como seu rosto se contorce enquanto ele olha para o papel.

No entanto, também noto que ele *nunca* passa da primeira página.

Um sentimento horrível toma conta de mim, mas eu tiro isso da minha cabeça porque isso seria ridículo.

Claro, Phoenix sabe ler. Ele é um maldito sênior. Certamente *alguém* já teria percebido se ele fosse analfabeto.

E, no entanto... ele ainda está lendo a mesma página. Parece que ele está se esforçando ao máximo para entender isso.

Eu olho para o meu telefone. Já passa das onze agora.

Os nervos se amontoam no meu estômago quando me aproximo dele novamente.

Eu nunca em um milhão de anos tiraria sarro de alguém com deficiência de aprendizado. No entanto, preciso saber com o que estou lidando para poder ajudá-lo.

Se eu ainda *posso* ajudá-lo neste momento.

Sentada ao lado dele no futon, eu gentilmente toco seu joelho.

— Phoenix?

Sua voz profunda é atada com hostilidade. — O que?

Eu seguro seu olhar. — Eu preciso que você entenda que eu nunca, nunca vou *julgá-lo*. — Eu tiro o ensaio dele. — Mas você está lendo há muito tempo agora.

Espero que ele me dê uma explicação, mas não é isso que acontece.

— Certo. Vamos fazer as perguntas.

Olhando para o papel, li o primeiro. — Para que tipo de exploração o século XVI foi ótimo?

Esta é uma pergunta de múltipla escolha, por isso deve ser relativamente fácil.

Phoenix entende errado, no entanto. Ele me diz que a resposta é A quando na verdade é B.

Mantendo minha expressão neutra, faço outra pergunta, seguida de outra.

Ele responde cada um incorretamente.

— Phoenix, — eu sussurro, tentando ser o mais compassiva que posso. — Você não acertou nenhuma das perguntas. Mas está tudo bem...

As palavras ficam presas na minha garganta quando ele arranca o papel de mim e o rasga ao meio. — Foda-se. — Ele fala. — Eu não preciso dessa merda. Vou arranjar outra pessoa para me ensinar.

Eu não sou o problema aqui. O problema é ele.

Ou melhor, sua recusa em confiar em mim sobre o que está acontecendo.

— Você pode conseguir outro tutor se quiser, mas não acho que isso vá importar. Caramba, eu ainda nem tive a chance de te ensinar, já que você ainda não leu.

— Eu li —, ele explode.

— Então, para que exploração o século XVI foi ótimo?

Ele não responde... porque não pode.

Pegando as duas metades do papel que ele rasgou, eu as seguro uma ao lado da outra. — A resposta está na segunda frase. Leia para mim.

Eu posso vê-lo lutando enquanto ele tenta, e isso parte meu coração.

— Está tudo bem, — eu asseguro a ele. — Eu não vou tirar sarro de você, eu prometo. Eu só quero ajudar.

Ele desvia o olhar. — Eu não sou um idiota de merda.

— Eu sei que você não é. — Eu inspiro. — Um idiota não pode cantar ou tocar piano do jeito que você faz. Um idiota não pode dirigir. Um idiota não tem bom gosto musical como você... então não, você não é um idiota. Mas eu acho que você está tendo dificuldade quando se trata de ler. Você pode tentar explicar o que acontece para que eu possa entender melhor?

Ele fica em silêncio por tanto tempo que eu temo estar perdendo meu tempo... mas então ele finalmente fala.

— As palavras... as letras. Elas ficam todas embaralhadas. Eu não posso mantê-las em linha reta.

Eu penso sobre isso por um momento. — Você quer dizer como dislexia?

Ele dá de ombros. — Não sei qual é o nome disso. Apenas saiba que é isso que acontece.

Querendo investigar mais, leio as duas primeiras frases em voz alta e faço a mesma pergunta que fiz antes.

Phoenix acerta.

Certificando-me de que não é um acaso, eu leio o ensaio inteiro. Então eu faço a ele todas as perguntas correspondentes. Ele acerta todas, exceto duas, *e* é capaz de fornecer respostas decentes para aquelas que não são de múltipla escolha.

É claro que ele definitivamente compreende essas coisas... contanto que não esteja em forma escrita.

Como diabos ninguém notou isso antes?

— Ok. Então, eu não posso diagnosticar você oficialmente com dislexia ou algo assim, mas tenho certeza que é isso que você tem.— Eu solto um suspiro. — Eu não entendo como nenhum de seus professores percebeu isso.

Nem mesmo a Sra. Herman.

Ele parece tímido. — Eles não perceberam.

— Por que?

Ele esfrega a mão pelo rosto. — Porque sempre que temos que ler um livro para a aula, certifico-me de obter a versão em áudio. Eu também tenho um aplicativo que verifica e lê as coisas em voz alta para mim. Storm também lê essas merda para mim sempre que eu pergunto.

Ok, isso faz sentido... e não faz.

— Os testes não são dados em forma de áudio. Como você passa isso?

— Na maioria das vezes não, e é por isso que estou falhando. Mas de vez em quando... — Seu pomo de Adão balança. — Eu gerencio.

— O que você quer dizer?

— Quando um teste é de múltipla escolha, dou uma olhada no gabarito de outra pessoa e avalio o padrão. — Ele dá de ombros.

— Se eu souber que não haverá gabarito, encontrarei uma garota que já fez o teste e pedirei as respostas.

Eu olho para ele. — E essas garotas simplesmente fazem isso?

Eu quero me bater mentalmente porque, *é claro,* elas fazem.

Ele é Phoenix Walker.

Ele simplesmente existe e as garotas fazem fila para se jogar nele.

*Eu incluída.*

Eu não tenho nenhuma intenção de ajudá-lo a trapacear, no entanto. Gostaria, no entanto, de ajudá-lo a passar legitimamente para que ele possa se formar.

O problema é que não tenho ideia de como fazer isso.

Phoenix olha para o relógio. — Que horas você tem que estar em casa?

— Meia noite e meia, por quê?

— São meia noite e quarenta.

— Merda.

Ele tira as chaves do bolso e abre a porta da garagem. — Vamos. Vou levá-la para casa.

Andamos em completo silêncio durante todo o caminho.

É só quando ele estaciona na frente da minha casa e desliga o motor que eu falo. — Se eu puder descobrir uma maneira de ajudar - genuinamente ajudá-lo - você me deixaria?

Seus olhos percorrem cada centímetro do meu rosto, como se eu

fosse um quebra-cabeça que ele não consegue entender antes de concordar.

— Pegue-me amanhã, — digo a ele quando saio do carro.

— Mesma hora.

Meu pai ainda está bem acordado quando entro em casa. Sem dúvida esperando por mim.

— Você estava presa em outra galáxia que não tem noção de tempo? Ou o relógio do telefone que está sempre preso à sua mão está quebrado? Eu disse meia...

— O que você sabe sobre dislexia?

Costumo contar quase tudo ao meu pai porque *ele* costuma dar os melhores conselhos.

Infelizmente, essa não é sua área de especialização porque ele diz: — Não muito. Por que?

— Tenho certeza que o cara que estou ensinando tem. E não tenho ideia de como ajudá-lo agora.

Mas eu quero.

Ele pensa sobre isso por vários momentos antes de falar. — Por mais que você queira ajudá-lo, cara de macaco, não tenho certeza se você pode. Os professores são os únicos qualificados para lidar com as dificuldades de aprendizagem. Você não.

— Os professores não deconfiam que ele tem.

Não que eu possa realmente culpá-los por isso. Phoenix especificamente faz coisas para esconder isso.

Eu o sigo até a cozinha, onde ele nos serve um copo de leite e tira um pacote de biscoitos. — Quão ruim é isso?

— O suficiente que ele não conseguiu nem ler a primeira página de um ensaio que eu o fiz ler. Ele diz que todas as palavras se misturam e ele não consegue mantê-las corretas.

Não é à toa que ele parecia estar se concentrando tanto. Deve ser

uma tortura.

Levando um biscoito à boca, meu pai se encolhe. ─ Isso soa muito mal. Eu acho que isso está fora de suas mãos.

Eu me recuso a acreditar nisso.

─ A coisa é... ele respondeu a maioria das perguntas corretamente quando eu li o ensaio para ele. Ele disse que tem um aplicativo em seu telefone que lê as coisas em voz alta para que ele possa fazer a lição de casa. Ele também recebe versões em áudio dos livros que precisamos ler em sala de aula. ─ Eu mergulho meu biscoito no copo de leite. ─ Ele está motivado... ─ Assim como a Sra. Herman disse. ─ É apenas o cérebro dele que não está cooperando.

Sem culpa própria.

Ele mastiga outro biscoito. ─ Entendi...

─ Eu não vou desistir dele. ─ Sentindo uma sensação de prazer, eu saio da cozinha. ─ Eu sei que deve haver algo que eu possa fazer para ajudá-lo.

Tem *que* haver.

Eu paro e olho para o meu pai antes de sair. ─ Desculpe o atraso.

Ele fecha o pacote de biscoitos. ─ Vou deixar passar, dadas as circunstâncias.

Eu mordo o canto do meu lábio enquanto penso na melhor maneira de dizer isso.

─ Tenho dezoito anos, pai. Eu também vou continuar ensinando Phoenix à noite. Você vai precisar soltar as rédeas.

─ Por que essa tutoria tem que ser tão tarde? Vocês dois não podem se encontrar durante o horário normal?

A noite *é* normal. Meu pai é apenas um fóssil.

Eu escaneio meu cérebro, tentando encontrar uma razão que ele não apenas aceite, mas respeite.

─ Ele trabalha depois da escola e só sai depois das nove.

Quero dizer, é *meio* verdade, já que ele está em uma banda. Suponho que ele pratica muito.

Apesar de estar claro que meu pai ainda não gosta desse arranjo, ele cede. ─ Certo. Mas não entre nesta casa depois da uma da manhã...

─ Uma e quinze, ─ eu respondo.

─ Vamos ver, ─ diz ele, o que é bom o suficiente para mim.

─ Te amo pai.

Pegando a caixa de leite, ele a coloca no armário. ─ Amo você também.

─ Ah, pai?

─ Sim, cara de macaco?

─ Da última vez que verifiquei, o leite vai para a geladeira.

Rindo, ele abre a porta do armário. ─ Opa. Eu estava tão distraído com essa conversa de toque de recolher; Devo ter misturado com os biscoitos.

Eu corro para fora da cozinha para que ele não mude de ideia sobre meu novo toque de recolher.

Depois de vestir o pijama, pego meu laptop e sento na minha cama.

Depois passo o resto da noite e a madrugada pesquisando tudo o que posso sobre dislexia.

# CAPÍTULO 5

## LENNON

Phoenix me encontrou depois da escola ontem e me disse que não poderia estudar naquela noite. Eu estava prestes a culpá-lo por evitar seus problemas, mas ele disse que tinha algo importante que precisava cuidar.

Então ele pediu meu número.

Eu não achei que ele usaria, mas hoje à noite, aproximadamente às oito e cinquenta, meu celular vibra com uma mensagem de um número desconhecido.

**Desconhecido**: Você está livre esta noite, Groupie?

Seu apelido me faz ranger meus molares enquanto salvo suas informações de contato.

**Lennon**: Isso depende.
**Phoenix**: De?
**Lennon**: Você vai levar isso a sério e me deixar te ajudar?

Eu vejo os pontos aparecerem e desaparecerem antes que outro texto apareça.

**Phoenix**: Olhe pela janela do seu quarto.

Confusa, abro a cortina e olho para baixo.

Eu mordo um sorriso quando vejo seu carro estacionado sob uma

grande árvore que fica um pouco abaixo da rua da minha casa.

**Lennon**: Você poderia ter estacionado na garagem, você sabe.
**Phoenix**: Desça sua bunda aqui.

Depois de vestir jeans e uma camiseta, enfio a régua que peguei para ele ontem na minha bolsa e pego a pasta com as redações e perguntas.

Eu também levo meu laptop comigo.

— Tchau, — eu digo quando passo pelo meu pai na sala de estar.

— Uma hora, — ele chama de volta. — Eu te amo.

Depois de descer a colina íngreme que é a minha garagem, encontro Phoenix em seu carro.

Desta vez, “Zombie” do The Cranberries explode nos alto-falantes.

— Boa música, — eu grito enquanto deslizo para o banco do passageiro e coloco meu cinto de segurança.

Ele me dá aquele sorriso infame.

Espero a música terminar antes de pressionar o botão de pausa no som.

— Você respondeu minhas mensagens imediatamente. Como você as leu tão rápido?

Os tendões em seu antebraço flexionam enquanto ele acelera pela estrada.

Eu nunca pensei que veias e tendões fossem quentes antes, mas estou corrigido.

— Eu uso a conversão de texto em fala para ouvir minhas mensagens. Ajuda muito. — Um sorriso irônico estica seus lábios.

— A menos que eu esteja mandando mensagens de texto para Storm e ele esteja tendo um ataque de cadela enquanto estou em público. Então eu recebo um monte de olhares sujos.

Eu rio, até que outro pensamento me ocorre.

A pesquisa que fiz disse que havia diferentes tipos de dislexia e nem todo mundo tem problemas para escrever. Eu estou querendo saber se ele faz.

— Você tem dificuldade na hora de escrever?

Ele faz uma cara. — Esse também não é um ponto forte meu, então também uso a conversão de fala em texto. Para tarefas, eu digito merda no laptop que a avó de Storm me deu no ano passado. Eu ainda luto, mas é muito mais fácil do que escrever à mão.

— A avó de Storm te deu um laptop? — Eu pergunto enquanto processo tudo isso.

— Sim. — Ele prende a respiração. — A mulher é uma querida com um coração de ouro. Eu não queria aceitar porque eu sei que o dinheiro é curto e ela não podia pagar, mas ela me *obrigou*. Ela disse que eu não tinha permissão para vir e praticar até que eu aceitasse. Quando protestei de novo, ela me empurrou pela porta da frente com sua vassoura. Então ela trancou. — Ele ri para si mesmo. — Ainda corto a grama dela todos os domingos como agradecimento.

Meu coração se aquece porque parece que há algo de bom em Phoenix, afinal.

Embora seja triste que a avó de Storm pareça ser o único adulto em sua vida que parece se importar o suficiente para ajudá-lo.

Eu me pergunto qual é o negócio com seus pais.

Eu posso sentir seu olhar pensativo perfurando buracos em mim antes que ele grite, — Alguma outra pergunta, Groupie?

Já que ele está oferecendo.

— Na verdade sim. — Eu me mexo no meu lugar para olhar para ele. — Como você sabe onde eu moro?

Porque eu *nunca* disse a ele.

Ignorando minha pergunta, ele para na frente da casa de Storm. —

Eu não queria ter desmarcado com você ontem. Storm e eu tivemos uma reunião com o gerente do Voodoo. Depois de algum convencimento, ele nos marcou para tocar lá um mês a partir de hoje. Eles só podem nos espremer no palco por três músicas, mas já é alguma coisa.

É *tudo*.

A excitação corre através de mim quando saio do carro. ─ Puta merda. Fantástico.

É verdade que o Voodoo é um buraco, mas artistas incríveis e desconhecidos tocam muito lá.

Alguns até passaram de desconhecidos para descobertos logo após seus shows lá.

Desde que fiz dezoito anos no mês passado, só fui ao Voodoo uma vez, mas pretendo voltar em breve.

O sorriso genuíno no rosto de Phoenix me diz que ele está igualmente animado com seu próximo show.

─ Você se importa se eu for? ─ Eu pergunto quando ele abre a porta da garagem.

Desde seu pequeno *comentário* sobre saber que eu o persigo; Fiz um esforço consciente para fingir que ele não existe quando estamos na escola.

Eu odeio que ele pense que eu sou uma patética – bem, *groupie* – que observa cada movimento seu.

Embora haja alguma verdade nisso, suponho.

─ Quanto mais ingressos vendermos, melhor, então sim. Venha se quiser.

Enquanto ele não parece eufórico por eu estar lá, ele também não parece irritado com isso.

Vou levar isso como uma vitória.

Ele caminha até o futon e se senta. ─ Vamos acabar com essa merda.

Eu me sento ao lado dele. ─ Primeiro, precisamos conversar sobre suas opções.

Eu realmente sinto que Phoenix se beneficiaria de contar aos nossos professores sobre sua dislexia.

Sua sobrancelha levanta. ─ Que opções?

─ A primeira opção é: você fala com a Sra. Herman e conta a verdade. Ela é muito compreensiva e quer ver você ter sucesso, então tenho certeza de que ela o ajudaria. ─ Eu seguro seu olhar. ─ Você tem uma deficiência de aprendizado, Phoenix. Não é sua culpa, e não é *nada* para se envergonhar. A escola pode ajudar. Claro, isso significaria que você teria que ficar mais um ano, mas assim que a escola souber, você pode ter aulas especiais e ter um PEI[3].

─ Ficar para trás mais um ano não é uma opção para mim, Lennon. ─ Suas narinas se dilatam com frustração, mas também há uma pitada de medo em seu tom. ─ Eu preciso sair daqui *agora*.

Ele diz isso como se não estivesse apenas determinado, mas *desesperado* para sair.

─ Ok. Isso nos deixa com a opção dois.

─ Qual é?

─ Nós tentamos como o inferno fazer você passar na final.

Ele abaixa a cabeça. ─ Eu aprecio isso, mas posso passar a final sozinho...

─ Flertar com uma garota para que ela te dê todas as respostas não é passar na final sozinho. É *trapaça*. ─ Eu alcanço minha pasta. ─ De qualquer forma, eu fiz algumas pesquisas. E embora eu não ache que isso vá resolver magicamente sua dislexia, eu trouxe algo para você que pode ajudar a tornar as coisas um pouco mais fáceis.

Ele parece surpreso. ─ Você pesquisou coisas para mim?

Depois de tirar a redação da pasta, puxo a régua da minha bolsa. ─ Esta é uma régua de leitura. ─ Eu coloco sobre o papel. ─ Você disse

que as letras ficam confusas, o que faz sentido porque a dislexia pode causar dificuldades visuais durante a leitura. Basicamente, essa coisa é uma régua transparente colorida que destaca individualmente a frase que você deseja ler. Espero que isso possa ajudá-lo a se concentrar melhor em uma palavra e uma frase de cada vez.

Desta forma, não será tão esmagadora.

— Mas se isso não acontecer, tudo bem. Há coisas diferentes que podemos tentar. Este é o mais simples.

Eu não tenho idéia do que fazer com o olhar em seu rosto. — Certo.

Não querendo que ele sinta que estou respirando em seu pescoço, saio do futon. — Eu estarei aqui se você precisar de mim.

Eu ando até os instrumentos. Mesmo sendo de segunda mão, ainda custam dinheiro.

Assim como o carro e o telefone de Phoenix.

Eu me pergunto o que ele faz para ganhá-lo.

Eu me viro e olho para ele. Ele ainda parece estar lutando, mas não tanto. A régua já está na metade da primeira página... o que está mais longe do que ele chegou no outro dia.

Meia hora depois, ele chegou ao final da segunda página.

— Isso não está funcionando. Estou demorando tanto que, quando descubro o que uma frase diz, estou esquecendo tudo o que li.

Eu sabia que a régua não seria faria milagre, mas esperava que ele achasse isso benéfico.

O triste é que eu sei que se eu fosse lá e lesse para ele, ele seria capaz de responder a maioria das perguntas corretamente.

No entanto, posso dizer que ele está frustrado, então decido mudar de tática.

— Abaixe a redação. — Eu ando de volta para ele. — Vamos nos concentrar em outra coisa por um tempo.

Pego meu laptop e me sento ao lado dele. — Parte do seu projeto

extracurricular é escrever sua própria redação. Vamos trabalhar nisso.

Afundando contra o futon, ele faz um som rouco na garganta.

— Acho que estou esgotado.

Eu posso dizer. Talvez uma breve mudança de assunto esteja em ordem.

— O que você faz por dinheiro?

— Essa é a sua maneira de dizer que quer que eu pague?

— Não. Estou curiosa para saber como você compra instrumentos e outras coisas.

— Eu faço paisagismo durante o verão. Eu também faço algumas construções no trabalho do meu pai às vezes.

Então, seu pai *está* na foto.

— Vocês são próximos? — Eu mudo para encará-lo. — E a sua mãe?

Visivelmente irritado com a minha linha de questionamento, ele resmunga. — Vamos começar esse ensaio.

Eu inicializo meu laptop e abro um novo documento do Word.

— O tópico é – o que impulsiona o espírito humano. Acho que pode ser mais fácil se você falar e eu transcrever.

Dessa forma, ele pode se concentrar completamente no que quer dizer sem ter que se preocupar em digitar.

Ele exala lentamente. — Eu não acho que posso responder isso porque é diferente para todos, — ele começa quando meus dedos batem nas teclas.

— Depende de seu intelecto, emoções, medos, a merda que eles passaram... o que eles realmente querem e precisam. Eu só sei o que impulsiona o meu. — Seus olhos se fecham. — Para mim... é música. Criar.

Ele é tão sincero agora. Tão *cru*. Eu sinto que estou tendo um vislumbre do verdadeiro ele sob a máscara.

Eu tenho que me lembrar de continuar digitando enquanto ele

continua.

— Quando me perco na música, nada mais importa... porque toda a merda foi retirada e me tornei uma tela novinha em folha. Uma que me transforma em tudo o que as notas, acordes e letras precisam que eu seja. É como se um feitiço tivesse sido lançado e eu não fosse mais humano. Não sou mais matéria ocupando espaço... sou pura energia. Um receptáculo para magia que não consigo nem começar a explicar. Tudo o que sei são aquelas faíscas de magia... é a melhor sensação do mundo. É para isso que vivo e respiro. É o que *me* move.

Seus olhos se abrem e travam com os meus. — Sempre que estou cantando ou tocando, sou a versão mais autêntica de mim mesmo. É a única vez que eu não quero ser mais ninguém.

Meu coração aperta quando termino de digitar suas palavras.

— Isso foi... uau.

Acho que a Sra. Herman não terá nenhum problema com isso.

Longe disso. *Ela vai querer se aproximar do sol.*

Depois de clicar em salvar o documento, eu o envio por e-mail para que ele possa entregá-lo. O relógio no canto direito do meu laptop marca meia noite e quinze. O que significa que ainda temos algum tempo antes de eu ter que ir.

— Meu toque de recolher é uma hora agora. — Não querendo parecer desesperada, acrescento rapidamente. — Mas se você estiver cansado, pode me deixar mais cedo.

Com uma risada sem humor, ele tira um maço de cigarros do bolso e acende um. — Deve ser bom ter pais que se importam.

Antes que eu possa perguntar o que ele quer dizer, ele diz:

— Vivendo naquela casa grande e bonita com muita comida e o que mais você quiser.

A fumaça do cigarro aceso saindo de sua boca flutua no ar, e seu lábio superior se curva em desprezo. — Aposto que eles sempre dizem o

quão orgulhosos estão de sua doce e inocente garotinha.

Não tenho certeza de onde tudo isso está vindo, mas suas palavras cruéis parecem um soco no meu peito.

— É pai. Não pais. — A confusão se espalha por seu rosto quando me levanto. — E eu não tenho ideia se minha mãe ficaria orgulhosa de mim porque ela morreu alguns minutos depois que eu nasci. Eu junto minhas coisas. — Ela nunca foi nada além de um fantasma cuja morte partiu o coração do meu pai. — *Uma peça perdida que nunca poderei recuperar*. — Mas, de qualquer forma, continue me dizendo o quão boa minha vida é.

— Lennon.

Ignorando-o, marcho em direção à porta da garagem.

Eu sei que ele não mora em uma boa casa e sua família luta financeiramente, mas isso não lhe dá o direito de fazer suposições sobre mim e minha vida.

Especialmente quando ele tem algo que eu *nunca vou* ter.

*Algo pelo qual eu mataria*.

Sinto um puxão forte no meu pulso antes que ele me gire.

— Eu fui um idiota. — Sua respiração irregular ventila meu rosto. — Desculpe, ok?

Sua expressão séria me diz que ele fala sério.

Mas o que ele disse ainda doeu.

— Está bem. — Pego meu telefone do bolso com a mão livre.

— Vou pegar um Uber.

Em vez de recuar, o aperto no meu pulso aperta. — Não. Eu posso levar você. — Ele engole visivelmente e sua voz baixa... como se o que quer que ele vá dizer em seguida o machuque fisicamente. — Eu também não tenho mãe.

Isso é novidade para mim.

Então, novamente, acontece... eu realmente não conheço Phoenix,

afinal.

— Sua mãe também morreu?

— Pior — ele morde. — Ela *foi embora*.

Oh Deus. Isso é horrível. Minha mãe não me abandonou de propósito... a escolha estava completamente fora de suas mãos.

Ser intencionalmente abandonado por seus pais deve doer como o inferno.

— Quantos anos você tinha?

— Sete.

Lidar com isso em qualquer idade é horrível... mas ele era tão jovem quando aconteceu.

Nós dois ficamos quietos pelo que parece uma eternidade antes de eu quebrar o silêncio.

— Eu sinto muito.

Ele solta meu pulso. — Não foi sua culpa. — Ele procura no bolso suas chaves. — Vou levá-la para casa.

Eu não quero que ele faça isso depois, mas algo me diz que ele precisa de espaço.

— Ok.

Assim como na primeira noite, voltamos para casa em silêncio.

# CAPÍTULO 6

## PHOENIX

— Yeah, assim mesmo — grita Sabrina.

Normalmente, é excitante quando as garotas são vocais, mas já que estou transando com ela na sala da banda, há uma chance de alguém nos ouvir.

— É isso, baby. — Ela tenta me beijar, mas eu me afasto. Assim como eu sempre faço. — Você vai me fazer gozar, Phoenix.

Eu não dou a mínima. Eu só quero que ela cale a boca enquanto ela goza.

Isso não acontece, no entanto. Jogando a cabeça para trás, ela começa a gritar meu nome, como se quisesse que qualquer um que estivesse passando soubesse *exatamente com* quem ela está transando.

*Cristo*. Seu orgasmo é tão falso quanto ela.

Felizmente, se ela goza ou não, não tem nenhuma influência sobre mim.

Pouco depois, coloco alguma distância entre nós e descarto a camisinha.

— Isso foi tão bom, baby — Sabrina ronrona enquanto arruma seu uniforme de dança de lantejoulas. — Ninguém me fode como você.

Incluindo o namorado dela... já que ela está sempre perseguindo *meu* pau pelas costas dele.

Não que eu dê a mínima. Essa é a merda de Draven para lidar.

Só estou aqui porque gosto de enfiar meu pau em algo molhado e bonito.

Embora o apelo esteja começando a se desgastar, porque Sabrina está me irritando pra caramba.

Ela não apenas continua tentando me beijar durante... ela continua tentando falar comigo *depois*. Foda-se essa merda.

Ela tem um namorado, e com certeza não sou eu. Essa coisa entre nós nada mais é do que uma transação. Ela gosta de ser fodida por mim... e eu gosto de foder.

Simples assim.

Só que não é mais, porque ela está tentando fazer merda mais do que é.

— Lillian vai dar uma grande festa depois da formatura — ela diz enquanto eu enfio meu pau dentro do meu jeans. — Prometa-me que você virá.

Eu puxo meu zíper. — Não.

Foda-se isso. Assim que me entregarem um diploma, não tenho intenção de ver nenhum desses babacas novamente. Além de Storm.

E talvez Lennon.

Por alguma maldita razão, a garota está começando a significar algo pra mim.

*Como um fungo*.

No entanto, não me oponho à ideia de manter contato com ela de vez em quando depois de nos formarmos.

*Se* eu me formar.

— Vamos, Phoenix. — Ela passa suas garras vermelhas pelo meu torso. — *Todo mundo* vai estar lá. Até aquela idiota da Lennon.

Isso é... estranho.

Lennon sempre foi um pária, e até onde eu sei, ela nunca foi a uma festa.

Inferno, ela nem sequer compareceu ao baile.

— Por que Lennon foi convidada?

Porque eu não acho que ela iria a menos que ela fosse convidada especificamente.

Afundando os dentes no lábio inferior, Sabrina sorri timidamente. ─ Você vai descobrir se vier.

Não gosto do som disso, mas não posso questionar Sabrina sobre isso porque ouço passos se aproximando.

─ O que você está fazendo aqui, bunda gorda? ─ Sabrina estala antes que eu possa virar a cabeça.

Quando eu faço, uma reviravolta inesperada passa por minhas entranhas.

A escola terminou há meia hora. Achei que Lennon já estaria longe agora.

Evidentemente, eu estava errado.

Aqueles olhos castanhos de bebê se arregalam de choque antes que ela fale. Ou melhor, *tenta*.

─ Eu... hum...

Não é normal Lennon tropeçar em suas palavras... não importa o quão má Sabrina seja.

Sua inimiga aproveita a oportunidade para se aproximar dela como um maldito abutre. ─ Qual é o problema, gorda? O gato comeu sua língua? ─ Ela ri. ─ Ah, isso mesmo, não pode. Porque sua boca está sempre cheia de comida.

*Jesus.* Que porra.

Tenho certeza de que Lennon tem um espelho, portanto ela sabe muito bem que é gorda.

Eu não entendo Sabrina – ou o resto da obsessão da escola – constantemente falando sobre isso.

O engraçado é que perder peso seria uma ameaça para Sabrina. Não só porque tiraria a munição dela, mas Lennon não é feia.

Inferno, eu até a chamaria de fofa na luz certa.

Tão fofa, não tenho dúvidas de que, se ela perdesse alguns quilos, Sabrina cagaria um maldito tijolo porque todos os caras estariam atrás *dela*.

Eu jogo um osso para Lennon. ─ Ela está me ensinando.

Sabrina dirige sua irritação para mim. ─ Ensiná-lo para quê? Nós nos formamos em duas semanas e meia.

Um rastro de tensão percorre meu pescoço. Eu não devo nada a ela. Muito menos, uma explicação de por que alguém está me ajudando.

─ Não é da sua porra da conta.

*Isso* faz com que sua boca se feche. Com um huff, ela pega sua bolsa do piano.

─ Tanto faz. ─ Soprando-me um beijo, ela passa por Lennon, intencionalmente esbarrando nela. ─ Me mande mensagem mais tarde.

Eu não vou.

Lennon ainda não está fazendo contato visual comigo.

Não deveria me incomodar... mas incomoda.

─ Sabrina é uma cadela.

Sua cabeça se levanta e não há como confundir a raiva piscando em seus olhos.

─ Então por que você transa com ela?

Eu não devia uma explicação a Sabrina, e com certeza também não devo a ela.

Só que ao contrário de Sabrina, eu preciso de Lennon.

Meu progresso é lento e, na maioria das noites, quero bater minha cabeça na parede e desistir.

Mas há algo em saber que posso não ter que trapacear para sair do buraco em que me cavei que me dá uma sensação de orgulho.

Eu quero *merecer* isso.

Mas para que isso aconteça, eu tenho que manter minha tutora por perto.

Então, eu minto.

— Eu não transei com ela.

O olhar de Lennon cai no chão – brevemente demorando no preservativo usado que deixei cair na minha pressa de fugir – antes de seguir para o meu rosto.

Ela não parece mais com raiva... sua expressão é pura mágoa.

E então ela vai embora.

*Porra*.

Eu a persigo, meus longos passos rapidamente devorando a distância entre nós.

— Eu não gosto que mintam para mim — ela retruca quando eu agarro seu braço.

— Eu também não.

Ela se vira para me encarar. — Quando eu *menti* para você?

— Quando você me disse que poderia manter sua pequena paixão sob controle e a merda não ficaria complicada, — eu aponto. — Agir com ciúmes e magoada porque transei com outra garota é uma complicação.

Uma que eu não preciso.

Sua boca cai aberta. — Você é inacreditável, sabia disso?

*Já me disseram isso.*

Eu aperto meu aperto quando ela tenta ir embora novamente. Um pouco duro demais, porém, porque ela estremece. — Você está me machucando.

Eu prontamente a solto. — Diga-me que estou errado.

Mas nós dois sabemos que não estou.

Ela balança a cabeça. — Certo. Ciúmes - não. Machucar... *sim*. Ela me olha, como se eu não fosse nada além de um pedaço de lixo espalhado pela rua. — Só porque eu fui burra o suficiente para pensar que poderíamos realmente ser amigos.

— Nós somos amigos.

Talvez não no sentido convencional. Mas merda, eu passo mais tempo com ela do que com Storm ultimamente.

— Não, não somos. — A tristeza torce suas feições. — Porque amigos não fodem pessoas que intimidam seus amigos.

Com essas palavras de despedida, ela vai embora.

E eu deixo ela ir...

Porque ela está certa.

# CAPÍTULO 7

## LENNON

Estou me revirando na cama quando ouço algo bater na minha janela.

No começo, acho que é apenas um esquilo irritante, mas depois acontece de novo.

Olho para o relógio na mesa de cabeceira. É pouco depois das duas da manhã.

Quando algo atinge minha janela pela terceira vez... eu saio da cama para que eu possa verificar.

Eu quase caio quando vejo Phoenix balançando como um macaco do grande carvalho em frente ao meu quarto... enquanto a chuva bate nele.

Abro rapidamente minha janela. ─ Que diabos está fazendo?

─ Você não estava respondendo minhas mensagens.

Com toda certeza eu não estava. Não tenho nada a dizer depois de pegá-lo com Sabrina.

Ouvi dizer que eles fizeram sexo no estacionamento depois do baile... mas não achei que fossem uma *coisa real*.

Há rumores de que Phoenix é um parafuso de uma só vez.

Claramente, Sabrina é a exceção a isso.

─ Isso é porque eu não quero falar com você.

Eu vou bater a janela, mas ele resmunga, ─ Cristo, Groupie. A força do meu braço é boa, mas não o suficiente para ficar aqui a noite toda. Pelo amor de Deus, apenas me ouça.

Eu cruzo meus braços. ─ Você tem cinco segundos.

─ Você estava certa antes. Nós somos amigos... ─ ele começa a

dizer, mas eu o interrompo.

— Não, não somos. Eu não quero ser amiga de alguém que tem bolas dentro *dela* diariamente.

Seus lábios se curvam. — Dê uma olhada na boca Pequena Senhorita Inocente.

Estou prestes a fechar a janela pela segunda vez, mas então ele diz: — Eu sei que você está com raiva, mas não é sério. Sabrina é apenas algo em que enfio meu pau...

— Não preciso de detalhes.

— Porra. — Os músculos de seus braços se esticam enquanto ele fala. — O que estou tentando dizer é... você é mais importante. Eu não vou transar com ela de novo, ok?

Eu deveria dizer a ele para ir *se foder*, mas ele está pendurado em uma árvore do lado de fora do meu quarto. Na chuva.

Tudo para que ele possa tentar acertar as coisas entre nós.

— Promete?

Olhos fixos nos meus, ele balança a cabeça. — Sim.

E então ele cai.

Felizmente, a grama molhada abaixo amortece o peso dele.

Meu telefone acende com uma mensagem assim que ele chega ao seu carro.

**Phoenix**: Nós estamos bem?
**Lennon**: Nós estamos bem.
**Phoenix**: Pego você amanhã à noite.

Eu tento reprimir a onda de alegria que essas palavras me enchem, mas falho miseravelmente.

Porque Phoenix não foi o único que mentiu antes.

Fiquei com raiva…

Mas eu também estava com ciúmes.

Mesmo que eu não tenha o direito de estar.

*Porque eu não sou o tipo de garota que fica com o cara.*



A final é três dias antes da formatura, o que significa que temos menos de duas semanas para preparar Phoenix para isso.

Ele está trabalhando muito duro, então estou tentando tornar esta noite divertida. É por isso que pedi a Storm para se juntar a nós em nossa sessão de estudo.

Embora a dislexia seja o principal problema que estamos enfrentando, Phoenix ainda precisa conhecer o material porque haverá mais do que redações na final. Portanto, eu declarei esta noite a noite do flashcard.

Storm pega uma carta da pilha e a lê. ─ Na frase a seguir, qual palavra é um advérbio? Os eventos do filme são em sua maioria verdadeiros.

Phoenix pensa sobre isso por vários momentos antes de responder.

─ Em sua maioria é o advérbio.

Apesar de parecer inseguro, ele está correto.

─ Sim ─ Storm diz a ele.

Com um sorriso arrogante, Phoenix olha para mim. ─ Certifique-se de que é pepperoni, Groupie.

Eu disse a ele que se ele acertasse mais do que errasse no momento em que chegássemos à metade do caminho, eu pediria uma pizza.

Como se fosse uma deixa, a avó de Storm abre a porta, carregando duas pizzas grandes e alguns pratos de papel.

Nós três rapidamente corremos para ajudá-la.

— Meu Deus, acalmem-se. — Passando por nós, ela caminha até o futon e coloca as caixas em um dos caixotes que montamos como uma mesa improvisada. — Vocês agem como se eu fosse *velha* ou algo assim.

Nós três trocamos um olhar, mas sabiamente ficamos em silêncio.

— Espero que você tenha tirado um pouco para você, — digo a ela quando ela começa a sair.

Ela acena com a mão. — Obrigada, querida, mas o queijo me dá os esguichos de Hershey.

— Jesus Cristo, vovó — Storm murmura baixinho enquanto Phoenix ri.

Por um momento, acho que ela não ouviu o neto porque Phoenix me disse que ela tem deficiência auditiva, mas ela deve estar com os aparelhos no máximo porque ela aponta um dedo para ele. — Ah, silêncio, Reese. É uma função normal do corpo.

Quero dizer, a mulher não está *errada*.

— De qualquer forma — ela continua. — Vou para a cama, mas aproveite sua pizza e estude muito para essa grande prova. — Seus olhos pousam em Phoenix. — Eu gosto dela. É melhor você manter esta por perto ou eu vou chutar sua linda bunda.

Storm bufa e eu fico ali totalmente confusa porque sua pobre e doce avó deve ser surda *e* cega se ela acha que Phoenix iria gostar de mim.

— Eu tenho que dar uma mijada, — Storm anuncia logo depois que ela sai.

Eu posso sentir Phoenix me olhando enquanto ele come sua pizza. — Como a pizza chegou aqui tão rápido?

— Eu pedi antes de começar. — Eu embaralho a pequena pilha de flashcards que ele não acertou e os adiciono à pilha que ainda temos. — Eu sabia que você iria conseguir.

Sua expressão é inescrutável antes de mudar para uma de

curiosidade. ─ Por que você não está comendo?

*Porque garotas gordas não comem na frente de caras gostosos por quem elas estão apaixonadas.*

É uma espécie de regra não escrita.

É quase como se não chamar a atenção para minha falha fatal de alguma forma o fizesse esquecê-la.

Minhas bochechas esquentam de vergonha, então olho para qualquer lugar menos para ele. ─ Eu jantei logo antes de você me buscar.

Ele abre a boca para dizer algo, mas felizmente Storm volta.

Eu embaralho a pilha de flashcards novamente. ─ Ok, vocês dois comem e eu vou fazer as perguntas desta vez. ─ Lanço-lhes um olhar esperançoso. ─ Talvez depois que terminarmos, eu possa ouvir vocês dois tocando?

Storm fala com a boca cheia de pizza. ─ Depende. Você gosta de rock?

Eu começo a responder, mas Phoenix me vence. ─ Ela adora. Não só Lennon sabe todas as letras de todas as músicas que eu toco no carro, seu gosto musical é *quase* tão bom quanto o meu. ─ Esses lábios cheios se curvam em um sorriso. ─ É por isso que eu a chamo de groupie.

Eu assobio. ─ Eu não posso ser sua groupie se nunca ouvi você tocar, posso?

Eu quero me bater enquanto repito essas palavras, mas é tarde demais. Eles já estão lá fora.

Seu sorriso se aprofunda. ─ Acho que vamos ter que mudar isso então, hein?

Minhas entranhas mergulham e tenho certeza de que estou corando.

Storm bate palmas. ─ É disso que estou falando. Vamos acabar

com essa merda de estudo para que possamos tocar. — Ele olha para Phoenix. — Estou com a vovó. Mantenha-a por perto.



Estou sem palavras enquanto Phoenix canta o verso final de “Man in the Box” do Alice In Chains.

Ele canta com uma paixão tão crua que me tira o fôlego.

Levei apenas alguns segundos para verificar que ele é um cantor fenomenal e um grande pianista…

Demorou ainda menos para eu descobrir que ele também é um baita performer.

A partir do momento em que ele pegou o microfone e abriu a boca, ele alcançou dentro do meu peito e agarrou minha alma.

Phoenix estava certo... o que acontece com ele é pura magia.

Só *que ele é* o mago.

E um dia, o mundo inteiro estará sob seu feitiço.

Eu *sinto* isso.

Eu também tenho que dar crédito ao Storm porque ele com certeza sabe tocar bateria. Apesar de parecer que ele está enlouquecendo quando ele bate neles, ele nunca perde uma batida.

Estou tão apaixonada que nem percebo que eles estão tocando há tanto tempo. Não até Phoenix terminar a música e olhar para Storm. — Eu tenho que levá-la para casa.

Droga. Eu *odeio* ter um toque de recolher.

Eu saio do futon. — Vocês... isso foi... — Eu aperto meu coração, tentando encontrar as palavras certas para o que acabei de experimentar, mas não há nenhuma. — Insano da melhor maneira e nada do que eu digo pode fazer justiça.

Eu tenho que me impedir de pedir seus autógrafos.

Storm sorri. ─ Que bom que você gostou. Podemos dar um concerto quando quiser.

─ Lembre-se que você disse isso, porque eu definitivamente vou aceitar isso.

Ele coloca suas baquetas para baixo. ─ Eu vou entrar. Obrigado pela pizza.

─ Sem problemas. E ei, talvez da próxima vez vocês possam tocar algumas de suas próprias músicas.

Deus sabe que eles superaram os originais, mas todas as músicas que fizeram esta noite foram um cover.

Eu adoraria ouvir algumas coisas originais.

Phoenix e Storm trocam um olhar antes de Storm dizer: ─ Nós adoraríamos... mas não temos nenhuma.

Phoenix agarra a parte de trás de seu pescoço. ─ *Ainda*. Estamos trabalhando nisso.

Tenho certeza que eles vão inventar algumas incríveis em breve. E se não... talvez eu pudesse pedir ao meu pai para se sentar com eles.

─ Bem, mal posso esperar para ouvi-los sempre que vocês tiverem.

Storm e Phoenix trocam um rápido adeus antes de sairmos.

─ Você vai surpreender todo mundo no Voodoo, ─ digo a ele depois que entramos no carro.

─ Espero que sim. ─ Ele liga o motor. ─ Há rumores de que haverá um executivo de gravação no meio da multidão na noite em que tocarmos.

Ah Merda. ─ Sério?

Ele concorda. ─ Sim. Mas é apenas um boato, então quem sabe.

─ Bem, se há alguma verdade nisso, não se preocupe. Eles vão ficar loucos quando ouvirem você. Confie em mim.

Uma covinha aparece em sua bochecha direita. ─ Você é muito boa nisso.

Não tenho certeza do que ele quer dizer. ─ Bom em quê?

─ Me empolgando. ─ Sua expressão fica séria. ─ Acreditando em mim.

─ Como posso *não* acreditar em você? ─ Meu coração começa a acelerar. ─ Não há ninguém no mundo como Phoenix Walker. Você é especial.

─ Você realmente acha isso, hein?

Eu sorrio. ─ Eu *sei que* sim.

*E em breve o mundo também saberá*.

# CAPÍTULO 8

## LENNON

Uma onda de excitação me percorre quando entramos na garagem. O presente que encomendei a Phoenix alguns dias atrás finalmente chegou e mal posso esperar para dar a ele.

Espero que não apenas funcione, mas o deixe de bom humor o suficiente para concordar com uma ideia que venho refletindo há um tempo.

— Eu tenho uma coisa para você — digo a ele enquanto nos sentamos no futon.

Já que estaremos trabalhando na leitura de passagens e respondendo a perguntas esta noite, é a oportunidade perfeita para ele testar.

Suas sobrancelhas disparam. — Novamente?

— Sim. Só que desta vez, eu *sei* que vai funcionar. — Eu vasculho minha bolsa em busca da caneta e a puxo para fora. — Esta é uma caneta de leitura. Basicamente, você digitaliza uma linha de texto e ela lê em voz alta para você. — Abro minha pasta e tiro um pedaço de papel contendo uma das passagens. — Aqui. Experimente.

Ele examina a caneta. — Parece caro.

É. Mas só porque eu queria dar-lhe uma realmente boa.

Valeu totalmente a pena cavar no fundo do meu carro, porque sei que isso será um divisor de águas.

*Especialmente se ele concordar em me deixar falar com a Sra. Herman*.

Balançando a cabeça, ele coloca a caneta para baixo. — Eu aprecio

isso, mas não posso aceitar isso.

Ele é louco? ─ Claro que você pode. Eu sei que a régua não ajudou muito, mas isso vai. Eu fiz muita pesquisa e esta deve ser a melhor...

─ É muito dinheiro.

Eu não entendo por que ele continua focando no preço. ─ E daí? Eu não quero que você me pague de volta, eu só quero que você use.

Um som de irritação lhe escapa, e ele se levanta. ─ Eu *não sou* um caso de caridade, Lennon.

Sinceramente, não entendo por que ele está fazendo um negócio tão grande sobre isso.

─ Eu nunca disse que você era.

─ Pizza é uma coisa. Presentes luxuosos são outra.

Eu não posso deixar de rir porque ele está sendo ridículo. ─ É apenas uma maldita caneta, Phoenix. Eu dificilmente chamaria isso *de luxuoso.*

Meu comentário só o deixa mais irritado. ─ Talvez não para você, *princesa*. Mas nem todo mundo tem um pai rico que desembolsa dinheiro quando quer.

*Ai*. Eu sou a coisa mais distante de uma princesa.

Eu também não pedi um centavo ao meu pai. Comprei com o dinheiro que economizei ao longo dos anos como babá e aulas particulares.

E enquanto meu pai tem uma vida muito boa e eu tenho a sorte de nunca ter passado necessidades, eu dificilmente o chamaria de *rico*.

Compositores não são milionários como as pessoas parecem pensar. Mesmo depois de escreverem uma música de sucesso.

─ Meu pai não pagou por isso. ─ Lágrimas picam minha garganta, mas eu me forço a engoli-las. ─ Eu paguei. ─ Para meu absoluto horror, minha voz falha e minha visão fica embaçada. ─ Eu só queria te ajudar.

Humilhada com o pensamento dele me vendo chorar, eu me viro.

— Merda. — Eu ouço sua expiração afiada antes de seus dedos roçarem meu ombro. — Eu sinto muito. É que... você faz tanto por mim. Muito mais do que eu mereço.

Isso não é verdade. Ele tem mais talento bruto em seu dedo mindinho do que a maioria dos músicos hoje em dia *juntos*.

Mas mesmo que não tenha, ele ainda merece minha amizade e apoio.

Eu só queria que ele soubesse quanta fé eu tenho nele.

— Você vai mudar o mundo um dia, Phoenix. E quando isso acontecer, vou torcer por você do lado de fora com o maior sorriso no rosto.

Eu soube desde o primeiro segundo em que coloquei os olhos nele que ele era especial.

*Assim como todos os outros*.

Os dedos roçando meu ombro deslizam pela lateral do meu pescoço. Eu sinto o contato em todos os *lugares*.

Sua voz é tão rouca que quase não o ouço. — Lennon.

Eu fecho meus olhos enquanto o calor inunda meu corpo, se instalando entre minhas coxas. Por um breve momento, eu me dou permissão para fingir que não sou a garota gorda... mas o tipo de garota que Phoenix Walker é atraído.

Muito em breve, seu toque se foi, embora... e eu me deparo com a realidade novamente.

— Obrigado pela caneta.

Depois de respirar fundo, me viro e me sento no futon. — De nada.

Ele coloca a caneta sobre o papel, sorrindo um pouco quando lê uma frase em voz alta. — Esta coisa é muito legal. Pena que não poderei usá-la para a final.

Aqui vai.

— Sobre isso. — Coloco uma mecha de cabelo atrás da orelha.

— Eu estive pensando…

— O suspense está me matando — brinca ele depois de mais um minuto.

— Quero contar a verdade à Sra. Herman.

Ele desliga instantaneamente. — Não.

— Vamos, Phoenix. — Ele não conseguiu compreender o que isso poderia significar para ele. — Eu sei que uma vez que eu explique o assunto, ela não terá nenhum problema em acomodá-lo. E então você será capaz de passar a final... tudo por conta própria.

— Eu não preciso que todos saibam que eu não sei ler, — ele resmunga.

— Vou perguntar se você pode fazer a prova final depois da aula. Em particular. Ninguém vai saber.

— Não acho uma boa ideia. — A trepidação contorce suas feições. — E se ela disser não? Ou pior – e se ela insistir em me atrasar mais um ano para que eles possam me colocar em uma classe especial. Não posso arriscar, Lennon. Eu *tenho* que dar o fora daqui.

Eu sei.

Eu coloco minha mão em cima da dele. — Você confia em mim?

Sua garganta funciona quando engole em seco e parece que um século se passa antes que ele responda. — Sim.

— Bom. Porque eu confio em você.



— Está tudo bem, Lennon? — A Sra. Herman pergunta quando eu volto depois da aula.

— Na verdade, eu estava esperando que você tivesse um segundo.

Colocando seu marcador vermelho para baixo, ela sorri. — Para você, eu tenho vários.

Eu devolvo o sorriso dela. — Eu quero falar sobre Phoenix.

Sua testa se enruga. — Oh não. Não está dando certo? Eu sei que ele pode ser difícil...

— Não. Phoenix é ótimo. Ele tem trabalhado muito duro.

Ela acena. — Isso ele é. O ensaio que ele entregou foi excelente. Eu nem sabia que ele era um músico.

— Ele é um músico incrível. — Eu limpo minhas palmas úmidas no meu jeans. — No entanto, há um problema. Não é culpa dele, mas é definitivamente a razão por trás de suas notas ruins.

Sua expressão aperta. — Você está se referindo à vida doméstica dele porque eu tentei marcar uma reunião com o pai dele...

— Não. Estou falando sobre sua dislexia.

Ela está visivelmente confusa com isso. — Sinto muito, mas você deve estar enganada. Phoenix não tem dislexia.

— Sim, ele tem. — Eu lambo meus lábios secos. — É por isso que ele está lutando tanto. Ele disse que as palavras ficam todas confusas. Na primeira noite em que estudamos, ele não conseguia nem ler a primeira página de um ensaio.

Sua boca abre e fecha em choque antes de falar. — Ele nunca... como é que eu não soube disso? Eu teria feito questão de conseguir ajuda para ele...

— Phoenix não quer que ninguém saiba. Ele está... envergonhado.

Ela esfrega a testa. — Ele entregou tarefas antes que eram muito boas. Não entendo como isso aconteceu. — Seus olhos se estreitam. — A menos que ele não seja o único que fez o trabalho.

— Não — eu digo rapidamente. — Ele obtém da biblioteca versões em áudio dos livros que lemos em sala de aula. Ele também usa um aplicativo em seu telefone que lê em voz alta para que ele possa fazer a lição de casa. Quanto aos testes... ele tenta o seu melhor para adivinhar as respostas.

— Eu não posso acreditar que eu não sabia disso. Sempre que eu pedia para ele ficar depois para que eu pudesse ajudar, ele parecia estar se concentrando, mas nunca parecia saber as respostas. Achei que ele simplesmente não estava processando. Não que ele tivesse problemas para ler. Ela cruza os dedos. — Eu vou marcar uma reunião com o diretor. Se o atrasarmos mais um ano, posso garantir que ele receba a ajuda...

— Conheço uma maneira muito melhor de ajudá-lo.

Seu nariz torce. — O que você quer dizer?

Eu não posso esperar que ela adapte a final para ele ou algo assim.

Eu só quero que ela dê a ele uma chance de lutar.

— Comprei para ele uma caneta de leitura. Basicamente, ele escaneia uma frase e a lê em voz alta. Espero que você o deixe usá-lo para a final... e deixe-o fazer depois da escola para que ninguém mais saiba.

Seus olhos se arregalam. — Ah... isso é. — Ela balança a cabeça. — Quero dizer, se ele tivesse um PEI, eu não teria nenhum problema em acomodar suas necessidades, mas...

Eu puxo as armas grandes. — Você me disse uma vez que Phoenix não se formar faria mais mal do que bem... e você estava certa. Eu sei que isso é pedir muito, e isso significa que você terá que ficar depois, o que exigirá ainda mais do seu tempo, mas eu sei que ele vai passar. *Por favor*, não deixe que algo que não é culpa dele o detenha.

Eu posso vê-la refletindo sobre isso antes de falar. — Tudo bem. Eu vou permitir. Mas a caneta de leitura *apenas*. Sem telefones, sem tablets... sem outros dispositivos. E ele não deve sair desta sala de aula quando começar a final. Estamos entendidas?

— Absolutamente.

Dou um suspiro de alívio enquanto me arrasto em direção à porta.

— Lennon? — ela chama antes de eu sair.

— Sim? — Eu pergunto, esperando que ela não mude de ideia.

— Estou feliz por ter juntado vocês dois. Parece que você fez muito bem para ele. Espero que ele saiba o quão sortudo ele é.

Meu peito se contrai. Porque eu sinto *que eu sou* a sortuda.



Eu não vi Phoenix nos corredores depois que falei com a Sra. Herman, então decido esperar no carro dele depois da escola. Dessa forma, posso contar a ele a boa notícia pessoalmente.

Querendo passar o tempo até ele chegar, eu tiro meu diário e uma caneta da minha bolsa.

A maioria das letras que eu rabisco aqui não são muito boas e eu *nunca* as compartilharia com ninguém.

Especialmente meu pai, porque elas não são nem de longe tão boas quanto as dele.

Eu teria medo de aumentar suas esperanças sobre sua filha compartilhar seu dom... apenas para acabar desapontando-o quando ele as ouvisse.

Não que ele fosse *me* dizer isso.

Tirando isso... escrever músicas é catártico.

Uma maneira de purgar um pouco da dor.

Canalizar minhas emoções e sentimentos em algo que me cure.

É como minha própria forma secreta de terapia.

Estou tão interessada no que estou trabalhando que não percebo que Phoenix saiu do prédio até que ele esteja a meio caminho de seu carro.

No entanto, ele não está sozinho.

Sasha Williams está ao lado dele. E assim como sua amiga Sabrina, ela é linda e magra.

Ao contrário de mim, ela parece pertencer a ele.

Alguém com quem ele não se importaria de ser visto em público... e de tocar em particular.

Sentindo-me estúpida, vou até o bicicletário para poder pedalar até minha casa e ficar de mau humor com um pote de sorvete, mas Phoenix me vê.

— Lennon. — Seus passos aumentam até que ele está na minha frente. — Tudo certo?

— Sim.

Sasha se esgueira ao lado dele então, e é claro que minha presença a incomoda porque ela parece ter cheirado algo podre.

Coloquei a combinação para o cadeado da minha bicicleta. — Eu tenho algumas boas notícias... mas posso te contar outra hora.

— Mudança de planos — diz ele. — Estou ocupado esta noite.

Claro, ele me trocaria por Sasha.

— Ok... — eu começo a dizer, mas então percebo que ele não está falando comigo.

Ele está falando com *ela*.

O olhar no rosto de Sasha deixa claro que ela está igualmente chocada com isso. — Espere... você está falando sério?

Ele nem sequer olha para ela quando fala. — Sim.

A indignação se espalha por suas feições bonitas. — Isso é... você é um idiota. — Jogando o cabelo ruivo por cima do ombro, ela murmura: — Divirta-se saindo com butterball[4].

— Pontos para criatividade nisso — eu digo para ela recuando.

— A maioria das pessoas apenas me chama de bunda gorda.

— A maioria das pessoas são idiotas, — Phoenix murmura baixinho. — De qualquer forma, foda-se essa cadela. E aí?

— Falei com a Sra. Herman. — Não consigo conter meu sorriso. — Ela não apenas concordou em deixar você fazer a prova final enquanto

usa a caneta... ela concordou em deixar você fazer depois da aula.

Seu queixo cai. ─ O que? Você está falando sério?

Eu aceno com tanta força que fico tonta.

E essa tontura só cresce quando Phoenix envolve seus braços em volta de mim.

Oh. Meu. Deus.

Phoenix Walker está me *abraçando*.

Juro que meus pés quase levantam do chão enquanto encho minhas narinas com o cheiro de terra dele antes que ele quebre o contato.

─ Obrigado. Muito foda. ─ Ele gesticula para minha bicicleta.

─ Vamos enfiar essa coisa no meu porta-malas.

─ Acho que não vai caber. ─ Eu balanço minha cabeça, me sentindo perplexa em todas as formas possíveis. ─ E *porquê*?

Ele olha para mim como se eu tivesse brotado outra cabeça. ─ Então podemos pegar um pouco de comida e ir para a casa do Storm. A menos que você prefira deixá-la aqui... só não me culpe se for roubada.

Agarrando o guidão, ando com minha bicicleta até o carro dele. ─ Tem certeza que quer começar a estudar tão cedo?

Ainda é dia.

─ Porra, não. ─ Abrindo a porta traseira de seu Toyota, ele tira algumas cordas elásticas. ─ Eu tenho feito bastante disso ultimamente. Eu quero curtir.

*Sim*. Este dia está ficando cada vez mais estranho.

Da melhor maneira absoluta.

─ Oh.

Tomando minha bicicleta de mim, ele a coloca em seu porta-malas e a prende com os elásticos. ─ O que? Você tem algo melhor para fazer?

─ Não. ─ Eu coloco minha bolsa no meu ombro. ─ Estou totalmente a fim de sair.

Eu tenho que morder o interior da minha bochecha para não sorrir quando entro em seu carro.

*Realmente somos amigos*.

# CAPÍTULO 9

## LENNON

— Como, você não está comendo seu hambúrguer? — Phoenix questiona com a boca cheia do que ele está enchendo o rosto.

*Porque é o equivalente a dar uma cagada gigante na sua frente*.

Paramos em um fast-food a caminho da casa do Storm e, apesar de eu dizer a ele que não queria nada, ele me pediu um hambúrguer completo de qualquer maneira.

Ele disse que era o mínimo que podia fazer por eu ter convencido a Sra. Herman de concordar em deixá-lo usar a caneta.

— Eu realmente não estou com fome — eu minto.

Estou tão faminta que meu estômago está legitimamente roncando pela primeira vez. Conversei com a Sra. Herman durante o almoço e quando finalmente cheguei ao refeitório, a campainha tocou.

— Estivemos na escola o dia todo. — Uma gota de ketchup escorre por seu queixo esculpido e santo inferno, eu nunca tive o desejo de lamber algo profundamente na minha vida. — Não tem como você não estar com fome.

— Eu realmente não estou — eu minto novamente, só que desta vez meu estômago me trai porque ele rosna... alto.

Dando-me um olhar que diz... *Eu avisei*, Phoenix pega o hambúrguer na mesa improvisada à nossa frente. — Coma a porra do hambúrguer, Lennon.

Eu o pego, mas tenho dúvidas enquanto o desembrulho porque isso é um grande negócio.

Todo mundo sabe que a comida é o que engorda, então não é

preciso dizer que quando uma pessoa gorda come na frente de quem não é, ela está sendo julgada.

Como se devêssemos comer apenas saladas e vegetais.

Porque não merecemos mais saciar e desfrutar da comida, pois abusamos dela e nos deixamos levar.

Completamente irritado, Phoenix coloca seu hambúrguer meio comido na mesa.

— Você não é magra.

Eu quero. Morrer.

— Mas você é humana — ele continua, para meu embaraço. — E os humanos precisam comer quando estão com fome. Então, ou pega aquele hambúrguer, ou te levo para casa. Porque pelo menos eu sei que você não vai passar fome lá.

Estou dividida entre querer sair correndo por aquela porta e querer chamá-lo de idiota por ser tão franco.

No entanto, há algo a ser dito sobre ele me ver exatamente como eu sou... e não me julgar por isso.

Eu dou uma pequena mordida. — Feliz?

Ele pega seu hambúrguer. — Quase. Coma mais.

Estou desesperada para mudar de assunto, então examino meu cérebro em busca de outro assunto enquanto dou outra mordida. Quase engasgo quando percebo. Phoenix nunca mencionou isso, mas é meio importante.

— Qual é o nome da sua banda?

Seus lábios se contorcem quando ele termina sua comida.

— Sharp Objects.

— Isso é... — *Estranhamente perfeito* — Como você chegou a isso?

Olhos azuis perfuram os meus. — Storm e eu... temos a tendência de machucar as pessoas... cortá-las com nossas palavras e ações. Então, cabe. — Ele limpa as mãos com um guardanapo. — Isso e uma

nota aguda é algo que você não pode deixar de prestar atenção.

— Porque é um tom mais alto, — eu sussurro. — Especial.

*Assim como ele é*.

— Exatamente. — Seu olhar cai para o hambúrguer agora meio comido que eu coloquei na mesa enquanto ele estava falando. — Você vai terminar isso?

Normalmente eu não só terminaria, eu perseguiria com mais dois.

Mesmo que eu tenha um metro e sessenta e cem quilos... eu não consigo encontrar o botão de desligar quando se trata de comida.

Eu como muito porque estou tentando preencher um vazio.

Porque me dá uma falsa sensação de felicidade... mesmo que sempre se transforme em vergonha depois.

Mas esse não é o caso agora. Mesmo que mentalmente, estou *morrendo de vontade* de terminar o resto. Fisicamente, estou satisfeita.

— Não. Estou realmente cheia.

Começo a embrulhar o hambúrguer restante, mas Phoenix o pega. — Nesse caso, mais para mim.

Revirando os olhos, eu rio. Achei que meu apetite era insaciável, mas não tem nada em relação ao dele.

Só *ele* tem a vantagem de ter um metabolismo rápido porque é comprido e magro.

*Impecável*.

Eu o sinto me estudando atentamente enquanto ele termina o resto da minha comida. — Qual é o problema com aquele caderno em que você estava escrevendo antes?

Eu me mexo desconfortavelmente. Sinto que poderia contar qualquer coisa a Phoenix neste momento, mas o que está lá é privado.

Além disso, a última música que estou escrevendo é sobre *ele*.

— Não é nada. Eu apenas rabisco coisas às vezes.

Isso só parece interessá-lo mais. — Que tipo de coisa?

Minhas palmas começam a suar, então eu as limpo no meu jeans. ─ Nada. Não é grande coisa.

Eu gostaria que ele pegasse a dica e a deixasse cair.

Mas ele não faz isso.

─ Se não for grande coisa, então me diga.

*Jesus*. Ele é como um cachorro tentando desenterrar um osso enterrado a dois metros de profundidade.

─ Você pode parar? ─ Eu ataquei com muito mais hostilidade do que o necessário. ─ Não é da sua maldita conta.

Visivelmente insultado, ele passa a mão pelo cabelo. ─ Desculpa por perguntar, porra.

É óbvio que o ofendi e me sinto terrível. Ele estava apenas tentando me perguntar sobre algo que viu, e não só não respondi, como mordi sua cabeça.

Estou prestes a me desculpar, mas então me dou conta de que também há algo que eu estava morrendo de vontade de saber sobre ele. Talvez pudéssemos trocar segredos.

─ Eu vou te dizer o que está no meu caderno se você me disser como você sabia onde eu morava.

Agarrando um maço de cigarros do caixote, ele leva um à boca. Está na ponta da minha língua dizer a ele que fumar é uma maneira infalível de arruinar sua voz incrível, mas então ele diz: ─ Eu fiz alguns trabalhos de paisagismo para sua vizinha, Sra. Palma, no verão passado e vi você lá fora.

─ Oh.

Estou feliz que ele finalmente me contou, mas ele definitivamente está conseguindo o segredo mais suculento deste negócio.

*Aqui vai nada*. ─ Eu meio que... meio que... escrevo músicas.

Sua expressão permanece neutra enquanto ele acende o cigarro. ─ Você quer dizer como letras? Ou música?

— Ambos.

Ele esfrega a mandíbula, me dissecando. — Quero ouvi-las.

Prefiro engolir pregos do que cantar uma de minhas músicas para ele, mas estou disposta a me comprometer.

Eu pesco meu caderno da minha bolsa. De jeito nenhum eu iria mostrar a ele *todas as* minhas músicas, mas há uma que é a minha favorita.

Embora seja incrivelmente pessoal... e meio estranho.

— Aqui. — Eu viro para a página em que está. — Você pode ler esta aqui.

Eu quero me chutar no momento em que as palavras saem da minha boca.

Estou prestes a sugerir que ele use a caneta que eu dei para ele, mas ele pega o caderno de mim e o fecha.

— Eu tenho problemas para ler, lembra? Isso inclui ler música.

Como isso é possível? — Mas você toca piano.

Tive aulas de piano por três anos e aprender a ler música não era apenas necessário, era um requisito básico.

Ele aponta para os ouvidos. — Porque eu tenho isso.

*Puta merda*. Eu sei que existem músicos que só tocam de ouvido, mas geralmente são aqueles que fazem isso há décadas.

Por outro lado, uma vez ouvi dizer que algumas pessoas com dificuldades de aprendizagem são incrivelmente talentosas em outras áreas.

É claro que é o caso de Phoenix.

Cada célula que ele compõe vive, respira e cria música.

É por isso que ele foi colocado nesta terra.

— De qualquer forma — ele continua, como se o que ele disse não fosse grande coisa. — Quero a experiência completa. — Ele projeta o queixo para os instrumentos dispostos do outro lado da sala. — Não sei

do que você vai precisar, mas sirva-se do que quiser.

Eu balanço minha cabeça porque isso está completamente fora de questão. ─ Absolutamente *não...*

─ Vamos, groupie. ─ Ele apaga o cigarro em um cinzeiro próximo. ─ Você não pode me dizer que escreve músicas e não tocar nenhuma para mim. É como dizer a uma criança que você tem doces, mas não vai compartilhar nenhum com eles.

Ele tem um ponto, mas ainda assim. Não quero compartilhar algo tão pessoal.

*Não quero que ele ria de mim*.

─ Não.

Phoenix não está desistindo, no entanto. ─ Eu toquei para você.

É verdade. Ele fez. E ele foi fenomenal.

No entanto, minha voz não é rouca e ao mesmo tempo suave e aveludada como *a dele*.

A minha é áspera e rouca. Como se meu alter ego fosse uma fumante de setenta anos chamada Bertha que tem uma dor de garganta perpétua.

─ Tanto a minha voz quanto a música são estranhas, ─ eu o advirto.

─ Eu gosto de estranho. ─ Aqueles orbes azul-gelo se aguçam em mim, sugando todo o oxigênio da sala. ─ E eu amo sua voz.

Estou sem palavras, qualquer argumento que eu tenho desaparecendo no ar.

Porque Phoenix Walker está olhando para mim como se *eu fosse* a talentosa nesta sala.

Minhas pernas parecem gelatina quando me levanto.

*Vamos torcer para não decepcioná-lo*.

# CAPÍTULO 10

## PHOENIX

Existe o estar nervosa... e estar petrificada.

Lennon é inquestionavelmente a última agora.

Eu nunca vi essa garota sequer suar, então vê-la se excitar é estranho como o inferno.

*Cristo*. Parece que vai vomitar a qualquer momento.

Estou prestes a perguntar se ela quer um balde enquanto caminha atrás do teclado. — Eu não toco tão bem quanto você.

Eu não dou a mínima para o quão bem ela pode tocar. Eu só quero ouvi-la cantar novamente.

Dado que sou mais de 30 centímetros mais alto que ela, o microfone está posicionado acima de sua cabeça. — Abaixe o microfone.

O olhar que ela me dá deixa claro que ela não quer.

Merda. Eu quero ouvir cada som que sai de sua boca.

— Prometa que não vai rir, — ela diz enquanto o ajusta. — Na verdade, prometa que não vai dizer *nada*.

Eu sou um idiota, mas não quando se trata de música. Eu sei em primeira mão que é preciso muita coragem para desnudar sua alma na frente dos outros.

— Eu não vou rir.

Não, a menos que ela esteja prestes a começar a tocar música de palhaço.

Seu olhar repousa sobre o teclado enquanto seus dedos começam a se mover, enchendo a garagem com um som melódico escuro que tem um toque de presença.

Eu mudo para a beira do sofá, porque ela já tem toda a minha atenção.

E então ela começa a cantar.

*I’m tough as a nail*
*Eu sou duro como um prego*
*Sharp as a blade*
*Afiado como uma lâmina*
*But I’m still lying here…*
*Mas eu ainda estou deitada aqui...*
*In the mess you made.*
*Na bagunça que você fez.*

*Jagged and broken*
*Acidentado e quebrado*
*Dull and washed out.*
*Aborrecido e desbotado.*
*Everywhere I turn…*
*Em todos os lugares que eu viro...*
*I breath you in and bleed you out.*
*Eu respiro você e sangro você.*

*Because I’m suppoused to be the cutter*
*Porque eu deveria ser o cortador...*
*But you’re the one who cut me.*
*Mas foi você quem me cortou.*

*Fuck the memories I’ll never have.*
*Foda-se as memórias que eu nunca terei.*
*Fuck the pain of your knife.*

*Foda-se a dor da sua faca.*
*Fuck these feelings you left me with…*
*Foda-se esses sentimentos que você me deixou...*
*Fuck this thing they cal life.*
*Foda-se essa coisa que eles chamam de vida.*

Eu não mexo um músculo quando a música chega ao fim. Eu *não posso*.

Porque Lennon Michael apenas me deixou duro sem sequer me tocar.

Sua voz baixa e sensual envolveu meu pau e puxou.

E nem me faça começar com as letras. Elas são dolorosas e reais...

São a mais pura forma de arte.

Isso combinado com a melodia lenta e nervosa que se construiu em um crescendo hipnótico a cada verso até chegar dentro de seu peito e arrancar seu coração pulsante…

*Porra*. A menina tem um dom.

Evitando o olhar, ela caminha de volta para o futon.

Como se ela não tivesse feito algo que me deixou sem fôlego e querendo mais.

— Lennon.

Eu sei que ela não quer que eu diga nada, mas eu *preciso*.

Se só assim ela vai transferir metade da crença que ela tem em mim para si mesma.

Eu me viro para encará-la. — Aquilo foi…

Palavras não fazem justiça.

— Eu… você…

Merda. *Sou eu que estou* tropeçando nas minhas palavras agora.

Eu limpo minha garganta. — Você escreveu isso? Por você mesma?

Eu não vou julgá-la se ela teve ajuda de seu pai. Isso torna o que acabei de testemunhar não menos incrível.

— Sim. — Seu rosto aperta. — Porquê?

Meu joelho bate no dela quando me aproximo. — Isso foi pe...

— E aí, filho da puta? — Storm intervém.

Seu olhar pousa em Lennon enquanto ele entra na garagem. — Ei, groupie.

Meus olhos saltam para os dele enquanto a irritação percorre minha espinha.

Eu tenho o desejo repentino de andar até lá e lançar meu punho no rosto do meu melhor amigo.

Lennon é *minha* amiga. Não dele.

Não incomodada por ele chamá-la com o meu apelido, Lennon sorri. — Ei.

Acendendo um baseado, Storm me olha novamente. — Temos que praticar.

O rosto de Lennon se ilumina. — Posso ficar e assistir?

— Sim — eu digo ao mesmo tempo que Storm faz.

De pé, ela puxa o lábio inferior entre os dentes. — Hum... desculpe, mas posso usar seu banheiro primeiro?

Storm gesticula para a porta pela qual acabou de passar.

— Segunda porta à direita. Vovó está preparando o jantar, o que significa que ela não vai deixar você passar até que você experimente um pouco do molho dela. Considere-se avisada.

Depois que Lennon sai, seu olhar faz pingue-pongue entre mim e a porta. — Qual é o problema com vocês dois?

Quero dizer-lhe para largar o baseado porque está matando as células do cérebro.

— Ela está me ensinando, — eu o lembro.

Ele dá uma longa tragada no baseado antes de cortá-lo. — Não parecia que ela estava te ensinando quando eu entrei. — Sua expressão fica curiosa. — E pela última vez que verifiquei, você não traz garotas

para praticar.

Porque é muita distração. A única vez que trouxe uma garota para um, acabei parando antes para que pudéssemos foder no meu carro.

Eu não tenho esse problema com Lennon.

Mas ao contrário daquelas garotas que não conseguem nem nomear suas cinco principais bandas de rock favoritas – ou me dizer a diferença entre rock alternativo e heavy metal – Lennon pode citar cinquenta de cabeça *e* citar suas músicas do lado B.

Ela também parece gostar genuinamente de nos ouvir tocar, o que é um bônus adicional.

— Eu...

— Irmão, está tudo bem. — Ele caminha até sua bateria. — Estou bem com isso.

Eu não dou a mínima para que ele esteja bem com isso. Não preciso da aprovação dele.

Além disso, não há nada acontecendo entre nós.

— Não há nada para se estar bem. — digo a ele enquanto ando até o pedestal do microfone e o ajusto. — Lennon é tranquila, mas não é assim. Nós somos amigos.

— Se você diz — Storm murmura atrás de mim.

Inclinando minha cabeça, eu olho para ele. — Você é realmente tão estúpido, idiota? Ela não é a porra do meu tipo.

— Tudo bem, cara. Caralho. Vamos tocar porra.

# CAPÍTULO 11

## LENNON

— Tudo vai dar certo — digo a ele enquanto caminhamos pelo corredor até a sala da Sra. Herman.

Phoenix não parece convencido.

Eu sei que ele está nervoso, porque o que acontece naquela final determina seu destino.

Mas eu *sei* que ele vai passar.

— Eu vou te pagar o jantar depois para que possamos comemorar — eu tagarelo, esperando aliviar um pouco de sua ansiedade.

Não funciona. Quando chegamos à sala de aula, ele parece estar a dois segundos de dizer *foda-se* e fugir.

Agarrando-o pelos ombros, olho para ele. — Você entende isso, está me ouvindo? Você vai fazer dessa final sua vadia porque você é o filho da puta do Phoenix Walker.

Sou grata pelo corredor estar vazio porque gritei essa última parte.

Não que eu me arrependa porque consegue arrancar um sorrisinho dele.

A Sra. Herman coloca a cabeça para fora da porta. — Está tudo bem aqui?

— Sim — eu respondo.

Ela olha entre nós. — Vou dar a vocês mais dois minuto para se despedirem. Então preciso que você entre para poder começar.

Com isso, ela desaparece.

A voz de Phoenix é tão baixa que quase não o ouço. — E se eu falhar?

— Você *não vai*. — Fechando a distância entre nós, dou-lhe um abraço rápido. — Eu acredito em você. — Eu ando para trás. — Agora entre lá e chute o traseiro daquela final. Estarei esperando por você na sala da banda.

Faço uma oração silenciosa para que tudo funcione a seu favor enquanto ele entra.

—*Lennon é tranquila, mas não é assim. Somos amigos*.

O final da conversa que ouvi outro dia ecoa na minha cabeça quando entro na sala da banda.

Talvez devesse ter doído porque eu tenho sentimentos por ele, mas ele disse que éramos amigos. E eu sempre soube que isso é o máximo que uma garota como eu poderia esperar quando se trata de Phoenix.

Sento-me no banco do piano.

— *Você é realmente tão estúpido, idiota? Ela não é a porra do meu tipo.*

Essa é a parte que doeu.

Mesmo que ele não tenha me insultado, ouvi-lo dizer essas palavras ainda parecia um soco no coração.

*Porque é a verdade*.



Eu toco há tanto tempo que meus dedos estão começando a ficar com cãibras.

Olho para o relógio na parede. Ele está lá há mais de duas horas.

Um pensamento horrível bate em mim.

E se ele já foi embora? *Porque ele falhou*.

Não. De jeito nenhum. Recuso-me a sequer cogitar a ideia.

Estou no último verso da música em que estou trabalhando quando a porta se abre.

Estou de pé tão rápido que o banco quase tomba.

Eu não sei o que fazer com sua expressão, ou o fato de que ele está apenas parado ali... sem dizer uma palavra.

Mas então ele me dá o maior e mais lindo sorriso que eu já vi na minha vida.

— Eu tirei oitenta e um.

Uma onda de euforia surge através de mim, e eu corro. Estou tão feliz que sinto que poderia explodir com a força disso.

Eu jogo meus braços ao redor dele. — Eu *sabia* que você ia passar. — Eu agarro seu rosto. — Não duvidei nem por um segundo. Você é...

Lábios macios colidem contra os meus.

Estou dividida entre querer me beliscar porque não tem como isso ser a vida real, e não querer me mover ou respirar nunca mais... porque este é um sonho do qual eu *nunca* quero acordar.

Ele faz um barulho no fundo da garganta e minhas costas batem contra a parede. É quando eu percebo que isso não é uma alucinação, afinal.

Phoenix Walker está me *beijando*.

Minha boca se abre e sua língua desliza ardentemente, saboreando a minha.

Estou tão perto do sol que fico em chamas.

Eu tinha treze anos quando dei meu primeiro – e até agora último – beijo foi num cara chamado Kelly, que estava visitando seus avós no verão. Foi estranho, desleixado... e nem perto de como eu sempre imaginei que o momento mágico seria.

Mas *esse* beijo? É tudo que eu sempre quis e mais um pouco.

Ele está me beijando como se estivesse morto de sede e eu fosse a única gota de água em quilômetros. Eu arqueio contra ele enquanto sua língua empurra mais fundo e sua mão segura a lateral do meu pescoço, me mantendo lá... como se ele estivesse com medo de que eu pudesse

escapar.

Mas o prédio poderia explodir - inferno, a terra poderia explodir - e eu ainda não poria fim a esse beijo.

No entanto, *ele* faz.

Seus olhos estão arregalados enquanto ele se afasta de mim lentamente... como se estivéssemos em um apocalipse e ele acabasse de descobrir que eu sou um zumbi.

Não consigo diferenciar se a expressão em seu rosto é de choque ou horror.

Talvez minhas habilidades de beijo sejam piores do que eu pensava, e eu estraguei alguma coisa?

Não tenho certeza do que deu errado. A única coisa que *tenho* certeza agora é que ele se arrependeu.

— Phoenix…

Como se o som da minha voz fosse algum tipo de alarme avisando-o de um perigo iminente, ele se vira e sai correndo pela porta.

Enquanto eu fico parada lá, me perguntando o que diabos acabou de acontecer...

E o que eu fiz de errado.



Mais tarde naquela noite - depois de debater por horas - eu finalmente desisto e mando uma mensagem para ele.

**Lennon:** Estou orgulhosa de você.

Sim, nós nos beijamos. Mas não tem que arruinar nossa amizade.

Ele pode atribuir isso a um erro que cometeu devido à sua empolgação por passar na final... e eu posso atribuir isso ao melhor

momento da minha vida.

Então podemos voltar ao normal.

Só que não podemos…

*Porque ele nunca respondeu*.

# CAPÍTULO 12

## LENNON

Faz três dias desde que Phoenix me beijou e foi embora. Eu sabia que ele precisava de algum espaço, mas imaginei que ele superaria no dia seguinte e estaríamos bem novamente.

Isso não aconteceu, no entanto. Ele não apenas me evitou como uma praga na escola *e* depois, ele ainda não retornou meu texto.

Eu não quero parecer pegajosa, mas eu realmente sinto falta do meu amigo.

É por isso que acabo mandando outra mensagem para ele.

**Lennon**: Parabéns.

Estaremos nos formando em menos de uma hora, então tenho *certeza* que ele vai acabar com esse tratamento de silêncio e me dizer o mesmo.

Sem essa sorte. Assim como o meu último, não recebo resposta.

— Lennon, vamos chegar atrasados, — meu pai grita do andar de baixo.

Olhando no espelho, termino de prender o estúpido gorro azul na minha cabeça. — Eu já estou terminando.

Eu verifico meu telefone uma última vez antes de jogá-lo na minha bolsa. Ele não pode me evitar para sempre. Não só vou vê-lo na formatura, ele estará na festa hoje à noite.

Olho para a roupa pendurada na porta do meu armário. Normalmente, uso camisetas e jeans, mas decidi sair da minha zona de

conforto e comprar um vestido novo para esta noite. É curto, linha A[5] e preto. Eu adoro porque o fundo se alarga, dando à minha figura uma forma lisonjeira. Além disso, a cor escura emagrece.

Acabei confiando na Sra. Palma sobre Phoenix porque eu realmente precisava desabafar. Depois de me dizer que os meninos são estúpidos e que ele tinha caído em si, ela se ofereceu para me ajudar a fazer meu cabelo e maquiagem para a festa.

Não tenho a ilusão de que usar um vestido e maquiagem fará Phoenix cair aos meus pés, mas se ele não tirar a cabeça da bunda, então esta noite será a última noite em que nos veremos.

Portanto, eu poderia muito bem parecer o meu melhor.

— Lennon — meu pai grita novamente. — Vamos lá.



Fico temporariamente cega com o flash da câmera do meu pai graças a ele tirando nada menos que mil fotos minhas andando pelo palco.

Felizmente, minha visão voltou ao normal quando chegou a vez de Phoenix. De alguma forma, ele até consegue fazer o boné e o vestido feios parecerem sexy. Meus colegas de classe e eu explodimos em aplausos quando ele aceita seu diploma. Quando olho de volta para a platéia, vejo a avó de Storm de pé e gritando com seu coração enquanto ela tira algumas fotos.

Tanto quanto eu posso dizer, ela é a única *mãe* aqui para ele.

Logo depois que ele se afasta, o locutor nos diz para mover nossas borlas para o outro lado e nos declara oficialmente formados no ensino médio.

Estou emocionada quando podemos jogar as tampas no ar porque aqueles malditos alfinetes estavam começando a me dar dor de cabeça.

Parece uma eternidade quando todos saem da tenda enorme sob a

qual a cerimônia ocorreu.

Eu localizo meu pai instantaneamente assim que saio... porque ele está segurando o maior buquê de flores que eu já vi na minha vida.

Correndo, ele me abraça tão forte que dói. ─ Estou tão orgulhoso de você, cara de macaco!

Eu rio em sua camisa porque ele está fazendo um negócio maior do que o necessário. ─ Obrigada.

Depois que ele finalmente me solta, ele me entrega o gigantesco buquê. É tão grande que preciso de duas mãos para segurá-lo. ─ Eu disse ao florista para me dar as flores mais bonitas da loja porque minha filhinha não merece nada menos.

Ela certamente o fez. Não só há uma *variedade*, cada flor é tão vívida e bonita.

─ Elas são lindas, pai.

Com o canto do olho, vejo Storm, sua avó e Phoenix conversando. Eu realmente quero caminhar até lá, mas apesar de estar a apenas três metros de distância, ele não está olhando na minha direção.

─ Dartmouth, aqui está você, ─ meu pai diz, chamando minha atenção de volta para ele.

Orgulho puro ilumina seu rosto enquanto ele sorri de orelha a orelha, mas os nervos se enrolam na minha barriga com o pensamento de me afastar do único pai que me resta. ─ Eu posso ficar aqui.

─ Absolutamente não. Não há problema em ter medo, mas não pode deixar esse medo impedir você de experimentar a vida. ─ Inclinando-se para frente, ele beija minha testa. ─ Além disso, você estará em casa todos os feriados e no verão.

No fundo, eu sei que ele está certo. É hora de eu crescer.

Sair deste pequeno aquário que é Hillcrest e pular no oceano.

Ele coloca o braço em volta dos meus ombros. ─ Vamos, vamos almoçar.

Eu bato meus cílios. ─ Podemos ir àquele lugar de frutos do mar que eu gosto?

É super caro, mas eles têm a *melhor* lagosta.

─ Podemos ir aonde você quiser.

Estamos prestes a sair, mas eu paro meus passos e entrego a ele meu buquê. ─ Você pode segurar isso por um segundo?

Em uma tentativa desesperada de salvar nossa amizade mais uma vez, eu puxo meu telefone da minha bolsa e mando uma última mensagem para ele.

**Lennon**: Eu sabia que você conseguiria.

Meu coração aperta quando vejo Phoenix olhar para seu telefone... antes de enfiá-lo de volta no bolso.

# CAPÍTULO 13

## PHOENIX

Murmuro uma maldição quando cometo o erro de rolar na cama. Mesmo que a dor aguda e lancinante se espalhando pelo meu lado agora tenha se reduzido a uma dor surda, colocar pressão sobre ela não era uma boa ideia.

Estou feliz que não houve mais danos. *Filho da puta bêbado*.

O treino com Storm durou até as três da manhã, e eu tive que acordar cedo para a cerimônia de formatura hoje, então eu estava muito cansado.

No momento em que cheguei em casa, fui direto para o meu quarto e desmaiei.

Apenas para ser acordado horas depois por um bastão atingindo meu quadril.

O idiota só conseguiu um golpe antes que eu o arrancasse dele e lhe desse um soco no rosto com tanta força que o nocauteei.

Depois disso, arrastei sua bunda inconsciente para o corredor.

É quase meia-noite agora, e o bastardo *ainda está* desmaiado.

Agarrando meu telefone, percorro meus textos, parando no que recebi de Lennon mais cedo.

Eu deveria responder, mas não sei o que dizer.

Porque eu realmente fodi tudo.

Eu disse a ela para não fazer merda complicada, e então eu fiz *beijando-a*.

Droga. Isso foi tão estúpido.

Não somos apenas amigos, estou prestes a ir embora.

Nosso show no Voodoo é daqui a quatro dias, e uma semana depois disso, Storm e eu estamos indo para Los Angeles.

Mal posso esperar para sair daqui.

Meu telefone vibra e o nome de Storm pisca na tela. O filho da puta provavelmente precisa de uma carona para casa porque ele ficou chapado na festa de formatura.

Clicando no botão verde, eu o trago ao meu ouvido. ─ Você precisa que eu vá até ai e pegue você?

─ Não, cara. Alguma merda acabou de acontecer.

Estou esperando que ele me diga que a polícia foi chamada e metade da nossa turma de formandos foi presa.

─ Você precisa de mim para salvá-lo?

Se for esse o caso, vai prejudicar o nosso fundo de LA.

─ Não essa noite. ─ Ele solta um suspiro. ─ De qualquer forma, eu estava lá fora na banheira de hidromassagem recebendo uma punheta de Sasha. Eu estava prestes a sugerir que entrássemos e fodêssemos, mas então ouvi uma tonelada de comoção.

─ Deixe-me adivinhar, uma briga começou.

Estou me preparando para dizer a ele para não ficar muito desapontado com a interrupção porque Sasha é uma péssima transa, mas então ele diz: ─ Nah. Era sua garota.

*Minha garota*? ─ Você pode ser mais específico?

─ *Lennon,* filho da puta.

Minha mente volta ao que Sabrina disse depois que eu transei com ela na sala da banda.

Eu me afogo na cama. ─ Que porra aconteceu?

Eu estava tão ocupado praticando para o nosso próximo show *e* ignorando-a que esqueci de avisá-la para não ir à festa.

─ Sabrina e um bando de outros idiotas jogaram sujeira de porco nela. Então eles circularam ao redor da pobre garota e fizeram barulho

enquanto alguém ficava gritando, '*Sooey*.' Foi brutal pra caralho.

Jesus Cristo.

— De qualquer forma — acrescenta. — Eu a tenho na minha caminhonete. O que você quer que eu faça com ela?

Ele diz isso como se ela fosse um maldito eletrodoméstico que ele está entregando. Então, novamente, isso é Storm. A única emoção que o filho da puta consegue registrar é a raiva.

Eu pego minhas chaves da minha cômoda. — Estou a caminho.

— Eu vou mantê-la até você chegar aqui. Embora eu deva avisá-lo, a garota ainda não disse nada. Acho que ela está em choque ou algo assim.



A toalha que roubei do banheiro ao sair não vai ajudá-la.

A cabeça de Lennon coberta de dejetos de porco. É tão ruim que está grudado em suas roupas, cílios e cabelos.

Ela mantém o olhar abaixado enquanto eu a ajudo a sair da caminhonete de Storm.

Ela definitivamente precisa de um banho, mas não posso levá-la de volta para minha casa.

Não com *ele* lá.

Também não acho que levá-la para casa seja uma boa ideia. O pai de Lennon realmente se importa com sua filha, então eu não faria ela passar por ele e ele não apenas enlouquecer, mas marchar até aqui e gritar com todo mundo... o que só vai piorar as coisas para ela.

Eu olho para Storm. — Eu posso...

— Não precisa nem perguntar. — Ele gesticula para a casa onde a festa parece que ainda está em pleno andamento. — Eu vou voltar lá e chupar meu pau. Vejo você pela manhã.

Com essas palavras de despedida, ele salta, e eu levo Lennon para o meu carro.

Ela não diz nada para mim no caminho para casa de Storm.



Lennon protesta enquanto eu a conduzo pela porta da frente. — Você pode me levar para casa...

— Meu Deus — Vovó exclama quando ela nos vê, quase derrubando sua xícara de chá. — O que aconteceu?

— Algumas vadias atacaram Lennon em uma festa de formatura.

Como uma mulher cristã do sul que frequenta a igreja por *diversão*, ela geralmente me repreende sempre que eu xingo, mas ela está muito focada em Lennon.

Depois de me entregar seu chá, ela pega a mão de Lennon e a acompanha até o banheiro. — Você vai tomar banho, ervilha doce. Eu lavo suas roupas.

Lennon não está tendo isso, no entanto. — Obrigada, mas não quero dar trabalho. Vou chamar um Uber e...

— Bobagem — Vovó diz, e eu não posso deixar de rir porque não há como discutir com a mulher. — Entre e limpe-se. — Ela abre a porta do banheiro. — As toalhas estão no armário ali.

Percebendo que ela não vai ganhar esta batalha, Lennon admite. — Obrigada. Eu realmente aprecio isso.

Vovó franze a testa depois que a porta se fecha. — Que coisa cruel de se fazer. — Arrastando-se em direção à cozinha, ela solta um longo suspiro. — Que elas apodreçam no inferno. Cada uma delas.

Amém a isso.

Percebo que Lennon vai precisar de algo para vestir enquanto suas roupas estão sendo lavadas, então vou para o quarto de Storm. Vou

direto para a mochila que guardo aqui para quando a merda ficar ruim em casa e eu precisar dormir por alguns dias.

Enquanto estou vasculhando, me deparo com uma camiseta preta desbotada do Papa Roach que vovó me deu de aniversário há alguns anos.

Tenho a sensação de que Lennon vai preferir isso a uma das camisolas horríveis de Vovó.

O chuveiro está ligado quando chego ao banheiro, então abro a porta. ─ Eu trouxe você...

─ Jesus. Você não bate? ─ Lennon grita, rapidamente pegando uma toalha.

Eu pego um breve vislumbre de um sutiã roxo e flashes de tinta antes que ela aperte a toalha em seu corpo.

*Eu serei amaldiçoado* senhorita Inocente. A pequena e eu temos algo em comum.

─ Você tem tatuagens?

Lennon me lança um olhar como se ela quisesse arrancar minha cabeça. ─ Saia daqui!

Porra, porra. Ela não é a primeira garota nua que encontrei. É praticamente uma ocorrência diária.

─ Relaxe, não é nada que eu não tenha visto antes.

Não que eu tenha visto muita coisa em primeiro lugar.

Coloco a camiseta na pia. ─ Eu trouxe algo para você vestir.



Meia hora depois, a porta interna se abre e Lennon entra na garagem. Seu cabelo escuro na altura dos ombros, que geralmente está amarrado, agora está solto e molhado, e ela continua puxando a camiseta para baixo, mesmo que roça seus joelhos. Isso, junto com sua expressão,

deixa claro que ela está desconfortável.

No entanto, ela não está mais coberta de dejetos de porco, então ela deve levar isso como uma vitória.

— Ei.

— Você pode me levar para casa?

Eu *poderia,* mas não quero. Achei que poderíamos curti um pouco.

— Por que você não fica um pouco?

Lennon não gosta disso, porque ela é rápida em encerrar essa ideia. — Não. Eu só quero ir para casa.

Cada vez mais irritado, cruzo os braços. — Espere suas roupas secarem.

— Eu vou voltar e buscá-las amanhã.

Droga. Eu estava esperando que pudéssemos acertar a merda entre nós e voltar ao jeito que a merda era.

— Saia comigo.

Ela ri, mas não há um pingo de humor. — Por que eu iria querer sair com você?

*Cristo*. Esta manhã ela estava me mandando uma mensagem e agora ela está agindo como se não pudesse colocar distância suficiente entre nós.

— Porque somos amigos?

— Nós não somos amigos. — Seus olhos castanhos ficam vítreos. — Amigos não somem dos seus amigos.

Ela está certa, mas antes que eu possa dizer isso, ela passa por mim, indo para a porta externa.

Eu corro atrás dela. Eu entendo que ela está chateada, mas sair no meio da noite vestindo nada além de uma camiseta não é inteligente.

— Lennon.

Eu alcanço seu pulso, mas ela se vira e me empurra. — Deixe-me em *paz*.

— Sei que você está chateada...

— Eu não estou chateada. Estou *mortificada*. — Seu lábio inferior treme e sua voz falha. — Eles despejaram merda de porco em mim.

Estou prestes a lembrá-la de que ela nunca terá que lidar com eles novamente, mas então Lennon faz algo que eu nunca a vi fazer antes…

Ela chora.

# CAPÍTULO 14

## LENNON

Como se estar coberta de dejetos de porco não fosse motivo suficiente para ser humilhada, agora tenho outro.

Sou uma fonte de lágrimas e respirações nervosas que não consigo parar. Eu quero sair correndo por aquela porta e nunca mais voltar, mas Phoenix envolve seus braços em volta de mim.

A vontade de afastá-lo novamente é forte, mas é ofuscada pela minha necessidade de conforto.

E porque ele cheira bem. *Maldito seja*.

Sua voz é um estrondo baixo no meu ouvido enquanto ele aperta seu abraço. — Elas são vadias do caralho.

Isso só me faz chorar ainda mais. Passei a tarde toda me arrumando, esperando não apenas vê-lo, mas também curtir uma noite com meus colegas antes de seguirmos caminhos separados.

Uma noite em que eu não era a garota gorda sendo intimidada... porque pela primeira vez, eu me encaixo.

Mas eu não me encaixo. *Eu nunca vou me encaixar*.

— Eu só queria ficar bêbada e me divertir — eu resmungo contra seu peito, minhas lágrimas saturando o tecido fino de sua camiseta cinza escuro.

— Tenho uma garrafa de Jack no meu carro. — Quando eu olho para cima, sua boca se curva em um sorriso. — Vamos festejar.

Eu não achava que fosse possível rir e chorar ao mesmo tempo, mas eu estou errada. — Muito engraçado.

— Estou falando sério. — Quebrando o abraço, ele anda para trás. —

Acabamos de nos formar no ensino médio, e eu quero relaxar e comemorar com uma das minhas pessoas favoritas. ─ Ele balança as sobrancelhas. ─ Eu volto já.

Eu deveria recusar, já que ele me ignorou nos últimos três dias... mas ele não tinha que aparecer na festa e me pegar.

Também seria bom juntar os pedaços do que sem dúvida foi a pior noite da minha vida.

Sair com meu amigo parece ser uma boa maneira de fazer isso.

Além disso - para grande relutância do meu pai quando discutimos isso - eu não tenho mais um toque de recolher já que não tenho apenas dezoito anos, mas sou formada no ensino médio.

Phoenix volta para dentro segurando uma garrafa de Jack Daniels em uma mão e dois copos vermelhos na outra.

Gesticulando para que eu o siga, ele caminha até o futon.

Eu me sento ao lado dele enquanto ele coloca a garrafa e os copos no caixote na nossa frente.

─ Então, o plano é apenas sentar aqui e ficar bêbado a noite toda? ─ Eu pergunto enquanto ele preenche os dois copos até a metade.

─ Sim. ─ Depois de me dar um, ele bate levemente seu copo contra o meu. ─ Basicamente.

Está bem, eu nunca fiquei bêbada antes, mas isso não parece muito emocionante.

─ Isso não é muito divertido.

Phoenix bufa. ─ Espere até o álcool bater em você.

*Justo o suficiente*. Embora, poderia ser mais divertido se encontrássemos uma maneira de torná-lo mais interessante enquanto isso acontece.

─ Nós deveríamos jogar um jogo.

Sua testa se enruga. ─ Que tipo de jogo?

─ Um jogo de bebida. ─ *Obviamente*. ─ Que tal Eu Nunca? ─ Eu

não joguei pessoalmente, mas é um conceito bastante fácil.

— Basicamente, cada um de nós se reveza dizendo algo que nunca fez antes, mas se a outra pessoa *fez* isso… ela têm que tomar uma bebida.

— Isso soa estúpido, — Phoenix murmura. — Mas, tudo bem. Estou de acordo. Você começa.

Ele não vai pensar que é tão estúpido quando eu ganhar e ele for martelado.

Eu vou com o óbvio. — Nunca cantei no palco.

Isso o surpreende. — Sério?

— Sim.

Meus próprios colegas sempre me baniram, então o pensamento de cantar no palco na frente de um monte de gente que eu nunca conheci antes me assusta pra caralho.

Embora eu estivesse mentindo se dissesse que não queria secretamente saber como é ter todo mundo olhando para você como se você realmente importasse.

*Como se você fosse especial.*

Levando o copo à boca, Phoenix toma um gole. Seus lábios se contorcem com diversão antes de falar.

— Nunca tive um toque de recolher.

Maldito seja.

Tomo um grande gole, o que não foi a melhor ideia, porque começo a tossir quando o líquido âmbar desce pela minha garganta. *Nossa*.

Phoenix ri da minha inexperiência. — Qual é o problema, Groupie? Não consegue lidar com sua bebida?

Lançando-o para fora, eu o pago de volta com um zinger próprio. — Nunca trapaceei em um teste.

— Fofa. — Estreitando os olhos, ele toma outro gole. — Nunca tive despejo de porco jogado em mim em uma festa.

*Ai*. Levando a xícara aos meus lábios, eu levanto o dedo indicador da minha mão livre. ─ Cedo demais.

Meu segundo gole ainda é duro, mas desce muito mais fácil.

Já que ele está sacando as grandes armas, eu também vou.

Eu seguro seu olhar. ─ Nunca fodi uma *vadia* na sala da banda.

─ As garras de alguém estão fora esta noite ─ ele murmura antes de tomar um gole.

O calor corre pelas minhas veias e minha cabeça parece mais leve. ─ Você começou, amigo.

Alcançando seu maço de cigarros, ele leva um à boca e o acende. ─ Nunca gastei uma tonelada de dinheiro em uma porra de uma caneta.

Ele me tem lá. Eu alegremente tomo outro gole. Meu corpo se sentindo bem e aconchegante. ─ Uau, essa coisa é forte.

Seu lindo rosto aperta com preocupação. ─ Você provavelmente deveria desacelerar.

Dane-se isso. Eu quero me divertir.

─ Claro que não ─ eu digo a ele. ─ Eu não tenho um toque de recolher esta noite.

Comemorando essa pequena vitória, tomo outro gole.

Minha mente gira enquanto tento pensar em outra coisa que não fiz que Phoenix fez. Eu rio quando se trata de mim. Deus sabe que seu pau faz o seu caminho.

─ Nunca tive uma orgia.

Phoenix dá outra tragada no cigarro, sem fazer nenhum movimento para pegar a xícara.

Eu aceno para ele. ─ Vamos, amigo. Beba.

─ Nunca tive uma orgia. ─ Um lampejo de humor ilumina seu rosto. ─ Três? Sim. Orgias? Muito trabalho, porra.

Não posso discutir com *essa* lógica.

Eu tomo outro gole. ─ Amém, irmão.

Um toque suave no meu braço me faz estremecer. ─ Talvez devêssemos parar.

─ Obrigada pelo conselho, *pai*. ─ Eu encho meu copo agora vazio de volta. ─ Mas eu não sou um desistente.

Ele faz um som de irritação no fundo da garganta. ─ Certo. Nunca dei um boquete.

O olhar arrogante em seus olhos me diz que ele acha que ganhou esta rodada.

No entanto, eu prefiro acabar bêbada e vomitando meus miolos do que dar a ele a confirmação de que sou uma perdedora que não consegue fazer um cara me deixar chupar ele.

Mantendo minha expressão neutra, tomo um gole.

Ele apaga o cigarro em um cinzeiro próximo. ─ Você *não* deve beber quando não fez alguma coisa, lembra?

─ Eu conheço as regras ─ eu respondo inexpressiva.

A expressão triunfante em seu rosto desaparece e ele fica em silêncio.

Querendo continuar o jogo, procuro no meu cérebro outra coisa que não fiz e que ele fez. ─ Nunca fui presa.

Mais uma vez, Phoenix não bebe.

─ Por que você não está bebendo?

Ele me dá uma piscadela arrogante que faz meu coração acelerar. ─ Porque eu não fui preso.

Estudando-me como se eu fosse um espécime sob um microscópio, seu rosto fica frouxo e ele passa um dedo sobre sua mandíbula afiada, como se estivesse debatendo suas próximas palavras.

─ Nunca fodi um cara.

Por um centavo, por uma libra. Assim como antes, não quero verificar se sou um nerd que não consegue transar.

Então, eu bebo.

— Quem você fodeu?

Há uma ligeira vantagem em seu tom e não tenho certeza do porquê.

Jogando tímida, eu retribuo sua piscadela. — Teríamos que jogar Verdade ou Desafio para isso.

— Verdade ou desafio então.

Ah, merda. — Ok. — Eu engulo. — Verdade ou...

— Você foi a primeira da última vez — ele interrompe enquanto acende outro cigarro. — Verdade ou desafio, groupie?

É evidente que ele não percebeu que há uma maneira fácil de sair disso para mim. — Desafio.

Boom. *Seguro*.

A fumaça do cigarro aceso saindo de sua boca flutua no ar.

— Deixe-me ver suas tatuagens.

O que. O. Porra.

Eu prefiro cantar para ele todas as músicas do meu caderno enquanto estou na frente de toda a nossa turma do que deixá-lo ver *isso*.

Como diabos eu vou sair dessa?

Pensando rápido, percebo que a honestidade é a melhor política. *Mais ou menos.*

— Eu não tenho nenhuma.

É evidente que ele não gosta dessa resposta, mas não há nada que ele possa fazer sobre isso. Ele não pode ver minhas tatuagens porque não há nenhuma.

E agora é minha vez. — Verdade ou desafio?

Não há hesitação da parte dele. — Verdade.

Eu poderia pegar leve com ele, mas estou esperando que se eu puder deixá-lo tão desconfortável quanto ele me fez com seu último pedido, ele concorde em parar de jogar este jogo.

— Por que você me beijou?

Suas narinas se dilatam em uma inspiração, e por um momento eu não acho que ele vai responder...

Mas então ele faz.

— Porque eu quiz.

Pequenos arrepios sobem pela minha espinha e eu pressiono minhas pernas juntas.

Phoenix *queria* me beijar.

Graças a Deus estou tonta porque não tenho ideia de como processar completamente a magnitude disso.

Ele joga o cigarro na xícara e ela assobia. — Verdade ou desafio?

Eu não quero que ele me pergunte o que está no meu corpo, então eu digo: — Desafio.

Parece que ele está espetando minha alma com uma faca cega quando ele profere sua próxima declaração. — Mostre-me a tinta na sua coxa.

Meus lábios se separam em uma inspiração trêmula. Claramente, eu sou a única que é lenta na compreensão porque ele acabou de me superar. *Grande momento*.

Eu não posso fazer isso. Eu *não posso*.

Mas eu tenho. Porque algo me diz que ele não vai me deixar escapar disso.

Eu odeio dizer isso, mas o fato de Phoenix ter dificuldade em ler é um grande bônus para mim agora.

Minhas pernas parecem de borracha quando estou de pé. — Ok.

Eu vou mover a camiseta para cima, mas Phoenix me vence. No segundo que ele me toca, fico tonta.

A frustração rasteja sobre suas feições enquanto ele tenta decifrar as três palavras na parte superior das minhas coxas.

Estou prestes a dizer a ele que seu tempo acabou, mas então ele sai do sofá e se aproxima, inspecionando a tinta.

Ele passa por cima de uma das palavras. O contraste de seu dedo calejado e toque suave envia calor entre minhas pernas.

— Gordura.

Meu coração bate contra minhas costelas.

Franzindo as sobrancelhas, ele lê outro. — Porco. — A raiva colore seu tom enquanto ele pronuncia o último que é visível para ele.

— Bunda gorda.

Levando o polegar à boca, ele o molha... depois o esfrega sobre uma das palavras, tentando apagá-la.

Mas ele não pode. Não tão facilmente assim. — É marcador permanente.

— Por que... — A linha entre as sobrancelhas fica mais profunda e sua voz cai para uma áspera fraca. — Por que você faz isso com você mesma?

Porque é o que eu sou.

*É como todo mundo me vê*.

Piscando para conter as lágrimas, eu afasto sua mão. — Você não pode fazer uma pergunta a menos que eu escolha a verdade. Além disso, é a minha vez. — Eu me sento no sofá. — Verdade ou desafio?

Um músculo em sua mandíbula se contrai. — Desafio.

Meu peito parece que foi rachado, expondo meus segredos mais sombrios. Eu nunca me senti mais vulnerável em toda a minha vida.

Acho justo que ele me deixe ver *seu* segredo.

— Mostre-me onde você mora.

Ele olha para mim como se eu fosse certificável. — Não...

— Acabei de lhe mostrar algo que ninguém mais sabe. Algo incrivelmente pessoal e privado. — *Algo que quase me quebrou*. — O mínimo que você pode fazer é me mostrar o trailer em que você mora.

Mesmo que esteja claro que ele não quer, ele cede. — Certo. — Ele tira as chaves do bolso. — Vamos lá.



A sujeira e o cascalho são esmagados sob os pneus do Toyota de Phoenix enquanto ele dirige por Bayview.

Depois de fazer uma curva rápida à direita, passamos por uma fila de trailers em ruínas, cada um mais descuidado que o anterior.

Meu estômago afunda quando ele para na frente do pior no final.

O pequeno trailer está tão enferrujado e sujo que nem consigo distinguir qual era a cor dele. Há uma pequena escada na entrada, mas ela – junto com o telhado – está tão em ruínas que beira a insegurança.

Este lugar é tão horrível que faz o trailer de Eminem em *Rua das ilusões* parecer uma casa de luxo.

Não quero dizer isso de forma crítica... estou apenas triste.

*Ninguém merece viver assim*.

— Nós não vamos entrar, — Phoenix grita.

— Não precisamos.

Mandíbula trabalhando, ele olha para o trailer, depois para mim. — Já está satisfeita, princesa?

Seu comentário dói como um tapa. — Eu não pedi para você me trazer aqui para ser má e fazer você se sentir uma merda. Perguntei porque queria saber mais sobre você. — Eu faço uma careta para ele. — A mesma razão *que você* pediu para ver o que eu escrevo no meu corpo.

Ele não tem argumentos para isso porque fica em silêncio.

Esperando mudar de assunto, eu me mexo no meu lugar para encará-lo. — É sua vez.

Sua voz baixa preenche o espaço entre nós. — Verdade ou desafio?

Eu não quero que ele me pergunte *por* que escrevo as coisas que faço em mim mesma - porque então ele saberá que é tudo um ardil e eu

não sou nem metade tão forte quanto finjo ser - então mais uma vez, eu faço a mesma decisão anterior.

— Desafio.

Inclinando a cabeça, ele segura meu olhar. Aqueles olhos azul-gelo me perfuram como uma flecha em chamas. — Eu te desafio a me dar um boquete.

Espere... *o quê*?

Procuro em seu rosto sinais de que ele esteja brincando, mas não há nenhum.

Minha mente gira e não tem nada a ver com o álcool que consumi. Apesar de eu dizer o contrário, eu nunca fiz isso antes.

Eu também não quero que minha primeira experiência sexual aconteça por causa de um desafio. Posso não ter a maior auto-estima, mas mereço mais do que isso.

— Eu... uh...

Phoenix começa a rir como se eu tivesse acabado de dizer algo hilário. — Você deveria ver seu rosto agora. Eu só estou zoando com você. — Ele liga o motor. — Vamos pegar um pouco de comida e voltar para casa de Storm.

Eu tenho uma saída. Eu deveria levá-lo.

Uma estranha pontada de decepção me atinge bem no peito. Se fosse qualquer outro cara, eu ficaria aliviada... mas não é.

É Phoenix.

E ouse ou não... essa pode ser minha única chance de ser *aquela* garota.

*Aquele que pega o cara*.

Mesmo que seja só para esta noite.

Eu coloco minha mão em cima da dele quando ele muda para a ré. — Eu não posso fazer isso enquanto você está dirigindo.

Quer dizer, eu *poderia,* mas isso não é muito seguro.

Ele corta um olhar na minha direção. ─ Muito engraçado, Groupie.

A coragem líquida me torna mais ousada do que jamais pensei que poderia ser. ─ Ao contrário de você, eu não estou brincando.

Colocando o carro de volta no estacionamento agora, ele estuda meu rosto.

Tudo o que posso ouvir é a batida rápida do meu coração, por exemplo...

Dois.

Três.

Quatro.

Cinco segundos…

E então ele move seu assento para trás.

─ Se você quiser... ─ Ele olha para mim através das pálpebras abaixadas. ─ Então pegue.

Os nervos vibram como um enxame de abelhas rebeldes na minha barriga porque sinto que acabei de morder muito mais do que posso mastigar. O que está dizendo algo, considerando meus hábitos de compulsão.

Já assisti pornô – e pratiquei com um pepino uma vez por pura curiosidade – então estou familiarizada com o conceito básico do que preciso fazer.

No entanto, não tenho ideia de como *começar*. Algo que Phoenix está pegando agora.

O canto de sua boca se curva um pouco, quase como se ele pudesse sentir minha ansiedade e achasse cômico. ─ Nervosa?

*Petrificada*. Mas eu me forço a empurrar isso para baixo porque não vou deixar meu medo atrapalhar algo que venho fantasiando há anos.

─ Não.

Eu posso senti-lo me avaliando antes que ele dizer: ─ Então venha aqui.

Meu pulso retumba em meus ouvidos enquanto eu me aproximo o máximo que posso sem sentar em seu colo. Eu quero beijá-lo, mas da última vez que aconteceu ele surtou, então talvez seja melhor evitarmos fazer isso de novo.

Eu arranco sua camisa. ─ Retire isso. ─ Quando ele levanta uma sobrancelha em questão, eu pronuncio as mesmas palavras que ele disse quando ele queria que eu cantasse minha música para ele.

─ Quero a experiência completa.

Alcançando atrás dele, ele agarra sua camisa e a puxa sobre sua cabeça em um movimento rápido.

Meus olhos imediatamente vão para a grande clave de música negra diretamente sobre seu coração. Um conjunto de cinco linhas horizontais - também conhecido como equipe - está próximo a ele. No entanto, não há notas. Está completamente em branco.

─ Por que você não tem nenhuma nota?

─ Estou esperando até escrever a música que mudará minha vida.

*Essa é uma boa razão*.

Eu sinto sua frequência cardíaca acelerar enquanto eu gentilmente traço a tatuagem com meu dedo. ─ Há quanto tempo você tem isso?

─ Dois anos.

─ É lindo. ─ Meus olhos caem, observando sua barriga magra e tonificada. *Ele é* lindo. ─ Você tem outras?

─ Por que você não descobre por si mesma?

Acho que é a minha deixa.

Outra onda de nervosismo toma conta de mim quando meus dedos encontram o botão de sua calça jeans. O jeans está esticado sobre sua ereção proeminente, e o som de mim forçando seu zíper para baixo é tão alto que é quase ensurdecedor.

Qualquer apreensão que eu tinha desaparece quando chego à conclusão de que Phoenix Walker está duro…

Para *mim*.

Levantando os quadris, ele abaixa um pouco a calça jeans, fazendo com que seu pênis salte para fora.

Isso... não pode ser real.

Quero dizer, obviamente é, mas... Santo inferno. É *enorme*.

E eu não quero dizer enorme em um tipo de pau de estrela pornô. Quero dizer enorme de uma forma legitimamente alarmante e a ciência provavelmente deveria estudá-lo de certa forma.

— Jesus. — Juro que cresce quanto mais eu olho para ele. — Que porra você alimenta essa coisa?

Uma risada sufocada escapa dele antes que sua expressão se equilibre e ele pressione o polegar no meu lábio inferior. — Sua boca em um minuto.

Certo.

Eu envolvo minha mão em torno de sua circunferência grossa. Apesar de estar duro como uma rocha, ele parece como um cetim aquecido enquanto eu o acaricio lentamente da base à cabeça.

Phoenix suga uma respiração afiada quando repito o movimento e não posso deixar de olhar para cima. Seus lábios estão separados, e seus olhos estão encobertos enquanto seu peito sobe e desce com inalações irregulares. Fitas de calor se desenrolam na minha barriga enquanto eu circulo a ponta do meu polegar sobre sua cabeça larga e brilhante, espalhando a gota perolada de líquido ao redor dela.

Sua garganta flexiona em um gole duro. — Lennon.

Há uma pitada de desespero em seu tom e isso só me estimula quando começo a empurrá-lo.

Mudando de posição, eu me abaixo até minha cabeça pairar sobre seu colo. — Não há nenhuma maneira que eu possa fazer garganta profunda em você.

Acho que podemos tirar *isso* do caminho agora. E se por algum

maluco acaso houver uma mulher por aí capaz de sugar essa coisa até o fim? A ciência provavelmente deveria estudá-la também porque ela deve ser parte cobra para deslocar sua mandíbula.

Sua voz é um estrondo profundo. ─ Eu não me importo, apenas coloque sua boca nisso.

Escovando meus lábios contra sua ponta, eu dou um beijinho, provando o líquido salgado antes de me afastar. ─ Você precisa me mostrar exatamente o que você gosta para que eu possa continuar fazendo isso.

Porque eu quero fazer isso bom para ele.

Envolvendo meu cabelo em uma mão e agarrando seu pau com a outra, ele me guia de volta ao seu pau. ─ Abra a boca.

Quando eu faço, ele empurra sua cabeça inchada em minha boca. ─ Lambe.

Eu passo minha língua contra a pequena fenda e ele geme.

─ Mais.

Correndo a parte plana da minha língua por toda a sua coroa, eu o lambo como se ele fosse a melhor coisa que eu já provei e não quero desperdiçar uma única gota.

─ Porra. ─ Seu aperto no meu cabelo aumenta. ─ Agora, chupe.

Seus comandos sujos me deixam louca e eu o tomo mais fundo, provocando outro gemido dele.

Substituindo sua mão com a minha, eu avidamente bombeio e chupo em conjunto, prestando atenção especial aos ruídos que ele faz.

Quando encontro um ritmo que ele gosta particularmente, ele grunhe e bate os quadris no meu rosto. ─ Porra sim. Me chupe assim.

Saber que ele está perdendo o controle porque *estou* lhe dando prazer é quase o suficiente para me fazer gozar.

Meu maxilar dói enquanto continuo chupando-o com puxões rápidos e profundos, mas eu consigo, querendo trazê-lo para a linha de chegada.

Seu corpo inteiro estremece. — Porra. Eu vou... — Ele empurra minha cabeça com tanta força que eu engasgo. — Não se mova.

O tom de sua voz é absolutamente letal.

Estou me preparando para engolir seu esperma... mas isso não acontece.

Em vez disso, ele fica quieto.

Estou prestes a perguntar se estou fazendo algo errado, mas então ouço.

Algum cara está gritando — ou melhor, *gaguejando* — coisas para Phoenix.

— Volte aqui, seu pedaço de merda. Eu vou chutar sua bunda de novo.

Que diabos?

Sentindo-me impotente, giro meu olhar ao redor, mas um hematoma profundo e escuro que atravessa o corte em V de seu abdômen inferior chama minha atenção.

Até onde eu sei, Phoenix não pratica nenhum esporte, então me pergunto de onde veio isso. Deus sabe que tem que doer.

O arrastar se aproxima, junto com os sons de passos instáveis.

— Sua mancha de merda estúpida — o homem grita. — Sua mãe prostituta deveria ter feito um favor ao mundo e abortado você. Você não é meu filho, você é um sanguessuga inútil e um dia eu vou te matar.

*Caralho.* A raiva corre em minhas veias quando eu o libero da minha boca. As coisas horríveis que o louco está gritando são positivamente vis.

*Você não é meu filho*. Nojo rola através de mim quando percebo que o idiota beligerante é provavelmente o pai de Phoenix.

Estou prestes a dar um pedaço da minha mente para o bastardo, mas Phoenix inverte, saindo do estacionamento de trailers tão rápido que eu tenho uma chicotada.

Sento-me no banco do passageiro. ─ Esse era seu pai?

Apertando o maxilar, ele puxa as calças para cima, mas por outro lado permanece em silêncio.

É confirmação suficiente para mim.

─ Onde estamos indo? ─ Eu pergunto quando ele passa pela casa de Storm.

Só então ele fala. ─ Vou te levar para casa.

Não quero ir para casa, mas o que aconteceu obviamente atrapalhou o que estava se tornando a melhor noite da minha vida.

Mas muito mais importante do que isso, não quero que ele volte para aquele trailer. Nunca.

Seu pai de merda ameaçou *matá-lo*. Isso não é apenas assustador... é um abuso direto.

Enquanto meu pai não vai gostar da ideia de um cara dormindo no nosso sofá, eu sei que uma vez que eu explique o que aconteceu, ele vai ceder e deixá-lo ficar por quanto tempo ele precisar.

Em vez de parar na minha garagem, Phoenix estaciona sob o grande carvalho a alguns metros da rua.

─ Vou perguntar ao meu pai se você pode ficar. Ele não vai gostar, mas...

─ Eu não vou ficar em sua casa ─ ele interrompe. ─ Storm me deixa ficar na dele sempre que eu quiser.

Eu já estava eternamente grata a Storm por romper a multidão de dejetos de porco e me levar para fora da festa, mas agora tenho outro motivo, porque ele dá a Phoenix um porto seguro.

─ Ok. ─ Eu aperto meus olhos fechados enquanto uma onda de dor flui através de mim. ─ O que aconteceu esta noite acontece com frequência?

Mais uma vez, ele não responde. Agora estou percebendo que seu silêncio após perguntas difíceis *são* as respostas.

Quando abro os olhos, percebo que ele nunca colocou uma camisa de volta e suas calças ainda estão abertas.

Estendendo a mão, eu gentilmente passo meus dedos sobre o hematoma. ─ Ele te fez isso?

*Nada*.

A necessidade de acalmá-lo de alguma forma toma conta de mim, então eu me inclino e suavemente escovo meus lábios contra o hematoma repetidamente, desejando que meu toque sozinho pudesse fazer toda a sua dor desaparecer.

Phoenix solta uma respiração irregular, e noto que seu pau está subindo.

Sua voz é um arranhão áspero. ─ Lennon.

Eu não posso dizer se é um aviso ou um pedido, mas eu vou com a segunda opção e envolvo minha mão em torno dele.

Um gemido baixo passa por seus lábios quando eu lambo e chupo sua cabeça gorda.

No entanto, quando eu estico minha boca sobre seu comprimento, ele me para.

Minhas bochechas esquentam de vergonha porque é claro que ele não quer um boquete agora, ele está passando por algo traumático.

Eu começo a me afastar, mas ele pega minha mão e a coloca de volta em seu pau, guiando-o para cima e para baixo.

Um suspiro assustado sai de mim quando sua mão livre aperta minha garganta. Seu aperto não é forte o suficiente para me sufocar, mas o suficiente para tornar a respiração um pouco mais difícil.

Inclinando a cabeça, ele me inala.

─ Empurre mais rápido ─ ele murmura, passando os lábios ao longo do lado da minha garganta. Tanto suas palavras quanto a vibração fizeram meus mamilos endurecerem.

Fechando meus olhos, acelero meus movimentos.

Sua voz profunda e melódica rola sobre mim, me mantendo refém. ─ Você é tão doce e inocente. ─ Estou prestes a lembrá-lo que o que estou fazendo agora não é doce nem inocente, mas seus dentes roçam meu pescoço. ─ O pensamento de corromper a merda fora de você me excita pra caralho.

*Isso faz de nós dois*.

Ele puxa minha pele em sua boca com suficiente sucção que eu sei que ele vai deixar uma marca.

Eu não apenas acolho a dor, eu anseio por mais dela. ─ Mais forte.

Seus dentes apertam, beliscando e mordendo até eu gemer e estremecer.

Um gemido baixo sai dele e ele aperta a base de seu pau enquanto eu estou no movimento ascendente. ─ Eu vou gozar. ─ Assumindo, ele se dá um puxão forte e rápido. ─ Você quer um pouco disso?

*Eu quero o que ele está disposto a me dar*.

Mergulhando minha cabeça, eu fecho minha boca sobre sua ponta e deslizo o máximo que posso. Um momento depois, um som áspero e irregular corta o ar e um jato de líquido quente atinge o fundo da minha garganta. Eu o chupo, não querendo desperdiçar uma única gota.

Ele cai contra o banco do motorista. ─ Porra.

*Eu vou dizer*. Phoenix pode ter sido quem gozou, mas eu sinto que *fui eu* quem tirou todo o prazer disso.

Até que um pensamento deprimente me atinge.

O que acontece depois desta noite? Ele vai agir como se eu não existisse? Acabar com nossa amizade de vez?

─ Você vai me ignorar de novo?

─ Não. ─ Inclinando a cabeça para olhar para mim, ele acende um cigarro. ─ Mas eu não gosto de namoradas, Lennon. ─ Uma nota arrependida entra em sua voz. ─ E mesmo se eu quisesse continuar com você, não posso porque Storm e eu estamos indo para Los Angeles

em onze dias. Esperamos fazer algumas conexões e fazer uma pausa lá. ─ Ele expele um suspiro. ─ Eu provavelmente deveria ter te dito isso antes... você sabe. Eu sinto muito.

Entendo. Embora eu não possa deixar de me perguntar agora.

─ Se você não fosse embora... você faria?

─ Eu faria o quê?

─ Tentar essa coisa comigo? ─ Quando vejo a inquietação espalhada por seu rosto, acrescento rapidamente: ─ Só para esclarecer, não estou *pedindo* para você ficar. ─ Eu nunca iria querer que ele parasse de perseguir seus sonhos por minha causa. ─ Estou indo para Dartmouth no final do verão, então também não estou procurando um relacionamento. ─ Eu levanto um ombro. ─ Eu só quero saber.

*Se uma garota como eu pudesse pegar o cara*.

Ele demora tanto para responder que estou prestes a dizer a ele para esquecer... mas então eu ouço.

─ Talvez ─ ele sussurra.

Meu coração aperta dolorosamente. *Fale sobre agridoce*.

Mas não precisa ser. Não podemos estar em um relacionamento, mas isso não significa que não podemos manter contato e ser amigos.

Eu poderia visitá-lo em Los Angeles durante os intervalos da escola e tenho certeza de que ele e Storm voltarão para visitar sua avó de vez em quando.

Além disso, ele ainda não se foi. Não temos muito, mas temos um pouco de tempo. O que é melhor do que nenhum tempo.

─ Ainda temos onze dias.

─ Sim. ─ Ele joga o cigarro pela janela. ─ Mas três deles serão gastos praticando para Voodoo.

Verdade.

─ Se você e Storm estão bem com isso, eu gostaria de ir praticar.

─ Tudo bem por mim. Embora você provavelmente fique entediada

depois de um tempo.

Isso não é possível. ─ Eu nunca fico entediada quando estou ouvindo você cantar e vendo você se apresentar. ─ Olho pela janela assim que uma luz se acende em minha casa. Não tenho dúvidas de que meu pai está esperando por mim. ─ Eu provavelmente deveria entrar.

Algo me diz que ele terá *muitas* perguntas sobre meu guarda-roupa atual.

Estou prestes a pegar minhas coisas e sair, mas então me dei conta. ─ Por que você sempre estaciona aqui e nunca na minha garagem?

─ Porque você tem câmeras de segurança. ─ Ele sorri. ─ Nenhuma delas aponta para aqui, no entanto.

Huh. *Quanto mais você sabe*.

Pego minha bolsa do chão. ─ Vejo você amanhã.

Por impulso, eu me inclino... então congelo.

Como é que isso funciona? Somos amigos, mas o que acabamos de fazer foi um pouco mais do que amigável.

Eu o abraço? Apertar a mão dele? Ou apenas dizer para o inferno com isso e beijá-lo?

Como se estivesse lendo minha mente, Phoenix diz: ─ Eu nunca beijo as pessoas com quem fico. ─ Está na ponta da minha língua para lembrá-lo de que já nos beijamos, mas então ele acrescenta: ─ Isso complica a merda. Faz com que pensem que é mais do que é.

Realmente não posso argumentar com isso.

─ Sem beijos. Entendi.

Eu alcanço a maçaneta da porta ao mesmo tempo que ele estende a mão e segura minha mandíbula.

Minha respiração para quando ele se aproxima.

Não há língua quando ele me beija, apenas uma leve pressão de seus lábios contra os meus antes que ele se afaste. ─ Vou te mandar

uma mensagem amanhã.

— Ok.

Eu mordo minha bochecha para não sorrir enquanto corro pela rua e corro pela calçada.

Eu esperava que meu pai voltasse para a cama, mas ele está sentado no sofá quando entro. Bebendo uma xícara de café.

Em outras palavras, intencionalmente esperando por mim.

— Sério, pai? — Eu reviro os olhos. — Eu não sou um bebê.

— Você é *meu* bebê — ele argumenta. — E um dia quando você tiver seus próprios filhos, você vai entender o medo que vem com seu filho adolescente ir a uma festa onde algo ruim pode acontecer... — Seus olhos se arregalam enquanto ele me olha de cima a baixo. — O que aconteceu com suas roupas?

Pensando rápido, digo: — Tivemos uma enorme briga de balões de água na festa. — Eu dou de ombros. — Meu vestido ficou encharcado, então a garota que deu a festa me deu uma camiseta para vestir e se ofereceu para lavá-lo para mim.

Uma sobrancelha escura se levanta. — Ela não poderia ter lhe dado algumas calças também?

— Ela é... muito menor do que eu.

Ele parece comprar isso porque ele está de pé. — Se as lutas de balão de água fossem o pior de tudo, eu provavelmente deveria contar minhas bênçãos. — Ele dá um beijo na minha bochecha. — São quase três. Eu vou dormir.

Estou prestes a segui-lo, mas meu telefone vibra com uma mensagem de texto recebida.

**Phoenix**: É amanhã.

Sorrindo, eu digito uma resposta.

**Lennon**: Obrigada por não me ignorar desta vez, amigo.

Vejo pontos aparecerem e desaparecerem na tela enquanto subo as escadas e entro no meu quarto.

**Phoenix**: Obrigado pelo boquete, amiga.
**Lennon**: O que posso dizer? Eu sou uma grande amiga.
**Phoenix**: Você é. Vou ter que dizer ao Storm para intensificar o jogo antes que você tome o lugar dele.

Rastejando para a cama, digito um texto de resposta.

**Lennon**: Você quer que Storm chupe seu pau também? Nenhum julgamento aqui se você fizer isso. Posso dar-lhe algumas dicas.
**Phoenix**: Passe difícil. Storm não é meu tipo.

Um lampejo de dor atravessa meu peito.

**Lennon**: Eu também não.
**Phoenix**: Isso é verdade. Você não é nada como as outras garotas com quem eu saio.

O lampejo de dor se transforma em uma dor total, mas então um texto de acompanhamento aparece.

**Phoenix**: Você é melhor.

Adormeço com o maior sorriso no rosto.

# CAPÍTULO 15

## LENNON

A maior parte das últimas quarenta e oito horas foram passadas escondidas na garagem de Storm, ouvindo-os ensaiar.

Infelizmente, há um pouco de rixa acontecendo porque Phoenix e Storm continuam discutindo sobre com qual música eles deveriam começar.

Phoenix quer começar com “Enter Sandman” do Metallica, e Storm quer começar com “My Generation” do The Who porque é grande na bateria.

A tensão está aumentando a cada minuto e estou com um pouco de medo de que isso possa acontecer em breve.

Até Vovó desistiu e voltou para dentro depois de ouvir suas brigas. Mas não antes da pobre mulher arrancar seus aparelhos auditivos.

Storm lança suas baquetas pela sala com uma força que me deixa feliz por ter me abaixado a tempo. — Nós só temos *três* músicas, idiota. Tudo o que estou pedindo é que uma delas sejam pesadas na bateria.

Narinas dilatadas, Phoenix agarra o microfone com tanta força que os nós dos dedos ficam brancos. — Você é surdo, filho da puta? 'Enter Sandman' *tem* uma boa bateria.

Ele olha para mim. — Ajude-me a colocar algum sentido nesse idiota, Lennon.

Oh garoto. — A música *tem* uma boa bateria...

O bufo amargo de Storm me interrompe. — É claro que sua namoradinha vai ficar do seu lado.

*Uau*. Isso não é justo. Ele nem me deu a chance de terminar minha

frase.

— Ela não é minha namorada, merdinha, — Phoenix range os dentes.

— Que porra não...

Trazendo meus dedos à minha boca, solto um assobio alto porque isso está ficando fora de controle.

Eles tocam no Voodoo amanhã à noite, então não é hora de desmoronar. Se eles não juntarem suas merdas e decidirem uma música de abertura logo, eles estão ferrados.

— Chega, — eu grito sobre o estrondo alto do trovão.

Há uma forte tempestade acontecendo lá fora, mas empalidece em comparação com a que está acontecendo aqui.

— Se vocês dois parassem de discutir e deixassem sua teimosia de lado, vocês poderiam descobrir isso e continuar ensaiando.

Phoenix olha para Storm. — Lennon é um grande fã de rock, e ela acha que devemos começar com a música do Metallica...

— Não — eu interrompo. — Eu não acho.

Phoenix se vira para me encarar novamente. — Eu pensei que você acabou de concordar?

— Concordei que tem uma boa bateria, mas não que você devesse *começar* com ela.

Storm sorri presunçosamente. — Qual é então.

— Eu também não acho que seja a escolha certa.

Eu pessoalmente amo a música, mas ela não grita, *pare o que você está fazendo e ouça*. E enquanto Phoenix canta qualquer coisa, esse não mostra seu alcance vocal insano.

— Há um meio termo — eu digo. — Você só precisa descobrir e estar aberto a sugestões.

— Tudo bem — Storm bufa. — O que você sugere então, Groupie?

— Não a chame de groupie, filho da puta — Phoenix murmura baixo

e mortal sob sua respiração.

Sim. Voltarei a *isso* mais tarde.

— Você gosta da música do Metallica?

— Obviamente, — Phoenix diz, mas eu levanto a mão.

— Eu estou falando com o Storm.

Storm olha para mim como se tivesse brotado outra cabeça em mim. — É claro. É a porra do *Metallica*.

Agora estamos chegando a algum lugar. — Nesse caso, você estaria aberto a mudar Sandman para o número dois e tocar 'Welcome to the Machine' do Pink Floyd, já que não tem bateria?

— Uau, — Phoenix entra na conversa. — Essa é uma ótima música.

— Eu sei — eu cerro os dentes. — Mas isso é uma questão de *compromisso*.

E estou disposta a apostar que a situação de Storm é menos sobre a escolha da música de abertura e mais sobre a segunda música não ter *bateria*.

Phoenix não quer, mas ele inadvertidamente excluiu seu melhor amigo e membro da banda de uma música *inteira* fazendo isso. Não é à toa que sua resposta passivo-agressiva a isso foi “My Generation”.

— Estou bem com isso — diz Storm finalmente. — Mas então não temos uma música de abertura *ou* encerramento.

Ele tem razão. Eu escaneio meu cérebro, lembrando de tudo que eu os ouvi tocar antes.

Estalo os dedos quando se trata de mim. — Que tal encerrar com 'Man in the Box'? Vocês *matam* essa, e a bateria é definitivamente uma grande parte da música.

Phoenix e Storm trocam um olhar que rapidamente se transforma em um aceno mútuo.

— Isso funciona para mim, — Storm concorda.

— Eu também. — Phoenix esfrega o queixo, me estudando

atentamente. ─ Alguma sugestão para o que devemos abrir?

Andando, tento pensar em uma música que mostre a voz incrível de Phoenix e as incríveis habilidades de bateria de Storm ao mesmo tempo, bem como individualmente.

Eu estremeço quando me atinge porque é um pouco banal, mas eles poderiam fazer funcionar totalmente.

─ 'Voodoo', ─ eu exclamo.

─ Sim, Lennon, ─ Phoenix diz condescendentemente. ─ É onde estaremos tocando...

─ Eu quis dizer a música de Godsmack.

Eles trocam um olhar perturbado.

─ Sim, não, ─ Phoenix resmunga. ─ Isso é piegas pra caralho.

─ Só vai sair piegas se você não for bom o suficiente para fazer com que quem pensa nisso coma... mas vocês *são*.

Reconheço que a banda original não é exatamente conhecida por seus vocais incríveis, mas essa música é incrível.

─ Vamos, ─ eu continuo. ─ Não apenas começa a cappella, você tem um registro mais baixo que vai chutar a porra dele.

Atravessando a sala, Storm pega sua baqueta. ─ Sua garota não está errada.

Eu dou um sorriso para Storm. ─ E logo depois que Phoenix está a cappella, há um segmento de bateria escuro e hipnótico que *você* fará sua cadela antes de fundir e abater juntos.

É o melhor dos dois mundos.

─ Apenas tente, ─ eu peço quando Phoenix começa a protestar novamente.

─ Certo.

Storm volta para trás de sua bateria e um momento depois, a voz profunda e sombria de Phoenix me envolve como uma névoa antes da bateria começar.

Eu sempre amei essa música, mas o que está acontecendo agora é absolutamente cativante. As pessoas vão perder a cabeça. Se realmente houvesse assentos no Voodoo… eles não estariam secos depois dessa apresentação.

No meio do caminho, Phoenix olha para Storm, que lhe dá um aceno de cabeça. Toda a raiva de antes desaparece e sua química incrível está de volta.

Eu tenho que me impedir de pular para cima e para baixo como uma fangirl quando eles terminam. ─ Eu voto no inferno sim.

Não que eu tenha um voto nisso, mas caramba. Eles deveriam fazer *essa* música.

Phoenix olha para Storm. ─ O que diz você?

Storm esfrega o queixo. ─ Eu estou com ela. Nós já estamos fazendo covers, então os fodidos vão pensar que não somos originais de qualquer maneira. Poderia muito bem ir até lá e fazê-los comer merda como Lennon disse.

─ Exatamente.

─ Tudo bem ─ Phoenix concorda. ─ Voodoo então. ─ Ele projeta o queixo para Storm. ─ Vamos novamente.

Eu me sento no futon enquanto eles ensaiam mais algumas vezes, cada versão soando cada vez melhor. No entanto, na metade do treino número cinco, a energia liga e desliga devido à tempestade.

Eles conseguem chegar até o fim, mas quando isso acontece durante a próxima corrida, Storm joga suas baquetas no chão. ─ Foda-se isso. Eu estou fazendo uma pausa.

Eu suponho que ele vai pegar algo para beber ou fumar, mas ele pega seu telefone e começa a enviar mensagens de texto para alguém.

Então ele pega suas chaves e caminha em direção à porta.

Phoenix deve estar se perguntando a mesma coisa que eu, porque ele resmunga: ─ Onde você está indo?

Pausando no meio do passo para enviar uma mensagem novamente, Storm diz: ─ Na casa de Sasha. ─ Ele dá de ombros.

─ Nós não poderemos praticar até que essa merda acabe. Poderia muito bem fazer algo divertido.

É claro que por *diversão* ele quer dizer ficar com Sasha.

Eu não posso deixar de me perguntar se Storm sabe sobre ela tentando ficar com seu amigo primeiro.

Phoenix bufa. ─ Não vai se divertir muito, mano. Eu te disse que ela... Olhando na minha direção, ele para de falar. ─ Me mande uma mensagem quando terminar.

─ Ela o quê? ─ Eu pergunto, mais por curiosidade do que qualquer coisa.

Storm balança as sobrancelhas para Phoenix. ─ Vou me divertir mais do que você.

Então ele se abaixa.

Cruzando os braços, olho para Phoenix. ─ Por que me sinto o alvo de uma piada que não estou envolvida?

Ele pega sua garrafa de água. ─ Não é nada.

Eu não compro isso por um segundo. ─ Se não é nada, então por que você não me diz?

Ele para de beber sua água. ─ Você realmente quer saber?

Eu concordo.

─ Eu avisei Storm que Sasha era péssima na cama, mas acho que ele quer descobrir por si mesmo. Ou isso ou ele gosta de garotas que ficam lá como um cadáver.

É seguro dizer que estou seriamente arrependida de perguntar sobre isso agora.

─ Oh.

Ele termina o resto de sua água. ─ Você perguntou.

Ele tem razão. Eu fiz. E agora eu sei melhor.

Nós não somos um casal, mas isso não significa que eu quero ouvir sobre suas transas.

Eu também estaria mentindo se não estivesse questionando se ele avisando Storm sobre Sasha tinha mais a ver com ele se sentindo ressentido por seu amigo dormir com uma garota que ele já dormiu.

— Parece que você pode estar amargurado por ele estar saindo com ela.

Ele ri, mas não há um pingo de humor. — Confie em mim, eu não estou.

— Tem certeza disso? — E pressiono, plenamente consciente de que estou provocando-o.

Seus ombros ficam tensos enquanto ele olha para mim. — Eu não sou do tipo ciumento, Groupie. — O olhar punitivo em seus olhos me corta até os ossos. — Isso exigiria que eu realmente me importasse com uma garota e eu nunca importei.

Doeria menos se ele me desse um soco. — Entendi.

Por um breve segundo, o remorso pisca em seus olhos, mas depois desaparece, e ele muda de assunto. — Obrigado por sua ajuda esta noite. — Levantando a camiseta, ele enxuga o suor do rosto. — Eu provavelmente o teria derrubado se você não interviesse quando o fez.

Meus olhos caem para o hematoma em seu quadril. Não é mais azul escuro, mas colorido... como um pôr do sol vibrante.

Só que ao contrário de um pôr do sol, não é bonito. É feio e cruel.

*Porque alguém o machucou*.

— Você voltou lá desde então?

Mais uma vez, ele congela. — Vou comer alguma coisa. Quer alguma coisa?

A decepção perfura meu peito. Toda vez que tento me conectar, ele coloca a fechadura de volta e joga a chave fora.

Eu gostaria que ele se abrisse para mim. Porque *tudo* que eu quero

fazer é ajudá-lo.

— Sim. Eu quero que você pare de me excluir sempre que eu perguntar sobre seu pai. Eu sei que o que você está passando é difícil, mas...

Um som de repugnância me interrompe. — Você não sabe merda nenhuma.

— O que diabos isso quer dizer?

As luzes piscam quando ele dá um passo em minha direção.

— Você senta lá em sua torre de marfim, amada e cuidada por seu pai.

Meu coração bate dolorosamente enquanto ele continua.

— Você não tem que trancar sua porta para evitar ser atingido pelo bastão que seu pai bêbado está empunhando porque ele quer te matar enquanto dorme. Você não tem que viver em um buraco onde cada dia é um lembrete constante de que um movimento errado significa que você vai acabar como ele. Você não precisa se perguntar onde sua mãe está e torcer para que ela esteja bem, mesmo que ela não se importe com você porque ela *te deixou para* trás.

Sua declaração rasga meu peito. — Ph...

— Você não sabe o que é estar com fome. E não me refiro a alguns roncos de estômago. — Seu lábio superior se curva. — Quero dizer, o tipo de fome que *dói* e faz você rezar para um Deus que você não tem certeza que existe mais para encontrar uma maneira de conseguir algo para comer antes que seu corpo desista.

Uma lágrima rola pelo meu rosto, mas isso só o deixa mais irritado. — Você não sabe merda nenhuma, Lennon. — Avançando, ele me encurrala em uma parede. — Porque *você* nunca teve que querer nada. Você tem coisas pelas quais pessoas como eu morreriam.

Inclinando a cabeça, seus lábios fantasmas sobre minha orelha. O tom ameaçador de sua voz envia um arrepio pelo meu corpo. — Não se

atreva a chorar por mim. ─ Eu estremeço quando ele segura meu queixo entre os dedos, me forçando a olhar para ele. ─ Eu não quero suas lágrimas de mártir de merda. E eu com certeza não quero sua pena.

O desespero fermentando em minhas entranhas se transforma em raiva.

Quero ajudá-lo, mas isso não significa que serei seu saco de pancadas.

─ Foda-se. Só porque você tem uma vida de merda não significa que não há problema em afastar as pessoas que se importam com você e tratá-las como lixo. Nenhum de nós tinha escolha na mão que a vida nos deu. Eu *odeio* que o seu seja tão horrível, e se houvesse uma maneira de eu trocar com você, eu o faria. No entanto, também sei que você não é a primeira pessoa que teve que rastejar para fora da sarjeta e não será a última.

Eu enxugo minhas lágrimas com as costas da minha mão. ─ E para sua informação, eu não tenho pena de você, porque pai horrível à parte, você tem *tudo* que eu quero.

Pura inveja queima em minhas veias enquanto libero cada pedaço de dor que mantenho dentro de mim. ─ Você não precisa ter medo de entrar em uma sala ou conhecer alguém novo porque as pessoas não tiram sarro de você. Elas adoram a porra do chão que você pisa.

Perdendo o que resta da minha compostura, dou um soco no meu peito. ─ Você morreria pelas coisas que eu tenho? Bem, eu *mataria* para saber como é ser você. Para ser tão talentosa e hipnotizante, as pessoas não conseguem tirar os olhos de você. Eu *mataria* para experimentar apenas uma pequena fração dessa magia que você falou em seu ensaio. ─ Um nó sobe na minha garganta e minha voz falha. ─ Mas eu nunca vou.

*Porque eu não sou especial*.

Eu vou empurrá-lo para longe para que eu possa sair, mas ele pega

meu pulso.

— O que você está fazendo? — Eu fervo quando ele me arrasta até o teclado.

— Você quer saber como é, não é? — Ele abaixa o pedestal do microfone. — Porra, cante.

Se eu achava que ele estava desequilibrado antes, isso empalidece em comparação com agora. — Você é louco? Não...

Ele agarra meu rosto. — Pare de ser uma covarde e *cante*.

Eu deveria sair correndo por aquela porta... mas não posso.

O fascínio do sol é muito forte. Como um tsunami me puxando para baixo.

Eu olho para o teclado. — Não sei o que cantar.

Ele está atrás de mim. — Nada.

Eu vou com o que eu cantei para ele da última vez.

As luzes piscam e a energia liga e desliga enquanto eu pressiono as teclas de marfim, fazendo com que eu estrague as primeiras notas.

Os lábios de Phoenix roçam a concha da minha orelha. — Feche seus olhos. E não importa o que aconteça, não pare, porra. Entendeu?

Assentindo, eu fecho meus olhos e começo. Meu pulso tamborila em meus ouvidos com tanta força que quase domina minha voz.

Dedos gentis percorrem meus braços, deixando arrepios em seu rastro.

Eu tropeço na letra quando seus lábios roçam meu pescoço e sinto seu pau endurecer. — Não pare.

Minha cabeça está quente e pesada quando seu hálito quente sopra sobre minha pele e ele passa as mãos pelos lados da minha cintura.

A percepção de que ele está tocando meu corpo e o que ele está sentindo me deixa tensa. — Pho...

Uma mordida afiada me deixa ofegante. — Você não é quem está no controle. — Sua língua sai, acalmando a picada. — Continue cantando.

Deus me ajude porque eu faço.

Eu canto meu coração enquanto me transformo em outra pessoa. Alguém que é confiante e habilidosa.

*Especial*.

Com um grunhido baixo, Phoenix mói sua ereção maciça na minha bunda, como se não pudesse evitar.

Outra onda de adrenalina passa por mim, mas é rapidamente seguida por um rastro de nervos quando ele apalpa meu peito.

Infelizmente, não recebi o prêmio de consolação que costuma vir de ser uma menina grande. Embora eu tenha um pouco mais do que um punhado, eles não são enormes. Receio que Phoenix fique desapontado.

Sua voz é um arranhão áspero contra o meu ombro enquanto ele belisca meu mamilo através do meu sutiã. ─ Saia da sua cabeça.

É uma luta para engolir o pânico, mas sei que se não o fizer, vai arruinar este momento e não vou conseguir outro.

Reprimindo minha ansiedade, me forço a ir para aquele lugar novamente. O lugar onde não tenho mais controle sobre minha mente ou corpo, porque sou um receptáculo para algo muito mais poderoso.

Calor floresce sobre meu peito e rosto quando sua mão desaparece sob minha camiseta. Quando ele alcança meu sutiã, ele o puxa para baixo e enche meu seio nu com sua mão grande.

A nota que eu estava cantando sai sem fôlego, mas eu continuo.

Assim como Phoenix.

Um arrepio percorre meu corpo quando sua mão livre encontra o cós do meu jeans. Começo a protestar quando ele abre o botão, porque não há como ele me tocar *lá* sem sentir minha barriga.

─ Phoenix...

Um som assustado e estrangulado me deixa quando ele enfia a mão dentro da minha calcinha e me segura.

Aconteceu tão rápido que mal tive tempo para pensar sobre isso, muito menos lutar muito.

Como ele não está fugindo gritando, continuo cantando.

Seu dedo desliza sobre minha carne lisa, me provocando.

Meu vibrato se transforma em um gemido quando a ponta de seu dedo encontra meu clitóris e ele faz um pequeno círculo molhado ao redor dele. *Provocando*.

Já brinquei comigo mesma muitas vezes, mas nada se compara a isso. É como se ele estivesse fazendo do meu corpo seu instrumento, produzindo quaisquer sensações e sons que ele quisesse de mim.

No espaço de minutos, passei de puro pânico a querer implorar para ele me faça gozar aqui, agora.

Um gemido enche a sala quando seu longo dedo mergulha dentro de mim.

Fico tão tonta que *meus* dedos se atrapalham nas teclas como garotos de fraternidade embriagados.

Sua voz sombria é um fio eletrizante. ─ Não pare.

Eu quero dizer a *ele* que quando ele arrasta o dedo para fora e o empurra de volta, causando um raio de prazer entre minhas pernas.

Ele acrescenta outro dedo, me esticando tanto que dói.

Então ele começa a bombeá-los.

Minha respiração sai ofegantes, desesperados quando seu polegar esfrega meu clitóris em um ritmo medido enquanto ele dirige seus dedos dentro de mim freneticamente.

O contraste é demais para mim. Agarro as bordas do teclado, incapaz de continuar tocando.

Eu gemo no microfone, a letra que eu deveria estar cantando presa na minha garganta porque *tudo* que eu posso focar é esse sentimento eufórico tomando conta.

Sinto que um feitiço foi lançado e estou desesperada para que ele

atinja o pico e nunca termine ao mesmo tempo.

As luzes piscam e meus gemidos aparecem e desaparecem do microfone com o poder esporádico.

— Phoenix.

Eu arqueio contra ele. Todos os meus sentidos estão perdidos e rapidamente sendo substituídos pelos potentes estocadas que ele está me dando.

Ele acelera seus movimentos e eu aperto meus olhos fechados enquanto o prazer me supera.

— Oh Deus.

Não sou mais matéria ocupando espaço. Eu sou energia.

*Eu sou dele*.

Um estrondo alto de trovão vibra a casa antes que a eletricidade seja desligada completamente.

Eu caio para frente, mas Phoenix agarra minha cintura com a mão livre, me puxando de volta contra ele.

Sua voz é cascalho irregular arranhando minhas entranhas. — *É* assim que se sente.

Aqueles dedos longos balançam dentro de mim uma última vez, reunindo os restos do meu orgasmo antes que sua mão escorregue para fora da minha calça.

Meu sangue acelera quando ele pinta meus lábios com minha umidade. — Abra.

Quando eu faço isso, ele enfia os dedos dentro, me fazendo sentir o gosto de mim mesma.

Eu não posso vê-lo porque meus olhos ainda não se ajustaram à escuridão que nos cerca, mas eu o *sinto* porque ele me gira.

— Dê-me um pouco disso.

Agarrando meu queixo, ele me beija, enfiando a língua dentro e fora da minha boca com movimentos vorazes e fervorosos.

Minha cabeça gira quando ele segura meus quadris e me leva pela sala.

Acabamos perto do futon, mas quando vou me sentar, ele me para. ─ Espere.

Nas sombras, eu o vejo se curvar e ouvir um clique fraco.

Seus lábios capturam os meus e meu pulso dispara enquanto caímos no futon transformado na cama.

Nossa respiração entrecortada, junto com a mordida suave que ele dá no meu pescoço, torna o ar já abafado do verão ainda mais quente.

Ele manobra meu jeans ainda aberto pelos meus quadris. ─ Eu quero ouvir você cantar meu nome quando eu fizer você gozar de novo.

Santo inferno. O pensamento dele me dando outro orgasmo praticamente faz isso acontecer.

Ele puxa minha calcinha e jeans pelas minhas pernas e eu avidamente chuto meus sapatos para ajudá-lo a tirá-los.

Estou feliz que estamos em um apagão porque significa que ele não verá meu corpo.

Então, novamente, ele pode voltar. É por isso que quando ele vai tirar minha camisa, eu desvio sua atenção puxando o zíper para baixo.

Estou arrancando suas calças para que eu possa levá-lo em minha boca quando ele me para. ─ Deixe-me pegar uma camisinha.

Meus pulmões param com a realização. *Ele quer fazer sexo.*

E por que ele não iria? Tanto quanto ele sabe, eu não sou virgem, então isso não deve ser um grande negócio.

Eu debato em contar a verdade, mas este é Phoenix Walker. O cara que eu secretamente persegui e queria há anos.

Perder minha virgindade com ele é o material de que todos os meus sonhos são feitos.

Temo que se eu contar a ele, não só arruinará o momento... ele verá que sou uma perdedora e porá fim a quaisquer conexões futuras.

*Ele pode até me ignorar novamente*.

O som da embalagem rasgando assalta meus ouvidos. ─ Abra essas pernas para mim.

Dando-me uma conversa de estímulo mental para não ser um cadáver como Sasha, eu separo minhas coxas.

Pairando acima de mim, ele se acomoda entre nós.

A ponta de seu pau cutuca minha entrada e prendo a respiração, esperando a invasão... mas ela não vem.

─ Você já fez isso antes, certo?

O pânico cresce dentro de mim. Fiz algo de errado?

Ou ele pode apenas sentir minha ansiedade?

─ Sim, ─ minto, desejando que meu corpo relaxe e minha mente finja que fiz sexo muitas vezes.

Ele move os quadris... e é aí que me lembro do quão *grande* ele é.

Ele tem que trabalhar apenas para encaixar a cabeça de seu pau dentro de mim. ─ Você é tão apertada.

─ Você é tão *grande pra caralho* ─ eu respondo, e ele ri baixinho.

No entanto, o riso se transforma em um grunhido quando ele empurra um pouco mais.

Eu mordo meu lábio enquanto ele me estica. Ele mal está na metade e já é doloroso.

Preparando-me, eu sussurro: ─ Você pode apenas... começar.

Eu sempre fui uma garota do tipo band-aid, e quanto mais rápido ele estoura minha cereja, mais rápido podemos chegar às coisas boas.

Eu imediatamente me arrependo de ter dito isso a ele, mas quando ele se afasta e avança com tanta força, manchas brancas se formam na frente dos meus olhos.

Uma forte dor ardente e pungente me envolve e eu cravo minhas unhas em suas costas com tanta força que tenho certeza de que estou tirando sangue.

— Porra — ele geme, seus quadris estalando contra os meus.

*Jesus*. Isso dói como uma cadela.

Eu acidentalmente choro.

Seus movimentos param abruptamente. — Você está bem?

— Sim. É uma sensação boa, — asseguro-lhe enquanto as pernas em volta dele começam a tremer de dor.

— Cristo. — Ele faz um ruído baixo na parte de trás de sua garganta e empurra novamente. — Sua boceta é tão maldita ape...

Duas coisas acontecem nesse momento.

Um. As luzes acendem.

E dois... Storm entra pela porta.

— Merda. Foi mal.

A porta se fecha rapidamente atrás dele.

Estar coberto de sujeira de porco foi o momento mais humilhante da minha vida, mas isso *definitivamente* vem em segundo lugar.

A interrupção e a eletricidade voltando é um assassino de humor porque Phoenix fica tenso antes de grunhir: — Vista-se.

Então ele rola de cima de mim, nem mesmo se preocupando em olhar na minha direção enquanto veste suas roupas.

Dói mais do que perder minha virgindade.

Só posso supor que me ver seminua na luz arruinou o momento.

Envergonhada, recolho minhas roupas. É uma luta colocar minha calcinha e jeans de volta de uma forma que não exponha muita pele, já que eu já o desliguei o suficiente.

Estou amarrando meus cadarços quando percebo Phoenix me encarando. Ele parece completamente *chateado*.

— Fiz algo de errado?

Se ele não quer foder uma garota gorda, ele deveria apenas ser homem e dizer isso em vez de me colocar nessa ginástica mental.

Posso não ser o *tipo dele*, mas ainda sou um ser humano.

Eu mereço mais do que suas mudanças de humor e ser feita para me sentir mal comigo mesma. Eu não coloquei uma maldita arma em sua cabeça e o fiz enfiar seu pau dentro de mim. Ele fez tudo isso sozinho.

Mandíbula tiquetaqueando, seus olhos travam em algo atrás de mim.

Quando me viro, a cor desaparece do meu rosto e meus joelhos ficam fracos.

Ali, no meio da cama — manchando o lençol azul-claro — há uma poça de sangue.

Eu sabia que havia uma chance de haver um pouco, mas não pensei que seria *tão* ruim. Ouvi dizer que algumas garotas nem sequer sangram.

Evidentemente, eu não fui uma das sortudas.

Parece que minha maldita vagina foi massacrada pelo pau gigante de Phoenix.

*Caralho*.

Estou debatendo se é melhor dizer que estou menstruada ou confessar que sou virgem quando ele sai da garagem.

Estou começando a pensar que Deus realmente é um comediante porque isso supera a sujeira do porco e o Storm nos pegando *juntos*.

Como não consigo remover a mancha, enrolo rapidamente o lençol. Estou grata que o colchão embaixo é preto.

Ao passar pelas latas de lixo no caminho para o carro dele, paro e a jogo em uma.

Phoenix não diz uma palavra enquanto eu subo no banco do passageiro, ou durante a viagem para casa.

Nem eu.



No momento em que ele estaciona na minha garagem, eu não aguento mais. ─ Então é isso? Você nunca mais vai falar comigo?

Sua expressão é como uma pedra.

Lágrimas ardem em meus olhos. Eu só posso dobrar tanto antes de finalmente quebrar.

Eu vou sair, mas sua mão se fecha ao redor do meu antebraço. ─ Porque você mentiu para mim?

Seu tom deixa claro que ele está igualmente enojado e zangado.

Meu coração torce dolorosamente no meu peito. A única maneira de consertar isso... é dar a ele total honestidade.

─ Por causa do jeito que você está agindo agora ─ eu sussurro, me libertando de seu aperto para que eu possa enrolar meus braços em volta de mim. ─ Já é ruim o suficiente que eu não pareço com as outras garotas com quem você fica. Eu não queria que você também pensasse que eu era uma perdedora que não conseguia transar. ─ Minha garganta fica apertada. ─ Eu sei que deveria ter te contado antes de nós... mas eu... ─ Olho pela janela enquanto outra lágrima rola pelo meu rosto. ─ Eu não queria lhe dar mais motivos para não estar comigo.

─ Então você me enganou.

Minha cabeça gira em torno de sua acusação. ─ Oh, por favor. Não era um truque. Tenho certeza que você fodeu *muitas* virgens.

Só que ao contrário de mim, elas têm a *experiência completa*.

─ Você está errada ─ ele rosna. ─ Eu não fodi *nenhuma*.

Eu pisco de surpresa. ─ O que?

─ Virgens complicam a merda. ─ Um bufo feio o deixa. ─ As garotas ficam pegajosas o suficiente depois do sexo, e a última coisa que eu quero é escalar essa besteira estourando a cereja de alguém.

A emoção atinge meu peito e a necessidade de me proteger corre solta por mim. ─ Acho que é uma coisa boa termos sido interrompidos

então, hein?

Eu alcanço a maçaneta da porta, mas sua mão trava no meu joelho. ─ Eu não estou querendo te machucar.

─ Engraçado. Porque você acabou de fazer.

─ Merda, ─ ele estala quando eu pego minha bolsa do chão do carro. ─ Esta conversa não acabou.

Não sei se rio ou choro. ─ Acabou para mim.

Pela primeira vez, *ele* pode ver como é ser ignorado.

Vou sair do carro pela última vez, mas Phoenix agarra meu rosto. ─ Isso *não* acabou, porra.

E então sua boca está na minha, me beijando com tanta força que minha mente gira e eu esqueço que estamos brigando.

─ Você está complicando a merda ─ eu respiro contra seus lábios antes de sua língua mergulhar dentro.

─ Não. ─ Sua mão emaranha no meu cabelo enquanto ele se afasta um pouco, olhando para mim através das pálpebras abaixadas. ─ Estou perseguindo isso.

Meu coração voa, mas meu cérebro não quer subir a bordo ainda. Eu tenho muitas perguntas. Tipo – como vamos fazer isso funcionar quando nós dois estamos indo embora? E isso faz de mim sua namorada oficial agora, ou ele está apenas *perseguindo* pela próxima semana?

Todas as minhas preocupações saltam para segundo plano quando Phoenix apalpa meu peito. ─ Você me deixa louco pra caralho.

Não tão louco quanto ele me deixa.

─ Desculpe por ter mentido. ─ Eu nunca olhei para isso do ponto de vista dele e agora que estou... vejo que estava errada. ─ Fiquei dizendo a mim mesma que você nunca se sentiria atraído por uma garota como eu e deixei minhas inseguranças tomarem conta.

Mas se eu não conseguir lidar com elas logo, vai arruinar tudo entre

nós.

Eu fecho meus olhos enquanto sua boca se move para o meu pescoço e ele coloca minha mão sobre sua ereção. ─ Isso ajuda a esclarecer as coisas?

Meu coração dispara em um galope e o calor se acumula entre minhas pernas.

─ Você tem outro preservativo?

A necessidade de terminar o que começamos é maior do que a minha necessidade de ar.

─ No meu bolso ─ ele murmura, beliscando minha clavícula.

Alcançando dentro de seu bolso, eu puxo o pacote de papel alumínio enquanto seus dedos brincam com o botão do meu jeans.

Uma batida forte na janela, seguida por um pigarro irritado, nos faz sacudir.

─ Que porra… ─ Phoenix rosna ao mesmo tempo que eu grito, ─ Oh meu Deus.

O olhar do meu pai salta entre nós... e se olhares pudessem matar, nós *dois* estaríamos em caixões agora.

─ Merda ─ Phoenix murmura baixinho enquanto nos separamos.

Eu silenciosamente digo a Deus para parar com isso e parar de aumentar a humilhação quando saio do carro.

─ Dentro, Lennon ─ ele ferve. ─ Agora mesmo.

Eu amo meu pai, mas ele precisa parar de me tratar como um bebê. Eu sei que testemunhar sua filha ficando quente e pesada com um cara o chateou, mas eu sou uma adulta agora.

Eu cruzo meus braços. ─ Não.

É quando Phoenix sai do carro.

Meu queixo cai porque eu esperava que ele fosse embora. Eu nem o culparia por isso.

─ Quem diabos é você? ─ meu pai late, embora suas táticas de

intimidação sejam quase cômicas, já que ele é uns bons dez centímetros mais baixo que Phoenix. ─ E o que você estava fazendo com suas patas em cima da minha filha?

Dado que o último é bastante óbvio, respondo sua primeira pergunta.

─ O nome dele é Phoenix.

A confusão se espalha por seu rosto. ─ Eu pensei que você disse que ele era gay?

Ao meu lado, Phoenix tosse. ─ O que?

*Merda*. Eu esqueci completamente que eu disse isso a ele.

Eu estremeço. ─ Hum... ele não é mais?

─ Claramente. ─ Meu pai estreita os olhos. ─ Quando vocês dois começaram a fazer sexo?

*Menos de quarenta e cinco minutos atrás*.

Um rubor furioso rasteja ao longo do meu pescoço e bochechas. ─ Isso não é da sua conta.

─ O inferno que não é ─ ele argumenta. ─ Você é minha...

─*Adulta* maior de dezoito anos ─ eu interrompo. ─ Quem vai para a faculdade no final do verão e não vai mais viver sob o seu teto.

Minhas palavras o atingem como um trem de carga, e ele tropeça para trás.

A culpa pinica meu peito porque eu não queria machucá-lo. No entanto, ele não pode me dizer para abrir minhas asas, apenas para cortá-las no segundo em que eu as testar.

Estou prestes a dizer isso a ele, mas toda a sua atenção está agora voltada para Phoenix.

─ Minha filha não é uma idiota, meu jovem.

Oh. Meu. Deus. Ele é *incorrigível*.

Phoenix o olha bem nos olhos. ─ Eu sei.

Se alguém tivesse me dito um mês e três dias atrás que Phoenix

Walker e meu pai estariam conversando sobre nós fazendo sexo, eu teria pedido que andassem em linha reta.

Apesar de Phoenix se manter respeitoso, meu pai olha carrancudo. ─ Não, você não sabe. Se soubesse, perceberia que ela merece muito mais do que dois minutos no banco de trás do seu maldito carro.

A decepção corta seu rosto antes que ele dê meia-volta e volte para a casa.

Gemendo, eu esfrego minha testa. ─ Sinto muito.

─ Não sinta. ─ Esfregando a mão pelo rosto, ele solta um suspiro. ─ Não posso culpar o homem por estar bravo com o cara que estava a segundos de transar com sua filha no estacionamento.

Olho para o carro dele. ─ Isso é dois por dois esta noite. ─ Aparentemente, o universo quer que eu permaneça meio virgem. ─ A menos que você queira voltar para Storm... ou estacionar na rua?

Dando um passo em minha direção, sua mão se enrola em volta do meu quadril. ─ Eu tive minha exitação cortada *duas vezes* na última hora, então provavelmente vou me arrepender disso, mas acho que devemos deixar a poeira baixar e continuar de onde paramos amanhã à noite.

Estaria mentindo se dissesse que não me decepcionei. Eu o quero *agora*.

─ Oh. ─ Eu vou querê-lo tanto amanhã, porém, então acho que posso lidar. ─ Ok.

Suas sobrancelhas franzem. ─ Você ainda está vindo para o show, certo?

Eu não perderia isso por nada no mundo. ─ Sim. Comprei um ingresso.

Ele dá outro passo, me pressionando contra seu carro. ─ Foda-se isso. Vou deixar seu nome na porta para que você possa me encontrar nos bastidores.

Meu coração incha para o dobro do tamanho porque não só isso soa como algo que um cara diria para sua *namorada*... soa como algo que um cara que não tem vergonha de ser visto com ela diria.

— Tem certeza?

Ele inclina meu queixo. — Positivo.

Eu pressiono na ponta dos pés quando ele coloca sua boca na minha. Estou deslizando minha língua por seus lábios quando ele se afasta, quebrando o beijo. — Vá para dentro antes que eu dê ao seu pai outro motivo para me odiar.

— Ele não tem motivos para te odiar. *Ele é* o único que estava errado.

— Ele se importa com você, — Phoenix responde, seu olhar percorrendo cada centímetro do meu rosto. — Você provavelmente deveria falar com ele.

De jeito nenhum. Eu não vou falar com ele até que ele peça desculpas por agir como um lunático.

— E dizer o quê? Sinto muito que seu eu superprotetor e intrometido me pegou quase fazendo sexo?

— Que tal “desculpe o idiota com quem estou fodendo”. Porque mesmo que a observação de dois minutos estivesse errada, ele estava certo sobre o resto. — Ele segura meu rosto. — Sua primeira vez não deveria ter sido em um futon na garagem do meu melhor amigo.

Minha primeira vez foi tudo que eu sempre quis, e não tem nada a ver com a localização. É porque foi com *ele*.

— Eu não me arrependo — eu sussurro.

— Bom. — Ele agarra minha camisa, me puxando para mais perto. — Porque da próxima vez? Eu vou te foder tão bem que *vai* acabar com você gozando no meu pau. — Meu coração palpita quando ele pega meu lábio inferior entre os dentes. — Tão bom que valerá a pena as quarenta e quatro horas de viagem.

Com isso, ele me solta e abre a porta do carro.

Ele está saindo da garagem quando percebo que ele estava se referindo à viagem de Los Angeles a Dartmouth.

# CAPÍTULO 16

## LENNON

Meu pai se recusa a olhar para mim quando entro pela porta da frente.

Um de nós tem que quebrar o gelo, mas está claro que ele ainda está com raiva, então eu passo por ele e subo as escadas.

*Ele não pode ficar bravo comigo para sempre*.

Assim que chego ao meu quarto, tiro meu laptop da minha mesa e sento na minha cama.

Eu tenho adiado o agendamento do meu teste para tirar carteira de motorista por causa da minha ansiedade, mas Phoenix me deu uma boa razão para superar isso.

Menos de cinco minutos depois, meu teste está oficialmente marcado para o dia seguinte à sua partida.

Assim também posso fazer aquelas viagens de quarenta e quatro horas.

Estou no meio de uma mensagem de texto para Phoenix com as boas notícias quando alguém bate na minha porta.

— Entre.

A expressão do meu pai ainda está azeda quando ele entra no meu quarto, mas pelo menos ele está disposto a falar sobre isso agora.

— Eu nunca quis te machucar — eu começo. — Mas eu não sou mais uma garotinha.

— Eu sei. — Parecendo derrotado, ele solta um suspiro pesado e se senta no final da minha cama. — Conte-me sobre esse cara Phoenix.

Eu sorrio, meu coração pulando várias batidas. — Bem, para começar, ele me disse que eu deveria entrar e falar com você.

Ele dá um aceno de aprovação. ─ Continue.

Meu sorriso cresce. ─ Ele teve uma vida difícil, então ele é um pouco áspero, mas ele tem um bom coração. ─ Olho para o tapete. ─ Sabrina e um monte de amigos dela jogaram merda de porco em mim na festa de formatura...

─ O que? ─ ele bomba. ─ Por que você não me contou?

─ Porque eu estava envergonhada, e eu não queria que você ficasse louco e ligasse para os pais de todo mundo. ─ Coloco uma mecha solta de cabelo atrás da orelha. ─ De qualquer forma, Phoenix estava lá para mim. Ele não apenas me pegou na festa, ele me levou para a casa de Storm para que eu pudesse tomar banho. ─ Eu gesticulo para sua camiseta Papa Roach perto do meu travesseiro. ─ Eu não tinha nada para vestir enquanto minhas roupas estavam sendo lavadas, então ele me deu isso.

O sulco em sua testa se aprofunda quando ele absorve tudo isso. ─ Estou feliz que ele veio em seu auxílio, mas eu ainda gostaria que você tivesse me ligado. ─ Ele inclina a cabeça para o lado. ─ E quem é Storm?

Com isso, eu rio. ─ Storm é o melhor amigo de Phoenix… e companheiro de banda.

Qualquer progresso que estávamos fazendo morre com essas palavras. ─ Ele está em uma banda?

Aqui vamos nós. ─ Sim. E antes que você surte, ele é *incrível*. E eu juro, não estou dizendo isso só porque ele é meu... você sabe. ─ Minha mão encontra meu coração que bate no meu peito toda vez que penso ou falo sobre ele. ─ Sua voz... seu talento. É de outro mundo...

Um bufo hostil me interrompe. ─ Espere até que ele parta seu coração.

─ Ele não vai quebrar meu coração ─ eu defendo, ficando chateada com suas suposições. Não só ele encontrou Phoenix por dois segundos,

foi enquanto as circunstâncias não estavam a seu favor. Não é justo que meu pai julgue ele ou nossa situação. ─ Você nem o conhece.

De pé, ele dispensa tanto a mim quanto a minha declaração.

─ Ah, mas eu conheço. Eu trabalho com caras como ele o tempo todo, lembra? Eles são todos idiotas arrogantes e egoístas que só querem uma coisa quando se trata de garotas. ─ Ele cruza os braços. ─ Eu dou a ele uma semana antes que ele substitua você por outra garota e você esteja chorando até dormir... e isso é ser generoso.

Isso não é verdade. Phoenix não está querendo me machucar. Ele mesmo disse isso.

─ Phoenix não vai fazer isso comigo.

─ Para uma garota tão esperta, você está agindo de forma muito idiota quando se trata desse garoto.

─ O garoto tem nome. ─ Meu peito aperta de raiva. ─ E para um pai tão bom, você está agindo como um verdadeiro merda agora.

─ Não, eu não estou ─ ele argumenta. ─ Estou simplesmente tentando proteger a coisa que mais amo neste mundo. ─ Ele aponta o dedo no ar. ─ Eu não quero que você aprenda esta lição da maneira mais difícil.

─ A única coisa que estou aprendendo é que *você* não consegue lidar com o fato de que há outro homem na minha vida.

─ Não por muito tempo ─ ele zomba.

Exasperada, bato o pé. ─ Pai...

─ Como você sabe que ele não está apenas usando você para tirar vantagem das minhas conexões? Já pensou nisso? ─ Ele bufa. ─ Claro que não. Porque essas malditas estrelas em seus olhos deixaram você cega.

Qualquer esperança que eu tivesse de pedir ao meu pai para ajudar Phoenix e Storm é frustrada com essas palavras.

Foda-se. Eles não precisam dele.

— Eu sei que você pensa que eu sou apenas um cara velho em uma viagem de poder agora, mas eu dei a volta no quarteirão algumas vezes. Conheço caras como ele. Eu sei como eles pensam. Inferno, eu *era* um.

Então ele deve saber que as pessoas são capazes de mudar para melhor. Não que Phoenix precise, porque ele me surpreende a cada passo.

Toda vez que minhas inseguranças me convenciam que ele iria para a direita... ele fazia o oposto e ia para a esquerda.

Porque ele se importa comigo.

E não vou deixar meu pai encher minha cabeça de dúvidas porque passei minha vida inteira acreditando que não sou o tipo de garota que fica com o cara.

Mas eu *sou*.

— Eu não quero continuar brigando com você sobre isso, — ele diz suavemente enquanto caminha até a porta. — Eu só queria que você me ouvisse.

Eu sei que meu pai só está dizendo essas coisas porque ele está preocupado e me ama... mas no meu coração, eu sei que ele está errado sobre Phoenix.

*Porque eu o amo*.

# CAPÍTULO 17

## PHOENIX

A adrenalina corre através de mim enquanto eu rolo meus ombros para trás e fecho meus olhos, deixando a energia zumbir e vibrar antes de se tornar um rugido.

Muitos artistas ficam nervosos antes de se apresentarem, mas eu não. Eu sei que uma vez que estou nesse palco... nada mais importa.

— Quando sua namorada vem? — Storm faz perguntas, girando na única cadeira dentro do camarim.

Assim como eu, ele também não fica nervoso.

Eu olho para o meu relógio. Faltam quarenta minutos, então Lennon ainda tem tempo de sobra para chegar aqui.

— Não sei. Vou mandar uma mensagem para ela daqui a pouco.

É só então que eu percebo que não me incomodei em corrigi-lo sobre o comentário da namorada, mas antes que eu possa examiná-lo ainda mais, Storm murmura uma maldição.

— O que?

Se ele vai jogar outro de seus ataques de cadela, ele pode levar sua bunda para fora.

Ele olha para o telefone. — Meu amigo Mike acabou de me mandar uma mensagem e disse que viu Vic Doherty da Phantom Rock Records no meio da multidão.

Eu ouvi o boato sobre um executivo da gravadora aparecendo esta noite, mas não *o* executivo da gravadora.

Cara ele é uma lenda do caralho no mundo da música. Inferno, o mundo em geral. Ele é o nome por trás de algumas das maiores lendas

do rock do planeta.

A adrenalina subindo rapidamente por mim se transforma em uma mistura nauseante de ansiedade e pavor.

*Estamos tão fodidos*.

— Que porra vamos fazer? — Grunhidos de Storm, ecoando meus pensamentos. — Nós não podemos simplesmente ir lá e tocar um monte de covers. Sem música original, não há como ele pensar duas vezes sobre nós.

Ele tem razão.

Embora eu esteja confiante nas capacidades minhas e da Storm, não será suficiente. Ele não vai ficar impressionado por nós tocarmos os maiores sucessos de outra banda... não importa o quão bom nós sejamos.

Ele quer originalidade. Algo raro e único.

*Algo especial*.

O pavor e a ansiedade enrolando no meu intestino sobem um pouco.

Porque eu tenho exatamente o que ele está procurando...

*Vai me custar a única pessoa que já acreditou em mim*.

Eu odeio a estrada bifurcada em que me encontro na frente, mas apenas uma dessas estradas me levará aos meus sonhos.

Uma oportunidade como esta vem uma vez na vida... se você tiver sorte.

*Eu tenho que pegar*.

Soltando um suspiro, eu me viro para Storm. — Estou trabalhando em algo.

Os olhos de Storm quase saltam das órbitas. — Que jeito de esperar a porra do último minuto para me dizer.

— Vou te dar o resumo, mas não temos tempo para ensaiar, então você terá que acompanhar enquanto estivermos lá. A bateria é pesada

no final.

Normalmente não seria um problema porque estamos sempre em sincronia, mas este é um material completamente novo.

Apesar de parecer inquieto, ele me dá um aceno de cabeça. — Posso trabalhar com isso.

Com essas palavras, eu sei que não há como voltar atrás e nosso destino foi selado.

Eu só espero como o inferno que valha a pena.

Pegando meu telefone, eu uso a opção de voz para texto e clico em enviar.

# CAPÍTULO 18

## LENNON

Termino de passar mais uma camada de gloss e fecho meu compacto. Mais uma vez, pedi a ajuda da Sra. Palma com minha maquiagem e cabelo, e ela fez um trabalho incrível.

Em vez da Lennon nerd, agora sou fofa e – ouso dizer – Lennon *sexy.*

Só que desta vez, enquanto ela fazia sua mágica, eu falei sobre Phoenix e ela gritou como *se* fosse a adolescente namorando o cara mais gostoso de Hillcrest.

Ela também me garantiu que meu pai voltará eventualmente. Ele só precisa de um pouco mais de tempo para lidar com sua filhinha crescendo.

Aliso meu vestido quando saio do Uber. É o mesmo que usei na festa de formatura, mas como Phoenix nunca o viu sem dejetos de porco e isso me faz sentir confiante, achei que era uma escolha sólida.

Já há uma fila na porta enquanto ando até o local. Eu tinha planejado chegar aqui mais cedo, mas a Sra. Palma decidiu no último minuto que meu cabelo precisava de mais força e sacou seu modelador.

Felizmente, eles não vão até as dez, o que significa que eu ainda tenho aproximadamente dezessete minutos para colocar minha bunda lá dentro.

Algumas pessoas resmungam atrás de mim enquanto eu faço meu caminho para a frente da fila.

*Ser a namorada de um vocalista definitivamente tem suas vantagens*.

— Ei — eu cumprimento o homem de aparência mal-humorada parado na entrada. — Meu nome é Lennon Michael. Sharp Objects me colocou em sua lista de bastidores.

Depois de escanear brevemente o papel em sua mão, ele me dá uma pulseira. — Aqui está o seu passe. — Ele levanta um polegar atrás dele. — No corredor, terceira porta à esquerda.

O lugar está zumbindo quando abro a porta e me permito me deleitar com o fato de poder ir aos bastidores enquanto atravesso o andar principal e desço um longo corredor.

Encontro Storm batendo furiosamente em uma das portas. — Que porra você está fazendo aí, idiota?

*Uh-oh.* Isso não pode ser bom.

— Tudo certo? — Eu questiono enquanto me aproximo dele.

— Não — ele resmunga. — Seu homem esteve lá nos últimos quinze minutos. — Ele bate na madeira. — E ele não vai abrir a porra da porta.

*Ah Merda.* Talvez ele esteja nervoso.

Com certeza, Phoenix não me parece do tipo que fica com os pés frios antes de uma apresentação, mas o medo pode atacar a qualquer momento e acontecer com qualquer um.

Fechando meus olhos, eu pressiono minha testa contra o painel de mogno, desejando que ele sinta o quanto eu tenho fé nele. — Você consegue, Phoenix. Você vai matá-los esta noite. Eu acredito em...

A porta se abre... só que não é meu namorado do outro lado.

*É Sabrina*.

— Desculpe. — Enrugando o nariz, ela me dá um sorriso presunçoso. — Estávamos ocupados.

Eu fico ali paralisada... além do meu coração, que parece que está se partindo em mil pedacinhos.

Cada um desses pedacinhos me corta quando olho para ela e vejo Phoenix fechando a braguilha.

*Isso não pode estar acontecendo*.

Meu coração, desesperado para se recompor novamente, tenta inventar uma desculpa fraca em uma tentativa de reconciliar como o cara com quem perdi minha virgindade há menos de vinte e quatro horas - o cara que disse que queria *perseguir* isso e falou cerca de quarenta e quatro horas de carro ─ é o mesmo que estou olhando.

Cada parte do meu corpo está gritando para eu me virar e ir embora. Para preservar a pouca dignidade que me resta.

Foda-se isso.

Este corte é muito profundo para fingir que não dói como o inferno.

Se ele não queria estar comigo, ele nunca deveria ter me levado a pensar o contrário.

Apesar do quanto eu o queria, eu estava mais do que disposta a ser amiga. Porque eu havia aceitado há muito tempo que era tudo o que seríamos.

Até *que ele* me fez acreditar que poderíamos ser mais.

*Que uma garota como eu poderia pegar um cara como ele*.

O que só pode significar uma coisa.

Nosso relacionamento “tanto a amizade quanto as partes sexuais” não passava de um joguinho doentio para ele.

Raiva misturada com agonia é uma onda violenta que atravessa meu corpo enquanto caminho para dentro.

Eu poderia chamá-lo de idiota e dizer o quanto ele me machucou.

Eu poderia perguntar a ele *porquê*.

Mas nada disso importa... porque não vai mudar o que ele fez ou tirar essa dor.

─ Nunca mais quero ver você. *Nunca*.

Pela primeira vez, não quero me aproximar do sol.

Eu quero sair da atmosfera dele. *Para o bem.*

Ele dá um passo à frente – quase como se quisesse estender a mão

e me tocar – antes de se afastar e focar sua atenção em algo atrás de mim. ─ Te mando uma mensagem mais tarde, Sabrina.

Qualquer que seja o autocontrole que eu tinha, eu o chuto nas bolas com tanta força que ele desmaia e Storm murmura *ai* baixinho.

No entanto, isso não me dá a gratificação que eu estava procurando, então pego a grande jarra de refrigerante que está sobre a mesa e derramo sobre a cabeça dele. Dessa forma, quando ele subir ao palco, ele vai se sentir tolo e humilhado... assim como eu me sinto agora.

─ Eu *odeio* você.

Com isso, eu saio... e a primeira lágrima cai.

Elas não param de cair enquanto eu saio do local, ando pela rua e ligo para meu pai.

Ele atende no primeiro toque. ─ Ei...

─ Pode vir me buscar? ─ Eu resmungo através de soluços histéricos que não consigo fazer parar.

─ É claro. Onde você está?

─ Voodoo. Bem... na rua.

Porque eu quero estar o mais longe dele possível.

─ Estou indo agora mesmo.

─ Obrigada. ─ Uma dor aguda queima meu peito. ─ Você estava certo sobre Phoenix.

Estou grata por ele não esfregar ou dizer que eu avisei.

─ Eu estarei aí em breve, cara de macaco.

Outra onda de agonia me atinge quando a linha se desconecta. É tão afiada que quase tira a força dos meus joelhos.

Quando você cai de um prédio, todos os seus ossos se quebram.

Mas quando você se apaixona? É o seu coração que quebra.

# CAPÍTULO 19

## LENNON

— Muito obrigada — digo à atendente do drive-thru enquanto ela me entrega minha sacola de comida e um refrigerante gigante.

Eu posso ver o julgamento em seus olhos antes de me afastar.

Já se passaram quatro meses desde a pior noite da minha vida, e nesse tempo eu tirei minha carteira de motorista, comprei um carro, comecei a faculdade... e ganhei quinze quilos.

Desembrulhando meu hambúrguer, dou uma grande mordida. O triste é que nem estou com fome.

Eu só quero o chute de endorfina.

Mesmo que a vergonha venha logo depois.

Eu adoraria ser capaz de vencer meu vício em comida em vez de deixá-lo me controlar, mas acho que isso nunca vai acontecer. Especialmente agora que meu vazio parece maior do que nunca.

Esta escola é grande, mas não tenho amigos. Claro, eu tenho uma colega de quarto que é legal e tudo, mas ela tem um namorado que também estuda em Dartmouth.

Quando ela não está no dormitório dele, ele está no nosso.

Algo que eu só sei porque o elástico na maçaneta externa do nosso quarto me dá um aviso para não os interromper.

Alcançando dentro da sacola, pego o segundo hambúrguer enquanto paro em um sinal de pare.

*Eu preciso parar de fazer isso.*

Dando uma mordida, eu aumento o volume do meu aparelho de som. Eu não costumo ouvir rádio – porque olá *Spotify* – mas este canal

não só toca rock incrível que eu amo, eles fazem entrevistas com músicos de vez em quando.

Isso não é o caso hoje, no entanto. A voz irritante do apresentador de rádio se espalha pelos meus alto-falantes. ─ Eu era um caso perdido no segundo em que pus os olhos em minha esposa. E agora eu quero *que você* me diga se você já experimentou amor à primeira vista. O décimo visitante receberá um par de ingressos para o próximo festival de rock de Natal.

Blá blá blá.

Estou prestes a mudar para o Spotify, mas as próximas palavras que saem de sua boca prendem minha atenção. ─ Enquanto isso, tenho um mimo para todos vocês. O novo single autointitulado que acabou de sair ontem, mas já está explodindo nas paradas da Sharp Objects.

Meu carro quase sai da estrada.

*Puta merda*.

─ Eu tenho que te dizer ─ o apresentador de rádio continua. ─ Estou realmente cavando este aqui.

Eu vou desligar porque mesmo que eu esteja feliz por Storm, eu não acho que consigo ouvir a voz de Phoenix sem chorar.

Então... eu ouço.

*Eu sou duro como um prego*
*Afiado como uma lâmina*
*Mas eu ainda estou deitado aqui...*
*Na bagunça que você fez.*

Tudo dentro de mim congela.

Eu nem percebo que saí da estrada e estourei meu pneu em um meio-fio que pulei até que uma mulher corre e pergunta se estou bem.

Eu não estou bem. *Nem perto disso*.

Dizem que quando você brinca com fogo, você se queima.
Mas quando você ama?
Você fica destruída.

# CAPÍTULO 20

## PHOENIX

***Quatro anos depois…***

— Gramy! — uma voz do outro lado da casa grita.

Na hora, todos tomam um gole do que está na mão.

Ontem à noite, eu e os outros três membros da Sharp Objects nos tornamos vencedores oficiais do Grammy quando levamos para casa o Álbum do Ano.

Eu estaria mentindo se dissesse que não estava preocupado em ir embora sem um. Quatro anos atrás, quando alcançamos o ouro e nos tornamos grandes, fomos indicados para Melhor Artista Revelação e nossa faixa autointitulada “Sharp Objects” foi indicada para Canção do Ano. A decepção de não ganhar também parecia um tijolo na cara.

Mas finalmente conseguimos. Para comemorar, nosso empresário Chandler e o resto de nossa equipe nos alugaram uma doce casa na praia e convidaram todos as nossas fans favoritas – ou seja, groupies e roadies – para se juntarem a nós.

Estamos festejando nas últimas vinte e quatro horas, e não tenho vontade de desacelerar este trem. Eu vou fazer vinte e três este ano e já tenho um *Grammy filho da puta*. Eu sou a merda de que as lendas são feitas.

Eu termino o resto do Jack no meu copo e vou até a mesa para que eu possa reabastecer.

Storm, que está fumando um cigarro sem pressa, faz uma careta enquanto eu o encho até a borda. — Você provavelmente deveria pisar

no freio nessa merda, cara.

Ele ainda é meu melhor amigo, mas foda-se ele e sua bunda.

— Ganhamos um Grammy, vadia. Estou comemorando.

Josh, nosso baixista – e um dos filhos da puta mais loucos que eu já conheci – vem até nós.

Antes de Vic contratar Storm e eu para a Phantom Rock Records, ele nos fez conhecer um baixista e um guitarrista que por acaso eram irmãos adotivos.

Como Storm e eu, eles eram do lado errado das faixas e receberam uma mão de merda na vida, mas a música foi o que os ajudou a passar por momentos difíceis. No segundo em que começamos a tocar, fiquei arrepiado e você praticamente podia ver cifrões piscando nos olhos de Vic. As estrelas se alinharam naquele dia e foi sem dúvida o destino.

Josh e Memphis precisavam de um vocalista e um baterista, e nós precisávamos de um guitarrista e um baixista... mas o que conseguimos foi uma família.

— Porra, sim, estamos comemorando! — Josh grita antes de pegar a garrafa de Jack da mesa e tomar um grande gole.

Visivelmente irritado, Storm resmunga algo baixinho e Josh assovia pra ele. — Ninguém gosta de um estraga-prazeres.

Colocando um braço em volta dos meus ombros, ele aponta para duas gostosas seminuas do outro lado da sala. — Vê aquelas cadelas ali? — Estou prestes a lembrá-lo que não sou cego, mas então ele diz: — Esses são boquetes com nossos nomes neles. — Ele balança as sobrancelhas. — E eu tenho um saco de coca que vamos cheirar seus peitos gigantes.

Assine-me pra caralho.

— O que estamos esperando?

Ele beija minha testa. — E é por isso que você é meu garoto.

Desde que eu sou seu filho, eu dou a ele um sólido e vasculho a

área ao redor para sua noiva Skylar. Apesar de estarem juntos desde que eram crianças e Skylar ser uma doce loirinha, Josh a trai à esquerda e à direita. O resto dos caras e eu há muito desistimos de tentar dizer a ele para parar com isso porque aquele filho da puta nunca ouve.

E Skylar sempre acaba perdoando ele.

Mas parece que as marés estão mudando porque eu a pego encolhida no canto da sala, tendo o que parece ser uma conversa muito acalorada com Memphis.

Josh está tão chapado hoje que não percebe que seu próprio irmão e membro da banda está apaixonado por sua garota.

Skylar é muito mais perspicaz, porém, porque no segundo em que começamos a conduzir as meninas para o quarto mais próximo, ela se aproxima de seu homem como um abutre. ─ Josh!

Apesar de estar bêbado, Josh acelera o passo, rindo enquanto puxa as meninas para o quarto e tranca a porta atrás de nós.

─ Tire suas roupas, ─ ele diz para a ruiva enquanto eu acompanho a loira até a primeira das duas camas do quarto.

─ Seu novo piercing é tão quente ─ ronrona loira. ─ Eu *amo* beijar caras com piercings nos lábios.

Ela não vai beijar este.

A garota vai se sentar no colchão, mas eu balanço minha cabeça. ─ De joelhos.

Rindo, ela avidamente puxa meu zíper para baixo. Um momento depois, ela está engolindo meu pau. Ou melhor, tentando porque ela engasga e diz: ─ Você é tão grande.

Eu pressiono a parte de trás de sua cabeça. ─ Chupe de qualquer jeito.

E ela faz.

Essa é a grande coisa sobre groupies. Não há besteira ou pretensão. Elas estão aqui apenas para servir, foder e nos chupar como

os deuses que somos.

É lindo pra caralho.

Até que uma batida forte na porta faz Josh derramar o saco de coca que ele está despejando nos peitos da ruiva.

— Josh, eu juro por Deus...

— Relaxe, menina — ele grita. — Estamos apenas conversando. — Chupando o mamilo em sua boca, ele murmura: — Estes têm um gosto bom... mas eles estão prestes a ter um sabor ainda melhor.

Isso só faz com que as batidas frenéticas fiquem mais altas.

Ignorando os pedidos de sua noiva para ele sair, Josh e a ruiva caminham até mim. — Dê ao papai Phoenix uma pequena amostra.

A ruiva segura entusiasmada seu peitão como uma prateleira e Josh pega um novo saco de coca e coloca um pouco nele.

Não tenho o hábito de foder com as coisas difíceis, mas ganhar um Grammy exige um pouco de diversão extra.

Abaixando a cabeça, cheiro a linha.

Levo cinco segundos para perceber que algo está diferente nisso. — Que tipo de coca é essa?

Essas sobrancelhas loiras dançam e ele sorri como o gato que comeu o canário. — O tipo de heroína.

*Filho da puta.* Ele sabe que eu não me meto com essa merda.

— Que porra... — Eu começo a grunhir, mas uma onda de náusea dá um nó no meu estômago.

E então eu vomito...

Por toda a garota me dando um boquete.

*Jesus Cristo.*

Estendendo a mão, Josh dá um tapa nas minhas costas. — Aproveite o passeio, garoto.

Eu quero gritar com ele, mas a sensação de euforia pulsando em minhas veias só pode ser comparada ao tipo que sinto sempre que estou

no palco.

Outra onda de puro êxtase me atinge, e sinto que estou em meu próprio mundinho, onde nada nem ninguém pode arruinar esse sentimento de paz.

Nem mesmo o choro alto de Skylar do outro lado da porta.

— Boa essa? — Josh diz enquanto abre o zíper, e a garota na frente dele cai de joelhos.

Eu fecho meus olhos, me perdendo na sensação enquanto transformo as batidas de Skylar em uma batida melódica na minha cabeça.

— Maldição, — Josh ruge. — Chupe com mais força.

— Estou tentando — ela lamenta.

— Você não está tentando se você está falando. — Um momento depois, ouço um huff alto. — Você é quente, mas eu posso chupar pau melhor do que você. Dê o fora, seu pedaço de merda inútil.

— Fica calmo, idiota — eu falo.

Pelo amor de Deus, a garota está aqui para tirá-lo.

Um novo conjunto de fungadas assalta meus ouvidos porque Josh conseguiu fazer *duas* garotas chorarem agora.

— Não é minha culpa — ele argumenta. — Esta cadela não pode me deixar duro.

Não é culpa dela também.

Eu começo a olhar para baixo, mas penso melhor, porque embora eu dê um A para a garota que está me chupando por esforço, o visual é algo que vai arruinar minha ereção bem rápido. — Bem, *eu* não tenho esse problema, idiota. Cala a boca então eu posso terminar.

Ele me faz o favor e quinze minutos depois estou gozando feito louco que me deixa satisfeito.

— Obrigado, querida. — Eu projeto meu queixo na direção do banheiro adjacente. — O chuveiro está lá.

Minha loira e a ruiva chorosa de Josh vão direto para lá.

Estou tirando minha camisa porque há um pouco de vômito nela... quando a porta se abre e uma Skylar irada entra com uma chave de fenda na mão.

*Gostaria de saber onde ela conseguiu uma dessas*?

Largando a ferramenta, ela bate os punhos no peito dele. ─ Eu te odeio pra caralho.

─ Relaxe ─ ele a acalma, tentando puxá-la para um abraço. ─ Nada aconteceu. ─ Ele olha para mim. ─ Diga a ela, Phoenix.

Eu não estou dizendo *merda nenhuma.* Este é o seu tornado para lidar.

─ Você sabe o quanto eu te amo, ─ ele continua, mas Skylar não está aceitando porque ela o empurra.

Ele está tão alto que quase cai e arrebenta a bunda.

─ Acabou.

Ele começa a persegui-la, mas ela grita: ─ Não me siga. Acabou.

Ele revira os olhos quando ela sai do quarto. ─ Ela sabe muito bem que não terminamos.

Apesar de ser bastante convincente sobre isso desta vez, ele provavelmente está certo.

Skylar tem um coração sangrando... um que sangra continuamente por causa dele.

Sem se incomodar com o fato de seu relacionamento estar em chamas, Josh olha para mim e sorri. ─ O que você acha de irmos em uma pequena aventura?

─ Que tipo de aventura?

Porque com Josh nunca se sabe.

─ O tipo que envolve a gente dar o fora daqui.

Sim, ele está alto como uma pipa. Não só nossa equipe de segurança estará procurando por nós depois que sairmos, caminhar na

praia no meio da noite não é minha ideia de diversão.

— Eu não estou com vontade de ir caminhar...

— Quem falou em andar? — Ele balança um par de chaves na frente do meu rosto. — Eu roubei as chaves do Stang de Chandler mais cedo. Vamos tirá-lo para dar uma volta.

Ele deve sentir que estou prestes a recusá-lo porque ele provoca: — Vamos. Não seja um maricas.

Uma vez que este idiota coloca seus olhos em algo, é um embrulho. A única coisa que você pode fazer é supervisionar o filho da puta, para que ele não cause muita destruição.

Esquivando-se das pessoas para a esquerda e para a direita, saímos em direção ao mustang vermelho do nosso gerente.

Ele joga as chaves para mim. — Vou deixar você fazer as honras.

Abrindo a porta do lado do motorista, entro. — Estamos saindo por alguns minutos.

No momento em que ligo o carro, "…Baby One More Time" de Britney Spears explode nos alto-falantes.

Josh e eu trocamos um olhar... e então caímos na gargalhada.

— Puta merda, — Josh diz entre acessos de risadas.

— Eu sei.

Nosso gerente está na indústria há quinze anos e não é apenas um entusiasta do rock, mas um durão em geral.

Então, novamente, o cara usa calças cargo.

Pegando o cigarro aceso que ele passa pra mim, dou ré para fora da garagem. — Eu nunca vou deixá-lo esquecer essa merda.

Josh tira algo do bolso. — Foda-se não. Da próxima vez que ele começar a reclamar de nós, vou começar a cantar *isso.*

Um bufo me deixa enquanto desço a costa. O olhar no rosto daquele idiota será impagável.

— Devemos fazer dessa nossa música pré-jogo na turnê, — Josh

continua.

Começaremos nossa turnê sul-americana de um mês em cinco semanas, seguida por outro período de um mês na Austrália, e então nossa turnê pelos Estados Unidos neste verão.

Depois disso... iremos para a Europa por seis semanas.

E então? Estou dormindo pela próxima década.

— Foda-se não.

Vou desligar o som, mas Josh me impede. — Não. Deixe-o ligado. — Balançando a cabeça no ritmo, ele joga um pouco de pó no painel e cheira.

— Sério, cara?

Ele já cheirou algumas no quarto.

— Relaxe. Eu te salvei um pouco.

Estou prestes a dizer a ele que estou bem porque estou me sentindo *bem* agora, mas meu telefone toca. Quando o tiro do bolso, vejo o nome de Storm piscar na tela.

Eu apertei o botão do viva-voz. — Ei.

— Onde diabos você está?

Isso só faz Josh e eu rimos.

Estendendo a mão, esfrego a cabeça de Josh. — Nosso baixista maluco roubou as chaves do carro de Chandler, então vamos levá-lo para um passeio.

Ele fica em silêncio... e então.

— Que porra é essa, Phoenix? Você está com cara de merda...

— Eu estou bem... — eu começo a dizer enquanto o carro desvia.

— Falta de festa — Josh chama.

*Porra.* Estou mais confuso do que pensava.

— Droga, irmão. Essa merda me fodeu.

— Encoste agora — Storm late. — E me diga onde você está para que eu possa pegar vocês dois idiotas.

Eu paro na beira da estrada quando outra onda zumbe através de mim. ─ Não longe. Ainda dirigindo pela costa.

─ Eu estarei aí em breve.

Eu dou uma última tragada no meu cigarro e o jogo pela janela. ─ Porra.

─ Cara, esqueça a bunda da vadia da Storm. ─ Josh gesticula para que eu lhe dê as chaves. ─ Eu posso nos levar de volta.

A sensação de calor e euforia se intensifica. ─ Sim?

─ Olhe para mim.

Quando eu faço isso, ele aponta para seu rosto. ─ Está tudo bem, baby. Eu tenho esse. ─ Ele me cutuca com o cotovelo. ─ Troque de lugar comigo.

─ Certo.

Saindo do carro, trocamos de lugar. Eu mando uma mensagem para Storm e digo a ele para não se incomodar em vir porque estaremos de volta em breve.

Fazendo uma inversão de marcha, Josh aperta o repeat na música de Britney Spears e aumenta o volume.

─ Tem certeza de *que você* não está nessa onda de merda?

Balançando a cabeça, ele pisa no acelerador. ─ Não, irmão. Estou apenas tentando aprender as letras para poder foder com ele. ─ O carro acelera enquanto ele move os ombros para cima e para baixo no ritmo, fazendo o mustang virar bruscamente para a esquerda. ─ Hit me...

*E então tudo fica preto*.



Uma dor alucinante atravessa minha cabeça e o líquido escorre pelo meu rosto. ─ Que *porra é essa*?

Um gosto de cobre enche minha boca, misturando-se com o gosto

de algo empoeirado.

Quando abro os olhos, estou cercado por airbags, vidros quebrados e galhos das árvores que devemos ter atingido.

— Opa.

Ignorando o latejar no meu pescoço e caixa torácica, olho para Josh. Há muito sangue em seu rosto, mas pelo menos nós dois estamos vivos.

A risada histérica de Josh enche o que ainda resta do carro. — Chandler vai ficar tão chateado.

*Inferno, sim, ele vai*.

— Eu provavelmente deveria esperar um pouco para dar merda a ele sobre ouvir Britney, hein?

A poeira na minha boca irrita meus pulmões e eu tusso... o que só piora a dor lancinante na minha cabeça e no meu peito. — Vamos sair daqui.

Olho em volta dos escombros procurando meu celular para poder contar a Storm o que aconteceu, mas o carro está tão destruído que não consigo encontrá-lo.

— Você tem o seu telefone?

Eu me viro para olhar para ele quando não recebo uma resposta.

Seus olhos ficam vidrados. — Skylar.

— Huh?

— Sky...

Seus olhos reviram.

Uma enxurrada de pânico surge em mim.

— Josh? — Estendendo a mão, eu o sacudo. — Vamos, irmão. Acorde.

Não recebo resposta.

Usando o que resta da minha força, eu o sacudo com mais força... mas seu corpo fica imóvel.

*Não.* Isso não está acontecendo. Ele estava bem um minuto atrás.

— Acorde!

A dor intensa na minha cabeça cresce. É seguido por uma onda de exaustão contra a qual não consigo lutar.

— Josh!

Fracamente, eu registro vozes e uma sensação de puxão.

— Porra! — alguém que soa muito como Chandler grita. — Porra!

— Fique comigo, — outra pessoa diz, e eu imediatamente reconheço a voz como sendo de Storm.

Quando olho para cima, ele está curvado sobre mim, parecendo mais assustado do que eu já o vi em minha vida.

— Josh. — A bile queima minha garganta. — Ele está em péssimo estado.

— Eu sei — ele sussurra, segurando minha mão. — Você também, Phoenix. Mas a ambulância está a caminho. Eu só preciso que você espere, ok?

— As pessoas no outro carro estão mortas — grita Chandler.

*Outro carro*?

Quero perguntar sobre o que ele está falando, mas cada gota de força que tenho está sendo sugada de mim.

— Com sede. — Não consigo mais manter meus olhos abertos. — Cansado.

Tão cansado.

— Fique comigo — Storm grita, apenas sua voz está desaparecendo, como se ele estivesse gritando em um microfone quebrado. — Você não está morrendo nas minhas mãos.

Mas enquanto eu adormeço... não é mais a voz dele que eu ouço.

*É dela*.

# CAPÍTULO 21

## LENNON

— Scotch com gelo e um toque especial[6].

— Já estou indo — digo ao cara de terno.

Depois de encher o copo de whisky até a metade com um pouco de gelo, coloco uma casca de limão no copo. O cara do terno me olha de cima a baixo o tempo todo.

— O dono deste lugar é um idiota por enfiar uma garota bonita como você atrás deste bar em vez de lá em cima.

*Lá em cima* seria o palco onde Angel está girando em torno do poste.

Eu não tinha certeza do que ia fazer depois de Dartmouth, mas cuidar do bar no Obsidian – um clube de cavalheiros – definitivamente não estava no meu radar.

No entanto, às vezes a vida joga grandes bolas curvas e a única coisa que você pode fazer é continuar avançando.

Deslizando a bebida do homem, eu o estudo. Cabelos escuros, olhos escuros e, a julgar por sua aparência, ele parece estar em seus quarenta e tantos anos. Embora ele não seja pouco atraente, não há nada particularmente distinto ou sedutor em suas características.

Eu dou ao cara uma piscadela tímida pelas gorjetas. — Estou atrás do bar porque quero estar.

Trazendo o copo aos lábios, ele toma um gole enquanto seu olhar cai, observando meu espartilho preto e jeans escuros.

Quatro anos atrás, um cara como ele - inferno, qualquer cara - não teria poupado uma garota como eu um segundo olhar.

Por mais devastador que tenha sido ouvir *minha* música no rádio naquele dia, também acendeu um fogo dentro de mim.

Embora eu não pudesse mudar o que aquele idiota ladrão fez, percebi que *havia* algo que eu poderia mudar.

Eu mesma.

Toda a minha vida, tentei preencher o grande vazio dentro de mim com comida.

O problema era que não funcionou. Porque não importa o quão bem eu me sentisse quando estava no meio de uma farra, eu sempre me sentia uma merda depois.

O que, por sua vez, só faria o vazio crescer.

No fundo eu estava infeliz... mas só porque estava continuamente escolhendo ser.

Aprender a construir um relacionamento melhor com a comida foi muito trabalhoso e exigiu um profundo exame de consciência.

Não me forcei a fazer uma dieta radical, nem passei fome para ser magra. Simplesmente fiz algumas escolhas mais saudáveis e parei de comer quando fiquei satisfeita. Bem, isso e eu cortei o refrigerante porque essa porcaria não é boa para ninguém. Especialmente a quantidade excessiva que eu estava bebendo.

Ainda não sou o que a sociedade consideraria *magra*, já que tenho tamanho dez em um dia bom e doze em um dia de TPM, mas foda-se a sociedade. A única coisa que importa é que eu gosto do que vejo quando me olho no espelho.

Porque eu não conquistei meus demônios por algum cara estúpido ou porque eu queria aceitação.

Eu fiz isso por *mim*.

Os olhos do cara finalmente viajam de volta para o meu rosto. Graças à Sra. Palma, finalmente aprendi a fazer minha própria maquiagem. Eu também deixei meu cabelo na altura dos ombros e pintei

de preto, algo que eu sempre quis fazer, mas estava com muito medo de tentar.

— Você está na faculdade? — o cara pergunta.

Sua pergunta me faz estremecer por dentro, então eu me distraio pegando um pano e limpando o bar.

Apesar de meus primeiros meses em Dartmouth terem sido solitários, uma vez que comecei a trabalhar em mim mesma e parei de deixar o medo me segurar, eu floresci. Fiz amigos, mantive boas notas, aproveitei alguns encontros e alguns encontros de uma noite.

Eu até tive um namorado chamado Harry por seis meses durante meu segundo ano.

*Então tudo mudou*.

— Não — eu digo ao cara. — Eu não estou.

Estou grata que ele não se intrometa e me entrega uma nota de vinte. — Tenha uma boa noite, linda.

— Você também.



Já passa das três quando entro pela porta. Enquanto tiro meus sapatos, faço uma oração silenciosa antes de ir para a sala de estar.

A Sra. Palma está sentada no sofá assistindo a reprises de uma comédia antiga na televisão, mas ela sorri quando me vê. — Esta noite foi uma boa noite.

Respiro aliviada. — Obrigada.

Sinceramente, não sei o que faria sem essa mulher. Ela é a prova de que os anjos realmente existem e alguns estão bem aqui na terra.

— Sempre. — De pé, ela dá um pequeno aperto na minha mão. — Eu coloquei algumas sobras na geladeira para você. Richard não é fã do bolo de carne desta noite, mas seu pai parece gostar.

Eu a sigo de perto enquanto ela caminha até a porta da frente. ─ Tenho certeza que é incrível. Obrigada novamente, Sra. Palma.

─ Quantas vezes eu tenho que dizer para você me chamar de Sue? ─ Ela me dá um abraço rápido. ─ E você não precisa me agradecer, Lennon. Fico feliz em ajudar no que puder. Vejo você amanhã, querida.

Depois que ela sai, subo as escadas para ver como está meu pai. Ele está dormindo profundamente, pelo que sou grata.

Três semanas antes do final do meu segundo ano em Dartmouth, recebi um telefonema da Sra. Palma.

Alguns dias antes do telefonema, ela foi acordada por um som alto no meio da noite. Dado que seu marido Richard estava na cama ao lado dela e ninguém mais mora na casa, ela estava compreensivelmente assustada.

No entanto, quando Richard pegou sua arma e desceu para investigar, não era um intruso como eles pensavam.

Era meu pai vasculhando sua geladeira... nu.

Quando o Sr. Palma perguntou o que ele estava fazendo, meu pai murmurou algo sobre manter a festa. Imaginando que ele deve ter bebido demais em uma reunião que ele participou, ele acompanhou meu pai de volta para sua casa e disse-lhe para dormir.

Embora achando estranho, tanto o Sr. Richard quanto a Sra. Palma decidiram que era melhor não dar muita importância porque não queriam constrangê-lo.

Mas ele voltou três noites depois.

Só que desta vez... ele se arrastou para a cama deles.

O Sr. Palma estava pronto para chutar sua bunda, mas meu pai surtou e perguntou a Richard o que ele estava fazendo na cama com *sua* esposa. Percebendo que algo não estava certo, eles o levaram para o hospital e me ligaram.

Embora ele estivesse melhor quando cheguei lá, eles fizeram um

monte de testes de qualquer maneira.

Lembro-me do momento exato em que o diagnosticaram com demência precoce…

Porque foi o momento em que meu mundo inteiro parou.

Saí de Dartmouth e comecei minhas férias de verão mais cedo para poder ficar com ele. Achei que com medicação e reabilitação, as coisas iriam melhorar, e eu poderia voltar para o meu terceiro ano no outono.

No entanto, a vida tinha outros planos porque, apesar do tratamento prescrito por um especialista em demência... meu pai declinou muito mais cedo do que qualquer um esperava e não havia como eu voltar para a escola.

Harry tentou ser solidário, mas no final das contas, a distância e ele não ser capaz de lidar com todo o meu foco no homem mais importante da minha vida o fez desistir.

Seu médico sugeriu que eu colocasse meu pai em uma instituição de vida assistida e voltasse para a faculdade, mas embora isso pudesse ser uma boa solução para outros, eu não podia suportar a ideia de fazer isso.

Ele já estava tão perdido e confuso que parecia errado aumentar isso tirando-o da casa que ele ama.

A única coisa que eu podia fazer era descobrir como fazer nosso novo normal funcionar.

Meu pai se saía bem financeiramente, mas ser freelancer significava que ele não tinha os benefícios tradicionais e exigia que ele pagasse a maior parte de seus custos médicos do próprio bolso, o que prejudicou muito suas economias. Dado que ele tinha acabado de fazer cinquenta anos, não havia muito em seu fundo de aposentadoria, mas eu usei isso para pagar a casa.

Eu ainda tinha que cobrir as despesas diárias e nos sustentar, então aceitei brevemente um emprego como bartender em um restaurante.

Infelizmente, eu mal estava ganhando o suficiente para sobreviver. Além disso, a maioria dos meus turnos era durante o dia, que é quando meu pai está mais feliz e ativo.

Ser bartender da Obsidian meio que caiu no meu colo graças a um colega de trabalho que conhecia uma garota que fazia strip lá.

Eu estava hesitante no início, mas funcionou para o melhor. As coisas ainda estão apertadas, mas ganho mais dinheiro do que no restaurante e, como trabalho à noite, posso passar meus dias com ele.

— Eu te amo — eu sussurro antes de voltar para baixo.

Enquanto o mundo está cheio de doenças horríveis, a demência é de longe uma das piores.

A doença é um truque cruel e sem coração, porque mesmo que fisicamente meu pai ainda se pareça com meu pai... ele é uma mera casca do homem que já foi.

A cada dia que passa, a demência rouba outro pedaço dele de mim.

A primeira vez que ele esqueceu quem eu era, chorei até dormir por uma semana inteira.

Mas ainda há momentos - embora poucos e distantes entre agora - em que recebo flashes do pai de quem me lembro.

*Eu vivo e respiro por esses momentos*.

Depois de colocar no microondas um pouco do bolo de carne que a Sra. Palma deixou na geladeira, vou para a sala de estar.

Trazendo o garfo à minha boca, eu me jogo no sofá.

Estou prestes a mudar de canal porque assistir ao noticiário pode ser deprimente, mas as próximas palavras que saem da boca do repórter me fazem engasgar.

— Houve um acidente fatal envolvendo membros da popular banda premiada com o Grammy, Sharp Objects.

Agarro meu peito enquanto ele continua.

— Segundo as autoridades, foi um acidente de dois veículos.

Infelizmente, o baixista Josh Roland foi declarado morto no local, assim como os dois ocupantes do segundo veículo. O vocalista Phoenix Walker foi levado para um hospital local e está em estado grave. Os detalhes do acidente ainda estão pendentes de investigação, mas continuaremos a relatar à medida que mais informações chegarem.

*Oh. Meu. Deus*.

Uma série de emoções conflitantes me atinge de uma só vez, mas uma se destaca entre as demais.

*Alívio*.

Porque por mais que eu o odeie e queira que ele sofra... uma parte *muito* pequena de mim está aliviada por não ter sido Phoenix quem morreu.

# CAPÍTULO 22

## PHOENIX

— Eu desisto.

Minha cabeça lateja como se estivesse sendo atingida pelo maior martelo do mundo. *Repetidamente*.

Quando cometo o erro de abrir os olhos, vejo minha assessora Alexis em cima de mim... parecendo irritada como o inferno.

— Excelente. Agora cale a boca.

Estou caindo no sono de novo quando ela grita: — Estou falando sério, Phoenix. Tentei ser solidária e cobrir sua bunda, mas as travessuras da noite passada foram a gota d'água. Acabou.

*Ontem à noite*?

É quando me dou conta de que não estou deitado na cama dentro do meu quarto de hotel.

Estou no corredor.

Quando olho para Alexis, vejo Chandler, Storm e Memphis me encarando.

É evidente que o que quer que eu fiz os irritou, também.

— Não foi tão ruim, — eu protesto, mesmo que eu não tenha ideia do que aconteceu.

Estou apenas tentando acalmar as coisas para que eu possa voltar a dormir.

Estreitando os olhos, Storm abre a porta da minha suíte.

Todos os móveis estão tombados, a televisão está quebrada e há uma tonelada de garrafas e lixo espalhando cada centímetro quadrado do chão.

Há também uma gosma vermelha espessa e não identificável cobrindo as paredes e os móveis.

É uma bagunça, mas pode ser facilmente resolvido.

Olho para Alexis. ─ Vou passar um cheque para o hotel.

─ Seu quarto não é o problema ─ ela range os dentes. ─ O problema é o que *mais* você fez.

Eu escaneio meu cérebro, tentando me lembrar dos eventos da noite passada, mas não consigo.

Sentindo minha confusão, ela grita: ─ Você não apenas quebrou uma janela no saguão do hotel... você fez sexo em cima do bar.

─ Bom para mim.

Cada vez mais frustrada, ela bate o calcanhar. ─ Não, não *é*. Não só todo mundo no bar fez vídeos de você fodendo seus miolos em seus telefones, você estava visivelmente bêbado e chapado.

Vou ter que acreditar na palavra dela, já que não me lembro de nada.

─ Ainda não entendo qual é o problema.

Nossos fãs não vão dar a mínima para que haja uma fita de sexo minha circulando pela internet. Se alguma coisa, provavelmente aumentará a receita.

Inferno, todos deveriam estar me *agradecendo*.

Sua garra vermelha golpeia o ar. ─ Caso você tenha esquecido, um dos membros da sua banda morreu devido às drogas há três meses.

*Como eu poderia esquecer*? Revivo o acidente cada vez que fecho os olhos.

*Eu nunca deveria ter deixado ele dirigir*.

─ Desnecessário dizer, não é uma boa aparência. Os fãs estão cada vez mais preocupados e insatisfeitos com suas travessuras intoxicadas ─ ela tagarela. ─ O que é exatamente o que você *não* quer dias antes de sua turnê nos EUA começar.

O latejar na minha cabeça aumenta quando me levanto. Bocejando, tiro meu pau da cueca e mijo na planta grande no corredor.

*Porra.* Isso é bom.

— Você está brincando comigo agora? — Alexis chora antes de se virar para Chandler. — É isso. Acabou.

— Você já disse isso — eu a lembro.

— Eu sei que ele estragou tudo, mas podemos dar um jeito — oferece Chandler.

Isso só a faz acelerar os passos.

— Estamos além disso. Você não pode mais me pagar o suficiente para lidar com a merda dele, — ela late antes de entrar no elevador.

Foda-se, já estamos pagando muito a ela.

Com outro bocejo, deito no chão do corredor.

— Espero que você esteja feliz — Chandler retruca.

*Emocionado*. Alexis pode ser a melhor no negócio, mas ela é uma cadela tensa.

Memphis esfrega a mão pelo rosto. — Droga, Phoenix. Esta é a última coisa que precisamos agora. Especialmente depois da tempestade de merda que você causou na Austrália.

Eu não tenho certeza do que ele quer dizer porque eu me diverti muito lá.

Além de ser detido.

Aparentemente, é um crime beber na praia por onde passei.

Assim como ficar nu e se masturbar.

Evidentemente, as famílias aproveitando a tarde à beira-mar não ficaram muito satisfeitas com meu show individual. Nem a polícia.

Chandler parece que vai ter um chilique. — Como diabos vamos encontrar outro publicitário antes da turnê começar?

Storm, Memphis e eu trocamos um olhar antes de Storm falar.

— Bem, há alguém que sempre quis ser uma publicitária.

*Skylar*. Ela costumava perguntar a Josh o tempo todo se a banda consideraria arriscar e contratá-la, mas ele sempre foi rápido em cortá-la.

Uma pontada de culpa passa por mim porque forçá-la a ver o cara que não impediu seu noivo de se matar não é a melhor ideia.

Memphis está de acordo porque ele resmunga: ─ Não está acontecendo porra nenhuma.

─ Não é uma sugestão *terrível* ─ Chandler diz enquanto esfrega o queixo. ─ Acha que ela poderia começar hoje?

─ Não ─ Memphis resmunga. ─ Porque não vamos contratá-la.

─ Por que não? ─ Storm argumenta. ─ Ela não apenas sabe tudo sobre nós, como também garantirá que ela seja cuidada.

*Que é exatamente o que Josh iria querer*.

A bile sobe pela minha garganta quando olho para o teto. Skylar tem todo o direito de nos dizer para nos fodermos, mas o mínimo que podemos fazer é oferecer a ela a posição primeiro.

Eu posso dizer que Memphis está mudando de ideia também, porque ele não diz merda nenhuma.

─ Vamos colocar em votação ─ declara Storm.

Três mãos disparam.

*Antes eram quatro*.

Embora tecnicamente ainda sejam quatro no palco, porque sendo forçados a sair em turnê cinco semanas após a morte de Josh, não tivemos escolha a não ser contratar um músico para preencher.

Nenhum de nós gosta do idiota, no entanto.

*Porque ele não é Josh*.

─ Então está resolvido ─ diz Chandler. ─ Vou entrar em contato com Sky...

─ Eu vou fazer isso ─ Memphis morde.

─ Tudo bem, mas faça isso rápido. Não temos muito tempo. ─ Voltando a atenção para mim, Chandler aperta a ponta do nariz e

suspira. ─ Agora que a crise publicitária está resolvida, o que vamos fazer com a *outra* questão?

Colocando a mão dentro da minha boxer, eu coço minhas bolas. ─ Que outro problema?

Como se fosse uma deixa, três mulheres saem da minha suíte. Todas estão usando vestidos minúsculos e segurando um par de saltos nas mãos.

─ Tchau, Phoenix, ─ um delas ronrona enquanto me manda um beijo.

─ Nós nos divertimos muito ─ outra gorjeia antes de passar por cima de mim e seguir para os elevadores.

*Acho que posso riscar orgia da lista de desejos*.

É quando noto que uma das garotas ainda está demorando.

*Droga.* Há sempre um apego de estágio cinco.

─ Isso ─ Chandler diz enquanto aponta para a garota com uma expressão tímida no rosto. ─ É o problema.

─ Você pode ser mais específico?

Seu rosto fica vermelho de raiva e Memphis bufa. ─ Você não tem ideia de quem ela é, não é?

Nenhuma.

─ *Ela* ─ Chandler berra. ─ Era para ser sua companheira de sobriedade.

Apertando os olhos, olho a garota de cima a baixo. Pensando sobre isso, ela parece familiar.

─ Estou demitida? ─ a garota sussurra.

─ Os ursos cagam na porra da floresta? ─ Chandler grita e a garota corre para os elevadores.

─ Tchau, Phoenix ─ ela grita. ─ Me mande mensagem mais tarde.

*Eu nem sei o nome dela*.

─ Ela não era a conselheira que veio altamente recomendada? ─

Pergunta Storm.

Chandler assente antes de estreitar os olhos.

— Nós passamos por *dez* companheiras de sobriedade nos dois meses em que você esteve em turnê, e você fodeu todas elas.

— Isso não é verdade — eu me defendo. — Eu nunca fodi o cara.

*Eu fiz minhas groupies fazerem isso por mim*.

Dessa forma, ele sairia do meu caso e se divertiria.

Funcionou como um encanto, também. Acontece que o cara era quase um animal festeiro maior do que eu.

— Não importa — Chandler reclama. — O que importa é que todo mundo que eu contrato deixa você se safar demais.

— Não é problema meu...

— Sim, é — Storm interrompe. — Vic está chateado. Você precisa parar com essa merda antes que ele nos derrube.

Sem chance.

Porque quando estou bêbado e chapado, não consigo sentir merda nenhuma.

*Como a culpa.*

Josh pode ter sido o único dirigindo, mas eu sou igualmente responsável.

*E todos aqui sabem disso*.

— Você vai ter que continuar procurando e contratar alguém melhor — diz Memphis, vindo em minha defesa, mesmo que ele seja a última pessoa que deveria.

*Porque eu matei o irmão dele*.

— Eu tenho tentado — Chandler afirma. — Mas todo cara quer ser seu melhor amigo, e toda garota quer transar com ele. — Caminhando, ele olha para mim. — Todo mundo lá fora ama esse idiota. Eu preciso encontrar alguém que odeie ele.

— Oh, há alguém que o odeia muito bem — Storm murmura baixinho.

Fechando meus olhos, eu cochilo novamente.
*Sim, existe*.

# CAPÍTULO 23

## LENNON

— Qual é minha barman favorita?

Olho para um rosto familiar. Brian pode não ser o melhor em gorjeta, mas é um amigo regular.

— Estou indo bem. E você? — Coloco um copo vazio no bar. — Jack e Coca esta noite?

Ele sorri. — Você me conhece tão bem.

Infelizmente, ele não está errado. A maior parte da minha interação social hoje em dia consiste em conversar com os clientes da Obsidian.

Depois de encher o copo com gelo, pego a pistola de refrigerante. — Como está indo essa fusão?

Brian começa a responder, mas um homem marcha até o bar e interrompe. — Você é a Lennon?

Estou seriamente arrependida de não usar um pseudônimo.

— Depende. Quem está perguntando?

— Eu.

Eu passo a bebida para Brian. — Nossa, isso realmente esclarece as coisas.

Brian aponta o polegar para o intruso vestindo calças cargo e uma camisa branca de botão. — Quer que eu cuide desse cara?

*Calça cargo* parece que ele está tentando não rir. — Você não precisa se envergonhar. Eu vou ter você esparramado no chão, implorando por sua mãe. — Ele volta sua atenção para mim novamente. — Eu...

— Melhor pedir uma bebida se você pretende ficar. — Eu gesticulo

para a placa atrás de mim que indica claramente que é um mínimo de duas bebidas. ─ Regras do clube.

Resmungando, ele tira a carteira do bolso. ─ Certo. Vou levar dois Manhattans.

Uma escolha meio estranha, mas esse cara parece um pouco *estranho*, então acho que se encaixa.

Dou um sorriso a Brian enquanto faço o primeiro Manhattan. ─ Eu ficarei bem. ─ Faço um gesto para o palco onde Fantasia está dançando. ─ Vá aproveitar o show, querido.

Ele coloca uma nota de cinco no balcão. ─ Voltarei em pouco tempo para verificar você.

Eu dou sua bebida para o cara de calças cargo. ─ O que posso fazer para você?

─ Meu nome é Chandler Dicky. Eu estou...

─ Uau. Que sobrenome infeliz.

Agora estou fodendo com o cara. Embora o sobrenome *seja* muito engraçado.

Sua irritação cresce. ─ Eu posso ver por que você e Phoenix namoraram, vocês dois são um pé no saco.

Eu quase derrubo o copo na minha mão. ─ Desculpa, o que?

Quem diabos é esse cara? E por que ele está falando sobre Phoenix e eu namorando?

Ignorando-me, ele continua falando. ─ Sou o gerente da Sharp Objects.

Por um momento, tenho esperanças de que Phoenix tenha feito a coisa certa e tenha sido limpo, mas eles desmoronam quando ouço as próximas palavras da boca de *Dicky.*

─ Estou aqui para oferecer a você uma oportunidade de ajudar Phoenix.

Uma risada maníaca voa para fora de mim.

E então eu dou a ele um olhar que deixa claro que ele pode enfiar essa *oportunidade* na bunda.

— Depois do que ele fez comigo, ele pode se foder por toda a eternidade.

Esse cara também pode.

Aparentemente satisfeito com isso, ele sorri. — E é exatamente por *isso* que estou aqui. Storm me contou sobre seu relacionamento volátil. Ou devo dizer, do jeito que terminou. — Ele toma um gole de sua bebida. — Você é a pessoa perfeita para o trabalho.

Ele tem sorte de eu não estar jogando o segundo Manhattan que estou fazendo na cara dele.

— Que diabos você está falando? Que trabalho?

— Eu gostaria de contrata-la para cuidar de Phoenix enquanto ele está em turnê.

— Há uma creche na rua — eu informo a ele, porque que porra é essa?

Ele não está se divertindo. — O que quero dizer é que gostaria que você fosse sua companheira sóbria e se certificasse de que ele não se mete em problemas. Nossa turnê começa em dois dias. Eu lhe pagarei cem mil dólares por oito semanas, com um bônus no final. Desde que você chegue até o fim, é isso. — Ele toma outro gole de sua bebida. — Algo me diz que você vai.

Estou seriamente arrependida de não pedir a Brian para lidar com esse cara agora.

— Odeio dizer isso a você, mas sua bola de cristal está quebrada porque não estou interessada.

Recentemente, ouvi alguém na cidade mencionar que Phoenix estava fora de controle desde o acidente que matou seu colega de banda três meses atrás, mas é pior do que eu pensava se esse cara está disposto a vir aqui e me oferecer tanto dinheiro para ser sua babá.

Não que isso importe. Eu não estou me mexendo.

Ele pisca em confusão, como se não estivesse preparado para eu recusar. ─ Deve haver alguma maneira de eu fazer você mudar de ideia.

Eu o olho bem nos olhos. ─ Confie em mim. Não há.

─ Lennon...

─ Se você não parar de me incomodar, vou mandar o segurança te expulsar.

Porque algo me diz que esse cara não vai aceitar um não como resposta.

Bufando, ele tira um cartão da carteira, junto com uma nota de cinquenta dólares, e os desliza pelo bar. ─ Aqui está o meu cartão. Por favor, apenas pense nisso.

Nem uma maldita chance.

Passar meus dias e noites pensando em Phoenix Walker e me preocupando com seu bem-estar acabou há muito tempo.



─ Como ele está? ─ Pergunto à Sra. Palma enquanto entro na casa.

Ela desliga a televisão. ─ Ele estava um pouco inquieto esta noite, mas ouvimos os Beatles e isso o deixou com um humor melhor.

Eu sorrio, porque na dúvida, a música sempre ajuda. Especialmente sua banda favorita de todos os tempos.

─ Obrigada.

─ Pare de me agradecer, Lennon. ─ De pé, ela recolhe suas coisas. ─ Eu coloquei algumas sobras na geladeira para você. Eu fiz salmão, no entanto, então não tenho certeza de quão bem ele vai aquecer.

Eu sigo atrás dela enquanto ela faz seu caminho para a porta da frente. ─ Tenho certeza que estará perfeito.

─ Você está de folga amanhã, certo?

— Sim...

O som da campainha tocando me interrompe.

Não tenho certeza de quem está do outro lado, mas estou prestes a torcer o pescoço deles porque são três e meia da manhã e meu pai está dormindo.

Passando na frente da Sra. Palma, eu atendo. — É melhor que seja...

Eu paro de falar quando vejo aquele tal de Chandler de antes. — Como diabos você conseguiu meu endereço?

Imediatamente, a Sra. Palma assume uma postura protetora. — Se você não sair neste instante, eu vou chamar meu marido.

Apoiando um braço na lateral da casa, Chandler suspira. — Cento e cinquenta mil dólares.

— Não.

Então eu bato a porta na cara dele.

— Quem é esse? — Sra. Palma pergunta.

— Aquele é o gerente da Sharp Objects.

E um idiota persistente.

Suas sobrancelhas sobem para o teto. — Você está brincando. O que diabos ele queria? — Sua boca cai aberta. — Phoenix disse a verdade?

Acabei confidenciando a ela sobre tudo logo depois que descobri que ele roubou minha música e levou o crédito por isso.

Infelizmente, ela estava tão triste e perplexa quanto eu.

Ela sugeriu contar ao meu pai, mas ele gostaria de levar Phoenix ao tribunal.

Eu não tinha uma perna para me apoiar, porque, ao contrário do meu pai, eu não tinha direitos autorais da minha música.

Eu era apenas uma adolescente idiota compartilhando algo pessoal com um cara que ela achava que podia confiar.

*Um cara que fingiu estar interessado em mim para plagiar minha arte*.

E não só ninguém mais me testemunhou cantando minha música para ele. Ninguém nunca ouviu minhas composições musicais. *Apenas ele*.

No final, meu pai teria gasto muito dinheiro em um caso que nunca teríamos vencido.

— Não. — Eu esfrego minha testa, tentando impedir a dor de cabeça que posso sentir chegando. — O empresário dele quer me contratar para ser sua companheira de sobriedade em sua próxima turnê por oito semanas.

Sua boca abre e fecha como um peixe antes de falar. — O que? Isso é…

— Estranho como o inferno, certo?

Ela acena. — Muito.

— É seguro dizer que de jeito nenhum eu vou fazer isso.

— Certo. — Ela faz uma careta. — Embora…

— Embora o quê? — Eu pergunto quando sua voz desaparece.

Ela acena com a mão. — Nada. Esqueça.

*Se fosse assim tão fácil.*

Porque Deus sabe que tenho feito tudo ao meu alcance para esquecer aquele idiota e o que ele fez comigo.

# CAPÍTULO 24

## LENNON

— O que você está fazendo para o jantar, mãe?

Mantendo meu rosto neutro, eu respondo a pergunta do meu pai. — Eu estava pensando em frango e legumes, mas se você não quiser isso, posso pedir pizza.

Ele sorri. — Pizza parece bom.

—É pizza então.

Às vezes é uma luta não corrigi-lo, mas tenho que ficar me lembrando que essa é *a* realidade dele, e só porque não combina com a minha não torna o que ele está experimentando menos válido.

O que significa que hoje... sou minha falecida avó. Outro dia eu era um ex-professor. E algumas semanas atrás, eu era Joan Jett.

Embora eu não me importasse tanto com isso.

O mais importante é que ele esteja de bom humor.

Mesmo que eu esteja silenciosamente esperando que ele se lembre que eu sou sua filha novamente em breve. *Só por pouco tempo*.

Mas mesmo que ele não se lembre... eu ainda vou encontrá-lo onde quer que ele esteja.

Porque não importa quem eu seja para ele, ele sempre será *meu* pai e a pessoa que eu mais amo neste mundo.

— Estou cansado — diz ele. — Acho que vou tirar uma soneca antes de Kate chegar em casa.

Kate era minha mãe. Lembro-me de uma vez que ele me disse que eles se mudaram brevemente com minha avó logo depois de se casarem, para que pudessem economizar para dar entrada nesta casa,

então deve ser para lá que suas memórias o estão levando hoje.

— Ok. Vou acordá-lo quando a pizza chegar. Inclinando-me, beijo sua bochecha, sentindo-me grata por ele pensar que sou sua mãe agora, porque é seguro fazê-lo. — Eu te amo.

*Tanto*.

— Eu também te amo. — Eu começo a sair, mas ele pega minha mão. — Espero que um dia, quando eu tiver filhos, eu seja um ótimo pai como você.

Meu coração racha e uma onda de tristeza percorre os pedaços irregulares como um rolo compressor. — Você vai ser o melhor pai.

Ele pondera sobre isso por um breve momento antes de falar. — Você acha?

Eu aperto sua mão. — Eu *sei que* sim.

Eu espero até que eu esteja fora da sala antes de ceder às minhas emoções e deixar a primeira lágrima escapar.

Como a maioria das crianças, eu costumava dar valor ao meu pai. Eu achava que ele era superprotetor às vezes e não sabia, apesar de ele sempre achar que sabia quando se tratava de mim.

Mas Deus sabe que eu daria *qualquer coisa* para ouvi-lo reclamar ou me dar conselhos novamente.

Ouvi-lo dizer que tem orgulho da pessoa que sou, mesmo não sendo perfeita e nem sempre tomando as decisões certas.

Que estou fazendo um trabalho decente navegando nessa coisa fodida chamada vida sem a orientação dele.

Que vai melhorar.

*Que um dia não vai doer tanto*.

Depois de me recompor, desço as escadas. Encontro a Sra. Palma na cozinha, lavando a louça.

— Você não tem que fazer isso — eu digo a ela.

Deus sabe que a mulher faz demais.

Ela acena com a mão. ─ Foram poucos. Além disso, eu estava entediada e precisava de algo para fazer. ─ Fechando a torneira, ela olha para mim. ─ Como ele está?

─ Ele está bem. Eu, por outro lado? Não muito. ─ Franzindo a testa, sento-me à mesa. ─ Hoje, eu era minha avó e ele disse que esperava ser um ótimo pai como ela.

─ Ah, querida. ─ Ela dá um aperto no meu ombro antes de se sentar no banco à minha frente. ─ Console-se com o fato de que isso significa que ele queria você e ser seu pai era importante para ele muito antes de você estar aqui.

De alguma forma, essa mulher sempre sabe o que dizer para me fazer sentir melhor.

─ Sim... ─ Uma batida na porta da frente me corta.

─ Esperando algum visitante?

Levantando da mesa, eu balanço minha cabeça. ─ Não.

Murmuro uma maldição no momento em que abro a porta.

Porque Chandler Dicky está do outro lado. *Novamente*.

─ Duzentos mil.

Eu vou bater na cara dele, mas ele enfia o pé entre ela e a armação.

─ Nosso primeiro show é amanhã à noite na Califórnia ─ diz ele com grande pressa. ─ Nós estaremos indo para a estrada imediatamente, então você precisará tomar uma decisão em breve.

Porra, que caralho. Ele é surdo?

─ Minha decisão é *não*.

Desta vez, quando eu bato a porta, eu a tranco depois.

─ O gerente voltou de novo? ─ Sra. Palma exclama quando eu volto para a cozinha.

─ Sim. O idiota não entende o significado de não. ─ Pego uma garrafa de água da geladeira para mim e para ela. ─ Felizmente, a turnê começa amanhã, então ele estará fora do meu caminho para sempre.

Aquele mesmo olhar estranho da noite passada está de volta em seu rosto quando ela pega a garrafa de mim. ─ Oh.

Essa mulher é a coisa mais próxima que tenho de uma figura materna *e* melhor amiga, então sei quando algo não está bem com ela.

─ O que está errado?

─ Nada. ─ Evitando seu olhar, ela toma um pequeno gole de água. ─ Mas só por curiosidade, quanto dinheiro você ganharia se Phoenix não roubasse sua música e você tivesse sido paga por isso?

Eu penso sobre isso por um longo momento, porque há muitas variáveis a serem consideradas.

Embora meu pai tenha escrito músicas que apareceram em álbuns, ele é mais conhecido por escrever duas músicas de sucesso durante sua carreira. Lembro-me de uma vez que ele disse que ganhou cerca de trezentos e setenta e cinco mil em royalties no primeiro ano em que sua primeira música de sucesso saiu... depois de impostos.

No entanto, ele *também* me disse que o primeiro ano é quando você ganha a maior parte do seu dinheiro... porque quanto mais velha uma música é, mais ela perde valor com o tempo. Além disso, se a música for co-escrita com alguém, mesmo que seja apenas uma linha ou duas – como foi o segundo hit – você tem que dividir todos os royalties com eles.

No entanto, *minha* música foi escrita exclusivamente por mim, e Sharp Objects não apenas explodiu, como também foi indicado para um maldito Grammy.

Uma pontada aguda de dor atinge meu coração, porque eu sei que meu pai teria ficado orgulhoso de mim por realizar algo tão prestigioso.

E igualmente devastada porque fui burra o suficiente para deixar Phoenix me usar.

*Assim como meu pai me disse que faria.*

─ Em um cálculo por cima, da minha cabeça, eu diria meio milhão

em royalties apenas no primeiro ano. No mínimo.

Mas não há como saber com certeza. Inferno, eu provavelmente estou subestimando.

Ela solta um suspiro. ─ Uau.

─ Eu sei. ─ Eu levanto uma sobrancelha. ─ Por que você pergunta?

Ela coloca sua garrafa de água na mesa. ─ Esse cara parece estar disposto a te dar o que você quiser para fazer isso.

─ E?

─ Eu sei que o pensamento de se envolver com Phoenix novamente não é apenas assustador, é totalmente sem sentido.

Ela tem esse direito. ─ Concordo.

─ Para a garota que tinha uma grande queda por um garoto punk em uma banda e achava que ele era uma estrela do rock ─ ela continua. ─ Mas você não é mais aquela garota, Lennon. Você é uma jovem independente, forte, confiante e segura de si. E por mais louco que pareça, acho que fazer isso não seria apenas uma maneira de você conquistar seus demônios com o cara que te ferrou...

Por mais que eu queira protestar, porque o pensamento de estar em qualquer lugar perto de Phoenix me torna homicida, meu cérebro não consegue formular um argumento adequado.

Exceto um.

─ Eu entendo o que você está dizendo, mas mesmo se eu quisesse, eu não posso. De jeito nenhum eu vou deixar meu pai por oito semanas para fugir em alguma turnê de rock.

*Ele precisa de mim*.

─ Eu posso cuidar dele ─ ela propõe. ─ Ele está de bom humor ultimamente e não é como se não mantivéssemos contato todos os dias. Você pode falar com ele no telefone e nós podemos fazer vídeo...

─ Não. Não só isso, é pedir demais de você, como não seria certo da minha parte aceitar. Eu sou a filha dele. É minha responsabilidade

garantir que ele seja atendido.

Assim como ele sempre cuidou de mim.

Sua expressão fica séria, um sinal claro de que ela não está pronta para desistir ainda.

— Você tem apenas vinte e dois anos, Lennon. Estes devem ser os melhores anos da sua vida. Os anos em que você deveria se divertir, cometer erros, ser um pouco selvagem e aprender e crescer ao longo do caminho. — Seu olhar corta para o meu. — Seu pai não gostaria que você os desperdiçasse presa aqui cuidando dele, onde o único alívio que você tem é trabalhar atrás de um bar em um clube de strip apenas para que você possa sobreviver.

Abro a boca para protestar, mas ela ainda não terminou. — Eu sei que o que estou prestes a dizer vai doer, mas na maioria dos dias ele nem sabe quem você é, então ele ficaria pacificamente alheio à sua ausência temporária.

Por mais horrível que seja ouvir isso... é a triste verdade. Eu sentiria sua falta muito mais do que ele sentiria a minha.

No entanto, tenho medo de não estar aqui para aqueles momentos em que ele se lembra de mim.

Não quero que ele pense que o abandonei.

— Mas...

— Tudo o que um bom pai deseja para seu filho é que ele descubra o que o faz feliz. A música é essa coisa para você, Lennon.

Parecendo pronta para jogar o desafio, ela esfaqueia a mesa com o dedo. — Apesar de Phoenix estar lá, ainda é uma grande oportunidade estar perto do que você ama. Sem mencionar que fazer isso significa que você não terá mais dificuldades financeiras. Ser capaz de se sustentar é algo que seu pai também gostaria.

Meu peito cede porque ela está tornando cada vez mais difícil dizer não com cada ponto que ela faz. — Sra. Pa...

— Pelo amor de Deus, são oito semanas, não oito anos, Lennon. Você voltará. Enquanto isso, cuidarei de tudo enquanto você estiver fora. Fisicamente ele está bem, então você não precisa se preocupar. Além disso, Richard e eu gostamos da companhia dele, então não é incômodo.

Não é que eu não confie na Sra. Palma para cuidar dele, eu sei que ela vai. É o pensamento de partir que me faz sentir culpada. Além de incomodá-la.

— Eu aprecio isso, mas não posso pedir que você faça isso.

— Você não está pedindo, estou oferecendo. — Sua expressão suaviza. — Richard e eu não tivemos a sorte de ter filhos, e sei que não sou sua mãe, mas cuido de você como se fosse minha. Então, por favor, deixe-me fazer isso.

Minha garganta formigando. Ela trouxe as grandes armas.

— Vou pensar sobre isso — eu resolvo, porque preciso de algum tempo para poder pesar os prós e os contras.

Dito isso... há um motivo importante que a Sra. Palma não mencionou.

Um que está me incitando a transformar meu talvez em um sim.

*Vingança*.

# CAPÍTULO 25

## LENNON

Olho pingue-pongue entre minha mala vazia e meu telefone, incapaz de tomar uma decisão.

Por sorte, meu pai se lembrou de mim mais cedo... e a Sra. Palma derramou o feijão.

Não sobre Phoenix roubar minha música, mas que me deram a oportunidade de me juntar a uma banda em turnê e ganhar algum dinheiro.

Ele parecia feliz por mim.

Provavelmente deveria facilitar, mas não.

*Vou sentir tanto a falta dele*.

Mas o equivalente a oito semanas do meu tempo significa que não vou mais ter tanta falta de dinheiro. Também poderei largar meu emprego, passar mais tempo com ele *e* aliviar a Sra. Palma do incômodo de observá-lo quatro noites por semana.

Detesto admitir, mas estar temporariamente na órbita de Phoenix de novo resolverá alguns problemas importantes.

Só espero que não cause um conjunto inteiro de novos.

Como se fosse uma deixa, a Sra. Palma entra no quarto. — Você ainda não fez as malas?

— Ainda não liguei.

Pelo que sei, Chandler pode ter encontrado outra pessoa depois que saiu de minha casa ontem.

Ela aperta a ponte do nariz. — Lennon, querida.

— Eu sei.

Minha desilusão não está apenas irritando ela, está me irritando.

É hora de colocar minha calcinha de menina grande e fazer isso.

Fazer Phoenix pagar pelo que fez e receber o dinheiro que mereço no processo.

Pegando meu telefone, digito o número no cartão que Chandler me deu e aperto o botão do viva-voz.

Ele atende no segundo toque.

— O que? — ele late.

Sim. Trabalhar para ele vai ser *divertido*.

— É Lennon.

— Vá em frente — ele ronrona. — Não tenho o dia todo.

Sra. Palma e eu trocamos um olhar porque como é *rude*.

— Estou dentro. Sob uma condição.

— Qual é?

Aqui vai nada. — Quero quinhentos mil.

— Você deve estar usando drogas também — ele exclama antes de soltar um suspiro. — Trezentos mil. Essa é minha oferta *final*. É pegar ou largar.

Meu instinto me diz que ele provavelmente está certo. É uma quantia insana de dinheiro.

*Dinheiro que eu mereço*.

— Trezentos e cinquenta mil.

— Cristo todo-poderoso. Certo. Eu vou fazer isso funcionar. Mas você tem que chegar aqui *esta noite*. O show começa às oito.

Antes que eu possa dizer outra palavra, ele desliga o telefone.

— Foi melhor do que o esperado.

A Sra. Palmer olha para o relógio e empalidece. — Exceto pela diferença de fuso horário. — Ela estremece. — Você precisa estar na Califórnia às oito... o que significa que você deveria ter saído duas horas atrás.

*Merda.*

— Não entre em pânico — diz ela, apesar de parecer que está. — Eu vou no computador e reservo uma passagem de avião para você. Enquanto eu faço isso, você joga algumas coisas em uma mala. Richard sai do trabalho em cinco minutos para que ele possa levá-la ao aeroporto. Você vai se atrasar, mas tenho certeza que ele vai entender.

Eu quero jogar meus braços ao redor dela, mas ela acena para mim. — Vá arrumar.



— Você está atrasada — Chandler retruca quando eu o encontro do lado de fora do aeroporto.

Ele está falando sério agora?

— Eu não tenho certeza se você está ciente — eu digo a ele enquanto ando até o SUV preto em que ele está encostado. — Mas existe essa coisa maluca chamada viver em um fuso horário diferente.

*Dicky*[7] resmunga algo baixinho enquanto subimos no banco de trás.

Eu tomo um momento para estudá-lo. Ele tem olhos escuros redondos e cabelos escuros estilizados que estão ficando grisalhos nas têmporas e nas costeletas. Eu estou supondo que ele está em seus quarenta e poucos anos. Embora ele use uma carranca perpétua em seu rosto, então pode ser apenas rugas prematuras.

Mais uma vez, ele está vestindo calças cargo e outra camisa de botão, só que desta vez, as mangas estão arregaçadas e vejo uma tatuagem em seu antebraço. Após uma inspeção mais detalhada, percebo que é uma letra da música “Boulevard of Broken Dreams” do Green Day.

Ok, então apesar de sua aparência nerd, ele é definitivamente um fã de rock.

— Boa música.

— Eu sei — diz ele sarcasticamente enquanto o motorista pisa no acelerador.

Como ele não gosta de conversar, olho pela janela, mas ele estala os dedos, chamando minha atenção de volta para ele.

Estou prestes a dizer a ele que estalar os dedos não é necessário, mas ele empurra uma pilha de papéis para mim.

— O que é tudo isso?

Ele aponta para o primeiro papel. — Esse é um NDA[8]. O que é um acordo...

— Eu sei o que é um NDA, — eu interrompo.

Só não gosto que me façam assinar um.

Meio que atrapalha meu objetivo de me vingar e tudo mais.

Embora, tenho certeza de que vou descobrir uma maneira de contornar isso.

— Bravo. Você é mais inteligente do que as últimas três garotas antes de você — ele murmura enquanto me entrega uma caneta.

Depois de ler e decidir que não há bandeiras vermelhas, eu assino e devolvo a ele.

Ele aponta para o próximo papel na pilha. — Dado que o dinheiro que você pediu foi substancial, eu precisava falar com a gravadora. Eles estão dispostos a pagar metade do seu salário, desde que você cumpra o contrato deles além do meu.

Uma estranha reviravolta de nervos se agita no meu estômago. Não sei por que esperava que isso fosse um pouco mais *descontraído*, mas todos esses contratos e regras tornam evidente que não é o caso.

— Ok.

Eu escaneio o documento da Phantom Records, mas congelo quando chego à parte que diz que só serei paga *depois* de completar as oito semanas completas.

— Eu não serei paga até depois que a turnê acabar?

Ele concorda. — Está certo. Desperdiçamos dinheiro suficiente pagando pessoas que não podem cumprir os requisitos do trabalho nos últimos dois meses. Precisamos garantir que você fique até a conclusão.

— Meu pai está doente — eu sussurro, mas ele levanta a mão.

— Eu não sou seu terapeuta, então guarde sua história triste para alguém que se importa. — Ele se mexe em seu assento. — Você vai receber seis dígitos no final disso, lembra? Então, sugiro que você decida aqui e agora se pretende levar esse trabalho a sério. Se não, mandarei o motorista dar meia-volta para que você possa voltar para casa. No entanto, saibam que *não* estenderei esta oferta novamente.

Eu dou a ele um sorriso doce e açucarado. — Eu entendi você alto e claro, *Dicky*.

Ele estreita os olhos. — Fico feliz em ouvir isso. Se você está preocupada com os fundos, não precisa estar. Você receberá três refeições por dia e seu quarto e alimentação serão fornecidos.

Mas isso não me ajuda a pagar as contas em casa. A vergonha percorre minha espinha quando percebo que vou ter que pedir à Sra. Palma mais *um* favor.

Um que vai exigir que eu fique nesta maldita turnê, não importa o que aconteça, para que eu possa pagá-la integralmente.

Fazendo uma careta, rabisco meu nome no final do contrato da empresa e entrego a ele.

O contrato de Dicky não é apenas o último... é o mais longo. Vai saber.

— Antes de assinar este, devemos revisar as regras para que não haja confusão e você entenda exatamente o que se espera de você. — Seu olhar se torna duro. — Porque se você quebrar qualquer delas? Eu deixo você em qualquer cidade pela qual estejamos passando. Compreende?

Eu odeio seu tom e suas ameaças, mas eu mordo minha língua já que isso é importante.

— Entendi. — Eu faço sinal para ele continuar. — Quais são as regras?

— Claro, gostaríamos que Phoenix estivesse sóbrio e todo esse jazz. Mas mais importante do que isso... gostaríamos que ele estivesse no controle.

— Controle... quer dizer?

— Nada que atinja os sites de fofocas online, tablóides ou mídias sociais. — Ele faz uma cara. — Como o vídeo recente em que ele fez sexo em cima de um bar em um hotel enquanto estava louco.

Amável.

— Simplesmente — ele continua. — Seu trabalho é mantê-lo fora do noticiário, longe de problemas e longe de drogas pesadas. Eu quero que ele se apresente em sua capacidade máxima durante cada show. Estamos entendidos?

— Sim. — Embora eu precise que ele esclareça algo. — Phoenix nunca teve problemas com drogas quando eu o conheci. Há quanto tempo isso vem acontecendo?

O comportamento profissional de Chandler se transforma em algo muito mais humano. — Enquanto Phoenix nunca perdeu uma festa e se envolveu de vez em quando, nunca foi tão ruim. Desde que perdemos Josh... ele está preso em uma espiral descendente. — Ele esfrega o queixo. — Espero que as coisas melhorem logo, ou teremos outro membro morto da banda em nossas mãos. Apenas alguém com *seu* talento não pode ser substituído, então estaremos ferrados.

— Certo.

Ele não está preocupado com Phoenix porque ele se importa, mas porque sua morte afetaria seus resultados.

Não que isso me preocupe. Eu não me importo.

Ele limpa a garganta. ─ De qualquer forma, esta noite ele está em uma suíte, mas daqui para frente, vocês terão quartos adjacentes. Você também terá a chave do quarto dele, caso ele a tranque do lado de fora.

─ Nós temos que dormir no mesmo quarto esta noite? ─ Eu mordo.

─ Sim. Eu não sabia que você estava se juntando a nós até o último minuto, lembra? ─ Ele respira. ─ De qualquer forma, há seis beliches no ônibus de turismo e um quarto muito pequeno na parte de trás que é *meu.*

Pelo menos é muito melhor do que dormir no mesmo quarto. ─ Ok.

─ Você deve acompanhá-lo em todos os lugares ─ ele continua. ─ Até o banheiro, se necessário.

Ultrapassou o limite.

─ Eu não vou segui-lo até o banheiro.

Esses olhos redondos tornam-se pequenas fendas. ─ Então você corre o risco de ser demitida no caso de ele usar drogas, ficar louco e acabar no noticiário novamente.

*Droga*. ─ Eu vou dar uma olhada nele antes.

─ É o seu dinheiro em jogo.

O motorista desacelera até parar em frente a um hotel.

Estou prestes a pegar minha bolsa e bagagem, mas ele me impede. ─ Não tão rápido. Não passamos pela regra mais importante.

O que é mais importante do que mantê-lo longe de problemas?

─ Qual é?

─ Não deve haver absolutamente nenhuma relação sexual entre vocês dois. Nós contratamos *você* especificamente, então não precisamos nos preocupar com isso. ─ Ele cruza os braços. ─ Foda quem você quiser, mas sob nenhuma circunstância você não vai foder ele. Entendido?

Oh, eu vou foder com ele, tudo bem. Só não do jeito que Chandler pensa.

— Confie em mim. De jeito nenhum eu faria sexo com ele.



— Sua suíte fica no final — Chandler diz enquanto me conduz por um longo corredor.

Não que eu precise de direções. Os sons das pessoas festejando são inconfundíveis.

Quando chegamos às portas duplas, ele me entrega uma chave.

— Boa sorte.

Isso é tudo que eu recebo antes que ele se vire e vá embora.

*Obrigado, Dicky*.

Endireitando meus ombros, eu me forço a respirar fundo enquanto pego minha mala com uma mão e passo o cartão-chave com a outra.

Os ruídos abafados que ouço no corredor agora são tão altos que estremeço enquanto carrego minha bagagem para dentro.

— Tudo bem, todos ou...

As palavras morrem na minha garganta... porque lá está *ele*.

Minha boca se abre quando olho para ele - e depois para não uma, mas *duas* mulheres seminuas dando-lhe um boquete no meio da sala - enquanto outras continuam festejando ao redor delas. Como se isso fosse um comportamento completamente normal.

Estou muito chocada para falar enquanto fico boquiaberta para ele.

Apesar da minha animosidade – e desgosto – Phoenix ainda é absolutamente lindo e hipnotizante.

Ainda mais porque ele parece um pouco mais velho agora. *Mais nervoso*.

No entanto, aqueles olhos azuis uma vez intensos dele são maçantes.

Como se a vida tivesse sido sugada dele... mas não pelas duas

loiras de joelhos.

Meu olhar pousa na nova cicatriz que vai do peito ao umbigo.

Rasgando meu olhar, faço um rápido inventário do meu entorno. Há pelo menos vinte pessoas na sala, sem contar o pequeno trio acontecendo. Quando olho para a direita, vejo um homem e duas garotas bufando de uma mesa de centro. Quando olho para a minha esquerda, vejo outro homem cheirando algo na bunda de uma garota nua enquanto uma fila se forma atrás dele... esperando sua vez.

Além das drogas, há garrafas de bebida em todos os lugares.

Eu sabia que seria ruim, mas não *tão* ruim.

Estou procurando a fonte da música para poder desligá-la e expulsar todo mundo, mas aquela voz profunda, rouca – e muito *arrastada* – rola sobre mim como uma pedra.

— Por que você não vem aqui e se junta a nós, baby?

Pura repulsa e raiva me iluminam. De todas as coisas que ele deveria ter me dito depois do que ele fez, *é isso* que ele escolhe para começar?

Minha mão aperta a alça da minha bagagem com tanta força que estou surpresa que ela não se desprenda.

O filho da puta tem sorte que não, porque eu batia na cabeça dele com isso.

— Desculpe?

Phoenix balança como uma árvore em um furacão, sua cabeça pendendo de um lado para o outro enquanto ele luta para manter os olhos abertos.

Rapidamente me dei conta de que ele está tão drogado que não faz a menor ideia de quem eu sou.

Inferno, eu nem acho que ele está totalmente ciente do boquete que ele está recebendo atualmente... muito menos gostando.

*Jesus*. Este não é o Phoenix que eu conheço.

Correção ─ o Phoenix que eu *achava* que conhecia, porque na época eu também não conhecia.

Eu quase teria pena dessa patética e embriagada bagunça de cara se eu não odiasse tanto o idiota.

Sua cabeça cai para o lado e o brilho do piercing no lábio que ele tem agora chama minha atenção. ─ Não seja tímida, linda. Somos todos amigos aqui.

Certamente não somos amigos. *Nós nunca fomos*.

As duas garotas no chão manobram um pouco, abrindo espaço para mim.

Foda-*se isso*. Prefiro comer meus próprios intestinos.

Rangendo os dentes, saio pela porta. Vejo Chandler esperando nos elevadores do outro lado do corredor, então acelero meus passos.

─ Espere! ─ Eu chamo assim que as portas se abrem.

Ele olha para o teto antes de caminhar em minha direção. ─ Você não pode desistir. Não só você já assinou o contrato, mas só se passaram dois minutos.

─ Eu não vou desistir. ─ Não importa o quanto eu queira. ─ Mas há algumas coisas que vou precisar o mais rápido possível.

Caso contrário, nunca conseguirei controlar Phoenix ou a situação em seu quarto. *Não sem matá-lo primeiro*.

Chandler pisca. ─ Que tipo de coisas?

Começo a marcar as coisas com os dedos. ─ Algemas, um galão de água, alguns sais aromáticos e aspirina.

Por mais que eu gostaria que o idiota estivesse com dor, ele tem um show amanhã e agora é *minha* responsabilidade garantir que ele atue na capacidade máxima. O que significa que não há dores de cabeça de ressaca para ele.

Estou totalmente preparada para a discussão de Dicky, mas, para minha surpresa, ele concorda. ─ Ok. Eu vou conseguir o que você

precisa.

Estou esperando que ele volte para os elevadores, mas ele caminha pelo corredor, parando em um quarto perto do Phoenix.

— Eu preciso de suas algemas — ele exige quando a porta se abre. — E as chaves.

Eu não tenho ideia de quem está do outro lado – ou *por* que eles têm um par de algemas neles – mas três minutos depois, ele está jogando para mim antes de caminhar até os elevadores.

— O resto vai demorar um pouco mais — ele grita. — Mas vou deixar tudo no seu quarto.

De todas as coisas que pedi, imaginei que as algemas seriam as mais difíceis para ele conseguir, não as mais fáceis. — Obrigada.

Entrando em ação, volto para a suíte. Depois de desligar a música, levo os dedos aos lábios, deixando escapar um assobio alto. — Acabou a festa.

Como esperado, há olhares de reprovação e protestos por toda parte.

— Não, não acabou — Phoenix fala alto e todos aplaudem.

*Caramba*.

Pensando rápido, eu dou a ele um sorriso sedutor e giro as algemas no meu dedo. — Eu meio que esperava que pudéssemos ter uma festa só nossa.

Os olhos idiotas se arregalam um pouco antes que ele grite. — A festa acabou. Todos para fora. — Ele olha para baixo. — Incluindo vocês duas.

Lamentos e objeções enchem a sala enquanto as pessoas cambaleiam até a porta.

— Estraga prazeres — alguém zomba quando passa por mim.

Um das gêmeas do boquete tenta dar um beijo de despedida em Phoenix, mas ele vira a cabeça. — Saia.

— Cadela — uma delas murmura baixinho enquanto se veste.

— Acho que ele é um caçador gordinha — a mais ofendida das duas espetos enquanto ela pisa em direção à porta.

Anos atrás, esses insultos teriam me irritado, mas eu sei que ela só está dizendo isso porque no fundo ela está infeliz e se sentindo rejeitada.

Também sei que não é verdade.

Ela é apenas uma vadia amarga que está tentando escolher algo que ela acha que eu devo estar insegura porque eu não sou tamanho 2 como ela.

Ela que se dane. Estou pensando em mencionar que Phoenix me beijou muitas vezes antes da porta se fechar atrás dela, mas o idiota em questão começa a balançar novamente.

— Você é gostosa — ele murmura enquanto eu agarro seu bíceps.

Quando ele para de cambalear, eu pego um par de boxers do chão.

Infelizmente, esse pau dele ainda é enorme. Pena que o espécime está preso a um babaca gigante.

— Levante sua perna — eu instruo.

— Eu não fodo sem camisinha — ele balbucia, apesar de eu colocar roupas *nele*.

Pelo menos ele ainda se lembra dessa pequena precaução. Desnecessário será dizer que não será necessário.

— Tem uma ao lado da cama. — Eu puxo seu braço. — Vamos lá.

— Eu já comi você antes? — ele questiona enquanto eu arrasto sua bunda estúpida e cambaleante para o outro quarto. — Você parece familiar.

Não familiar o suficiente aparentemente.

Eu o empurro para o colchão. — Você só me fodeu pela metade.

Com seu pau. Porque Deus sabe que ele me fodeu totalmente no geral. *Bastardo*.

Essa expressão idiota está de volta novamente. — O que?

— Nada.

Ele pega as algemas de mim. — Suba na cama.

Uma risada voa para fora da minha boca quando eu as pego de volta. — Não sou eu quem está sendo contido. Você está.

Minha risada morre quando percebo que a única maneira de protegê-lo sem que ele suspeite que algo está errado é escarranchá-lo primeiro.

Foda-se minha vida. *Difícil*.

— Ah, você é uma menina má, hein? — ele murmura enquanto eu subo em cima dele e agarro um de seus pulsos.

Eu prendo uma algema em torno dele. — Você *não* faz ideia.

Estou prestes a ser seu pior pesadelo.

Ele morde o lábio enquanto eu prendo a outra ponta na cabeceira. — Agora podemos falar.

— Na verdade não. — Eu rapidamente desço dele. — Vá dormir, idiota.

# CAPÍTULO 26

## PHOENIX

Minha cabeça parece que Storm decidiu usar meu cérebro como sua nova bateria.

*Filho da puta.*

Com um gemido, eu rolo, tentando proteger meu rosto da luz do sol que entra pela cortina para que eu possa voltar a dormir... só que eu não consigo.

Porque estou algemado à cama.

— Que po...

— Boa tarde, babaca. Você dormiu bem?

Santo inferno. Essa *voz*.

Não. Não tem como isso ser possível. Eu ainda estou muito chapado.

Só que, quando eu inclino minha cabeça em direção à porta... eu percebo que não estou imaginando merda nenhuma.

É *ela*.

Pelo menos, acho que é porque ela parece... diferente.

— Lennon?

Jesus Cristo.

Além da voz que ainda ouço em meus sonhos e aqueles grandes olhos castanhos que eu poderia escolher em uma fila, essa não é a mesma garota de Hillcrest.

Seu cabelo é mais escuro e mais longo. As tranças pretas brilhantes agora terminam em sua cintura.

Ela também está usando maquiagem. Não muito, apenas o

suficiente para acentuar seus olhos e aquelas maçãs do rosto salientes que estão ainda mais proeminentes agora.

E depois há o óbvio. Ela está mais magra.

Mas não de forma esquelética. Eu vago meu olhar sobre sua figura de ampulheta, absorvendo cada curva feminina suave.

*Maldito inferno.*

E, no entanto, essa ainda não é a maior mudança.

Embora eu nunca tenha pensado que Lennon fosse feia e seu peso não fosse grande coisa para mim, minha atração por ela se desenvolveu e cresceu por causa de quem ela era por dentro.

Uma atração que ela teve dificuldade em acreditar, porque apesar de tentar o seu melhor para colocar uma boa fachada, no fundo, suas inseguranças a estavam comendo viva.

A garota diante de mim não tem mais esse problema.

Ela é segura e confiante. Há até um pequeno sorriso em seus lábios, como se ela estivesse pensando – coma, idiota, e depois engasgue com isso, porque você nunca vai conseguir isso de novo.

*Eu não sei disso*.

Eu sinto que o universo está seriamente fodendo comigo porque ela não é apenas o meu tipo.

Ela é uma maldita fantasia que eu nem sabia que tinha ganhado vida.

Ela cruza os braços, empurrando aqueles seios que enchem minhas mãos perfeitamente mais alto. — Prefiro *a criadora original da música que eu roubei*, mas Lennon também está bem.

E aí está.

Eu sabia que ela ouviu. Não havia nenhuma maneira que ela não tivesse ouvido. Não só por causa de seu intenso amor pelo rock, mas nós explodimos aparentemente da noite para o dia.

Esperei que ela me caçasse e me fizesse passar por um inferno.

Inferno, uma pequena parte de mim *queria* que ela... apenas para que eu pudesse fazer ela gozar novamente.

Mas ela nunca o fez.

— O que você está fazendo aqui?

Porque Lennon Michael está parada no meu quarto de hotel não faz nenhum sentido.

Nem eu sendo algemado a uma cama. *A menos que*…

— Nós fodemos?

Não. Porra. Não há uma droga potente o suficiente para me fazer *esquecer* de ter feito sexo com ela na noite passada.

Colocando a mão sobre o coração, ela ri – ri de verdade - como se o pensamento de me foder novamente fosse histérico.

— Oh Deus. *Não*. — Ela passeia até a cama e tudo que eu posso focar é a forma sexy como seus quadris se movem quando ela anda. — Eu estou aqui a negócios.

Isso faz ainda menos sentido. — A negócios?

Ela enruga seu narizinho bonitinho. — Oficialmente, sou sua nova companheira de sobriedade.

Estou tentando processar isso quando ela se inclina. A proximidade, seu cheiro doce e seus lábios tocando a concha da minha orelha fazem meu pau engrossar.

Até que ela fala.

— Mas não oficialmente? Estou aqui para arruiná-lo quando você menos esperar... e quero você sóbrio como pedra quando eu fizer isso.

O gelo corre em minhas veias.

Tantos anos se passaram, eu achei que tinha saído ileso e ela ou superou isso ou aprendeu a fazer as pazes com o que eu fiz. Acontece que eu estava errado.

Porque este é o carma finalmente vindo para ser coletado.

Há apenas um problema com isso.

De jeito nenhum eu estou dando a ela a chance de arruinar o que eu trabalhei pra caramba.

Eu não dou a mínima para que o que eu fiz justifique retaliação... ou o quanto eu a quero.

Nenhuma boceta vale a pena sacrificar meu sonho. *Nem mesmo a dela*.

Ela vai ter que arrancar minha carreira dos meus dedos frios e mortos.

Porque sem música – sem aquela magia que eu experimento no palco – eu estou praticamente morto.

Ela escreveu uma música – uma muito boa – mas isso não significa que ela tem direito à minha maldita alma.

*Não que eu tenha mais uma*.

Eu agarro seu pulso com minha mão livre. ─ Você pode ter ficado mais gostosa, mas não mais inteligente.

Seus olhos se estreitam. ─ Desculpe, idiota?

Eu dou a ela um sorriso presunçoso, projetado para irritá-la ainda mais. ─ Dica profissional de alguém que sabe uma coisa ou duas sobre ferrar as pessoas? Não exponha seus planos a eles. É muito mais fácil quando eles não veem isso chegando.

A picada dela batendo na minha bochecha me faz gemer, e é tudo que posso fazer para não deslizar minha mão dentro daquela calça jeans apertada e fazê-la gozar em meus dedos novamente.

─ Isso é tudo que você tem, Groupie?

Ela está olhando para mim como uma criança que acabou de ficar cara a cara com o monstro escondido debaixo da cama. *Bom*.

─ Eu *não sou* sua groupie.

Não, ela é o demônio secreto que vive na minha cabeça nos últimos quatro anos.

A que zomba de todo o meu sucesso e realizações, porque mesmo

que *meu* talento tenha me coroado o rei do rock... meu reino foi construído com o dom *dela.*

E eu odeio isso.

É por isso que ela precisa levar sua bunda de volta para Hillcrest, onde ela pertence.

Lennon não vai ficar sem lutar, porque ela dobra. ─ E eu quero que você veja isso chegando, Phoenix. Porque, ao contrário da minha música que você roubou, eu quero todo o crédito desta vez.

Eu mantenho minha expressão neutra. ─ Eu não sei do que você está falando. Acho que você me confundiu com outra pessoa.

A ira brilha em seus lindos olhos. ─ Você sabe muito bem do que estou falando.

Eu preciso que ela se vá. *Agora*.

Então eu a acerto com o tiro mortal.

─ A única coisa que sei é que você sempre foi obcecada por mim, mas isso é patético, mesmo para você. Não se preocupe, no entanto. Assim que eu falar com Chandler e disser que ele contratou por engano minha perseguidora do ensino médio, ele vai colocar você no próximo avião para casa e te mandar de volta para o seu *pai*.

Desta vez, ela cospe na minha cara.

Sorrindo, eu limpo o meu queixo e o lambo. ─ Você ainda tem um gosto bom, Groupie. É uma pena que você não vai ficar aqui por muito tempo.

─ Eu te odeio pra caralho.

*Que faz de nós dois.*

─ Acho que as coisas estão indo bem? ─ Storm interrompe antes que ele e Memphis entrem no quarto.

─ Lennon estava saindo.

─ E Phoenix estava apenas *mentindo*.

Meus pulmões travam enquanto espero que ela solte o martelo.

Memphis não vai acreditar nela porque ele nem a conhece... mas Storm pode.

Lennon não derruba os pinos que ela montou, no entanto. Ela segue um caminho diferente.

— Ele quer dizer ao Chandler que sou sua perseguidora, então ele vai me demitir.

Storm esfrega uma mão pelo rosto. — Chandler não vai te demitir.

*O inferno que ele não vai*. — Ele vai quando eu falar com ele.

Storm me encara. — Não. Porque *fui eu* que o convenci a contratar Lennon em primeiro lugar, então ele sabe que ela não é uma perseguidora, idiota. Além disso, a gravadora está envolvida agora, então eles não vão deixá-la ir sem justa causa.

O idiota não é mais meu melhor amigo.

— Honestamente, eu não me importo mais. — O olhar de Lennon se concentra em mim. — Coma merda e morra, Walker.

As sobrancelhas de Memphis sobem. Então ele sorri e estende a mão. — Ei, eu sou Memphis. Guitarrista.

O filho da puta está descaradamente verificando-a.

— Me solte — eu falo antes que sua mão faça contato com a dele. — Agora.

Se olhares matassem, eu seria cremado. — Vá se danar.

Com essas palavras de despedida, ela sai.

E eu me lembro de como é uma bela bunda.

Grande, redonda e bem torneada. É tudo que posso fazer para não morder meus dedos e correr atrás dela.

E eu não sou o único porque Storm e Memphis estão praticamente quebrando o pescoço para dar uma olhada melhor.

— Maldição — Memphis diz baixinho. — Você é um idiota.

Depois que ele olhou o suficiente, os olhos de Storm se conectam com os meus. — Você está tão fodido.

*Eu sei*.

# CAPÍTULO 27

## LENNON

— Não está indo bem — digo à Sra. Palma enquanto ando para cima e para baixo no corredor do hotel, porque não há nenhuma maneira no inferno que eu vou voltar lá. — Eu já disse a ele para morrer uma vez.

— O que aconteceu?

Fechando meus olhos, eu inalo uma respiração quando um lampejo de dor aperta meu peito.

— O idiota nem vai reconhecer que ele roubou...

Paro de falar quando ouço o som de uma porta de hotel se abrindo.

— Eu tenho que ir — digo a ela quando vejo Storm e Memphis saindo da suíte de Phoenix.

Encontro-me estudando-os à medida que se aproximam.

Enquanto Phoenix é definitivamente o menino bonito do grupo com seu maxilar forte e esculpido, olhos penetrantes e rosto lindo... Storm é o completo oposto.

Ele é atraente, mas de uma forma assustadora e *intensa*.

Ao contrário de Phoenix, que é longo e magro, Storm é construído como uma merda de tijolos.

Eu literalmente mijaria nas calças se estivesse andando por um beco escuro e o visse.

Memphis é uma combinação dos dois. Como seus companheiros de banda, ele é alto. Embora não seja tão *musculoso* quanto Storm, ele também não é tão magro quanto Phoenix. Seu rosto, embora marcante, tem traços afiados.

Semelhante a Storm, ele tem cabelos escuros, olhos escuros e

algumas tatuagens.

— Não vá embora — diz Storm.

Ele não tem ideia do quanto eu quero.

E eu tenho que agradecer a *ele* por eu estar aqui é tudo obra dele.

O que não bate.

— Por que você me quer tanto aqui?

Storm e Memphis trocam um olhar antes de Memphis dar um passo para trás.

— Vou tomar banho e comer alguma coisa antes da passagem de som — ele fala lentamente, e detecto um toque de sotaque sulista. — Foi um prazer conhecê-la, Lennon. Espero que eu veja você mais tarde.

No que diz respeito às primeiras impressões, a minha foi *espetacular*. No entanto, não consigo me concentrar nisso porque Storm segura meu cotovelo e me conduz em direção ao seu quarto de hotel. — Vamos conversar aqui.

Embora menor que o de Phoenix, este não parece ter sido atingido por uma bomba.

Ele gesticula para que eu me sente no sofá enquanto caminha até o frigobar.

Fico grata quando ele me oferece uma garrafa de água porque a única coisa para beber na suíte de Phoenix é álcool.

— Obrigada.

Ele cruza os braços sobre o peito. — Eu quero você aqui porque você é a única pessoa que pode ajudá-lo.

Isso quase me faz cuspir minha água. — Ajudá-lo? Ele tem sorte de eu não estar cortando sua maldita garganta depois do que ele fez comigo.

Não que Storm saiba a extensão disso.

Eu também não posso dizer a ele porque, embora eu não ache que ele toleraria isso, ele ainda é o melhor amigo de Phoenix. E ele está na

banda.

Se o mundo soubesse que seu líder favorito é uma fraude, isso colocaria em risco a Sharp Objects como um todo, então não tenho dúvidas de que ele de repente estaria de acordo de eu ser demitida.

Fidelidade e tudo mais.

— Eu sei que ele te machucou.

Phoenix fez mais do que me machucar.

*Ele me destruiu*.

— Eu não posso impedir você de sair — ele continua. — Merda, eu não posso nem culpá-la se é isso que você decidir fazer, mas eu...

— Você o que? — Eu exorto quando sua voz desaparece.

— Phoenix não é a mesma pessoa. — Exalando, ele arrasta a mão pelo rosto. — Ele está em uma situação ruim e eu não posso tirá-lo disso. — Olhos escuros seguram os meus. — Eu pensei que era o acidente, mas olhando para trás, isso foi apenas o catalisador. Sua cabeça está fodida por muito tempo, e ele está a um erro de se tornar a pessoa que nunca quis ser.

— Seu pai — eu sussurro, ignorando a pontada no meu coração.

Ele concorda. — Eu sei que não tinha o direito de fazer Chandler caçar você – especialmente depois como a merda terminou entre vocês dois – mas eu estava desesperado. — Seus ombros maciços se erguem em um encolher de ombros. — Você o ajudou antes quando ele precisava. Acho que estava esperando que você pudesse fazer isso de novo. Porque ele com certeza não está me ouvindo mais. Ou qualquer outra pessoa, aliás.

Eu me sinto mal por Storm porque está claro que ele se preocupa com seu melhor amigo. No entanto, não tenho vontade de *ajudar* Phoenix.

— Eu não me importo se Phoenix estrague sua vida. — Trazendo a garrafa de água à minha boca, tomo um gole. — Só estou aqui porque

preciso do dinheiro.

Eu não sei o que fazer com a expressão dele. ─ Certo.

Estou prestes a me levantar e sair, mas sua próxima declaração me faz congelar.

─ O que está acontecendo com você, Lennon?

Quando olho para cima, uma preocupação genuína ilumina seu rosto.

Eu gosto de Storm, então não tenho problema em confiar nele, só não quero que Phoenix tenha conhecimento disso.

─ Eu não quero que isso chegue até Phoenix.

Porque não é da conta dele. Ele não merece saber os detalhes privados da minha vida.

─ Não vai. O que quer que você me diga fica entre nós. Você tem minha palavra.

Seu tom é tão sério, eu acredito nele.

─ Meu pai está doente. ─ Eu me forço a respirar através da dor esmagadora que aperta meu coração. ─ Dois anos atrás, ele foi diagnosticado com demência precoce. Ele evoluiu rapidamente, então eu tive que abandonar a faculdade para cuidar dele.

─ Droga. ─ Seu rosto enruga. ─ Eu sinto muito.

*Eu também*.

Ele move os pés, parecendo todo tipo de desconforto agora. ─ Você quer um abraço ou alguma merda?

Uma risada se solta porque enquanto eu aprecio a oferta, o pobre rapaz parece preocupado que eu possa aceitar.

─ Estou bem. Obrigada.

Ele relaxa visivelmente. ─ Obrigado porra. ─ Enfiando as mãos nos bolsos, ele diz: ─ Temos um show hoje à noite e depois estaremos no ônibus da turnê. Fique no meu quarto até a passagem de som às sete.

Estou grata que ele está me dando um lugar para me esconder,

então eu não tenho que lidar com o idiota. ─ Eu agradeço. ─ É quando eu percebo. ─ Eu o deixei algemado na cama.

Storm ri e noto a tatuagem na lateral de seu pescoço. É um dedo médio gigante. ─ Sim, você deixou. Mas deixe-o suar um pouco mais. ─ Um olhar peculiar cruza seu rosto. ─ Isto me lembra. Eu volto já.

Ele desaparece no quarto, mas retorna alguns momentos depois... carregando longas tiras pretas.

─ O que são isso?

─ Nem todas as cabeceiras são adequadas para algemas ─ ele explica enquanto as entrega para mim. ─ Este é um sistema de retenção debaixo da cama. Fica entre o colchão e a caixa de molas. ─ Ele gesticula para eu ficar de pé. ─ Vamos lá, eu vou te mostrar como configurá-lo.

Basta dizer que agora sei *exatamente* quem deu essas algemas a Chandler.

# CAPÍTULO 28

## LENNON

— Eu te amo!

*— Eu quero ter seus filhos!*

*— Eu vou deixar você colocá-lo em qualquer lugar.*

Minha barriga afunda enquanto o vejo subir ao palco para a apresentação final da noite, seu corpo esbelto e tonificado deslizando como uma cobra prestes a devorar sua presa.

Cigarro na mão, apesar da rígida política antifumo do estádio, ele pega o microfone em um gesto grosseiro que rende mais aplausos da multidão.

E então ele fica parado ali – como uma importante figura bíblica. Absorvendo a energia, esperando até que a tensão e a antecipação se esgotem com tanta força que você pode ouvir as batidas frenéticas dos corações pertencentes a cada garota na multidão.

Outro momento passa. A eletricidade zumbe através de mim como um fio vivo. Eu prendo minha respiração. Aperto minhas coxas. Silenciosamente me castiguei pela forma como meu corpo responde, mesmo que não haja ninguém no planeta que eu odeie mais do que ele.

Como se sentisse meus pensamentos, ele vira a cabeça para a direita, onde estou esperando nos bastidores.

Lentamente, ele examina meu corpo da cabeça aos pés, parando para dar uma olhada completa em cada curva. Como se estivesse marcando seu território.

Com os olhos fixos nos meus, ele arrasta a língua ao longo de seu piercing no lábio de uma maneira tão lasciva que faz meus joelhos

dobrarem *e* meu desdém por ele subir a níveis supersônicos.

Digo a mim mesma para ignorar a onda de calor que sobe pela minha vértebra, mas não consigo.

Porque ele é Phoenix Walker...

Deus do rock. Idiota arrogante.

*Ladrão*.

E não há como escapar de suas chamas.

Elas vão consumi-la muito antes de você ter a chance de apagá-las.

Apesar de já ter sido queimada por ele uma vez, eu endireito minha coluna. Porque embora eu esteja em sua estaca e ele esteja pronto para acender a partida, isso não significa que eu não vou lutar.

Ele pode me queimar, mas eu vou cair como Joana d'Arc.

Com o rosto impassível, ele se vira para a multidão quando a introdução de guitarra de Memphis começa.

George – o baixista que eles contrataram para substituir Josh – vem logo atrás.

Um momento depois, Storm toca a bateria... aumentando a formação.

Eles estão tão em sincronia, ninguém jamais saberia o que realmente está acontecendo nos bastidores. Qualquer um que os assista pela primeira vez nunca imaginaria que eles perderam o membro da banda há pouco mais de três meses.

Outro raio de energia me atinge e o impulso aumenta.

E então *para.*

Phoenix deveria começar a cantar, mas ele perdeu a deixa.

Imperturbáveis, Memphis e Storm tocam a introdução novamente, causando ainda mais aplausos da multidão.

Mas Phoenix fica em silêncio.

Memphis e Storm tocam pela terceira vez, mas acontece a mesma coisa.

Sempre o educado, Phoenix mostra à multidão o dedo do meio.

E então ele corre para fora do palco.

Enquanto todos no estádio estão confusos e desapontados, a satisfação corre em minhas veias e não posso deixar de sorrir.

Phoenix Walker deveria cantar seu maior sucesso, assim como sempre faz no final de cada show... mas ele não pode.

*Porque eu estou aqui*.



— Eu sou George — uma voz atrás de mim diz antes de eu entrar no ônibus.

Eu giro. Com seu cabelo ruivo e barba desalinhada, George não é convencionalmente quente, mas tem um belo sorriso.

Eu estendo minha mão. — Eu sou Lennon.

Ele dá uma sacudida suave. — A nova babá de Phoenix.

Eu riria se não fosse a triste verdade. — Verdade.

Ele faz uma cara. — Espero que você fique por aqui.

— Eu também.

Só porque preciso do dinheiro.

Enfiando as mãos nos bolsos da calça jeans, ele olha para o ônibus. — Os outros caras realmente não gostam de mim, então as coisas ficam meio estranhas quando estamos na mesma sala. Achei que deveria avisá-la sobre isso para que você não me considere um idiota anti-social.

Isso é... confuso. George parece doce, então não consigo imaginar por que eles teriam um problema com ele.

Além do fato de ele estar substituindo um membro original da banda com quem todos eram próximos.

No entanto, isso não é culpa *dele.*

— Phoenix também não gosta de mim — digo a ele na esperança de

que ele não se sinta mais um pária.

Porque eu sei muito bem como isso é horrível.

Um sorriso pesaroso divide seu rosto. ─ Então podemos ser párias juntos. ─ Ele aponta o queixo para o ônibus. ─ Nós provavelmente deveríamos entrar nessa coisa antes que eles partam sem nós.

─ Sim.

Embora isso possa não ser a pior coisa do mundo.

Minha boca cai aberta enquanto subo os degraus porque é maior do que eu pensei que seria.

Há uma pequena cozinha com uma mesa e uma mini sala de estar... uma que Memphis e Storm estão ocupando atualmente.

Junto com três garotas bonitas, cujos membros e lábios estão por toda parte.

Ambos estão tão em sua *companhia*, eles não olham para cima quando eu passo por eles.

─ Vamos, ─ George oferece. ─ Eu vou te dar um passeio.

─ Ok.

Então eu ouço.

─ Demita ela ─ Phoenix late alto de algum lugar na parte de trás. ─ *Agora*.

─ Não ─ Chandler grita. ─ É meu trabalho fazer o que é do melhor interesse da banda, e ela é isso.

─ Não, ela não é. Confie em mim.

*Santo estranho.*

George coloca a mão na parte inferior das minhas costas. ─ Pensando bem, talvez devêssemos ficar aqui um pouco.

─ O que está acontecendo com Phoenix? ─ a garota no colo de Storm gorjeia quando nos sentamos à mesa.

Pelos sons, uma birra.

O fato de *todos* a bordo estarem ouvindo isso me faz desejar ser

invisível.

— Ela precisa ir — Phoenix rosna. — Encontre outra pessoa.

— Ela é a melhor pessoa para o trabalho — afirma Chandler.

Isso só deixa Phoenix mais irritado. — Não, ela não é. — O som de algo batendo faz com que a garota se senta em Memphis vacilar. — Como diabos você se sentiria se eu vasculhasse seu passado, hein? Ou entre em contato com uma de suas ex-namoradas e as convide para uma turnê? Você gostaria disso, idiota?

A garota chupando o rosto com Memphis desaloja seus lábios dos dele. — Eu pensei que Phoenix não tivesse namoradas?

Ele não tem.

*A menos que ele queira te usar*.

# CAPÍTULO 29

## PHOENIX

O barulho da multidão de Vegas é ensurdecedor enquanto eu ando pelos bastidores.

Storm e Memphis seguem atrás de mim como dois cães de caça rastreando um cheiro.

— Por que você não está cantando Sharp Objects? — Pergunta Storm.

— Esta é a segunda vez que você saiu sem cantá-la — Memphis resmunga, como se eu não estivesse ciente. — O que tem?

Raiva misturada com sentimentos que eu prefiro não reconhecer enche meu intestino. — Foda-se.

É claro que eles não gostam dessa resposta, mas eu não dou a mínima.

Felizmente, um grupo de garotas no canto mais distante me dá a desculpa perfeita para sair dessa conversa de merda.

— Ei, Phoenix, — uma delas ronrona. — Você foi realmente ótimo esta noite.

Estou me aproximando delas quando há um puxão forte no meu braço. — Não é uma boa ideia.

Olho para Lennon, forçando-me a ignorar a maneira como minha pressão arterial e meu pau parecem subir sempre que ela está por perto.

— Porquê? Com medo de ser demitida?

Já que meu gerente de merda se recusa a demiti-la sob minhas ordens, vou dar a ele outra razão para mandá-la embora.

Lennon abre a boca para falar, mas eu não dou a ela a chance. —

Seu trabalho não é controlar onde eu enfio meu pau.

Eu aceno para as meninas se juntarem a mim na sala verde.

Então eu pisco para Lennon. ─ Mas, ei. Você está convidada a assistir.

Minha declaração tem o impacto desejado porque ela faz uma careta como se tivesse cheirado algo podre enquanto as garotas passam correndo por ela. ─ Prefiro engolir ácido de bateria. ─ Claramente irritada, ela bufa. ─ Qualquer que seja. Tire suas pedras. Mas eu estarei do lado de fora desta porta.

Segurando seu olhar, eu entro no quarto. ─ Nesse caso, tentarei não fazê-las gritar muito alto quando estiver *com as bolas* dentro delas.

Eu bato a porta na cara dela e a tranco.

Uma ruiva que encontrei algumas vezes antes de se aproximar de mim. ─ Você foi incrível lá fora. Isso me deixou tão quente.

A loira e a morena se aproximam de mim um momento depois.

Paro a ruiva quando ela cai de joelhos porque tenho coisas mais importantes para focar.

─ Guarde esse pensamento para mais tarde. Nós vamos festejar primeiro.

Sem o conhecimento da minha nova companheira de sobriedade, há outra porta dentro da sala verde.

Uma delas ri enquanto eu acompanho o bando para fora. ─ Bem, você sabe o que eles dizem. O que acontece em Vegas, fica em Vegas.

Não dessa vez.

Sorrindo, ando pelo corredor que levará à minha liberdade e ao desemprego de Lennon.

*Boa sorte explicando isso para Chandler, Groupie.*

# CAPÍTULO 30

## LENNON

Bato na porta. — Abra, Phoenix.

Ele já está na sala verde há mais de uma hora.

São quase duas da manhã e quero voltar para o hotel para dormir.

Eu bato na porta novamente. Inferno, estou tentada a chutá-la para baixo neste momento. — Se apresse.

— O que você ainda está fazendo aqui? — uma voz severa pertencente às perguntas do meu novo chefe.

Eu mantenho minha expressão neutra. — Phoenix está lá trepando com algumas groupies.

Não adianta mentir. Como Phoenix disse, o que ele faz com seu pau não é minha responsabilidade. Nem está na descrição do meu trabalho.

O que é bom para mim, porque eu não dou a mínima. A maldita coisa pode cair de uma DST incurável por tudo que me importa.

Diabos, provavelmente será mais cedo ou mais tarde.

Chandler esfrega a cabeça. — Nesse caso, estou voltando para o meu quarto para passar a noite. Certifique-se de que ele volte para *o seu*.

— Vou fazer.

Ele resmunga algo baixinho enquanto se afasta.

Quando olho em volta, percebo que a maioria da equipe desapareceu, e os que restaram parecem estar fechando tudo.

Se esse babaca acha que vou passar o resto da noite – quer dizer, aquela *manhã* – nos bastidores quando posso estar dormindo em uma cama agradável e aconchegante, ele está louco.

Cada vez mais frustrada, sinalizo para um membro da equipe que passa. ─ Ei. Por acaso você tem a chave deste quarto? Eu estou com a banda.

─ Eu não. Mas Bruce sim. ─ Ele gesticula para que outro homem se aproxime. ─ Ela precisa entrar na sala verde.

─ Pode deixar.

Bruce tira uma chave do bolso e a abre.

Meu estômago torce antes de cair no chão.

Eu esperava que Phoenix estivesse no meio do impulso quando entro…

Não *está*.

─ Para onde diabos ele foi?

─ Quem? ─ um dos caras pergunta.

─ Phoenix Walker. Ele deveria estar aqui.

O cara aponta para uma porta do outro lado da sala. ─ Ele provavelmente saiu por lá. Há um longo corredor que leva à Strip.

*Porra*.



Faço uma nota mental para verificar todas as salas verdes, banheiros e quaisquer outros quartos que Phoenix pretenda entrar no futuro enquanto ando pelo corredor do nosso hotel.

Murmuro uma maldição quando passo o cartão-chave porque não ouço vozes ou gemidos falsos de prazer.

Passando pelo meu quarto contíguo no foyer, entro em sua suíte.

Depois de verificar todos os cantos e recantos possíveis, confirmo que está vazio.

Sem opções, vou ao quarto de Storm para que eu possa pedir sua ajuda.

Bato cinco vezes antes que ele responda.

É claro que ele está irritado por ser interrompido porque ele abre a porta e resmunga: ─ O quê?

─ Não consigo encontrar Phoenix.

Ele solta um longo suspiro. ─ Merda. ─ Virando a cabeça, ele grita: ─ Seja uma boa menina e fique parada. Voltarei mais tarde.

─ Eu não poderia sair mesmo que quisesse ─ responde uma garota. ─ Mas não fique fora por muito tempo. Eu preciso daquele grande monstro raivoso dentro de mim.

*Grande monstro raivoso*?

Eu arquivo isso em coisas que eu não precisava saber sobre Storm.

Ele fecha a porta atrás dele. ─ Onde estava Phoenix quando você o viu pela última vez?

─ Na sala verde com algumas groupies.

─ Você sabe que há duas portas na sala verde, certo?

Não perco a pitada de brincadeira em seu tom.

─ Eu sei *agora*.

Em minha defesa, a única vez que estive lá dentro foi quando percebi que Phoenix havia desaparecido.

Eu nunca vou cometer *esse* erro novamente.

Paramos em outra sala e Storm bate na porta.

Um Memphis nu responde... junto com uma loira cujos lábios estão fundidos em seu pescoço.

Eu mantenho meu olhar treinado acima de sua cintura.

Então me lembro que sou jovem, solteira, curiosa... e ele é famoso, nu e gostoso.

*Sim*. Pequeno Memphis é o oposto de pouco.

Evidentemente, todos os membros de Sharp Objects têm objetos *grande*.

Memphis me dá um sorriso malicioso quando ele me pega olhando.

— Você é bem-vinda para entrar. Tenho muito o que fazer.

— Ela não pode, — Storm resmunga. — Phoenix está desaparecido. Você o viu?

Ele balança a cabeça. — Não. Você tentou o celular dele?

— A menos que o número dele seja o mesmo do ensino médio, eu não tenho.

Depois de pegar o telefone do bolso, Storm o leva ao ouvido. — Direto para o correio de voz.

Meu estômago dá um nó.

A loira beija o estômago de Memphis, chamando sua atenção de volta para ela. — Você vai ter que fazer melhor do que isso se quiser meu pau de novo. — Ele olha para nós quando ela cai de joelhos. — Boa sorte.

Então ele bate a porta na nossa cara.

Storm marcha pelo corredor. — Vamos verificar o cassino no andar de baixo.



Planet Hollywood é essencialmente um círculo gigante que deve facilitar a localização dele…

Se ele estivesse aqui.

Exasperados, saímos do hotel e caminhamos pela Strip. Já passa das duas da manhã, mas é um fim de semana em Las Vegas, então tem muita gente do lado de fora.

É por isso que não penso duas vezes quando percebo uma grande multidão reunida em torno das fontes do Bellagio.

Até chegarmos mais perto e eu notar um bando de policiais e bombeiros cercando a área.

Storm deve estar curioso também, porque ele para de andar.

— O que está acontecendo? — Pergunto a uma mulher que está balançando a cabeça enquanto se afasta da multidão.

— Algum idiota pulou na fonte durante o último show. Os serviços de emergência acabaram de pescá-lo. Ele teve sorte de não ter morrido.

*Droga*. — Isso é louco.

Ela balança a cabeça em concordância antes de sair andando.

— Talvez devêssemos nos separar? — Eu sugiro.

Dessa forma, as chances de encontrá-lo são melhores. Porque estou exausta.

Storm pondera sobre isso. — Eu acho...

De repente, ele para de falar e eu paro de respirar.

Porque a seis metros de distância está um Phoenix Walker encharcado... sendo arrastado por dois policiais.

— Eu não fiz xixi na piscina — Phoenix insulta.

— Não é uma piscina — um dos policiais fala. — É uma fonte.

— Seu pedaço de merda — Phoenix resmunga enquanto corremos. — Vá se cagar.

*Estou tão ferrada*.

— Acalme-se — diz o segundo oficial.

— Não me diga o que fazer, idiota. Eu sou Phoenix Walker.

Ele grita a última parte tão alto que eu estremeço.

— Estou ciente — afirma o oficial. — Minha filha é uma grande fã.

— Espere, — digo aos oficiais enquanto eles o levam embora. — Eu sou sua...

Eu paro de falar porque não acho que dizer a eles que sou sua companheira de sobriedade quando ele está claramente um lixo vai funcionar a meu favor.

— Amiga — eu resolvo dizer, apesar da forma como isso faz minhas entranhas se contorcerem. — Por favor, não o prenda.

— Prendam-me, maricas — Phoenix ruge, tentando sair de seu

domínio. — Eu não me importo, porra.

Eu daria um soco nele se não estivéssemos na frente da polícia.

Storm olha para seu amigo antes de olhar para os oficiais. — Você disse que sua filha é fã, certo?

Um dos acenos do oficial. — Sim. Porquê?

— Eu lhe darei quatro ingressos de primeira fila para o show de amanhã à noite e passes para os bastidores se você nos deixar levá-lo de volta ao quarto dele.

Por um momento, acho que eles não vão concordar, mas então os policiais se entreolham e dão de ombros. — Tudo bem, mas se acontecer de novo, vamos levá-lo.

— Não vai, — eu asseguro a eles enquanto eles soltam Phoenix.

— Obrigado — diz Storm, enquanto cada um de nós agarra um de seus braços. — Vou me certificar de que os ingressos estão disponíveis amanhã.

Eles vão embora e nós escoltamos um Phoenix beligerante e molhado de volta ao hotel.

Embora ele não facilite porque ele continua gritando obscenidades e chamando a atenção para si mesmo.

— Você vai parar? — Eu cerro os dentes quando entramos no elevador, e ele pergunta a uma pobre velhinha se ela quer chupá-lo.

Compreensivelmente horrorizada, ela ameaça obter segurança.

— Eu sinto muito. — No momento em que chegamos ao nosso andar, eu o empurro para fora do elevador. — O que há de *errado* com você?

— Muito fodido, — Storm murmura baixinho.

— Eu só queria um hummer[9], — Phoenix grita alto o suficiente para acordar os mortos.

Nós o arrastamos pelo corredor enquanto ele começa a cantar (I Can't Get No) Satisfaction dos Rolling Stones. Sua voz melódica *distinta* bate nas paredes do corredor enquanto ele luta contra nós.

Ele acaba lutando tanto que se liberta de nosso domínio. ─ Paz, vadias.

O controle que eu estava tentando manter se encaixa quando Storm avança e agarra seu braço.

─ Você precisa calar a boca. Agora mesmo. ─ Eu bato minha mão sobre sua boca. ─ Ou então me ajude Deus, eu vou levá-lo de volta para aquela fonte e afogar sua bunda.

Sua voz está abafada contra minha palma. ─ O quê tem pra mim?

Eu removo minha mão. ─ O que?

─ O que eu ganho com isso? ─ ele insulta.

Olho para Storm, que dá de ombros.

Irritada, eu bufo: ─ O que você quer?

Aqueles olhos azuis examinam languidamente cada centímetro do meu corpo antes de pousar no meu rosto. ─ Você.

Todas as suas festas devem ter destruído algumas células cerebrais. ─ Eu não estou fodendo você...

─ Me beija.

Isso é ainda mais assustador. ─ Absolutamente não.

Inclinando o rosto para o teto, Phoenix começa a gritar obscenidades novamente.

*Droga.*

─ Tudo bem ─ eu admito, porque estou desesperada para que ele fique quieto. ─ Eu vou fazer isso.

As chances são de que ele esteja bêbado demais para lembrar que eu concordei com essa oferta de qualquer maneira. Mas se ele fizer isso?

Eu nunca disse que tinha que ser nos lábios.

─ Mas só se você calar a boca e me deixar levá-lo de volta para o quarto.

─ Está bem ─ ele pronuncia quando a porta à nossa frente se

abre...

E Chandler põe a cabeça para fora.

*Merda*.

A raiva aperta suas feições enquanto ele vê um Phoenix bêbado e molhado. ─ O que diabos está acontecendo?

Phoenix começa a falar, mas Storm tapa a boca com a mão desta vez.

─ Nada. Phoenix acabou de dar um mergulho. ─ Quando as sobrancelhas de Chandler franzem, eu rapidamente acrescento: ─ Não se preocupe. Ninguém o viu.

Aqueles olhos redondos se estreitam. ─ É melhor eles não terem. Se não.

Ele bate a porta e finalmente fazemos nosso caminho para a suíte.

─ Ele é todo seu ─ diz Storm quando entramos no pequeno vestíbulo que separa nossos quartos. ─ Tenho companhia para a qual preciso voltar.

*Eu sei.* A garota dele está amarrada há algum tempo.

─ Eu realmente aprecio toda a sua ajuda.

De jeito nenhum eu teria sido capaz de convencer aqueles policiais a deixar Phoenix ir sem ele.

Ou arrastar sua bunda engessada de volta para o hotel sozinho.

Storm balança o dedo para seu amigo. ─ Não dê mais merda a ela.

─ Não me diga o que fazer, ─ Phoenix cospe.

Felizmente Storm deixa isso rolar de suas costas e vai embora.

Eu arrasto Phoenix para dentro de sua suíte.

Sou grata por ter tido a previsão de colocar essas restrições em sua cama antes do tempo.

Assim que chegamos ao quarto, eu o empurro no colchão.

Eu debato brevemente ajudá-lo a mudar para roupas secas, mas depois das *travessuras desta noite*, ele pode dormir em suas roupas

encharcadas.

Infelizmente, o meu acabou molhado também porque Phoenix luta com unhas e dentes quando tento contê-lo.

— Eu acredito que você me deve alguma coisa — ele diz enquanto agarra meus quadris e nos rola para que ele fique por cima.

Eu ignoro a grande protuberância cavando minha pélvis.

— Eu não devo nada a você — digo a ele, mas então percebo que é a única moeda de troca que tenho à minha disposição.

— Se você me deixar colocar isso, eu vou fazer isso.

Um músculo em sua mandíbula afiada se contrai quando ele se afasta de mim. É claro que ele não gosta disso, mas é uma merda difícil.

Se ele não agisse como um animal selvagem, ele não precisaria ser preso como um.

Eu faço um trabalho rápido de prender as algemas em torno de seus pulsos, mas ele protesta quando eu alcanço as do tornozelo. — Somente pulsos, Groupie.

— Certo. — Eu verifico para ter certeza de que as algemas estão seguras. — Mas é melhor eu te encontrar assim quando eu acordar.

Eu começo a me mover para fora da cama, mas ele empurra para cima. — Você não está esquecendo de nada?

— Não.

Já tenho o que precisava. Ele pode ir se foder.

— Eu não estarei tão disposto a me comprometer da próxima vez, — ele estala para minhas costas recuando.

Disposto a comprometer minha bunda. No entanto, não posso me dar ao luxo de ter outra noite como esta se vou chegar ao final desta turnê e ser paga.

Eu quero dar um tapa no olhar de autossatisfação de seu rosto enquanto eu volto para a cama.

— Isso não muda nada entre nós.

Inclinando-me, aponto para sua bochecha... mas ele vira a cabeça no último segundo, capturando meus lábios.

Um raio de calor passa por mim, e meu coração – o idiota traidor – vibra descontroladamente. Um gemido baixo o deixa enquanto sua língua desliza para dentro... mas eu finalmente caio em mim e quebro o feitiço.

Afastando-me, eu limpo minha boca, na esperança de remover quaisquer vestígios dele, mesmo que eu o sinta em *todos os lugares*.

Eu odeio isso. *Odeio ele.*

— Vá dormir, idiota.

# CAPÍTULO 31

## PHOENIX

— Lennon, — eu grito pela centésima vez desde que acordei.

Eu sei que ela está acordada porque eu ouvi a porta do quarto dela abrir e fechar não muito tempo atrás.

Pirralha.

Esta é sua maneira doentia de tentar me reconquistar pelo beijo de ontem à noite.

Um beijo que ela está chateada porque ela não apenas gostou. Ela *sentiu*.

Lennon pode me odiar o quanto quiser – inferno, ela pode gritar do topo da montanha mais alta até seus pulmões cederem – mas ela não pode negar nossa química.

É uma merda de vitória.

Eu poderia foder todas as mulheres do mundo, mas ninguém jamais chegará perto de me fazer sentir nem uma pequena fração do que ela faz.

Ela é como veneno e magia em um só. Eu quero empurrá-la para longe e puxá-la para mais perto ao mesmo tempo.

O que é mais uma razão para eu ficar feliz quando ela se for.

Ela não só quer me *arruinar*, ela é a única coisa no planeta que eu não posso ter.

Felizmente, a merda que fiz ontem à noite garantirá a ela um assento no próximo voo para casa.

Eu só preciso que ela traga sua bunda aqui e me tire as algemas primeiro.

A pressão na minha bexiga contrai e eu grito por ela novamente. ─ Vamos, groupie.

Finalmente, a porta do meu quarto se abre. Só que não é ela que entra.

É Storm.

─ Porquê você está aqui?

─ Eu vi Lennon lá embaixo. ─ Lábios se contraindo, ele caminha até a cama. ─ Achei que você ainda estava um pouco *amarrado*.

O filho da puta tem piadas.

─ Ria enquanto pode, filho da puta. Não está acontecendo de novo.

─ O que você quer dizer?

─ Graças ao meu mergulho bêbado na fonte, ela vai ser despedida.

O que provavelmente explica por que ela não veio aqui. Ela está chateada por ter sido demitida.

*Muito fodidamente ruim*.

A mão que estava tirando as algemas do meu pulso para. ─ Desisto. Você fez essa merda de propósito?

Para alguém com um QI tão alto, ele pode ser burro como um tijolo às vezes.

─ Porra, sim, eu fiz. Eu te disse, eu quero que ela vá embora.

Alguém escuta quando eu falo, caralho?

Ah, isso mesmo. Eles estão todos muito ocupados lucrando com minha voz para dar a mínima para o homem por trás disso.

Eu não sou mais uma pessoa. *Eu sou um produto*.

Os olhos de Storm se tornam pequenas fendas. ─ Você é um idiota.

─ Como eu sou o idiota neste cenário? Ela é aquela que veio aqui, lembra?

A veia em sua testa faz uma aparição. ─ Porque ela precisa do dinheiro.

Isso me faz rir. ─ Okay, certo. Você está esquecendo que ela vive

como uma princesa naquela casa grande e bonita?

Ao contrário de nós, Lennon não precisava de nada para crescer. Tudo foi entregue a ela em uma bandeja de prata por seu pai.

Cruzando os braços, ele me encara. ─ É por isso que ela está trabalhando na Obsidian?

O único *Obsidian* que conheço é o clube de strip em Hillcrest.

E porra sabe que Lennon nunca trabalharia lá.

Ela nem me deixou tirar a camisa quando transamos durante um apagão. Portanto, a probabilidade de ela tirar a roupa para uma sala cheia de homens não soma.

─ Do que diabos você está falando?

Tendo piedade de mim, ele desamarra um dos meus pulsos. ─ Ouvi de um amigo na cidade que ela está trabalhando lá. ─ Ele franze a testa. ─ Ela obviamente precisa do dinheiro.

E ele precisa largar a erva. ─ Ela não é...

─ É onde Chandler a localizou, cara. Se você não acredita em mim, pergunte a ele.

Uma estranha mistura de raiva, ciúme e inquietação se enrola em minhas entranhas.

Eu quero perguntar a ele mais sobre isso, mas a porta se abre e Lennon entra. Seus olhos caem para meus pulsos soltos. ─ E livre.

─ Por mais que você esteja gostando disso, não é legal me deixar preso por tanto tempo. Um homem tem que mijar de vez em quando.

Estou me preparando para fazer exatamente isso quando Chandler entra furioso, acenando em torno de seu telefone.

─ Ele pulou na maldita *fonte* ontem à noite?

Para seu crédito, Lennon não se acovarda como a maioria das pessoas faz quando ele fica furioso. ─ Eu disse que ele foi nadar.

Storm bufa, o que só irrita mais Chandler.

─ Você também me disse que poderia lidar com o trabalho.

— Eu posso lidar com isso. — Ela varre a mão em minha direção. — Ele não está na cadeia. Não chegou ao noticiário...

— Há fotos em todas as redes sociais — grita Chandler. — Você está demitida.

Seu comportamento forte diminui. — Mas...

— Não é culpa dela — eu interrompo.

Não sei por que ela está trabalhando na Obsidian, mas sei que *não* estaria a menos que não tivesse outra escolha.

Por mais que eu não a queira aqui, não a quero mais *lá*.

— Eu menti e escapei — eu digo quando ele se vira para me encarar. — Ela me rastreou, no entanto. Ela também convenceu os policiais a me deixarem ir. Acho que isso justifica outra chance.

O olhar de Chandler é perscrutador. — Eu pensei que você queria que ela fosse embora?

— Era apenas sua terceira noite — Storm interrompe. — E ela já está se saindo melhor do que as outras desde que não transou com ele.

Chandler não parece influenciado nem um pouco.

— Cristo. Fui nadar em uma maldita fonte. Ninguém se machucou ou foi preso, graças a Lennon. — Eu dou um passo mais perto. — Se demiti-la vai ficar muito pior. Confie em mim.

Minha ameaça funciona porque ele olha para Lennon, que está me olhando com grande interesse. — Eu vou te dar mais uma chance. Mas erre de novo e *pronto*.

# CAPÍTULO 32

## LENNON

De acordo com a Sra. Palma, meu pai está indo bem. Embora quando falei com ele pela última vez, ele pensou que eu estava tentando lhe vender alguma coisa e me apressou para desligar o telefone.

Espero que a conversa de amanhã corra muito melhor.

No momento, estamos a caminho do Arizona, então estou dormindo no beliche abaixo do Phoenix.

Ou melhor, *tentando* dormir, mas não consigo parar de me revirar. Uma rápida olhada no meu telefone me diz que é um pouco depois das três da manhã

Dado que todo mundo no ônibus está dormindo profundamente, eu saio para um pouco de silêncio.

A frente do ônibus tem uma cozinha e sala de estar, a seção do meio é onde estão nossos beliches, e a parte de trás é onde fica o quarto de Chandler. No entanto, há também outra pequena sala de estar localizada na parte de trás que tem uma televisão, então decido ir até lá.

O pequeno sofá de couro é confortável, apesar dos quartos apertados. Estou procurando o controle remoto quando a porta de correr se abre e um Phoenix sem camisa entra.

Eu saio do sofá, mas ele dá vários passos, me encurralando. — Fica.

Não é um pedido, é uma ordem.

Eu atiro-lhe um olhar sujo quando me sento e ele se senta ao meu lado.

A proximidade faz com que o pequeno espaço pareça ainda mais apertado.

— Por que você ainda está acordada?

A rouquidão grossa de sua voz faz com que os pelos dos meus braços se arrepiem.

— Não consigo dormir. — Eu olho para ele. — Por que *você* ainda está acordado?

Ele tem que estar exausto depois de shows consecutivos.

Aqueles olhos azuis magnéticos me olham de cima a baixo e eu resisto à vontade de me contorcer. — Eu também não consigo dormir.

Qualquer hostilidade que ele estava abrigando parece ter desaparecido... o que é estranho.

Assim como ele estava dizendo a Chandler para me dar outra chance.

— Por que você me defendeu esta manhã? Essa foi sua principal oportunidade de se livrar de mim.

Sua mandíbula aperta e alguma emoção que eu não consigo identificar pisca em seu rosto. — Por que você estava trabalhando na Obsidian?

Eu sinto como se tivesse acabado de ser mergulhada em um tonel de água gelada. Não tenho certeza de como ele sabe, mas acho que Chandler contou a ele.

Não significa que eu tenha que falar sobre isso, no entanto. Ele perdeu o direito de saber qualquer coisa sobre mim ou minha vida quando me traiu.

— Isso não é da sua conta.

Os tendões em sua garganta flexionam quando ele engole. — Nesse caso, também não vou responder sua pergunta.

Sua tática olho por olho não me surpreende nem um pouco.

*É como sempre estivemos um com o outro*.

— Mas já que você vai ficar, — ele continua. — Acho que devemos ter algum tipo de trégua.

Eu quero dizer a ele para ir se foder, mas eu preciso do dinheiro.

Nós não estarmos na garganta um do outro a cada segundo do dia e da noite tornará meu trabalho muito mais fácil.

— Certo. — eu fico. — Vou voltar para a cama.

Seus dedos envolvem meu pulso. — Lennon.

Há tanto desejo em seu tom que faz minha pele esquentar.

— Eu disse trégua. — Eu seguro seu olhar. — Nós não somos amigos.

*Nós nunca fomos*.

Meu coração bate dolorosamente contra meu peito quando olho para sua tatuagem.

A primeira vez que vi a clave e a pauta, não havia notas musicais. Quando perguntei por que estava em branco, ele disse que estava esperando para escrever a música que mudaria sua vida.

No entanto, as notas escritas sobre seu coração são *minhas*. Não dele.

Enojada, eu arranco meu pulso de seu alcance e saio.

Phoenix estava certo.

*É muito mais fácil quando eles não vêem isso chegando*.

# CAPÍTULO 33

## LENNON

O rugido da multidão pulsa em meus ouvidos enquanto vejo Phoenix correr pelo palco.

Luzes brilhantes iluminam sua forma, e apesar de estar quente como o inferno onde estou, um arrepio me percorre.

Ele está colocando cada grama de si mesmo nessa performance e é ao mesmo tempo inspirador e intimidador o quão confortável e hipnótico ele está lá em cima.

Como se ele estivesse em seu elemento.

*Como se ele tivesse nascido para fazer isso*.

Um sentimento amargo sobe pela minha garganta. Eu mataria para saber como é não apenas ter esse nível de confiança para poder cantar na frente de milhares de pessoas, mas ser tão incrivelmente talentosa que ninguém consegue tirar os olhos de você.

*Para ser ele*.

A música que ele está cantando chega ao fim e as luzes do palco se apagam, como sempre fazem quando é hora de ele cantar a última música da noite.

Meu estômago dá um nó com partes iguais de irritação e intriga.

É nosso terceiro e último show no Arizona e ele ainda não cantou “Sharp Objects”.

Memphis, Storm e George nem se incomodam em fazer a introdução dessa vez.

Mais uma vez, você pode sentir a decepção dos fãs quando Phoenix levanta o dedo médio no ar e diz a todos que tenham uma boa noite.

— Droga, — Chandler murmura ao meu lado. — Qual diabos é o problema dele?

Eu tenho que morder minha bochecha para não sorrir.

*Eu*.



Phoenix se recusando a cantar minha música se tornou o proverbial elefante na sala.

Ou *elevador* neste caso.

Está tão quieto que você pode ouvir um alfinete cair e os vinte andares necessários para chegar ao nosso quarto de hotel parecem um milhão.

Mesmo que ele esteja atrás de mim e eu esteja grata por não ter que olhar para ele, eu gostaria que não estivéssemos sozinhos.

Principalmente quando ele fala.

— Você nunca se senta na sala verde durante os shows.

Não é uma pergunta, é um fato.

Um que não merece meu reconhecimento.

Eu posso sentir o calor que emana dele enquanto ele se aproxima, entrando no meu espaço pessoal.

Sua respiração sopra na lateral do meu pescoço com sua próxima declaração. — Sempre que eu olho, você está sempre parada ali...Perto de mim.

*Porque eu o odeio*.

Eu endireito minha coluna. — Você sabe o que dizem. Mantenha seus amigos por perto e seus inimigos mais perto ainda.

Minha pele se arrepia quando seus dedos roçam a lateral da minha cintura. — Eu não tenho que ser seu inimigo, Groupie.

Estou tentada a lembrá-lo de que não sou *sua* groupie, mas estou

muito impressionada com o que ele disse.

Enquanto eu estiver viva, ele nunca será nada além de meu inimigo.

Eu me viro. ─ Qual é o problema, Phoenix? Você não gosta que eu te observe? ─ Dou um passo, mas ele não se mexe, então meu corpo acaba encostado no dele. ─ Então, novamente, deve ser muito difícil cantar a música que você roubou na frente da pessoa de quem você a roubou, hein?

Há tanto veneno em seu olhar que eu sei que fui direto ao ponto crucial.

Mesmo que ele não admita, no fundo ele sabe que o que fez não foi apenas errado, isso o torna nada além de um impostor.

As portas do elevador finalmente se abrem e ele me desvia, me dando uma olhada no ombro no processo.

─ Ah, eu fui direto ao ponto? ─ Eu provoco enquanto sigo logo atrás.

Irritação percorre minha espinha quando ele não diz uma palavra. Ele *ainda* não vai me dar a satisfação de admitir o que ele fez.

No entanto, meu aborrecimento por ele rapidamente se transforma em aborrecimento para o grupo de garotas penduradas do lado de fora de sua porta.

Não só é alarmante que elas conseguiram descobrir em que quarto ele está hospedado, eu não estou com vontade de passar o resto da minha noite perseguindo-o pela cidade novamente.

─ Você não tem segurança?

─ Não quero. ─ Ele tira o cartão-chave do bolso. ─ Não para elas.

Eu coloco minha mão em seu pulso quando ele vai abrir a porta. ─ Não faça isso.

Aqueles duros olhos azuis se concentram em mim e o canto de seus lábios se curva.

─ Porquê? Você está me oferecendo algo melhor?

O menor lampejo de dor – dor protegida pela armadura que construí nos últimos quatro anos – se espalha pelo meu peito.

*Eu teria dado a ele tudo.*

— Uma vez eu ofereci. Mas você fodeu com isso.

Removendo meu próprio cartão-chave da minha bolsa, eu caminho até o quarto ao lado dele.

A raiva e a mágoa sob minha pele sobem à superfície quando percebo que Phoenix está atrás de mim quando abro a porta.

Eu tento fechar sobre ele, mas ele abre caminho. Ele fecha com um estrondo.

— Por que você está aqui? — Animosidade espirais no meu estômago quando eu o encaro. — Você tem um corredor cheio de garotas. Pegue seu pau sujo lá fora e assedie uma delas.

Ele fica lá, olhando para mim por vários segundos.

Quando ele finalmente fala, sua voz está cheia de aspereza. — Uau. Julgando muito? Desculpe, não sou uma puritana hipócrita como você.

É absolutamente cômico que ele pense que eu ainda sou uma virgem inocente.

— Sou? — Atirando-lhe um olhar frio, coloco a mão no meu peito. — Você realmente achou que depois do meio-sexo *estelar* que você me deu, eu não ia sair por aí e encontrar caras que poderiam, eu não sei... fazer um trabalho muito melhor e terminar?

A raiva sai dele em ondas violentas enquanto ele avança. — A única razão pela qual isso não aconteceu é porque você é uma maldita mentirosa.

Desta vez, eu rio. É impossível não rir depois dessa afirmação. — Você é um para falar. Da última vez que verifiquei, foi você quem fingiu que queria *perseguir* as coisas comigo para poder roubar minha música, lembra?

Eu sei que o tenho porque ele não tem uma réplica.

Então, novamente, como ele poderia? Nós dois sabemos que estou certa.

Seus olhos caem para algo no chão. ─ Você ainda tem.

Quando olho para baixo, vejo a camisa Papa Roach que ele me deu.

O que eu me recusei a lavar por um mês seguido porque ainda cheirava a ele e meu coração partido de adolescente idiota continuava esperando que ele entrasse em contato comigo e pedisse desculpas por ficar com Sabrina.

Eu dou de ombros com indiferença para que ele não leia muito sobre isso. ─ Não é culpa da banda que você é um idiota.

Ele olha para sua antiga camisa por mais alguns momentos antes de caminhar até a porta.

Eu respiro fundo e limpo; grata por ele ir porque eu odeio esses sentimentos conflitantes oscilando dentro de mim sempre que estamos na mesma sala.

Ele está quase na porta quando ele para seus passos.

─ Eu não estava fingindo com você, Lennon. ─ Virando-se, ele segura meu olhar. ─ E sim, eu transei com muitas mulheres. ─ Sua expressão fica aflita e sua voz cai para um sussurro. ─ Porque depois que as coisas terminaram entre nós, eu soube que perdi você para sempre.

Meu coração se dobra sobre si mesmo quando ele sai.

*Sim... você fez*.

# CAPÍTULO 34

## PHOENIX

Lennon faz uma careta de seu novo beliche. — Pare de me encarar.

Aparentemente, o que estava embaixo do meu estava perto demais para o conforto depois da conversa da noite passada, então ela pediu para Storm trocar quando entrássemos no ônibus.

O que ela não percebeu na época foi que o beliche dele fica bem em frente ao meu. O que me dá uma visão privilegiada dela.

Ela está atualmente sentada com as pernas dobradas debaixo dela enquanto ouve música em seu telefone... tentando o seu melhor para me ignorar.

— Podemos voltar? — Lennon pergunta quando Storm passa por nós a caminho do banheiro.

O olhar que dou a ele deixa claro que me oponho a isso.

— Sem volta — ele murmura antes de desaparecer.

No entanto, minha vitória é de curta duração porque George, o aspirante a homem, sai do beliche de baixo. — Eu troco com você.

*Fodido*. — Não posso — eu o informo. — Somente membros originais da banda podem autorizar arranjos de beliches.

É uma regra de merda que eu inventei na hora.

Uma Lennon me chama. — Oh, por favor. Desde quando?

— Desde sempre. — Bato no beliche acima do meu. — Diga a ela, Memphis.

— É verdade — diz ele com uma voz sonolenta.

— Você está sendo juvenil — Lennon murmura antes de falar sobre George. — Quer ir assistir a um filme?

— Certo.

*Não esta acontecendo.* Não sem mim de qualquer maneira.

Eu vi o jeito que George olha para ela, e se o filho da puta valoriza seus olhos, ele vai cortar a merda.

Ela pode não ser minha *amiga*, mas ela com certeza não é dele. Ou de qualquer outra pessoa.

Saindo do meu beliche, eu me levanto e me espreguiço. — Qual deles você tem em mente? Prefiro filmes de ação, mas posso ficar com algum suspense ou terror.

Lennon parece estar prestes a ter um chilique, mas a porta de correr se abre e Chandler entra.

— Uma palavra, Phoenix.

Nunca é apenas uma palavra com ele. É um sermão sem fim.

Não perco o olhar provocante que Lennon me dá antes de ela e George irem para a parte de trás do ônibus.

— O que você quer? — Falo quando Chandler gesticula para que eu o siga até a cozinha.

Frustração colore seu rosto quando ele se senta à pequena mesa. — Você ligou para Skylar como eu pedi no outro dia?

Não me lembro dele pedindo. Eu me lembro dele *exigindo* que eu ligasse para ela porque, evidentemente, alguns de nossos fãs estão reclamando online sobre eu não cantar mais Sharp Objects nos shows.

No entanto, falar com Skylar é a última coisa que quero fazer. — Não.

O ônibus para abruptamente em frente a um hotel, o que é estranho porque não estamos perto do Colorado. — Por que estamos parando aqui?

Ignorando minha pergunta, ele bufa: — É melhor você pegar uma pinça, tirar o inseto que subiu na sua bunda e cantar a maldita música no próximo show.

Não posso. *Não enquanto Lennon estiver aqui*.

— Vou ligar para Skylar mais tarde.

Isso vai tirá-lo um pouco do meu caso.

Ele sorri maliciosamente. — Não há necessidade.

Sem aviso, a porta do ônibus se abre e uma pequena loira familiar sobe as escadas.

*Porra*.

— Porque ela está aqui?

— Prazer em ver você também, Phoenix, — Skylar gorjeia enquanto carrega sua bagagem a bordo, embora ela não faça contato visual.

Eu não a culpo. Mal consigo me olhar no espelho hoje em dia.

Indignação e culpa enrolam em meu intestino. — Você não precisava arrastá-la em turnê por causa de uma maldita música.

— Acalme-se — diz Chandler. — Você não é o único que está me dando problemas.

Isso é novidade para mim. — Quem mais está causando problemas?

A porta para a área do beliche se abre e Memphis - que estava prestes a sair - congela quando vê Skylar.

Os olhos de Chandler se tornam pequenas fendas.

Ele.

Ao contrário de Storm, que bate o nariz no meu negócio e trouxe Lennon aqui, eu saio da cozinha.

Memphis é meu garoto, mas... não meus macacos, não meu circo.

Porra sabe que eu tenho o suficiente da minha própria merda para lidar.

Como Lennon se aconchegando na sala de cinema com George quando ela deveria estar aqui para mim.



Se eu tinha alguma dúvida de que George gosta de Lennon, não tenho mais. Não só eu o pego olhando para ela a cada dois minutos... eles estão assistindo algum filme de comédia romântica.

Um que agora sou forçado a sofrer.

Fico aliviado quando os créditos finalmente começam a rolar.

Até que ele abre sua grande e gorda armadilha.

— Quer assistir outro?

Maldito inferno.

Lennon abre a boca, mas eu a interrompo antes que ela diga uma palavra. — Ela não pode. Temos assuntos comerciais importantes para discutir.

Isso me rende um olhar de Lennon. — Que negócios importantes?

Eu olho para George. — Você se importa?

O olhar que ele retorna me diz que sim, mas eu não dou a mínima.

Ele se levanta do sofá. — Sem problemas. Eu tenho que ligar para minha mãe de qualquer maneira.

Jesus. Que perdedor.

A expressão de Lennon suaviza. — Eu me diverti.

Mentirosa.

A sujeira no fundo do meu sapato é mais atraente do que essa merda.

— Eu também.

George lhe dá aquele olhar novamente. O que deixa claro que ele quer fodê-la mais do que ele quer sua próxima respiração.

Merda.

No momento em que ele sai, cruzo os braços e sorrio. — De nada.

Arqueando uma sobrancelha, Lennon se vira para mim. — Porquê?

Eu projeto meu queixo na porta. — Livrar-se dele.

A irritação rasteja sobre suas feições. — Eu não precisava que você se livrasse dele.

Visivelmente frustrada, ela se levanta do sofá.

Achei que ela ficaria grata, não chateada.

De pé, agarro seu braço antes que ela saia. ─ Não tem como você gostar desse cara.

Ele não é o tipo dela. Não só no quesito aparência, mas o cara tem a personalidade e o mérito de uma camisinha usada.

Lennon precisa de alguém que não tenha medo de desafiá-la e mostrar coisas novas.

Alguém que não tem medo de brigar com ela.

Tirando o seu braço do meu aperto, ela zomba. ─ Não que seja da sua conta, mas talvez eu goste.

Agora, quem está irritado *sou eu.*

Ela vai sair de novo, mas eu não terminei com ela. ─ Você não pode sair com ele.

Um bufo soa, enchendo a pequena sala. ─ Porquê?

Porque ela me pertence enquanto ela está nesta turnê. Não aquele idiota.

─ É um conflito de interesses. ─ Quando seus olhos se estreitam, eu me inclino. ─ É seu trabalho estar lá para mim quando eu precisar de você. Você não pode fazer isso se estiver andando por aí com ele.

Uma pitada de desafio pisca em seus olhos marrons de bebê. ─ Então eu vou sair com George sempre que você não precisar de mim. Problema resolvido.

A *necessidade* que tenho dela envia uma onda de luxúria direto para minha virilha, então não. Problema não resolvido.

Longe disso.

Eu me aproximo, tão perto que ela não tem para onde ir porque está presa entre mim e a parede.

Tão perto, eu sei que ela sente cada centímetro engrossando no meu jeans. ─ Não.

— Não? — Ela franze os lábios. — A última vez que verifiquei, Chandler é meu chefe. Ele especificamente me disse que eu estava livre para ficar com qualquer pessoa que eu quisesse, desde que não fosse você... o que *obviamente* não é uma preocupação.

Faço uma nota mental para falar com ele mais tarde porque isso é besteira.

— Ele pode ser seu chefe, mas sou eu quem paga a maior parte de seu salário. Eu também sou seu cliente. — Colocando minhas mãos na parede em cada lado de sua cabeça, eu passo meus lábios sobre sua orelha. Eu quero que ela me ouça alto e claro. — Durma com ele e você está demitida.

Ela está tão cheia de raiva que praticamente vibra com isso. — Deixe-me ver se entendi. Eu não tenho permissão para foder George, mas foder você está bem?

Eu corro meu nariz pela coluna de sua garganta, inalando-a. — Já que você está oferecendo…

— Eu não estou. — Puro desprezo enche sua voz. — Deixe-me colocar deste jeito. Se eu estivesse pegando fogo e a única maneira de extingui-lo fosse fazer sexo com você... eu imploraria para alguém jogar gasolina em mim.

Eu duvido muito.

Ela pode me odiar, mas tenho certeza que ainda há uma parte de mim que ela quer.

Envolvendo aquele rabo de cavalo longo e sedoso em volta do meu punho, puxo sua cabeça para trás. — Você costumava amar meu pau, Groupie. — Sua respiração falha quando meus dentes roçam a longa linha de seu pescoço. — Você chupou como se fosse a melhor coisa que você já provou e engoliu cada gota do meu esperma como se você não conseguisse o suficiente.

Porra, sei que ainda penso naquela noite, porque o que Lennon não

tinha em experiência, ela compensava em entusiasmo e reverência... tornando-o um dos melhores boquetes que já recebi. *Apesar da interrupção*.

Estou prestes a empurrá-la de joelhos para que eu possa lhe dar um lembrete completo, mas suas próximas palavras me param no caminho.

— Isso foi antes de você me trair e eu descobrir que tipo de pessoa você realmente era.

Eu tento ignorar a pontada de culpa agora em conflito com minha luxúria, mas é impossível. — Lennon...

— Admita — ela sussurra. A tristeza em sua voz me faz liberar meu domínio sobre ela. — Confesse o que você fez, e nós podemos voltar a ser amigos. — Eu engulo um gemido quando ela esfrega minha ereção através da minha calça de moletom. — Diga e eu farei o que você quiser.

A tentação, sua oferta e o jeito sexy que ela está olhando para mim vai direto para o meu pau, me incitando a ceder.

Um sentimento peculiar bate em mim, e a admissão fica presa na minha garganta.

Algo está *errado*. Não só ela está se oferecendo sem esforço em uma bandeja de prata... há um traço de ansiedade em seu tom.

Seu olhar rabugento passa pelo meu rosto enquanto eu deslizo minhas mãos pelas suas coxas, e a sensação intuitiva crescendo na boca do meu estômago cresce.

Um pequeno grito de surpresa a deixa quando eu agarro sua bunda, moendo meu pau contra ela. — Isso mesmo, hein?

Minhas mãos deslizam sob sua camisa e a pele macia e amanteigada encontra a ponta dos meus dedos. É preciso cada grama de força de vontade que tenho para não arrancar essas leggings, dobrá-la sobre o sofá e fodê-la sem sentido.

Continuando minha jornada, acaricio sua cintura.

A inquietação atravessa suas feições.

*O que me diz que estou me aproximando.*

Tentando me iludir, ela esmaga sua boca contra a minha.

O movimento quase funciona porque no segundo em que nossas línguas se tocam, eu perco meu foco.

Então eu sinto.

Mordendo o lábio com tanta força que ela sibila, eu pego o telefone embalado em seu sutiã.

Lennon fica rígida, mas o buraco negro batendo no meu peito não quer acreditar que ela faria isso comigo.

Meu intestino se contorce de pavor quando olho para ele.

Assim como eu suspeitava, ela está gravando tudo.

Embora eu não achasse que ela estava brincando sobre querer me arruinar, eu não achava que seu coração – ou nossa trégua – a deixaria seguir em frente.

Porque no fundo ela ainda dava a mínima para mim e éramos amigos.

Mas eu estava errado.

Lennon está atrás de sangue.

Eu não vou dar a ela uma gota disso, no entanto.

Ela tenta pegar o telefone de volta, mas eu coloco vários metros de distância entre nós e o seguro fora de seu alcance.

Eu a prendo com um olhar de advertência enquanto pressiono o botão delete e o devolvo a ela. — É seguro dizer que nossa trégua acabou, Groupie.

Contudo, seu lábio superior se curva em um rosnado bonitinho. — Você é uma maldita fraude. Tudo o que você tem é por minha causa.

Lennon me ajudou a colocar o pé na porta, mas tudo o que tenho é porque trabalhei duro para isso.

Fui eu quem colocou seu sangue, suor e lágrimas em cada parte dessa carreira que antes não era nada além de um sonho ambicioso

muito longe do alcance do garoto do parque de trailers.

Fui eu quem desafiou todas as probabilidades e rastejou para fora do buraco em que o mundo achava que eu estava destinado a ficar.

*Fui eu* quem desistiu de partes de mim que ela nunca poderia entender para preservar e experimentar aqueles momentos fugazes de magia pelos quais vivo e respiro.

Mesmo que no fundo ela desejasse que fosse ela.

Porque assim como naquela época, Lennon quer tanto ser eu que posso sentir o gosto.

Qual é a verdadeira razão pela qual ela está aqui.

A ira e meu desejo por ela se fortalecem quando me aproximo. — Você não está aqui por vingança. Apesar do quanto você tenta se convencer de que esse é o seu motivo. — Ela me lança um olhar de ódio enquanto eu patino minha palma pelo comprimento de seu pescoço. — Você está aqui porque você quer o que eu tenho. Porque você quer saber como é. — Eu agarro seu queixo, forçando-a a olhar nos meus olhos. — Diga-me que estou errado.

Ela não pode.

Eu gesticulo para o telefone que ela está segurando. — Tente me foder de novo e eu vou te mandar de volta para aquele clube de strip tão rápido que sua linda cabeça vai girar. — Eu praticamente posso ver a fumaça saindo de suas orelhas enquanto passo meu polegar ao longo de seus lábios entreabertos. — E fique longe de George.

Seus olhos se estreitam. — Você não me assusta, Phoenix.

Eu apalpo sua bochecha. — Isso pode ser verdade, mas nós dois sabemos que a mão que você está ameaçando jogar não é forte.

Ela não pode provar merda nenhuma. Portanto, é a palavra dela contra a minha.

E eu tenho milhões de fãs ao redor do mundo que inquestionavelmente acreditam que ela não é nada mais do que uma

perseguidora do ensino médio tentando conseguir seus cinco minutos de fama.

— Foda-se — ela range os dentes. — Você deveria estar de joelhos pedindo desculpas e implorando pelo meu perdão.

Essa é a pequena fantasia que ela tem.

— Vou ficar de joelhos por você. — Lanço-lhe um sorriso presunçoso. — Mas não será para me desculpar ou implorar.

Nojo enche sua expressão. — Você é um...

— Eu preciso falar com você, Phoenix, — Skylar interrompe.

— Bata na próxima vez — eu falo.

Os olhos de Skylar se arregalam e o remorso me atinge como um tijolo na cabeça.

Eu já matei o noivo dela, não há necessidade de ser um idiota com ela em cima disso.

— Divirta-se com sua groupie, — Lennon murmura baixinho enquanto Skylar desaparece.

Mordendo meu piercing no lábio, passo meu olhar sobre cada centímetro daquele corpo curvilíneo. — Eu planejo isso.

Lennon veio aqui para começar uma guerra…

*Ela tem uma*.

# CAPÍTULO 35

## LENNON

Evidentemente, a garota que interrompeu nossa *conversa* não é uma groupie, porque quando eu saio para a cozinha, eu a vejo conversando com Phoenix em vez de transar com ele.

Ou melhor, *tentando*, porque ele nem olha para ela.

Ao perceber minha entrada, ele prontamente se levanta.

A bela loira se vira em seu assento enquanto ele se afasta. ─ Vamos, Phoenix. Precisamos descobrir alguma coisa.

Ignorando-a, ele pega uma garrafa de Jack do balcão e passa por mim.

Minha curiosidade chega ao auge e eu deixo escapar: ─ Quem é você?

Provavelmente não é da minha conta - mas visto que ela não apenas reclamou o último beliche, ela estava tentando ter uma discussão séria com Phoenix - é óbvio que a garota é mais do que uma conexão.

─ Sou Skylar... a nova publicitária ─ diz ela, e detecto uma pitada do mesmo sotaque sulista que Memphis tem.

Sua presença explica muito agora. ─ Oh.

─ Você deve ser a Lennon.

─ Sim.

Dando-me um sorriso caloroso, ela acena para mim. ─ Já que somos as únicas mulheres que ficam neste ônibus, devemos nos conhecer.

Graças a Sabrina e ao resto de seus companheiros me torturando

durante o ensino médio, normalmente sou cautelosa com garotas que se parecem com ela.

No entanto, ela parece genuína e julgá-la por ser bonita e magra não é melhor do que a maneira como aquelas garotas me julgaram por não ser nenhuma dessas coisas.

Eu me sento à mesa. — Há quanto tempo você trabalha para Sharp Objects?

Ela respira fundo antes de responder. — Um pouco mais de quatro anos.

Isso é estranho. — Eu pensei que você disse que era nova?

— A nova publicitária. — Alcançando sua garrafa de água, ela toma um pequeno gole. — Eu era uma garota de merch antes disso.

— Parabéns pela promoção.

— Obrigada. — Sua expressão alegre vacila, e ela olha para a mesa. — Só fui contratada porque era a noiva de Josh.

Meu estômago se revira de arrependimento e tristeza. Eu me sinto um monstro por parabeniza-la agora.

— Eu sinto muito.

— Podemos não falar disso? — ela sussurra, sua voz tremendo. — Eu aprecio suas condolências, mas ser a viúva de luto é...

Meu peito dói porque não consigo imaginar o quão horrível tudo isso deve ser para ela.

— Exaustivo?

— Sim. — Ela agarra o grande anel de diamante pendurado na fina corrente de ouro em volta do pescoço. — Quando Josh estava vivo, as pessoas só interagiam comigo porque eu era sua noiva… e agora eles só fazem isso porque se sentem mal. — Seus olhos encontram os meus novamente. — Seria bom ter uma amiga de verdade que realmente gostasse de mim, sabe?

Eu concordo.

— De qualquer forma — diz ela, mudando de assunto. — Sempre quis ser publicitária, por isso sou grata pela oportunidade.

— Imagino que você deve estar ocupada com Phoenix. — Eu estremeço. — Vou tentar fazer um trabalho melhor, para que as coisas sejam mais fáceis para você.

Seu nariz enruga. — Phoenix definitivamente é dificil, mas ele não é o maior problema do grupo.

Isso é novidade para mim. — Ele não é?

Ela me dá um sorriso triste. — Não. Era Josh. — Algo peculiar cruza sua expressão e seus lábios pressionam em uma linha firme. — Agora é seu irmão Memphis.

É seguro dizer que ela despertou meu interesse. — O que está acontecendo com Memphis?

— Por favor, guarde esta informação para você. — Suspirando, ela esfrega as têmporas. — Embora agora seja de conhecimento público graças ao artigo do TMZ que foi divulgado ontem.

*Uh-oh*. — Não direi uma palavra.

Eu não poderia mesmo se quisesse, já que assinei um NDA. Além disso, não é Memphis que quero destruir.

— Duas mulheres se apresentaram alegando estar grávidas de seu bebê. — Ela exala bruscamente. — Uma é uma famosa estrela de reality show, e o outra…

Sua boca se fecha e ela recua, quase como se ela ficasse fisicamente doente ao dizer as palavras.

— A outra é menor — ela resmunga depois de um momento.

Eu entendo porque ela parece tão enjoada.

— Uau... isso é...

— Eu sei. — Tirando o elástico de seu pulso, ela empilha seu longo cabelo loiro em um nó no topo de sua cabeça. — Entre as palhaçadas intoxicadas de Phoenix e as histórias sobre Memphis surgindo, Chandler

achou que seria uma boa ideia eu entrar em turnê.

Eu posso entender o porquê. ─ Sim...

Paro de falar quando a porta do beliche se abre e Phoenix e Memphis saem cambaleando.

A frustração cresce dentro de mim quando me concentro na garrafa agora vazia na mão de Phoenix.

─ Não se importe conosco ─ Memphis insulta. ─ Viemos apenas para obter um reabastecimento.

Skylar e eu trocamos um olhar inquieto.

E então nos levantamos da mesa e lidamos com nossos *problemas*.



Observo Skylar vasculhar uma pilha de papéis enquanto nos sentamos no sofá da sala verde. ─ O que você está fazendo?

─ Confie em mim, você não quer saber.

É seguro dizer que isso só desperta mais minha curiosidade.

Sentindo isso, ela faz uma careta. ─ Dado o que está acontecendo com Memphis, decidi fazer algumas planilhas com as conexões de todos e as cidades em que eles ocorreram. Assim, posso acompanhar as coisas.

Eu pisco. ─ Como no mundo você saberia tudo isso?

Está bem que ela está com a banda há quatro anos, mas não há como ela ser capaz de acompanhar *todas as* conexões que eles tiveram.

─ Eu não. Estes são apenas os que eu me lembro. ─ Ela faz outra cara. ─ Juntamente com os resultados do teste de DST mais recente de todos que eu fiz ontem. ─ Ela circula algo com a caneta. ─ Não quero mais surpresas ou artigos do TMZ.

Não posso dizer que a culpo.

A curiosidade ataca novamente e olho para a pilha. Eu não posso

deixar de me perguntar o quão longa é a lista de conexões de Phoenix.

Eu não sou tão furtiva quanto eu esperava, porém, porque Skylar me pega tentando dar uma espiada. ─ George ou Phoenix?

─ O que? ─ Eu digo quando a música que a banda estava tocando chega ao fim.

Vendo que Phoenix não toca mais *minha* música, eles devem estar entrando aqui a qualquer momento.

─ Você não me parece burra, Lennon. ─ Sua voz cai para um sussurro conspiratório. ─ Em quem você está interessada? George ou Phoenix?

─ Nenhum.

Embora eu goste de Skylar, não gosto dessa pergunta capciosa.

A dor passa por seu rosto. ─ E aqui eu pensei que seríamos amigas.

A última coisa que quero fazer é chatear alguém que já tem tanto para ficar chateada.

─ George, ─ eu conto porque eu não quero que ela tenha uma ideia errada sobre meus sentimentos por Phoenix.

Ela me estuda enquanto os primeiros compassos de “Cryin'” do Aerosmith enchem o local.

─ Por que eles estão tocando *isso?*

Skylar coloca a tampa de volta em seu marcador. ─ Já que Phoenix ainda está determinado a não mais cantar Sharp Objects, eu disse a ele que ele deveria acenar para seus artistas favoritos que vieram antes dele e cantar uma de suas músicas no final de cada show. Dessa forma, poderíamos transformar seu desafio em algo positivo e os fãs pararão de reclamar tanto.

De uma perspectiva de relações públicas, é uma jogada genial, mas pessoalmente, eu odeio isso.

Eu estava gostando de ver Phoenix sofrer sempre que chegava a hora de cantar minha música.

— George está limpo — ela me diz enquanto coloca a pilha dentro de sua bolsa gigante. — E até onde eu sei, a única garota que ele está remotamente interessado... é você.

*Oh garoto.* — Certo.

Seu olhar se torna perscrutador. — Algo me diz que você não sente o mesmo, no entanto.

Eu dou de ombros, me sentindo todo tipo de desconforto com sua linha de questionamento. — George é um doce.

Ela bufa. — *Doce* é o beijo da morte.

Maldita seja.

— Não é — eu defendo. — Doce é bom.

— Doce é um homem idoso segurando uma porta aberta para sua esposa. Doce é um menino de seis anos entregando ervas daninhas que ele acha que são flores. Não caras com quem você quer fazer sexo quente e sujo. Seus lábios se contorcem com humor. — Você não está tão a fim dele.

Eu *poderia* estar.

Se um certo idiota recuasse.

— Não sei. É muito cedo para dizer.

Tenho certeza de que há queijo na minha geladeira em casa que conheço há mais tempo do que George.

Além disso, eu preferiria um ladrão de sangue frio qualquer dia.

— Phoenix também está limpo — ela diz quando a música chega ao fim.

Eu fico em silêncio.

No entanto, logo antes da banda entrar na sala, Skylar aperta minha mão e sussurra: — Seguro nem sempre é a opção mais segura, Lennon.

Estou prestes a pedir que ela expanda isso, mas Phoenix entra.

Eu quero dar um tapa no sorriso zombeteiro de seu rosto lindo enquanto ele caminha até o sofá. — Olha quem finalmente encontrou a

sala verde.

Minha réplica morre quando o resto dos caras entra, seguido por um segurança e um pequeno grupo de garotas seminuas.

— Todo mundo está liberado — ele anuncia antes que as meninas se aproximem do cara de sua escolha.

Eu imediatamente reconheço a loira que Phoenix coloca o braço em volta porque ela é a única que fez um soco sobre o meu peso quando eu a expulsei de sua suíte há duas semanas.

Meu foco se volta para George, que está pegando um refrigerante da pequena geladeira.

Não tenho certeza do que Skylar quis dizer com seu último comentário, mas sei o que é melhor para mim.

*Doce e seguro.*

— Não tão rápido. — Skylar enfia a mão na bolsa e joga preservativos nos caras antes de fixar seu olhar nas garotas. — Sem fotos ou vídeos, sem postagens nas redes sociais e sem falar com a imprensa. Quebre as regras e será a última vez que qualquer uma de vocês voltará aqui. Entendido?

Eles começam a acenar, mas Memphis joga sua camisinha em Phoenix. — Vou voltar para o hotel e dormir um pouco. — Uma das garotas tenta segui-lo, mas ele resmunga: — Sozinho.

Phoenix gesticula para a garota se juntar a ele, e eu não perco o olhar venenoso que ele aponta na minha direção. — Mais pra mim.

Não estou com disposição para suas travessuras.

Eu saio do sofá. — Phoenix...

— O que? — Ele coloca um braço em volta dos ombros da segunda garota. — Você quer tomar o lugar delas? — Aquela voz profunda e áspera corta como uma lâmina enquanto ele me olha de cima a baixo com um brilho provocante. — Ou você prefere pegar *o meu*?

Meus dedos se curvam com o desejo visceral de socá-lo, mas eu

me seguro.

— Não se iluda. — Eu esfrego minhas têmporas, tentando impedir a enxaqueca que ele está me dando. — Estou muito cansada para tomar conta de você esta noite, então me faça um favor e vá para a cama.

Ele dá um sorriso de cair a calcinha para as meninas. — É exatamente o que estou fazendo.

— Nesse caso, você está fora do gancho — declara George enquanto caminha até nós. — Quer vir ao meu quarto e assistir a um filme?

As narinas de Phoenix se dilatam e eu aproveito a oportunidade para lhe dar um gostinho de seu próprio remédio.

— Não. — Um sorriso arrogante levanta o canto de sua boca... mas ele cai rapidamente quando eu sigo isso com: — Mas você está convidado a voltar para o meu e assistir um filme.

Um músculo em sua mandíbula tiqueta e faíscas de fúria naqueles orbes azuis.

*Missão cumprida*.

# CAPÍTULO 36

## LENNON

— Realmente é uma merda. — George pega outro bolinho e dá uma mordida. — Eu sinto muito.

O plano era assistir a um filme e pedir comida para viagem, mas estamos sentados na minha cama conversando nas últimas duas horas.

Ele me contou tudo sobre seus pais, que ainda estão casados e felizes depois de trinta anos, e sua irmãzinha, que ele adora.

Acabei confiando nele sobre minha mãe e meu pai.

Suas sobrancelhas franzem enquanto ele mastiga. — Não consigo imaginar o quão difícil deve ser.

Embora eu aprecie sua simpatia, falar sobre meu pai só me faz sentir ainda mais a falta dele.

De acordo com a Sra. Palma, ele está indo muito bem, e quando falei com ele esta manhã ele estava de bom humor, mas eu odeio não poder vê-lo.

Espero que ela possa convencê-lo a usar o FaceTime para nossa próxima conversa.

Eu depeno um pedaço de frango com meus pauzinhos. — Sem querer ser uma vadia, mas podemos mudar de assunto?

— Certo. — Ele limpa a boca com um guardanapo. — É claro. — Olhando para baixo, ele solta um suspiro. — Na verdade, há algo que eu queria perguntar a você.

Ele parece tão sério, eu paro de comer. — E aí?

— Você e Phoenix...

Como se fosse uma deixa, há uma batida forte do outro lado da

parede, seguida por um profundo ─ Porra.

─ Sinto muito ─ eu gritei quando o barulho da cabeceira aumentou. ─ Você estava dizendo?

Visivelmente inquieto, George olha entre mim e a parede. ─ Qual é o problema com vocês dois? Eu sei que vocês costumavam namorar, mas... ─ Sua voz desaparece e as batidas finalmente param.

Eu tenho que morder o interior da minha bochecha porque não durou muito.

Evitando meu olhar, eu me concentro no meu frango e brócolis novamente. ─ Tivemos uma coisa muito curta no ensino médio, mas não foi nada.

─ Não parece nada para ele. ─ Sua expressão vacila. ─ Só quero ter certeza de que não estou latindo para a árvore errada aqui.

Está na ponta da minha língua dizer a ele que não sou uma árvore, mas ele parece tão sério que não tenho coragem de repreendê-lo.

─ Não há sentimentos por ele do meu lado. ─ Além de *extrema* animosidade. ─ Se é com isso que você está preocupado.

Aparentemente aliviado agora, ele sorri. ─ Bom.

Ao contrário de um certo idiota, eu valorizo a honestidade, então digo a verdade a ele. ─ Mas não estou procurando nada sério. Com tudo o que está acontecendo com meu pai, eu simplesmente não tenho cabeça para lidar com um relacionamento.

─ Entendo. E eu estou bem indo na velocidade que você quiser. ─ Ele se aproxima. ─ Eu só quero continuar conhecendo você. Porque estou gostando.

─ Eu também.

George não é apenas estável, gentil e *normal*. Ele parece genuinamente interessado em mim por todas as razões certas.

É por isso que eu não o afasto quando ele se inclina...

E as batidas desagradáveis na cabeceira da cama voltam com força

total.

Eu encaro a parede. ─ Vou marchar até lá e estrangulá-lo.

─ Fale sobre um assassino de humor ─ George murmura baixinho. ─ Por que não vamos para o meu quarto?

De volta ao quarto dele... onde nos beijaremos.

E talvez mais.

*Baque. Baque. Baque.*

─ Por favor, não leve a mal, mas foi um longo dia e estou exausta.

Não é exatamente uma mentira. Lidar com Phoenix é cansativo e preciso recuperar o sono.

Felizmente, George não fica bravo por eu ter recusado e não insiste no assunto. ─ Sem problemas.

Eu o acompanho até a porta. ─ Eu me diverti.

─ Eu também.

Veja o momento estranho que sempre acontece depois de um encontro... mesmo que eu não tenha certeza de que isso se qualifique como um.

George deve pensar que sim, porque quando eu me inclino para um abraço, ele se inclina para um beijo.

E isso só torna as coisas ainda mais estranhas porque acabamos fazendo esse meio-abraço estranho antes de seus lábios roçarem os meus e trocamos um beijo muito rápido e *muito casto.*

─ Me mande uma mensagem para que eu saiba que você chegou em casa em segurança ─ brinco na tentativa de quebrar a tensão.

Funciona porque ele ri enquanto caminha pelo corredor. ─ Pode deixar.

Um momento depois, ele desaparece em seu quarto e meu telefone acende com uma mensagem.

**George**: Eu me diverti esta noite.

**Lennon**: Eu também.
**George**: Durma um pouco.

Depois de colocar meu telefone na mesa de cabeceira, me despir para poder subir na cama.

*Doce e seguro é bom*.

Estou colocando a camiseta do Papa Roach na cabeça quando o impulso de me juntar a minha festa de piedade me atinge.

Agarrando a cabeceira da cama, eu a bato contra a parede o mais forte que posso algumas vezes.

Então eu gemo. Ruidosamente.

*Tome isso, idiota*.



Pequenos raios de prazer correm através de mim, me despertando do sono. Eu aperto meus olhos fechados enquanto a boca quente e molhada de Phoenix suavemente lambe minha boceta, não querendo acordar deste sonho, apesar do quanto eu o odeio na vida real.

Porque nos meus sonhos, ele não é um idiota que me traiu.

Em meus sonhos, ele nunca me machucaria.

Em meus sonhos... ele me faz gozar mais forte do que nunca.

— Phoenix.

Minha voz é um sussurro gutural enquanto aperto meu peito.

Eu arrasto minha mão pelo meu torso para que eu possa enfiá-la entre as minhas pernas e tornar essa pequena fantasia mais realista.

Uma sacudida afiada passa por mim quando meus dedos fazem contato com fios longos e sedosos.

O choque me enraíza no momento em que abro os olhos.

Acontece que não foi um sonho lúcido como eu pensava... porque o

rosto de uma loira está entre minhas coxas.

Algo duro crava em minha pele enquanto eu me levanto. ─ Uau...

As palavras ficam presas na minha garganta quando percebo que um dos meus pulsos está algemado à cabeceira da cama.

*Que diabos*?

Estou prestes a exigir que essa cadela louca me solte, mas uma figura alta e sombria do outro lado da sala chama minha atenção.

─ Achei que as algemas ajudariam a dar a você a *experiência completa.*

A boca de Phoenix se curva em um sorriso cruel enquanto ele dá um passo à frente.

O fluxo de luz derramando da porta do banheiro entreaberta ilumina sua forma sem camisa, vestido com jeans como se ele fosse um deus mítico... mas é o olhar escuro e ameaçador em seus olhos que faz meu pulso acelerar.

Ele é como um animal perigoso encurralando sua presa enquanto caminha até o pé da cama.

Raiva misturada com indignação revira minhas entranhas. ─ Que *porra é essa*?

A loira congela.

Cruzando os braços, ele olha para baixo. ─ Você quer saber como é ser eu, não é?

─ Eu... você é louco. ─ Bato meu pulso contra a cabeceira de aço, esperando que a algema se quebre. ─ Muito certificável.

O escárnio de Phoenix é francamente provocador. ─ Qual é o problema, Lennon? Não pode lidar com isso?

Suas palavras equivalem a jogar sal na ferida que ele criou.

Esse idiota tem tudo que eu sempre quis.

E ele *me usou* para obtê-lo.

Carrancuda, abro a boca para lembrá-lo disso, mas ele torce a faca

que enfiou nas minhas costas.

— Há uma razão para ser eu naquele palco e não você.

Se eu pensava que o odiava antes, isso empalidece em comparação com agora.

Eu posso sentir isso bombeando em minhas veias como um veneno tóxico, me alimentando para provocá-lo também.

Eu quero expulsar ele e sua amiga, mas prefiro extrair minhas cordas vocais com uma lâmina de barbear enferrujada e cega do que deixá-lo pensar que não posso cortar a vida que lhe dei.

*A vida que ele me roubou*.

Eu olho para a garota que ainda está pairando a poucos centímetros de distância da minha virilha. O fato de ela ser a mesma garota que zombou do meu peso torna o que estou prestes a fazer ainda melhor.

Agarrando a parte de trás de sua cabeça, dou a Phoenix um olhar sinistro. — Continue.

Nossos olhares hostis travam enquanto ela me lambe com cautela, como se não tivesse certeza de qual de nós está dando as ordens agora e quem ela deveria ouvir.

*Foda-se Phoenix Walker*.

Abro mais as pernas. — Mais.

Ela acelera seus movimentos, mas é a pura fome roubando *sua* expressão enquanto ele me observa que faz meus mamilos endurecerem contra o tecido fino e desbotado da minha camiseta.

Aqueles lábios sensuais se separam em uma inspiração irregular enquanto ele se concentra neles... e então seu olhar desce.

A ponta de sua língua traça seu lábio inferior antes de seus dentes apertarem seu piercing... como se ele estivesse com dor.

*Como se ele desejasse que fosse seu rosto estacionado entre minhas coxas*.

A tensão e a ira preenchem o espaço entre nós em igual medida.

Nem precisamos nos tocar para sentir faíscas.

Inferno, nós nem temos que gostar um do outro.

Uma respiração afiada me deixa em um assobio quando ele passa a mão sobre a grande protuberância presa dentro de seu jeans.

O dele se torna desigual quando ele me dá um olhar conhecedor.

Como se ele estivesse totalmente ciente do que eu quero... mesmo que eu nunca vá admitir isso.

O som dele puxando o zíper para baixo rivaliza com as batidas frenéticas do meu coração em meus ouvidos.

Um calor se espalha por mim e é preciso cada grama de força de vontade que possuo para não assistir enquanto ele se toca.

Como se sentisse que estou prestes a cair do penhasco em que ele me colocou, um brilho arrogante entra em seu olhar... me desafiando a olhar para baixo.

Luxúria e aversão a guerra dentro de mim, lutando pelo controle.

É a mesma batalha que ele está travando.

*Porque nós dois queremos algo que não deveríamos.*

Um gemido baixo enche a sala. O som áspero vai direto ao meu núcleo e antes que eu possa me impedir, quebro o contato visual.

O tecido branco obstrui parcialmente minha visão de seu pau enquanto ele se acaricia forte e rápido.

Meu sangue aquece quando percebo que é minha calcinha.

Ele solta uma respiração entrecortada e eu puxo uma enquanto a loira se concentra no meu clitóris.

O prazer é um rolo lento varrendo meu corpo. Estou tão perto que posso sentir o gosto.

Meu estômago treme e eu empurro meus quadris.

Estou tão excitada que nem me importo que seja uma garota que está prestes a me fazer gozar, ou que Phoenix está saindo para o show.

Eu só preciso que isso aconteça. *Em breve*.

Meu aperto na parte de trás de sua cabeça se contrai, mantendo-a exatamente onde eu preciso dela. ─ Não pare.

Eu atiro meu olhar além dela, pegando o pau gigante com minha calcinha enrolada nele. A cabeça larga como cogumelo está escorregadia com pré-sêmen e as veias grossas que correm ao longo de seu longo comprimento me fazem desejar não o abominar com o fogo de um milhão de sóis para que eu pudesse levá-lo em minha boca.

Phoenix deve estar pensando a mesma coisa porque seu olhar salta entre minha boca e minha boceta e ele aperta seu aperto.

Os músculos em seus antebraços flexionam enquanto ele acelera seus movimentos, e a garota chupa com mais força, me deixando louca.

─ Pare, ─ Phoenix rosna, e seus movimentos param abruptamente.

─ Você está brincando comigo?

Eu estava a segundos do clímax.

*Desgraçado.*

─ Continue ─ eu peço, implorando para ela me ouvir em vez dele.

Olhando de soslaio para mim, Phoenix rosna: ─ Para quem você está aqui?

Mais rápido do que posso piscar, ela sai da cama e cai de joelhos diante dele.

Os tendões em seu pescoço enrolam enquanto ele se acaricia mais algumas vezes e cobre o rosto dela com seu esperma.

─ Isso é tudo que você está recebendo. ─ Voltando, ele se enfia em seu jeans. ─ Pegue sua merda e saia.

*Jesus*.

Seu constrangimento é tangível quando ela se levanta, pega o vestido do chão e corre para a porta.

Eu estreito meus olhos. ─ Você é um idiota.

Minha explosão só o diverte. ─ Eu simplesmente dei a ela o que ela continuou me implorando mais cedo.

Lentamente, ele se abaixa na cama. — Além disso, nós dois sabemos que ela não é quem você quer.

Meu coração bate contra minhas costelas e pressiono minhas coxas enquanto ele desliza em minha direção. — Eu prefiro ela a você.

O olhar que ele me dá deixa claro que ele pensa que estou cheia de merda enquanto ele os separa. Eu me forço a ignorar o calor em seus olhos e a vulnerabilidade que bate em mim quando ele se concentra na minha boceta.

— É por isso que você sussurrou meu nome quando estava se preparando para se tocar antes?

Eu o odeio. *Tão malditamente*.

— Foi um sonho. — Um tremor passa por mim enquanto ele se acomoda entre minhas coxas separadas. — Correção. Foi um *pesadelo.*

Empurrando minha camisa pelo meu torso, ele beija meu osso do quadril. — Qualquer coisa que te ajude a dormir de noite. — O canto de seu lábio se curva. — Ou no seu caso, *não dormir* porque você está muito ocupada se divertindo enquanto pensa em mim.

Minha barriga aperta quando sua boca se move para baixo. A barba por fazer em sua mandíbula faz cócegas na minha pele sensível, me provocando.

O bom senso claramente ficou em segundo plano em relação à necessidade básica e primordial, porque mesmo que eu devesse impedi-lo, quero a liberação.

Não significa que somos amigos, no entanto.

— Você estava certo antes. — Seus lábios roçam o interior da minha coxa e é tudo que posso fazer para não balançar em seu rosto. — Ela não é quem eu quero.

Ele para, me observando sob cílios longos e escuros... esperando que eu continue.

*Para dar a ele o que ele quer*.

— Isso seria George.

Um som baixo e ameaçador ressoa dele antes que ele crave seus dentes afiados em minha carne. — Mentirosa.

A pontada de dor só me excita ainda mais. *Maldito seja*.

— Há apenas um mentiroso nesta sala.

É algo que ele parece precisar de um lembrete constante sempre que estamos sozinhos.

Meu coração parece que vai bater para fora do meu peito quando a ponta de seu nariz roça o comprimento da minha boceta. — Phoenix...

Seus dentes apertam e ele puxa minha carne macia em sua boca, sugando e mordendo meus lábios como se eu fosse uma fruta suculenta.

Eu preciso que ele faça tudo isso *dentro* de mim, no entanto.

Minha frustração atinge níveis terríveis quando ele se move um mero centímetro e repete o movimento.

Eu dirijo meus quadris em sua mandíbula. — Me faça gozar. *Agora...*

Mas ele não faz... ele continua me torturando com a língua e os dentes.

Eu choramingo, desesperada para que ele alivie toda essa pressão que ele está construindo.

— Implore — ele geme enquanto suga e puxa.

Estou prestes a dizer a ele para ir se foder, mas então ele *finalmente* me abre com dois de seus dedos.

Eu engulo as palavras, não querendo desistir.

— Vamos, groupie. Seja uma boa menina e me implore para comer essa boceta apertada.

Ele sopra uma corrente de ar no meu clitóris, tempo suficiente para me deixar ainda mais raivosa, mas não o suficiente para me deixar gozar.

Estou muito longe para me impedir. — Por favor.

Seu olhar punitivo me queima enquanto a ponta de sua língua

acaricia meu clitóris dolorido. Eu fecho meus olhos e balanço meus quadris, perseguindo a sensação.

Estou tão perto.

Muito. Perto.

E então ele para.

Fazendo um punho com minha mão livre, eu soco o colchão, a parte de trás da minha garganta formigando com lágrimas de exasperação.

Dentes de tubarão piscam em branco. ─ Agora você sabe.

─ Sei o que? ─ Eu assobio quando ele sai da cama. ─ Que você é de alguma forma é ainda mais idiota?

Olhos do oceano cheios de tormento roubam cada grama de ar dos meus pulmões.

─ Como é ser eu.

Com isso, ele sai.

─ Você esqueceu de me tirar as algemas ─ eu grito, embora eu tenha certeza de que foi intencional.

Um som engasgado se aloja em meu esôfago enquanto observo as contusões roxas brilhantes espalhadas ao longo da parte interna das minhas coxas e boceta.

Parece que fui atacada por uma fera selvagem.

Ou melhor... uma cobra tentando marcar seu território me cobrindo com chupões e marcas de mordidas para que seu colega de banda saiba exatamente a quem eu pertenço.

Pena que não vai funcionar.

*Porque eu não sou mais dele*.

# CAPÍTULO 37

## LENNON

Não consigo entender uma palavra que George está dizendo devido à bateria caótica de Storm.

Aponto para o meu ouvido. — Eu sinto muito. O que?

— Eu disse que me diverti muito ontem à noite, — George grita.

Um pouco alto demais, porém, porque Storm escolhe aquele exato momento para diminuir alguns decibéis.

— Eu também. — Não querendo que as coisas fiquem estranhas como quando nos despedimos ontem à noite, acrescento: — E, ei, talvez da próxima vez possamos assistir ao filme.

É quando Phoenix – que está a uns bons seis metros de distância conversando com Chandler sobre alguma coisa – para no meio da conversa.

Seus olhos se estreitam em pequenas fendas e é tudo que posso fazer para não rolar os meus.

Endireitando meus ombros, eu me concentro em George novamente.

*Doce e seguro*.

— Talvez da próxima vez possamos nos beijar de verdade. — Avançando mais perto, ele estuda meus lábios. — Ou podemos fazer isso agora.

Visto que este é o meu trabalho – e há *muitas* pessoas ao redor porque estamos no meio da passagem de som – essa pode não ser a melhor ideia.

— Aperte os freios, Casanova.

George gira ao som da voz de Phoenix.

Com a mandíbula apertada, Phoenix aponta o polegar para o palco atrás dele. ─ Você está no palco.

George me dá um sorriso pesaroso. ─ Desculpe. ─ Ele dá um beijo na minha bochecha e faz essa coisa estranha de babar o cabelo. ─ Até mais.

Estou tentando consertar meu rabo de cavalo agora desgrenhado quando pego Phoenix me olhando de soslaio.

─ Acho que seu namoradinho não sabe sobre nós.

Reunindo meu cabelo, enrolo meu elástico em volta dele. ─ Isso é porque não há nós.

A ponta de sua língua varre ao longo de seu piercing no lábio, e seu olhar de fogo percorre meu corpo. ─ As marcas de mordida em sua boceta imploram pelo contrário.

Forçando-me a não prestar atenção à onda de constrangimento que sua declaração causa, examino o palco onde George está tocando.

*Doce e seguro* ─ digo a mim mesma novamente, como se fosse meu novo mantra.

─ Olha, o que aconteceu ontem à noite nunca mais vai acontecer. ─ Descascando meu olhar, encontro o de Phoenix, então ele sabe que estou falando sério. ─ Gosto do George. Ele é um cara legal.

Algo que ele nunca vai entender por que ele definitivamente *não é* um.

Ele não diz uma palavra por tanto tempo, eu me alegro internamente.

*Já estava na hora de o idiota finalmente conseguir passar por sua cabeça dura.*

Estou pensando em caminhar até a mesa de lanche quando ele se inclina.

Seu hálito quente faz cócegas no meu ouvido quando ele fala. ─

Pena que caras legais não molham sua calcinha.

Um sorriso de lobo se espalha em seus lábios enquanto ele tira algo do bolso.

A réplica que eu estava construindo desaparece no ar no momento em que vejo minha calcinha.

— Precisamos de você aqui, Phoenix, — alguém grita.

O olhar que ele me dá é tão vulgar que fico feliz que Chandler tenha saído para atender um telefonema.

Alívio me enche enquanto ele caminha até o palco, porque quanto mais distância entre nós agora, melhor.

No entanto, é de curta duração.

Choque me enraíza no local - seguido por uma torrente de pavor - quando ele amarra minha calcinha em volta do pedestal do microfone.

Eu tenho que me lembrar de relaxar porque não é como se alguém soubesse que ela pertence a mim.

*Muito parecido com a minha música*.

Inspirando uma respiração profunda e limpa, giro nos calcanhares.

Eu vacilo interiormente quando ele começa a cantar “Voodoo” do Godsmack.

Eu tento ignorar a dor inflando dentro do meu peito enquanto as memórias batem em mim, mas não consigo.

Há um tempo, Phoenix Walker me fez acreditar que eu era especial.

Então ele me destruiu.

Não vou dar a ele a oportunidade de fazer isso de novo.



— Então... — Skylar começa enquanto ela examina meu quarto de hotel sobre a borda de sua xícara de café. — Você vai me dizer por que *eu* tive que desamarrar você da sua cama nas primeiras horas da manhã?

Eu deveria saber que haveria um problema quando ela bateu na porta do meu quarto de hotel com café e doces.

*Abastecendo-se para o show de hoje à noite, minha bunda*.

Eu olho o padrão no edredom. ─ Esquisito. Não tenho lembrança de que isso tenha acontecido. Tem certeza de que não foi um sonho?

Aqueles olhos brilhantes se aguçam. ─ Eu gosto de você, Lennon, mas você está dificultando meu trabalho. Comece a falar.

Mantendo minha expressão impassível, eu dou de ombros. ─ Eu te disse. Eu tinha companhia.

Depois de colocar sua xícara de café e seu pãozinho dinamarquês comido pela metade na mesa de cabeceira, ela se levanta. ─ Sim, mas você não me disse *quem* era a pessoa.

*Jesus*. Estou convencida de que ela é parte cão de caça.

Eu casualmente estudo minhas unhas. ─ Você é a publicitária. Qualquer coisa que eu disser pode ser usada contra mim no tribunal da opinião pública.

Avaliando-me, ela bate no queixo. ─ Então, *era* um dos caras da banda.

*Droga*. Não só ela é linda de morrer... ela é terrivelmente perceptiva.

Aparentemente determinada a chegar ao fundo disso, ela começa a andar de um lado para o outro no tapete na minha frente.

─ Vamos ver. Algemas são definitivamente coisa de Storm, mas ele saiu com a ruiva ontem à noite e você não parece ser do tipo que faz sexo a três.

Eu sabiamente mantenho minha boca fechada.

Seus lábios carnudos pressionam juntos. ─ George seria a escolha óbvia... ─ Há uma longa pausa, e ela morde a bochecha como se estivesse tentando não rir. ─ Mas ele não tem um osso bizarro em seu corpo.

Nenhum argumento aqui.

Ela para de andar. ─ Isso deixa Phoenix.

─ Você está esquecendo Memphis ─ eu aponto.

Algo que eu não consigo averiguar pisca em seus olhos brevemente antes que ela me dê um sorriso fraco. ─ Você é muito esperta para ser a mamãe número três.

Agarrando a bolsa da cama, ela corre para a porta.

Parece que meus botões não foram os únicos pressionados durante essa pequena troca.

─ Skylar?

Ela se vira. ─ Sim?

Ela me parece alguém que não gosta de pessoas rodeando o mato, então vou direto ao ponto.

─ Há algo acontecendo com você e Memphis?

Eu entendo por que ela não seria um livro aberto sobre isso, já que ele é irmão de Josh. No entanto, não sou do tipo que joga pedras.

Skylar pode confiar em mim.

Ela levanta uma sobrancelha perfeitamente feita. ─ Há algo acontecendo com você e Phoenix?

*Xeque-mate*.

Nenhum de nós diz uma palavra enquanto olhamos um para o outra.

Felizmente, o som do meu telefone tocando vem em meu socorro.

Eu sorrio quando vejo o nome da Sra. Palma piscar na tela. ─ Eu tenho que atender. É meu pai.



O som do meu toque estridente me acorda de um sono profundo. Grogue, eu rapidamente vasculho a cama em busca do meu celular.

Tudo estava bem – bom, tão bem quanto poderia estar, considerando que meu pai pensou que eu estava tentando lhe vender

um seguro de vida – quando falei com ele hoje cedo.

Fico aliviada quando vejo o nome de George na tela.

Depois de pressionar o botão verde, levo-o ao ouvido. ─ Olá?

─ Você quer sair?

Olho para o relógio na mesa de cabeceira. É um pouco depois das duas da manhã

Portanto, isso é relativamente cedo para uma estrela do rock e tudo, mas eu já estou de pijama *e* na cama.

─ É no meio da noite. ─ A observação de Skylar de mais cedo passa pela minha cabeça. ─ Você está me ligando para transar?

Talvez ele não seja tão *baunilha* assim.

─ O que? Não?

A centelha de intriga que eu tinha estoura como uma bolha.

─ Quero dizer... talvez ─ ele rapidamente fala. ─ Você diria que sim?

O cara realmente precisa trabalhar em sua confiança.

Estou evocando desculpas em minha mente quando um baque alto do outro lado da parede chama minha atenção.

*Droga, Phoenix.*

─ Sério? Ele está malditamente algemado.

De jeito nenhum eu vou deixar esse idiota interromper meu merecido descanso porque ele não pode mantê-lo em suas calças.

George está dizendo alguma coisa, mas eu o interrompo. ─ Tenho que ir.

Apertando os dentes, pulo da cama e corro pela porta que liga nossos quartos.

─ Ouça aqui, bunda...

Um som baixo e torturado enche meus ouvidos. ─ Josh.

Quando meus olhos se ajustam à escuridão, vejo a silhueta de Phoenix se debatendo em sua cama.

A cabeceira da cama bate novamente enquanto corro até ele.

— Josh. Acorda!

Eu rapidamente destranco a algema em torno de seu pulso. — Ei. — Colocando minha mão em seu ombro, dou-lhe um aperto suave. — Está bem. Você está apenas tendo um sonho ruim.

— Josh!

*Merda.*

Eu o sacudo um pouco mais forte. — Phoenix...

Ele se levanta com tanto vigor que quase me derruba no chão.

Enrugando a testa, ele observa seus arredores. Ele parece tão desorientado e sua respiração é tão irregular que eu brevemente debato sobre pedir ajuda.

Eu acendo a luz ao lado de sua cama. — Você está bem?

Deus, que pergunta estúpida. Claro que ele não está. Ele está tendo um pesadelo com a morte de seu amigo e colega de banda.

*Um pesadelo baseado na realidade.*

Saindo de sua neblina, ele se levanta da cama e vai até o frigobar. Ele abre a porta com tanta força que estou surpresa que não saia das dobradiças.

Ele examina as várias minigarrafas alcoólicas e pega o Bacardi.

Eu me afasto para o final da cama. — Você vai se arrepender disso amanhã de manhã.

Chandler mais ou menos disse que não se importa se Phoenix beber em privado, desde que não se torne uma questão pública, mas beber não fará os demônios que ele está tentando abafar desaparecerem.

Ele só vai criar novos.

Com um bufo, ele torce a tampa. — Adicione-o à lista.

Inclinando-me, eu agarro seu antebraço. — Por que você não muda para Coca?

— Boa ideia. Vou ligar para o meu traficante.

Fale sobre uma *má interpretação*.

Faço um gesto para a lata de Coca-Cola na geladeira. ─ Eu quis dizer o refrigerante.

Sua garganta balança quando engole em seco. ─ Refrigerantenão vai me fazer esquecer.

─ E nem ficar bêbado. ─ Algo me diz no fundo que ele sabe disso, então eu tento uma tática diferente. ─ Você quer falar sobre isso?

─ Eu prefiro beber sobre isso ─ ele resmunga antes de beber o Bacardi.

Não posso dizer que estou surpresa. Fazer o Phoenix se abrir faz com que puxar os dentes pareça fácil.

Mesmo assim... eu tento de qualquer maneira.

─ Eu sei que perder seu amigo foi difícil...

─ Não, você não sabe. Confie em mim. ─ Ele aponta o queixo na direção da porta. ─ Eu tenho tudo sobre controle. Você pode sair.

Sua dispensa faz meu coração afundar como um bloco de concreto.

─ Eu quero ficar.

Ele pode não querer falar, mas não acho certo deixá-lo sozinho.

Afinal, é meu trabalho vigiá-lo.

Dando-me um olhar que só posso interpretar como “faça como quiser*”,* ele abre uma mini garrafa de Jack Daniels e a bebe.

Então – como se ficar bêbado fosse algum tipo de esporte olímpico para o qual ele estivesse treinando – ele pega uma garrafa de Hennessey da geladeira.

─ Phoenix...

Eu poderia muito bem, estar falando com uma parede, porém, porque ele termina.

─ Você deveria desacelerar.

Ele lança a garrafa vazia do outro lado da sala. ─ Você deveria *ir embora.*

Trepidação envolve meu estômago quando ele sai do chão e vai direto para o pequeno bar no canto.

Minha apreensão se transforma em agravamento total quando ele rouba a garrafa de vodka dela. Ao contrário dos outros, é uma quinta garrafa.

A compostura que eu estava tentando manter se encaixa como um galho, e eu me levanto. ─ Jesus Cristo, idiota. Você poderia *parar, porra*!

─ Não!

Estou tentando o meu melhor para simpatizar, mas ele está tornando isso mais difícil. ─ Eu sei que perder seu amigo dói como o inferno, mas...

─ Você não sabe porra! ─ ele grita tão alto que eu vacilo.

─ Então por que você não me conta? ─ Um raio de tristeza atravessa meu peito. ─ E se não eu... então alguém. *Qualquer um...*

Porque tentar bloquear tudo com drogas e álcool só o levará a uma sepultura precoce.

Com as narinas dilatadas, ele leva a garrafa aos lábios e se vira para a gigantesca janela com vista para Houston.

Ele fica em silêncio por tanto tempo que quando ele finalmente fala, quase me assusta.

─ Foi minha culpa.

A maioria das pessoas tende a se culpar quando tragédias evitáveis acontecem com alguém de quem gostamos.

Não significa que seja verdade.

─ Não, não foi, ─ eu o lembro. ─ Não era você quem dirigia.

No reflexo da janela, vejo pura agonia cortar seu rosto. ─ Sim, eu estava.

Sua confissão faz a sala girar.

Tantos pensamentos - seguidos por ainda mais perguntas - passam pela minha cabeça, mas eu fecho minha boca.

Ele está finalmente falando e eu não quero dar a ele uma razão para parar.

As veias em seu antebraço flexionam quando ele aperta a garrafa de vodka. — Mas eu estava tão chapado que acabei encostando. — Um ruído angustiante escapa dele. — Josh me disse que ele estava bem em dirigir de volta... mas ele não estava. Eu *sabia* que ele não estava porque estávamos festejando juntos a maior parte da noite. — Ele exala uma respiração trêmula. — Inferno, o filho da puta tinha acabado de cheirar uma linha de heroína no painel.

Ombros largos caem com o que parece ser o peso do mundo. — Eu estava muito fodido para me importar, então entreguei a ele as chaves e troquei de lugar com ele. — Sua voz baixa. — Nem sequer lutei.

Eu quebro meu cérebro, tentando pensar em algo que possa aliviar sua culpa... mas saio vazia.

— Quando acordei, Josh ainda estava vivo. Ele até fez uma piada. — Ele segura a nuca com a mão livre. — O carro ficou fodido, mas pelo menos sobrevivemos, sabe? — A tristeza amarra seu tom. — Então eu o vi morrer.

Meu peito aperta enquanto eu processo o que ele está dizendo.

Eu não posso imaginar o quão horrível deve ter sido ver seu amigo vivo em um segundo... apenas para vê-lo morrer no próximo.

Não é à toa que ele ainda tem pesadelos.

*Não é à toa que ele está preso em uma espiral tão descendente.*

Phoenix toma um longo gole da garrafa. — Eu não percebi que batemos em outro carro até depois que Storm me puxou para fora do nosso.

Lembro-me do repórter mencionar que foi um acidente de dois veículos no noticiário naquela noite, mas ele não deu detalhes sobre quem estava no outro carro... além de citar que eles não sobreviveram.

Suas mãos se fecham em punhos. — A mulher em que batemos era

apenas um ano mais velha que eu. ─ Os músculos de suas costas ficam tensos. ─ Ela estava grávida… e seu filho de quatro anos estava no banco de trás.

Uma pontada aguda se espalha por mim enquanto ele continua.

─ Ela estava a caminho de limpar uma casa, mas não conseguiu encontrar uma babá, então decidiu levar o filho com ela para o trabalho porque precisava do dinheiro extra e não podia deixar de fazê-lo. ─ Sua vergonha é tão palpável que quase me deixa de joelhos. ─ A mãe dela disse que ela era uma grande fã e nos ouvia o tempo todo.

Um som excruciante enche a sala. ─ Eles tinham a vida inteira pela frente.

Eu estremeço quando ele lança a garrafa contra a parede. ─ Mas *eu* arruinei isso.

Ele se vira para me encarar e sua expressão faz minha garganta fechar.

Ele está totalmente destruído.

Aqueles olhos azuis atordoados travam nos meus e sua voz falha como o vidro quebrado no tapete. ─ Eu sou exatamente como ele.

*Não*. Seu pai era um bêbado que batia em seu filho.

Enquanto Phoenix está longe de ser um santo e Deus sabe que ele fez algumas coisas terríveis, a razão pela qual ele está preso neste vórtice autodestrutivo é porque ele está consumido pela culpa por um erro que cometeu.

Só isso prova que ele não é nada parecido com aquele homem.

─ Venha aqui.

A dor toma conta de suas feições enquanto ele cambaleia.

Descascando o edredom, eu o ajudo a ir para a cama.

Olhando para baixo, passo meu dedo sobre a crista de sua bochecha afiada. ─ Erros não definem quem é alguém, Phoenix. É o que você faz *depois* disso.

Estou prestes a sair, mas seus dedos envolvem meu pulso. ─ Fica.

Deus, há tanta dor contida nessa única palavra.

Ignorando todas as razões pelas quais eu não deveria, eu rastejo para a cama ao lado dele.

Exalando uma respiração instável, ele rola de bruços. ─ No momento em que cheguei ao volante, assinei a sentença de morte deles. ─ Suas próximas palavras são abafadas contra o travesseiro. ─ O mundo pensa que sou um Deus... mas estou no inferno.

Às vezes não há nada que você possa dizer para torná-lo melhor. Nenhuma palavra de conforto ou consolo que você possa dar para doer um pouco menos.

Às vezes, a única coisa que você pode fazer é estar lá... para que eles não estejam sozinhos.

Gentilmente, corro meus dedos para cima e para baixo em suas costas nuas, esperando acalmá-lo para dormir.

À medida que sua respiração fica mais profunda, eu estudo a grande tatuagem em suas costas. Eu notei isso algumas vezes desde que cheguei aqui, mas nunca tive a ideia de examiná-la antes.

É uma bela obra de arte.

Chamas coloridas vibrantes cercam uma Phoenix resiliente subindo da pilha de brasas esfumaçadas abaixo.

O pássaro é meio preto e meio colorido... como se estivesse preso no meio da transformação.

*Tentando ao máximo superar o que o destruiu.*

O pouco que sei sobre o passado de Phoenix e tudo o que ele me disse esta noite pesa no meu peito enquanto traço as asas com a ponta do meu dedo.

─ Eu deveria estar morto ─ ele sussurra. ─ Não eles.

Parece que alguém enfiou a mão dentro do meu peito e puxou meu coração pulsante.

Porque se ele continuar do jeito que está... ele estará.

— Gostaria que fosse eu. — A desesperança em sua voz corta como uma faca. — Tão ruim pra caralho.

Eu sei que ele sabe.

Eu continuo traçando as linhas de sua tatuagem enquanto suas pálpebras pesadas se fecham e sua respiração difícil se equilibra.

Phoenix deve renascer das cinzas…

*Mas este quer queimar*.

# CAPÍTULO 38

## LENNON

Ficar ao lado de Phoenix Walker é estranho e estranhamente familiar ao mesmo tempo.

*Como encontrar um velho amigo que você não vê há anos*.

Ao acordar e me ver, ele sorri. ─ Ei.

Santo inferno, deveria ser ilegal para alguém parecer assim *quando* acordasse.

─ Como você está se sentindo?

Bocejando, ele estica aqueles longos membros como um felino. O movimento faz com que as cobertas caiam, expondo sua barriga plana e esculpida... e a cicatriz em seu torso.

─ Como merda.

─ Felizmente, você ainda tem mais algumas horas antes da passagem de som.

─ Sim. ─ Enfiando uma mão sob o travesseiro, ele segura meu olhar. ─ Obrigado por ontem à noite.

Emoções correm soltas em mim enquanto continuamos olhando um para o outro.

Meu peito dói quando penso em tudo o que ele me disse.

Mas com a mesma rapidez... minha autopreservação entra em ação, me lembrando que não somos amigos.

Enquanto eu me sinto terrível pelo que aconteceu, e eu não acho que ele deveria passar o resto de sua vida se machucando por causa disso... isso não muda o que ele fez comigo.

Passar a noite em sua cama - embora por conforto, em oposição a

razões sexuais - não é apenas uma má jogada da minha parte, é uma estupidez.

— Eu vou indo.

Meus pés mal tocam o chão quando um braço forte envolve minha cintura e sou puxada para a cama novamente.

Pressionando a frente de seu corpo contra minhas costas, seus lábios encontram o ponto sensível sob minha orelha. — Fica.

Ao contrário da noite passada, a palavra não está misturada com dor... é puro desejo.

A madeira substancial da manhã cavando na minha bunda desencadeia aquela guerra familiar demais para travar dentro de mim novamente. — Phoenix...

— Não se preocupe. — Minha respiração engasga quando a ponta de seu polegar desliza ao longo do pedaço de pele nua acima da faixa do meu shorts de dormir. — Eu vou deixar você gozar desta vez.

Sua voz é como mel quente sobre ferrugem, igualmente acariciando e raspando minhas entranhas enquanto sua mão lentamente sobe pela minha camisa...

Dando-me tempo suficiente para voltar aos meus sentidos antes que seja tarde demais.

Tirando sua mão, eu saio da cama. — Não está acontecendo.

— Por quê? — ele ronca como uma criança que está prestes a ter um acesso de raiva porque seu brinquedo favorito foi levado.

O fato de ele ainda ter a ousadia de perguntar *por* que estou recusando só me irrita mais.

— Você está falando sério? — O olhar confuso em seu rosto me deixa fervendo. — Só porque eu estava aqui para você ontem à noite não significa que está tudo bem entre nós.

Nunca *estará*.

Ele se senta — Maldição, Lennon. Eu estou...

— Você está *o quê*? — Eu empurro quando ele para.

Com o maxilar travado, ele pega um maço de cigarros e um isqueiro na mesa de cabeceira.

*Vamos.* diz!

Dê-me o reconhecimento - e o pedido de desculpas - que eu mereço.

Mas ele não dá.

Ele fica sentado lá fumando seu cigarro.

— *É* por isso.

Desgostosa, corro em direção à porta.

Outra onda de ira explode dentro de mim quando giro a maçaneta.

— Phoenix?

Espero que ele olhe para mim antes de dizer minhas próximas palavras.

— Dói *me ouvir* em todos os lugares que você vai?

Por um breve momento, a angústia da noite passada está de volta.

*Bom*.



— Onde está Phoenix?

*Ainda sendo um mentiroso podre inútil*.

— Diga novamente? — Chandler estala.

*Merda.* Eu não percebi que eu disse isso em voz alta.

Eu limpo minha garganta. — Banheiro.

Chandler acena com a mão enfaticamente. — Bem, se você quer continuar empregada, sugiro que vá buscá-lo. O engenheiro de som está tendo um problema e eles precisam dele imediatamente.

— Claro, *Dicky*, — eu cerro os dentes enquanto me afasto.

Eu tento o banheiro público nos bastidores primeiro, já que é o mais

próximo.

Irritada, eu coloco minha cabeça para dentro. ─ Agite e feche, babaca. Eles precisam de você na es... ─ Phoenix não está aqui, mas vejo George parado no mictório. ─ Opa.

George rapidamente fecha as calças. ─ Oi.

─ Ei. Você viu Phoenix?

Ele caminha até a pia e lava as mãos. ─ Hum... sim, na verdade. ─ Ele arranca uma toalha de papel do dispensador. ─ Eu... o vi sair com uma groupie há pouco tempo.

Que diabos?

─ Droga. O show ainda nem começou.

Caramba, ainda não terminamos a passagem de *som*.

George corre atrás de mim. ─ O que você está fazendo depois do show?

Sério? *Foco, gafanhoto.* Temos um vocalista para encontrar.

Como se fosse uma deixa, Chandler entra no meu caminho. ─ Então? ─ Outro aceno de mão impaciente. ─ Você o encontrou?

Olhando entre nós, George aponta o polegar para o palco atrás dele. ─ Eu vou.

*Jogada inteligente.*

A grande e suculenta veia na testa de Chandler aparece. ─ Onde ele está?

Maldito Phoenix.

─ Ele está ocupado. ─ Eu rio e dou de ombros como se não fosse grande coisa. ─ Estrelas do rock, não é?

Isso só o deixa mais irado.

─ Ocupado com *o quê*?

*Seu pau*.

Mas não posso dizer isso a ele porque é meu trabalho garantir que ele esteja atuando na *capacidade máxima*.

Pensando rápido, eu digo: ─ Olha, ele tem merda. Ele não vai sair por um tempo.

*Pronto.* Agora ele pode lidar com a mãe natureza em vez de mim.

Estou prestes a ir embora, mas ele para na minha frente.

─ Eu não me importo se ele está cagando em seus globos oculares. ─ Ele aponta o dedo indicador na direção do palco. ─ Temos apenas cinco minutos para terminar a passagem de som e acertar os níveis, então é melhor você lidar com isso ou você estará no próximo avião para casa!

Merda.

Dado que não tenho ideia de onde Phoenix e sua *fã devota* estão indo, não tenho certeza de como devo consertar isso.

A não ser que…

A indignação toma conta de mim enquanto marcho em direção ao palco onde o resto da banda está se preparando para tocar.

─ Que porra você está fazendo? ─ Chandler ressoa enquanto eu abaixo o microfone.

─ Eu estou lidando com isso.

Os nervos se enrolam na minha barriga, e meu aperto no microfone fica mais forte.

Que porra *estou* fazendo?

─ Procure o microfone um, ─ o cara na mesa de som chama.

Meu coração bate no meu peito enquanto olho ao redor do estádio vazio.

Mais de vinte mil pessoas estarão aqui esta noite...

*Para ouvi-lo cantar minha música*.

Borboletas enchem meu estômago, e minhas palmas começam a suar. Há tanto pânico correndo por mim que minha voz treme com as primeiras palavras.

─ *Feche os olhos*.

Preparando-me, eu os aperto e ligo.

*Isto é como seria*.

A adrenalina espirala através de mim, envolvendo meu corpo como um fio elétrico enquanto deixo a música – *minha* música – assumir o controle.

Neste momento, eu não sou a garota que está petrificada demais para cantar na frente dos outros.

Eu não sou a garota cuja música foi roubada por seu primeiro amor.

Eu não sou a garota forçada a ficar de lado enquanto ele vive meu sonho.

Agora mesmo? A magia neste palco é minha. *Tada minha*.

Infelizmente, não dura muito porque cedo demais estou cantando a última nota.

— Puta merda — Storm grita atrás de mim. — Você tem um conjunto de tubos.

— Maldição quente — uiva Memphis. — Você está nos escondendo, garota.

Oh. Meu. Deus. Não posso acreditar que acabei de fazer isso.

Minhas bochechas esquentam de vergonha quando me viro. — Realmente não é um grande...

As palavras se alojam na minha garganta quando vejo Phoenix de pé fora do palco... olhando para mim.

Raiva misturada com algo que se parece muito com ciúme marca suas feições enquanto aqueles olhos azuis me prendem no local... sugando todo o oxigênio dos meus pulmões.

— Que diabos? — Chandler hesita quando nós quatro saímos do palco. Boca aberta, ele olha para Phoenix. — Você sabia que ela cantava assim?

Ele fica em silêncio.

Sorrindo, George passa um braço em volta dos meus ombros. —

Tem algum outro talento escondido, linda?

Eu me encontro sorrindo. ─ Na verdade. Embora eu...

─ Ela chupa um pau muito bem. ─ Phoenix atira a George um sorriso gelado. ─ Não que você saiba.

Então me ajude Deus, eu chegaria e estrangularia o babaca se não houvesse tantas testemunhas por perto.

Volto minha atenção para George – o cara que realmente merece. ─ Eu toco piano.

Aparentemente impressionado, seu rosto se ilumina. ─ Fantástico. Já escreveu alguma música?

Os pedaços quebrados do meu coração se agitam dolorosamente no meu peito e a faca encravada nas minhas costas torce.

Escrever músicas era a minha saída para toda a dor que eu tinha por dentro.

Foi o que me fez continuar vivendo quando a vida ficou muito difícil.

Meu olhar trava em Phoenix enquanto passamos por ele. ─ Não mais.

*Ele tirou isso de mim também*.

# CAPÍTULO 39

## LENNON

Meu estômago ronca enquanto me dirijo para a sala verde. Estou *morrendo de fome,* e a pizza de pepperoni que comprei para mim e Skylar tem um cheiro divino.

Nós duas comemos saladas no jantar nas últimas três noites, então achei que merecemos um pouco.

Equilibrando a caixa de pizza em uma mão, abro a porta.

— Nos trouxe um jantar.

Skylar não levanta os olhos de seu laptop. A profunda ruga que se forma entre suas sobrancelhas indica que o que quer que ela esteja olhando não só tem sua total atenção, mas também a preocupa.

Coloco a pizza na mesa na frente dela. — E aí?

Ela toca algumas teclas. — Acontece que essa mamãe de quinze anos de idade é *uma* perseguidora.

Isso não soa bem.

Eu procuro no quarto alguns pratos de papel, mas encontro vazio. — O que você quer dizer?

— Bem, já que os artigos não publicaram o nome dela – já que ela é menor de idade e tudo – eu subornei um dos jornalistas desprezíveis por suas informações… então eu fiz um pequeno reconhecimento de mídia social. — Ela pega sua xícara de café. — O nome dela é Quinn Moore. Ela é de Chicago. Ela fará dezesseis anos no final de agosto e começará seu primeiro ano do ensino médio no outono.

Fale sobre impressionante. Impressionante com um lado *assustador*.

— Droga. Você é como um detetive.

Ela me dá um olhar aguçado. — Todas as garotas são detetives quando precisam ser.

Seus lindos olhos se estreitam enquanto ela se concentra na tela novamente.

Curiosa, eu espio. Eu vejo uma lista de datas. Uma *longa* lista de datas.

— De qualquer forma, acontece que essa garota foi a muitos espetáculos. — Ela me dá um olhar de lado. — Você sabe o que isso significa?

— Ela tem muito tempo em suas mãos?

Tempo e dinheiro porque estes concertos não são baratos. Nem o transporte.

— Não apenas isso, mas ela e Memphis obviamente já estiveram no mesmo lugar antes.

*Certo*. — Oh.

Ela murmura uma maldição. — Enganar uma estrela de reality show é uma coisa… mas vai ser difícil lutar contra essas alegações agora.

Eu gosto de Memphis. Muito na verdade. Tanto assim, eu - muito parecido com Skylar - realmente queria acreditar que essa coisa toda de engravidar não era nada mais do que um boato estúpido iniciado por uma fã enlouquecida em busca de atenção.

Saber que há uma grande probabilidade de que seja verdade me dá um nó no estômago.

— Eu não posso acreditar que ele dormiu com uma menor.

Se bem que ele não seria o primeiro músico a se transformar em um idiota.

Eu só esperava que ele – e o resto da Sharp Objects – fosse melhor do que isso.

Skylar fixa seu olhar em mim. — Memphis jura que nunca tocou em

uma menor.

*Chocante*. ─ O mesmo aconteceu com um certo cantor de R&B que agora está – com razão – atrás das grades.

Ela olha para seus sapatos. ─ Eu entendo por que você assumiria o pior sobre ele. Mas Memphis e eu nos conhecemos há muito tempo. Eu o *conheço,* Lennon. Ele não mentiria para mim.

Meu coração aperta dolorosamente no meu peito.

Phoenix e eu também *voltamos*.

─ Às vezes, as pessoas que você acha que conhece melhor… acabam sendo nada além de impostores.

─ Eu vou chegar ao fundo disso de uma forma ou de outra ─ declara ela. ─ Confie em mim. Eu *sempre* faço.

Eu quero pedir a ela para falar mais, mas a banda vem para a sala verde.

─ Aí está minha garota, ─ George diz quando me vê.

Eu saio do sofá. ─ Ei.

Passando um braço em volta da minha cintura, ele beija minha testa. ─ Sabe, George e Lennon formam um ótimo time.

Skylar me lança um olhar aguçado enquanto fecha seu laptop. ─ Ah, isso é tão *doce.*

Phoenix vai até a geladeira e pega uma garrafa de água. ─ Esses seriam Lennon e McCartney, seu absorvente interno.

Eu quero ir em defesa de George, mas você acha que ele sabe que, dado que McCartney não só escreveu músicas com Lennon e cantou ao lado dele... ele também tocou baixo.

O mesmo instrumento *que ele* toca.

Storm e Memphis riem.

Não querendo que isso se transformasse em outra rodada de *todos atacarem George porque Phoenix não gosta dele*, eu digo, ─ Lennon e George Harrison *eram* amigos, então ainda se aplica.

Eu não entendo o que Phoenix resmunga baixinho quando George me puxa para perto. ─ Noite de cinema hoje à noite?

─ Ela sempre foi um encontro barato, ─ Phoenix murmura.

Já deu.

─ Como você saberia? Você *nunca* me levou para um encontro.

A coisa mais próxima de um que já tivemos foi Phoenix me comprando um hambúrguer depois que convenci nossa professora de inglês a deixá-lo fazer a prova final com a caneta de leitura.

Se bem que, na época, eu estupidamente pensei que era o melhor dia da minha vida.

Porque não só Phoenix abandonou uma garota para sair comigo... foi a primeira vez que eu compartilhei minha arte com outra pessoa.

Eu gostaria muito de poder apertar o botão de rebobinar e dizer àquela garota ingênua com estrelas nos olhos para correr para longe e nunca olhar para trás.

─ Espere um minuto. Você nunca levou sua namorada para um encontro? ─ Pergunta Skylar.

─ Eu não era a namorada dele, ─ digo ao mesmo tempo que Phoenix resmunga, ─ eu era pobre.

Você podia ouvir um alfinete cair enquanto os olhos de todos faziam pingue-pongue entre nós.

*Fale sobre estranho*.

─ Ah, ei, pizza. ─ Alcançando Skylar, Memphis pega uma fatia da caixa.

─ Eu adoraria levar você para um encontro algum dia ─ George sussurra em meu ouvido.

Eu faço uma careta para Phoenix antes de dirigir toda a minha atenção para George. ─ Seu quarto ou o meu esta noite?



Suspirando, George pega o controle remoto e pausa o filme que estávamos assistindo.

Ou melhor, o filme que eu estava *tentando* assistir porque é chato pra caramba.

— Phoenix parece realmente incomodado por nós dois.

*Ugh*. Eu prefiro assistir o filme chato do que falar sobre Phoenix.

No entanto, George parece chateado.

— Honestamente, o que não incomoda Phoenix? Ele está em um estado perpétuo de “eu sou um idiota”.

Como se fosse uma deixa, uma voz profunda do outro lado da parede grita: — Eu não vou fazer a porra da entrevista, Chandler. Dê o fora.

Eu empurro meu queixo. — Viu? Idiota.

Aparentemente apaziguado agora, George se aconchega mais perto. — Então, sobre esse beijo...

*Onde está o maldito controle remoto*?

— Lennon?

— Sim?

— Posso beijar você?

*Quero dizer, se você tem que perguntar...*

Colocando uma mecha de cabelo atrás da minha orelha, eu me sento.

George é legal e tudo, mas preciso de mais tempo para ver se há uma faísca entre nós. Embora, mesmo que haja, eu ainda não quero um namorado.

— Eu não estou tentando ser uma provocação ou algo assim... é só que beijar é um grande negócio, sabe? Eu gosto de você, George, mas ainda não estou pronta para nada sério.

Ele brota. — Eu sei e não estou tentando pressioná-la, eu juro. Estou

realmente a fim de você e quero ver onde isso vai dar, mesmo que seja apenas casual.

*Casual*. Ainda bem que estamos na mesma página porque eu estava começando a pensar que não estávamos.

— Nesse caso... sim.

Fecho os olhos quando ele se inclina.

Um pouco forte demais... porque sua testa bate na minha.

— Merda.

Seu nervosismo seria adorável se não exigisse a necessidade de analgésicos de venda livre.

Minha cabeça lateja e me preparo para a inevitável enxaqueca que vem em minha direção. — Ai.

— Eu sinto muito. Me dê outra chance.

Não acho que deixá-lo assumir a liderança novamente seja uma boa ideia. Não quero outra lesão.

— Talvez eu devesse te beijar.

Ele sorri. — Isso funciona.

Eu me aproximo, mas um batimento cardíaco antes de nossos lábios se encontrarem, algo pesado atinge a parede e se despedaça.

— Que diabos?

George fica emburrado. — Parece que alguém está tendo outro acesso de raiva.

Antes que eu possa examinar *mais* a fundo, meu telefone toca.

A felicidade me invade quando vejo meu *pai* piscar na minha tela. Ele nunca mais me ligou. É sempre a Sra. Palma que lhe entrega o telefone.

— Eu preciso de atender esta ligação. É meu pai.

Sempre compreensivo, George sai da cama. — Sem problemas. Vou voltar mais tarde. Podemos continuar de onde paramos.

Acenando para ele sair da sala, eu levo o telefone ao meu ouvido. —

Ei.

— Ei, Sue. É Dom. Tenho alguém vindo para cortar os galhos das árvores de bordo na minha metade da propriedade neste fim de semana. Só quero ter certeza de que está tudo bem.

A decepção afunda como um tijolo no meu peito quando percebo que ele pensa *que sou* a Sra. Palma.

Isso é definitivamente novo, mas como de costume, eu jogo junto porque essa é a realidade dele.

— Certo. Sem problemas.

— Muito obrigado. Vejo você na reunião do HOA mais tarde.

— Espere — eu digo antes que ele possa desligar. — Como vai você?

— Estou bem. — Ele fica quieto por um instante. — Um pouco solitário agora que Lennon está na faculdade, mas as férias estão chegando e ela estará em casa então.

Eu engulo o nó na minha garganta. — Sim, ela vai.

— Estou tão orgulhoso dela — diz ele e eu posso imaginá-lo sorrindo enquanto ele se senta ao lado de seu piano. — Ela estava com tanto medo de ir para a faculdade, mas enfrentou seus medos. — Seu suspiro é expansivo. — Certamente, ela tem um professor de matemática horrível que ela tem certeza que está querendo pegá-la...

— Professor Hanks, — eu interrompo antes que eu possa me impedir.

— Esse mesmo. Acho que ela te contou sobre ele também.

Traço pequenos padrões na colcha com o dedo. — Sim. O cara soa como um verdadeiro trabalho.

Mesmo que todas as minhas respostas, exceto uma, estivessem corretas no primeiro exame que ele nos deu, o idiota tentou me reprovar porque eu não mostrei meu trabalho da maneira que ele preferia. Embora ele nunca tenha especificado que precisávamos.

— Conte-me sobre isso — diz meu pai. — Eu me ofereci para fazer

uma ligação, mas Lennon disse que isso só pioraria as coisas. Ela não queria que eu a mimasse.

Ele tem razão. Porque a única maneira que aquele professor horrível iria me respeitar era se eu colocasse minha calcinha de menina grande e cuidasse disso sozinha.

Então, entrei direto no escritório dele e ameacei marcar uma reunião com o reitor. Eu estava petrificada porque brigar com professores não era minha praia, mas ele não estava sendo justo.

Só porque eu tentei obter a resposta *correta* de uma maneira diferente da que ele faria, não significava que eu estava errada.

Para minha surpresa, ele desceu alguns degraus e acabei passando o curso com noventa e dois.

Mesmo que devesse ser noventa e três.

— Bem, você sabe como ela é. — Eu mordo minha bochecha quando me lembro do que ele costumava dizer sobre meu espírito *obstinado.* — Teimosa como um boi.

— Isso ela é. — Ele ri. — Ela aprendeu isso comigo.

Eu realmente aprendi.

— Estou tão orgulhoso dela — ele repete, e é um punhal e um bálsamo para o meu coração. — Minha filhinha está indo a outros lugares.

*Como eu gostaria que isso fosse verdade*.

— Só porque ela tem um ótimo pai.

— Não. É tudo ela. Ela é muito mais do que acredita; você sabe? Tão forte... e talentosa. — Uma expiração profunda preenche a linha. — Ela não sabe, mas eu a ouvi cantar uma vez. Ela tem a voz de um anjo. Assim como a mãe dela. É uma pena que ela o mantenha escondido.

Meu peito se abre como uma represa e é preciso tudo dentro de mim para não quebrar.

— Sinto falta dela — ele sussurra um momento depois.

— Ela sente sua falta também.

*Tão malditamente*.

# CAPÍTULO 40

## PHOENIX

— Você está muito irritado desde a passagem de som ontem, — Storm resmunga.

Eu trago o isqueiro até a ponta do meu cigarro. A gravadora insiste em que eu pare para que eu não estrague o *investimento deles*, mas eles podem lamber meu saco.

— Então?

— Então, você deveria estar grato por Lennon cobrir sua bunda enquanto você estava do lado de fora fodendo. — Bufando, ele arranca o cigarro da minha boca e o apaga. — Falando nisso, você ouviu a voz dela? Quem diria que ela poderia cantar assim?

Algo feio e amargo aperta meu peito.

*Eu sabia*.

Meu silêncio só o estimula. — Olha, cara. Eu sei que ela andando com George faz você...

— Eu não dou a mínima para George.

Além de seu envolvimento com Lennon.

Eu aperto minhas mãos até que elas se tornem punhos. O pensamento deles se beijando do outro lado daquela parede me deixa homicida.

Aposto que se eu colocasse algo letal em sua bebida mais tarde, ninguém suspeitaria de nada.

Só assim, a culpa afunda suas garras afiadas em mim. *Você já não matou pessoas suficientes, idiota?*

Storm olha para a garrafa de uísque quebrada no chão. — Diga-me

novamente como você não está com ciúmes.

Eu viro e olho pra ele. ─ Eu te disse, idiota. Ele escorregou da minha mão.

Seu olhar repousa sobre o grande amassado na parede. ─ Certo.

Estou prestes a expulsá-lo, mas há uma batida na porta de ligação.

Falando no diabo. ─ O que?

Lennon entra devagar. Ela nunca foi excepcionalmente alegre nem nada, mas seu comportamento é mais sério do que o normal.

*Qual é o problema, groupie*? A técnica de beijo do Príncipe Encantado não está à altura?

─ Chandler queria que eu lhe dissesse que seu motorista estará aqui às sete da manhã para buscá-lo para sua entrevista no sábado.

O motorista estará aqui, mas eu não.

─ Passo.

Lennon aperta a ponte do nariz dela. ─ As relações públicas vêm com o território de ser uma famosa estrela do rock, Phoenix. Se você continuar cancelando todas essas entrevistas e se esquivando de todos os encontros e cumprimentos, a gravadora o multará por violar seu contrato.

Deixe eles.

─ Eu não dou a mínima. Eles poderiam me multar um milhão de vezes e ainda assim não afetaria minha conta bancária.

Tenho mais dinheiro do que serei capaz de gastar em uma única vida. Mesmo depois de doar quantias substanciais de dinheiro para várias instituições de caridade todos os anos.

A repugnância amassa suas feições. ─ Deve ser legal.

Isso é engraçado. A última vez que verifiquei, *ela* estava bem familiarizada com o conceito.

─ É legal. ─ Braços cruzados, eu a encaro. ─ Não como se você não soubesse, princesa. Papai colocou você em sua bela torre de

marfim e lhe deu tudo o que você sempre quis, lembra?

Eu aprecio a indignação em seu rosto. ─ Vá se foder. Ao contrário de você, eu ganho meu dinheiro honestamente.

No meu periférico, vejo os olhos de Storm saltarem entre nós.

─ Eu *honestamente* trabalhei pra caramba por essa carreira.

Ela não faz a menor ideia.

Eu vendi minha alma ao maldito diabo para chegar onde estou, e ele não aceita reembolsos ou trocas.

Aqueles grandes olhos castanhos se estreitam em um olhar vingativo, e ela enfia um dedo no meu peito. ─ Ser mentiroso não é uma carreira legítima.

*Cristo.* Ela é como um bebê tubarão que acabou de provar seu primeiro sangue e quer mais.

Pena que eu mordo de volta.

Agarrando sua camisa, eu a puxo para perto. Então nossos narizes se tocam.

─ Mas tirar a roupa e balançar a bunda é? Aposto que papai está tão orgulhoso de você.

O tiro mortal funciona porque ela fica em silêncio.

Mas eu não terminei.

Dar-me merda sobre ter dinheiro quando ela viu o trailer em que eu cresci é uma jogada de idiota.

─ Ou não. ─ Eu apalpo sua bochecha. ─ Vamos, Lennon. Por que papai cortou sua preciosa filha?

Seu rosto desaba e ela dá um passo para trás, olhando para mim como se eu fosse o maior pedaço de merda do mundo.

De repente, sinto que sou.

Antes que eu possa entender por que sua gaiola está tão agitada, ela se vai, batendo a porta atrás dela.

─ Você é um idiota do caralho.

Passando por mim, Storm gira a maçaneta e entra no quarto de Lennon.

Que porra está acontecendo?

As paredes deste hotel são finas como papel, mas eu pressiono meu ouvido em uma de qualquer maneira.

— O que eu posso fazer? — Storm faz perguntas, sua voz estranhamente gentil.

— Você pode chamar George? — Lennon rosna, e é um chute no estômago.

Essa merda não faz sentido. Nós sempre apertamos os botões um do outro.

*É o que fazemos*.

Em dois passos, estou invadindo seu quarto. — O que está errado?

Duas coisas imediatamente me pegam desprevenido.

A primeira é que Storm está abraçando ela.

Nenhum de nós é de abraços... a menos que estejamos tentando ter uma sensação.

O segundo – e mais importante – é o choro de Lennon.

Seu rosto inchado e manchado de lágrimas rói minhas entranhas. — Você está brincando comigo?

Eu não consigo me livrar desse sentimento de que eu sou o desfecho de uma piada. Uma que não é engraçada.

— Eu fui um idiota, mas eu brinquei com você sobre ser a filhinha do papai antes e você nunca agiu assim. O que está acontecendo?

A indignação toma conta de sua expressão, temporariamente mascarando a mágoa. — Por que eu confiaria em você com minha merda pessoal? Saia.

Porra. Algo *está* acontecendo. — Len...

Uma batida forte na porta principal me interrompe.

— É George, — Storm diz a ela. — Eu mandei uma mensagem para

ele.

*Traidor*.

Lennon olha para mim. ─ Saia. *Agora*.

Eu não quero, mas também não quero machucá-la mais.

Volto depois que ela se acalmar.

Storm me segue de volta ao meu quarto.

No segundo que ouço o clique da trava; Eu o empurro contra a parede. ─ O que há de errado com Lennon?

Nós não guardamos segredos, além do que eu tenho guardado, então é melhor o filho da puta me dizer o que sabe.

Mas então percebo que estou latindo para a árvore errada, já que não há como Lennon ter contado a Storm.

Claro, eles são amigos, mas Storm não *sou eu*.

Estou prestes a deixá-lo ir, mas suas próximas palavras me param. ─ Não é minha merda pra contar.

É como um maldito tijolo na cara.

Não só George sabe algo que eu não sei sobre Lennon... Storm também sabe.

Então, novamente, por que ela confiaria em mim?

*Eu dei a ela todas as razões para não fazer isso*.

Os músculos do meu peito se contraem com arrependimento enquanto eu me afasto.

Espero que Storm me dê mais merda, mas ele sai sem outra palavra.

Não consigo ouvir o que George está dizendo do outro lado, mas como ele está falando tão baixo, presumo que ele a esteja consolando.

Irritação ferve em meu intestino, e eu soco a parede.

Esta é *a minha* merda.

Ele não pode aparecer como um herói nobre e consertar isso.

Foda-se esse filho da puta.

Eu não mereço Lennon, mas ele também não.

Eu torço a maçaneta com tanta força que estou surpreso que ela não quebrou.

Os braços de George estão em volta da cintura de Lennon enquanto ele sussurra algo em seu ouvido.

Seu rosto está enterrado em seu pescoço e ela está agarrada a ele como uma tábua de salvação.

Como se ela precisasse ser salva do grande lobo mau que a machucou.

Só que ele não queria machucá-la.

Não *tanto*.

— Eu preciso falar com você.

Ao som da minha voz, eles se separam.

Lennon parece querer arrancar meus intestinos com os dentes e me sufocar com eles. — Eu não quero falar com você.

Olho para George. — Saia.

Deus ajude o idiota se ele escolher este momento para encontrar suas bolas, porque eu vou jogar sua bunda pela janela.

Ele não tem a chance, porém, porque Lennon retruca: — Fique. — Então ela pega a mão dele. — Pensando bem, vamos para o seu quarto.

Foda-se isso. A única coisa pior do que saber que eles estão aqui juntos é eles indo para seu o quarto dele assistir o tal filme do outro lado do corredor.

Então não poderei ouvir o que eles estão fazendo... ou interromper.

— Lennon, — eu aviso enquanto ela o leva até a porta.

Ela não tem que falar para me dizer para me foder... mas ela faz de qualquer maneira.

Suas próximas palavras parecem uma faca cega cortando a coisa fria e preta batendo dentro do meu peito.

Aquele em que ela conseguiu se enterrar há mais de quatro anos,

apesar do quanto eu resisti.

— Ele é quem eu quero, Phoenix. Não você.

Sua boca está dizendo as palavras, mas seus olhos não confirmam.

Eles me dizem que *eu sou* o que ela quer.

Milhões de garotas olharam para mim como se eu fosse algo especial ao longo dos anos.

Como se eu fosse mudar o mundo com meu talento.

Mas ela é a única que me fez realmente acreditar nisso.

*E eu fodi tudo*.

— Você nem o conhece.

É um argumento fraco, mas é tudo o que tenho.

Não posso ficar aqui e dizer a ela que sou um cara melhor do que George... porque não sou.

Não posso me oferecer para confortá-la e consolá-la como ele pode... porque não sei como.

Eu não posso dizer a ela que eu nunca vou machucá-la... porque eu fiz.

Aqueles olhos marrons de bebê brilham e atiram fogo em minha direção. — E, no entanto, eu confio nele muito mais do que *jamais* confiarei em você.

Desta vez, seus olhos corroboram a validade de suas palavras.

Aquele sentimento feio e amargo no meu peito está de volta com uma vingança no momento em que ela fecha a porta.

Eu não posso dizer a ela para confiar em mim...

*Porque ela nunca mais vai*.

# CAPÍTULO 41

## LENNON

A mãe natureza suga bolas de macaco grandes e peludas.

Três dias atrás, Skylar e eu ficamos menstruadas... o que explica por que estou mais emocional do que o normal.

E com mais fome.

No espírito da solidariedade da irmandade – e da necessidade de grandes quantidades de açúcar, chocolate e tampões – saí para fazer um lanche durante o show enquanto ela ficou para trás para fazer mais um trabalho de investigação sobre a mamãe número dois.

Vasculho o saco de papel que estou segurando quando entro na sala verde. — Ok, eu trouxe alguns bolinhos, barras de chocolate, sorvete...

— Algumas coisas nunca mudam — uma voz familiar zomba.

Minha cabeça se levanta com o som da voz de Sabrina. — Que porra você está fazendo aqui?

Isso deve ser um pesadelo. Essa é a única explicação lógica para porque a garota que fez da missão de sua vida me torturar sem parar por anos está sentada a meros dois metros de distância... olhando para mim como se *eu estivesse* fora do lugar.

Então, novamente, é assim que ela sempre olhou para mim.

*Como se eu não pertencesse a lugar nenhum*.

Tanto que comecei a achar que não.

Mudando seu foco para algo atrás de mim, o rosto de Sabrina se ilumina. — Aí está você, baby. Desculpe o atraso, meu avião atrasou.

Meu estômago se revira quando um Phoenix suado entra.

Minha mente gira enquanto tento juntar as peças.

Já se passaram 24 horas desde a nossa explosão e ainda não falamos uma palavra um com o outro, o que foi bastante fácil de fazer porque intencionalmente passei a noite no quarto de George.

Acho que Phoenix a convidou aqui como vingança.

Mas e?

Porque ela o chamou de baby.

*Assim como ela costumava fazer*.

Storm entra um momento depois. Seus olhos se arregalam quando ele vê Sabrina no sofá. Então eles estreitam em Phoenix.

— Você só continua fodendo.

Uma Skylar confusa sai do banheiro. — O que está acontecendo aqui? — Eu gostaria de saber.

Memphis, Chandler e George se juntam a nós em seguida.

— Bom, mer... — A tensão deve ser óbvia porque Memphis para no meio da frase e olha em volta até que seus olhos pousam em Sabrina. — Quem é a nova garota?

— Não é uma garota nova — diz Storm. — Essa é Sabrina.

Desta vez, as sobrancelhas de Chandler se erguem. — Ah, pelo amor de Deus.

Então ele sai, murmurando algo sobre não ser pago o suficiente para lidar com o drama.

Memphis balança a cabeça. — Você é um filho da puta corajoso. Corajoso e *estúpido.*

Definitivamente o último.

George se aproxima de mim. — Você está bem?

Eu coloco um sorriso tão falso quanto Sabrina no meu rosto. — Sim. Por que eu não estaria?

É quando me ocorre que todo mundo – exceto a pobre Skylar que está parecendo mais confusa a cada minuto – sabe que Phoenix me

traiu com Sabrina e é a razão pela qual as coisas terminaram entre nós.

Visivelmente irritada agora, Sabrina se vira para olhar para Memphis. ─ Eu sinto muito. Há algum problema?

Para seu crédito, ela parece ainda mais bonita do que no ensino médio. Seu longo cabelo loiro está ainda mais comprido, ela é mais bronzeada, sua aplicação de maquiagem é impecável.

*Ela está mais magra*.

─ Está prestes a ter ─ Skylar morde. ─ Quem diabos é você?

Ninguém para perder sua posição de fêmea alfa, Sabrina se levanta. ─ Eu sou a namorada do ensino médio de Phoenix.

*Oh Deus.* Eu riria se não achasse que acabaria vomitando em vez disso.

Não impede Storm de fazê-lo, no entanto. Na verdade, acho que nunca ouvi o cara rir tanto na minha vida. ─ Isso é uma tremenda ilusão.

O queixo de Sabrina cai. ─ Como é...

─ Eu vou tomar banho, ─ Phoenix interrompe.

Eu poderia muito bem nem estar mais na sala porque toda a atenção dele está *nela*.

É essa ação – ou melhor, inação – que me faz perceber que não é ele tentando me dar um gostinho do meu próprio remédio.

Se fosse, ele estaria olhando para mim para uma reação.

Inferno, ele estaria se exibindo ao redor da sala, regozijando-se silenciosamente.

Sabrina não está aqui por minha causa.

*Ela está aqui porque ele a quer aqui*.

─ Depois, podemos comer alguma coisa.

Eu quase balanço nos calcanhares com a força do golpe.

Phoenix Walker nunca me levou a um encontro.

Mas ele não tem nenhum problema em levar a garota que costumava me intimidar sem piedade a ponto de eu sinceramente

acreditar que as coisas que ela disse eram verdade, em um.

Eu vim aqui para *fazê-lo* sofrer. Para *machucá-lo*.

Mas se isso fosse uma competição para ver quem poderia ferir mais o outro, ele não só ganhou... ele limpou o chão sem esforço com meu coração e me ofuscou.

*Assim como ele sempre fez*.



Bolo úmido com recheio branco cremoso infunde minhas papilas gustativas enquanto mastigo.

Eu praticamente posso sentir as endorfinas saindo no meu cérebro enquanto engulo, já ansiosa por mais.

Meu estômago se revira quando pego todas as embalagens vazias espalhadas no chão do meu quarto de hotel.

E assim, uma vergonha muito familiar me envolve como uma névoa viscosa quando termino meu último twinkie e ando até o espelho.

Faz anos desde que eu bebi.

De pé em nada além de um sutiã e shorts, eu avalio meu corpo. Só que, em vez de apreciar minhas curvas e focar nas coisas que eu gosto, meus velhos demônios voltaram para me assombrar.

E eles soam como Sabrina e seus amigos.

Porque se eles estivessem aqui agora...

Eles me diriam que minha barriga não é plana ou tonificada o suficiente.

Que minhas coxas ainda são muito grandes.

Que a celulite na minha bunda enorme é horrível.

Que um tamanho dez ainda é um dígito duplo... e, portanto, não é aceitável.

Que eu não dou a mínima para o que eles pensam porque eu perdi

peso pelas razões certas não importa... porque eu sempre serei a garota gorda.

*Talvez eles estejam certos*.

Meus olhos queimam e uma lágrima escapa pelo meu rosto enquanto eu pego a caneta preta que eu peguei emprestada de Skylar mais cedo.

Caminhando até a cama, posiciono o marcador sobre minha coxa e pressiono para baixo, escrevendo minha primeira palavra. *Gordura.*

Emoções colidem em meu peito enquanto minha mente volta para o incidente do porco.

O jeito que todo mundo piscou e riu de mim.

Como me senti tão nojenta que legitimamente queria morrer.

Como foi mortificante quando Phoenix chegou e me viu assim. Porque o mundo secreto que criei na minha cabeça – aquele onde eu fingia que garotos como Phoenix escolhiam garotas como eu – não podia mais existir.

Tinha sido infiltrado pelo mundo real.

E no mundo real... garotos como ele não me querem.

*Eles querem Sabrina*.

Outra lágrima cai enquanto gravo a segunda palavra na minha outra coxa. *Porco*.

Em algum lugar no fundo da minha mente, eu sei que o que estou fazendo é errado, mas não consigo parar.

Ver Sabrina era o equivalente a abrir uma velha cicatriz que você achava que tinha cicatrizado.

Mas o tecido cicatricial nunca desaparece. Você apenas faz um esforço consciente para não deixar que isso o defina até que desapareça em segundo plano.

É como uma caixa velha de lembranças que você colocou no fundo do seu armário.

*Só que essas memórias não são boas*.

Eu inclino o marcador sobre minha barriga. Posso não ser capaz de me lembrar claramente das especificidades de cada episódio de bullying porque era uma ocorrência diária, mas lembro exatamente como isso me fez sentir.

Como se eu não fosse boa o suficiente.

Como se eu não pertencesse.

*Como se eu nunca fosse especial*.

Estou escrevendo outra palavra quando ouço a porta do quarto de Phoenix abrir, seguida por sua voz profunda.

— Eu estou acabado. Você deveria voltar para o seu quarto.

Bile sobe pela minha garganta. *Acabado de todo o sexo que eles tiveram*.

— Podemos ser rápidos — diz Sabrina em um tom sedutor e ofegante.

Um que eu tenho certeza o excitou dezenas de vezes no passado.

— Não dá. Eu tenho que acordar cedo. Tenho uma entrevista pela manhã.

Eu paro de escrever. *Não, ele não tem*.

— Vamos, Phoenix, — Sabrina choraminga antes de sua voz se encher de raiva. — Não me convide para o seu show, aja como se fosse me foder e depois não siga como da última vez.

Segure o maldito telefone. *O quê*?

Balanço a cabeça, me sentindo uma idiota. Pelo que sei, eles se viram muitas vezes desde então e ela está se referindo a uma noite diferente.

— Olha, eu estou derrotado, — Phoenix grita. — Vejo você no show amanhã à noite.

O som dos saltos de Sabrina batendo no corredor desaparece enquanto eu pondero qual é o seu negócio.

Ele a convidou aqui para que ele pudesse fodê-la, mas ele a recusou. Não faz sentido.

Sem aviso, a porta que liga nossos quartos se abre e Phoenix marcha para dentro.

Eu rapidamente alcanço minha camisa na cama e me protejo. ─ Jesus. Você *costuma* bater?

Como diabos ele chegou aqui para começar? Eu tranquei a porta.

Meus dentes de trás se encontram com um estalo quando noto o cartão em sua mão. *Bastardo*.

─ Você estava chorando.

Saltando da cama, eu aponto para a porta. ─ Observação astuta, capitão óbvio. Agora saia.

─ Lennon.

A maneira como ele diz meu nome – todo cheio de preocupação, como se ele realmente se importasse comigo – é quase mais do que posso lidar agora.

Ele está de pé na minha frente em três passos rápidos. ─ O que está errado?

─ Me deixe em paz.

Ele já fez o suficiente.

Dedos longos inclinam meu queixo, e ele estuda meu rosto, como se isso fosse dar a ele as respostas que ele está procurando. ─ Fale comigo.

Há uma nota estranha carregada em seu tom.

Algo que eu não ouvia desde aquela noite em que estávamos brigando em seu carro depois que fizemos sexo – bem, sexo parcial – no futon de Storm e ele percebeu que eu era virgem.

─ Eu comi um bolinho.

Suas sobrancelhas se juntam. ─ E daí? Twinkies são bons.

Eu evito meu olhar enquanto a vergonha serpenteia pela minha

espinha mais uma vez. ─ Eu comi a caixa inteira.

Droga. Por que estou sendo tão sincera com ele?

Meu coração bate dolorosamente contra minhas costelas com consciência.

Apesar do que ele fez, Phoenix é o único que não me julgou – ou zombou de mim – quando eu o deixei ver as partes mais feias de mim.

Como se viu, eu não precisava inventar um mundo secreto para nós.

Porque Phoenix Walker me viu - e por um momento fugaz - ele me queria.

*Do jeito que eu era*.

Aqueles olhos azuis queimam em minha alma... como se ele já soubesse tudo o que estou sentindo, mas não consigo dizer.

Depois do que parece uma eternidade, seu olhar desce pelo meu corpo em uma leitura lenta que faz os pelos dos meus braços se levantarem.

─ A perfeição é inatingível, Lennon. Mas de onde estou, você é a coisa mais próxima disso. Agora e...

De repente, suas narinas se dilatam e ele passa por mim.

Um momento depois, ouço água correndo no banheiro.

─ O que você está fazendo?

Eu recebo minha resposta quando ele sai furioso... segurando uma toalha molhada.

*Oh. Meu. Deus.*

A humilhação é uma pedra rolando ladeira abaixo e ganhando velocidade.

Estou tão envergonhada quanto na primeira vez que ele viu as palavras.

Ele aponta para o final da cama. ─ Sente-se.

Ao fazer isso, ele arranca a camiseta de mim.

Então ele se ajoelha.

O primeiro toque da toalha quente contra minha coxa faz meu peito afundar.

Expirando, eu olho para baixo.

Seu olhar está escuro com intenção e sua mandíbula está apertada enquanto ele tenta esfregar a tinta da minha pele sem me machucar.

Minha garganta se enche de lágrimas porque não são os momentos em que ele é um idiota que mais me machucam... são momentos como esses.

Eu não entendo como o cara que está tentando lavar as palavras cruéis que eu escrevi no meu corpo... é o mesmo que me causou tanta dor que colocou uma rachadura na base da minha psique e me mudou irrevogavelmente.

— Você fez sexo com Sabrina naquela noite?

Não sei por que estou perguntando, porque tenho certeza de que não vou gostar da resposta.

A mão que esfrega meu estômago congela.

Seu silêncio se estende por tanto tempo que acho que ele não vai responder.

Mas então eu ouço.

— Não.

Os dedos segurando o lado da minha coxa se contraem. — Você transou com ele ontem à noite?

— Não.

Mas eu estava tão chateada que provavelmente teria ficado se não estivesse menstruada.

Seu olhar permanece na minha boca e seu olhar se torna ameaçador.

*Como se lhe pertencesse*.

— Você o beijou?

Esta é a minha oportunidade de feri-lo da mesma forma que ele me feriu trazendo Sabrina aqui…

Mas ele apenas me deu honestidade. *De uma vez.*

— Não.

Ele se levanta. — Durma um pouco.

Ele está quase na porta quando outro pensamento me ocorre. Ou melhor, uma pergunta. Uma que eu preciso desesperadamente de uma resposta.

— Phoenix?

Ele se vira para me encarar. — Sim?

— Por que você não fez sexo com ela naquela noite?

Sua garganta flexiona, quase como se ele não quisesse pronunciar suas próximas palavras.

*Como se ele tivesse vergonha.*

— Eu não queria quebrar minha promessa para você.

Estou tendo problemas para mesclar o que ele acabou de me dizer com suas ações, porque é uma contradição completa.

Mesmo que ele não tenha dormido com Sabrina, ele ainda intencionalmente *me fez* pensar que ele fez para que ele pudesse roubar minha música.

Claro, ele não quebrou sua promessa... mas ele ainda partiu meu coração.

*Me quebrou*.

Ele desvia o olhar. — Há um ingresso para o show de amanhã à noite à vontade.

A mudança abrupta de assunto quase faz minha cabeça girar. — Ingresso para quem?

— Você.

Isso faz tanto sentido quanto ele não dormir com Sabrina. — Por quê?

Eu não sei o que fazer com a expressão dele. — Você vai descobrir se vier.

Isso é tudo que eu recebo antes que ele volte para seu quarto.

Quando olho para baixo, todas as palavras se foram.

No entanto, quando olho mais de perto, ainda posso ver um leve contorno sombreando minha pele.

É outro lembrete de que mesmo que a dor possa desaparecer... ela nunca realmente desaparece.



— Por que estamos aqui? — Eu grito sobre a voz rouca melódica de Phoenix enquanto ele canta a penúltima música da noite.

Skylar dá de ombros enquanto corre para o outro lado do palco e estende seu microfone. — Sei lá. Phoenix simplesmente me disse que eu gostaria de estar aqui para isso.

Nossa, isso realmente esclarece as coisas. — Estar aqui para quê?

Outro encolher de ombros. — Eu não faço ideia.

Depois de balançar a cabeça para frente e para trás com tanto vigor, tenho certeza de que ele agora tem uma chicotada, Phoenix se aproxima de Storm, que está no meio de um incrível solo de bateria. — É melhor vocês idiotas desistirem por esse filho da puta aqui!

A pedido de Phoenix, a multidão vai de selvagem... a puro pandemônio. Uma garota sentada nos ombros do namorado levanta a camisa, mostrando a banda... e todos os outros. Algumas mulheres jogam seus sutiãs no palco.

Infelizmente, um acaba atingindo Skylar.

Enrugando o nariz, Skylar inspeciona o sutiã vermelho-vivo. — Este é bonito, mas é grande demais para mim. — Ela coloca a mão sobre a boca. — Qual é o tamanho do seu sutiã?

Mesmo dois dos meus peitos não podiam encher um desses copos. A dona desse sutiã tem *sorte.*

— Não vai caber em mim também.

Skylar joga o sutiã no palco. Segundos depois, um fio-dental amarelo brilhante voa sobre nossas cabeças.

Ele fica preso na ponta da guitarra de Memphis. *Impressionante*.

Ele dá à multidão um sorriso torto sexy, o que só faz as mulheres na platéia ficarem ainda mais loucas.

— Eu quero ter seus bebês, Memphis — uma mulher na fila diretamente atrás de nós grita.

— Ele já tem mães de bebê suficientes, — Skylar estala.

Oh garoto.

— Leve-me para casa hoje à noite, Phoenix — grita uma mulher à minha direita. — Eu quero chupar seu pau grande e gordo.

Reviro os olhos quando Phoenix lhe dá um sorriso de derreter a calcinha.

A música *finalmente* chega ao fim e Phoenix pega uma garrafa de água do suporte da bateria.

— Não se preocupe. É água, pessoal. — Ele pisca para a multidão antes de engolir. — Mas agora que consegui sua atenção, gostaria de apresentá-los a alguém.

Olho para Skylar, que parece tão confusa quanto eu.

— Uma velha amiga minha está na cidade esta noite.

Meu estômago dá um nó quando Phoenix gesticula para alguém fora do palco.

Juro por Deus, é melhor ele não...

— Sabrina, venha aqui.

O que. Real. Porra.

Há algumas vaias e assobios de caras enquanto Sabrina se pavoneia em um vestido de couro justo que se agarra ao seu corpo

perfeito.

Eu ranjo meus dentes enquanto Phoenix coloca um braço em volta dela.

— Nós voltamos, não é?

Sabrina ri. — Nós voltamos.

Phoenix volta sua atenção para a multidão. — No ensino médio, sempre tem aquela garota. Você sabe de quem estou falando, a garota bonita, popular e vadia. Ela é coroada rainha do baile. Ela sempre parece perfeita. — Ele balança as sobrancelhas. — Ela vai ao baile com o quarterback, mas fode o bad boy no estacionamento.

A multidão aplaude.

Olho para Skylar. — Estou fora.

Ele já me machucou o suficiente. Eu seria uma masoquista para ficar aqui e deixá-lo dar outro soco.

Eu me abaixo para pegar minha bolsa do chão.

— Ela intimida a garota de quem está secretamente com ciúmes porque sabe que no fundo *essa* garota é mais inteligente, mais sexy e mais autêntica do que jamais será.

Eu congelo.

— No entanto, há uma coisinha chamada karma. — Ele lança um olhar gelado para Sabrina. — E ela é uma cadela ainda maior do que você.

Dando um passo para trás, ele dá um puxão forte em uma corda suspensa acima de sua cabeça.

Menos de um segundo depois, um líquido grosso cai sobre Sabrina.

O cheiro é tão ruim que tenho que tapar o nariz.

— Merda, — Skylar murmura enquanto Sabrina solta um grito.

Storm grita em seu microfone antes de fazer um — *ba-dum-tss* — na bateria.

— Que som os porcos fazem? — Phoenix ruge enquanto segura o

microfone para a multidão.

Na deixa, todos na arena começam a oinking.

Enquanto uma Sabrina chorando e coberta de baba de porco foge do palco, os olhos de Phoenix encontram os meus.

Dando-me um sorriso presunçoso, ele solta o microfone.

# CAPÍTULO 42

## PHOENIX

A irada Skylar anda de um lado para o outro com seus saltos altos vermelhos. Desde o incidente com o porco três dias atrás, ela está nervosa, e esta noite ela declarou uma reunião de emergência da família na suíte de Chandler para que possamos conversar sobre *etiqueta*.

— Onde está a ovelha negra? — Memphis murmura enquanto ele se joga no sofá ao meu lado.

Os lábios de Storm se contorcem e Skylar para de andar. — Já que George é o único que pode ficar longe de problemas, eu dei a ele permissão para levar Lennon para jantar. — Ela faz uma cara como se ela cheirasse algo rançoso. — E a exposição da Segunda Guerra Mundial no centro da cidade.

— As coisas devem estar ficando sérias entre eles. — Memphis me dá uma cotovelada nas costelas. — Isso soa como um encontro para mim.

Eu alcanço a tigela de batatas fritas que Skylar colocou na mesa. — Não é uma boa.

Embora eu não tivesse ilusões de que derramar dejetos de porco em Sabrina faria Lennon cair de joelhos e me chupar, eu esperava que isso melhorasse a situação entre nós.

Mas ela não olhou para mim com seu ódio habitual em três dias... mas a maior parte de seu tempo livre ainda está sendo gasto com *ele*.

George o burro.

Limpando a garganta, Skylar coloca a mão dentro de sua bolsa gigante e tira uma pilha de papéis.

— Primeiras coisas. Vamos rever os prós e contras. — Seu olhar repousa sobre Storm. — Não deixamos uma mulher algemada em nossa cama e depois esquecemos onde é nosso quarto.

— Ei. — Storm toma um gole de sua cerveja. — Eu sabia onde era o quarto. Não consegui encontrar o hotel.

Suspirando, Skylar vira para a próxima página de sua pilha. — Nós não usamos nosso cartão de crédito pessoal para enviar cinquenta mil vibradores para a casa de um renomado crítico de música porque ele não deu uma boa crítica ao seu último álbum. Especialmente com uma nota que diz: 'Vá se foder. Amor, “Sharp Objects”.

Nós três trocamos socos.

Apertando a ponte de seu nariz, seu olhar volta para Storm. — Nós *não* oferecemos fazer xixi na boca de um fã quando elas mencionam estar com sede em uma sessão de autógrafos.

Storm tira o telefone do bolso. — Ela reclamou da falta de bebidas. Eu simplesmente dei a ela opções.

Ela se concentra em mim novamente. — Nós não servimos dejetos de porco... — Seu nariz franze. — Pensando bem, estou bem com isso. — Ela cruza os dedos. — De qualquer forma, agora que sabemos melhor, temos que fazer melhor. Eu quero que todos estejam em seu melhor comportamento para o show de hoje à noite. Entendido?

Ela está arrumando suas coisas quando Memphis resmunga: — E eu?

Ela aguça o olhar. — *Você* está além da minha ajuda. — Ela tira uma camisinha de sua bolsa gigante e a joga no peito dele. — Se você precisar de instruções sobre como usar um desses… o Google é seu amigo.

Com isso, ela joga o cabelo sobre o ombro e sai.

— Parece que Storm é o verdadeiro encrenqueiro aqui. — Estendendo a mão, Memphis golpeia a parte de trás de sua cabeça. —

Arrume suas coisas, irmão.

Storm não lhe dá atenção. Ele está muito focado em seu telefone.

Ou melhor, ele *estava,* porque Memphis o arrebata.

— Droga. — Ele solta um assobio. — Quem é a gostosa com esse corpo com quem você está falando?

Storm parece envergonhado. — Não sei.

Isso chama minha atenção. — O que você quer dizer, você não sabe?

Memphis ri enquanto rola pelo telefone. — Parece que nosso garoto está em um aplicativo de namoro.

Agora *sou eu* quem está rindo. — Você percebe que é uma estrela do rock que está prestes a ter um estádio cheio de garotas esta noite, certo?

— Sim, mas ele faz xixi em nossos fãs, lembra? — Memphis esfrega a mandíbula. — Pensando bem, você está com sorte. Este está nisso.

Storm pega seu telefone de volta. — Nós não estamos falando sobre isso.

— Ah, não, — eu digo. — Estamos falando sobre isso.

O filho da puta ainda está me dando merda sobre perturbar Lennon e trazer Sabrina aqui, mas ele ainda é meu melhor amigo.

Storm esfrega uma mão pelo rosto. — Você nunca se cansa de ter mulheres se jogando em você constantemente só porque você é famoso?

Memphis e eu trocamos um olhar intrigado, por que que porra é essa?

— Não — dizemos em uníssono.

Ele se levanta do sofá. — Esquece.

Eu gesticulo para ele se sentar novamente. — Puxe o pau da sua bunda. Nós vamos ajudá-lo.

Memphis se senta ao lado dele. — Então, parece que você está

cansado das fangirls serem seus reféns dispostos e você quer um desafio?

— Algo assim — murmura Storm.

Eu levanto uma sobrancelha. — Você quer dizer como uma namorada?

O horror se espalha em seu rosto. — Quem *diabos* disse alguma coisa sobre uma namorada? Eu só quero uma garota que não faça merda tão fácil para mim o tempo todo.

Mais uma vez, Memphis e eu trocamos outro olhar confuso.

— Parece uma namorada para mim.

— Eu quis dizer quando se trata de sexo, seus idiotas.

Eu reflito sobre isso um pouco. Eu nunca tive problemas para transar antes do estrelato ou depois, mas era Josh que se divertia fazendo todos os tipos de garotas se rebaixarem e se humilharem regularmente para sua diversão. Talvez tirar uma página do livro dele ajude.

— Você sempre pode fazer o que Josh fez.

— Dar-lhes drogas? — Storm pergunta com uma carranca.

— Tratá-las como merda? — Memphis acrescenta.

— Eu quis dizer fazer todas as garotas pensarem que elas eram especiais para ele para que ele pudesse fazer com que elas fizessem o que ele quisesse.

E eu quero dizer *qualquer coisa*. Não havia linhas que o cara não cruzaria... ou foderia.

— Isso é porque ele era um idiota manipulador — Memphis morde.

*Aquele que não está mais aqui*.

Uma onda de irritação corre pelas minhas veias, e eu me levanto. — No caso de vocês esquecerem, ele está morto.

— Phoenix, — Memphis resmunga quando eu ando até a porta.

— O que?

— Não deixe sua culpa fazer *você* esquecer quem ele realmente era.

Isso é fácil para ele dizer... ele não foi responsável por sua morte.



Meus passos aceleram quando saímos pela porta dos fundos.

O último show da semana terminou há vinte minutos e estou exausto pra caralho. Assim que entro no ônibus, durmo até chegarmos ao Kansas.

— Esta noite foi um bom show — comenta Chandler.

Ao meu lado, Storm acena com a cabeça. — Sim, o solo de Memphis foi fogo absoluto.

— Nah, cara — diz Memphis atrás de nós. — O *seu* roubou a cena esta noite.

Storm dá um tapa nas minhas costas. — E não vamos esquecer a maneira como Phoenix destruiu sua versão de 'Down with the Sickness'.

— George também foi incrível — Lennon entra na conversa.

Ninguém fala merda nenhuma.

Estamos prestes a entrar no ônibus, mas o segurança nos impede.

— Há uma mulher lá que pediu especificamente por ver vocês dois esta noite.

Storm olha para mim.

— Se for Megan Fox, eu chamo de dibs. Você sabe que eu tenho aquela fantasia MILF.

Tenho certeza de que a segurança está fodendo com a gente agora, porque tudo o que vejo quando subimos os degraus é uma mulher baixa com cabelos grisalhos usando um vestido longo florido e sapatos ortopédicos.

Memphis cutuca Storm. — Que tal uma fantasia de puma?

Storm abre a boca para responder, mas a mulher se vira. — Prefiro

Gilf.

Todos nós começamos a sorrir - com exceção de Storm que agora está se encolhendo - quando percebemos que o GILF em questão não é outro senão Vovó.

Memphis passa por nós para poder abraçá-la. — Ei, vovó. Como estão as Bermudas?

— As Bermudas estão bem. — Ela se abana. — Os homens também.

A Storm geme. — Vamos, vovó. Não comece.

Ela abre a boca, mas seu olhar se fixa em Skylar, que corre para abraçá-la em seguida.

Vovó segura o rosto entre as mãos. — Como você está indo, ervilha doce?

Um silêncio pesado cai sobre o ônibus.

Skylar lhe dá um sorriso que não alcança seus olhos. — Eu estou pendurado lá. Como você está, vovó?

Ela coloca a mão no quadril. — Eu sou fabulosa. Conseguiu-me um homem mais jovem.

Agora o sorriso de Skylar é genuíno. — Oh. Derrame o chá, irmã.

— Eu o conheci em um desses aplicativos de namoro. Ele não é muito atraente, mas Senhor, tenha misericórdia. Graças aos céus por essas pequenas pílulas azuis.

Storm parece que vai ficar doente. — Pelo amor de Deus, vovó.

Ela sacode um dedo para ele. — Você cuida da sua língua. Sexo é saudável. — Seu olhar se volta para Chandler. — Você está cuidando dos meus meninos?

Chandler a cumprimenta. — Sim, senhora.

— É melhor você estar... — O que quer que ela ia dizer cai no esquecimento quando ela vê Lennon atrás de mim. — Ah, minha Deus.

Lennon dá a ela um sorriso tímido. — Oi.

— Não me dê um oi, mocinha — Vovó repreende enquanto abre bem

os braços. ─ Venha pra cá.

Lennon não perde mais um segundo, e vovó também não. No momento em que o abraço termina, ela está bajulando ela. ─ Bem, olhe para você. E então a lagarta se transformou em borboleta.

As bochechas de Lennon ficam vermelhas devido a toda a atenção. Felizmente para ela, Vovó muda seu foco para mim.

─ Estou feliz que você finalmente tirou a cabeça da sua bunda e conseguiu sua garota de volta. ─ Abanar o dedo. ─ Eu disse que ela era uma guardiã.

George limpa a garganta e estende a mão. ─ Oi, eu sou George. Prazer em conhecê-la.

Ela o sacode. ─ Olá querido. Você deve ser um dos novos roadies. Você seria um pêssego e pegaria minhas malas? Elas ainda estão do lado de fora.

─ Eu vou fazer isso ─ eu ofereço rapidamente, já que eu faria qualquer coisa no mundo pela mulher.

Além disso, eu poderia usar um respiro.

No momento em que volto com as malas, todos estão discutindo os arranjos para dormir.

Dado que há apenas seis beliches, um quarto e agora oito de nós, precisamos descobrir onde todos vão dormir.

─ Lennon pode dormir comigo, ─ George diz, o que lhe rende um olhar confuso de Vovó e um assassino meu.

*Sobre o meu cadáver*.

─ Vovó está ocupando o quarto de Chandler. Chandler está pegando meu beliche e eu estou dormindo no sofá da sala.

Agora que *isso está* resolvido, vou até o quarto de Chandler para deixar a bagagem de Vovó.

Ela me embosca no momento em que atinge o chão.

─ Independentemente de sua aversão a relacionamentos

românticos, você nunca me pareceu o tipo de pessoa para compartilhar.

Uma das coisas que eu mais amo na vovó é que ela não mede palavras.

Esse não é o caso agora.

— Eu não estou compartilhando Lennon.

Ela arqueia uma sobrancelha. — Bem, considerando que ele ainda tem pulso, suponho que ela seja dele então.

A raiva misturada com amargura é um coquetel virulento em minhas veias.

Eu caminho em direção à porta. — Boa noite, vovó.

Ela agarra meu braço. — Ainda afastando as pessoas que se importam com você, eu vejo. Como isso está funcionando para você, baby?

*Muito bem*.

Ela embala meu rosto, me forçando a olhar para ela. — Todos nós cometemos erros, Phoenix. Mas então temos que fazer nossa penitência, aprender a lição e seguir em frente.

Isso não é uma opção.

— Pessoas inocentes morreram. Não há como seguir em frente a partir disso.

A tristeza marca suas feições. — Sim existe. Isso se chama perdão.

— As pessoas de quem eu preciso de perdão estão mortas.

*Exceto uma*.

— Então talvez você precise se perdoar.

— Eu deveria ter morrido naquela noite.

Pelo menos assim a punição teria se encaixado no crime.

Ela suspira. — Você também pode ter, já que está determinado a viver no purgatório pelo resto de sua vida.

— É o que eu mereço.

Ninguém pode me dizer o contrário.

— Ninguém merecia o que aconteceu com eles naquela noite. Mas você ainda está aqui. — Ela agarra meus ombros. — Viver como um fantasma e se punir dia após dia não vai desfazer os eventos daquela noite.

— Vovó...

— A vida raramente te dá uma segunda chance. É melhor você não estragar isso ou desperdiçá-la.

*Tarde demais.*

Eu beijo sua bochecha. — Estou feliz que você veio visitar. Deixe-me saber se você precisar de alguma coisa.

— Phoenix? — ela grita quando estou cruzando o limiar.

— Sim?

— Eu vejo o jeito que aquela garota ainda olha para você. Nós dois sabemos que ela não é dele.

# CAPÍTULO 43

## LENNON

Enfio o travesseiro na cabeça enquanto o som de um trem de carga que passa sacode o ônibus.

E de trem de carga? Quero dizer, o ronco do Chandler.

Agora entendo por que ele tem o quarto nos fundos. E porque todo mundo coloca tampões de ouvido antes de ir para a cama.

Faço uma nota mental para comprar um par de fones de ouvido na próxima cidade, já que meus fones de ouvido são grandes demais para dormir.

Estou pensando em transformar a mesa da cozinha em uma cama quando meu telefone vibra. Assumindo que George também não consegue dormir com o ronco ensurdecedor de Chandler e quer traçar um plano de fuga, eu procuro isso.

Eu moo meus molares quando vejo uma mensagem de Phoenix em vez disso.

**Phoenix**: Você está acordada?
**Lennon**: Você está bêbado?

Embora eu saiba que Phoenix dando a Sabrina um gosto de seu próprio remédio foi sua maneira de tentar corrigir um de seus muitos erros, isso não torna tudo magicamente melhor.

Eu baixei minha guarda na frente dela na outra noite e não só isso foi sem sentido... foi um erro.

Para garantir que isso nunca aconteça novamente, eu tenho que

estabelecer alguns limites.

Ele é o cliente e eu sou a... babá.

Pequenos pontos aparecem no final da minha tela antes de acender com uma nova mensagem.

**Phoenix**: Atualmente não. Por quê?
**Lennon**: Porque essa é a única vez que eu sou contratualmente obrigada a falar com você.
**Phoenix**: A última vez que verifiquei, você é *contratualmente obrigada* a estar lá para mim quando eu precisar de você.

Tenho certeza de que meu suspiro é mais alto que o ronco de Chandler.

**Lennon**: Tudo bem. O que você precisa?
**Phoenix**: O que você está vestindo?

Eu aperto os olhos enquanto digito minha resposta.

**Lennon**: Pijama.
**Phoenix**: Então, minha camiseta e uma calcinha?

*Droga.* Eu tenho que jogar essa maldita coisa fora.

**Lennon**: Não.
**Phoenix**: Sem calcinha?
**Lennon**: Sem camiseta, idiota.
**Phoenix**: Ainda melhor.

Ele é o pior. Juro.

**Lennon**: Muito inapropriado?
**Phoenix**: Muito.

Nisso concordamos.

**Lennon**: Boa noite.

Estou prestes a desligar o telefone, mas outra mensagem chega.

**Phoenix**: Você costumava gostar disso em mim.
**Lennon**: Eu costumava gostar de muitas coisas em você.

Fecho os olhos enquanto as memórias me perfuram.

Eu gostava de sua grosseria e sua boca suja.

A maneira como ele assumiu o controle.

Como ele me empurrou além dos meus limites e as coisas que ele tirou de mim.

Eu gostava de como ele não dava a mínima para o que os outros pensavam sobre ele.

Como ele trabalhou duro para fazer uma vida melhor para si mesmo.

O talento bruto que ele tem.

Como ele era áspero nas bordas, mas uma vez que ele finalmente permitiu que você desse uma breve olhada lá dentro, você percebia que ele era realmente sensível... e complexo. *Danificado*.

Mesmo que ele se recusasse a deixar suas cicatrizes defini-lo.

Eu não gostava apenas de Phoenix Walker…

*Eu o amava*.

Meu telefone acende com outra mensagem de texto recebida.

**Phoenix**: Você ainda gosta.

Não mais.

**Lennon**: Bastante imaginação que você tem.
**Phoenix**: Você não tem ideia.
**Lennon**: Vou dormir.
**Phoenix**: Imagino como você ficou sexy com meu pau enfiado na boca. Quão ansiosa você estava para me agradar e quão difícil foi não gozar.

Meu coração acelera, tanto o órgão *quanto* eu pegos completamente desprevenidos.

**Phoenix**: É por isso que eu fiz você me masturbar depois que chegamos na sua casa naquela noite. Você me excitou pra caralho. Eu queria que durasse um pouco mais.

Uma onda de calor serpenteia através de mim, enrolando em meus pulmões.

**Phoenix**: Eu imagino provocando sua boceta com meus dedos e língua.

Minhas bochechas queimam e meu peito arfa com uma respiração superficial.

Eu *tenho* que acabar com isso.

**Lennon**: Você pode parar agora. Eu não estou interessada.

Ele não para.

**Phoenix**: Você estava tão molhada quando eu os coloquei dentro de você. Só conseguia pensar em provar você.

Meus mamilos apertam contra minha camiseta...

E é aí que eu percebo.

Ele não está digitando essas palavras.

Ele está *dizendo* em voz alta.

Saber disso envia uma nova onda de excitação através de mim.

**Phoenix**: Eu poderia ter sua boceta bonita para cada refeição e ainda não seria suficiente.

*Jesus*.

Eu pressiono minhas coxas juntas, desesperada para aliviar a dor.

**Phoenix**: Imagino o jeito carente que você gemeu meu nome quando eu fiz você gozar. Como você contraiu seus quadris, exigindo mais.

Já não tenho forças para lhe dizer para parar.

**Phoenix**: Imagino você saindo da cama, entrando aqui escondido e cavalgando no meu pau.

Um pulso pulsa entre minhas pernas enquanto imagino a mesma coisa.

**Phoenix**: Imagino aqueles lábios carnudos e rosados se esticando ao meu redor enquanto você desliza para baixo lentamente, dando-se tempo para se ajustar. Mas eu não posso esperar mais para ter você, então eu agarraria seus quadris e te forçaria a tomar cada centímetro de mim de uma vez.

Eu quase choramingo. Deus, iria doer... da melhor maneira possível.

**Phoenix**: Eu te foderia tão bem que você não seria capaz de pensar em quão errado é.
**Phoenix**: E eu não pararia de te foder. Não até…

Não até *o quê*? Eu quase grito.

Então meu telefone toca.

*Não. Atenda*.

Silenciosamente me xingando, eu deslizo o botão verde. Tão rápido que não percebo que é uma ligação do FaceTime até que seja tarde demais.

Meu estômago aperta e um arrepio se liberta quando minha tela acende com a imagem da mão de Phoenix se movendo para cima e para baixo em seu pau.

Ele geme e eu quase pulo para fora da minha pele em pânico enquanto pego meus fones de ouvido e os conecto.

Isso é tão errado, mas eu não me importo.

Tudo o que posso focar é a maneira como seu polegar desliza sobre as veias grossas e pulsantes de seu pau grande com cada golpe e a respiração irregular enchendo meus ouvidos enquanto ele se bombeia vigorosamente com eficiência habilidosa.

Um tremor lento rasteja pela minha espinha. Estou tão molhada que minhas coxas estão escorregadias com isso.

— Lennon.

A maneira rouca que ele diz meu nome me faz deslizar a mão dentro da minha calcinha.

Mordendo meu lábio para não fazer um som, esfrego meu clitóris febrilmente enquanto vejo os músculos de suas coxas apertarem e grossas cordas de esperma saindo de seu pau pulsante, derramando ao longo de seu estômago e mão.

Eu saio como um foguete quando ele dá a si mesmo um golpe final,

apertando a ponta.

Então a tela fica preta.

Depois de recuperar o fôlego, arranco meus fones de ouvido.

É seguro dizer que não deveria ter nenhum problema em adormecer agora.

Eu rolo, com a intenção de fazer exatamente isso, mas meu telefone acende com outro texto.

**Phoenix**: Parece que somos ambos mentirosos.
**Lennon**: Do que você está falando?
**Phoenix**: Se você não estivesse interessada, você poderia ter desligado... mas não o fez.



Minhas narinas se enchem com o delicioso aroma de bacon, panquecas e pão de banana.

— Isso é o céu? — Phoenix questiona enquanto eu abro a porta divisória e vou para a cozinha onde todos já estão comendo.

Storm enche a boca com uma garfada de panquecas. — Não. O paraíso é quando ela faz biscoitos e molhos.

Vovó dá um tapa na parte de trás de sua cabeça. — Você está insultando a comida que acabei de fazer? Seja grato por ter uma boa refeição caseira em vez daquele cereal amanhecido que encontrei no armário.

Storm fica emburrado. — Estou grato, vovó.

Ela sorri quando me vê. — Vamos, ervilha doce. Pegue um prato. Vamos colocar um pouco de carne de volta nesses ossos.

Nunca pensei que ouviria *isso*.

Estou alegremente enchendo meu prato quando ouço: — Ela não

precisa de mais carne nos ossos.

Sete pares de olhos giram para George.

Vovó coloca a mão no quadril. ─ Importa-se de explicar o que você quer dizer com isso, jovem?

George parece que vai cagar nas calças. Mas não sinto a necessidade de vir em sua defesa como costumo fazer.

─ Bem, você sabe. ─ Ele visivelmente engole. ─ Ela não é *tão* magra. ─ Quando vários queixos caem, ele acrescenta rapidamente: ─ Mas não é como se ela fosse gorda ou algo assim.

Eu coloco meu prato para baixo.

Memphis aponta seu garfo para George. ─ Cara, você realmente precisa parar de falar.

Descartando aquele excelente conselho, George olha para mim. ─ Eu não quis dizer que você está gorda. Você não está. Você é perf...

Phoenix bate seu punho contra a mesa com tanta força que os pratos chacoalham. ─ Cala a boca. *Agora*. ─ Inclinando a cabeça, ele se concentra em mim. ─ Coma seu café da manhã.



─ Então, o café da manhã foi... inesperado, ─ Skylar exclama enquanto arrumamos a cozinha.

─ Sim, essas panquecas foram as melhores que já comi.

─ Estavam deliciosas. ─ Seus lábios se curvam. ─ Mas eu estava me referindo a George colocando o pé na boca e Phoenix quase arrancá-lo e espancá-lo até a morte com ele.

Antes que eu possa responder, Vovó entra na cozinha.

Phoenix, Storm e Memphis estão logo atrás dela.

Uma pontada de tristeza passa por mim quando percebo que Phoenix está carregando sua bagagem. ─ Você já está indo?

A mulher acabou de chegar.

— Receio que sim, querida. Consegui um encontro em Miami, graças a esse aplicativo.

Phoenix dá a Storm um sorriso de merda enquanto se dirige para a frente do ônibus. — Parece que vovó tem mais jogo do que você.

Storm levanta o dedo médio antes de envolver Vovó em um grande abraço. — Ligue-me quando você pousar.

— Claro, baby. Fique longe de problemas.

Ele ri. — Farei o meu melhor.

Virando-se para Skylar, Vovó beija sua testa. — Certifique-se de que ele não seja preso.

Skylar sorri. — Farei o meu melhor.

Sua atenção muda para Memphis. — E *você*. Não seja tolo, embrulhe sua ferramenta.

Um sorriso tímido puxa sua boca enquanto ele a abraça. — Farei o meu melhor.

Depois que eles se separam, ela cruza os braços em volta de mim. — Estou tão feliz que você está de volta. — Com o rosto cheio de preocupação, ela segura minha bochecha. — Por favor, não desista dele.

Não tenho coragem de decepcioná-la, então digo a única coisa que posso.

— Farei o meu melhor.

# CAPÍTULO 44

## LENNON

No momento em que as portas do elevador se abrem, eu saio correndo.

Phoenix não está atrás de mim como deveria porque, como sempre, ele está demorando e ficando para trás.

Impaciente, bato o pé enquanto espero que ele me alcance. — Chandler vai me matar se eu não tiver você no local nos próximos dez minutos.

Ele serpenteia pelo corredor como se eles estivessem dando um passeio por um parque. — O local fica a apenas nove minutos de distância. Temos bastante tempo.

Então me ajude Deus...

Quando a preguiça *finalmente* se junta a mim, viramos rapidamente à esquerda no corredor que leva à saída privada nos fundos.

Eu o sinto me avaliando. — Sabe, nosso relacionamento seria muito mais tranquilo se você aprendesse a relaxar.

— Fácil para você dizer. Você não está lidando com *você*. Também... — Eu gesticulo entre nós. — Isso não é um relacionamento...

— Phoenix, — uma voz masculina fala por trás.

*Estranho*. Já que todos que conhecemos já estão no local.

Estou prestes a atribuir isso a um fã querendo um autógrafo, mas os passos de Phoenix param e sua expressão fica séria. — Te encontro no carro.

Um sentimento desconfortável enche meu intestino. — Por quê? O que está havendo...

— Entra no carro.

Seu tom sinistro envia calafrios pela minha espinha, mas eu não vou embora.

Não até eu saber quem é esse cara e o que deixou Phoenix tão nervoso.

— Você não vai dizer oi? — o homem pressiona.

Phoenix gira ao redor. — Que porra você está fazendo aqui?

O homem cambaleia para a frente. Ele é mais ou menos da altura de Phoenix, com longos cabelos escuros e oleosos, e os olhos mais azuis e cruéis que eu já vi.

*O mesmo tom do Phoenix.*

— Só vim fazer uma visita ao meu menino.

A sensação de desconforto em meu intestino se intensifica.

Instintivamente, eu agarro a mão de Phoenix, dando-lhe um puxão forte. — Vamos. Vamos lá.

Não sei o que esse pedaço de merda quer, mas não vamos ficar para descobrir.

Os olhos injetados de sangue de seu pai miram em mim. — Quem é sua namoradinha?

Em um flash, Phoenix me puxa atrás dele. — Não é da sua porra da conta.

— Isso é jeito de falar com o homem que criou você? — Ele dá outro passo, balançando como ele faz. — Eu te ensinei a ter mais respeito do que isso.

Este idiota não lhe ensinou nada. *Seus punhos fizeram*.

— Que porra você quer?

— Seu velho está tendo alguns problemas de dinheiro. Eu estava esperando que você pudesse me ajudar.

E aí está.

Phoenix bufa. — Grande surpresa do caralho.

Zombando, ele balança para trás em seus calcanhares. — Não se

atreva a tomar esse tom hipócrita comigo, garoto. Você morou na minha casa sem pagar aluguel por dezoito anos, lembra?

*Isso é normal quando você tem filhos*.

Mostrando os dentes, Phoenix tira a carteira do bolso. O olhar que ele dá a ele é engolido com veneno quando ele joga um maço de dinheiro em seu rosto.

— Como eu poderia esquecer?



— Ele te visita muito?

Sem me dar atenção, Phoenix abaixa a janela no banco de trás do SUV e acende um cigarro.

*Chocante*.

— Uau, o tratamento silencioso. O que mais é novo?

Trincando a mandíbula, ele leva o cigarro à boca e inala. — Você pode parar de falar.

— Você é surdo? Eu falo com você.

Muito mais do que eu quero.

Ele ri, mas não há humor. — Não sobre merda que importa.

*Bom Deus.* Ele é inacreditável.

— Certo. Sobre o que você quer falar? — Eu estalo meus dedos. — Ah, aqui está uma ideia. Vamos falar sobre o seu pai.

— Vamos falar sobre o *seu* — ele morde, os olhos em chamas.

Rasgando uma página de seu livro, eu faço uma careta para minha janela.

Uma risada áspera corta o ar. — Hipócrita.

A raiva cresce na boca do meu estômago, e minhas mãos coçam com o desejo de bater nele. — Fraude.

Fechando meus olhos, eu inspiro profundamente, limpando.

Brigar com ele o tempo todo é exaustivo.

Mas isso é tudo que Phoenix já conheceu. Graças a esse pedaço de merda abusivo com um bloco vago dentro do peito no lugar de um coração.

— Eu não estava tentando iniciar uma discussão — eu sussurro. — Eu simplesmente queria que você soubesse que poderia conversar com alguém sobre isso.

Ele joga o cigarro pela janela. — Talvez eu devesse encontrar George então, já *que é para* ele que estamos contando todos os nossos segredos hoje em dia.

Eu não sei por que eu ainda me incomodo mais.

— Isso é porque George é meu…

Eu não termino essa declaração... porque não posso.

O olhar cruel de Phoenix queima através de mim. — Seu o quê?...

— Nada que te diga respeito.

Meus sentimentos por George podem não ser claros, mas eu não devo nada a esse idiota.

O silêncio se estende entre nós, ficando mais pesado a cada segundo...

Até que ele fala.

— Ele vem a cada dois meses. Implorando por dinheiro.

Eu inclino minha cabeça para olhar para ele. — Bem, se você não desse a ele, ele provavelmente pararia.

O remorso aperta meu coração quando vejo a dor piscar em seus olhos.

— Eu sinto muito. Isso foi realmente crítico...

— Ele estava lá. — Sua voz é uma áspera crua. — O que é mais do que posso dizer por ela.

Nunca em um milhão de anos pensei que me abriria para Phoenix Walker novamente.

Mas eu sei o que foi preciso para ele compartilhar essa pequena parte de si mesmo e ser vulnerável.

Tanto quanto vai demorar para eu compartilhar isso com ele.

— Meu pai está doente.

— Chegamos — anuncia o motorista.

Eu alcanço a maçaneta da porta. — Chandler vai ficar puto.

Sua mão envolve meu pulso antes que eu possa sair. — Fale comigo.

Ele está fora de si. Este não é o momento nem o lugar.

— Há mais de vinte e cinco mil fãs esperando por você dentro daquela arena.

E já estamos atrasados.

As pontas calejadas de seus dedos capturam meu queixo. — Mas a única pessoa que importa para mim está sentada bem aqui.

Meu coração – o órgão traidor – bate contra meu peito.

Eu sei que não devo acreditar em qualquer coisa que ele diga, mas ainda não recebeu o memorando.

— Há alguns anos, ele foi diagnosticado com demência precoce. — Fecho os olhos para que não se encham de lágrimas. — Na maioria dos dias, ele nem sabe quem eu sou.

A ponta de seu polegar roça minha bochecha. — Lennon.

Há tanta tristeza em sua voz que você pensaria que estava acontecendo com ele.

Minha respiração para enquanto ele segura o lado do meu rosto, se aproximando.

Mesmo que eu devesse afastá-lo, não posso.

Ele é o sol... me puxando para sua atmosfera.

*Ele me inspira, eu o sangro*.

— Lennon — ele repete, só que desta vez soa como um pedido de desculpas.

A pressão suave de seus lábios é como uma pomada para minha ferida exposta.

*Mas não o que ele causou*.

A dor espeta meu peito e eu rasgo minha boca. ─ Não.

Juro que o ouço rosnar.

─ Por quê?

O fato de ele ter que me perguntar é mais uma prova de porque isso não só não deveria – como não vai – acontecer.

Lanço-lhe um sorriso vingativo e jogo suas velhas palavras em seu rosto para que ele possa se engasgar com elas desta vez.

─ Vai complicar a merda.

Empurrando a porta aberta, eu saio do carro.

*Estúpida, estúpida, estúpida*.

Há um puxão forte no meu braço antes de ser empurrada contra o SUV.

Abro a boca para gritar com ele, mas a pura agonia cortando as linhas afiadas de seu rosto me deixa sem palavras.

─ Eu *odeio* que eu machuquei você.

E então ele está indo embora.

*Isso faz de nós dois*.

# CAPÍTULO 45

## LENNON

Nos bastidores após o show, todos se reúnem em torno de Chandler, que está em frente a um bolo gigante.

— Nas palavras de Bon Jovi, estamos na metade do caminho.

Muitos de nós trocamos olhares perplexos porque *não foi isso* que Bon Jovi disse.

Phoenix coloca uma mão sobre a boca. — Estamos na metade do caminho, idiota.

— Sim. — Chandler levanta seu copo no ar antes de emborcá-lo. — Sim, nós estamos.

Phoenix e Storm balançam a cabeça.

— De qualquer forma, — Chandler sussurra. — Obrigado por todo o seu trabalho árduo. — Ele levanta um dedo. — Ninguém toca neste bolo até que o palco esteja quebrado.

Há gemidos ao redor enquanto a equipe volta ao trabalho.

Uma carranca marca o rosto de George. — Eu não posso acreditar que estamos no meio da turnê.

Graças a Deus.

— Qual é o seu problema? — Skylar grita.

— Guarde um pouco para a equipe — grunhe Storm.

Memphis - que estacionou uma cadeira na frente do bolo - encolhe os ombros enquanto enfia outra garfada na boca. — Você dorme, você perde. Merda, é bom.

Vou acreditar na palavra dele, porque não vou ter nada disso agora.

George se vira para mim. — Podemos conversar por um segundo?

Coloco minha taça de cidra espumante na mesa. ─ Certo. E aí?

─ Eu quis dizer em particular.

Agarrando meu cotovelo, ele me conduz para a sala verde vazia e fecha a porta.

Oh garoto.

─ Então ─ ele começa. ─ Eu estive pensando em nós.

*Merda.* Eu não estou pronta para onde essa conversa parece estar indo.

─ Uh-hum.

Abaixando-se, ele pega minhas duas mãos nas dele. ─ Eu realmente, realmente, *realmente* gosto de você.

Eu engulo. ─ Sério?

─ Sim. ─ Ele solta um suspiro. ─ Muito.

Eu o paro ali mesmo. ─ George, eu te disse. Não estou pronta para nada sério.

─ Como você sabe? ─ ele exclama. ─ Toda vez que tento te beijar, algo atrapalha.

Não algo. *Alguém*.

─ Momento ruim? ─ Eu guincho.

Suas sobrancelhas se juntam. ─ Momento ruim... ou relutância?

─ Não é... ─ Eu limpo minha garganta. ─ Não é relutância.

*Quem você está tentando convencer aqui, Lennon*?

Ele dá um passo à frente e eu instintivamente recuo, fazendo com que minha coluna encontre a parede atrás de mim.

*Droga*. Eu me prendi.

─ Então prove isso. ─ Ele se aproxima. ─ Me beije, Lennon. *Por favor*. Eu estou te implorando.

─ Ok ─ eu sussurro.

Deixá-lo pendurado não é certo. Eu preciso resolver isso.

Eu aperto meus olhos fechados. E então eu escovo meus lábios

contra os dele.

O beijo é... bom.

Ele não é terrível nisso, mas não há faíscas.

O que torna claro agora meus sentimentos antes obscuros por George.

Vou ter que descobrir como decepcioná-lo suavemente.

— Groupie.

A mordida sinistra na voz de Phoenix faz os pelos dos meus braços se arrepiarem.

Eu nem ouvi a porta se abrir.

Me preparando, eu olho para ele. — Estou no meio de alguma coisa.

Sua mandíbula fica apertada e seus passos consomem a distância entre nós em um momento.

Sem aviso, ele agarra meu braço e me puxa para fora da sala, deixando um George perplexo em nosso rastro.

— Qual é o seu problema? — Eu estalo quando cruzamos o limiar.

Ele para de andar e se abaixa.

Sua voz áspera é um estrondo ameaçador no meu ouvido. — Ônibus. *Agora*. Ou eu vou cheirar um grama de coca dos peitos da garota mais próxima e forçá-la a me ver fodê-las.

A ameaça é o equivalente a lâminas de barbear cegas cortando minha pele.

Sinto o olhar furioso de Phoenix perfurando minhas costas a cada passo que dou, como um assassino caçando sua última vítima.

Um rubor queima minhas bochechas enquanto passo por todas as pessoas nos bastidores, esperando que elas não possam sentir a tensão crescendo entre nós.

Borboletas invadem meu estômago quando abro a porta dos fundos.

Atrás de mim, Phoenix faz um barulho de impaciência, como se eu não estivesse me movendo rápido o suficiente.

Eu acelero meus passos, meus saltos batendo na calçada do estacionamento com um alto *clique, clique, clique*.

Meu coração dispara quando nos aproximamos do ônibus. As luzes estão apagadas e está completamente vazio.

Subo os degraus com pernas que parecem gelatina, Phoenix seguindo logo atrás.

Minha cabeça fica tonta quando entramos na cozinha.

*Em breve chegaremos aos beliches*.

Um suspiro agudo me deixa quando ele agarra a parte de trás do meu pescoço e me inclina sobre a mesa da cozinha.

— Abra suas pernas, porra.

Muitos pensamentos passam pela minha cabeça, mas só consigo me concentrar em um.

Eu quero isso.

Calor incandescente me atravessa enquanto ele empurra minha saia por cima da minha bunda.

O ar frio beija minha pele e o som dele rasgando o delicado laço da minha calcinha ataca meus ouvidos, seguido pelo som dele puxando o zíper para baixo.

A mão na parte de trás do meu pescoço aperta e sua outra se enrola em volta do meu quadril possessivamente, me mantendo exatamente onde ele me quer.

— Tome meu pau como uma boa menina.

É o único aviso que recebo antes que ele projete seus quadris, enchendo-me ao máximo em um único e doloroso impulso que me faz assobiar.

Não há tempo para se ajustar ao seu pau enorme porque ele começa a me foder em golpes rápidos e brutais.

A adrenalina é uma droga intoxicante que percorre meu sistema, aquecendo meu sangue e me enviando em espiral.

Eu cavo minhas unhas em sua coxa. ─ Oh Deus.

Toda vez que ele se retira, ele volta para dentro de mim com muito mais força.

É uma punição e uma recompensa.

Eu choramingo quando ele para. ─ Phoenix. *Por favor...*

Sua voz áspera estala como um chicote. ─ Se você quiser... ─ Uma respiração afiada me deixa quando ele enrola meu rabo de cavalo em torno de seu punho e puxa. ─ Então pegue.

A compreensão surge, gerando uma nova onda de excitação.

Minha barriga aperta enquanto eu circulo meus quadris, trabalhando em seu pau.

É tão bom que não consigo mais formar pensamentos coesos. Tudo o que posso focar é a forma como seu pau me enche e os sons ásperos e gananciosos que ele faz quando eu agarro os lados da mesa e me empalo nele, pegando o que eu quero.

*O que eu preciso*.

O controle que ele me permitiu não dura muito, porém, porque ele puxa meu rabo de cavalo, me puxando para cima. ─ Brinque com sua boceta.

Deslizando minha mão entre minhas pernas, eu faço o que ele diz.

Sua respiração é uma raspagem quente contra o meu pescoço enquanto eu trabalho em um frenesi. ─ É isso. Esfregue esse pequeno clitóris.

Sons molhados enchem o ônibus e suor escorre sobre minha pele enquanto meu corpo se aperta cada vez mais.

Estou tão perto. Tão perto.

Com um rosnado, Phoenix afasta minha mão e a substitui pela dele.

Um gemido desesperado me escapa quando ele encontra um ritmo que me deixa em chamas.

Ele empurra mais rápido, atingindo um ponto que me faz gemer e

gemer como um animal selvagem no cio. Eu me contorço contra ele, exigindo mais.

Ele me dá o que eu quero e mais um pouco. Cada movimento implacável de seus quadris envia outro raio de prazer chicoteando através de mim até atingir uma crista.

Meu orgasmo é tão potente, tão *severo* que toma conta de mim e não me solta até que eu esteja gritando seu nome.

Com um grunhido áspero, ele me gira e me senta na mesa.

Se eu pensava que seus golpes eram cruéis antes, não tem nada agora. Mão apertando minha garganta, ele pega o que quer de mim... e eu abro mais minhas coxas, deixando-o.

O prazer contorce seu rosto e um profundo som gutural sai dele...

Então sua boca bate contra a minha.

Seu beijo é tão intenso, tão intenso, *que* perco a capacidade de respirar.

Phoenix toma minha boca como um inimigo conquistando seu oponente.

*Como se ele tivesse vencido*.

Eu engulo seu gemido selvagem enquanto ele bombeia dentro de mim uma última vez antes de sair. Ele morde meu lábio com força suficiente para tirar sangue quando um fluxo de líquido quente penetra no tecido da minha camisa.

Estou tonta quando finalmente nos separamos. Todos os pensamentos que eu me forcei a ignorar antes de voltar correndo com uma vingança, me deixando sóbria.

Saindo da mesa, ajeito minha saia enquanto ele se enfia de volta em seu jeans.

Vozes ao longe enviam uma onda de pânico em espiral através de mim. Eu me viro para poder correr para os beliches, mas Phoenix agarra a parte de trás da minha camisa, me puxando contra ele.

Ele desliza a mão entre as minhas pernas, juntando os restos do meu orgasmo em seus dedos. ─ Eu disse a você que da próxima vez que eu fodesse você, terminaria com você gozando em todo o meu pau.

Arrependimento aperta meu peito enquanto eu me solto de seu aperto. ─ Isso foi um acontecimento único.

Agora que tiramos isso do nosso sistema, podemos voltar a nos odiar.

Seus lábios se curvam em um sorriso arrogante enquanto ele lambe os dedos. ─ Mentirosa.

# CAPÍTULO 46

## LENNON

Fecho meus olhos enquanto “She Hates Me” de Puddle of Mudd toca nos meus novos fones de ouvido.

Estou agradecida por estarmos no ônibus porque não só consigo dormir, como posso evitar facilmente tanto Phoenix quanto George.

Estou murmurando a letra e tamborilando meus dedos com a batida quando a cortina do meu beliche é aberta.

— O que...

Skylar puxa meus fones de ouvido. — Prepare-se, dorminhoca. Nós vamos sair hoje à noite.

*Ugh*. O aniversário de George é hoje.

É mais uma razão pela qual tenho evitado ele como uma praga.

Dizer a alguém que você não gosta dele quando ele *realmente gosta* de você já é bastante duro. Dizer em seu aniversário? Isso é sem coração.

— Eu vou ficar para trás. — Eu aperto meu estômago. — Minhas cólicas menstruais são *assassinas*.

— Fala sério, Lennon, — Storm grunhe do beliche acima do meu.

Skylar levanta uma sobrancelha. — Isso é estranho. Você nos comprou lanches e tampões dez dias atrás.

Droga. Essa é a última vez que vou fazer uma corrida de comida para a Srta. Intrometida.

— Ainda *mais* mentindo — murmura Storm.

— Eu... você não conhece meu ciclo, Skylar.

— Eu também não quero saber o seu ciclo, — Storm grita.

Fazendo um punho, eu bato no topo do meu beliche. — Então coloque seus fones de ouvido.

Skylar cruza os braços sobre o peito. — Todo mundo sabe que os ciclos das garotas se sincronizam de perto.

Eu fico em silêncio, o que só deixa a *detetive* Skylar mais desconfiada. — Você não estaria se escondendo porque algo aconteceu com você e Phoenix, estaria?

Finjo inocência porque qualquer coisa que eu disser pode ser usada contra mim. — Nada aconteceu entre mim e Phoenix.

Acima de mim, Storm bufa.

Faço uma nota mental para comprar ao bisbilhoteiro um par de fones de ouvido com cancelamento de ruído.

— Nesse caso, é o aniversário do seu homem. É praticamente seu dever estar lá. — Caminhando até seu próprio beliche, ela abre a mala. — Além disso, o clube que vamos é incrível. Você *tem* que vir.

— Não posso. — Eu me sento na cama. — Eu não tenho roupas extravagantes.

Minha única roupa bonita agora tem uma mancha de esperma.

Skylar não aceita não como resposta, porque ela puxa um vestido preto minúsculo. — Você está com sorte. Sua nova melhor amiga tem muitas roupas chiques. Seus olhos se estreitam. — Mas toque nos meus sapatos e eu vou arrancar sua pele com um estilete enferrujado.

*Caramba*. Felizmente, não vou tocar nos sapatos dela. Ou suas roupas.

Eu não poderia mesmo se eu quisesse.

— Eu aprecio isso, mas você é como um tamanho dois. Não há como esse vestido ou qualquer outra coisa sua servir em mim.

Essas não são minhas velhas inseguranças falando também. É apenas matemática básica, ciência... e moda.

Mão apertando o peito, ela ri. — Estou lisonjeada, docinho, mas

nunca recuso torta ou frango frito, então sou cinco. ─ Ela gesticula para que eu fique de pé. ─ Sem problemas. O vestido é de elastano.

Eca. Esse é o pior material para quem não tem barriga lisa.

─ Elastano não significa que vai caber.

Com um huff, ela coloca a mão no quadril. ─ Sim vai. Inferno, com um bom par de elastano, caberá em *Storm.*

─ Não gosto de onde essa conversa está indo ─ queixa-se Storm. ─ Pegue o vestido, Lennon.

─ Eu...

─ Oh meu Deus, ─ Skylar grita. ─ Confie em mim. Eu tenho jeito para essas coisas. Você vai ficar gostosa pra caralho.

Eu balanço minha cabeça para minha doce e nova melhor amiga *delirante*. ─ Só se você pensar que *gostosa pra caralho* são cinco quilos de merda em um saco de cinco quilos.

*Literalmente*. Dada a nossa diferença de tamanho.

Skylar olha para cima. ─ Diga a ela que ela é uma vadia gostosa e sexy, Storm.

─ Você é uma cadela gostosa e sexy, Lennon ─ diz ele secamente. ─ Agora use o maldito vestido para que eu não tenha que ouvir vocês duas tagarelando sobre isso a noite toda.

─ Ceeerto. ─ Eu arranco o vestido de Skylar. ─ Mas só porque é fofo e bagunçado.

─ Aleluia. Eu estava prestes a te despir eu mesma. ─ Em êxtase, ela puxa minha mão. ─ Vamos. Transformei a sala dos fundos em um camarim para que possamos nos preparar. Estou até esquentando cera para nossas gatinhas.

─ Adeus, ─ Storm murmura enquanto nos afastamos. ─ Espere. Não tão rápido. ─ Ele se senta. ─ Por *gatinhas* você quer dizer…

Skylar pisca. ─ Nossas vaginas.

*Duh*.

Sorrindo, Storm acena para nós de volta. ─ Então, por suposto, senhoras. *Fique.*

Eu me viro para Skylar. ─ Sabe o que é realmente chato? Coágulos menstruais.

─ Ugh, ─ Skylar concorda com um sorriso diabólico. ─ Eles são os piores. Especialmente quando você tem que espirrar...

Storm aponta para a porta. ─ Fora.



O vestido que Skylar me deu é tão curto que praticamente mostra minha *gatinha recém-depilada* para quem está por perto toda vez que me movo.

George – que está sentado ao meu lado na mesa VIP que Skylar reservou – se inclina. ─ Você quer uma bebida?

Eu olho para os três copos vazios na frente dele. Para alguém que não bebe, o rapaz está enchendo o saco hoje à noite.

Então, novamente, é o aniversário dele.

─ Não posso ─ eu digo acima da música. ─ Companheira de sobriedade, lembra?

Instintivamente, olho do outro lado da mesa para Phoenix. Estou satisfeita - e aliviada - por ver que ele também não está bebendo.

Esse alívio dura pouco, porém, quando Storm volta do banheiro... com quatro garotas lindas.

Nossa mesa meia-lua no canto ocupa uma boa parte da seção VIP, mas não é grande o suficiente para espremer tantas pessoas.

Skylar - que parece ainda mais deslumbrante em um vestido branco curto sem costas com um *decote profundo* - olha para cima de seu telefone. ─ Precisamos tirar uma foto de grupo para publicidade.

Os caras gemem, mas as garotas que Storm trouxe se animam

como flores na primavera.

Assumindo o comando, Skylar faz todos ficarem de pé e então posiciona os caras para a foto.

Em seguida, ela se vira para as meninas. Ela instrui duas delas a se sentarem em lados opostos de Storm e as outras dois a se sentarem ao lado de Phoenix.

Não posso deixar de notar como ela não deu uma menina a Memphis. Não que isso importe. Seus olhos ficaram grudados nela a noite toda.

— Venha aqui, Lennon. — Sem aviso, ela pega minha mão e me acompanha até George. — Já que é um aperto, você vai precisar se sentar no colo dele.

Estou prestes a recusar, mas George agarra meus quadris e me coloca em seu joelho.

Skylar tira algumas fotos e no momento em que ela termina, Storm sai com duas das garotas, liberando a mesa.

Estou prestes a me levantar, mas o aperto de George me mantem. — Fica. — Ele me dá um sorriso bobo. — Afinal, você é meu presente de aniversário.

Eu fico parada porque... *sou o aniversário dele.*

— Você não tem ideia do quanto eu gosto de você. — Varrendo meu cabelo para um lado – cabelo que Skylar levou uma hora inteira para criar ondas de praia, dado o comprimento – seus dedos roçam a extensão do meu braço. — Nós somos tão bons juntos.

O movimento do outro lado da mesa chama minha atenção. Quando olho para cima, vejo Phoenix esfregando o queixo, parecendo muito divertido.

Até que seu olhar desce e ele percebe a mão de George subindo pela minha coxa.

Então ele parece francamente homicida.

George pressiona seus lábios na minha omoplata. A coragem líquida o tornou terrivelmente ousado esta noite. ─ Você é minha garota, certo?

Eu sou *uma* garota.

─ É uma pena que nosso beijo tenha sido interrompido. ─ Sua mão viaja mais alto. Tão alto que tenho que agarrar a parte de baixo do meu vestido. ─ Mas vamos compensar isso hoje à noite.

Foda-se minha vida. *Difícil*.

Os copos vazios na mesa chacoalham, e vejo Phoenix se levantar no meu periférico.

Meu olhar trava em suas costas enquanto ele sai da seção VIP e sobe as escadas, desaparecendo na pista de dança lotada.

As duas garotas que estavam sentadas ao lado dele compartilham um olhar co-conspiratório antes de persegui-lo.

*Deixe-o ir*.

No entanto, um segundo depois, estou saindo do colo de George. ─ Eu sinto muito. Eu preciso mantê-lo longe de problemas.

─ Phoenix é um menino grande ─ argumenta ele.

─ É o meu trabalho ─ eu o lembro antes de sair.

Meu coração bate como um tambor enquanto subo os degraus íngremes que levam à varanda em um par de saltos altos que Skylar estava disposta a se separar depois que viu meu estoque limitado de sapatos.

Luzes coloridas iluminam a pista de dança lotada. Ao contrário da música house de ritmo acelerado tocando no nível mais baixo, a música aqui é mais lenta. *Mais ousada*.

Corpos de parede a parede giram uns contra os outros, movendo-se ao ritmo hipnótico.

Abro caminho pela multidão, tentando encontrá-lo.

Dado que ele é tão alto e uma estrela do rock, você pensaria que a

tarefa seria muito mais fácil.

Pânico quente e espinhoso sobe pelo meu peito e me sinto tonta. *E se ele estiver usando drogas*?

Eu tento ignorar a maneira como meu coração tropeça com meu próximo pensamento.

*E se ele estiver fodendo aquelas garotas*?

Minha frustração aumenta a cada minuto que passa. Estou pensando em desistir e voltar para baixo, mas um braço forte envolve minha cintura.

Estou prestes a dizer a quem quer que seja para manter suas patas sujas longe de mim, mas estou girando tão rápido que quase tenho uma chicotada.

Eu mal tenho tempo para registrar que é Phoenix antes que ele me bata contra a parede dos fundos e seus lábios colidam com os meus.

Seu beijo é tão dominante quanto ele. Ele não está me reivindicando... ele está tomando.

Mão em túnel no meu cabelo, ele força minha boca a se abrir ainda mais.

Um gemido profundo ressoa em seu peito enquanto ele me alimenta com sua língua em golpes vorazes, seus dedos cavando em minha bunda.

*Oh Deus. Oh Deus. Oh Deus.* Isso *não pode* acontecer.

E se eu não o parar neste segundo... será tarde demais.

Rasgando minha boca, eu pressiono a palma da mão em seu peito. ─ O que você está fazendo? Eu disse que ontem à noite foi uma coisa de uma vez.

Ele apoia as mãos na parede de cada lado da minha cabeça, me prendendo. ─ Não para mim. ─ Mordendo seu piercing no lábio, ele examina meu corpo da cabeça aos pés. ─ E não para você também. Caso contrário, você não estaria aqui em cima. ─ Inclinando a cabeça,

ele desliza o nariz ao longo da coluna da minha garganta. ─ Seu namorado sabe que ele não tem chance ainda?

Justo quando penso que sua determinação não pode piorar.

─ Eu não pertenço a você. E ao contrário da minha música, não sou algo que você pode roubar.

─ Você tem razão.

Eu prendo minha respiração. *Ele está finalmente admitindo isso*?

Minha bolha de esperança estoura quando seus lábios se curvam em um sorriso pomposo. ─ Eu não posso roubar algo que já é meu.

Raiva, mágoa e luxúria são uma mistura potente em minhas veias quando passo por ele. ─ Você não pode ter algo que já perdeu.

Phoenix está no meu encalço enquanto abro caminho pela multidão. Estou me aproximando da sacada que leva às escadas quando ele agarra meu pulso.

─ Eu não perdi você, Lennon. Você está bem aqui.

Não porque eu quero estar.

Seu aperto aperta, como se ele estivesse com medo se ele não me segurar com tudo que ele tem, eu vou escapar. *Ele não percebe que eu já fui*.

─ Conte a ele sobre nós.

Eu não posso olhar para ele enquanto digo minhas próximas palavras. ─ Não há nós.

*E ele só tem a si mesmo para culpar*.

# CAPÍTULO 47

## PHOENIX

Não há nós.

Ela sabe que isso é uma porra de uma mentira.

E eu vou provar isso para ela agora.

Porque não importa o quanto ela tente se convencer de que me despreza... ainda há uma parte de mim que ela quer.

E estou usando isso a meu favor.

Enrolando minha mão livre em torno de seu quadril, pressiono a frente de seu corpo contra a varanda.

O painel de vidro entre as duas grades é tingido de preto, protegendo sua metade inferior das pessoas abaixo de nós.

Para qualquer outra pessoa, vamos parecer que estamos dançando, mas não é isso que tenho em mente.

Aqueles grandes olhos castanhos estão arregalados quando ela olha para mim por cima do ombro. — Phoenix.

Eu corro meu nariz ao longo do seu pescoço. Ela cheira tão bem, como virtude e tentação. Eu quero lamber, foder e corromper cada centímetro dela.

— Segure o corrimão.

Um ruído agudo fica preso em sua garganta e ela hesita, como se quisesse dizer não, mas seu corpo não permite a traição.

— Não foi um pedido.

Eu torço seu cabelo sedoso entre meus dedos até que ela obedece como a boa menina que ela é.

Abaixando o zíper do meu jeans, eu libero meu pau. Eu tenho

estado duro como uma rocha desde aquele beijo e eu preciso estar profundamente dentro dela.

Ela também precisa.

Só que ao contrário de mim, ela não vai admitir isso.

*Ela não pode lidar com a implicação*.

— Eu sei o que você quer, Lennon.

— Eu duvido muito — ela zomba.

Sufocando um gemido, deslizo minhas mãos pela parte de trás de suas coxas nuas.

Quanto mais eu subo... mais ela treme.

Sua respiração trava quando eu puxo seu vestido minúsculo para cima o suficiente para expor a parte inferior de sua bunda. — Você quer um passe livre para gozar no meu pau.

Eu deslizo a ponta do meu dedo por sua fenda antes de puxar sua calcinha para o lado. — Você quer que eu te foda tão bem que você vai esquecer.

A cabeça do meu pau cutuca sua fenda acetinada. Ela está tão molhada para mim, ela está pingando.

Agarrando-me, arrasto meu comprimento através de seus lábios encharcados, reunindo seus sucos em meu eixo.

— Você fica tão molhada quando ele te toca ou isso é só para mim?

Arrepios surgem ao longo de sua carne e ela arqueia as costas levemente.

— Isso foi o que eu pensei.

Em um gemido, eu afundo dentro dela. Ao contrário da noite passada, onde eu a peguei forte e rápido, eu a fodo em movimentos medidos, deliberadamente extraindo seu prazer.

E o meu.

Olhando para a varanda, examino a multidão. Meus lábios se contorcem quando vejo George que ainda está sentado sozinho.

Sem dúvida esperando *minha* garota voltar.

Eu pressiono meus lábios no ponto sensível logo abaixo de sua orelha. ─ Você acha que ele sabe que eu estou dentro de você?

Instantaneamente, seu corpo fica tenso.

Segurando sua boceta, eu roço seu ombro com meus dentes.

─ Você acha que ele sabe que isso é meu?

*Tudo meu*.

Eu chupo sua pele em minha boca e esfrego seu clitóris inchado com meus dedos. ─ Você acha que ele sabe o quão forte você gozou para mim na noite passada?

Contraindo os quadris, ela choraminga.

O calor lambe minhas bolas e eu esfrego mais rápido. ─ Como estou prestes a fazer você gozar agora.

Esse é o único aviso que ela recebe antes que eu agarre o corrimão.

Minhas estocadas ganham velocidade enquanto eu bombeio dentro e fora dela. Eu não me importo com quem está assistindo. Só me importo com a sua boceta apertada.

A cabeça de Lennon pende para o lado, e ela sibila enquanto se aperta ao meu redor, ordenhando meu pau enquanto atinge o orgasmo.

Isso desencadeia minha própria liberação, convocando um gemido baixo de mim enquanto minhas bolas apertam.

Como se sentisse que estou prestes a sair, ela espia por cima do ombro. ─ Dentro de mim.

*Porra*.

Meu abdômen aperta e eu pulso pelo que parece uma vida inteira antes de encher sua boceta com meu esperma.

Triunfo surge através de mim e os cantos dos meus lábios sobem em um sorriso presunçoso enquanto meu olhar trava com o de George.

O idiota está assistindo desde o momento em que enfiei meu pau

dentro dela.

Espero que ele tenha gostado do show. *Eu sei que gostei*.

Alheio ao nosso espectador, Lennon ajusta seu vestido.

Sem quebrar o contato visual, pressiono um beijo suave na lateral de seu pescoço. ─ É seguro dizer que ele sabe agora.



Lennon não diz uma palavra na viagem de limusine de volta ao ônibus.

Nem George.

No entanto, eu sei como é a culpa melhor do que ninguém.

E neste momento? Parece a Lennon.

O que não faz sentido, porque ela não fez nada de errado.

George não é seu namorado e, no fundo, ela sabe que nunca gostou dele.

Se ela gostasse, sua boceta não estaria vazando meu esperma.

Expressão desconfortável, Lennon olha para George enquanto a limusine se aproxima do ônibus. ─ Posso falar com você?

Olhando para frente, suas narinas se dilatam. ─ Não.

Memphis, Storm e Skylar trocam um olhar inquieto e no momento em que a limusine para completamente, eles saem.

George sai do veículo em seguida.

Agarro o braço de Lennon quando ela começa a sair. ─ Não se atreva a pedir desculpas.

Era sua própria maldita culpa por tentar reivindicar algo que não lhe pertencia. O filho da puta deveria ter prestado atenção aos meus sinais de alerta em vez de ignorá-los.

Evitando o olhar, ela sussurra: ─ É o aniversário dele.

Com isso, ela sai.

Eu também.

A raiva fervilha no meu intestino quando ela corre até George, parando-o logo antes de ele entrar no ônibus.

— Estou tão...

— Foda-se — George retruca, mas isso é tudo que ele tem a chance de dizer por que eu o empurro contra o ônibus.

Lennon puxa minha manga, tentando protegê-lo. Ela não compreende que estou fazendo o mesmo por ela.

— Phoenix, *pare*.

Não. Se esse bastardo quer descontar sua raiva em alguém, ele pode ser homem e descontar em mim.

Porque eu conheço aquele olhar em seus olhos. *Onde pode levar*.

E da próxima vez que ele olhar na direção de Lennon com uma pitada de hostilidade, eu vou fazê-lo engolir seus malditos dentes.

— Você nunca teve a porra de uma chance com ela.

Sua rejeição não era previsível... era *inevitável*.

É por isso que ele está tão bravo.

Sua mandíbula endurece. — O que te dá tanta certeza disso?

Ele é mais estúpido do que eu pensava se ele acha que já houve uma disputa entre nós.

Meus dedos apertam em torno de sua camisa e eu o olho nos olhos.

Eu não preciso usar meus punhos para bater nesse filho da puta.

Eu só tenho que atingi-lo com a verdade.

— Porque você implorou para ela te beijar... e ela *me implorou* para fodê-la.

A dor aparece em seu rosto enquanto a realidade fria da situação afunda.

Liberando meu aperto, dou um passo para trás.

Como esperado, ele não diz merda nenhuma enquanto se vira e corre pelas escadas do ônibus.

A indignação cruza os belos traços de Lennon. — O que diabos você

pensa que está fazendo?

Eu a prendo com um olhar que a faz prender a respiração.

— Estou perseguindo isso.

# CAPÍTULO 48

## LENNON

Estou perseguindo isso.

Nas últimas quarenta e oito horas, essas palavras — as mesmas palavras que ele me disse naquela época — ecoam na minha cabeça como uma música ruim repetindo.

A porta que liga nossos dois quartos de hotel se abre e o batom que eu estava aplicando escorrega da minha mão, caindo no chão.

Um Phoenix irritado e nu invade meu quarto. — Você não estava na minha cama quando eu acordei.

Manter meu olhar treinado em seu rosto exige uma quantidade surpreendente de força de vontade.

Então, não pensar nele invadindo meu quarto no meio da noite e me arrancando da minha cama... só para que ele pudesse me curvar e me foder sem sentido na *sua*.

Tudo aconteceu tão rápido que não tive tempo de contestar.

Pelo menos, essa é a história que continuo contando a mim mesma e estou aderindo a ela.

É uma merda quando a pessoa que você odeia também é a mesma pessoa que te dá um pau alucinante.

Mas ei, uma garota tem necessidades.

E neste momento? Eu *preciso que* ele coloque algumas roupas para que possamos sair para a passagem de som. Eu não estou com vontade de lidar com a putaria de Chandler... ou sua veia saliente na testa.

Eu me abaixo para pegar meu batom, permitindo-me uma olhada superficial. *Santo Deus.* Mesmo sem ereção, seu tamanho impressiona.

— Vista-se. Temos que estar no local em trinta minutos.

Voltando-me para o espelho, termino de aplicar meu batom.

— Eu quero você na minha cama quando eu acordar.

Não posso deixar de rir, o que faz com que meu *Ruby Woo* se estenda além do arco do meu cupido. *Caramba.* — E eu quero a paz mundial. — Pego um lenço da caixa. — Podemos arquivar ambos em coisas que nunca vão acontecer.

O aperto de sua mandíbula me diz que ele não está se divertindo. — Que parte do *estou perseguindo* é difícil para você entender?

Desta vez, a risada que me deixa é revestida de amargura.

— Essas palavras não significam o que você acha que significam, Phoenix.

Porque quando você *persegue algo com* alguém, você não a convida para o seu show para que ela possa entrar e encontrar você transando com a sua pior inimiga com o único propósito de roubar a música dela.

O sexo pode ter sido falso, mas a dor era real.

— Eu sei exatamente o que essas palavras significam e exatamente o que eu quis dizer quando as disse. — Ele me examina da cabeça aos pés, seu olhar penetrante. — Aqui está uma dica, Groupie. Também começa com a letra G.

Uma dor aguda queima meu peito, chamuscando meus pulmões.

Depois de todos esses anos, a garota ingênua sentada no banco do passageiro de seu carro, entregando-lhe seu coração pulsante, finalmente conseguiu sua resposta.

*Pena que ele pegou aquele coração e o esmagou*.

Balançando a cabeça em desgosto, pego minha bolsa.

Estou ciente dele se aproximando de mim enquanto me dirijo para a porta, então acelero.

Ele é mais rápido do que eu pensava, porque no segundo que eu

abro, ele fecha.

Eu pressiono minha testa contra o painel enquanto seus lábios tocam minha orelha. ─ Significa que você é minha. E eu sou seu. ─ Mãos ásperas agarram minha cintura e ele me gira. ─ E agora que estamos juntos novamente, quero você na minha cama todas as noites. Entendido?

Não. Eu não *entendi*.

Minha cabeça está pesada com emoções e memórias. ─ Juntos novamente?

As mãos na minha cintura apertam quando eu rio. ─ Nós saímos - e eu uso esse termo muito vagamente - por dois dias. ─ O que é ser *generoso*. ─ Aquilo não foi um relacionamento.

Ele segura meu queixo, parecendo tão sério que faz meu coração pular várias batidas. ─ Então deixe-me fazer um trabalho melhor desta vez.

Fechando meus olhos, eu engulo o nó na minha garganta.

Quatro anos atrás, eu não apenas teria dito sim sem qualquer hesitação, mas tenho certeza de que teria morrido de felicidade.

Mas essa Lennon não existe mais.

E essa Lennon nunca o perdoará por ser a causa disso.

O único relacionamento que eu quero de Phoenix Walker é o tipo que me dá orgasmos.

Abrindo meus olhos, eu encaro os dele. ─ Nós não estamos juntos. Essa coisa entre nós é apenas sexo.

A expressão séria em seu rosto se transforma em uma de aborrecimento. ─ Besteira.

─ Não é. No que me diz respeito, somos apenas duas pessoas se divertindo. Amigos de foda.

Só que não somos mais amigos.

Tanto o rosto quanto o aperto se afrouxam. ─ Eu não quero ser seu

*amigo de foda*.

Ele cospe as duas últimas palavras como se tivessem um gosto rançoso.

Infelizmente, para ele, isso não é mais sobre o que Phoenix Walker quer mais. Isso é sobre o que *eu* quero.

— Certo. Quero dizer, você me ofereceu um passe livre na outra noite, mas se a oferta não estiver mais na mesa, tudo bem.

Eu vou passar por ele, mas ele prende meus dois pulsos acima da minha cabeça com uma de suas mãos. — E se ainda estiver na mesa? E então?

O fogo passa por mim, e meus mamilos endurecem. — Então seu pau pode me ter pelas próximas quatro semanas... é isso.

Isso é tudo que sempre será.

Devido à escolha que *ele* fez naquela época.

Esses pensamentos voam para o segundo plano, no entanto, no segundo em que sua boca encontra meu pescoço, e ele aperta meu seio.

— Nesse caso... — Um zumbido quente vibra no fundo da minha barriga quando ele cai de joelhos e puxa minha legging e calcinha para baixo em um movimento fluido. — Vou fazer valer cada momento.

Pena que não temos momentos de sobra agora. — Estamos atrasados...

O primeiro golpe de sua língua é uma provocação lenta e lânguida ao longo do comprimento da minha fenda que me faz engasgar.

Gemendo, ele me espalha com dois de seus dedos. — Porra. Isso é bom.

A segunda é uma chicotada voraz de fome que incendeia cada terminação nervosa minha. — Puta merda.

Ele simplesmente ri entre longas lambidas que me deixam louca.

— Não pare — eu sussurro. — Não ouse parar.

Puxando meus quadris para frente, ele enterra o rosto entre minhas coxas. *Festejando*.

Minhas mãos seguram a porta atrás de mim para me equilibrar e eu gemo seu nome.

Um pouco alto demais.

A ansiedade aperta meu peito com meu próximo pensamento.

— Temos que manter isso em segredo.

*Não posso perder meu emprego*.

Seu olhar faminto se move para encontrar o meu. — Chega de foder em público. Entendi.

Meu estômago se revira de remorso. — Pobre George.

É seguro dizer que ele não está mais falando comigo. Não que eu possa culpá-lo.

Uma mordida afiada na parte interna da minha coxa me faz assobiar.

Desta vez, quando Phoenix olha para mim, seu olhar é absolutamente letal. — Nunca diga o nome dele, ou o nome de qualquer outro cara, enquanto eu estiver brincando com sua boceta.

— Ou o que? — Eu desafio.

— Você não pode fazer isso.

Ele varre um longo caminho até minha boceta que termina com um puxão profundo do meu clitóris.

Eu estremeço, virando-me contra ele. — Oh...

Uma batida forte na porta me faz estremecer.

— Você viu Phoenix? — Chandler grita. — Ele não está atendendo o telefone ou a porta.

*Merda. Merda. Merda.*

Eu aceno para Phoenix parar, mas ele me ignora. *Idiota*.

— Ele está... — *Oh Deus.* Ele está sondando meu buraco com a língua, me esticando. — Comendo. — Solto um suspiro trêmulo. — Andar

de baixo.

— Bem, diga a ele para se apressar, — Chandler resmunga. — Temos que estar no local em quinze minutos.

Enquanto seus passos desaparecem, eu dou a Phoenix um sorriso malicioso. — Se apresse.

Ele levanta a cabeça e a visão de seus olhos encapuzados, cabelo bagunçado e mandíbula afiada brilhando com a minha umidade é quase o suficiente para me fazer gozar. — Você vai gozar quando *eu* decidir.

Lentamente, ele desliza um de seus longos dedos dentro de mim. Eu respiro fundo quando ele recua e imediatamente mergulha de volta. — Não pare. Por favor.

Pressionando um beijo suave na minha boceta, ele me dá um sorriso sombrio. — Eu gosto quando você implora, Groupie.

*Eu o odeio*.

Ugh... mas seu *pau*.

Sua *boca.*

Eu cavo meus dedos na parte de trás de seu pescoço. — Por favor.

— Continue implorando — ele rosna, e a vibração me faz chorar.

— Por favor. — Ele suga meu clitóris e eu juro que vejo estrelas. — Por favor, por favor...

— Se Phoenix está comendo, então o que *você está* fazendo? — Chandler ressoa do outro lado da porta.

Eu impulsiono em sua mandíbula enquanto uma onda interminável de prazer me engole. — Estou indo. — Meus dedos se enrolam em seu cabelo, agarrando sua preciosa vida enquanto eu explodo. — Estou indo agora mesmo.

— Faça rápido, — Chandler grita, e então seu telefone toca. — Merda. É Vic. Encontro você lá embaixo no saguão.

Phoenix se levanta um momento depois. A expressão ártica em seu rosto me joga.

Estou prestes a perguntar qual é o problema dele, mas ele passa o polegar sobre meu lábio inferior, manchando meu batom. ─ Eu espero que essa boca seja enrolada no meu pau mais tarde, *amiga*.

Com isso, ele sai do quarto, mas não antes de eu pegar um vislumbre da dor em seus olhos.

A ironia de Phoenix - senhor, eu não quero que nada complique - estar chateado por eu só querer ele para sexo é cômico.

Estou puxando minha legging para encontrar Chandler no andar de baixo quando me ocorre.

Se eu realmente quisesse arruinar Phoenix Walker... tudo o que tenho que fazer é partir o coração dele.

*Assim como ele fez comigo*.

# CAPÍTULO 49

## LENNON

— O que é isso? — Eu questiono quando entro no elevador atrás de Phoenix.

Ele está olhando para o mesmo pacote de papéis desde que saímos do local.

Depois de olhar ao redor do elevador vazio, ele tira algo do bolso.

Dou uma olhada duas vezes quando vejo a caneta de leitura que comprei para ele.

— É o plano de lançamento e programação de gravação para o nosso próximo álbum. — Ele desvia o olhar. — Eu acho. Ainda não consegui lê-lo completamente.

Meu peito dói quando fica dolorosamente claro porque ele está olhando para o mesmo documento por tanto tempo.

— Ninguém sabe sobre sua dislexia... sabe?

Estreitando os olhos, ele se estica por cima de mim e aperta o botão de emergência. — Ninguém, exceto Storm... e você. — O aborrecimento se choca com o desconforto em seu rosto. — Eu apreciaria se você mantivesse a porra da boca fechada.

Mesmo que eu tenha vindo aqui por vingança, ainda sou uma boa pessoa com moral.

*Assim como meu pai me criou para ser*.

O que significa que há linhas que não vou cruzar.

Dizer ao mundo que Phoenix tem uma deficiência de aprendizagem é uma delas.

Embora eu ache que *ele* deveria contar às pessoas sobre isso.

— Ter dislexia não é motivo de vergonha. Isto...

— Eu não preciso que as pessoas descubram que eu sou estúpido — ele rosna.

*Uau*. Ele entendeu tudo errado.

Abro a boca, mas ele não me dá a chance de falar. — As pessoas se aproveitam de pessoas fracas. — Os tendões em seu pescoço tensionam contra sua pele quando ele entra no meu espaço. — A gravadora já me trata como uma marionete. Eu não preciso tornar mais fácil para eles me controlarem. Dou a esses idiotas *tudo o* que tenho para que possam engordar suas contas bancárias. — Enrolando o documento, ele o enfia no bolso de trás da calça jeans. — Mas eu não estou dando a eles essa parte de mim.

Eu deixo um pouco para lá porque há *muito* o que entender aqui. Em algum nível, eu entendo o que ele quer dizer.

As pessoas se aproveitam de pessoas fracas. Especialmente quando dinheiro e poder são jogados na mistura.

Mas Phoenix não é fraco. Ou estúpido.

— Você é muitas coisas. — Estendendo a mão, eu seguro o lado de seu rosto. — Mas estúpido *não é* uma delas.

Meu coração martela em minhas costelas. Mesmo que eu não devesse dizer as próximas palavras, eu sei que ele precisa ouvi-las.

— No que diz respeito à gravadora, pode ser o tabuleiro de xadrez deles, mas *você é o* Phoenix Walker. Você pode decidir se quer ou não jogar o jogo. E se você não quiser? Deixe a maldita mesa. Confie em mim, eles seguirão... porque não há mais ninguém como você por aí.

*Nunca haverá*.

Eu sabia desde o primeiro segundo que coloquei os olhos nele que ele era especial... e isso não mudou.

Meu estômago vibra quando ele arrasta os dedos pelo lado do meu pescoço e nossos olhares colidem.

Eu sinto o contato em todos os *lugares*.

Sua voz é tão rouca que quase não a ouço. ─ Eu sinto sua falta.

Antes que eu possa processar o que ele está dizendo, sua boca está na minha, me reivindicando.

Meu pulso acelera quando ele me bate contra a parede, suas mãos percorrendo cada parte do meu corpo e sua ereção cavando em meu estômago.

Um gemido escapa quando ele enfia a mão dentro da minha calça e esfrega os dedos contra a virilha úmida da minha calcinha. ─ Você está sempre tão molhada para mim.

Estou prestes a lembrá-lo que metade das mulheres do mundo estão sempre molhadas para ele – e isso é uma *subestimação* – mas ele desliza um dedo dentro de mim.

─ Nossos quartos são apenas mais dois andares.

Desde que ele não quebrasse o elevador apertando o botão de emergência.

Ele começa a bombear os dedos. ─ Eu quero que você goze para mim aqui.

*Oh Deus*.

Minha cabeça cai para trás e eu fecho meus olhos.

─ Você tomou banho desde a última vez que eu comi você?

A última vez que ele me fodeu foi no carro mais cedo enquanto estávamos dirigindo para a passagem de som... e depois disso, pegamos comida com todos antes do show.

─ Não. ─ Minhas bochechas esquentam de vergonha. *Eu cheiro*? *Eu me sinto suja*? ─ Não deu tempo...

─ Bom. Então sua boceta ainda está cheia do meu esperma.

Com uma respiração irregular, Phoenix remove o dedo e esfrega a umidade em meus lábios. ─ Abre.

Quando eu faço isso, ele os desliza dentro da minha boca, me

fazendo sentir *nosso gosto*.

Minha frequência cardíaca aumenta porque o movimento é muito sujo.

— Chupe.

Deus me ajude, porque eu faço.

— Você gosta de sentir meu esperma escorrer de você depois que eu te fodo?

Eu concordo.

Mesmo tomando anticoncepcional, nunca fiz sexo sem camisinha antes daquela noite no clube.

E a única razão pela qual eu disse a ele para gozar dentro de mim foi porque eu não queria que o idiota manchasse o vestido que Skylar me emprestou.

E agora? Bem... você não pode desfazer um sino.

Ele desliza os dedos para fora da minha boca e os enfia dentro de mim. — Você gosta de como bagunça sua calcinha?

*Jesus*.

Aproximando-se, ele lambe meu lábio inferior e seus movimentos aceleram. — Você...

O elevador ganha vida com um grande solavanco.

*Que diabos*? Ninguém deveria determinar qual é a emergência primeiro?

Phoenix mal tem tempo de tirar a mão da minha calça antes que as portas do elevador se abram.

A ansiedade inunda meu estômago quando vejo Chandler parado ali.

Ele respeita Phoenix. — Ah. Aí está você. Eu tenho batido na sua porta nos últimos cinco minutos.

— Problema com o elevador — dizemos em uníssono.

Ele olha entre nós antes de voltar sua atenção para Phoenix. — Vic

vai ter seu secretário aqui durante a noite com o contrato para que você e o resto dos caras possam assiná-lo.

— Não vou assinar nada até analisar a proposta e o cronograma.

Com isso, Chandler solta um suspiro expansivo. — Eu dei a você assim que o show terminou. Você teve muito tempo para lê-lo.

A mandíbula de Phoenix aperta. — Eu...

— É minha culpa — eu interrompo. — Eu continuei incomodando ele sobre ir para a terapia na volta para casa.

Chandler faz uma careta. — Ele é um astro do rock. Você não precisa segurá-lo perto de seu peito e cuidar dele.

Ele é a porra de uma *pessoa* que eu quero gritar de volta, mas Phoenix limpa a garganta.

— *Ele* está bem aqui. Vou dar uma olhada hoje à noite.

— Certo. — Chandler tira o telefone do bolso e aperta o botão do elevador. — Estou indo para a cama. Bom show esta noite.

Nenhum de nós diz uma palavra.

— Lennon? — ele late quando as portas se abrem.

— Sim?

— Nós pagamos a você para mantê-lo longe de problemas, não para mantê-lo longe de suas obrigações. Atenha-se à descrição do seu trabalho.

Fico feliz que ele entre no elevador depois disso para que ele não possa ver o dedo médio gigante que estou mostrando a ele.

— Eu entendo o que você quer dizer sobre eles te tratarem como uma marionete, — digo a Phoenix enquanto caminhamos pelo corredor para nossos quartos.

Ele ri, mas é desprovido de humor. — Chandler é realmente o mais decente de todos eles.

Não parece certo. O próprio Chandler disse. *Ele é* uma estrela do rock. Portanto, *ele* deve ser o único a ditar as regras.

Phoenix deve ser capaz de sentir o que estou pensando, porque ele resmunga: ─ Este é o meu sonho, Lennon. Aquele pelo qual eu trabalhei pra caramba.

*Certo*.

Eu cavo meu cartão-chave da minha bolsa. ─ Boa noite.

Estou abrindo a porta do meu quarto quando sua mão desliza em volta da minha cintura. ─ Onde você pensa que está indo?

─ Para a cama.

A mão na minha cintura desliza para baixo para apertar minha bunda. ─ Bom. Então estamos na mesma página. ─ Antes que eu possa protestar, ele chupa minha orelha entre os dentes. ─ Mas os planos que tenho em mente para nós envolvem minha cama. Não a sua.

Uma onda de calor me envolve. ─ Que planos?

Depois de tirar o cartão-chave do bolso, ele abre a porta e me puxa para dentro. ─ Esta noite, *você* vai ser o fantoche.

Não deveria soar tão atraente, mas santo inferno, soa.

No momento em que a porta se fecha, sou pressionada contra ela.

Eu fecho meus olhos enquanto sua boca desliza pelo meu pescoço. ─ Eu não consegui te fazer gozar no elevador. ─ Dentes afiados beliscam minha clavícula. ─ O que significa que eu preciso fazer você gozar duas vezes agora.

*Sorte a minha*.

Esfrego sua ereção através de suas calças. ─ Se você realmente quer que eu goze você...

Um grito sai da minha garganta quando noto uma mulher parada a seis metros de distância, *olhando* para nós.

Phoenix se vira, me protegendo.

─ Oi, ─ a mulher – ou melhor, a *garota* – diz por que ela não pode ter mais de dezessete anos. ─ Desculpe. Eu não queria te assustar. Eu só... estou morrendo de vontade de conhecer você.

Eu cutuco Phoenix nas costelas. ─ Veja? *Isso* é o que acontece quando você não usa segurança para suas groupies.

Talvez *agora* ele perceba como é importante ter guarda-costas e pare de mandar eles se foderem o tempo todo.

Phoenix tira o telefone do bolso. ─ É pra já.

─ Não ─ a garota implora quando ela se aproxima. ─ Por favor, não chame a segurança. Eu posso explicar.

─ Comece explicando como você entrou no meu quarto, ─ Phoenix late.

─ Fácil. ─ Ela levanta os ombros em um encolher de ombros indiferente. ─ Eu roubei um cartão de limpeza de uma das empregadas.

*Sim*. Esses fãs não brincam.

Mas o que é ainda mais perturbador do que ela invadir é a maneira como ela continua cobiçando Phoenix com seus grandes olhos verdes malucos.

Eu honestamente não ficaria surpresa se ela sacasse uma arma neste momento.

Eu o cutuco novamente. ─ Chame a segurança. *Agora*.

Ele leva o celular ao ouvido. ─ Sim. Preciso de alguém aqui imediatamente. Uma groupie entrou sorrateiramente na minha suíte...

─ Eu não sou uma groupie ─ ela interrompe. ─ Sou sua irmã.

Eu congelo.

Phoenix, no entanto, balança a cabeça, não acreditando. Então, novamente, ele provavelmente já ouviu essa linha mil vezes antes. As pessoas vão fazer e dizer qualquer coisa para conhecer um famoso astro do rock.

Embora agora que eu olho para ela... ela tem uma semelhança impressionante com ele.

Assim como Phoenix, ela tem cabelo loiro escuro, só que o dela é longo e super ondulado. Ela também compartilha sua incrível estrutura

óssea. Ela também é esguia e alta – bem, alta comparada a mim – já que ela paira em torno de 1,75m.

Sem mencionar... ela é furtiva e gosta de roubar, então é isso.

— Tragam suas bundas aqui agora, — Phoenix resmunga antes de desligar o telefone.

— Quantos anos você tem? — Eu pergunto, o que me rende um olhar de Phoenix.

— Não comece uma conversa com a groupie psicopata. Isso só vai encorajá-la.

— Ei. Eu não sou uma groupie psicopata, — ela diz com uma carranca. — Eu nem acho que Sharp Objects é tão bom assim. Harvey Trinity do Steppingstone estava certo, seu último álbum foi pior do que uma prostituta no dia do pagamento. Você ficou muito comercial e se tornou vendido.

Quando os olhos de Phoenix se estreitam em pequenas fendas, ela coloca uma mecha de cabelo atrás da orelha e sorri docemente. — Eu *realmente* amei sua primeira música, no entanto. Vocês deveriam voltar a fazer coisas assim.

Pensando bem, eu meio que gosto dela.

Phoenix cruza os braços sobre o peito. — Nós não *nos* tornamos comerciais.

Ela murmura algo baixinho antes de olhar para mim. — Para responder à sua pergunta, eu tenho quinze anos. Mas farei dezesseis em cinco semanas.

*Nossa.* Ela é ainda mais jovem do que eu pensava. Onde diabos estão os pais dela?

Há uma batida forte na porta e Phoenix vai atender. — Espero que você goste da prisão.

— Espere — ela implora. — Por favor. Eu *juro* que estou dizendo a verdade.

Eu seguro o braço de Phoenix. ─ Diga à segurança que não precisamos deles.

Seu queixo cai. ─ Você está brincando comigo? Você é quem me disse para ligar para eles em primeiro lugar.

─ E agora estou lhe dizendo para mandá-los embora. ─ Eu ergo meu queixo para a garota cujo lábio inferior está balançando. ─ Olhe para ela, Phoenix. Ela é apenas uma criança assustada. Ela não merece ir para a cadeia. Podemos lidar com isso nós mesmos.

─ Certo. Mas se ela nos matar, é por sua conta. ─ Ele abre a porta. ─ Está tudo bem, pessoal. Alarme falso.

─ Tem certeza? ─ um homem do outro lado pergunta.

─ Sim, ─ Phoenix diz enquanto me encara com adagas.

Então ele bate a porta.

Depois de tirar uma garrafa de água da geladeira, eu a levo para o pequeno sofá do outro lado da sala.

─ Ok, então você tem quinze...

─ Dezesseis ─ ela corrige enquanto se senta.

*Em cinco semanas.*

Eu me sento do outro lado. ─ De onde você é?

─ Daqui.

Phoenix ─ que está encostado no parapeito da janela ─ acena com a mão. ─ Aqui significa…

─ Chicago.

Isso faz sentido, já que estamos atualmente em Chicago. Também tornará muito mais fácil levá-la para casa.

Eu provavelmente deveria descobrir mais informações antes de chegarmos a isso, no entanto.

─ Qual o seu nome?

A hesitação cruza seu rosto. ─ Vocês não vão chamar a polícia para mim, certo?

— Talvez, — Phoenix diz ao mesmo tempo que eu digo, — Claro que não.

Ela puxa o lábio inferior entre os dentes. — Meu nome é Quinn Moore.

Eu endureço. Não me lembro por que, mas esse nome soa familiar.

Minhas mãos voam para o meu rosto quando me atinge.

Ela é a garota que Memphis engravidou *e* a garota que Skylar diz estar perseguindo ele.

*Oh. meu. Deus.* E se Skylar estiver certa, afinal? Talvez ela realmente *seja* psicótica e tenha traçado um plano para nos manter reféns até conseguir o que quiser de Memphis.

Eu olho para Phoenix. — Chame a segurança. Agora mesmo.

Seus olhos quase saltam do crânio. — Jesus Cristo, Lennon. Você vai se decidir?

O olhar nervoso de Quinn passa entre nós. — Ei, ei, ei. Achei que tínhamos superado toda essa bobagem de segurança?

*Droga.* Não posso confiar no meu instinto. Porque meu instinto me diz que ela é uma garota inocente em apuros.

Por causa de Memphis.

Estalo meus dedos para Phoenix, que está no telefone novamente. — Desligue com a segurança e ligue para Skylar. Diga a ela para vir aqui... com Memphis.

Dessa forma, se *a mãe adolescente* enlouquecer, toda a sua raiva será direcionada para a pessoa certa.

Tenho certeza de que Phoenix está contemplando meu assassinato enquanto grita: — Desculpe, pessoal. Parece que é outro alarme falso. — Ele bufa. — Se eu tenho certeza? Quem diabos sabe.

Com isso, ele desliga e liga para Skylar. — Venha para minha suíte o mais rápido possível com Memphis. — Ele segura o telefone. — Ela quer saber o que está acontecendo. — Ele faz uma cara. — Eu também.

Temo que se eu contar a ela agora, ela vai alertar Memphis e ele vai fugir.

Essa é a bagunça dele. Ele tem que limpar.

— Ela saberá quando chegar aqui.

Depois de transmitir a mensagem para Skylar, ele olha para mim. — Você vai *me dizer* o que está acontecendo em breve, ou precisamos jogar charadas?

Eu começo, mas há uma batida na porta. No momento em que Phoenix a abre, Skylar entra na suíte como um membro da Guarda Nacional. Memphis e Storm seguem logo atrás.

O queixo de Skylar cai no chão quando ela vê Quinn sentada no sofá. — *Você*. — Seu olhar se move para mim. — Obrigada pelo aviso, Lennon.

Olho para Memphis. — Desculpe, mas eu não queria que ele fugisse. Isso é responsabilidade dele.

Não *vou* afundar com este navio.

Memphis – que está comendo o que parece ser um picolé derretido – suga o suco de sua mão. — Qual é a minha responsabilidade?

*Bom Senhor*. Ele é um nível totalmente novo de nojento.

— Seu bebê que esta jovem está carregando, idiota.

Com isso, as sobrancelhas de Phoenix e Storm sobem para o teto e a situação vai do limite ao caos total.

— *Porra*? — Phoenix late.

— Você me disse que era apenas um boato, idiota — diz Storm.

— O que diabos você está fazendo aqui? — Skylar estala.

— Estou visitando meu irmão, — Quinn afirma. — E eu não estou grávida.

Nós cinco trocamos olhares intrigados.

Storm é o primeira a falar. — Quem é seu irmão?

Quinn pisca como se fosse óbvio. — Phoenix.

Quando todos olham para ele, ele balança a cabeça. — Não, porra, eu não sou.

Quinn não está recuando, no entanto. — É verdade. Minha mãe é Genevieve Moore, mas seu nome de solteira é Katz.

Ela respira fundo. — O que tecnicamente faz de você meu meio-irmão, mas quem realmente usa o termo meio-irmão... a menos que você não goste da pessoa. Mas você não tem motivos para não gostar de mim porque você nem me conhece. E é *exatamente* por isso que estou tentando conhecê-lo nos últimos três anos, mas você é incrivelmente difícil de achar. Tentei ir aos bastidores algumas vezes, mas a segurança não me deixa porquê...

Ela faz aspas no ar com os dedos. —'Eu sou nova demais'. Peguei um ônibus para o hospital depois do seu acidente, mas eles tiveram a coragem de me dizer que eu não era da família, e a vez que tentei invadir seu quarto, você já tinha ido embora. — Ela sorri. — Estou muito feliz que você está aqui desta vez, porém... e que eu fui capaz de pegá-lo logo antes de vocês dois fizessem sexo.

Sagrado. Merda.

Phoenix olha para mim. — Essa parte confere... bem, a parte sobre o sobrenome da minha mãe. — Ele faz uma careta. — Não as divagações de uma lunática.

Posso sentir Skylar querendo me assaltar. Fingindo inocência, eu giro meu dedo em volta da minha orelha e boca, 'ela é *louca*'.

Phoenix olha para Quinn com desconfiança. — Como você sabe o nome de solteira da minha mãe?

Parecendo exasperada, Quinn solta um suspiro. — Porque ela é minha mãe também, idiota. — Ela aponta para si mesma. — De onde você acha que eu tirei esse tufo de cabelo e essas maçãs do rosto insanamente altas? — Olhando para o teto, ela toca seu olho. — Eu também tenho os olhos verdes dela. Veja? Sem lentes.

Phoenix não parece tão inseguro sobre tudo isso como ele fez um minuto atrás.

Oh garoto.

Enquanto Quinn e Phoenix definitivamente parecem que podem ser irmãos, suas personalidades não poderiam ser mais opostas.

Phoenix está trancado, e essa garota é um livro aberto.

Um livro aberto *estranho e astuto.*

Eu honestamente não sei o que fazer com ela ou esta situação. Eu *quero* acreditar nela... mas há uma chance de que ela esteja mentindo.

Eu não sou a única que deve estar pensando isso porque Storm esfrega a mão no rosto e diz: ─ Você realmente vai confiar nessa pequena delinquente juvenil que invadiu seu quarto de hotel?

─ Hum, olá, ─ Quinn diz, seu rosto se contorcendo com indignação. ─ Você não estava ouvindo? Eu tinha um bom motivo.

Memphis dá um passo à frente. ─ Qual foi a razão pela qual você invadiu o meu então?

Todos nos voltamos para Memphis, que até agora não falou muito. O que é estranho, considerando que Quinn é a mãe do filho dele. *Supostamente*.

Os olhos de Skylar se estreitam. ─ Você me disse que nunca tocou em um menor.

Memphis aperta a ponte do nariz. ─ Isso é porque eu nunca toquei nela, Sky. ─ Palmas para cima, ele olha para todos nós. ─ Ou qualquer outro menor para o registro.

─ Comece a falar, ─ Phoenix range os dentes antes de se sentar na cadeira ao lado do sofá. ─ Agora.

Memphis puxa uma lufada de ar. ─ Na primeira noite em turnê, voltei ao meu quarto e a encontrei lá. Eu estava prestes a chamar a segurança, mas ela me implorou para não fazer isso e então falou sem parar sobre a necessidade de vê-lo imediatamente. Ela parecia um

pouco…

— Psicótica, — Storm oferece.

— Ei! — Quinn grita.

— Mentalmente instável — diz Memphis. — De qualquer forma, imaginei que ela fosse uma perseguidora, mas quando ameacei chamar a segurança novamente, ela começou a chorar. — Ele dá de ombros. — Ela é obviamente jovem, e eu me senti mal, então me ofereci para ligar para os pais dela... — Ele olha para Quinn, que parece envergonhada. — Foi quando ela saiu correndo do meu quarto.

— E então disse ao mundo que ela estava grávida de seu filho — Skylar interrompe, incapaz de conter sua careta.

Estou bem ali com ela. Parece que Quinn foi a um tablóide inútil e começou rumores de que ela estava grávida do bebê de Memphis... presumivelmente para que ela pudesse chamar a atenção *de Phoenix.*

Isso é além de insano.

Quinn abaixa a cabeça. — Eu só queria conhecer meu irmão mais velho. — Seu olhar se fixa em seus tênis. — E eu só disse ao TMZ que *achava* que estava grávida dele. Achei que seria o suficiente para alguém do lado da banda me rastrear... então eu seria apresentada a Phoenix.

— Você poderia ter destruído a vida dele, — Skylar morde, e eu acho que nunca a vi tão furiosa.

— Eu não queria. — O remorso inunda suas feições. — Eu sei que menti, mas não é como se eu estivesse planejando ir à polícia ou algo assim. Foi apenas um boato.

— Mentiras ainda prejudicam as pessoas, — eu sussurro, intencionalmente evitando olhar para Phoenix.

Quinn se vira para Memphis. — Eu realmente sinto muito. Foi errado da minha parte fazer isso.

Memphis - que tem todos os motivos para estar lívido com a garota -

dá-lhe um aceno suave. ─ Tá legal. Todos nós fizemos merdas das quais nos arrependemos.

Eu não posso deixar de notar a forma como Skylar endurece, mas antes que eu possa ler, Quinn tira algo do bolso e entrega para Phoenix. ─ Encontrei isso em uma caixa escondida no armário da mamãe alguns anos atrás.

Phoenix mantém sua expressão neutra enquanto olha para a imagem de um garotinho loiro cantando em um frasco de xampu... como se ele estivesse se preparando para conquistar o mundo um dia.

Ele não precisa confirmar que é ele... porque há apenas um Phoenix Walker no mundo.

Skylar endireita a coluna, entrando no modo de trabalho. ─ Antes que isso vá mais longe, acho que devemos fazer um teste de DNA.

Phoenix – que ainda está olhando para a foto – acena com a cabeça.

Girando nos calcanhares, Skylar corre para a porta. ─ Vou preparar tudo.

Storm aponta o polegar para a porta que Skylar acabou de sair. ─ Eu vou fazer essa coisa.

Memphis dá um tapa nas costas dele. ─ Sim, nós temos essa coisa para fazer.

Querendo dar a Phoenix e Quinn tempo a sós para conversar, eu saio do sofá. ─ Eu vou...

Phoenix segura minha mão.

Mesmo que ele não diga isso, eu sei o que ele está pedindo.

Dando-lhe um pequeno aperto, eu prontamente me sento.

Phoenix sopra uma respiração pesada. ─ Mamãe sabe onde você está?

Ficando quieta, Quinn dirige seu olhar para fora da grande janela. *Deve ser genético*.

— Meu palpite seria não. — O que representa um grande problema, já que ela tem apenas quinze anos. — Eu sei que você quer falar com seu “Phoenix” mas se seus pais não consentirem, ele pode ter muitos problemas.

Especialmente se ela não for sua irmã. Embora as chances disso estejam diminuindo a cada minuto.

O que torna a conversa com a mãe dela ainda mais crucial... porque então saberemos com certeza.

— Precisamos ligar para eles, Quinn.

*Isso* chama a atenção dela. — Você não pode. — Seus olhos percorrem a sala nervosamente, como um animal assustado preso em uma armadilha. — Eles estão... fora da cidade.

Phoenix e eu trocamos um olhar inquieto.

*Talvez ela não seja sua irmã, afinal*.

— Nesse caso, há algum lugar que possamos levá-la? Só até podermos falar com seus pais e ter certeza de que eles estão bem com você voltando aqui.

Quinn se encolhe como uma caixa de surpresa. — Você sabe o que? Esquece. Eu vou embora.

Em um piscar de olhos, ela faz uma corrida louca para a porta.

Phoenix – cujas pernas são muito mais longas que as minhas – consegue agarrar seu braço logo antes de sair.

Quinn estremece como se estivesse com dor.

Eu corro até eles. — Relaxe, Phoenix. Você está machucando...

Meu estômago recua quando ele enrola a manga de seu moletom - o que agora que penso nisso é um pouco estranho, já que é verão - revelando uma contusão desagradável em seu antebraço.

— Onde você conseguiu isso?

— Futebol — Quinn responde rapidamente. — Fui atacada no campo outro dia. — Colocando um sorriso no rosto, ela dá um soco no ar. — Vai

Tigers.

Phoenix não parece comprá-la. Eu também não tenho certeza.

— Em que posição você joga?

— Goleiro — ela responde sem hesitação.

Ele franze a testa. — Nomeie um jogador de futebol famoso.

Quinn não perde uma batida. — David Beckham.

Ainda não convencido, Phoenix resmunga: — Quantos jogadores estão em um time de futebol?

É quando ela vacila. — Dez.

Phoenix a nivela com um olhar. — São onze.

Rindo, Quinn tenta jogar fora. — Eu não estava me contando, bobo.

Apesar de ter resposta para tudo, não consigo me livrar da ansiedade que aperta meu peito.

Alguma coisa não está certa.

Phoenix sente isso também, porque ele não parou de bisbilhotar. — Por que você seria atacada em campo se você é uma goleira?

Eu posso dizer que Quinn está momentaneamente perplexa porque eu posso praticamente ver seu cérebro construindo uma história. — Atacou com a *bola.* Mas meu time também entrou em uma grande briga com nossos rivais da escola no campo outro dia. — Ela bate no joelho com a mão livre. — Você deveria ter visto, cara. A merda ficou louca.

— É o verão, — Phoenix diz cinicamente. — A escola não está em funcionamento.

Quando o comportamento de Quinn vacila, ele olha para mim. — Chame a polícia.

— Por favor, não.

Libertando-se de seu aperto, ela corre a todo vapor.

Phoenix consegue se enfiar entre ela e a porta uma fração de segundo antes de ela sair.

— Essas contusões não são de futebol. Confie em mim, eu sei. Eu

costumava inventar as mesmas histórias de merda. ─ Cruzando os braços, ele a encara. ─ Irmã ou não, de jeito nenhum eu vou deixar você voltar para um lugar onde alguém está batendo em você.

Meu coração se contrai por duas razões diferentes.

Um, porque eu sei que isso deve estar acabando com ele por dentro.

E dois – as próximas palavras de Quinn.

─ Se você realmente soubesse, então você entenderia por que chamar a polícia é uma má ideia.

O pavor envolve meu peito e me aperta.

*Só vai piorar as coisas para ela.*

─ Porra. ─ Exalando bruscamente, Phoenix esfrega uma mão pelo rosto. ─ Olha, vou me certificar de que a polícia leve isso a sério e não leve você de volta para lá, ok?

─ Você não entende, ─ Quinn sussurra, sua voz trêmula. ─ Ele *é* a polícia.

Phoenix recua como se tivesse levado um soco e o pavor no meu peito se transforma em horror total.

─ Será ruim o suficiente quando ele me encontrar, porque ele *sempre* me encontra. Mas se você chamar a polícia, eles vão dizer ao meu pai, que é um maldito xerife, e ele vai perder a cabeça completamente. ─ Enrolando os braços ao redor de si mesma, ela estuda seus sapatos. ─ Ele odeia quando eu fujo, mas ele odeia ainda mais quando eu o envergonho. Não só ele vai fazer isso brutal, ele vai... ─ Ela engole em seco. ─ Inferno...

─ Mamãe ficar magoada, ─ Phoenix interrompe. ─ Porque esse é o pior castigo.

Eu tento respirar além do peso esmagando meus pulmões, mas é impossível.

Eu não entendo como alguém pode abusar de seu filho.

Eu não entendo como alguém pode ficar com alguém que abusa de seu filho.

*Ou como alguém poderia abandonar seu filho e deixá-los sozinhos com o monstro que os abusa.*

— O que vamos fazer, Phoenix? — Eu resmungo, meu cérebro tentando desesperadamente encontrar opções.

Não podemos chamar a polícia porque o pai dela é xerife.

Não podemos chamar a mãe porque é evidente que a mulher o protege.

A única coisa que sei é que não vamos levá-la de volta para aquele inferno.

Eu não dou a mínima se ela é sua irmã ou não.

Visivelmente frustrado, Phoenix segura a nuca. — Há foda-se tudo o que posso fazer agora. Não até que façamos um teste de DNA e recebamos os resultados.

— Você é meu irmão, — Quinn insiste pelo que deve ser a centésima vez desde que ela esteve aqui. — Juro.

— Eu preciso ter uma prova disso — ele explode antes de sua voz cair para um tom muito mais suave. — Caso contrário, não há nada que eu possa fazer para ajudá-la. Eu vou parecer um maluco abrigando uma adolescente.

É verdade. Enquanto espero que Quinn seja sua irmã, suas mãos estão completamente atadas até termos certeza.

— Mas então você vai me salvar? — Quinn exclama e o brilho de esperança em sua voz me faz piscar para conter as lágrimas.

— Sim. Eu só preciso que os resultados voltem primeiro. — Olhando para mim, ele encolhe os ombros impotente. — Enquanto isso, acho que ela pode ficar aqui.

Phoenix tenta permanecer distante, mas no momento em que Quinn corre para frente e o ataca, sua cara de pôquer diminui, uma série de

emoções iluminam seu rosto, variando de apreensão e choque à proteção.

É óbvio que ele precisa de um momento – ou vários – para processar a bomba que foi jogada em seu colo, então depois que Quinn se separa, eu sorrio para ela e digo: ─ Você pode ficar com meu quarto. Fica bem ao lado.

Seu olhar incrédulo salta entre nós. ─ Por que vocês dois não dividem um quarto?

*Merda*.

Estou pensando em maneiras de explicar o que ela viu entre nós mais cedo, ao mesmo tempo em que peço que ela educadamente mantenha a boca fechada, mas Phoenix diz: ─ Vamos compartilhar a cama hoje à noite. ─ Ele olha para o relógio caro em seu pulso. ─ São três da manhã e temos outro show amanhã, então você provavelmente deveria ir para a cama.

Colocando um braço em volta dos ombros dela, eu a guio em direção ao meu quarto. ─ Eu vou te emprestar um pijama e lavar suas roupas enquanto você dorme para que elas fiquem limpas para amanhã, ok?

─ Tem certeza?

─ Positivo.

Eu puxo uma camiseta limpa e um short de dormir da minha mala e entrego para ela. ─ Elas ficarão confortáveis em você, mas Skylar e eu podemos pegar algumas coisas para você antes do show.

Uma carranca marca seu rosto quando eu lhe entrego as roupas. ─ Hum... eu não quero parecer ingrata, mas você tem algo além de shorts?

*Ah*.

─ Sim. É claro. ─ Eu procuro um par de calças de pijama limpas. ─ Aqui.

Alívio cruza seu rosto. ─ Muito obrigada.

Depois que ela termina de se trocar no banheiro, ela volta para fora. Ela me entrega sua camiseta e jeans, mas ela ainda está vestindo seu moletom. ─ Eu sinto muito frio.

Meu coração se aloja na garganta, mas eu aceno de qualquer maneira. Eu já deduzi porque ela quer manter o moletom – a mesma razão que ela não queria usar shorts – mas eu não quero fazê-la se sentir constrangida ao apontar isso.

─ Afinal, é a Cidade dos Ventos. ─ Vou até a porta principal para fazer uma parada na lavanderia do hotel. ─ Deixe-me saber se você precisar de alguma coisa, ok? Estarei no quarto ao lado.

Ela sobe na cama. ─ Obrigada, mas não, obrigada. Eu *não* quero interromper vocês dois novamente.

*Dupla merda.* ─ Nós não estamos... ─ Eu paro de falar porque é tarde e ela precisa descansar. Posso abordar tudo isso com ela amanhã. ─ Durma bem.

─ Lennon?

─ Sim?

─ O Phoenix realmente vai me salvar?

*Oh puxa.* Essa garota tem um jeito de puxar suas malditas cordas do coração.

Eu não quero mentir para ela, então eu lhe dou a verdade.

─ Phoenix é a pessoa mais teimosa e determinada que eu conheço e quando ele quer algo… ele não vai parar por nada para conseguir.

Dado que ela não tem conhecimento das coisas terríveis a que ele recorrerá, ela inocentemente assume que isso é uma coisa positiva e sorri.

─ Vocês são boas pessoas ─ diz ela enquanto eu giro a maçaneta. ─ Meu irmão tem sorte de ter você.



Depois de fazer uma rápida viagem para a lavanderia, volto para a suíte de Phoenix.

Eu o encontro apoiado contra a cabeceira de sua cama em um par de boxers. Tanto a caneta de leitura quanto os documentos anteriores estão em suas mãos, mas a expressão distante em seu rosto me diz que ele não está se concentrando em nada disso.

Não posso dizer que o culpo.

— Ei.

Ao som da minha voz, ele sai de sua névoa. — Ei. Quinn está... — Ele para como se estivesse sem palavras. — Acomodada?

Eu mordo de volta um sorriso. — Ela tem quinze anos, não cinco. Mas sim, ela está resolvida. Eu disse a ela para me chamar se ela precisasse de alguma coisa. — Eu gesticulo para um dos travesseiros na cama. — Tudo bem se eu pegar um desses? Os que estão no sofá não parecem muito confortáveis.

— Sim... — Ele balança a cabeça. — Espere. Por que você está falando sobre o sofá?

— Porque é onde eu vou dormir.

Vou pegar um dos travesseiros, mas Phoenix o arrebata. — Você não está dormindo no sofá.

*Sim*. Deveria saber que isso aconteceria.

— O piso é muito menos confortável.

Eu tento roubar um travesseiro diferente, mas ele pega aquele também. — Você também não vai dormir no chão. — Ele aponta para a cama. — Traga essa bunda.

*Traga essa bunda*?

Eu poderia ficar aqui discutindo com ele a noite toda - e se fosse *qualquer outra noite* eu faria apenas pelo simples princípio de não querer que ele me controlasse, mas ele está sob estresse suficiente agora.

Às vezes você tem que escolher suas batalhas.

De repente, me dei conta de que, enquanto eu dei pijamas para Quinn, eu não peguei nenhum. Vendo que ela provavelmente já deve estar dormindo profundamente, não quero acordá-la.

Pobre menina poderia usar o resto.

— Certo. Mas você tem uma camiseta que possa me emprestar?

Ele arqueia uma sobrancelha. — Camiseta para quê?

— Para mim. — Eu tiro meus sapatos. — Esqueci de pegar um pijama e não quero voltar lá e acordá-la. Por isso, preciso de uma camiseta.

— Não — ele fala impassível. — Você deveria *tirar* suas roupas minha cama. Não colocar roupa.

Ele é incorrigível.

— Deixa pra lá. Vou dormir com o que estou vestindo.

Minhas mãos vão para o zíper da minha calça jeans, e eu as deslizo pelos meus quadris. Eu paro de me despir quando o pego olhando.

— É rude olhar.

— É rude que você ainda não esteja nua.

Isso me faz rir.

Chutando meu jeans para fora do caminho, puxo as cobertas do meu lado da cama. — Acho que serei eternamente rude então porque você não vai me ver nua. *Nunca.*

Eu amaldiçoo interiormente porque isso deveria ser um pensamento interno. Não um externo.

Ele pisca. — Odeio dizer isso a você, Groupie, mas eu já vi você nua.

Não *nua,* nua.

Naquela vez que ele entrou enquanto eu escrevia sobre mim mesma, eu estava de bermuda de menino modesto e sutiã, além de que a sala estava mal iluminada.

E toda vez que transamos ou brincamos depois disso, consegui

manter pelo *menos* uma peça de roupa - normalmente minha camisa - e no momento que acaba estou sempre com pressa para me vestir antes que alguém nos descubra.

Então, embora ele tenha visto várias partes do corpo nu, ele não viu a enchilada inteira de uma só vez.

Verdade seja dita, não tenho objeções a ficar nua durante o sexo. Eu estive completamente nua com todos os meus parceiros anteriores e estava totalmente confiante.

Eu só tenho um problema de estar totalmente nua na frente *dele*.

Eu acho que ele vai gritar e fugir? Absolutamente não.

Eu *sei* que ele me acha atraente.

Mas para mim, Phoenix sempre é o epítome da perfeição.

Bem, fisicamente.

E o fato de que eu literalmente não consigo encontrar uma única coisa menos do que impecável em seu rosto ou corpo é um pouco – ok, *muito* – intimidante quando eu sei que o mesmo não pode ser dito quando se trata de mim.

Eu prefiro apenas desfrutar do sexo com ele em vez de arruiná-lo me preocupando se ele pode ver minha barriga revirar ou se a celulite na minha bunda e coxas é muito perturbadora.

— Sim. Você tem razão. — Subindo na cama, afofo meu travesseiro. — Foi mal.

Aproximadamente um minuto depois... eu ouço.

— Eu nunca vi você totalmente nua, — Phoenix murmura em descrença. — Como diabos isso é possível?

Algo me diz que eu *nunca* vou viver isso.

Antes que eu possa mudar de assunto, sinto uma pontada afiada de sua mão batendo na minha bunda. — Mostre-me as mercadorias.

Agarro as cobertas protetoramente. — Eu não vou te mostrar nada.

O olhar que ele me dá deixa claro que isso é inaceitável. — Quer

apostar?

Eu grito quando ele arranca as cobertas de mim.

— Phoenix, — eu aviso quando ele pega minha camiseta. — Podemos parar de focar em mim e focar em você?

*Nua* de lado, eu sei que ele está usando isso apenas como uma oportunidade para se distrair de lidar com a implosão de seu mundo. Porque *é isso* que ele faz.

— Esta noite foi um grande negócio, você não acha? Quero dizer, descobrir que você tem uma irmã e saber da sua mãe...

— Cristo. — Soltando minha camisa, ele se senta na cama. — Pare de ser estraga prazeres.

— Desculpe, eu realmente acho que devemos discutir o que aconteceu. Não é?

— Não.

*Surpresa, surpresa*.

— Aonde você está indo? — Eu pergunto quando ele se levanta.

Ele caminha em direção à porta. — Sofá.

Oh inferno não.

— Você está brincando comigo? — Eu grito várias oitavas acima do necessário.

O idiota simplesmente continua em seu caminho alegre, batendo a porta atrás dele.

A raiva ferve dentro de mim porque, embora sua rejeição fosse esperada, ainda dói.

As palavras saem da minha boca antes que eu possa detê-las. — E esta é apenas uma das muitas razões pelas quais eu *nunca* estarei com você. Eu não quero falar sobre as coisas que machucam, mas pare de me excluir.

*Panela conhece chaleira, Lennon.*

*Se Phoenix é o rei da evasão... você é a rainha*.

Eu cerro os dentes, tentando desligar o pensamento irritante antes que ele crie raízes, mas é tarde demais.

Estou gritando com Phoenix por fazer a mesma coisa que eu ─ fugir de tudo e qualquer coisa que me deixa desconfortável.

*Por que é muito mais fácil chamar alguém de merda do que encarar a sua*?

Casas de vidro estúpidas.

Estou prestes a ir lá e pedir desculpas, mas ele abre a porta.

─ Eu só estou te excluindo porque *você* continua me forçando a falar sobre merda que eu não quero falar! ─ Com o rosto contorcido de dor, ele aperta a nuca. ─ Porra, eu *não posso.* É demais para eu envolver minha cabeça.

─ Sinto muito ─ eu sussurro.

Normalmente, eu não me arrependo de pressioná-lo, mas desta vez eu o empurrei longe demais.

Peito subindo e descendo com respirações esporádicas, ele levanta a cabeça. ─ O que?

─ Sinto muito ─ repito. ─ Faz apenas uma hora desde que sua vida virou de cabeça para baixo. Você não teve tempo para processar tudo, muito menos falar sobre isso. Eu não tinha o direito de ficar brava com você por não querer.

Ao contrário de Phoenix, não tenho nenhum problema em admitir quando estou errada.

E eu errei desta vez.

Deslizando de volta para a cama, ele pega a pilha de papéis e sua caneta de leitura do criado-mudo.

Ele examina as primeiras linhas e, pelo que entendi, eles querem que o álbum seja lançado no final de janeiro. Dado que esta turnê ainda nem terminou e eles ainda têm uma turnê européia depois desta, não deixa muito tempo de recuperação.

Visivelmente irritado, Phoenix abaixa a caneta. ─ Não consigo me concentrar nessa merda.

Já que eu não quero que ele cometa o erro de não ler e assinar o contrato que Chandler sem dúvida vai entregar a ele amanhã cedo, eu pego o pacote.

─ O que você está fazendo?

─ Vou ler para você. ─ Vasculhando a gaveta do criado-mudo, encontro uma caneta. ─ Qualquer coisa que você não goste ou queira acompanhar, eu vou marcar. Dessa forma, você poderá resolver tudo antes de assinar o contrato, ok?

Ele me dá um aceno suave.

Enquanto leio, Phoenix faz comentários. Muitas coisas ele está bem, mas algumas ele não está... como a falta de tempo de inatividade.

Parecendo mais calmo do que antes, ele descansa a cabeça no meu colo. ─ Eu mataria para ter uma semana em que não tivesse nada pra fazer além de ficar na cama e pedir comida.

─ Você tem permissão para pedir uma folga, Phoenix.

Não percebo que comecei a massagear seu couro cabeludo com a mão livre até que ele diz: ─ Droga. Isso é bom.

Continuando, eu pulo para as duas últimas páginas. ─ Ok, então parece que tudo o que resta é... ─ *Estranho*. ─ Escolhas de músicas para o álbum. Há treze faixas listadas.

─ Isso deve ser interessante. Vamos ouvi-las.

─ Bem, eles querem que o primeiro single seja uma música chamada 'Breathe Dust'.

Instantaneamente ele fica tenso. ─ Foda-se isso. Nenhum de nós gosta dessa música. Quando os caras e eu conversamos, concordamos que o single principal deveria ser 'Existentialism', já que é o mais forte e soa mais como *nós*.

─ Então vocês precisam ser uma frente unida e dizer isso a eles.

Ele solta um suspiro. ─ Quais são as outras músicas?

Eu rasgo fora da lista. Phoenix fica em silêncio até eu chegar ao fim.

─ O que aconteceu com ‘Don’t Take Your Vitamins’?

Eu escaneio a folha, mas não a vejo. ─ Não está listada.

─ Isso é treta. ─ Ele se levanta. ─ Essa foi a nossa segunda música favorita. É como se Vic não tivesse ouvido uma porra de uma palavra do que dissemos.

Há uma solução fácil para este problema. ─ Então por que você não diz a ele o que você quer no álbum?

─ Porque é a gravadora de Vic. O que significa que o que ele diz vai.

─ Não deveria ser assim.

Ele fecha os olhos e suspira. ─ Eu sei. É por isso que Josh estava aprendendo produção. Ele estava ficando bom nisso também. Estávamos planejando fazer uma reunião e dizer a Vic que queríamos que ele produzisse este álbum porque pelo menos saberíamos que seria autenticamente nós, mas então... o acidente aconteceu e ele morreu. Agora estamos presos com o produtor de Vic novamente. ─ Um bufo feio o deixa. ─ Nós não somos mais Sharp Objects... somos marionetes do caralho.

─ Bem, se vocês se unirem – trocadilhos – e ameaçarem sair, eu garanto que Vic vai deixar você ter mais controle.

─ Grande chance de merda. Vic jura que sabe melhor - e seu histórico prova isso, já que ele é uma lenda. ─ Parecendo derrotado, seus ombros caem. ─ Eu só queria que ele realmente nos ouvisse em vez de nos aplacar com o seu típico, *vou considerar isso* besteira.

─ Mais uma vez, há uma resolução...

─ Ameaçar desistir não é uma opção.

─ Por quê?

─ Porque se Vic chamar meu blefe, eu vou perder *tudo*, Lennon.

Cantar e tocar algumas músicas de merda em um álbum é melhor do que não cantar e tocar. ─ O medo e o desespero em seus olhos fazem meu peito apertar. ─ Vou morrer sem isso.

Entendo.

Claro, ainda tenho pulso e ainda estou respirando.

*Mas partes vitais de mim estão mortas*.

─ Eu preciso dessa magia ─ ele sussurra. ─ Não é apenas a coisa mais importante para mim. É a *única* coisa. ─ Ele respira fundo. ─ Fica quando todo mundo sai. ─ As veias em seu pescoço flexionam quando ele engole. ─ Isso nunca vai me abandonar.

*Como sua mãe.*

Meu coração se comprime com tanta força que dói. ─ Ainda acho que vale a pena conversar com ele. Talvez ele possa adicioná-las como músicas adicionais no álbum e então todo mundo consegue o que quer.

Só não realmente. Porque o que Phoenix quer é que suas necessidades humanas e criativas sejam levadas a sério e implementadas... como deveria.

─ Sim, talvez.

Um longo bocejo me deixa quando coloco a proposta na mesa de cabeceira, e olho para o relógio. ─ São quatro e meia. ─ Estendendo a mão, eu apago a luz. ─ Nós dois precisamos dormir um pouco.

Alguns minutos depois, estou cochilando... mas Phoenix não.

Sua respiração instável enche o quarto escuro, e eu posso sentir a tensão correndo por ele enquanto ele luta com seus pensamentos.

Assumindo que seu foco ainda está em seus problemas de carreira, murmuro: ─ O pior que Vic dirá é não, mas você não saberá até perguntar a ele.

─ Quinn se parece com minha mãe, ─ Phoenix pronuncia inesperadamente.

Mudando de posição, eu me viro para ele. ─ Eu não posso imaginar

o que você deve estar sentindo.

— Essa é a coisa... eu não sei. — Seu braço roça o meu. — Quando alguém está ausente da sua vida por tanto tempo, tudo o que resta é essa imagem mental dela. Uma em que você baseia todos os seus pensamentos e emoções, porque você não tem mais nada.

Ele engole audivelmente. — E quanto mais o tempo passa, mais concreta essa imagem se torna.

Esses dedos longos alcançam os meus. — A imagem que tenho da minha mãe é construída a partir da cabeça de um menino de sete anos. E em sua cabeça, sua mãe o deixou porque precisava se salvar. Na cabeça dele, ela queria me levar com ela, mas não podia. Talvez porque não houvesse tempo, ou talvez ela não quisesse nenhum vínculo com o homem que ela estava aterrorizada. Talvez ela não quisesse o lembrete toda vez que olhasse para mim... ou talvez ela realmente acreditasse que meu pai a mataria por roubar seu filho.

Eu aperto sua mão quando ele para de falar, silenciosamente o incentivando.

— De qualquer forma, o menino de sete anos perdoou sua mãe e deu desculpas para ela porque em sua cabeça ela era perfeita e bonita, e ela não podia errar, mas…

Coloco minha mão livre em seu peito, bem sobre seu coração que está batendo tão forte que parece que vai explodir.

— Mas, o que? — Eu sussurro depois que um momento passa.

— Se Quinn é minha irmã – e eu tenho certeza que ela é – então a imagem que eu tenho dela... — Um suspiro trêmulo escapa dele. — O que eu estava segurando está quebrado.

Um suor frio brota em sua pele e sua respiração se torna frágil e superficial, como se seus pulmões não conseguissem inspirar ar suficiente.

— Não sei o que vou fazer. — Um tremor o percorre. — Não sei...

Eu bato minha boca contra a dele, na esperança de acalmá-lo. *Para aterrar ele*. Porque ele está girando fora de controle. No entanto, em pouco tempo, meu beijo é dominado pelo dele.

E seu beijo está consumindo tudo. Como um oceano furioso e turbulento sobre o qual você não tem controle.

Cada golpe de sua língua é uma surra, cada mordida afiada de seus dentes um empurrão, e cada toque uma atração gravitacional.

Mas o sol não pode ser volátil como o oceano... senão o universo se torna um lugar escuro, frio e solitário.

O sol precisa estar no controle... porque o mundo inteiro gira em torno dele.

Eu puxo de volta. ─ Quando você está em espiral, você se segura em uma âncora.

Agarrando minha cintura, ele tenta me beijar novamente, mas eu me afasto, o que só o enfurece. ─ Que porra é essa, Lennon?

Empurrando-o para que ele fique deitado de costas novamente, eu subo em cima dele. ─ Te peguei.

Eu beijo seu pescoço e deslizo meus dedos pelo seu torso até chegar à grande protuberância em sua boxer.

Acariciando sua ereção através do algodão macio, deslizo por seu corpo, parando para lamber e chupar cada centímetro de pele que encontro.

Ele geme quando eu deslizo minha mão dentro do cós e o aperto. ─ Eu quero foder você.

Puxando sua boxer para baixo, eu o acaricio da raiz às pontas. ─ Eu quero te chupar. ─ Eu pressiono um beijo de boca aberta na cabeça larga que está escorregadia com pré-sêmen. ─ Tanto.

Situando-me entre suas coxas separadas, eu gentilmente circulo a cabeça de seu pau com a minha língua, provando o líquido salgado. ─ Isso é para mim?

— Você sabe que é. — Os tendões em sua garganta flexionam com contenção, como se eu assumir o controle fosse uma tortura para ele. — Pare de brincar, Groupie.

Sai como um aviso. Um que eu ignoro.

Batendo meus cílios, eu sorrio timidamente, provocando-o. — O que você gostaria que eu fizesse com esse seu belo pau?

Eu estava planejando prolongar a provocação, mas ele enrola meu rabo de cavalo em seu punho. — Dê-me a porra da sua boca.

No segundo em que meus lábios se abrem, ele enfia sua coroa dentro. — Lamba isso.

Querendo deixá-lo louco, eu coloco provocativamente em sua ponta como se fosse uma casquinha de sorvete derretendo.

Amaldiçoando, ele se abaixa e aperta um punhado da minha bunda. — Lamba *tudo* isso.

Agarrando sua base, eu arrasto a parte plana da minha língua para cima e para baixo em seu eixo grosso, saboreando-o.

Ele puxa meu cabelo com mais força. — Chupe.

Minha boca dói enquanto se estica, e eu o levo o mais fundo que posso. No entanto, não é suficiente porque ele quer mais.

Puxando meu cabelo com tanta força que meu couro cabeludo arde, ele desliza mais fundo, causando ânsia em mim.

— É isso — ele resmunga enquanto a saliva escorre do meu queixo para suas bolas. — Deixe-me foder essa boca sexy.

Não estou em posição de protestar - não que eu faria - quando ele levanta os quadris e começa a empurrar com tanta força que meu maxilar dói.

Segurando suas bolas, eu relaxo minha boca enquanto ele aperta a parte de trás do meu pescoço, me segurando firme enquanto ele bombeia continuamente.

Um som feroz sai dele e ele se projeta no meu rosto, apertando seu

aperto. ─ Engole. ─ Esse é o único aviso que recebo antes que o líquido quente encha minha boca. ─ Cada porra de gota.

Eu faço de boa vontade. Porque a visão dos olhos encapuzados de Phoenix, rosto cerrado e boca aberta de prazer enquanto ele está olhando para *mim* como se eu fosse a coisa mais gostosa que ele já viu é *tudo*.

Um tremor passa por ele quando eu o libero e lambo o fluido que escorre da minha boca para suas bolas. ─ Porra.

Eu grito quando ele me puxa para cima e envolve seus braços em volta de mim, me segurando em seu peito. ─ Obrigado. Eu precisava disso.

Eu traço levemente a cicatriz em seu abdômen com a ponta do meu dedo. Estou fazendo uma anotação mental para perguntar a ele sobre isso mais tarde, quando ele diz: ─ Baço rompido do acidente. Perdi um pouco mais de três litros de sangue

Caralho. ─ Jesus.

─ Aparentemente, eu fui ressucitado na ambulância. Eu não me lembro de merda nenhuma, mas Storm sim. Ele disse que foi o segundo momento mais assustador de sua vida e ele nunca orou tanto. ─ Uma risada cáustica o deixa. ─ Muito ruim. Talvez então eu tenha morrido.

Meu coração despenca antes de comprimir contra meu peito. Saber que ele realmente deseja não ter sobrevivido fisicamente dói.

─ Fiquei aliviada quando soube que você estava vivo. ─ Minhas pálpebras ficam pesadas enquanto o ritmo de seu pulso me acalma para dormir. ─ Você ainda está aqui por uma razão. E espero que você descubra qual é esse motivo antes que seja tarde demais... porque o mundo não pode brilhar sem Phoenix Walker.

Ele suga uma respiração afiada.

─ Quinn estava certa ─ ele murmura em meu cabelo. ─ Eu sou sortudo por ter você.

Um nó de alarme torce minhas entranhas.

Phoenix e eu temos uma montanha de história. Horrível. Bagunçada. História *dolorosa*.

Algumas semanas de ótimo sexo e alguns bons momentos como esses não apagam nosso passado.

— Só pelas próximas três semanas e cinco dias — eu lembro a ele e a *mim.*

No entanto, quando olho para cima, ele já está dormindo.

Tomando cuidado para não acordá-lo, eu saio de seus braços e me enrolo no lado oposto da cama.

Estou cochilando quando o ouço sussurrar: — Eu sei.

# CAPÍTULO 50

## LENNON

Os olhos de Quinn estão tão grandes quanto pires quando Phoenix a leva para os bastidores. — Caralho. Eu não posso acreditar que meu irmão mais velho é uma *estrela do rock*.

Phoenix sorri antes de sua expressão ficar sombria. — Eu não posso acreditar que eu tenho uma irmãzinha.

— Uau, — Quinn exclama. — Não fique tão triste. O importante é que nos encontramos, certo?

Eles compartilham um sorriso, mas o momento dura pouco porque Chandler – que está andando ao meu lado – murmura: — Esses resultados de DNA já chegaram?

Skylar - que está do outro lado de mim - suspira. — O teste foi feito esta manhã. Estou acelerando, mas ainda vai levar algum tempo.

Isso só aprofunda seu olhar carrancudo. — Vamos apenas torcer para recebê-los antes que a patife o convença a comprar um castelo e um pônei para ela.

Parando seus passos, Quinn se vira para encará-lo. — Castelos e pôneis são merdas básicas. E para o registro? A única coisa que eu quero do meu irmão é que ele faça parte da minha vida, seu cuzão.

Quinn conseguiu fazer o impossível, porque pela *primeira vez*, Chandler fica sem palavras.

Atrás de mim, Storm e Memphis riem.

— Essa é uma maneira de chamar alguém de idiota — afirma Memphis.

— Sim, — Chandler reflete. — Quem diria que a mendiga poderia ser

elegante.

Os lábios de Phoenix se contraem. — Eu te dou cinco dólares toda vez que você insultar Chandler e colocá-lo em seu lugar hoje.

O rosto de Quinn se ilumina e ela lhe dá um soco. — Negócio fechado.

Algo me diz que a carteira de Phoenix estará vazia à meia-noite.

— Bom, — Chandler murmura baixinho. — Pelo menos agora a pequena condenada tem alguns objetivos e ambições.

Os grandes olhos verdes de Quinn se estreitam em pequenas fendas. — Tenho muitos objetivos e ambições, seu pólipo do cólon.

Phoenix lhe entrega uma nota de cinco dólares. — Como o quê?

Ela começa a marcar as coisas com os dedos. — Bem, para começar, eu gostaria de ter meu próprio apartamento. Eu também gostaria de tirar minha carteira de motorista e começar uma fundação dedicada ao resgate de animais. E depois, claro, há a minha carreira dos sonhos…

— Qual é? — Skylar interrompe.

Quinn dramaticamente coloca as costas da mão sobre a testa. — Eu vou ser uma atriz vencedora do Oscar um dia.

Confesso que não esperava isso.

Chandler bate palmas sarcasticamente. — Bravo. Você pode adicionar uma adolescente grávida falsa e uma irmã impostora ao seu currículo.

Suas mãos encontram seus quadris e ela gira a cabeça. — Pelo menos vou ganhar dinheiro com *meus* próprios talentos em vez de ser um servo que tem que ganhar a vida lucrando com os outros.

Skylar e eu trocamos um olhar enquanto ela cala Chandler pela segunda vez em cinco minutos.

Se eu tinha alguma dúvida de que a garota era parente de Phoenix, não tenho mais. Ela corta como uma faca.

Phoenix lhe entrega uma nota de dez dólares desta vez. ─ Aí. Seja fácil, no entanto. Chandler faz muito por nós.

Arrependimento toma conta do rosto de Quinn e ela murmura um rápido ─ Desculpe.

─ Não se desculpe, ─ Chandler diz enquanto nos dirigimos para a sala verde. ─ Você é como um cachorrinho. Irritante, carente e fedorento... mas de qualquer forma inofensivo.

Com essas palavras de despedida, ele se vira e sai.

Sua boca cai. ─ Eu não sou fedorenta. ─ Levantando o braço, ela cheira seus caroços. ─ Estou?

Estou prestes a garantir que ela está bem, mas Phoenix segura meu cotovelo. ─ Eu preciso falar com você.

─ Está tudo bem?

Ele rapidamente me leva para fora da sala e em um armário de armazenamento nos bastidores.

Quando eu acordei esta manhã ele já tinha ido embora e vinte minutos antes da passagem de som ele me mandou uma mensagem e perguntou se eu poderia levar Quinn comigo para o local, então eu não tenho ideia do que ele tem feito o dia todo.

─ O que está havendo...

Não consigo terminar essa frase porque ele funde nossas bocas em um beijo ardente que sinto até os dedos dos pés.

Estou prestes a repreendê-lo porque Chandler está à espreita - e muitas outras pessoas - mas sua expressão fica séria.

─ Esta manhã eu reuni os caras. E então segui seu conselho e liguei para Vic.

Um pico de flechas de ansiedade atravessa meu peito. *Oh não.*

Talvez minha sugestão tenha saído pela culatra e Vic o demitiu... exatamente como ele disse que poderia acontecer.

─ Eu... uh...

Está na ponta da minha língua pedir desculpas, mas então me ocorre que era *isso* que eu vim fazer aqui.

A vitória não tem um gosto tão doce quanto eu pensei que seria, no entanto.

Sua mão desliza para minha nuca, e ele descansa sua testa contra a minha. ─ Chegamos a um acordo. Nós vetamos 'Breathe Dust' e agora 'Don't Take Your Vitamins' é o primeiro single.

Eu tento não sorrir, mas falho. Estou tão feliz que ele está enfrentando Vic e lutando pelo que ele quer.

─ Fantástico.

─ Ele ainda não está convencido de que 'Existentialism' está no álbum, mas eu encontrei uma maneira de convencê-lo.

─ Como?

Seu sorriso é tão hipnotizante que rouba minha respiração. ─ Vou cantá-la no final do show hoje à noite... e em todos os outros shows depois disso. Uma vez que ele perceba que estou certo e veja o quanto nossos fãs amam, ele não terá escolha a não ser me dar o que eu quero e colocar no álbum.

É inteligente. Sem mencionar que isso também significa que ele terá tudo o que quiser, porque tecnicamente “Existentialism” será a primeira música que as pessoas ouvirão do novo álbum.

─ Essa é uma ótima ideia. ─ Sua alegria é tão contagiante que sinto isso bombeando através de mim. ─ Eu estou tão feliz por você.

Ele embala meu rosto em suas mãos. ─ Eu tenho que agradecer a você por isso. Você me irrita muito às vezes, mas também me incentiva a ser melhor.

Meu coração dá cambalhotas quando olho para aquelas íris azuis... porque aquele fogo está de volta.

*Ele finalmente está se dando permissão para aproveitar as coisas novamente*.

— Estou tão orgulhosa de você.

Isso o faz sorrir ainda mais – o que *me faz* sorrir ainda mais – e agora estamos em algum armário de armazenamento aleatório sorrindo um para o outro como dois tolos, mas eu não me importo porque estou na lua.

Não*. Estou tocando o sol*.

— Alguém viu Phoenix? — Chandler late ao longe, quebrando nosso feitiço.

*Merda*.

Eu aponto para a porta. — Você sai primeiro. Diga a ele que você estava com uma groupie.

A diversão dança em seu rosto lindo. — Em outras palavras, não minta?

— Idiota.

Eu vou empurrá-lo, mas seus braços travam em volta da minha cintura e ele me puxa contra ele.

— Você vai me ver cantar hoje à noite?

Meu coração bate em dobro. — Eu não perderia isso por nada no mundo. — Eu empurro seu peito. — Agora *vá* antes que você me demita.

Depois de me dar um último beijo, ele sai.

Inclinando-me contra a porta, sorrio tanto que dói... até eu me lembrar.

O sol é excepcional, sedutor e mistificador…

*Mas queima quando você chega muito perto*.



Eu assisto com espanto – e um pouco de inveja – enquanto Quinn devora sua quarta fatia de pizza.

Nunca vi alguém tão magra comer tanto. A menina é um poço sem

fundo.

— Então, você e meu irmão, hein? — ela questiona com a boca cheia de pizza.

Skylar para de digitar em seu laptop, parecendo *muito* interessada em nossa conversa agora.

Meus olhos percorrem a sala verde e a porta parcialmente aberta, certificando-me de que Chandler não esteja vagando por perto.

— Há quanto tempo vocês dois estão juntos? — Quinn sonda antes de soltar um arroto alto.

Pego minha bebida na mesa de centro, considerando cuidadosamente minhas palavras. — É complicado.

— *Muito* complicado — acrescenta Skylar. — Tão complicado que é um grande segredo. Certo, Lennon?

Eu não posso dizer se ela está me ajudando ou tentando me magoar.

No entanto, Quinn acena com a cabeça em compreensão. — Porque é errado foder seu chefe. Mesmo que ele seja gostoso.

Skylar começa a rir e eu me engasgo com a água.

— Na verdade, Chandler é meu chefe, — digo a ela depois que sou capaz de respirar novamente.

Quinn faz uma careta. — Nojento. Por favor, não transe com ele também. Objetivamente falando, meu irmão é uma pegada *muito melhor.*

— Eu não estou fodendo... — Encolhendo-me por dentro, esfrego minhas têmporas. — Olha, seu irmão e eu nos conhecemos a muito tempo.

Quinn coloca os pés em cima da mesa. — Daí o complicado.

Ela é mais perspicaz do que eu acredito. — Sim. Mas não estamos em um relacionamento. Nós somos apenas amigos.

Os lábios de Skylar se contraem. — *Muito* bons amigos.

Então me ajude Deus, eu vou esfolar seu par de saltos favorito se

ela continuar assim.

— Sim. — Eu torço meu nariz. — Você sabe, tipo como você e *Memphis* são muito bons amigos.

Skylar me lança um olhar de reprovação e volta sua atenção para seu laptop.

O rosto de Quinn se contorce em contemplação. — Então vocês são amigos de foda. Entendi.

Eu realmente gostaria que ela parasse de usar tanto a palavra *foder*, mas não posso me concentrar nisso agora porque há peixes maiores para fritar.

— Eu realmente apreciaria se você mantivesse isso apenas entre nós, garotas, ok? Se Chandler descobrir, serei demitida.

Assentindo, ela pega a última fatia de pizza da caixa. — Não se preocupe. Eu não sou um informante.

Nesse caso, a crise evitada. — Obrigada.

Chandler voa para a sala verde como um morcego do inferno, parecendo mais tenso do que eu já o vi. O que está dizendo alguma coisa.

Instantaneamente, meu estômago se revira. Estou assumindo que ele ouviu nossa conversa, mas o que ele diz em seguida é ainda pior.

— A mãe da meliante está aqui. Ela estava do lado de fora do local gritando que a banda estava mantendo sua filha menor de idade como refém. — A veia em sua testa salta. — Ela ameaçou chamar a polícia, com a qual ela aparentemente tem uma conexão direta... já que seu marido é um maldito *xerife filho da puta*.

Ele grita a última parte tão alto que Quinn se encolhe.

Skylar disse que deixou de fora aquele pequeno detalhe quando o informou sobre a situação de Quinn para que ele não surtasse.

Eu posso ver por quê.

Skylar salta de sua cadeira. — Merda.

*Sim*. Isso não é apenas terrível para Phoenix e Quinn, é um pesadelo de relações públicas.

— Ela ainda está lá fora? — Perguntas Skylar.

Chandler começa a responder, mas uma mulher passa por ele e corre para a sala verde. Como Quinn, ela é linda, ágil e tem uma massa de cabelos loiros encaracolados e olhos verdes. E como Quinn e Phoenix – sua estrutura óssea é de morrer.

Ela imediatamente se concentra em sua filha. — Vamos, Quinn. Estamos indo embora.

Quinn segura minha mão como uma tábua de salvação. — Por favor, não me faça voltar lá. *Por favor.*

Meu coração se dobra sobre si mesmo.

Skylar e eu trocamos um olhar inquieto. Não estou em posição de impedir esta mulher de levar a filha, mas posso conseguir-nos algum tempo.

Eu me levanto e Quinn também. — Ela não vai a lugar nenhum até falarmos com Phoenix.

Algo pisca em seus olhos quando eu digo o nome dele, e eu sei sem sombra de dúvida que Quinn está dizendo a verdade. Eu me sinto mal por duvidar dela.

— Venha comigo, Quinn. *Agora.*

Pulando para frente, ela tenta agarrar Quinn, que recua e aperta minha mão com tanta força que chega a doer. — Não!

— Para trás, senhora, — Skylar rosna, surpreendendo a todos nós. — Ela não quer ir com você.

A indignação toma conta de seu rosto enquanto seu olhar furioso salta entre todos nós. — Ela é *minha* filha. Mantê-la em cativeiro é um crime.

Eu jogo a única carta do meu baralho.

— Nesse caso, vou chamar a polícia.

— Lennon, — Quinn sibila. — Você *prometeu.*

Mas minha ameaça funciona porque a boca de sua mãe instantaneamente se fecha, e ela dá um passo para trás.

O desgosto cresce em meu intestino. — Isso foi o que eu pensei.

Certificando-me de que Quinn está no lado seguro para que sua mãe não tente agarrá-la novamente, eu marcho em direção à porta.

— Vou levá-la para o ônibus.

Espero que Chandler vacile, mas para minha surpresa, ele fica em silêncio.

Por mais que eu adoraria avisar Phoenix sobre a presença de sua mãe aqui, não há como isso ser possível, já que ele está no palco.

A única coisa que posso fazer é exatamente o que *ele* faria... e isso é manter sua irmã segura.

# CAPÍTULO 51

## PHOENIX

Gritos pulsam em meus ouvidos enquanto canto a nota final de “Existentialism” e os últimos compassos desaparecem.

Absorvo a energia como um demônio, incapaz de obter o suficiente. É para isso que vivo e respiro.

*É* por isso que ainda estou vivo.

No entanto, quando olho para fora do palco, meu bom humor evapora.

Eu esperava que Lennon pelo menos estivesse aqui para ver o final porque é a minha parte favorita da música e eu sei que ela adoraria tanto quanto eu... mas ela não está.

Eu tento dizer a mim mesmo que não é grande coisa, mas é uma mentira.

Porque é outro lembrete de que uma vez que a turnê termine…

*Nós também.*

Eu levanto meu dedo médio no ar. — Boa noite, Chicago. Voltem para casa em segurança.

— Isso foi incrível — diz Storm enquanto saímos do palco. — Você viu como eles ficaram loucos?

Inferno, sim, eu vi. Assim como eu previ.

— Marquem minhas palavras, pessoal. — Memphis passa um braço em volta de cada um de nossos ombros, nos puxando para um amontoado. — Estamos recebendo outro Grammy.

George não diz merda nenhuma enquanto se afasta. O filho da puta sabe melhor.

— Só se Vic concordar em nos deixar registrar — eu os lembro.

— Confie em mim, esse maldito vai — diz Storm com um sorriso. — Especialmente depois da maneira como você lidou com a merda hoje. — Ele olha em volta dos bastidores, que está estranhamente quieto. — Onde está Chandler?

Em nenhum lugar para ser encontrado... o que é estranho. Imaginei que ele estaria esperando nos bastidores, preparando-se para nos amaldiçoar ou nos elogiar.

Memphis examina a área dos bastidores. — Ele provavelmente está na sala verde com Sky e Lennon. — Com a língua na bochecha, ele esfrega minha cabeça. — E minha mãezinha.

Isso lhe rende um soco no ombro. — Se você quiser manter esse braço, *nunca mais* se refira à minha irmãzinha como sua mãezinha.

Memphis levanta as mãos. — Relaxa cara. Foi uma piada do caralho.

Não é engraçado.

Além disso, eu ainda estou puto que ele nunca me contou sobre Quinn entrando em seu quarto de hotel.

— Você provavelmente deveria se concentrar em sua mãe *real*, não acha? — Eu acaricio minha mandíbula. — Gwen deve estar o que, com dois ou três meses agora?

Gwyneth Barclay é a estrela de reality mais pretensiosa na face do maldito planeta e o tipo que eu não suporto.

O tipo que é famoso por ter um avô rico e algumas irmãs gostosas. Não porque ela é realmente boa em qualquer coisa.

Nem mesmo sexo... de acordo com Memphis. O relacionamento deles deveria ser nada mais do que uma aventura rápida, mas aparentemente a mãe natureza tinha outros planos. O tipo *permanente*.

— Essa garota está bem pra caralho — observa Storm. — Não posso culpá-lo por mergulhar o pavio nisso algumas vezes.

Eu inclino minha cabeça. ─ *Mergulhando seu pavio*? Cristo. Você está começando a soar como vovó.

Memphis range os dentes. ─ Vocês dois já vão calar a boca?

Ah, o bebê está chateado por estarmos discutindo sobre a namorada dele. Bem feito poir ele falar sobre *minha* irmã.

Storm bufa quando viramos no corredor. ─ É melhor você me convidar para o chá de bebê.

Memphis o ignora. ─ É melhor você chupar meu saco de nozes.

Storm sorri. ─ Só se estiver pingando com o go... de Gwen.

Storm para de falar, e eu paro de respirar no segundo em que entramos na sala verde.

Skylar e Chandler estão sentados no sofá com expressões graves em seus rostos. No entanto, é a mulher familiar sentada entre eles que faz meu peito ceder.

*A mulher que me deixou há quinze anos e meio*.

─ Mãe?

Levantando-se do sofá, Skylar olha para Storm e Memphis. ─ Ei pessoal. Precisamos de um minuto.

Storm aperta meu ombro. ─ Estarei por perto.

Memphis dá um tapa nas minhas costas. ─ Eu também.

Chandler começa no momento em que eles saem. ─ Não podemos manter Quinn aqui a menos que chamemos a polícia e digamos o que está acontecendo.

Minha mãe recua. Mesmo depois de todos esses anos, o pensamento de ela estar com medo faz com que algo dentro de mim se desequilibre.

─ Nós não estamos chamando a polícia, ─ eu mordo.

*É* quando ela finalmente olha para mim... por dois segundos.

*Como se ela não pudesse suportar me ver*.

─ Precisamos de alguns minutos a sós.

— Claro — diz Skylar enquanto se dirigem para a porta. — Venha me encontrar depois que terminar e me diga o que você quer fazer.

— Espere — eu chamo. — Onde estão Lennon e Quinn?

— Sua mãe tentou fazer Quinn ir com ela contra a vontade dela, então Lennon a levou para o ônibus.

Isso explica por que ela não estava lá para a música. Ela estava protegendo Quinn... porque eu não fui capaz.

Eu nem estou surpreso. Isso é apenas quem Lennon é.

Ontem à noite ela me disse que sempre que estou em espiral, preciso segurar uma âncora.

Isso é exatamente o que ela sempre foi para mim.

Eu pensei que a volta de Lennon era meu carma - e enquanto isso ainda é verdade - eu também acho que foi por acaso. Quase como se o universo soubesse que eu ia precisar dela para cortar a visão da mulher na minha frente novamente.

Skylar fecha a porta atrás dela, me deixando sozinho... com minha mãe.

Eu sempre pensei que teria um milhão de coisas para dizer a ela se nos cruzássemos novamente.

Acontece que eu só tenho uma coisa.

Acho melhor duas.

— Você não vai levar Quinn.

Sua cabeça se levanta e fico impressionado com o quão pouco ela mudou.

Genevieve Walker – ou *Moore* – tem o tipo de beleza que poderia parar o trânsito.

O tipo de beleza que faria um homem seguro apreciar que ela era dele, mas um homem inseguro ainda mais inseguro.

A primeira briga que me lembro de ter ouvido, envolveu meu pai socando a parede porque um de seus colegas de banda flertou com ela.

*Acho que a maçã não cai longe*.

Talvez seja por isso que ela me deixou. Ela podia sentir o mal dentro de mim... à espreita.

*Aguardando o fusível certo para desligá-lo*.

— Eu não vou deixar você ficar com Quinn. — Ela se senta em linha reta. — Ela nem te conhece.

— De quem é a culpa?

Ela se encolhe — recuando — como sempre fazia quando não queria falar sobre alguma coisa.

Mais uma vez… *a maçã não cai longe*.

Muito ruim para ela, eu não tenho mais sete anos. Perturbar minha mãe não é mais a situação de antes.

Quero uma resposta para a pergunta que está atormentando minha maldita psique desde o dia em que acordei e percebi que ela tinha ido embora.

Ela não vai sair desta sala até eu conseguir.

— Por quê?

Ela olha para os sapatos. — Se eu não levar Quinn para casa, haverá consequências.

Não para Quinn. Porque ela nunca mais vai pisar naquela *casa*.

— Nos primeiros cinco anos que você se foi, eu deixei minha janela aberta todas as noites... esperando que você voltasse para mim.

Mas ela nunca o fez.

Ela fecha os olhos, como se minhas palavras a perturbassem.

*Bom*.

— Eu fiz um cartão para você todos os anos para o seu aniversário até os onze anos.

E todos os anos, meu pai o arrancava da mesa e me chamava de estúpido porque eu não sabia escrever ou soletrar bem.

Mas eu *tentei*. Eu tentei pra caralho.

Porque eu queria que ela soubesse o quanto eu a amava.

Chorei quando ele rasgou o cartão em pedaços e me lembrou que ela nunca mais voltaria.

Mas eu não chorei quando ele me deu uma surra.

*Eu queria a dor.*

— Na primeira semana que você se foi, fiquei tão mal que não conseguia andar. Eu continuei chamando por você, esperando que você me salvasse.

*Mas ela não veio*.

Ela aperta o estômago, como se fosse vomitar. — Não faça isso.

— Eu sinto muito. Está doendo, mãe? — Eu rio, mas não há uma gota de humor. — Sabe o que mais dói? Ser um cinzeiro humano. Ser forçado a tomar um banho escaldante. Ser espancado com uma garrafa, um bastão...

— Pare com isso! — ela grita. — Pare!

— Responda à pergunta.

Apertando a boca fechada, ela balança a cabeça. — Apenas me dê minha filha para que eu possa ir embora.

— E o seu filho? — Eu rugo tão alto que ela pula. — E o filho que você abandonou? — Meu peito se enrola e a bile sobe pela minha garganta. — Ah, isso mesmo. Você não fala sobre ele. — Inclinando-me, chego perto de seu rosto, assim ela não pode me ignorar como tem feito nos últimos quinze anos. — Você me escondeu em um armário. Assim como a foto minha que Quinn encontrou.

— Phoenix, — ela engasga, mas eu não me importo com suas lágrimas.

Ela nunca deu a mínima para as minhas.

— Por que, mãe? — Eu chuto a mesa de centro algumas vezes, enviando cacos de madeira voando pela sala. — *Por quê*?

— Eu não tive escolha — ela grita. — Eu queria levar você comigo,

mas ele não me deixou.

Chocado, eu cambaleio para trás. — Meu pai?

Ele nunca me quis. Um fato que ele nunca me deixou esquecer.

— Não. O homem por quem deixei seu pai. — Ela solta um suspiro trêmulo. — Ele era um policial que veio à nossa casa em uma briga doméstica uma noite quando um vizinho chamou a polícia. Ele foi doce e gentil... me pediu para tomar um café para que pudéssemos conversar.

— E então você correu para o pôr do sol. Deixando seu filho se virar sozinho.

Ela torce as mãos. — Eu não queria. É por isso que não deixei seu pai imediatamente, como Chad exigiu. Eu *tinha* que protegê-lo. — Ela segura meu olhar. — Você é meu bebê. Eu não poderia deixar você, Phoenix.

Ignoro a forma como a coisa morta em meu peito se contrai. — Então por que você fez?

Ela desvia o olhar. — Porque eu engravidei de Quinn.

Fico em silêncio enquanto processo o que ela está dizendo.

Ela aproveita para continuar. — Eu ia fazer um aborto, mas Chad me implorou para não fazer. Ele estava indo para Chicago porque lhe ofereceram um emprego em uma força tarefa que pagava mais, e ele queria que eu fosse com ele. Ele disse que poderíamos nos casar, e eu nunca mais teria que viver com medo porque ele cuidaria de mim e de nosso filho. Só havia um problema.

Uma lágrima cai por sua bochecha. — Ele não queria que você viesse conosco. Ele não gostava de ter um lembrete constante de que eu tinha estado com outro homem. — Ela engole em seco. — Eu tinha uma escolha a fazer. Eu poderia dar a mim mesma e à criança que carregava uma oportunidade de ter uma vida boa, ou... — sua voz se apaga.

Ela não precisa dizer o resto. A *escolha* que ela fez é a que eu

convivo todos os dias.

— Como isso funcionou para você?

A tristeza nada em seus olhos. — O mesmo que com seu pai. As coisas estavam ótimas... até que não estavam. Quinn tinha dois anos quando Chad colocou as mãos em mim pela primeira vez. — Seu rosto se contorce. — Ela tinha cinco anos quando ele começou a bater nela.

E quinze quando parou. Porque o filho da puta nunca mais vai tocar nela.

— Você não vai levar Quinn.

Da mesma forma que nossa conversa começou é da mesma forma que está terminando.

— Eu tenho que levar. Se ela não voltar para casa esta noite, ele vai…

— Ele vai o quê? — Eu pergunto quando ela para de falar.

— Vai ser ruim, Phoenix. *Muito* ruim.

É como se ela estivesse vivendo em seu próprio mundinho delirante. — Já está ruim.

Ela se levanta. — Você não entende. Eu tenho que protegê-la.

Ela é que não entende.

Eu me movo para ficar diretamente na frente dela, impedindo-a de sair. — A melhor maneira de protegê-la é deixá-la ficar comigo.

Eu não sei nada sobre cuidar de outra pessoa e com certeza não tenho o estilo de vida para isso, mas eu sei que a vida que posso dar a ela é anos-luz melhor do que a que ela tem agora por que não envolve apanhar.

Estendendo a mão, ela toca meu rosto. — Você conquistou tanto. — Outra lágrima escorre por sua bochecha e ela beija minha testa... exatamente como ela costumava fazer antes de me colocar na cama. — Eu sempre soube que meu bebê era uma avis rara[10]. É por isso que te chamei de Phoenix.

Uma pontada aguda de dor atinge meu peito. *Rara avis*.

Significa pássaro raro em latim. Um *fenômeno*. Um *prodígio*.

É como ela sempre me chamava.

A verdade fria e dura corta meu esterno... uma facada final no vestígio do órgão que ela quebrou.

Não há como minha mãe realmente acreditar nisso... senão ela não teria ido embora.

Ela tenta se desviar de mim, mas eu pego seu antebraço.

Então repito as mesmas palavras que Lennon me disse.

Porque eu sei o quanto eles picam.

— Dói me ouvir em todos os lugares que você vai?

Seu rosto desmorona. — Phoenix.

— Você já teve vontade de entrar em contato? Não é como se você não soubesse onde eu estava.

Eu estava em todos os lugares.

*E ela não estava em lugar nenhum*.

Ela enxuga as lágrimas com as costas da mão. — Não. Chad não iria gostar.

Essa mulher me fodeu mais do que qualquer droga jamais poderia, mas ela ainda é minha mãe. Não suporto a ideia de ela ser abusada pelo marido. *Novamente*.

Aquele garotinho não poderia protegê-la, mas eu posso.

— Mãe. — Espero que ela olhe para mim antes de falar. — Posso te ajudar. Você e Quinn. Posso instalar vocês numa bela casa em algum lugar. Vou contratar segurança para estar com vocês o tempo todo e estarei lá sempre que não estiver trabalhando. Vou me certificar de que você nunca mais o veja.

Ela me dá um sorriso triste. — Agradeço a oferta, mas preciso ficar com Chad.

Quaisquer esperanças que eu tinha de consertar nosso

relacionamento e ter uma mãe novamente desaparecem.

Eu não entendo. Eu estou oferecendo a ela proteção e uma chance de viver uma vida *segura e agradável* que envolve ter seus dois filhos nela... mas ela não quer isso.

Ela quer *Chad*.

Acho que é verdade o que dizem. Algumas pessoas gostam de ser a vítima.

*Porque eles não conhecem nada diferente*.

Mas Quinn não é uma vítima. Apesar de tudo, ela é vibrante, peculiar e forte.

*Ela é uma sobrevivente*.

Assim como seu irmão mais velho.

Por isso ela me procurou. Quinn quer sair desse inferno e eu vou fazer tudo ao meu alcance para ter certeza de que ela nunca mais volte.

Que é exatamente o que nossa mãe deveria estar fazendo.

Mas ela sempre escolheu homens, ela mesma, e sua submissão a esses homens sobre nós.

— É engraçado. Você afirma que quer proteger seus filhos, mas nunca o faz. — A verdade é um soco visceral no estômago, pois a imagem que sempre tive dela se despedaça. — Você não quer deixar seu precioso Chad? Certo. Fique e deixe-o bater em você. Mas pela porra da sua vida, seja mãe e faça o que é certo para a sua filha.

Ela abre a boca - sem dúvida se preparando para vomitar alguma besteira sobre como ela é uma boa mãe - mas Lennon entra.

Minhas entranhas se contorcem quando observo seus olhos vidrados e o pânico em seu rosto.

— Quinn se foi.

Os cabelos da minha nuca se arrepiam. — O que você quer dizer que Quinn se foi?

— Nós estávamos no ônibus assistindo televisão e então eu fui ao

banheiro… e ela se foi. ─ Ela puxa uma respiração nervosa. ─ Não entendo. Tudo estava bem. ─ Seu olhar se move para minha mãe. ─ Bem, tão bem quanto poderia estar considerando as circunstâncias.

Minha mãe passa por mim. ─ Eu tenho que encontrá-la antes dele.

Não. *Eu* tenho que encontrá-la antes dele.

Eu corro para fora da sala e Lennon corre atrás de mim. ─ Eu sinto muito.

Alcançando atrás de mim, eu agarro a mão dela. Não posso me dar ao luxo de ficar bravo ou atribuir culpa. Eu tenho que manter minha cabeça limpa e minhas emoções reguladas para que eu possa encontrar Quinn.

Eu reúno quem ainda está nos bastidores para que possamos começar uma busca.

Enquanto estou dando comandos e dividindo todos em equipes para que possamos nos dividir pela cidade, noto que minha mãe se foi.

Não foi nenhuma surpresa.

Porque enquanto aquele menino de sete anos queria desesperadamente acreditar que sua mãe não podia errar e achava que ela era uma supermulher...

O homem que sou hoje sabe que ela é realmente uma vilã.

# CAPÍTULO 52

## LENNON

O sol já está nascendo quando voltamos para o hotel.

Nós vasculhamos cada centímetro da cidade – até mesmo os subúrbios – por sete horas seguidas.

Entre todos nós – e alguns membros da equipe que se ofereceram para ajudar – você pensaria que a teríamos encontrado.

Mas nós não encontramos... o que significa que Phoenix não teve escolha a não ser chamar a polícia e registrar um boletim de ocorrência de pessoa desaparecida.

Ou melhor, *tentar* registrar um. Porque eles estão sendo menos do que prestativos, apesar de Phoenix dizer ao oficial que ela é sua irmã há muito perdida.

O policial clica e abre a caneta pela milionésima vez. A mesma caneta que ele nem se deu ao trabalho de usar... além de escrever o nome dela.

— Só porque ela não está com você não significa que ela está desaparecida. Ela poderia ter voltado para casa.

Ela não teria. *Não de boa vontade*.

— Ela não iria...

— Lennon, — Phoenix rosna, o aviso em seu tom claro.

Eu aperto minha boca fechada mesmo que seja mais do que frustrante.

Agarrando seu bloco de notas da mesa de centro, o oficial se levanta. — Olha, vamos ligar para os pais dela e se ela ainda não estiver em casa, vamos acompanhá-los e continuar a partir daí.

Posso dizer que Phoenix não gosta nem um pouco disso, nem eu, mas não há nada que nenhum de nós possa fazer.

Phoenix esfrega uma mão pelo rosto cansado. ─ Se você encontrá-la, você pode me ligar e me avisar imediatamente?

─ Sim.

Ele começa a se dirigir para a porta, mas para.

Clicando em sua caneta, ele estende o caderno para Phoenix. ─ Eu odeio pedir, mas minha esposa é uma grande fã e seu aniversário é semana que vem. Você pode me dar seu autógrafo?

Juro que algumas pessoas não têm tato.

Rangendo os dentes, Phoenix pega o caderno e a caneta dele.

Não há dúvida em minha mente que Phoenix quer enfiar a caneta no olho do policial – verdade seja dita, estou surpresa que ele não quis – mas ele provavelmente está esperando que o autógrafo leve o cara a procurar sua irmã.

Depois de rabiscar sua assinatura, o policial pega seu telefone. ─ Posso tirar uma selfie rápida também?

Eu fico lá boquiaberta para o idiota em descrença porque honestamente, *o que diabos*?

Um rastro de tensão percorre o pescoço de Phoenix enquanto ele fica ao lado do policial, levanta o dedo médio e coloca um olhar um pouco menos assassino em seu rosto para que o policial possa tirar a foto.

Um momento depois, o cara murmura um rápido agradecimento e sai.

*Idiota*.

Minha raiva apenas temporariamente ofusca minha ansiedade, porém, e mais uma vez, meus pensamentos voltam para Quinn.

Não entendo por que ela foi embora. Quero dizer, *sim*, sua mãe estava lá para levá-la de volta para casa, mas Phoenix não permitiria

que isso acontecesse. Inferno, nem eu.

Ela *sabia* disso.

E ainda assim, em um segundo, estávamos assistindo *The Barclay's* - um reality show horrível que Quinn é obcecada - e no próximo... ela se foi.

Simplesmente não faz sentido.

A menos que ela percebesse que sua mãe iria recusar a ajuda de Phoenix porque ela nunca deixaria seu marido.

Quinn queria proteger sua mãe... mesmo que sua mãe não a proteja.

Meu coração dói. *Eles*.

Droga. Não gosto dessa sensação de estar presa em uma caixa sem saída.

A única maneira de parar esse ciclo terrível é trazê-lo à luz. Algo que Phoenix *tem* que perceber.

— Por que você não me deixou contar ao policial o que aconteceu?

Claro, ele foi bastante indiferente com a coisa toda e meio idiota, mas isso é porque ele não sabia a gravidade da situação.

Ele teria protegido um colega oficial? Pode ser. Mas não temos certeza disso. Nem todos os policiais são ruins.

Phoenix olha para mim como se eu fosse uma idiota. — Porque só iria piorar as coisas para ela. Você sabe disso.

Mas quanto mais nos calamos, mais permitimos o abuso.

— Esse pedaço de merda já vai ficar furioso quando os policiais ligarem para a casa perguntando sobre Quinn. A meu ver, não temos nada a perder contando a verdade.

Então, novamente, Phoenix e a *verdade* não andam exatamente de mãos dadas.

Um som feio ressoa profundamente em seu peito... e então ele caminha até o bar.

— Como você ficar bêbado vai ajudar Quinn? — Eu estalo quando ele pega a garrafa de uísque.

Ele torce a tampa e toma um grande gole. — Vai me ajudar.

Phoenix pode não ser um alcoólatra no sentido de que ele bebe todos os dias, mas o fato de que toda vez que ele tem um problema ele usa isso para lidar com isso prova que ele tem um problema sério.

— Não tome o caminho mais fácil como sua mãe faz. Não aceite a derrota. Você tem a chance de ajudá-la.

Minhas palavras só o irritam mais porque sua expressão escurece.

— Ajudar ela? — Eu pulo e grito quando a garrafa passa zunindo pela minha cabeça antes de bater contra a parede. — Eu não posso encontrá-la, porra.

Meu coração bate a mil por hora. Tudo o que eu quero fazer é acalmá-lo. — Nós vamos.

Quinn é uma garota inteligente. Talvez ela perceba que proteger sua mãe não é o melhor para ela e ela volte.

— Não faz nem doze hora de que ela saiu. Dê a ela algum tempo...

Ele me corta com um som agudo. — E depois? O que acontece? Ela volta para a casa do pai, onde ele continua batendo nela. — Ele abre bem os braços. — Mas ei, pelo menos nossa mãe não *a abandonou.*

Expelindo uma respiração que dói, eu pressiono a mão no meu peito dolorido.

Eu tento não julgar as pessoas, embora eu seja humana e às vezes não consigo evitar.

Mas não importa o quanto eu tente dizer a mim mesma que essa mulher merece minha simpatia, eu simplesmente não consigo entender o fato de que ela deixou seu filho em um trailer com o homem que abusou deles... e fugiu com sua filha para que ela pudesse arrastá-la de volta para um ambiente violento.

Os pais não são infalíveis, mas *devem* querer o melhor para seus

filhos.

Infelizmente, essa não é a mãe que Quinn e Phoenix receberam.

Fechando a distância entre nós, eu apalpo a bochecha de Phoenix. Eu sei que ele está ferido e assustado e se sentindo sem esperança, mas ele ainda pode salvar sua irmã.

— Mesmo que Quinn volte, você ainda pode tirá-la de lá. Você tem muito dinheiro e tem acesso a advogados excepcionais.

Mas mesmo que ele não o fizesse, eu sei que ele encontraria uma maneira de protegê-la.

Como eu disse a Quinn, ele é a pessoa mais teimosa e determinada que eu já conheci. E o que ele quer, ele consegue.

Ficando na ponta dos pés, arrasto seu rosto para baixo e junto nossas testas. — Você tem isso. E Quinn tem sorte de ter você agora.

Calor bate através de mim, estabelecendo-se entre minhas pernas quando sua boca reivindica a minha.

Um gemido sai dele enquanto ele aprofunda o beijo. Uma mão segura firmemente minha nuca e a outra aperta minha bunda enquanto ele me leva para trás até cairmos na cama.

Pairando acima de mim, ele range sua pélvis, roçando o local onde estou quente e dolorida.

Seu beijo é desesperado e frenético e ele tem gosto de chiclete de canela...

E uísque.

Eu fico tensa porque até esta noite há uma emoção que Phoenix nunca me fez sentir antes.

*Medo*.

E não o tipo que é produto de emoções... o tipo que vem quando você sente que está em perigo de ser fisicamente prejudicado.

Estava tão perto. *Tão perto*.

Phoenix levanta a cabeça. A confusão gira naqueles orbes azuis

enquanto ele olha para mim. ─ O que está errado?

Meu coração bate um caminho caótico pela minha garganta. ─ Se sua mira estivesse um centímetro errada, a garrafa de uísque teria me acertado.

Ele abre a boca, mas não emite um som. Choque toma conta de suas feições... e então vergonha.

─ Eu não quis... ─ Ele roça minha bochecha com o polegar. Seu toque é incrivelmente gentil, como se eu fosse feita de vidro. ─ Eu *nunca* te machucaria, Lennon.

Isso não é verdade porque ele já fez. No entanto, eu sei em meu íntimo que Phoenix nunca colocaria a mão em mim com raiva.

Mas os avisos são avisos por uma razão. Eles avisam que se você continuar fazendo o que está fazendo... algo ruim vai acontecer.

Talvez este seja o dele.

Só espero que ele preste atenção desta vez.

─ Eu não quero estar perto de você se você for beber ou jogar garrafas.

Além do que, é o meu trabalho, então não terei escolha... mas a parte sexual do nosso relacionamento terminará mais rápido do que qualquer um de nós deseja.

Sua expressão muda de culpa para resolução. ─ Chega de beber, e chega de jogar garrafas. ─ Seus lábios roçam minha testa. ─ Prometo.

Estou prestes a beijá-lo, mas ele rola de cima de mim e se deita de costas. Ele mantém o olhar fixo no teto. Eu daria qualquer coisa para saber o que está passando pela cabeça dele.

Enroscando-me ao lado dele, coloco minha cabeça em seu peito. ─ Desculpe por matar o clima.

A vergonha inunda suas feições novamente. ─ Eu não gosto que eu assustei você.

Enrosco meus dedos nos dele. ─ Eu sei que você nunca me

machucaria intencionalmente enquanto você estivesse em fúria.

Eu só quero que ele entenda que mesmo que ele nunca faça isso de propósito, ainda pode acontecer se ele não for cuidadoso.

Trazendo minha mão à boca, ele beija o interior do meu pulso. ─ Eu não faria. ─ Ele inclina a cabeça para olhar para mim. ─ Eu sinto muito.

Nunca em um milhão de anos pensei que ouviria essas palavras de Phoenix Walker.

─ Está bem. ─ Não querendo arrastá-lo sobre isso a noite toda, eu dou a ele um sorriso sedutor. ─ Se você quer ser duro comigo, faça isso durante o sexo.

Porque eu definitivamente não me importo com isso.

Espero que ele faça um comentário grosseiro e retome as coisas de onde paramos... mas ele não o faz.

Ele volta a olhar para o teto.

Eu coloco minha mão livre sobre seu coração. Está batendo rápido e forte. ─ O que você está pensando?

No silêncio pesado, seu olhar procura o meu. Como de costume, sua expressão impassível não revela nada... mas eu daria tudo para saber tudo o que ele mantém engarrafado por dentro.

Justo quando eu perdi a esperança, ele fala.

─ Quinn não merece isso.

Ele está certo, ela não merece.

O pensamento de alguém machucando uma garota que é tão vibrante e cheia de vida me faz querer encontrar o idiota e distribuir meu próprio tipo de punição.

Então, embora eu concorde sinceramente que Quinn não merece isso, parece que Phoenix não percebe algo igualmente importante.

Eu traço a curva de sua sobrancelha com meu dedo, esperando que ele faça contato visual. Quando ele o faz, eu sussurro: ─ *Você* também não merecia.

Desta vez, quando ele me beija, é suave e gentil... como se ele estivesse dizendo *obrigado* com os lábios.

Então, novamente, Phoenix sempre foi enigmático quando se trata de beijar.

Eu me pergunto se há uma razão para isso. Talvez ele tenha tido uma experiência ruim.

— Posso te fazer uma pergunta estranha? — Respiro entre beijos que estão esquentando rapidamente.

— Você pode me perguntar qualquer coisa. — Ele lambe meu lábio inferior antes de mordê-lo. — Não significa que eu vou responder.

*Estou ciente.*

— Qual é o seu problema quando se trata de beijar?

Ele para, seus lábios roçando os meus. — Tem algum problema com minha técnica?

— Não — eu rapidamente asseguro a ele. — Eu amo o jeito que você me beija.

Ele coloca cada coisa que ele sente nisso, assim como ele faz sempre que está no palco.

Eu me afasto porque ter uma conversa quando estamos literalmente de boca em boca não só parece engraçado, é difícil.

— Eu me lembro de você me dizendo uma vez que você não beijou garotas com quem transava. Só estou me perguntando por que beijar é tão importante para você.

Seu olhar cai para minha boca. — Como eu te disse naquela época. Complica a merda. Faz com que pensem que é mais do que é.

Uma pontada estranha passa por mim com a memória.

Não é que seja importante para ele... é que é importante para *elas* e ele não quer que as mulheres interpretem mal as coisas.

— Sim, eu me lembro.

Seus lábios encontram os meus novamente, mas eu coloco uma

mão em seu peito, parando-o.

Phoenix pode estar em alguma coisa.

— Já que somos apenas amigos de foda, talvez devêssemos parar de nos beijar.

Sua mandíbula aperta. — Somos apenas amigos de foda por *sua causa.*

Não... por causa *dele*.

O que é mais uma razão para eu começar a desenhar algumas linhas claras na areia antes que elas fiquem borradas.

— É só que... faz sentido, sabe? Acho que devemos tirar os beijos da mesa.

— Sim. — Ele afasta a boca. — Você tem razão.

Eu deveria estar feliz por estarmos de acordo sobre isso, então me forço a ignorar a estúpida pontada no meu peito.

O silêncio que se segue se estende ao ponto de ser quase desconfortável. *Complicado*.

Eu olho por ele para a janela. O sol está totalmente alto agora, os pássaros cantando com o início de um novo dia.

— Estou exausta e sei que você também deve estar. Vou para o meu quarto.

Uma faísca de esperança passa por mim porque talvez Quinn esteja lá.

Começo a me mover, mas dedos longos envolvem meu pulso.

— Sempre que minha mãe me colocava na cama à noite, ela me beijava na testa. — Phoenix desvia o olhar, recolhendo-se a si mesmo. — Não importa o quão ruim fosse o dia, ela sempre terminava com um 'eu te amo, minha rara avis' e depois um beijo na testa... até ela ir embora. — Ele exala pesadamente. — Eu me agarrei a essas memórias, porque é a única vez que me senti amado. Mas esse amor se transformou em dor. E quanto mais ela ficava fora, mais doía.

Seus olhos encontram os meus. ─ Eu não queria me apegar a outra mulher, porque a única mulher que nunca deveria quebrar meu coração o quebrou em mil pedaços.

Meu próprio coração dá um pulo excruciante. Faz tanto sentido agora.

Não apenas o beijo. Mas ele nunca querendo ter um relacionamento.

Ele não quer deixar outra mulher entrar.

*Ele não quer se machucar.*

Eu apalpo sua bochecha. ─ Eu sinto muito.

Eu odeio que essa mulher tenha arruinado tanto seu filho que ele fechou partes de si mesmo eternamente.

Ela não apenas roubou seu amor, ela tirou sua capacidade de aceitar o amor de qualquer um.

Ele encolhe os ombros como se não fosse grande coisa. ─ Eu apenas pensei que você, de todas as pessoas, merecia saber a verdade por trás da minha regra de não beijar.

Eu corro meu polegar ao longo da barba tênue em sua mandíbula. ─ E aqui eu estupidamente me perguntei se foi um primeiro beijo ruim que te desencorajou.

Seus lábios se curvam. ─ Meu primeiro beijo foi ótimo, na verdade... até que eu fodi tudo.

É seguro dizer que ele despertou minha curiosidade. ─ O que aconteceu?

Aqueles olhos azuis me prendem. ─ Bem, ela era minha tutora, mas tínhamos uma conexão forte e acabamos formando uma amizade.

Meu estômago embrulha porque essa história soa muito familiar.

─ Ela me ajudou a passar na final de inglês para que eu pudesse terminar o ensino médio. Eu a encontrei na sala da banda para lhe contar as boas notícias, mas no momento em que a vi sentada ao

piano... senti como se alguém tivesse me acertado na cabeça com um cano de aço.

Eu não posso falar. Não consigo respirar. Não posso me mover.

Ele toma fôlego que eu não consigo e seus dedos encontram meu cabelo, me puxando para mais perto. ─ Pensei em todas as horas que ela passou me ajudando, na caneta de leitura que ela me comprou… em sua crença inabalável em mim. ─ Seu olhar cai para a minha boca, e ele se inclina. ─ Quando eu disse a ela que passei, ela correu e me abraçou, mas não foi o suficiente. Eu queria mais.

*Oh Deus.*

Seus lábios encontram os meus. ─ Com ela... eu queria mais.

Uma série de emoções se emaranham no meu peito enquanto sua boca desliza sobre a minha.

*Eu fui seu primeiro beijo.*

Eu quase quero rir porque eu mesma era tão inexperiente que nunca saberia se ele era ruim nisso.

Meu pulso dispara quando seus dedos agarram meu queixo, me mantendo no lugar. Um gemido sem fôlego me deixa enquanto ele me leva mais fundo, e eu posso sentir minha resistência quebrar um pouco mais com cada movimento de sua língua.

Ele definitivamente não é ruim nisso. Se alguma coisa, ele é *muito* bom nisso.

É quase injusto.

Saber que sou a única no mundo que pode experimentar isso com ele me faz sentir... *especial.*

─ O beijo está de volta à mesa ─ murmuro contra seus lábios.

Ele engata minha perna em volta de sua cintura, e eu sinto sua boca se contorcer. ─ Nunca foi tirado.

*Droga, Lennon.* Controle-se.

Eu me afasto um pouco. ─ Ainda somos amigos de foda

temporários. ─ Eu tento recuperar o fôlego, mas é impossível porque ele está olhando nos meus olhos, sugando todo o ar dos meus pulmões. ─ Mas eu estaria mentindo se dissesse que não temos uma atração física intensa um pelo outro, certo?

Os cantos de seus lábios se elevam. ─ Certo.

─ E por causa disso, não seria justo negar a nós mesmos a experiência completa, certo?

*Experiência completa*.

Meu estômago se revira. Eu só tinha que dizer *essas* palavras, não é?

Ele está cheio de sorrisos agora. ─ Certo.

Como se sentisse que estou prestes a ficar presa na minha cabeça, ele bate sua boca contra a minha.

Nós nos beijamos por tanto tempo... eu perco todo o conceito de tempo.

Nós nos beijamos por tanto tempo... Eu nunca quero me separar.

Nós nos beijamos por tanto tempo... Quase esqueço o quanto dói.

# CAPÍTULO 53

## LENNON

Equilibrando o prato de ovos, presunto e torradas, saio da cozinha e abro a porta de correr do beliche.

Já se passaram três dias desde que informamos o desaparecimento de Quinn e ainda não ouvimos nada.

No primeiro dia, Phoenix ainda estava otimista de que a encontraríamos e fizemos outra busca antes e depois do show.

Dia dois... ele ficou com raiva. Não com raiva de arremessar garrafas, mas com raiva o suficiente para fazer uma pobre mulher no guarda volumes chorar e o cara da mesa de som ameaçou desistir várias vezes.

Depois disso, todos, exceto eu, o evitaram, a menos que fosse urgente.

Dia três, sua raiva se transformou em miséria... e ele tem sido assim desde então.

Skylar está enviando mensagens para Quinn sem parar nas mídias sociais sem sucesso e toda vez que um de nós liga para ela, vai direto para o correio de voz.

Íamos ficar em Chicago um pouco mais, mas Chandler deu o maior chilique do mundo e ameaçou ligar para Vic se não entrássemos no ônibus.

Seguro será dizer que Phoenix não está feliz.

No momento em que entramos no ônibus, ele foi direto para seu beliche e não saiu.

Eu sei que nada do que eu digo vai melhorar isso, mas estou

perdida, então fiz o que meu pai sempre fez por mim quando estou triste.

Eu fiz comida para ele.

Infelizmente, não havia muito na geladeira para trabalhar e, embora eu seja um chef decente, não sou nem de longe tão bom quanto Vovó.

A cortina em seu beliche está fechada quando eu entro, então eu cuidadosamente a puxo para trás. ─ Ei.

A tristeza marca suas feições enquanto ele fica lá olhando para o nada.

Meu coração cai no chão quando me sento ao lado dele.

Eu gesticulo para o prato que estou segurando. ─ Eu fiz um pouco de comida para você.

Phoenix rola, dispensando a mim e seu café da manhã. ─ Sem fome.

Foi um tiro no escuro. Mas eu aceitei mesmo assim porque odeio me sentir impotente.

Em uma tentativa de encontrar algum raio de esperança em que ele possa se agarrar, digo: ─ Indianápolis fica a apenas três horas de Chicago, e estaremos lá pelos próximos quatro dias.

─ Onde estamos não significa nada quando eu ainda não sei onde *ela* está.

Eu esfrego suas costas. ─ Eu sei. ─ Depois de colocar o prato no meu beliche, eu me enrolo ao lado dele. ─ Se houver alguma coisa que eu possa fazer ou qualquer coisa que você precise...

O som de seu telefone tocando me interrompe.

Suspirando, Phoenix aperta o botão do viva-voz. ─ Olá.

─ Oi, aqui é o oficial Bancroft. Falo com Phoenix?

─ Sim. ─ Phoenix se levanta tão rápido que quase me derruba. ─ Você encontrou Quinn?

Faço uma oração silenciosa.

─ Sim, ─ Detetive Bancroft afirma, e uma onda gigante de alívio flui

através de mim.

No entanto, esse alívio se transforma em pavor com suas próximas palavras. ─ Acontece que o pai dela é na verdade um xerife. Mundo pequeno, né? De qualquer forma, ela está de volta em casa com seus pais.

Meu estômago despenca e o chão abaixo de mim se inclina.

─ Onde ela mora? ─ Phoenix late.

Há uma longa pausa antes que ele diga: ─ Dado que você não é o tutor dela e ela é menor de idade, não tenho liberdade para dar essa informação. Mas não se preocupe, ela está segura.

Então ele desliga.

Rosnando, Phoenix joga seu telefone. ─ Ela *não está* segura, caralho.

Um momento depois, Skylar entra com uma expressão sombria no rosto. ─ Acabei de receber uma resposta do laboratório. Quinn é sua irmã.

O que deveria ter sido uma notícia feliz só o torna muito mais infeliz.

# CAPÍTULO 54

## PHOENIX

Levanto meu dedo médio para a multidão de fãs gritando. — Foi um prazer, Indiana.

Muito estúpido.

Rangendo os dentes, saio do palco.

Eu agarro Skylar no segundo em que a vejo. — Você encontrou o endereço dela?

Ela balança a cabeça. — Não, mas estou trabalhando nisso. O investigador também.

Hoje em dia e com essa idade, ninguém deve estar fora da rede. Por que diabos eles estão demorando tanto?

Skylar é inteligente o suficiente para ir embora quando eu rosno.

As pessoas nos bastidores partem como o mar vermelho enquanto eu me dirijo para a sala verde. Até Storm e Memphis fingem estar ocupados em seus telefones.

Ultimamente todo mundo tem me evitado se eles podem evitar e murmurando que idiota eu sou pelas minhas costas quando eles não podem, mas o rosto de Lennon se ilumina quando eu entro, e ela parece genuinamente feliz com a minha presença.

— Ei você.

Ela está se esforçando para estar lá para mim enquanto eu lido com essa merda e eu sou grato, mas agora, eu preciso dela longe de mim.

— Saia. Agora.

Visivelmente ofendida, sua boca cai aberta e aqueles grandes olhos castanhos piscam com aquele fogo de ódio muito familiar que eu não

vejo há um tempo. Eu posso dizer que ela está dividida entre querer me dizer para me foder com um cacto e querer derramar o refrigerante em sua mão sobre minha cabeça.

Felizmente para nós dois, ela rola os ombros para trás e sai, mas não antes de me chamar de idiota baixinho.

No momento em que ela se foi, eu chuto a mesa de lanches, espalhando qualquer merda que estava nela, e soco a parede mais próxima.

Não é uma garrafa, porém, então minha promessa a ela ainda está intacta.

Bem familiarizado com meu temperamento, Chandler simplesmente pisa na bagunça no chão.

— Você tem uma entrevista por telefone com um jornalista da revista K-pop.

Eu apoio minhas mãos na parede, debatendo se devo ou não a socar novamente. — Por que diabos a revista K-pop quer me entrevistar?

— Porque você é Phoenix Walker — diz ele revirando os olhos. — Além disso, é imprensa livre. — Ele empurra seu celular na minha mão. — Coloque sua bunda no telefone.

— Eu não falo coreano, — eu o lembro.

Andando para trás, ele dá de ombros. — Nesse caso, será uma entrevista curta.

*Bastardo*.

Moendo meus molares, me sento no sofá e aperto o botão do viva-voz. — Olá.

O repórter diz algo na outra linha, mas não sei o quê porque não falo a porra da língua.

Você pensaria que eles teriam nos arranjado um intérprete.

*Idiotas incompetentes*.

Posso sentir que o repórter está ficando frustrado porque ainda não

dei uma resposta. ─ Eu amo meus fãs coreanos.

O repórter faz outra pergunta e, assim como a primeira, não faço a menor ideia do quê.

Por tudo que eu sei, ela pode estar pedindo para chupar meu pau.

Ela certamente não seria a primeira. E tenho certeza de que ela não será a última.

Sem saber o que dizer, corro a mão pelo rosto e me inclino para trás. A enxaqueca latejando na base do meu crânio está crescendo a cada segundo.

─ A Coreia balança.

Aparentemente satisfeita com a minha resposta, ela faz uma pergunta de acompanhamento... uma que eu não entendo.

*Droga.* Eu não tenho nada.

─ Eu amo meus fãs coreanos...

De repente, a porta se abre e um enxame de pessoas corre para dentro.

As palavras ficam presas na minha garganta quando vejo Storm segurando uma garota inerte em seus braços.

Eu não posso ver seu rosto porque está enterrado no pescoço de Storm, mas seus membros são pretos e azuis e há sangue seco em suas roupas. Muito *disso*.

─ Phoenix, ─ a garota grasna.

Meu intestino recua. *Quinn*.

Eu me afogo. ─ Coloque-a no sofá. ─ Eu olho para Skylar já que ela é a mais próxima de mim. ─ Chame uma ambulância.

Skylar pega seu telefone de sua bolsa. ─ Chamando.

─ Não. ─ Quinn geme quando Storm a deita no sofá. ─ Por favor, não.

Lennon se ajoelha ao lado dela e pega sua mão. ─ Nós temos, querida. Você está realmente machucada.

— Vou melhorar. Eu sempre melhoro. — Seus olhos encontram os meus e o desespero girando neles corrói minhas entranhas. — Por favor, não chame uma ambulância. Eu estou te implorando.

*Porra*.

Eu tomo uma decisão em frações de segundo. Uma que eu espero que não saia pela culatra.

— Nenhum hospital. — Eu me viro para Chandler. — Ligue para aquele médico que você conhece e prepare o avião particular se ele precisar. Quero ele aqui o mais rápido possível. Diga a ele que vamos fazer valer a pena.

Assentindo, Chandler pega seu telefone do chão. — Verei o que posso fazer.

Enquanto isso, precisamos deixá-la confortável.

Eu olho para Storm, que parece estar prestes a chutar a bunda de alguém. — Vá pegar um pouco de gelo e um kit de primeiros socorros. — Em seguida, volto-me para Memphis porque sei que esta é sua área de especialização, graças a Josh. — Vá encontrar alguns analgésicos.

— Vou garantir que a equipe fique fora daqui — diz Skylar.

Lennon empalidece quando ela pega sua camisa manchada de sangue. — Eu vou pegar algumas roupas limpas para ela.

— Não vá embora, — Quinn resmunga.

Lennon fica parada. — Eu não vou. — Ela vai tocar a testa, mas hesita no último segundo, como se estivesse com medo de machucá-la. — Vou ficar aqui mesmo.

É quando me dá um estalo. — Como você chegou aqui, Quinn?

Fica a três horas de carro de Chicago e não tem como ela ter ido em um ônibus assim.

Seus olhos se abrem e o que ela diz em seguida me deixa cambaleando.

— Mamãe.

Meu peito aperta com uma estranha mistura de dor e gratidão.

*Ela finalmente colocou sua filha em primeiro lugar*.



— Ela tem três costelas machucadas, uma mandíbula deslocada, duas feridas que precisaram ser costuradas, várias contusões e o que parece ser uma concussão. — O médico me entrega um frasco de comprimidos. — Estes são alguns analgésicos. Não dê a ela mais de quatro em um período de vinte e quatro horas. Ligue para mim se ela tiver algum novo sintoma, embora mais uma vez eu recomende que você a leve a um hospital.

— Não — minha irmã protesta do sofá. — Eles vão ligar para ele.

— Relaxe, Quinn. — Conduzo o médico para fora da sala verde. — Eu aprecio você vindo aqui. Skylar disse que ela já deu o dinheiro para você.

Uma tonelada de emoções passa por mim enquanto eu caio contra a porta, mas apenas uma sai vencedora.

*Raiva*.

O tipo que queima aldeias e começa guerras.

Como se sentisse o furacão se formando dentro de mim, Lennon olha para cima com uma expressão preocupada. — O que você vai fazer?

Só há uma coisa que posso fazer.

Uma coisa que vai acabar com essa merda para sempre.

*Eu vou matá-lo, porra*.

# CAPÍTULO 55

## LENNON

Eu ando de um lado para o outro no meu quarto de hotel, minha mente correndo a mil por hora e meu estômago revirando como uma ginasta em velocidade.

— Eles se foram há muito tempo.

*Detetive Skylar* acabou encontrando o endereço de Quinn algumas horas depois que Quinn foi jogada no estacionamento por sua mãe, e Phoenix decolou em uma nuvem de raiva.

Mas não antes de instruir Storm e eu a ficarmos com Quinn porque ele queria que as duas pessoas em quem ele mais confiava cuidassem de sua irmã.

Fiquei com medo quando ele foi embora.

Mas agora? Estou *apavorada*.

Porque isso foi há mais de nove horas.

— Bem, Phoenix não me ligou para tirá-lo da prisão ainda, então isso é um bom sinal — Storm fornece inutilmente.

Quinn se senta na cama, estremecendo com o movimento. — Devemos ir para lá. Meu pai pode machucá-lo. Ele é muito forte.

Storm e eu trocamos um olhar. *Phoenix é mais forte.*

O que só faz o pânico subindo pela minha garganta agitar minhas entranhas.

Cruzando os braços, Storm olha para ela. — Você não vai a lugar nenhum, delinquente. Deite-se.

Quinn lhe lança um olhar sujo.

Storm está certo, no entanto. Quinn não vai a lugar nenhum.

Eu vou.

Pego minha bolsa da mesa. ─ Voltarei mais tarde.

Esperançosamente.

Storm agarra meu braço. ─ Você quer que Phoenix me mate também? Porque ele me disse especificamente para não deixar *nenhuma* de vocês fora da minha vista.

Eu sou uma mulher crescida, caramba.

─ Desculpe, Storm. ─ Eu acaricio seu ombro com minha mão livre. ─ Vou mandar flores para o seu funeral.

Estou a meio caminho da porta quando ela se abre.

Minhas mãos voam para o meu rosto e suspiro quando percebo o hematoma roxo ao redor do olho de Phoenix. ─ Puta merda.

Esses lábios se curvam em um sorriso arrogante. ─ Você deveria ver o outro cara.

Parte de mim quer correr para seus braços e abraçá-lo mais forte do que eu já abracei alguém, enquanto a *outra* parte de mim quer esbofeteá-lo por ser tão imperturbável com tudo isso enquanto eu estava enlouquecendo de preocupação.

─ Por que diabos você demorou tanto?

Outro suspiro me deixa, e eu aperto meu peito. A sala inteira gira como uma espécie de passeio de carnaval giratório. ─ Oh Deus. Você realmente não o matou. Não é?

Phoenix é muito bonito para a prisão. Além disso, estou bastante certa de que eles não permitem visitas conjugais para amigos de foda.

─ Ele quase fez ─ murmura Chandler. ─ Felizmente, Memphis o tirou em cima da hora.

Quinn empalidece. ─ Eu tenho que voltar lá?

O olhar de Phoenix se separa do meu e trava com o dela. ─ Não. Você vai ficar comigo.

Enquanto eu estou feliz em ouvir isso... eu também estou

extremamente confusa.

— Como isso é possível?

Skylar sorri maliciosamente. — O poder da boa e velha extorsão. — Ela estuda as unhas. — Funciona todas as vezes.

Quinn pisca, parecendo confusa. — Não entendo.

Que faz de nós duas.

Phoenix pega uma garrafa de água do frigobar. — Vamos apenas dizer que deixei bem claro que ele não tinha escolha a não ser deixar você ficar comigo. Se ele não o fizesse, eu deixaria o mundo inteiro saber que o honorável xerife era um pedaço de merda abusivo.

*Sim*. Isso vai servir.

Phoenix não é uma sub celebridade com poucos seguidores. Ele é famoso *internacionalmente.*

E a internet não é um lugar muito indulgente. Onde quer que aquele idiota fosse, alguém em algum lugar o reconheceria exatamente pelo que e quem ele é.

— Isso significa que estamos presos a delinquente juvenil agora? — Storm murmura.

Quinn sai correndo da cama. — Uau. Aguente. Eu posso ficar?

Phoenix acena com a cabeça. — Sim.

Mancando, ela envolve seus braços ao redor dele. — Você é o *melhor* irmão mais velho de todos os tempos.

Chandler suspira enquanto caminha até a porta. — Vamos torcer para que outro dessas não apareça.

# CAPÍTULO 56

## PHOENIX

Eu me reviro no sofá na sala de trás do ônibus, incapaz de adormecer. Não só porque é muito pequeno para acomodar confortavelmente meu corpo, mas eu tenho muita merda na minha cabeça.

Eu mandaria uma mensagem para Lennon e diria a ela para vir aqui para que eu pudesse fode-la e dormir, mas ela não vem porque ela está com muito medo de ser pega por Chandler. E ela precisa de descanso.

Ela não está apenas cuidando de mim, mas me ajudando a cuidar de Quinn nos últimos dias.

E assim, meus pulmões se restringem ao ponto de quase sufocar.

Quanto mais nos aproximamos do final desta turnê... mais o tijolo no centro do meu peito se expande.

*Estamos ficando sem tempo*.

Eu pediria para ela ficar e ir para a Europa conosco, mas sei que ela não vai.

Não só por causa de seu pai, mas porque ela deixou perfeitamente claro que essa coisa entre nós é apenas temporária.

Eu não sou nada além de uma coceira para coçar.

Algo para sair de seu sistema.

Mesmo que ela *sempre* esteja na meu.

A coisa fodida sobre isso é... é minha culpa.

Eu fiz esta cama - e assim como o pequeno sofá na sala que eu peguei para que Quinn pudesse ter meu beliche - eu tenho que deitar nela.

*Foda-se isso*.

Estou inquieto e irritado e poderia usar algo para aliviar a tensão. No entanto, prometi a Lennon que não beberia mais e quero manter todas as minhas promessas a ela. O que significa que não tenho escolha a não ser pegar uma bebida esportiva da geladeira e *fingir* que é forte.

O ônibus está escuro, e todo mundo está desmaiado enquanto eu faço meu caminho para a cozinha.

Todos menos Skylar, que está sentada à mesa.

Eu deveria saber que ela ainda estaria acordada. Como eu, ela tende a ter problemas para dormir e tivemos muitas conversas tarde da noite ao longo dos anos.

Esses dias acabaram há muito tempo, no entanto.

Ela ergue os olhos de seu laptop quando me vê. — Ei.

Virando as costas para ela, pego um Gatorade da geladeira. — Eu vou sair daqui em um segundo.

— Nós costumávamos ser amigos, — ela diz quando eu começo a sair.

*Até que matei seu noivo*.

— E agora você age como se eu não existisse.

Isso não é verdade. Não somos mais próximos, mas não a ignoro.

Inferno, eu não poderia mesmo se eu quisesse.

Eu me viro. — O que você está falando? Você é minha publicitária. Não tenho escolha a não ser reconhecer você.

Inclinando-se para trás, Skylar cruza os braços sobre o peito. — E *é* exatamente assim que você age. Como se falar comigo fosse uma obrigação.

Eu deveria ir embora, mas pela primeira vez desde que ela voltou, eu pego um vislumbre da velha Skylar.

Aquele que usava seu coração na manga e sangrava uma e outra vez pelo cara que - embora apaixonado por ela - a tratou como merda, a manipulou para fazer coisas que ela provavelmente não queria e a traiu

a cada chance que teve.

No entanto, era o cara que ela amava com todo o seu coração.

*O cara com quem ela deveria se casar este ano*.

E eu roubei isso dela.

Expelindo um suspiro pesado, eu caio na cadeira em frente a ela. — Você não deveria querer que eu falasse com você, Skylar. — Meu olhar cai para o anel pendurado em seu pescoço. — Eu sou a razão pela qual o anel de noivado nunca se transformará em um anel de casamento.

— Não, você não é. — Ela inspeciona a mesa como se estivesse procurando uma resposta para uma pergunta que não fez. — Você pode não se lembrar daquela noite, mas eu me lembro. Josh fez suas próprias escolhas. — A angústia toma conta de sua expressão e ela solta um suspiro trêmulo. — Isso nunca terminaria de outra maneira para ele.

— Isso não é verdade. Ele está morto porque eu não o impedi.

*Eu deveria ter impedido*.

Nós dois estávamos muito fodidos para entrar naquele carro.

E agora uma mãe, uma criança e um feto estão mortos.

Ela faz um som de escárnio. — Aceite de alguém que passou a maior parte de sua vida tentando salvá-lo. Você não poderia. — Seus olhos ficam vidrados. — Uma vez que ele colocava sua mente em algo, não havia como pará-lo.

Ela não está errada. Mas ainda…

Eles estão mortos por minha causa.

E nada que ela diga, nada *que eu* faça, jamais mudará isso.

Alcançando o outro lado da mesa, ela rouba meu Gatorade e toma um gole. — Josh fodeu a vida de muitas pessoas. Não deixe que ele foda a sua e se torne mais uma de suas baixas. Confie em mim, o caixão está lotado o suficiente.

Considerando o relacionamento tóxico deles, seria fácil ler nas entrelinhas dessa declaração, mas não quero assumir algo que não

deveria.

Josh não era um santo e ele com certeza não merecia uma garota como Skylar, mas eu sei que ele a amava.

*Tanto que seu último suspiro foi o nome dela*.

— Lennon é uma garota incrível, Phoenix. — Colocando a tampa na garrafa, ela a devolve para mim. — Faça um favor a si mesmo e não destrua a melhor coisa que já aconteceu com você, ok?

*Tarde demais*.



— Então, — Quinn diz com a boca cheia de batatas fritas. — Como isso vai funcionar? Eu tenho que te pedir permissão para fazer coisas?

— Sim.

Se ela acha que eu vou dar a ela liberdade para fazer o que ela quiser, ela é ainda mais louca do que eu pensava.

Eu serei seu irmão mais velho legal quando ela fizer dezoito anos. Agora, eu tenho que ser o pai dela.

Olhando pela janela do ônibus, ela enfia outro punhado de salgadinhos na boca e mastiga. Ruidosamente. — Recebo meu próprio cartão de crédito?

Skylar tentou me avisar que Quinn gostava de fazer compras tanto quanto ela, mas eu estava cético.

Principalmente porque *ninguém* gosta de fazer compras tanto quanto Skylar.

Os lábios de Lennon se contorcem quando ela se senta ao meu lado na mesa da cozinha.

Pego o saco de batatas fritas de Quinn e como algumas. — Não.

Eu não tenho nenhum problema em dar a Quinn o que ela precisa, mas eu não estou dando a ela o que ela *quer*.

Eu tive que aprender o valor de um dólar quando era criança e ela também.

Sua boca abre e fecha como um peixe. ─ Você está falando sério? Cara, você é *rico*.

Hora de deixá-la em um pequeno segredo. ─ Pessoas ricas continuam ricas porque não gastam seu dinheiro em merdas frívolas, *cara.*

Depois que Vic nos deu nosso primeiro grande cheque, Josh comprou uma Ferrari e levou Skylar para Paris em uma viagem de compras.

Memphis comprou uma guitarra nova.

Storm fez uma viagem de volta para casa para ver Vovó.

E eu comprei mantimentos e abasteci minha geladeira pela primeira vez.

Então eu paguei minhas contas e depositei o resto do dinheiro em minha conta poupança.

Nosso segundo cheque foi o triplo do primeiro.

Mais uma vez, Josh levou Skylar para uma viagem chique. Junto com a compra de um anel de noivado, uma mansão ostentosa e outra porra de Ferrari.

Memphis conseguiu um apartamento em LA enquanto Storm e eu saímos do que dividíamos e fomos cinquenta e cinquenta em uma casa.

E um apartamento para Vovó... apesar de seus protestos.

Os cheques ficaram ainda maiores depois disso, mas eu já tinha um doce lar, um bom carro e mantimentos na geladeira, então eu estava mais do que contente.

Josh não estava, no entanto. Cada cheque que ele recebia, ele gastava em coisas extravagantes para si mesmo, presentes exagerados que Skylar implorava para que ele devolvesse, drogas, prostitutas e sabe-se lá o que mais.

Apesar de ganhar mais do que jamais poderíamos gastar em nossas vidas, adivinhe quem começou a ter problemas de dinheiro na época em que nosso segundo álbum virou *diamante*?

O único aspecto positivo de assistir Josh queimar seu dinheiro foi que reforçou para o resto de nós o quão importante era não gastar tudo como se você estivesse morrendo no dia seguinte.

Irônico, considerando que Josh morreu tão jovem.

A culpa constante pairando como uma nuvem negra sobre minha cabeça ameaça assumir o controle, mas não posso ter uma festa de piedade agora porque minha irmã - que tem migalhas de batatas fritas por todo o rosto e camisa - está atualmente boquiaberta para mim como se eu tivesse brotado outra cabeça. ─ O que devo fazer por dinheiro?

A mesma coisa que eu tinha que fazer quando tinha a idade dela. *Trabalhar*.

─ Parabéns. Você é nossa nova garota de publicidade.

Chandler – que está entrando na cozinha – balança a cabeça. ─ Absolutamente não.

Quinn solta um arroto alto o suficiente para acordar os mortos. ─ Por quê?

A veia na testa de Chandler salta quando ele olha para mim. ─ Ela está conosco há mais de uma semana. Vamos receber nosso novo pacote de alegria e educação, ou vamos deixá-la sem educação?

─ Ei, ─ Quinn exclama, claramente ofendida. ─ Eu sou treinada no penico.

Storm, que estava digitando uma mensagem em seu telefone, olha para cima. ─ Obrigado por isso.

Quanto a ela ser educada é uma vantagem, Chandler está certo. Preciso matriculá-la na escola.

Só não tenho certeza de como isso vai funcionar, dado o meu estilo de vida.

Olho para Lennon. ─ Conheço uma boa professora.

Além disso, se ela concordar, isso lhe dará uma razão para ficar mais tempo.

Sem dados, porém, porque Lennon diz: ─ Ela vai precisar de mais do que um tutor.

Eu me concentro em Quinn novamente. ─ Em que série você está?

─ Começo meu primeiro ano depois do verão.

A formatura está muito longe. Porra.

Quinn acena com a mão como se não fosse grande coisa. ─ Não se preocupe. Eu posso fazer supletivo.

─ Você também pode inscrevê-la em aulas online do ensino médio ─ sugere Lennon.

Eu penso sobre isso um pouco. Não é uma má ideia, mas se Quinn for como eu, ela pode ter dificuldade quando se trata de aprender.

─ Você acha que pode lidar com isso? Se não, tudo bem.

─ Totalmente possível, mano. ─ Ela lambe cada um de seus dedos. ─ Sou uma das melhores alunas da minha turma.

─ Deve ser uma turma pequena ─ murmura Storm.

Quinn revira os olhos. ─ Estou falando sério. Eu sou realmente *muito* inteligente.

Lennon aperta meu joelho debaixo da mesa. ─ Você e seu irmão têm isso em comum.

# CAPÍTULO 57

## LENNON

— Ouvi dizer que ele gosta de loiras.

*Não mais.*

— Ouvi dizer que ele tem seu pau perfurado.

*Negativo.*

— Ouvi dizer que ele não gosta de beijar.

Eu levanto meu telefone, tentando esconder meu sorriso.

*Na verdade, ele adora.*

— Ouvi dizer que é tão grande que você vai ficar dolorida por uma semana inteira.

Eu mudo minha postura e aquela dor familiar em que me tornei viciada lateja entre minhas pernas.

*Pode confirmar*.

Um momento depois, a multidão de garotas impacientes em pé na mesa de reunião grita o nome de Phoenix como se ele fosse seu messias quando ele entra nos bastidores.

No entanto, *sou eu* para quem ele vem direto.

Seu olhar fica derretido quando ele me alcança e ele levanta a mão, com a intenção de tocar meu rosto. Dou-lhe um olhar de advertência, já que não estamos apenas em público, mas Chandler está à espreita.

Sua mão se fecha em um punho quando ele a solta. Carrancudo, ele fica ao meu lado e murmura uma maldição... como se estivesse levando cada grama de força de vontade para se conter.

*Isso faz de nós dois*.

Tentando controlar as coisas, eu ergo meu queixo para o grupo de

garotas desesperadamente competindo por sua atenção.

— Elas querem você.

Sua boca se curva em um sorriso de lobo. — Todo mundo me quer. — Mergulhando a cabeça, ele roça os lábios na minha orelha. — Mas só *você* pode me ter.

Meu coração bate em minhas costelas.

Como se conhecesse o impacto de suas palavras, seu olhar lentamente varre meu corpo, deliberado e descarado, antes de caminhar até o grupo de fãs.

Minhas roupas de repente parecem que estão me sufocando. Eu tenho o desejo imprudente de marchar até lá, roubá-lo e fazê-lo me foder na frente de todas, apenas para verificar sua declaração.

É quando noto George olhando para mim do outro lado da sala.

A culpa é um bloco de concreto pesado no meu peito. Não nos falamos desde aquela noite no clube e ele tem todos os motivos para me odiar.

Embora você não possa escolher por quem se sente atraída, a maneira como as coisas terminaram entre nós não foi certa.

Devo-lhe um sincero pedido de desculpas e espero que ele finalmente me permita dar-lhe um.

Respirando fundo, vou até ele.

— Ei. Podemos falar?

Ele bufa em sua bebida. — A última vez que *conversamos,* acabou com você fodendo o cara por quem você jurou que não tinha sentimentos.

Justo. Embora isso não seja totalmente preciso. Os únicos sentimentos que me permitirei ter por ele são do tipo carnal.

*O tipo seguro.*

— Não é desse jeito. Eu não tenho sentimentos por Ph... — Eu me impeço de pronunciar seu nome em cima da hora porque Chandler

passa. ─ Eu realmente sinto muito. Eu nunca quis te machucar.

Outra bufada o deixa. ─ Sim, você quis.

Estou na ponta da minha língua para assegurar-lhe que não era o caso, mas então ele diz: ─ Você sabia que eu tinha sentimentos por você, Lennon. Mas em vez de fazer a coisa certa e me dizer que você não os retribuia, você me enganou para poder me usar. ─ Seu rosto se contorce com desgosto. ─ Dizer a si mesma que você nunca quis me machucar pode ajudá-la a dormir melhor, mas isso não muda a verdade. Você não é uma boa pessoa. Você é uma egoísta.

Eu sou *ele*.

Meu coração se aloja na garganta com a realização.

Apesar de cenários diferentes, o que fiz com George é semelhante ao que Phoenix fez comigo.

E pensar, houve um tempo em que eu teria matado para ser Phoenix Walker.

Acho que consegui meu desejo.

Eu tenho enfiado toda a minha dor em um cofre e me forçado a *esquecer* para que eu possa desfrutar do sexo, mas as palavras de George acabaram de abrir aquele cofre e todo o conteúdo dentro está queimando minha alma.

George ainda não terminou comigo, no entanto. ─ Eu costumava pensar que você era uma garota inteligente, mas você não é. Garotas espertas não voltam para seus ex que as traíram.

Ele tem razão.

Só o que Phoenix fez comigo foi pior. *Muito pior*.

E aqui estou eu fazendo sexo com ele como se tudo estivesse ótimo.

No entanto, *ele* ainda não vai admitir o que ele fez comigo.

O único que conseguiu um *passe livre* no nosso cenário é ele.

Eu não sou apenas estúpida. Eu sou *fraca* e sem sentido.

— Sinto muito — eu sufoco, a realidade disso me asfixiando. — Estou *tão* triste...

Eu não consigo terminar essa declaração porque Phoenix envolve a mão em volta da garganta de George e o empurra contra a parede. — Diga mais uma palavra para ela e eu *vou* te matar, porra.

Há um suspiro coletivo nos bastidores e as garotas na mesa de reunião começam a tirar fotos com seus celulares.

Cravo minhas unhas na mão de Phoenix, tentando arrancá-las da garganta de George antes que ele perca a consciência. — Deixe-o em paz. Ele não fez nada de errado.

Phoenix olha para mim como se eu fosse louca. — Ele machucou você.

— Não. — Lágrimas borram minha visão enquanto uma massa de pessoas corre. — *Você* machucou.



Eu moo meus molares com tanta força que fico surpresa por eles não virarem pó quando meu telefone vibra com *outra* mensagem de texto.

Rolando na cama, olho para o meu telefone.

**Phoenix**: Fale comigo.

Não tenho nada a dizer. Ou melhor, nada que ele queira ouvir.

Estou agradecida por ele não poder entrar aqui como costuma fazer, porque este hotel não tem quartos conjugados.

Não vai impedi-lo de me ligar e me mandar mensagens a noite toda, no entanto.

Os pontos na parte inferior da tela aparecem e desaparecem, antes de aparecer novamente.

**Phoenix**: Vamos lá, groupie. Você não pode me evitar para sempre.

Ah. *Assista.*

É o que eu estava planejando fazer depois que a turnê terminasse.

Agora está doze dias adiantado.

Com um bufo, eu jogo meu telefone do outro lado da sala.

— Meu irmão ainda está te irritando? — Quinn pergunta com uma carranca. — De acordo com Skylar, os meninos ficam mais burros com a idade.

Skylar não está errada.

No entanto, apesar de conhecer seu irmão mais velho por um curto período de tempo, é claro que Quinn pensa muito nele.

Eu não quero estragar isso para ela.

Porque eu sei melhor do que ninguém como é devastador descobrir que a pessoa com quem você se importa não é quem você pensava que ela é.

*Eca.* Vai ser difícil esconder meu desdém dividindo um quarto com ela pelos próximos doze dias.

Estou prestes a dizer a ela que está tudo bem, mas ela começa a jogar algumas das roupas e produtos de higiene pessoal que Skylar comprou para ela recentemente em uma pequena sacola.

Olho para o relógio na mesa de cabeceira. É quase meia-noite.

— Onde você está indo?

— A última vez que verifiquei, você era a babá de Phoenix. Não é minha.

Ela está certa.

Mas a garota tem um histórico de fuga.

O medo envolve minhas entranhas e eu me sento. — Por favor, não fuja.

Estou pensando em maneiras de suborná-la para ficar quando seu rosto bonito se abre em um sorriso. — Deus, você deveria ver seu rosto agora. — Ela enfia um pijama na bolsa. — Relaxe. Skylar me convidou para o quarto dela para uma festa do pijama. Ela vai me ensinar como fazer minha maquiagem e depois vamos fazer manicure e pedicure. — Um brilho esperançoso entra em seus olhos. — Quer vir?

Por mais que eu não queira decepcioná-la, não serei muito divertida, dado o meu humor azedo.

— Posso deixar para uma próxima?

Dando de ombros, ela coloca a bolsa no ombro. — Certo. Mas só se você me emprestar seus Doc Martens.

Parece que rodar e negociar é um de seus passatempos favoritos.

— Pode deixar.

Ela se dirige para a porta, mas eu a chamo de volta. — Quinn?

Ela se vira. — Oi?

— Você jura que vai para o quarto de Skylar, certo?

Se ela fugir no meu turno e se machucar novamente, eu nunca vou me perdoar.

Inclinando a cabeça, ela suspira. — Caralho. *Sim*. — Sua expressão fica séria. — Sem zoeira.

Eu não tenho ideia o que isso significa.

— Isso significa sem mentira — ela grita.

Nesse caso, não é genético.

Depois que ela sai, eu ando para o outro lado da sala e pego meu celular do chão.

Estou pensando se é tarde demais para ligar para a Sra. Palma quando ouço uma batida.

Corro até a porta. — Você esqueceu seu...

Paro de falar quando percebo *que ele* está ali.

Por mais que eu queira bater na cara dele, ele pode estar aqui para

me dizer algo relacionado ao trabalho.

Cruzo os braços sobre o peito, principalmente porque estou chateada, mas também porque não estou usando sutiã por baixo do top branco do pijama. ─ O que você quer?

Ele tem a coragem de olhar para mim como se *eu fosse* a irritante. ─ Eu estive mandando mensagens de texto e ligando para você nas últimas duas horas.

*Estou ciente.* ─ E eu tenho ignorado você nas últimas duas horas.

Algo que tenho certeza que ele já descobriu. Daí a bunda teimosa está aqui.

Começo a fechar a porta, mas ele enfia o pé entre ela e o batente. ─ Amigos não são amigos fantasmas, lembra?

Ah, esse filho da puta.

Balançando a porta aberta, eu olho em seu rosto. ─ Nós não somos amigos.

Eu quero cortar o sorriso presunçoso de seus lábios com uma serra elétrica. ─ Então por que você continua insistindo que somos *amigos de foda*?

─ *Fomos*. No passado. ─ Lanço-lhe um sorriso vingativo. ─ Boa noite.

Ele faz um som rosnado no fundo de sua garganta. ─ Droga, Lennon. Me deixe entrar.

Apesar de saber que ele é maior e mais forte e poderia facilmente abrir caminho se quisesse, mantenho-me firme. ─ Não.

Ele passa a mão pelo rosto. ─ Eu sei que você está chateada porque eu ataquei George.

Embora eu admita que foi totalmente desnecessário, ele errou irrefutavelmente o alvo.

O fato de ele nem perceber o que está errado é o problema.

Phoenix é altamente inteligente. Não deve ser difícil para ele

descobrir isso.

No entanto, eu jogo um osso para ele porque quanto mais rápido ele souber, mais rápido ele sairá. ─ Eu não estou chateada. Estou ferida.

*Ferida*.

Ele pisca em confusão e é tudo que posso fazer para não jogar minhas mãos para cima.

─ Por quê? Nós dois sabemos que você não gosta dele...

─ Estou chateada porque sou igual a *você*! ─ Eu grito tão alto que tenho certeza de que alguém ligará para a recepção com uma reclamação de ruído.

Minha explosão só o intriga mais. ─ O que?

─ Eu sabia que George tinha sentimentos por mim que eu não retornei, mas eu o usei de qualquer maneira. Assim como você *me usou.*

Siga as bolas quicando, idiota.

─ Jesus fodido Cristo. ─ Um ruído áspero o deixa, e ele passa por mim no quarto. ─ Eu te disse, meus sentimentos por você eram - *são* - reais.

─ O que torna o que você fez ainda pior.

Porque quando você tem sentimentos por alguém, você não os quebra intencionalmente.

Mas ele fez. E agora estamos aqui.

Presos em um lugar do qual nunca poderemos sair.

Meus pulmões congelam quando ele pega minha camiseta entre os dedos e me puxa para frente. ─ Eu *odeio* que eu machuquei você.

É a segunda vez que ele diz isso. Apenas a agonia em sua expressão é de alguma forma ainda mais forte agora.

Tão forte que me vejo desesperadamente querendo acreditar nele... apesar de meu subconsciente me dizer que eu deveria saber melhor.

O momento de silêncio entre nós parece uma vida inteira antes que ele finalmente me liberte.

Percebo o saco de papel que ele está segurando enquanto nos separamos. ─ O que tem na bolsa?

Com o rosto impassível, ele coloca a mão dentro dela e tira uma garrafa de Jack Daniels junto com dois copos vermelhos.

A memória me corta como uma lâmina.

─ Você não deveria beber, lembra?

Algo que ele me prometeu - mas *chocante* - ele mentiu.

Sua expressão endurece, quase como se ele soubesse o que estou pensando, e isso o perturba. ─ Ainda bem que eu enchi com chá gelado então.

*Droga.* Certo. Ele não mentiu desta vez. Loucura.

Eu assisto confusa enquanto ele caminha até a pequena mesa no canto da sala e começa a encher os dois copos.

Então ele me entrega um.

─ O que você está fazendo?

Dando-me um sorriso travesso, Phoenix bate seu copo contra o meu. ─ Deveríamos jogar um jogo de bebida pelos velhos tempos.

Eu o prendo com um olhar que faz seu sorriso cair. ─ Não vamos.

Algum jogo idiota que jogamos no ensino médio não vai milagrosamente nos tornar amigos novamente.

Apesar de que funcionou naquela época, mas há um mundo de diferença entre beijar uma garota e ignorá-la por três dias... e arruinar alguém que estava apaixonado por você para seu próprio ganho egoísta.

─ Lennon.

Há uma borda em sua voz, mas eu não me importo.

─ Eu não estou jogando esse jogo estúpido.

Desconsiderando isso, ele levanta a xícara no ar. ─ Vou começar. Nunca tive um toque de recolher.

*Sério*? Já faz mais de quatro anos. Você pensaria que ele teria uma abertura melhor.

Apesar da minha inimizade por ele e desse jogo ridículo que ele está determinado a jogar, tomo um pequeno gole.

— Isso é surpreendente, dado Chandler e tudo mais.

— Ele tentou uma vez, mas nós dois sabemos que eu não sigo regras. — O olhar conhecedor que ele me dá é uma flecha no coração. — Sua vez.

Bem, se ele pode fazer repetições, eu também posso.

— Nunca cantei no palco. — Quando ele levanta uma sobrancelha, acrescento. — Na frente de uma multidão.

*Não como ele*.

Ele me examina enquanto bebe... e então o idiota faz isso.

— Nunca tive despejo de porco jogado em mim em uma festa.

Ele tem sorte que este chá gelado é bom ou então ele teria agora.

Levando a xícara aos meus lábios, eu levanto o dedo indicador da minha mão livre. — Ainda muito cedo.

Isso arranca uma risada dele.

Uma que eu certifico de interromper com minha próxima declaração.

— Nunca trapaceei em um teste... ou com uma garota.

Sua expressão se torna acusatória. — Teste sim. Namorada, não. Eu te disse, eu não transei com Sabrina naquela noite.

— Não importa. — Querendo golpeá-lo onde dói, levanto meu olhar para o dele. — Porque eu nunca fui sua namorada... e nunca serei.

Eu posso dizer que meu comentário acertou no alvo porque ele parece ter levado um chute no saco. *Quase* me sinto mal.

Mas, ei. Ele é o único que queria jogar o jogo e se arrastar pela estrada da memória. Não posso evitar que nosso caminho seja pavimentado com dor, inundado de mágoa e obstruído pelo engano.

Afinal, é o que *ele* escolheu.

Suas narinas se dilatam em uma inspiração e ele me dá um olhar punitivo. — Nunca menti para mim mesmo sobre ser apenas amigos de

foda com alguém quando eu queria mais.

Eu começo a tomar um gole, então intencionalmente paro de beber no último segundo. ─ Você saberia tudo sobre mentir. Você não saberia? ─ Uma sensação de queimação aperta meu coração como um punho. *Seu* punho. ─ Nunca roubei uma música de alguém.

Os tendões em sua garganta flexionam enquanto ele drena o resto do líquido em seu copo.

Este é o mais próximo que ele já chegou de admitir o que ele fez.

E desta vez... a vitória tem um sabor doce.

Isso me dá um pequeno pontapé de satisfação; um que eu estou montando alto até suas próximas palavras.

─ Nunca fui pago para tirar a roupa.

A mordida em seu tom é inconfundível, e eu sei que isso foi a vingança pela minha última.

Pena para ele não funcionar, porque eu não tenho que beber.

Suas feições se contorcem com confusão. ─ O que você estava fazendo na Obsidian então?

Colocando minha xícara na mesa, eu dou a ele um olhar frio. ─ Precisamos jogar verdade ou desafio para isso.

Ele encontra minha expressão gelada de frente. ─ Verdade ou desafio, então.

─ Excelente. ─ Minha bolsa de lábios. ─ Eu vou primeiro desta vez. Verdade ou desafio?

Só há *uma* pergunta para a qual quero saber a resposta.

Mas Phoenix se esquiva como um profissional. ─ Desafio.

Meus olhos se estreitam. ─ Eu te desafio a ir se foder.

Dirigindo um sorriso de merda na minha direção, suas mãos vão para o zíper de sua calça jeans e ele caminha em direção a minha cama. ─ Eu prefiro foder você, mas...

─ Pare ─ eu grito antes que ele arranque seu pau. Eu quero a

verdade dele esta noite e não vou deixar *isso* me distrair. ─ Eu te desafio a... ─ Olho ao redor da sala, tentando pensar em algo. Isso me ocorre quando vejo o celular dele na mesa. ─ Envie uma mensagem suja para a última pessoa que ligou para você.

Seu rosto se contorce com diversão enquanto ele passa o olhar para cima e para baixo no meu corpo. ─ Quão sujo você quer, Groupie?

─ Muito. ─ Pego seu telefone e entrego para ele. ─ E certifique-se de usar o nome dela na mensagem. Dessa forma, ela saberá que foi feito para ela.

Mordendo o piercing no lábio, ele afirma: ─ Confie em mim, ela saberá.

É óbvio que ele supõe que eu vou ser o destinatário desde que ele explodiu meu telefone nas últimas duas horas. No entanto, eu raramente ligo para Phoenix visto que estamos sempre ligados no quarto e em outras partes do corpo.

Eu dou a ele um sorriso atrevido. ─ Lembre-se, tem que ser a última pessoa que ligou *para você*. Não a última pessoa para quem você ligou.

O olhar sexy limpa seu rosto enquanto ele olha para o telefone. ─ A última pessoa que me ligou foi Chandler.

Isso só fica cada vez melhor. ─ Vamos, Walker. O tempo é um desperdício. E não se esqueça, ele precisa estar *muito* sujo.

Como ele usa fala em texto, consigo ouvir cada palavra de seu bilhete de amor.

Atirando-me um olhar de aborrecimento, ele segura seu telefone a alguns centímetros de distância de sua boca, ─ Eu quero... ─ Ele parece que vai ficar doente e eu amo cada minuto disso. ─ Tirar suas roupas.

Eu o nivelo com um olhar porque nós dois sabemos que ele pode ser *muito* mais sujo do que isso.

Querendo inspirar sua criatividade, passo lentamente uma mão entre meus seios antes de apertar um. Minha outra mão desliza para

dentro do cós do meu pijama.

Os olhos de Phoenix acompanham o movimento, fazendo com que meus mamilos enruguem contra o tecido fino.

— E então eu vou amarrar você, abrir você e provar você até você gozar por toda a minha cara. — Ele dobra um dedo. — Venha pra cá.

Balançando minha cabeça, eu murmuro, 'Chandler.'

Phoenix parece querer me matar de cara antes de gritar “Chandler”.

— Você quer enviar este texto para Chandler? — uma voz robótica pergunta.

— Sim — eu digo.

— Mensagem enviada.

Ele joga o telefone na cama. — Só por isso, vou *te desafiar* a me deixar fazer tudo o que acabei de dizer.

Por mais tentador que seja, estou em uma missão. Infelizmente, eu tenho que aguentar mais uma rodada antes que eu possa realizá-la.

— É sua vez.

Phoenix começa a falar, mas então *meu* telefone toca.

Eu empalideço quando vejo o nome de Chandler piscar na tela.

Eu limpo minha garganta antes de atender. — Olá?

— Phoenix está bêbado de novo, — Chandler reclama, soando ainda mais irritado. — Fique de olho nele esta noite e certifique-se de que ele fique longe de problemas.

É preciso tudo em mim para não rachar. — Pode deixar.

— E tire o maldito telefone dele — ele morde. — A última coisa que preciso é que ele mande uma mensagem para Vic Doherty dizendo que quer amarrá-lo e *saboreá-lo*.

Levando o punho à boca, Phoenix morde o nó do dedo, abafando uma risadinha.

— Entendi.

No momento em que Chandler desliga, não consigo conter minha

risada, nem ele.

O som rouco enche a sala e, assim como sua voz, é hipnótico e magnético. Eu poderia ouvi-lo no repeat todos os dias e nunca enjoar dele.

— Acho que ser um bêbado tem suas vantagens, afinal.

Limpo a água escorrendo dos meus olhos enquanto imagino o rosto de Chandler lendo aquele texto. — Evidentemente.

Depois de uma batida, o comportamento de Phoenix fica sério. — Verdade ou desafio?

Eu me preparo porque sei o que está por vir. — Verdade.

— O que você estava fazendo na Obsidian?

Aqui vai nada.

— Três semanas antes do final do meu segundo ano em Dartmouth, recebi um telefonema da Sra. Palma. Meu pai estava agindo de forma estranha, e eles o levaram para o hospital. Para encurtar a história, eles fizeram vários testes e o diagnosticaram com demência precoce...

Coloco uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Acabei saindo cedo da faculdade para cuidar dele. No entanto, ser freelancer significava que ele – nós – tínhamos que pagar suas despesas médicas do próprio bolso.

— Eu usei o que estava em sua conta poupança e fundo de aposentadoria para cuidar da maior parte da dívida médica e pagar a casa... e cobrir as mensalidades do meu último semestre porque meu pai esqueceu de enviar um cheque. De qualquer forma, consegui um emprego em um restaurante, mas não estava ganhando dinheiro suficiente para cobrir nossas despesas. Então, comecei a trabalhar na Obsidian… como bartender.

Sua expressão se transforma em uma de tristeza. — Eu... merda.

Eu não quero ou preciso de sua piedade. — Está tudo bem.

Ele inala pelo nariz antes de exalar bruscamente. — Gostaria que

você tivesse vindo até mim.

Não consigo segurar o riso, embora, ao contrário de antes, seja desprovido de humor.

— E dizer o quê? Oi, Phoenix. Lembra-se de mim? A garota que você fodeu. Se importa de me dar um cheque por aquela música que você roubou? — A raiva corre pela minha pele, seguida por um chute forte de tristeza nas minhas costelas. — Nós dois sabemos que você nunca mais teve a intenção de me ver ou falar comigo, muito menos me ajudar. A única razão pela qual estou aqui agora é por causa de Storm e Chandler.

Ficando em silêncio, ele pega o cigarro atrás da orelha e o acende.

— Este é um quarto para não-fumantes — eu o lembro, mas como sempre, ele não dá a mínima.

Porque ele é Phoenix Walker.

Ele faz o que quer sem consequências.

*Deve ser legal.*

Cerrando os dentes, abro a janela, esperando tirar um pouco da fumaça. — Verdade ou desafio?

— Eu fui para Dartmouth — ele murmura, sua voz quase um sussurro.

Sua admissão quase me derruba. — Quando?

Levando o cigarro aos lábios, ele dá uma longa tragada. — Pouco mais de um ano e meio depois que deixei Hillcrest. — Um rastro de fumaça o deixa em uma expiração áspera. — Sharp Objects explodiram, e eu sabia que não tinha como você não ter ouvido a música. Parte de mim continuou esperando que você me caçasse e gritasse comigo... mas você não o fez.

Eu não ia dar a ele a satisfação. Especialmente porque não havia nada que eu pudesse fazer sobre sua traição.

Seria o equivalente a perfurar uma parede de tijolos.

O único que se machuca é *você*.

A fumaça do cigarro aceso pendurado em sua boca flutua no ar e seu olhar se volta para dentro, como se estivesse perdido em seus pensamentos.

— Estava nevando loucamente quando cheguei ao campus, e congelei minhas bolas procurando por você. Eu estava começando a pensar que perdi meu tempo e pensei em ir embora quando vi você sair pela porta que leva ao pátio. — Um leve sorriso se espalha em seus lábios. — Você estava usando um casaco grande e fofo, um chapéu roxo com uma bola felpuda e protetores de ouvido. Seu nariz e bochechas estavam vermelhos de frio. Você parecia tão fofa que eu tive que parar e recuperar o fôlego.

Ele apaga o cigarro na xícara. — Você continuou andando, no entanto, e eu não queria perder você de vista, então eu também andei. Chamei seu nome quando me aproximei... e você parou. Levei alguns segundos para registrar que não foi porque você me ouviu. Foi por causa do cara te dando uma xícara de chocolate quente.

*Harry*.

Eu lembro desse dia. Havia uma tempestade de neve iminente – o que era normal para invernos em New Hampshire – e eu estava encontrando meu namorado durante o intervalo de vinte minutos que tive entre as aulas.

Os protetores de ouvido que eu usava eram um presente de Natal do meu pai. Eles tinham a opção de se conectar ao seu telefone para que você pudesse ouvir música.

É por isso que não o ouvi chamar meu nome.

*Mesmo que eu o sentisse*.

O olhar de Phoenix trava com o meu. — Ele se abaixou para te beijar, e depois, você sorriu para ele. — Emoções piscam em seu rosto. — Era o mesmo sorriso que você costumava me dar... e foi nesse

momento que eu soube.

— Soube o quê?

Sua voz baixa e áspera me envolve como um fio, puxando com força. — A razão pela qual você nunca veio me ver não foi porque você estava muito nervosa ou chateada para me confrontar. Foi porque você estava feliz... e eu perdi você para sempre.

Um nó se forma no meu peito e meus olhos ardem com lágrimas que eu nunca vou deixá-lo ver.

Mas eu vou dar isso a ele.

— Eu vim para ver você uma vez.

Ele parece tão surpreso com a minha admissão quanto eu com a dele. — Quando?

— Durante sua primeira turnê. Você estava tocando em algumas cidades perto da minha faculdade e eu decidi comprar um ingresso para o show no último minuto. — Um nó enche minha garganta e eu engulo antes de continuar. — Eu queria experimentar como seria ter um local cheio de duas mil pessoas ouvindo minha música.

Mesmo que não fosse eu quem estivesse cantando.

Seu peito sobe e desce com inspirações rápidas e irregulares, e sua expressão se despedaça.

Parece que está se afogando...

*Mas fui eu que ele jogou ao mar sem colete salva-vidas.*

— Por quê?

É a pergunta que me fiz todos os dias nos últimos quatro anos.

Ele abaixa a cabeça, como se não suportasse olhar para mim.

Ele fica quieto por tanto tempo, eu tenho certeza que ele não vai me dar uma resposta.

Mas então seu timbre profundo e torturado preenche o espaço entre nós. — As palavras sempre foram meu maior obstáculo. Não importa quantos instrumentos eu aprendi a tocar, ou quão bom eu possa cantar e

tocar... eu nunca fui capaz de fazer a única coisa que um artista deveria fazer.

Levantando a cabeça, seu olhar colide com o meu. ─ *Criar*. A única coisa que posso fazer é pegar a arte deles e replicá-la – talvez modificar algumas notas e mudar um pouco. Mas mesmo que eu faça com que soe dez vezes melhor do que o original e coloque tudo o que tenho nela quando canto, ainda assim não a torna minha. Eu nasci com uma grande voz e um amor inerente pela música… não um dom.

Levantando-se da cama, ele fecha a distância entre nós. ─ A indústria é implacável e as chances de ser descoberto são de uma em um milhão. Pelo menos. ─ Suas feições se contorcem com indignidade. ─ Eu tinha a voz, a aparência e o desejo de perseguir meus sonhos... mas não era uma garantia de que eu teria sucesso. Eu precisava de algo original. Algo raro e único. ─ Seus dedos roçam minha bochecha. ─ Algo *especial*.

Uma onda de agonia rasga minha alma, me envolvendo em uma onda violenta que faz tudo ao meu redor girar.

Tudo que eu sempre quis foi ser especial...

*E ele roubou.*

Eu o empurro com toda força que possuo. ─ Saia.

Ele tenta envolver seus braços em volta de mim, mas eu não vou deixar.

Eu preciso que ele se vá.

Phoenix já era todas aquelas coisas que ele disse que precisava e mais algumas, ele não teve que pegar a única coisa *que eu* tinha.

Quando ele se recusa a ceder, eu corro até a porta e a abro. ─ Se você realmente se importa comigo, você vai embora. Agora mesmo.

É a única coisa que o faz se mover.

Ele agarra meu antebraço enquanto cruza a soleira. ─ Eu sinto muito.

Desculpa não muda nada. *Não nos conserta*.

— Você não precisava roubá-la.

Apenas quando eu pensei que não havia mais nada dentro de mim para ele quebrar, algo no fundo do meu peito se quebra.

Eu amei Phoenix Walker. Tanto que eu teria sacrificado de bom grado e feito o que ele precisasse apenas para garantir que todos os seus sonhos se tornassem realidade.

Ele não tinha que me apunhalar no coração para conseguir o que queria.

— Eu teria te dado a música. — Minha visão turva e minha voz falha. — Eu teria te dado *tudo*, Phoenix.

Meu coração, mente, corpo, alma e arte.

Seja o que for de que sou composta, era tudo dele.

Tormento puro corta os ângulos afiados de seu rosto, quase como se estivesse sofrendo tanto quanto eu, mas não há como isso ser possível, já que foi ele quem fez isso.

— Dê para mim, agora. — Sua mão desliza para a minha nuca. — Não vou estragar tudo desta vez.

Não tenho como confiar nisso. *Confiar nele*.

A agonia que tudo consome rompe a parede de armadura que coloquei, me aleijando. Minha testa bate em seu peito e eu o inalo em meu sistema. Eu não tenho que experimentar drogas para saber que ele é o mais letal que existe para mim.

O órgão batendo no meu peito me implora para puxá-lo para mais perto, mas a autopreservação toma conta e eu o afasto.

— Não posso.

Dou-lhe um último empurrão antes de bater a porta.

Um soluço sai da minha garganta enquanto deslizo para o chão.

Todas as lágrimas que tenho guardado nos últimos quatro anos transbordam e as palavras da minha música reverberam pela minha

cabeça... me provocando.

*Eu sou duro como um prego*
*Afiado como uma lâmina*
*Mas eu ainda estou deitada aqui...*
*Na bagunça que você fez.*

*Acidentado e quebrado*
*Aborrecido e desbotado.*
*Em todos os lugares que eu viro...*
*Eu respiro você e sangro você.*

# CAPÍTULO 58

## LENNON

Congelo quando a porta de correr do beliche se abre, mas relaxo quando vejo Skylar.

Não falo com Phoenix desde ontem à noite e não tenho intenção de falar com ele a menos que seja absolutamente necessário.

Faltam apenas onze dias para acabar a turnê, então, embora seja difícil, é possível.

Desligo a música que estava ouvindo e tiro os fones de ouvido quando ela se joga no meu beliche.

— Gostaria de falar sobre isso?

Eu gostaria, mas infelizmente os dois amigos que tenho neste ônibus - Skylar e Storm - são as duas pessoas que eu não posso conversar - dado que seria um conflito de interesses e tudo mais.

Eu só preciso passar por essa turnê para que eu possa pegar meu dinheiro e voltar para casa com meu pai.

Eu balanço minha cabeça, internamente me xingando quando meus olhos lacrimejaram.

Uma carranca marca o rosto de Skylar. Então, para minha absoluta surpresa, ela envolve seus braços em volta de mim. — Eu não vou fazer você me dizer nada que você não queira. Mas estou aqui, estritamente como sua amiga, se você precisar conversar.

Ela enxuga minhas lágrimas. — Quer que eu o mate?

Isso tira uma pequena risada de mim. — Se o fizesse, tenho certeza de que setenta e cinco por cento das mulheres do planeta pediriam sua decapitação.

Ela levanta um ombro em um encolher de ombros. ─ Eh, eu fui ameaçada com coisa pior. ─ Ela me estuda atentamente. ─ Eu não sei o que o idiota fez, mas seja o que for, eu sei que está batendo forte nele porque ele não fala com ninguém e ele não sai da sala.

Não tenho nada a dizer sobre isso.

Suas sobrancelhas colidem. ─ Em uma escala de um a dez, quão ruim é?

─ Um milhão.

Ela suga uma respiração afiada. ─ Nesse caso, ele está ferrado. ─ Ela desvia o olhar. ─ Promete que não vai ficar brava comigo por dizer isso?

Fale sobre uma pergunta capciosa. ─ Isso depende do que você disser.

Seus dentes viram ao longo de seu lábio inferior. ─ Ok, mas saiba que isso não significa que eu estou defendendo ele. Confie em mim, estou *firmemente* no time Lennon.

Apesar de não gostar do som disso, eu silenciosamente a encorajo a continuar.

─ Phoenix é um idiota.

─ Nisso, concordamos.

─ Mas ele tem um bom coração. E embora não seja justo que, para chegar às coisas boas, você tenha que se arrastar por uma montanha de problemas de abandono e danos... não só quer ser amado, mas vai devolver isso a você dez vezes. ─ Ela faz uma careta. ─ Uma vez que ele puxar a cabeça para fora de sua bunda.

Ela levanta a mão. ─ Mas, novamente, equipe Lennon. Se ele estragou tudo com você indefinidamente e você acabou, eu sei que é só porque o que ele fez foi imperdoável.

─ O que te faz dizer isso?

Quero dizer, a avaliação dela está no local. Estou curiosa para saber

como ela chegou a essa conclusão sem conhecer os detalhes.

— Porque somos muito parecidas. O que significa que você não é o tipo de garota que desiste das pessoas. Não até que você realmente acredite com todo o seu ser que não há mais nada de bom nelas e não há mais nada dentro delas que de para recuperar ou pelo qual valha a pena lutar.

Eu solto um suspiro. Maldita seja ela e sua percepção.

No entanto, não posso deixar de me perguntar se ela também está falando por experiência própria.

— Foi isso que aconteceu com você e Josh?

Ela desvia o olhar. — Algo parecido. Só que eu aguentei *muito* mais do que deveria. O que me fez perder a melhor coisa que já me aconteceu... permanentemente. — Seu rosto se contrai. — Eu sou Phoenix.

Tenho certeza de que sei de quem ela está falando. E se for esse o caso, não acho que seja tão *permanente* quanto ela pensa que é. Eu o peguei olhando para ela inúmeras vezes quando ele acha que ninguém está olhando. Não que eu possa culpá-lo. Skylar é facilmente uma das mulheres mais bonitas do planeta.

— Eu não acho...

— Eu o machuquei muito, Lennon — ela interrompe. — Tipo *muito*. E não apenas uma ou duas vezes... tantas vezes que perdi a conta. — Ela enxuga uma lágrima do canto do olho. — Agora ele está tendo um bebê com outra pessoa.

Não tenho tanta certeza de que acredito nisso.

— Você não sabe disso de fato. Ela pode estar mentindo. — Eu abaixo minha voz porque eu não quero que Quinn pense que estamos aqui falando merda sobre ela. Eu simplesmente quero provar um ponto. — Assim como Quinn.

Ela balança a cabeça. — Não, ele é o pai. Foi confirmado esta

manhã. E porque eu o conheço melhor do que ninguém, sei que ele vai dar um passo à frente e estar lá para ela e seu bebê. ─ Seus olhos se fecham. ─ Tive *anos* para tomar a decisão certa e nunca o escolhi, então não tenho mais ninguém para culpar além de mim mesma. Não sou uma boa pessoa, Lennon. Se você soubesse as coisas que eu fiz, você ficaria enojada e nós não seríamos mais amigas.

Meu coração se contorce. Tenho certeza que ela cometeu alguns erros. Quem não cometeu? No entanto, Skylar está sendo muito dura consigo mesma. Parece que o que ela está passando agora é punição suficiente.

─ Isso não é verdade.

Suas narinas se dilatam e ela agarra o anel em seu colar com tanta força que os nós dos dedos ficam brancos. ─ Se houver uma pequena chance de você perdoar Phoenix e dar a ele outra chance... faça isso. Eu odiaria vê-lo acabar como eu. Porque a única coisa que dói mais do que um coração partido é ver alguém ir embora com tudo o que você sempre quis... porque você estragou tudo.

Infelizmente, eu sei tudo sobre como é ver alguém ir embora com tudo o que você sempre quis.

*Porque ele roubou.*

─ Eu...

A porta do beliche se abre e Chandler enfia a cabeça para dentro. ─ Reunião de emergência. Agora.

Recompondo-se, Skylar limpa a garganta. ─ Estarei lá.

Arqueando uma sobrancelha, Chandler olha entre nós. ─ Faça um favor a todos nós e deixe essa merda da Irmandade Ya-Ya na porta.

─ Claro, Dicky.

Resmungando algo baixinho, ele sai.

Skylar e eu saímos do meu beliche. ─ O sobrenome com certeza combina com ele, hein?

Levantando o queixo, ela se dirige para a porta. ─ Confie em mim, seu pau real não é tão grande quanto sua atitude.

Minha boca cai aberta.

Como diabos ela saberia o tamanho do pau de *Chandler?*

Então, novamente, ela está com esses caras há anos. Tenho certeza de que ela viu muitas coisas que gostaria de esquecer.

Quando vou para a cozinha, quase todos já estão fora, e sentados à mesa ou no banco.

Todos, exceto Phoenix.

Dou um suspiro de alívio porque será muito mais fácil me concentrar sem ele por perto.

Como se fosse uma deixa, o universo me dá uma volta, porque Phoenix aparece.

Skylar não estava brincando. Ele parece uma merda.

Quero dizer, merda linda... mas ainda assim.

Ele tem bolsas sob os olhos como se não dormisse há dias, seu cabelo está uma bagunça e sua mandíbula está coberta de barba por fazer.

Não que eu esteja parecendo melhor com meus olhos inchados e meu rosto manchado.

Como se sentisse que estou pensando nele, ele se inclina contra o balcão e se concentra em mim.

Rapidamente desvio minha atenção para Chandler, que parece estar jogando um jogo de Clue em sua cabeça.

─ Sobre o que é essa reunião? ─ Quinn pergunta antes de enfiar um biscoito na boca.

Chandler arranca o pacote de biscoitos dela. ─ Mataria você parar de comer por dois segundos?

Ela arrota e pega os biscoitos de volta. ─ Sim.

Esfregando as têmporas, Chandler olha para todos nós. ─ Temos

apenas mais três paradas antes do final desta turnê.

*Graças a Deus.*

— Agora não é o momento para as coisas desmoronarem. Entendeu?

Quando todos nós lhe damos um olhar vazio, ele suspira e começa a marcar as coisas com os dedos.

— Phoenix e George estão brigando nos bastidores na frente dos fãs. Phoenix ainda está ficando bêbado. — Ele varre a mão na direção de Quinn. — Nós temos que lidar com isso. — Ele olha para Memphis. — Você está engravidando mulheres à torto e à direita. — Ele olha para mim e para Skylar. — E vocês duas estão se esgueirando para trançar o cabelo um da outra e chorar.

Eu posso sentir os olhos de todos em nós.

— Não estávamos chorando — defende Skylar.

Chandler faz uma careta. — Não brinque comigo...

— Eu estava conversando com Lennon sobre Josh. Você sabe, meu noivo morto. Desculpe se me emocionei um pouco.

Com isso, todos ficam em silêncio e Chandler empalidece.

— Merda, — Chandler sussurra, e acho que nunca o vi parecer tão *humano*. — Eu não... me desculpe, Skylar. De verdade.

Embora o que ela disse a ele não seja *totalmente* preciso, ela apenas cobriu para nós duas.

Dou um pequeno aperto na mão dela.

Chandler espia o teto e aperta a ponta do nariz. — Olha, houve uma mudança desde o último show e eu não gosto disso. Então, o que quer que esteja acontecendo com vocês. Conserte antes de chegarmos à Flórida.

Quase engasgo com a língua. — Nós vamos para a Flórida?

Perguntei onde seria nossa próxima parada quando entramos no ônibus, mas todos agiram como se não soubessem.

— Storm e eu queríamos que fosse uma surpresa, — Phoenix diz enquanto encara Chandler. — Obrigado.

Chandler joga as mãos para cima. — Qualquer que seja. Eu tenho merda suficiente no meu prato. — Ele se vira para Memphis. — De qualquer forma, acredito que os parabéns estão em ordem.

Ao meu lado, Skylar endurece.

— Mais como *condolências*, — Phoenix murmura e Storm bufa.

— Por quê? — Quinn pergunta inocentemente. — O que está acontecendo?

— Memphis está tendo um bebê. Você sabe, com uma garota que não mentiu sobre estar grávida, — Chandler responde secamente.

Alheio à tensão crescente, o rosto de Quinn se ilumina. — Ah Merda. Então, é verdade? Você realmente vai ter um bebê com Gwyneth Barclay? Cara, isso é tão legal. Ela é como meu Barclay *favorita...*

— Posso comer um biscoito? — Eu interrompo porque posso praticamente sentir o coração de Skylar quebrando em um milhão de pedaços.

Piscando, Quinn me entrega o pacote. — Certo. — Ela se volta para Memphis. — Gwen vai sair em turnê com a gente?

Memphis balança a cabeça. — Não. As turnês podem ser estressantes, e eu quero que ela e o bebê estejam seguros. — Quando Quinn esvazia, ele acrescenta: — Mas ela estará no Reino Unido comigo por alguns dias, então você a conhecerá.

Quinn praticamente dá uma cambalhota. — Impressionante...

— Ei, Chandler? — Skylar entra na conversa. — Dado que tudo com Memphis está resolvido e Phoenix parece estar se saindo melhor, não será um problema se eu ficar aqui para a turnê européia, certo?

Chandler olha para ela como se tivesse brotado outra cabeça. — Precisamos de você em turnê, Skylar. Phoenix ainda está ficando bêbado...

— Não, eu não estou, — Phoenix interrompe, e eu não perco o olhar de simpatia que ele atira em Skylar. — Eu não bebo álcool há mais de duas semanas. A única razão pela qual enviei aquela mensagem ontem à noite é por causa de um desafio.

Chandler para de beber seu café. — Um desafio? De quem?

*Ah porra.*

Ele dá um tapa nas costas de Storm. — Esse cara.

Apesar de parecer confuso, Storm não perde o ritmo. — O que ele disse.

Chandler cruza os braços. — Por que diabos você ousaria Phoenix me enviar uma mensagem dizendo que ele quer rasgar minhas roupas e depois me amarrar e me provar?

Memphis cospe sua cerveja e Quinn engasga com seu biscoito.

As sobrancelhas de Storm se erguem e ele dá a Phoenix um olhar *de merda*. — Eu…

— Phoenix me desafiou a enviar uma foto de pau para a irmã de Gwyneth, então Storm estava pegando ele de volta para mim — Memphis interrompe.

Storm dá de ombros. — Foi mal, Chandler. Achei que você poderia estar nisso.

Eu nem estou surpresa que eles estejam se defendendo um ao outro.

Chandler faz um barulho irritado na garganta. — Vocês três não são um pouco velhos para brincadeiras infantis? Cresçam.

— Para qual irmã Barclay você enviou a foto do pau? — Quinn pergunta com um sorriso. — Foi Jéssica...

— Ei, Quinn — diz Storm. — Venha comigo. Eu quero te mostrar algo.

Ela aparece. — O que?

Colocando um braço em volta de seus ombros magros, ele a leva para o banheiro. — Está aqui.

Quando ela entra, ele fecha a porta e se encosta nela, impedindo-a de sair.

— Que diabos? — Quinn grita. — Deixe-me sair!

Skylar aproveita a oportunidade para sair da cozinha. Eu não sinto falta do jeito que ela aperta brevemente o braço de Storm quando ela passa por ele.

— De qualquer forma, — Chandler diz, mesmo que todos nós o tenhamos cortado. — Devemos estar na Flórida amanhã de manhã.

Ao perceber que ninguém mais está prestando atenção, ele levanta as mãos e se dirige para a parte de trás do ônibus. Olhando para o telefone, George segue o exemplo.

— Vamos passar por Hillcrest?

Acho que deveria perguntar antes de ter esperanças.

Phoenix acena com a cabeça. — Mais do que de passagem. O show de amanhã à noite será lá.

— Oh.

Estou pensando em maneiras de convencer meu chefe idiota a me dar algumas horas livres para que eu possa ver meu pai quando Phoenix acrescentar: — Storm e eu conversamos com Chandler. Contamos a ele sobre seu pai, e ele concordou em lhe dar o dia e a noite de folga.

Estou tão atordoada que não consigo nem falar.

Storm olha para Phoenix. — Desde que Phoenix esteja em seu melhor comportamento.

Droga. Eu sabia que não deveria ter criado minhas esperanças. — Bem, lá se vai isso.

Storm vai até Phoenix e coloca a mão em seu ombro. O movimento faz com que a pobre Quinn, que deve estar no meio do empurrão, voe para fora do banheiro como uma bala de canhão. — Ele será um bom menino por uma noite. *Certo*?

— Lamba meu saco, — Phoenix grita antes de se concentrar em

mim. ─ Vá passar um tempo com seu pai. Tudo vai ficar bem.

Carrancuda, Quinn sai do chão e olha para Storm. ─ Você é *um* idiota. Skylar estava certa. Os meninos são bons apenas para uma coisa.

Storm e Memphis trocam um olhar e Phoenix parece positivamente horrorizado. ─ Oh sério? E o que é isso?

Ela bate os cílios. ─ Levantar coisas pesadas. Dói.

Juro que há um suspiro coletivo de alívio dos três caras.

Eles estão iniciando uma conversa diferente quando ela olha para mim, coloca a mão em concha sobre a boca e murmura: ─ O P...

Mais uma vez, Skylar não está errada.

# CAPÍTULO 59

## LENNON

— Obrigada.

Rapidamente dou uma gorjeta ao motorista do Uber no aplicativo e pego minha bagagem no porta-malas. Como estou de folga hoje, perguntei se poderia dormir aqui em vez do hotel. De maneira típica, Chandler hesitou antes de concordar relutantemente... contanto que eu prometesse que minha bunda estaria de volta no ônibus às nove da manhã.

Eu ia dizer à Sra. Palma que estava voltando para casa quando falei com ela ontem, mas queria que fosse uma surpresa.

Depois de colocar minha mala na varanda, coloco minha chave na fechadura. Dado que meu pai costuma dormir até tarde, ele provavelmente ainda não acordou, mas mal posso esperar para vê-lo.

A Sra. Palma – que estava assistindo televisão no sofá da sala enquanto faz crochê – grita e depois pula quando me vê.

— Meu Deus! — Correndo, ela envolve seus braços em volta de mim. — Eu não estava esperando você em casa por mais dez dias.

— Eu queria que fosse uma surpresa.

— Bem, funcionou. Eu quase tive um ataque cardíaco. — Ela embala meu rosto enquanto nos separamos. — Você parece... está tudo bem? Como é que a turnê terminou tão cedo?

— Está tudo ótimo, — minto. — A turnê não acabou, no entanto. Eles estão se apresentando em um local em Hillcrest hoje à noite, então Chandler me deu o dia e a noite de folga.

Sorrindo, ela me acena para a cozinha. — Parece que ele não é tão

terrível, afinal.

Eu solto uma risada. — Ah, ele é. Mas Phoenix e Storm o convenceram... Paro de falar quando me pego.

Eu tenho sido vaga sobre meu relacionamento com Phoenix. *Não* que haja mais um. Depois da reunião de ontem, fiz questão de voltar para o beliche, e ele voltou para a sala. Não nos falamos desde então.

O que me convém muito bem.

— Phoenix convenceu Chandler? — ela questiona enquanto enche uma chaleira com um pouco de água.

Sempre que ela pergunta sobre ele, eu dou uma olhada no assunto dizendo a ela que caímos em um relacionamento profissional. Depois mudo de assunto.

Eu odeio não ser honesta com ela? Sim.

Mas ela é a única pessoa que sabe a verdade, e foi ela quem me convenceu de que eu era forte o suficiente para lidar com isso.

Não quero decepcioná-la.

— Não é grande coisa. Além disso, não foi apenas Phoenix. Foi Storm também.

Ela simplesmente assente.

— Papai está acordado?

Ela tira duas xícaras de café do armário. — Não, ele ainda está dormindo. A noite passada foi um... — sua voz falha, mas ela não tem que terminar.

Foi uma noite ruim.

O que significa que hoje provavelmente também será ruim.

Provavelmente é melhor eu deixá-lo descansar um pouco mais.

— Lennon, — ela começa enquanto coloca um saquinho de chá em cada uma de nossas xícaras. — Você sabe que pode me dizer qualquer coisa, certo?

A culpa se infiltra no meu peito. — Eu sei.

Vou informá-la depois que voltar um pouco para casa e Phoenix for expurgado da minha cabeça.

Ela insiste para que eu me sente à mesa. ─ Você nunca precisa se envergonhar. Eu não vou te julgar.

Tanto sua compaixão quanto suas palavras me fazem lutar contra as lágrimas.

Evidentemente não bem o suficiente, porém, porque ela me entrega um lenço de papel. ─ Querida...

─ Não. Estou bem. ─ Eu me fortaleço. ─ Quase tomei uma decisão ruim, mas voltei a mim. Nada está acontecendo entre mim e Phoenix.

Está feito. Deu. Acabou.

─ Como está George? Não tenho ouvido muito sobre ele ultimamente. Vocês dois ainda estão... se conhecendo?

Ela e Skylar se dariam muito bem.

─ Não deu certo.

─ Que pena. ─ Ela tira a tampa do suporte do bolo e corta duas fatias de bolo para nós. ─ Ele parecia doce.

─ Ele é. Ele só... não é meu tipo.

Porque, aparentemente, eu tenho uma queda por idiotas.

─ Eu vejo. ─ Ela serve uma fatia de bolo para cada uma de nós. ─ Bem, me conte tudo sobre a turnê. Eu quero ouvir tudo.

Eu digo a ela algo seguro.

─ Conheci uma amiga. O nome dela é Skylar.

─ Esse é um nome bonito. Como ela é?

─ Maravilhosa. E forte e muito inteligente. Ela hum... ─ Eu empurro o bolo ao redor do prato com meu garfo. ─ O noivo dela era o Josh. Aquele que morreu no acidente.

Ela aperta o peito. ─ Ah, que horror. Estou surpresa que ela ainda esteja em turnê com a banda.

─ Eles a contrataram como publicitária, então ela precisa. Ela

também é muito boa em seu trabalho. Quando Phoenix... não importa. Não é importante. ─ Enfio uma garfada de bolo na boca e tomo meu tempo mastigando. ─ Como está o papai?

─ Você sabe como é. Alguns dias são melhores que outros. Mas em termos de saúde ele está indo muito bem. Seu médico disse que seu colesterol está muito melhor agora.

Isso me faz sorrir. ─ Eu nunca serei capaz de agradecer o suficiente por cuidar dele.

─ Você nunca tem que me agradecer. Estou feliz em fazê-lo.─ Ela dá uma mordida no bolo. ─ Está um pouco seco, hein?

Não. Está delicioso. Ela e Vovó deveriam abrir uma padaria. ─ Está perfeito.

─ Então, além de conhecer Skylar, existem outras coisas interessantes que aconteceram nas últimas seis semanas e meia?

A maioria das minhas experiências *interessantes* envolve Phoenix.

─ Não.

Ela pisca. ─ Oh.

Eu posso dizer que ela está esperando por mim para continuar com algo, então eu acrescento: ─ É apenas sua turnê padrão. Você sabe, sexo, drogas e rock and roll. ─ Enfio outra garfada de bolo na boca e mastigo. ─ Embora não haja mais muito disso, já que Memphis está tendo um bebê e Quinn ainda é uma adolescente.

─ Quem são Memphis e Quinn?

Oh. Certo.

─ Memphis é o guitarrista principal. Ele vai ter um bebê com Gwyneth Barclay.

Seu rosto se ilumina. ─ Ah, eu amo esse programa. Richard sempre tira sarro de mim, mas é um prazer culpado meu. Mas não ligue muito para aquela garota Gwen.

Tenho certeza que Skylar apreciaria isso. Especialmente porque

Quinn – que não sabe de nada – está quase pronta para fazer um desfile para Gwyneth sempre que alguém a menciona.

É quando percebo meu erro. ─ Não conte a ninguém. Só descobrimos ontem que Memphis é o pai, e não sei se já passou de boato para confirmação pública oficial ainda.

Skylar vai me matar se descobrir que eu vazei isso antes da hora.

A Sra. Palma faz um movimento de fechar a boca. ─ Os meus lábios estão selados. Agora, quem é essa Quinn que você mencionou antes?

─ Quinn é...

O som da campainha tocando me interrompe.

─ Essa deve ser a minha entrega de supermercado. Estou mandando entregar tudo aqui porque é mais fácil.

─ Eu ajudo.

Eu começo a me levantar, mas ela balança a cabeça. ─ Não. São apenas alguns itens essenciais. Sente-se e relaxe.

Enquanto ela atende a porta, dou outra mordida no bolo...

E engasgo quando Phoenix entra valsando na minha cozinha como se ele fosse o dono do lugar.

─ Eu não sabia que você estava esperando companhia ─ diz a Sra. Palma atrás dele.

Que faz de nós duas.

O som da chaleira assobiando imita minha pressão arterial crescente.

─ O que diabos você está fazendo aqui?

Phoenix apenas sorri.

─ Você gostaria de um pouco de chá? ─ A Sra. Palma pergunta, seus olhos arregalados ping-pong entre nós.

─ Não, ─ eu digo ao mesmo tempo que Phoenix diz, ─ Eu adoraria.

─ Você não bebe chá.

Ele se senta ao meu lado. ─ Eu bebo agora.

— Você não tem que estar na passagem de som?

Estendendo a mão, ele pega o bolo restante do meu prato e come. — Não por mais três horas. Este é um bom bolo.

— Obrigada — diz a Sra. Palma. — Fiz ontem.

Que droga. Suas maneiras sempre foram impecáveis. A mulher poderia detestar alguém e ainda acenar e sorrir para eles.

— Pare de comer o bolo dela. — Olho para a Sra. Palma, que parece estar se preparando para servir sua própria fatia. — Não o deixe comer seu bolo.

Ele pode roubar a receita e fazer uma fortuna com isso.

Ela coloca o prato no balcão e se ocupa com nosso chá.

— Por que você está aqui?

— Eu senti sua falta.

A Sra. Palma deixa cair uma colher no chão. — Não se importe comigo. Continuem conversando entre vocês.

Não tenho dúvidas de que ela está escutando. O que é mais uma razão para manter esta conversa breve.

— Você vai me ver amanhã de manhã. — Eu salto da minha cadeira com tanta força que quase caio. — Deixe-me mostrar-lhe a porta.

Ele se levanta, elevando-se sobre mim como uma árvore. — Eu sei onde é a porta. Mas não vou sair.

Santo inferno. O idiota está fora de sua maldita mente.

— Por que você está fazendo isso agora? — *Aqui*.

— Ficamos presos em um ônibus nas últimas quinze horas. Não havia lugar para conversar sem que alguém ouvisse.

No que me diz respeito, não temos *nada* para conversar. Tudo o que precisávamos dizer um ao outro já foi dito.

— Você precisa sair. Deixei perfeitamente claro na outra noite que nosso acordo havia acabado.

Aqueles olhos azuis penetrantes me estudam como se eu fosse um

quebra-cabeça que ele não consegue decifrar. ─ Deixe-me ver se entendi. Você pode me deixar te foder de todas as formas possíveis, e chupar meu pau como se fosse seu novo passatempo favorito, mas você não quer conversar comigo? Que merda é essa?

Eu pulo com o som de vidro se quebrando atrás de mim.

A Sra. Palma pega a vassoura. ─ Maldita xícara de chá acabou de escorregar da minha mão.

Eu quero rastejar em um buraco e morrer.

Agarrando seu braço, eu o escolto para fora da cozinha e para a porta da frente. ─ Você tem alguma ideia do quão rude você está sendo?

Então, novamente, rude é praticamente o nome do meio de Phoenix.

Logo após *ladrão.*

─ Rude? ─ Seus olhos se estreitam. ─ Rude é quando duas pessoas fazem um acordo e uma delas termina abruptamente, sem justa causa.

─ Nós éramos amigos de foda, Phoenix. Não é como se tivéssemos um contrato maldito. ─ Eu o cutuco no peito. ─ E eu tive justa causa.

─ Besteira. Eu finalmente admiti o que fiz como você queria, e você me expulsou do seu quarto. ─ Ele se aproxima, eclipsando meu espaço. ─ Eu nunca deveria ter reconhecido merda nenhuma. Fodeu tudo.

─ Não. *Você* fodeu tudo!

Atrás dele, vejo a cabeça da Sra. Palma entrando e saindo da entrada da cozinha.

Aponto para a porta. ─ Vá.

─ Não. Ainda temos dez dias.

─ De turnê. *Isso* não.

Minha boca fica aberta quando ele cruza para a sala e se senta no sofá. ─ Eu quero meus dez dias.

Ele é como uma criança petulante que não está conseguindo o que

quer. ─ Não.

─ Kate?

Viro a cabeça a tempo de ver meu pai descer correndo as escadas. ─ Pai... hum... ei.

Meu pai me envolve em um abraço. ─ Você está em casa do trabalho mais cedo.

─ Sim.

─ Por que há uma estrela do rock em nossa sala de estar?

Sério? O homem pensa que sou uma mulher morta há mais de vinte e dois anos, mas sabe quem é *Phoenix*?

Phoenix sai do sofá. ─ Oi.

Eu cortei-lhe um olhar de advertência. A última coisa que quero é desorientar meu pai mais do que ele já está.

Limpando a garganta, Phoenix aperta sua mão. ─ Prazer em conhecê-lo.

Meu pai o sacode com entusiasmo. ─ Sou um grande fã do seu trabalho. Sua voz é, sem dúvida, uma das vozes mais originais que já ouvi.

O choque me enraíza no local. Até onde eu sei, ele nunca ouviu uma música do Sharp Objects.

Um sorriso pomposo curva seus lábios. ─ Vindo de você, senhor, isso significa muito.

Os olhos do meu pai brilham. ─ 'Dream On' é uma das minhas músicas favoritas de todos os tempos. Tenho inveja de não ter escrito eu mesmo. Brilho absoluto.

Eu mordo minha bochecha. Eu não posso acreditar que ele pensa que Phoenix é *Steven Tyler*.

Phoenix parece não saber se deve ser ofendido ou honrado. ─ Obrigado.

E assim, volto a querer dar um soco na cara dele.

— Claro, você levaria o crédito por uma música que não é sua.

— Ei, Don. — A Sra. Palma entra na sala de estar carregando uma bandeja de comida. — Eu fiz um almoço para você. Por que não subimos e deixamos esses dois conversarem um pouco?

— Tudo bem. Desde que não seja salada de ovos naquela bandeja.

Eles começam a subir as escadas. — Sem problemas. Peru e queijo.

— Eu estarei aí — eu chamo atrás deles. — Phoenix está saindo.

— Não. Phoenix vai *ficar.*

Exasperada, eu jogo minhas mãos para cima. — Certo. O que for. Aproveite estar aqui embaixo sozinho.

Eu me viro para subir a escada, mas ele segura meu braço. — Quem é Kate?

— Minha mãe.

Eu posso dizer que ele não estava esperando por isso porque ele balança para trás em seus calcanhares.

Então a bunda volta para o sofá e se senta.



Eu ando pelo quarto do meu pai enquanto ele come seu sanduíche.

— Ele é louco.

— Não você, querido — a Sra. Palma tranquiliza meu pai antes de se virar para mim. — Eu não posso acreditar que vou dizer isso, mas ele parece se importar com você. Não que isso mude o que ele fez.

— Não.

Sai muito mais sucinto do que eu pretendia.

Assentindo, ela se levanta da cadeira. — Você se importa se eu fizer alguns afazeres? Não devo demorar mais do que uma ou duas horas, no máximo.

A mulher nunca mais precisa me pedir um favor. Sou eternamente

grata a ela.

— Claro que não. — Eu olho em volta. — Existe alguma coisa que eu possa fazer enquanto isso?

Ela encolhe os ombros. — Na verdade. Há uma pequena carga de roupa que precisa ser lavada e outra na secadora que precisa ser dobrada e levada para o andar de cima.

— Considere isso feito.

Ela dá um tapinha na minha mão. — Eu vou correr para o supermercado e pegar algumas coisas para que eu possa preparar o seu jantar favorito.

Eu deveria recusar, já que ela faz mais do que o suficiente por mim, mas minha boca saliva quando penso em seu incrível frango recheado e macarrão com queijo assado.

— Obrigada — digo a ela enquanto ela caminha em direção à porta.

Seus passos param. — Devo conseguir comida suficiente no caso de nosso hóspede lá embaixo decidir se juntar a nós para o jantar?

Eu eriço. — Absolutamente não.

— Tudo bem então. Vamos deixá-lo passar fome.

Com isso, ela vai embora.

Meu olhar cai no piano de mogno do outro lado do quarto.

No ano passado — com a ajuda da Sra. Palma e do marido dela — mudei do estúdio do meu pai para o quarto dele. Assim ele poderia tocar quando quisesse porque eu sei o quanto ele ama música.

Eu também li uma vez que pode ajudar as pessoas que têm demência.

No entanto, ele raramente ouve ou toca mais.

É mais uma coisa que essa doença horrível tirou dele.

Colocando um sorriso no meu rosto, eu me viro para o meu pai. — Como vai você?

— Eh. Poderia ser melhor, poderia ser pior. — Ele pisca para mim. —

Quem é você?

Essa dor muito familiar perfura meu peito. ─ Eu sou...

─ Brincadeira ─ diz ele com um sorriso. ─ Eu sei quem você é.

A dor alivia.

─ Você é minha nova enfermeira.

E está de volta.

Ele coloca sua bandeja na cadeira ao lado de sua cama. ─ Esse sanduíche me cansou. Vou fechar meus olhos um pouco, ok?

─ Ok.

Lembrando da roupa que eu disse para a Sra. Palma que eu cuidaria, eu pego o cesto do quarto dele e vou para o porão.

Depois de ligar a máquina de lavar, tiro as roupas da secadora e começo a dobrá-las.

Acordei me sentindo estupidamente otimista de que hoje seria um bom dia, e ele se lembraria de quem eu era.

Mas pelo menos eu posso vê-lo.

*Mesmo que ele seja uma mera casca da pessoa que costumava ser.*

E assim, a culpa ofusca minha frustração.

Isso não é culpa dele. Meu pai nunca pediu para ter demência e não tenho dúvidas de que, se ele tivesse conhecimento prévio de que isso aconteceria com ele, ficaria totalmente de coração partido.

*Assim como eu estou.*

Não tenho lembranças da minha mãe. Então, enquanto perdê-la foi difícil no sentido de que eu nunca consegui formar um relacionamento com ela... as coisas que eu mais sofro são as experiências e memórias que eu nunca terei.

Mas com meu pai, é exatamente o oposto.

Ele não era apenas meu único pai... ele era meu melhor amigo.

O homem está ao meu lado desde o momento em que respirei pela primeira vez e tenho uma vida inteira de lembranças com ele.

*Memórias que ele não pode mais acessar.*

Dado que nossas memórias moldam todas as facetas de quem somos... ver um homem que se parece com meu pai, mas não age como fosse se meu pai, é um tipo de tortura psicológica que eu não desejaria a ninguém.

Não importa o quanto eu segure, meu melhor amigo está se afastando um pouco mais a cada dia e não há *nada* que eu possa fazer sobre isso.

Todas as noites, antes de fechar os olhos, rezo apenas por alguns momentos para que ele se lembre de que sou sua filha.

Mas esses são tão poucos e distantes entre estes dias.

Depois de tomar algumas respirações de limpeza para me recompor, coloco as roupas dobradas na cesta e volto para cima para que eu possa guardá-las.

Um som escuro e melódico enche meus ouvidos quando abro a porta do porão.

É um som que eu reconheceria em qualquer lugar…

*Porque veio da minha alma.*

# CAPÍTULO 60

## LENNON

Vou matá-lo.

Coração acelerado, corro escada acima enquanto Phoenix canta as últimas notas e a música chega ao fim.

Eu não posso acreditar que o idiota teve a audácia de entrar no quarto do meu pai, colocar os dedos sujos no piano do meu pai e tocar para ele a música que ele roubou.

Estou me preparando para correr até lá e expulsá-lo, mas o que ouço em seguida me enraíza no local.

— Isso foi incrível — diz meu pai. — Você escreveu isso?

Meu coração bate forte no meu peito.

— Não, — Phoenix diz suavemente. — Sua filha escreveu.

Arrependimento e tristeza se expandem dentro do meu peito até se tornarem um peso esmagador comprimindo meus pulmões.

Eu nunca disse ao meu pai que escrevia músicas. Eu não achava que meu talento chegasse perto do dele e estava convencida de que ele concordaria secretamente.

Então, depois que Phoenix roubou minha música, parei de escrever completamente.

*Agora ele nunca saberá*.

Estou ganhando forças para entrar lá quando ouço.

— Lennon escreveu isso?

— Sim. — Phoenix exala pesadamente. — Ela escreveu.

Excitação surge através de mim, e eu corro para a sala. — Pai?

Sorrindo, ele se vira para mim. — Ei, cara de macaco. — Confuso,

ele olha em volta. ─ Você não deveria estar em Dartmouth?

─ Estamos de folga por alguns dias, então voltei para casa.

Ele processa isso por um momento antes de falar. ─ A música que você escreveu é ótima. ─ Ele estremece. ─ Ficou um pouco vulgar no final, mas eu adorei.

Não sei se rio ou choro porque ele está *aqui*. ─ Obrigada.

─ Estou orgulhoso de você. ─ Um sorriso dobra os cantos de seus olhos quando ele encontra o meu. ─ Quero dizer, estou sempre orgulhoso de você, mas isso... você tem algo especial.

A vergonha sobe pelas minhas bochechas. ─ Não é nada.

Phoenix se levanta do banco do piano. ─ Eu tenho que ir para a passagem de som.

As emoções balançam como um pêndulo dentro de mim.

Roubar minha música é imperdoável... mas ele acabou de me dar o maior presente.

─ Obrigada ─ eu sussurro quando ele passa por mim.

Minha frequência cardíaca acelera quando ele se abaixa e beija minha testa.

─ Eu ainda não gosto dele, ─ meu pai diz depois que ele sai.

Eu meio bufo, meio resmungo. ─ Eu ainda não gosto dele também.

Ele faz um barulho irritável. ─ Parece que ele voltou para sua vida novamente, no entanto.

─ Só porque trabalhamos temporariamente juntos. ─ É quando eu percebo. ─ Você sabe quem ele é?

Franzindo a testa, ele sai da cama. ─ Um pai nunca esquece o homem que partiu o coração de sua filha. ─ Ele faz uma careta como se estivesse cheirando algo rançoso. ─ Você estava certa, no entanto. O filho da puta tem uma voz infernal.

Isso ele tem.

Outro sorriso se espalha em seu rosto enquanto ele se senta na

frente do piano. ─ Chega dele. Eu quero ouvir você cantar aquela música maravilhosa que você escreveu.

Minha garganta trava quando me sento ao lado dele no banco. ─ Phoenix canta muito melhor do que eu.

E *milhões* de pessoas concordariam.

─ Deixe-me ser o juiz disso.

Está na ponta da minha língua recusar, mas este momento que estamos tendo é como uma estrela cadente. Não há garantia de quando verei outro, então tenho que fazer valer a pena.

*Fecho os olhos*.

Com a voz de Phoenix me guiando, eu os aperto, pressiono as teclas de marfim e começo a tocar minha música.

E eu não os abro até que a última nota saia da minha boca.

─ Linda, ─ meu pai sussurra. ─ Tanto que nem me importei com os palavrões dessa vez.

Reviro os olhos e trocamos um sorriso.

Sua mão cobre a minha, e ele a segura com força. ─ Desculpe, Lennon.

─ Por quê?

Seus olhos abrigam tanta tristeza que é um soco visceral no estômago. ─ Eu sei que algo não está certo comigo. ─ Ele aponta para sua cabeça. ─ Aqui em cima.

Meu coração racha. A única coisa positiva em tudo isso era que ele estava felizmente inconsciente de sua demência.

Lágrimas brotam em meus olhos, mas não quero mentir para ele ou desperdiçar o tempo que temos, falando sobre uma doença que já roubou tanto tempo.

Eu prefiro ficar com as coisas importantes.

─ Eu te amo, papai.

Inclinando-se, ele beija minha bochecha. ─ Eu te amo mais, cara de

macaco. Nunca se esqueça disso.

Eu não vou.

*Mesmo quando ele esquecer*.

— Você sabe por que eu te chamei de Lennon, certo?

— Porque você ama os Beatles e John Lennon é o melhor compositor que já existiu.

Seus olhos enrugam nos cantos. — Sim. Embora ele agora seja o segundo melhor no meu livro. — Seus dedos tocam as teclas, enchendo a sala com os acordes de “In My Life”.

O significado por trás da música tem um significado que não tinha antes.

— Lennon era um gênio musical — diz ele acima da melodia. — Mas, assim como todos nós, ele também teve momentos de insegurança. Imagine - sem trocadilhos - se John os deixasse vencer? Que caricatura isso teria sido para o mundo, hein? — Ele me nivela com um olhar. — Não deixe suas inseguranças dominarem o que faz sua alma ganhar vida. Caso contrário, você andará nesta terra nunca se sentindo inteira... e isso não é maneira de viver.

*Mais fácil falar do que fazer, pai*.

Franzindo o cenho, ele suspira.

— O que está errado?

— Eu não sabia por que aquele cara Phoenix estava no meu quarto quando acordei... mas acho que entendi agora. — Parecendo perdido em pensamentos profundos, ele expele outro suspiro. — Ainda não gosto dele, mas talvez haja algo de bom nele, afinal.

Meu coração bate uma batida dolorosa.

— Faça-me um favor e dê um pouco de humor ao seu velho. — Seus dedos flutuam pelas teclas. — Eu toco e você canta.

E é assim que passamos o resto da tarde e o início da noite.

Criando memórias que vou manter comigo para sempre.

*Assim como costumávamos fazer*.



Estou aproveitando minha segunda porção do frango recheado da Sra. Palma quando meu telefone toca.

Eu sufoco um gemido quando o nome de Chandler pisca na minha tela. Não é surpresa que meu chefe não entenda o significado das palavras *noite de folga*.

— Desculpe. Eu tenho que atender isso.

Depois de pressionar o botão verde, levo-o ao ouvido. — Olá?

— Você sabe onde Phoenix está? — ele reclama. — Eu não o vejo desde a passagem de som.

Olho para o relógio no forno. Dado que são quase oito da noite, há apenas um lugar onde ele *deveria* estar agora.

Preparando-se para subir ao palco.

— Não.

— Eu *sabia* que isso iria acontecer, — Chandler murmura enquanto eu me levanto da mesa. — É por isso que não dou dias de folga às pessoas. Tudo desmorona...

— Acalme-se.

Levantando-me da cadeira, procuro na cozinha as chaves do meu carro. Já faz um tempo que não dirijo, mas a Sra. Palma diz que está dando uma volta uma vez por semana para ter certeza de que não fica muito tempo parado.

— Não me diga para me acalmar. Phoenix é *sua* responsabilidade e agora ele se foi.

— Ligue para o hotel e peça a alguém para verificar o quarto dele. Ele pode ter dormido demais.

Meu estômago dá um nó. *Ou pior*.

— Já fiz.

Merda.

— Eu vou encontrá-lo — eu asseguro a ele, soando muito mais certa do que eu sinto.

— Certo. Vou dizer ao ato de abertura para ficar mais tempo, mas então me ajude Deus, Lennon. É melhor ele estar dentro deste local nos próximos quarenta e cinco minutos ou você será demitida.

Antes que eu tenha a chance de responder, ele desliga.

— Eu sinto muito. — Pego minha bolsa no balcão da cozinha. — Phoenix está desaparecido.

Dona Palma e seu marido trocam um olhar preocupado. — Isso acontece com frequência?

— Vamos apenas dizer que não é a primeira vez.

Isso não alivia a preocupação deles, mas não posso me concentrar nisso porque preciso rastrear uma estrela do rock.

Eu corro para fora da porta da frente. — Volto mais tarde.

*Esperançosamente*.



Hillcrest é uma cidade pequena, então não há muitos lugares para onde se possa vagar... e praticamente zero onde uma pessoa do calibre dele possa se esconder.

Depois de confirmar com o hotel três vezes diferentes que Phoenix não está em sua suíte, eu dirijo pela cidade procurando por ele.

Eu verifiquei nossa escola, a antiga casa de Gram, alguns pontos de encontro locais, algumas lojas de conveniência, sua hamburgueria favorita... até Obsidian.

Mas ele está longe de ser encontrado.

Parando na beira da estrada, bato minha cabeça contra o volante.

Faz quarenta minutos desde que Chandler ligou e as chances de eu localizar Phoenix nos próximos cinco são mais do que sombrias.

— Pense, Lennon. *Pense.*

Ele parecia bem quando o vi hoje cedo. Exigente e insistente como sempre, mas normal.

Mastigando minha unha do polegar, eu mentalmente passo por seu dia.

Ele desceu do ônibus, veio até minha casa sem ser convidado, tocou minha música para meu pai e depois foi embora para conversarmos…

*Oh Deus.*

Colocando meu carro em movimento, eu saio do lado da estrada.

Estou perdendo meu pai pouco a pouco, mas tive e ainda tenho a sorte de ter um pai incrível.

Phoenix não tem ideia de como é ter uma *pai incrível*.

Ele não tem ideia do que é ser amado ou cuidado.

A pequena dose que ele tem foi arrancada quando sua mãe o abandonou em favor de seu outro filho.

Ouvir meu pai me dizer o quão orgulhoso ele estava de mim pode ter desencadeado algo dentro dele.

Está escuro quando chego ao estacionamento de trailers de Bayview.

A sujeira e o cascalho rangem sob meus pneus enquanto faço uma curva rápida à direita e passo pela fila de trailers degradados.

Meu coração cai no estômago quando eu paro em frente ao que está no final, que de alguma forma é ainda mais de má qualidade do que era há quatro anos.

Os músculos das costas de Phoenix flexionam sob o tecido escuro de sua camisa enquanto ele apoia os dois braços contra a frente do trailer... quase como se ele desejasse poder usar cada grama de sua

força para empurrá-la para fora de sua vida para sempre.

Os nervos se enrolam na minha barriga quando noto a grande garrafa de vodka na varanda, mas quando chego mais perto, vejo que está fechada.

Por enquanto.

A escada em ruínas range sob meus pés enquanto subo os degraus.

— Vá embora.

Sua voz é áspera, a advertência nela inconfundível.

Eu não sei o que dizer. Não tenho certeza se há algo *a* dizer.

Só não quero que ele fique sozinho agora.

Eu alcanço sua mão, mas ele a puxa como se tivesse sido chamuscado.

— Saia daqui porra.

Desta vez, há um tom letal em sua voz. *Uma ameaça*.

Uma que eu escolho ignorar.

— Maldição — ele ruge quando eu não faço nenhum movimento para sair. — Você é surda, porra? Entre no seu maldito carro e vá.

— Não! — Eu grito de volta, encontrando minha voz.

Uma risada gelada o deixa, me gelando até os ossos. — Você é tão estúpida quanto minha mãe é então.

Eu estremeço quando ele soca o trailer.

— Phoenix.

Seu escárnio é absolutamente homicida. — Qual é o problema, querida? Você está assustada? Ou eu tenho que chutar as coisas um pouco para que você entenda a dica e fuja?

Eu mantenho-me firme. — Faça o seu pior.

Talvez isso me torne uma idiota considerando o estado em que ele está, mas confio na minha intuição.

Ele *não vai* cruzar essa linha.

Com um rosnado, ele corre em minha direção - uma parede de raiva pronta para me jogar no chão - mas no último segundo, ele se vira e chuta o trailer.

— Porra.

Ele pode tentar me afastar com tudo o que tem, mas não vou ceder. Eu me recuso a amplificar o demônio na cabeça dele.

Não importa o quanto ele não me queira.

— Por quê? Então eu posso tornar mais fácil para você alimentar esse conceito de merda de que você não vale nada porque foi isso que ele fez você acreditar? Que todos que você deixa entrar vão te abandonar como ela fez? Que porque você cometeu um erro descuidado e terrível naquela noite, você merece sofrer todos os dias pelo resto de sua vida? Foda-se isso e foda-se você. Vou ficar.

Ele fica tão perto do meu rosto que estamos quase nariz com nariz. — Você está demitida.

Como se isso devesse me assustar. Chandler ameaça me demitir semanalmente.

— Eu não me importo. — Eu cutuco seu peito. — A única maneira de eu ir embora é se você me obrigar fisicamente. — Eu espio em seus olhos. — Então, vá em frente, Phoenix. Faça isso.

É o equivalente a cutucar um tigre faminto no zoológico, mas tenho algo a provar.

Agarrando meu vestido de verão, ele me puxa contra ele como se eu fosse uma boneca de pano. Ele está tão zangado que treme com a força disso.

— Eu disse a você que nunca iria machucá-la, porra.

Ele me libera tão abruptamente, eu tropeço para trás.

Phoenix está mais furioso do que eu já o vi. No entanto, ele ainda não vai *lá*.

— Eu sei que você não vai. Porque você não é ele.

Ele chuta o trailer novamente. — Oh sim? Então por que ela me deixou também? — Há outro chute forte seguido de um soco. — Por que *eu não era* o filho que ela escolheu? — Um som torturado sai de sua garganta. — Por que ela me deixou aqui com *ele*? — Ele bate de novo. Tão forte que seus dedos se abriram e o sangue escorreu. — Por que ele me odeia tanto?

Eu digo a ele a verdade. — Ela deixou você porque ela era egoísta. E ele estava tão miserável e cheio de ódio por si mesmo que se infiltrou e infectou você. — Um tremor o percorre quando pressiono a mão em suas costas. — Mas você não merecia nada disso. Pare de deixar os demônios deles se tornarem os seus.

Mais cedo, meu pai me disse para não deixar minhas inseguranças dominarem o que faz minha alma ganhar vida. Phoenix precisa aplicar a mesma noção quando se trata de seu passado.

Peito arfando, ele se vira. Ele parece tão quebrado que esmaga meu coração. Eu envolvo meus braços ao redor dele, segurando-o mais apertado do que eu já segurei qualquer coisa em toda a minha vida enquanto desabamos na varanda.

Agarrando a parte de trás do meu vestido, ele enterra o rosto no meu pescoço.

Eu o abraço mais forte. — É a perda deles.

Porque sua mãe estava certa sobre uma coisa. Ele é uma *avis rara.*

No entanto, nem ela nem aquele monstro com quem ela o deixou aqui podem levar o crédito por isso.

É tudo *ele*.

Meu coração despenca quando penso em todos os abusos que ocorreram dentro deste trailer.

Todas as vezes que aquele garotinho chorou e desejou que alguém o amasse e cuidasse dele.

Todas as vezes que seu pai o fez sentir que não era digno disso.

Mas Phoenix ressuscitou dessas cinzas.

— Aquele pedaço de merda tentou destruir você, mas não conseguiu. Porque você é muito mais forte do que ele jamais será. Ele pensou que você ficaria preso aqui e continuaria sendo sua vítima pelo resto da vida, mas você provou que ele estava errado. — Segurando a parte de trás de seu pescoço, eu trago meus lábios em sua orelha. — Não se *atreva* a deixá-lo ganhar agora.

Ele fecha os olhos e treme, como se minhas palavras fossem balas perfurando-o. — Lennon?

— Sim?

— Vá para o seu carro. Eu preciso de um minuto.

Eu limpo a sujeira dos meus joelhos enquanto me levanto. — Ok.

Meus olhos queimam e minhas mãos tremem tanto que meu telefone escorrega do meu alcance enquanto eu volto.

Eu o pego do chão para poder ligar para Chandler, mas um som gutural corta o ar.

Quando me viro, vejo Phoenix dobrado na varanda, tremendo como se machucasse fisicamente.

Meu coração bate no meu peito como se estivesse tentando se libertar para poder voar direto para ele.

Eu sempre quis saber tudo o que ele mantinha guardado lá dentro... e agora eu tenho um lugar na primeira fila.

*É pura tortura*.

Meu telefone toca, mas eu pressiono o botão ignorar.

Eu quero correr de volta para lá, mas sei que ele precisa de seu espaço.

Eu só queria que sua dor não estivesse rasgando meu próprio coração em pedaços, porque vê-lo desmoronar assim está me cortando.

— Porra, — Phoenix rosna enquanto se levanta.

Ele traz um cigarro aos lábios, seu peito subindo e descendo com

inspirações e expirações profundas.

Então ele pega a garrafa de vodka.

A bile sobe pelo meu esôfago enquanto ele desaparafusa a tampa.

Abro a boca para detê-lo, mas as palavras ficam presas na garganta porque ele quebra uma janela.

Observo perplexa enquanto ele pega a garrafa de vodca e despeja um pouco pela janela quebrada antes de encharcar o exterior com o resto.

— O que você está...

Ele acende um fósforo e o deixa cair.

Em questão de segundos, chamas laranja brilhantes acendem a casa móvel.

*Puta merda.*

Ele dá mais uma tragada no cigarro antes de jogá-lo no trailer.

Pânico espirala através de mim, e eu corro em direção a ele. — Vamos. Nós precisamos ir!

Ao som da minha voz, ele desce as escadas.

Nós nos encontramos no meio e eu pego sua mão, mas ele agarra meu rosto... e então seus lábios estão nos meus.

Seu beijo é tão profundo, tão *intenso, que* meus joelhos se dobram.

Agarrando meus quadris, ele ataca minha boca, me alimentando com sua língua em um ritmo quente e vulgar que faz meu sangue esquentar e minha cabeça girar.

Ele me beija assim por tanto tempo que meus lábios parecem machucados e eu não percebo que estamos nos movendo para trás até ser empurrada contra o capô do meu carro.

Um tremor passa por mim quando sua mão trava em volta da minha garganta e seus dentes mordiscam meu lábio inferior.

As chamas atrás dele ficam maiores. — Há um incêndio...

Ele puxa minha calcinha para o lado com a mão livre e enfia dois

dedos dentro de mim. A invasão me rouba o ar, e eu reprimo, minha necessidade substituindo qualquer outra emoção.

Meus olhos rolam para trás, e eu suspiro por ar enquanto ele me fode com o dedo até o esquecimento.

As agitações do meu orgasmo iminente enrolam meus dedos dos pés e eu me contorço contra sua palma... e então seus dedos se vão.

— Por favor — eu resmungo.

Seus dentes roçam minha orelha. — Não. Você quer gozar, você vai fazer isso na porra do meu pau.

Desejo e necessidade passam por mim e eu abro minhas coxas o máximo que posso. Eu levemente registro o som de uma fivela de cinto seguido por um zíper e então ele está enterrado dentro de mim.

Minha boca se abre e eu ofego contra seus lábios enquanto ele me toma áspero e rápido.

Um som rouco o deixa, e ele aperta seu aperto em volta do meu pescoço, me segurando firme contra o capuz enquanto ele me fode com tanta força que é prazer e dor em partes iguais.

Empurrando minhas mãos dentro de seu jeans, eu agarro sua bunda, tentando empurrá-lo mais fundo com cada impulso.

Um gemido gutural ressoa em seu peito, e ele ataca minha boca novamente. Desta vez, seus beijos são carentes, confusos e violentos.

É muito. Cada lambida, toque e empurrão quebra a barreira que continuo construindo entre nós.

Meu corpo fica frouxo quando ele lambe minha língua e bombeia violentamente, sugando tudo o que ele quer de mim.

Ele geme contra meu pescoço e os dedos cavando em meu quadril se contraem tanto que eu sei que vou ter hematomas. *Mas eu os quero*.

Suas feições ficam tensas quando ele se retira e mergulha de volta, atingindo um ponto que é tão bom que me deixa louca.

Uma onda escaldante de prazer varre através de mim e eu

desesperadamente balanço minha pélvis, encontrando-o impulso por impulso.

Eu não me importo com quem pode estar assistindo. Eu não me importo com o que os outros pensam.

Eu não me importo com nada, mas como é bom quando ele está dentro de mim.

É viciante. Uma droga que não posso deixar de perseguir. Um alto do qual nunca quero descer.

Todo o meu corpo estremece e meu gemido rouco se mistura com as sirenes à distância. Eu gozo tão forte que dribla para fora de mim e para ele.

Seus músculos se contraem. ─ *Merda*. ─ Aqueles olhos azuis escurecem, e seus dedos agarram minha mandíbula enquanto ele pulsa dentro de mim. ─ Estou recebendo meus dez dias.

─ Dez dias ─ eu respiro enquanto o calor líquido me enche. ─ Mas é isso...

Uma mordida afiada na minha garganta me faz gritar, e então ele está chupando minha pele, acalmando a dor e deixando sua marca.

Eu fecho meus olhos enquanto as chamas piscam ao nosso redor e nós dois queimamos até não sermos nada além de cinzas.

# CAPÍTULO 61

## PHOENIX

Um gemido impotente passa pelos lábios de Lennon. — Oh Deus.

Eu belisco seu mamilo. — Fique quieta. — Suprimindo um gemido meu, encho minhas mãos com seus seios. — O quarto de Chandler fica do outro lado desta parede. — Eu corro minha língua sobre o ponto de pulsação em seu pescoço. — Nós não queremos que ele ouça todas as coisas maliciosas que estou prestes a fazer com você, não é?

Não que ele vá. O filho da puta dorme como um morto.

O desafio guerreia com a fome que marca seu rosto. — Mas *você está* falando...

— Seja uma boa menina, ou vou parar o que estou fazendo.

Eu finalmente convenci Lennon a entrar na sala enquanto todo mundo está dormindo no ônibus.

E agora que ela está aqui, planejo me divertir um pouco.

Enfiando minha mão dentro de seu short, eu corro meus dedos sobre a virilha úmida de sua calcinha. Sua boca se abre e seu peito arfa, empurrando seus seios contra o meu peito.

Mergulhando minha cabeça, eu chupo seu mamilo através do tecido fino de sua camisa e puxo sua calcinha de lado.

Ela sibila quando eu traço o contorno de sua boceta lisa com a ponta do meu dedo, provocando-a.

— Da próxima vez que você fizer um som, eu vou encher sua boca com meu pau. Dessa forma, você não terá escolha a não ser ficar quieta.

Sua respiração acelera e meu pau pulsa, amando essa ideia.

No entanto, ainda não terminei de brincar com ela.

Temos apenas oito dias restantes, e não quero perder um único segundo.

Ignorando a maneira como esse pensamento faz meu peito apertar, eu caio de joelhos e enterro meu nariz entre suas coxas, inalando-a.

Sua mão vai para minha cabeça. ─ Pho...

Ela estremece quando eu mordo sua boceta através do tecido de seu short. ─ Último aviso. ─ Eu deslizo-os para baixo de seus quadris. ─ Você vai ser boazinha?

Ela puxa seu short de volta para cima.

─ Eu tenho que ficar vestida, ─ ela murmura quando eu estreito meus olhos. ─ E se alguém entrar?

Maldito inferno. Isso não vai funcionar para o que eu tenho em mente.

Eu preciso de pele. De preferência cada centímetro dela.

Mas eu sei que Lennon vai lutar com unhas e dentes por isso.

No entanto, desde que eu sou um maldito demônio por sua boceta, entre outras coisas, estou disposto a me comprometer.

Eu estalo o fio de sua calcinha contra sua pele. ─ Tire isso.

Ela balança a cabeça.

*Pirralha*.

─ Certo. ─ Puxando seu short e calcinha para o lado, dou um beijinho em sua boceta. Então eu dico. ─ Você não pode gozar.

Atirando-me um olhar gelado, ela se afasta deles.

*Ela* cai de joelhos.

Com os lábios torcidos, ela puxa o cós da minha calça de moletom. Meu pau avidamente sai, batendo contra o meu umbigo.

Depois de lamber a palma da mão, ela agarra minha base, me dando um empurrão lento antes de selar a boca em volta da minha cabeça.

*Porra.* Ela ganha.

Ou melhor, eu ganho.

Envolvendo seu rabo de cavalo em volta do meu punho, eu dirijo meus quadris em seu rosto, forçando-a a tomar mais de mim.

Eu gemo quando ela me engole tão profundamente que engasga. Eu não perco o brilho atrevido em seus olhos quando ela relaxa a garganta como se dissesse, *desafio aceito*.

Cristo.

Calafrios surgem quando ela segura minhas bolas. Mas por melhor que pareça, tenho que acabar com essa batalha de vontades que estamos tendo.

Foi Lennon que decidiu que só podíamos ser amigos de foda, e é ela que vai acabar com isso em oito dias.

Eu não vou deixá-la mandar na merda do quarto também.

Essa é a porra do *meu* domicílio.

Puxando seu rabo de cavalo, eu escorrego para fora de sua boca com um estalo molhado.

É adorável como ela persegue meu pau, tentando envolver seus lábios em torno dele novamente.

— Levante. *Agora.*

Meu tom áspero tem o efeito desejado porque ela se levanta do chão sem protestar.

Em um flash, eu agarro seus quadris e bato a frente de seu corpo contra a parede. O que deixa sua bunda atrevida no centro do palco.

Eu empurro sua camiseta para cima porque está bloqueando minha visão. — Mantenha essa porra dessa coisa fora do meu caminho.

Arrepios pastam em sua carne macia quando me ajoelho.

Eu nunca cultuei nada antes, mas isso aqui?

Eu construiria um maldito santuário para *isso*.

Eu sempre fui um cara de bundas, e Lennon de longe tem a melhor que eu já vi.

Grande, gorda e cheia de curvas. Porra perfeita.

Ela grita quando eu afundo meus dentes nela.

Eu bato em sua bunda em advertência. Meu pau se contrai enquanto ondula sob minha palma. ─ Cale-se.

Ela me lança um olhar de ódio por cima do ombro.

Sorrindo, eu aperto suas bochechas e as abro. ─ Quer que eu beije melhor?

Instantaneamente, ela tenta me afastar, o que me deixa no limite.

─ Qual é o problema?

A inflexão brincalhona na minha voz se foi há muito tempo.

─ Nada ─ ela sussurra.

*Algo*.

Eu não quero assumir o pior, mas ela não está me dando nada para trabalhar aqui.

─ Alguém te machucou? ─ Eu tento reprimir a raiva rastejando em minha voz, mas falho. Se alguém colocar a porra do dedo nela, vou passar o resto da minha vida na cadeia.

─ Não.

Suas respostas de uma palavra não estão me deixando à vontade. ─ Comece a falar.

─ Ninguém me machucou. ─ Um leve rubor percorre seu rosto enquanto ela olha para mim. ─ É só que... ninguém nunca... você sabe.

─ Tocou na sua bunda?

O silêncio dela é toda a confirmação de que preciso. Meu pau está de volta ao jogo, pronto para começar a festa.

No entanto, Lennon é rápida em pisar no freio.

─ De jeito nenhum eu vou deixar você colocar seu pau gigante na minha bunda. Eu *não* quero um prolapso retal.

Eu não posso deixar de rir. ─ Seu reto não vai prolapsar, Groupie.

Eu gosto áspero, mas não obliterar seu cu áspero.

Esses olhos marrons de bebê se arregalam de pânico. ─ Não coloque seu pau na minha bunda. ─ Ela engole. ─ *Por favor*.

─ Bem, já que você pediu tão gentilmente...

Seu lindo rosto se contorce. ─ Estou falando sério, Phoenix.

Eu beijo seu traseiro. ─ Sem pau na sua bunda.

*Esta noite*.

Não significa que eu não vou facilitar meu caminho para isso, no entanto. ─ Curve-se.

─ Que parte de...

Agarrando seus quadris, eu a puxo com tanta força que ela não tem escolha a não ser apoiar os braços contra a parede e enfiar a bunda no ar.

Eu corro um dedo pelo comprimento de sua boceta exposta. Ela está tão molhada que está brilhando.

Minha voz é um grave áspero contra sua carne lisa. ─ Confie em mim.

Dirigindo toda a minha atenção para o buraco que ela está acostumada, eu afundo minha língua dentro dela.

Seus braços tremem e ela ofega meu nome enquanto eu me estico e fodo sua doce boceta.

As paredes quentes e sedosas apertam. ─ Puta merda.

Moendo contra minha boca, ela geme enquanto eu continuo comendo ela por trás.

─ Não pare.

Eu a belisco, lembrando-a de ficar quieta, mas ela está longe demais para se importar.

*Bem do jeito que eu gosto.*

Alcançando ao redor, eu esfrego seu clitóris inchado... então eu mudo as coisas e circulo um buraco diferente com a ponta da minha língua.

Ela fica tensa por um segundo. Então acontece.

Um gemido desesperado se liberta, seguido por uma maldição.

Eu sei que ela está quase lá, então eu mantenho o ritmo com meus dedos e giro minha língua contra seu cu enrugado.

— Oh Deus. — Alcançando atrás dela, ela agarra meu cabelo e se contorce contra meu rosto. — Eu vou morrer.

Não, ela vai *gozar*.

E ela faz. Tão forte que escorre pela minha mão.

Dou-lhe um segundo para se recompor antes de passar um braço em volta de sua cintura e arrastá-la para o sofá.

Eu me sento, mas quando ela vai se sentar ao meu lado, eu a puxo no meu colo.

Lennon está brigando comigo desde o momento em que ela entrou aqui.

É justo que ela coloque seu dinheiro onde está sua boca.

— Você queria todo o controle esta noite. — Eu empurro minha calça de moletom para baixo e meu pau salta para fora. — Agora monte até nós dois gozamos.

Lambendo os lábios, ela me monta. Ela tenta me colocar dentro dela pouco a pouco, mas eu sou um idiota impaciente.

Levantando meus quadris, eu dirijo para ela com um impulso duro que nos faz gemer.

Seus olhos se fecham e ela coloca a mão no meu peito para me apoiar.

Eu bato na bunda dela, pedindo que ela se apresse.

— Desculpe. Eu só... eu preciso de um segundo. Um pequeno estremecimento a percorre. — Você é tão gostoso.

Qualquer esperança que eu tinha de fazer esta sessão durar a noite toda se foi com essas palavras.

Lentamente, ela se move, rolando os quadris em uma cadência

preguiçosa que parece tão incrível quanto torturante.

Eu chupo o oco de sua garganta. ─ Solte o cabelo.

Meu pedido surpreende a nós dois. No entanto, ela estende a mão e puxa o elástico sem protestar.

Um rio de fios pretos brilhantes desce pelas costas dela. Parece seda quando enfio meus dedos nele e olho para ela.

Seu lindo rosto está brilhando com um leve brilho de suor, seus lábios estão rosados e inchados, e seus olhos de corça estão cobertos de desejo.

Como essa garota poderia pensar que ela é algo menos que perfeita está além de mim.

Arame farpado invade meus pulmões, dificultando a entrada de ar.

A única coisa pior do que saber que vou perdê-la... é saber que algum sortudo vai tê-la um dia.

Dedos delicados se enrolam em volta do meu pulso. ─ Você está me verificando. O que está errado?

Eu cerro os dentes. Forçar-me a sair disso. ─ Cristo, groupie. Você vai me montar, ou eu preciso assumir para que nós dois possamos sair em algum momento da próxima década?

Avançando, ela morde meu piercing no lábio. ─ Idiota.

Eu dou a ela um sorriso arrogante. ─ Gostei de brincar com o seu cu.

Seu olhar encontra o meu, e ela circula seus quadris, provocando um grunhido baixo de mim.

Eu agarro sua bunda com uma mão e coloco minha outra debaixo de sua camisa para que eu possa apertar seus seios.

Meu pulso martela quando ela acelera e a mão que aperta sua bunda flexiona.

─ Estou perto ─ ela respira.

*Eu sei*. Eu a sinto me apertando. O que significa que ela esta bem e

relaxada.

Eu trago meu dedo médio para seus lábios. ─ Chupe.

Embora confusa, ela abre a boca e atende ao meu pedido.

Depois que há umidade suficiente, eu removo meu dedo e deslizo entre as bochechas de sua bunda.

Seus olhos se aguçam e ela fica estagnada. ─ Phoenix...

Repito a mesma coisa que disse a ela antes. ─ Confie em mim.

Quando chego à entrada, circulo levemente o buraco apertado, fazendo com que ela se acostume com a sensação.

Exalando uma respiração trêmula, ela começa a se mover. Quando ela encontra um ritmo que ela gosta, e seus olhos se fecham, eu empurro a ponta do meu dedo para dentro.

Seus movimentos aumentam, e eu vou um pouco mais fundo. ─ Como é?

─ Diferente ─ diz ela com uma respiração apertada. ─ Não de uma forma ruim. ─ Seu rosto se contorce de prazer. ─ Eu meio que gosto disso.

─ Bom. ─ Meus lábios sobem. ─ Agora cale a boca e bata no meu pau.

Passando o braço em volta do meu pescoço, ela trabalha para cima e para baixo no meu pau. Cada vez que ela o faz, eu entro um pouco mais, até estar o mais longe que posso ir.

Sua respiração fica irregular e seu corpo se curva sobre o meu. ─ Eu vou gozar.

Porra, sim, ela vai.

Eu amo o jeito que Lennon faz isso também.

Sua boca se abre na forma de um *O* e suas sobrancelhas se enrugam como se ela estivesse em profunda concentração antes de um gemido baixo irromper dela e ela me apertar, agarrando-me como um torno enquanto seus sucos escorrem pelo meu saco.

Sem fôlego, ela cede contra mim. ─ Você não gozou.

Eu estava muito ocupado me concentrando nela para me concentrar em minhas próprias necessidades.

O que, admito, não é algo que acontece com qualquer outra garota.

*Somente ela.*

Seus dentes roçam meu lóbulo da orelha. ─ Te peguei.

Calor incandescente lambe minhas bolas quando ela começa a me montar rápido e furioso, como se ela estivesse em uma missão para drenar cada gota de porra de mim.

─ Maldita.

O calor lambe minha pele e minha cabeça pende para trás enquanto os sons de nossas peles batendo juntas enchem a sala.

Meu pau pulsa e meu abdômen aperta.

Lennon aperta a parte de trás da minha cabeça e funde nossos lábios, me dando o que eu quero.

*O que eu preciso.*

Agarrando seus cabelos, deslizo minha língua dentro de sua boca, beijando-a com tanta veemência que sua respiração fica presa e seu coração bate no meu peito como um tambor.

E então ela está me beijando de volta com a mesma intensidade.

Gemendo em sua boca, gozo dentro dela.

Expulsando um pequeno suspiro saciado, Lennon cai contra mim. ─ Não devemos ter problemas para dormir agora.

Dormir é a última coisa em minha mente. Essa rodada foi apenas preliminares.

Esses cílios longos piscam contra a minha pele. ─ Hum... Phoenix?

─ Sim?

Ela olha para mim com diversão. ─ Seu dedo ainda está na minha bunda.

Um sorriso lento estica minha boca. ─ Eu sei.

E é quando isso me atinge.
Ela vai confiar em mim com seu corpo.
*Mas não seu coração*.

# CAPÍTULO 62

## LENNON

— Não entendo, — Quinn diz. — Por que estou falando mal de Gwyneth?

Puta merda.

Eu disse a mim mesma que não ia me envolver, mas ontem, enquanto estávamos dirigindo para a Carolina do Norte com Quinn, passei uma hora inteira pela tangente sobre como Gwyneth é linda e perfeita e como todos na mídia sociais estão *tão* empolgados por Memphis e ela para ter este bebê.

Skylar tentou esconder bem, mas quando voltei para o beliche, seus olhos vermelhos e inchados me disseram tudo que eu precisava saber.

Tentei consolá-la, mas ela foi direto para o banheiro e o trancou.

E foi aí que ela ficou... até que Storm ameaçou mijar em sua cama.

Já é ruim o suficiente ver o cara por quem ela nutre esses sentimentos clandestinos proibidos ter um bebê com outra pessoa... ela não precisa de Quinn torcendo a maldita adaga a cada dois segundos.

Não que Quinn queira, já que ela não tem ideia do que está acontecendo.

Inferno, eu nem sei a maioria dos detalhes.

É por isso que tentar puxar essa conversa com ela é tão difícil.

— Eu não disse que era *ruim*. — Saindo da minha cama, ando pelo chão do nosso quarto de hotel. — Não é. Você tem todo o direito de gostar de quem quiser.

Eu não estou tentando começar um pacto de garotas más que faça Quinn odiar seu ídolo.

Eu só quero que minha amiga pare de sofrer.

Quinn estoura seu chiclete. ─ Então qual é o problema?

─ É que... você fala muito sobre Gwyneth.

Quinn olha para mim como se eu tivesse cometido um pecado capital. ─ Isso é porque ela é *Gwen*. Todo mundo fala sobre ela. Além disso, Memphis vai se casar com ela então...

─ Espere. O que você quer dizer com Memphis vai se casar com ela?

O cara só descobriu *na semana passada* que ele era o pai.

─ Esquece. ─ Assobiando, ela olha pela janela. ─ Eu não sei de nada.

O que significa que ela definitivamente *sabe*.

Olhando para ela, coloco minhas mãos em meus quadris. ─ Fale.

Sua voz cai para um sussurro. ─ Ok, então de acordo com a conversa que eu ouvi Memphis tendo com Storm, a empresa de relações públicas de Gwen quer que ele faça o pedido logo, já que vai ficar ruim para ela se ele não fizer isso.

Oh garoto.

Sem parar para respirar, ela acrescenta: ─ Memphis quer fazer isso também, já que eles estão tendo um filho e outras coisas. ─ Ela revira os olhos. ─ Mesmo que Storm tenha dito a ele que era uma ideia terrível.

Concordo plenamente com o Storm.

Essa coisa toda parece estar indo de mal a pior para o pobre Skylar.

O que é mais uma razão para eu precisar que ela diminua seu fascínio por *Gwen* um pouco. Estou partindo em seis dias, o que significa que não posso interferir quando Quinn começar a ficar toda fangirl... ou estar lá para Skylar depois.

─ Ouça, Quinn. Eu realmente preciso que você pare de falar tanto sobre Gwyneth.

Ela bufa de irritação. ─ Por quê?

*Eca.* Como diabos vou fazê-la entender sem lhe dizer o motivo real?

— Às vezes as pessoas simplesmente não clicam, sabe? E ouvir alguém falando sobre eles incessantemente na sua frente pode ser um pouco... frustrante.

Sua boca cai aberta em choque. — Você não gosta de Gwen? Quem não gostaria de *Gwen*?

Merda em uma vara.

— Ah bem...

— Eu não, — Phoenix interrompe enquanto ele passa pela porta que liga nossos quartos.

Eu poderia beijá-lo por vir em meu socorro.

Quinn volta sua frustração para seu irmão. — Por quê? O que ela fez com você?

Phoenix cruza os braços. — Ela é uma esnobe e uma cadela. Ela também é falsa pra caralho.

Quinn bate o pé. — Ela *não é*.

— Converse com ela quando as câmeras não estiverem por perto. — Seu olhar se aguça. — Então, faça a todos nós um favor e cale a boca sobre ela. É assustador e irritante.

— Phoenix — eu assobio quando o rosto de Quinn cai.

Quero dizer, ele não está errado, mas ele não precisava ser tão mau sobre isso.

Então, novamente, *isso é* Phoenix.

O remorso passa por seu rosto e ele despenteia o cabelo dela. — Vamos, esquisita. Há uma Waffle House ao lado. Eu vou te pagar o café da manhã.

Quinn está intrigada, mas ela ainda não está pronta para ceder.

Ela está esperando seu irmão mais velho adoçar o pote.

— E um pouco dessa merda para o seu rosto, — Phoenix resmunga.

Maquiagem. Ele quer dizer maquiagem.

Quinn sorri de orelha a orelha. — Fechado. — Ela olha para mim. —

Você vem?

Eu seguro meu telefone. ─ Não pode ir. Quero ligar para a Sra. Palma antes do show de hoje à noite.

Quinn pega sua bolsa da cama. ─ Mais para nós.

Phoenix a segue até a porta, mas no momento em que ela sai do quarto, ele se vira.

Eu mal tenho tempo de piscar antes que seus lábios estejam nos meus, me beijando como se eu fosse o ar que ele precisa para respirar.

─ O que foi isso?

Não que eu esteja reclamando.

─ Você parecia que queria fazer isso quando eu entrei. ─ O canto de sua boca puxa para cima. ─ De nada.

Minha carranca é brincalhona. ─ Idiota.

Ele começa a sair, mas eu o puxo de volta. ─ Aguente. Eu preciso de um favor.

─ Eu vou te dar meu pau quando eu voltar. Eu preciso de algum sustento primeiro.

Eu reviro os olhos. ─ Não seu pau, idiota. Um verdadeiro favor.

Suas sobrancelhas franziram. ─ E aí?

Estou em uma situação difícil, pois também não posso revelar muito a ele.

─ Eu preciso que você cuide de Skylar enquanto eu estiver fora. Ela está passando por algumas coisas e estou preocupada com ela.

─ Se você está tão preocupada, deveria vir para a Europa conosco.

Eu quebro o contato visual. ─ Você sabe que eu não posso.

Por *tantos* motivos.

─ Certo ─ ele morde.

Um nó se forma no meu peito. ─ Não estrague o pouco tempo que nos resta, ok?

Será mais fácil expulsá-lo do meu sistema se eu não o odiar com

todas as fibras do meu ser novamente quando nos despedirmos.

— Eu vou cuidar de Skylar. — Seus dedos deslizam ao longo da minha bochecha. — E eu vou trazer de volta o café da manhã.

Instintivamente, eu me inclino em seu toque. — Obrigada.

— Mas eu quero algo em troca.

Claro que sim. — Deixe-me adivinhar, um boquete?

— Sim, mas vou pegar um desses de você mais tarde de qualquer maneira. — Sua expressão fica séria, e ele inclina meu queixo. — Me beija.

Ficando na ponta dos pés, pressiono meus lábios nos dele. Em questão de segundos, sua língua está escorregando sobre a minha e estamos respirando pesadamente, como se não pudéssemos ter o suficiente um do outro.

O nó no meu peito fica maior.

— Phoenix? — Quinn chama.

*Saco*.

Nós nos separamos assim que a porta se abre. — Você se esqueceu de mim?

— Não — diz Phoenix. — Vamos lá.

Quinn sai pela segunda vez... e Phoenix aproveita a oportunidade para atacar meus lábios novamente.

— Ela vai te matar — eu respiro entre beijos que fazem minha cabeça girar.

Eu grito quando ele pega um punhado da minha bunda e chupa meu lábio inferior em sua boca. — Vale a pena.

— *Sério*? — Quinn grita do outro lado da porta.

Eu não posso deixar de rir quando ela entra e agarra seu braço.

— Estou *morrendo* de fome — ela choraminga enquanto o leva para fora da sala.

Virando a cabeça, Phoenix me dá um sorriso vulgar. — Eu também.



Eu seguro meu telefone entre minha orelha e ombro. — Ainda não reservei meu voo para casa, mas farei isso hoje à noite após o show.

— Tudo bem. Sem problemas — diz a Sra. Palma. — Apenas deixe-me saber os detalhes do seu voo para que eu possa tomar providências para buscá-la no aeroporto.

— Tudo bem. Vou pegar um Uber para casa.

— Bobagem — ela começa a dizer antes de seu marido gritar algo que soa muito como '*quatro*' no fundo. — Eu tenho que ir. Seu pai e meu marido estão jogando golfe.

Isso é... surpreendente. — Golfe? Papai não joga golfe.

— Eu sei. Mas hoje ele estava se lembrando da única vez que o fez, e Richard o convenceu de que deveria tentar novamente, já que é *seu* passatempo favorito. A próxima coisa que eu sei é que Richard está carregando seus tacos aqui e agora eles estão jogando golfe na sala de estar. Tenho certeza de que um deles acabou de quebrar a televisão.

*Caramba.* — Bem, se eles fizeram, não se preocupe. — Vou receber seis dígitos em menos de uma semana. — Vou comprar uma nova quando chegar em casa.

— OK querida. Eu te ligo de volta mais tarde. Richard, o que há de errado com você? Leve suas bolas para fora...

E *essa é* a última coisa que ouço antes que a linha fique muda.

Eu verifico o relógio na mesa de cabeceira. Eles só se foram há meia hora e com o apetite de Quinn e Phoenix, tenho certeza que eles ficarão lá por um tempo.

Estou procurando meus sapatos para encontrá-los quando alguém bate na minha porta.

Eu encontro Skylar do outro lado... parecendo absolutamente

miserável.

Meu estômago cai. A pobrezinha deve ter ouvido falar das próximas núpcias.

— Venha aqui. — Eu a puxo para um abraço. — Eu sinto muito. Essa situação é muito ruim.

Ela fica rígida. — Sim, ele vai se casar. — Ela esfrega minhas costas. — Mas você não tem nada para se desculpar, Lennon. Isso não é culpa sua.

Eu não sei por que ela pensaria que era *minha* culpa, mas ei, desgosto pode fazer um número no cérebro.

Ela me abraça mais forte. — Já fiz algumas ligações. Espero que sejam enterrados até amanhã.

Agora, *sou eu* quem fica rígida. Eu não acho que ela estava sendo literal quando ela me perguntou se eu queria que ela matasse Phoenix... mas aparentemente, ela estava.

A ansiedade me percorre. Eu sei que ela está sofrendo, mas *Jesus*.

A mulher está grávida, pelo amor de Deus.

Isso traz um significado totalmente novo ao termo - o *inferno não tem fúria como uma mulher desprezada*.

E *amizade*... porque agora eu sou um maldito acessório.

Eu me desvencilho dela. — Uau. Você não acha isso um pouco extremo?

Evidentemente não, porque ela me olha como se eu fosse a louca. — Você está falando sério agora? — A raiva colore sua expressão. — Essa merda está além de fodida. É absolutamente *desprezível.*

Eu me afasto lentamente. — Eu entendo totalmente que você está chateada, mas colocar um golpe em Memphis e Gwen não é o jeito certo de lidar com isso.

Seu queixo cai. — Espere... *o quê*? O que você está falando?

Eu pisco, completamente confusa. — Você não está planejando

assassinar Memphis e Gwen?

O choque a faz recuar. ─ É, não. ─ Seus olhos se fecham. ─ Merda. Isso significa que você não sabe.

Você pensaria que descobrir que sua amiga não contratou um assassino acabaria com toda a minha ansiedade, mas não.

─ Sei o que?

Franzindo a testa, ela caminha até a minha cama e se senta.

Então ela tira o laptop da bolsa. ─ Sinto muito, Lennon, mas há algo que você precisa ver.

Minha ansiedade se transforma em pânico quando me sento ao lado dela...

E então horror absoluto quando olho para a tela dela porque há fotos ─ fotos *íntimas* ─ de mim e Phoenix.

Na primeira foto, Phoenix me coloca contra uma parede e ele está beijando meu pescoço.

Isso não seria tão ruim, mas na segunda foto, a mão dele está dentro do meu short e a expressão no meu rosto deixa claro que estou *realmente* me divertindo.

Depois, há a foto final, que é um close-up. Os olhos de Phoenix estão encobertos, e seu rosto está tenso de prazer como se ele estivesse prestes a gozar... enquanto eu monto nele no sofá.

As únicas vantagens disso é que eu estou de camiseta, é cortada para que você não possa ver as metades inferiores de nossos corpos, e meu rosto não está nela. Não que isso importe. Qualquer um pode dizer que é a mesma garota das outras duas fotos.

─ Estou tentando derrubá-los ─ sussurra Skylar.

A humilhação passa por mim enquanto folheio as revistas e blogs online com manchetes gritantes como:

*'Quem é a nova garota curvilínea de Phoenix Walker*?'

*'Phoenix Walker fica quente e pesado com uma beleza de figura*

*cheia*'.

*'Confira o interesse amoroso plus size de Phoenix Walker*'.

Não há uma única legenda que não faça referência a algo sobre o meu peso.

E quando eu cometo o erro de rolar para baixo para ler os comentários... é ainda pior.

*– Eu sabia que ele estava drogado, mas não achava que ele estivesse tão viciado assim*.

*– Droga. Phoenix gosta delas grandes.*

*– Phoenix pode ter qualquer mulher que quiser. Por que ele iria foder aquela gorda*?

*– São essas coxas de trovão para mim*.

*– Ele deveria seguir a sugestão de Memphis e transar com gatas como Gwen.*

*– Alguém chame a polícia. Ele foi esmagado até a morte*.

*– Ele definitivamente está acima de sua classe de peso*.

Tecnicamente, esse último é um elogio, mas não acho que eles pretendiam que fosse.

— Ok, chega. — Skylar rouba seu laptop de volta. — As pessoas são idiotas invejosas. Ignore-os. Você é linda.

Por mais que todos esses comentários doam, não posso me dar uma festa de pena ainda porque tenho coisas muito mais importantes com que me preocupar.

— Essas fotos são da outra noite… enquanto estávamos no ônibus.

O que significa que alguém muito próximo de nós tirou essas fotos e as deu para os malditos tabloides.

Skylar solta um suspiro pesado. — Sim, eu pensei que parecia familiar.

Minha voz falha. Ela estava certa antes, isso está além de fodido. — Quem faria isso?

Quem trairia não apenas a minha, mas a confiança *de Phoenix?*

Estes não são apenas seu povo... eles são sua família.

Seu rosto se contrai.

— Bem, definitivamente não sou eu, Storm ou Memphis. Nós nunca faríamos isso com ele ou você. Quinn pode ser astuta, mas Phoenix é seu herói, e ela te adora, então duvido que seja ela. Chandler obviamente não. — Seus olhos se estreitam. — Meu dinheiro está em George.

Sim, ela provavelmente está certa, mas não posso me concentrar nisso porque ela acabou de me lembrar de algo ainda mais alarmante.

Náusea me invade e eu me levanto. — Chandler. — Se isso está em toda a internet, é apenas uma questão de tempo até que ele descubra. — Ele vai enlouquecer.

A expressão no rosto de Skylar me diz que ela está tão ansiosa quanto eu sobre isso. — Eu sei. Estou tentando o meu melhor para derrubá-los antes que ele veja. — Levantando-se, ela agarra meus ombros. — Respire. Vendo que ele não invadiu aqui gritando, eu diria que você está sa...

O som do meu telefone tocando a interrompe.

Meu estômago se revira em ainda mais nós quando vejo o nome de Chandler piscando na minha tela.

— Ele pode não saber ainda, — Skylar diz enquanto eu pego. — Jogue com calma.

Atendo no terceiro toque. — Ei. Bom Dia...

— Meu quarto. *Agora*.

Então a linha cai.

— Merda, — Skylar murmura.

Então ela alisa meu cabelo. — Ok. Aqui está o que você vai fazer. Você vai entrar lá com a cabeça erguida, e então quando ele começar a gritar, você vai chorar algumas lágrimas. Chandler pode ser um idiota,

mas mulheres choronas o deixam nervoso. Use isso a seu favor.

Estou grata que ela tem um plano de jogo porque eu não. ─ Ok.

─ Boa sorte.

Segurando minha mão, saímos do meu quarto juntas.

─ Você tem isso ─ ela me assegura antes de nos separarmos e ela segue pelo corredor para seu quarto.

Vou bater na porta de Chandler, mas ela se abre antes que eu tenha a chance.

─ Entre aqui.

O nó no meu estômago se contrai ao ponto de doer quando ele pisa na área da cozinha de sua suíte.

Ele para na frente de uma pequena mesa e gira seu laptop ao redor... em sua tela estão as fotos minhas e de Phoenix.

─ Vá arrumar suas coisas ─ diz ele, seu tom incomumente calmo.

O fato de ele não estar mais gritando ou furioso é enervante.

Eu abro minha boca, pronta para contar uma desculpa... mas não há uma.

Decepção e vergonha pesam no meu peito. ─ Eu sinto muito.

Chandler é um babaca nota A, mas de todas as regras que ele me deu, ele deixou bem claro que uma em particular era a mais importante.

E eu quebrei.

Então, mesmo que eu possa ficar aqui, produzir algumas lágrimas e tentar justificar o que fiz... não vou.

Porque isso não me faria melhor do que *ele.*

A humilhação passa por mim enquanto dou meia-volta e me dirijo para a porta.

No entanto, meus passos param com meu próximo pensamento.

Eu errei, não há como contestar isso. Mas eu *mantive* Phoenix longe de problemas como ele queria. Inferno, ele nem está bebendo mais.

Não que eu possa levar o crédito por isso – isso é tudo dele.

Mas, ainda assim, cumpri o componente-chave da descrição do meu trabalho.

Embora eu mereça ser demitida por meu erro, devo ter direito a alguma compensação.

Especialmente porque eu não só desisti do meu emprego, mas a Sra. Palma tem coberto todas as despesas para mim em casa nos últimos dois meses.

Não devo apenas à mulher minha gratidão e apreço por toda a vida; Eu devo dinheiro a ela.

Eu me viro para encará-lo. — Eu ainda serei paga?

Chandler ergue os olhos de seu laptop. — Há quanto tempo você está transando com ele?

Outra onda de constrangimento passa por mim.

Eu nem preciso dizer a verdade, porque a forma como suas feições endurecem me diz que ele já descobriu. — Isso foi o que eu pensei. — Os músculos de seu rosto ficaram tensos. — As letras miúdas do nosso contrato declaram explicitamente que, se você violasse qualquer uma das regras, não receberia um único centavo. Então, não, você não será paga. — Ele fecha seu laptop. — Espero que tenha valido a pena.

Minha garganta se arrepia enquanto me dirijo para a porta.

Eu vim aqui com um propósito em mente, mas no final, fiz a única coisa que jurei que nunca faria.

Cheguei muito perto do sol.

E isso me queimou. *Novamente*.

— Eu pensei que você seria mais forte do que isso, — Chandler pronuncia para minhas costas. — Claramente eu estava errado.

Suas palavras parecem um tapa na cara.

*Isso faz de nós dois*.

# CAPÍTULO 63

## LENNON

Pressione o botão de ignorar no meu celular enquanto continuo enfiando as coisas na minha mala. Eu sei que Skylar quer conversar, mas por mais que eu adoraria dizer adeus a ela e aos outros, além daquele bastardo do George, eu não posso.

A única coisa pior do que ser demitida é a caminhada da vergonha que vem com isso.

Já perdi meu dinheiro. Eu gostaria de pelo menos manter um pouco do meu orgulho.

Mas então penso em como ficaria chateada se o sapato estivesse no outro pé e Skylar saísse sem dizer uma palavra.

Eu não quero que ela pense que nossa amizade não significa nada para mim, então pego meu telefone para mandar uma mensagem para ela.

Estou no meio da digitação de uma mensagem quando a porta de conexão se abre e Phoenix entra, segurando seu estômago.

— Acabei de levar uma surra de uma garota de quinze anos em um concurso de comer waffles. Quem diria que alguém tão pequeno poderia comer tanto?

Apesar de parecer cheio a ponto de ficar desconfortável, ele está sorrindo como se tivesse acabado de ganhar na loteria.

Uma pontada aguda irradia meu peito. Estou feliz que ele está construindo um relacionamento com sua irmãzinha.

Felizmente, será o suficiente para impedi-lo de seguir esse caminho sombrio novamente.

Gemendo, ele remove seus óculos escuros e boné de beisebol - também conhecido como seus adereços *incógnitos.* Não que eles funcionem tão bem.

*É impossível não notar Phoenix Walker*.

Enfio uma pequena pilha de camisetas dobradas na minha mala. ─ Onde está Quinn agora?

Nossa última conversa foi basicamente eu insinuando que ela estava fazendo algo errado, e não é assim que eu quero deixar as coisas com ela.

Ele bufa uma risada. ─ Ela ainda está no restaurante porque Storm está convencido de *que ele* pode vencê-la.

Nesse caso, talvez eu escreva um bilhete para ela.

─ Quer ir vê-la, levar sua bunda para... ─ A confusão se espalha por seu rosto enquanto seu olhar passa entre mim e minha mala. ─ Por que você está fazendo as malas? Ainda temos outro show hoje à noite.

Não *nós*.

Eu dobro um par de jeans. ─ Você tem. Eu não.

Isso só o deixa ainda mais pasmo. ─ O que você quer dizer?

Passando por ele, vou até o banheiro para pegar meus produtos de higiene pessoal. ─ Eu fui demitida.

Phoenix segura meu braço. ─ Demitida? Por quê? Por quê?

Não faz sentido esconder isso dele, já que isso o afeta também. ─ Há fotos nossas. ─ Eu torço para fora de seu alcance. ─ Em toda a internet.

Ele me segue até o banheiro. ─ Fotos nossas? Que tipo de fotos?

Abrindo a porta do chuveiro, pego meu xampu, sabonete líquido e lâmina de barbear. ─ Alguém tirou fotos nossas na sala dos fundos na outra noite… e depois as enviou para um monte de blogs de fofocas e revistas de notícias online. Chandler as viu e me demitiu.

Embora *muitas* coisas possam irritar as penas de Phoenix, nada

pode chocá-lo. Isso acontece, porém, porque ele tropeça para trás como se o tapete tivesse sido puxado debaixo dele.

*Isso faz de nós dois*.

Um olhar homicida entra em seus olhos... e então ele sai correndo do meu quarto em uma nuvem de raiva.

Coração batendo forte, eu corro atrás dele. Não quero que ele bata no Chandler. Não apenas causará problemas para ele com a gravadora, suas ações também afetarão Storm e Memphis.

Chandler não foi o errado aqui. E*u* fui.

No entanto, Phoenix ignora o quarto de Chandler e vai para um mais adiante no corredor.

Oh droga.

Estou tentando alcançá-lo quando ele chuta a porta aberta.

— Seu *filho da puta*.

Tudo acontece tão rápido que se transforma em um tornado de caos.

Skylar, Chandler e Memphis saem correndo de seus quartos ao mesmo tempo em que Storm e Quinn saem do elevador.

Há esse momento bizarro em que todos paramos e olhamos uns para os outros…

Então ouvimos o som de nós dos dedos estalando contra o osso, seguido por um uivo agonizante.

Todos nós corremos para dentro do quarto e meu queixo cai no chão porque Phoenix está dando uma surra *em* George.

— Seu pedaço de merda.

Com a mão na garganta, Phoenix continua utilizando o rosto de George como sua piñata pessoal.

Ele para abruptamente e, por um momento, acho que vai deixá-lo ir.

E ele faz... mas só para dar um chute forte no estômago de George.

Instintivamente, dou um passo à frente, mas depois caio em mim.

Achei que George era um cara legal, e realmente senti pena de tê-lo machucado.

Mas o que ele fez em nome do ressentimento foi longe demais. As fotos que ele tirou de nós não são apenas virtualmente pornográficas e uma completa invasão de privacidade... elas estão *em toda parte*.

Não importa quantas remoções, e-mails ou favores Skylar cobre, elas nunca vão realmente desaparecer porque a internet é para sempre.

A partir de hoje, o mundo inteiro só me conhecerá como a *garota gorda com quem* Phoenix Walker ficou.

É uma mancha da qual nunca vou conseguir me livrar.

Uma que vai me seguir em todos os lugares.

A raiva crescendo na boca do meu estômago sobe e eu cerro os punhos. Estou tentada a dar alguns socos e chutes, mas Chandler fica entre eles, tentando impedir. Ou melhor, parar Phoenix, porque além do soco que ele acertou, George não está lutando muito.

Chandler não está se saindo muito melhor.

Exasperado, ele olha para Storm e Memphis. — Uma ajudinha aqui, pessoal.

Cruzando os braços sobre o peito, Storm se vira para Memphis. — Você ouviu alguma coisa?

Memphis combina com sua postura. — Não.

Chandler olha para Skylar em seguida. — Chame segurança.

Skylar bate no queixo, fingindo pensar nisso. — Você sabe, eu provavelmente deveria. — Seu nariz enruga. — Pensando melhor. Não.

Desesperado, ele olha para Quinn, que está sentada em uma cadeira do outro lado do quarto... comendo o que parece ser pipoca.

— Seja útil e ligue para a recepção.

Mastigando feliz, ela dá um soco no ar. — Vá, grande irmão. E não se esqueça, se sangra, você pode matá-lo!

Nós quatro trocamos um olhar então. Não por causa das palavras

de Quinn – embora assustadoras – mas porque Phoenix está perigosamente perto de fazer exatamente isso.

Tanto assim, George não tem mais um rosto reconhecível.

A trepidação envolve minhas entranhas. Se isso continuar, ele não terá mais pulso.

Felizmente, a segurança entra um momento depois. São necessários três caras grandes para tirar Phoenix. Quando eles finalmente o fazem, noto que seu lábio está rachado e sangrando de onde George acertou seu único soco.

Ao perceber que este é *o* Phoenix Walker, os seguranças trocam olhares inseguros, como se não tivessem ideia de como proceder.

Felizmente, Skylar avança e lida com isso como uma profissional.

Ela gesticula para George, que está em uma bola no chão. ─ Quanto para deixar esse cara no hospital mais próximo e alegar que você o encontrou em um beco atrás de um bar? ─ Ela aponta o polegar para Phoenix, que cospe sangue no tapete. ─ E quanto esquecer o que *esse* cara fez?

Dando de ombros, eles trocam outro olhar inseguro.

─ Não sei ─ diz um deles. ─ Mil?

─ Cinco mil cada ─ declara o cara no meio. ─ E talvez ingressos para o show hoje à noite?

─ Considere isso feito. ─ Ela agita os dedos para George. ─ Depois de cuidar dele.

─ Espere, ─ Chandler diz quando eles levantam George do chão. ─ Ele é nosso baixista. Você não pode simplesmente *descartá-lo*.

─ Ele ou *nós*? ─ Memphis rosna, a ameaça em seu barítono claro como cristal.

Chandler se recusa. ─ Não seja ridículo.

─ Então está resolvido ─ diz Storm. ─ Consiga um substituto para o show hoje à noite. Se você não conseguir encontrar um, não é suor de

nossas bolas. Nós vamos fazer isso funcionar.

Procurando no seu bolso o telefone, Chandler hesita antes de sair.

Aproveito para fazer o mesmo pois ainda tenho que terminar de fazer as malas.

Estou no meio do corredor quando alguém agarra meu braço.

— Groupie.

Sua voz profunda e rouca gira em torno de mim como fumaça de um incêndio.

— Você está bem? — Eu sussurro, querendo não me virar.

Porque uma vez que eu fizer isso, meu erro estará me encarando e vai doer como o inferno.

Ainda segurando meu braço, ele se aproxima de mim. — Não se você for embora.

Por mais que eu queira meu emprego de volta, mesmo que restem apenas seis dias, não há nada que nenhum de nós possa fazer.

Chandler decidiu.

— Eu tenho que fazer as malas.

— Fica.

— Não posso. Fui demitida, lembra?

— Fique nos próximos seis dias de qualquer maneira. — Sua voz cai para um sussurro rouco, e ele se aproxima, invadindo meu espaço. — Ainda não estou pronto para dizer adeus.

Mesmo se eu quisesse – o que seria uma loucura da minha parte depois de tudo isso – eu não poderia aceitar. Deixar de ser uma empregada significa não ter mais hospedagem e alimentação gratuitas.

— Sem pagamento.

Eu tento evitá-lo, mas ele não me deixa.

— Então eu vou pagar você. — A ponta de seu polegar desliza ao longo da minha mandíbula. — O que quer que ele tenha oferecido a você para entrar em turnê, eu consigo.

Meus ombros ficam tensos e meu estômago se contorce enquanto processo o que ele está dizendo. Não há como eu aceitar a proposta dele.

Fui demitida por ter relações sexuais com ele, então ele se oferecer para me pagar por *isso* é todo tipo de errado.

Prefiro voltar a ser bartender no Obsidian.

— Eu não sou uma prostituta.

— Eu não... — Ele faz um som de frustração. — Eu sei que você não é.

— Bom. Ainda bem que estamos na mesma página.

Eu tento ir embora de novo, mas ele não me deixa. Ele é como uma parede impenetrável que eu não posso romper.

Seu olhar determinado perfura em mim. — Não vá embora.

Minha garganta funciona através de um gole apertado. Ele está tornando isso dez vezes mais difícil do que tem que ser.

— Talvez tenha acontecido assim por uma razão — eu sussurro.

Eu obviamente não aprendi minha lição na primeira vez, então talvez essa seja a maneira do destino garantir que eu aprenda agora.

— Adeus, Phoenix.

# CAPÍTULO 64

## PHOENIX

Não é um adeus.

Ainda não de qualquer maneira.

Eu não deixaria Lennon encurtar meu tempo com ela, e tenho certeza que não vou deixar *Chandler* fazer isso.

Mas antes que eu possa lidar com ele, vou precisar chamar o calvário.

Todo mundo – menos Chandler e aquele filho da puta insignificante do George – ainda estão no quarto quando eu volto.

Skylar olha para mim. — Ei. Agora que você tem um minuto. Como você quer que eu corra com essa coisa toda? Você quer que eu ignore isso, ou dirija...

— Quero que você se certifique de que Lennon não vá embora. — Eu olho para todos eles. — Chandler a demitiu então ela está em seu quarto fazendo as malas. Eu preciso que vocês entrem lá e a distraiam enquanto eu recupero o emprego dela.

— Como diabos devemos distrair ela? — Memphis pergunta.

— Acho que ele quer dizer mantê-la como refém — observa Storm.

O que for preciso.

Quinn se levanta da cadeira. — Pode deixar. — Vagando, ela se dirige aos três. — Vou fingir que meu apêndice estourou, e vocês vão surtar com isso. Então vou implorar para Lennon ficar comigo.

Eu tenho que entregá-la à minha irmãzinha porque esse é um plano muito melhor... especialmente porque não envolve Storm algemando *minha* garota na cama.

Storm, no entanto, parece cético. — Você realmente acha que isso vai funcionar?

— Confie em mim. Sou uma ótima atriz e improvisação é uma especialidade minha.

Skylar leva todos para fora. — Vamos antes que ela se vá.

Eles começam a sair, mas Quinn interrompe seus passos e cutuca o braço de Storm. — Vou precisar de uma carona.

Ele a olha como se ela fosse louca. — Para que?

Ela revira os olhos. — Porque eu estou morrendo, idiota. Lennon nunca vai acreditar se não fizermos parecer real. — Ela o chama como se fosse uma princesa e ele um mero camponês. — Agora se apresse e me leve para o meu quarto.

Olhando para mim, Storm levanta minha irmã do chão. — Você me deve uma porra.

— Meu Deus. Dói muito, — *Quinn* lamenta como se estivesse em agonia real.

— Apenas certifique-se de que ela ainda esteja aqui quando eu terminar.

Com isso, eu saio e vou para o quarto de Chandler.

Ele atende após a segunda batida. — Entre.

Eu empurro por ele. — Eu precisava que você abrisse a porta, não um convite para atravessá-la.

Suspirando, ele aperta a ponte do nariz. — Evidentemente, dar uma surra em George não foi suficiente para você descomprimir. Qual é o problema agora, Phoenix?

— Não há um. — Eu entro na cara dele. — Porque você vai devolver o emprego a Lennon.

— Certamente não vou. — Ele entra na sala de estar de sua suíte. — Eu a contratei para mantê-lo longe de problemas. Não para brincar com seu pau.

E esse é o segundo erro do dia.

Em menos de três segundos, eu o prendi contra uma parede. ─ É melhor você voltar atrás.

Ele amaldiçoa baixinho. ─ E *é* exatamente por isso que eu a demiti.

A mão segurando seu colarinho se contrai. ─ Então você não é tão inteligente quanto pensa que é.

─ Como é que é?

Raramente nos damos bem, mas Chandler me conhece. Ele sabe que eu não faço relacionamentos.

Eu apunhalo seu peito com meu dedo. ─ Você sabia que ela não era apenas uma garota que eu comi. Você sabia que tínhamos um passado e trazê-la aqui despertaria sentimentos antigos. Que porra você esperava?

O idiota tem a audácia de me olhar nos olhos quando diz suas próximas palavras. ─ Eu *esperava que* ela fosse mais inteligente.

E esse é seu terceiro erro.

Meus dedos estalam contra seu nariz. A parte de trás de sua cabeça bate na parede com tanta força que as pessoas no saguão do hotel provavelmente ouviram.

─ *Porra!*

─ Você já está juntando dois e dois, idiota? Ou eu preciso continuar soletrando com meus punhos?

Encarando, ele segura seu nariz agora sangrando. ─ Eu não vou mais insultar sua namorada, ok? Ainda não muda o fato de que ela foi demitida.

É preciso cada grama de força de vontade para não socá-lo novamente.

─ Por quê? Você a contratou para cuidar de mim, e foi exatamente isso que ela fez.

─ Não, ela cuidou do seu... ─ Ele se encolhe quando levanto meu

punho. ─ Ela quebrou a regra mais importante.

Essa merda não faz o menor sentido.

─ Se você a contratou para cuidar de mim, *essa não deveria* ser a regra mais importante? Quem se importa com o que fizemos a portas fechadas. Estou muito melhor do que era antes de ela chegar aqui.

*A garota que eu arruinei me salvou*. Que tal isso de ironia?

Ele ri amargamente. ─ Sim, está muito melhor. Você está batendo em membros da banda, perdendo shows, discutindo com Vic sobre escolhas de músicas, me *agredindo*. E isso foi apenas nas últimas duas semanas.

A adrenalina corre pela minha corrente sanguínea.

─ Primeiro de tudo, George não era um membro da banda. E eu perder o show naquela noite não foi culpa de Lennon. Inferno, ela é a única que me convenceu do meu papel. E você tem toda razão, estou discutindo com Vic porque estou cansado dele tomar todas as decisões. *Eu sou* o vocalista. É a *minha* voz que as pessoas vêm ouvir. *Minha* voz revestindo os bolsos dele, seu e de todos os outros.

Uma carranca curva seus lábios. ─ E é a sua voz que será esquecida e sua carreira que vai virar fumaça se você não tirar sua maldita cabeça da sua bunda. Você acha que teria aprendido a lição depois do acidente, mas não. Aqui está você, seguindo outra pessoa cegamente por qualquer caminho que ela te guie.

E é quando ele clica. ─ Você está sendo ameaçado por Lennon.

Ele não gosta que ela esteja me incentivando a tomar as decisões e assumir o controle da minha vida e carreira.

Ele não gosta que ela esteja me incentivando a cantar a música em que acredito.

Ele não gosta porque com Lennon ao meu lado, eu lembro do meu valor. *Minha voz*.

─ Sou ameaçado por qualquer um que tenha o poder de influenciá-

lo a ponto de você não conseguir mais decifrar entre o que é certo e o que é errado. ─ Ele dá um soco no peito. ─ Eu sou o gerente. É *meu* trabalho cuidar de todos vocês e garantir que essa banda não se transforme em uma pilha fumegante de merda. Josh morreu no meu turno, na minha festa, na porra do meu carro. ─ Ele enfia um dedo no ar. ─ Eu não vou deixar isso acontecer novamente. Ela precisa ir.

Dou um passo para trás e depois outro. Parece que uma pilha de tijolos acabou de ser despejada em mim.

─ O acidente não foi sua culpa. No entanto, eu sei melhor do que ninguém que eu dizendo isso não vai fazer nada para aliviar sua culpa. ─ Eu seguro seu olhar. ─ Sinto muito que você vá passar o resto de sua vida se sentindo responsável por minhas ações naquela noite. Confie em mim, eu gostaria de poder voltar e mudar... mas não posso.

A raiva sobe em meu peito, queimando minha garganta. ─ Você não precisa ter medo de Lennon, no entanto.

Eu permiti que minha culpa me destruísse, mas não vou deixar que ela ou *ele* destrua o pouco tempo que temos juntos. Ela é muito importante.

─ Você tem que ter medo de *mim*. ─ Eu me aproximo. ─ Porque se você não contratar Lennon de volta, eu termino essa turnê e a próxima, e a próxima.

Sua boca cai aberta em choque antes de sua expressão ficar dura. ─ Eu não vou.

Eu cavo meu celular do meu bolso e entrego a ele. ─ Você quer fazer o telefonema para Vic então, ou devo fazer eu?

Ele me olha como se eu fosse um estranho. ─ Você não está falando sério.

Sua camisa rasga quando eu o arrasto em minha direção. ─ Parece que estou brincando? ─ Eu trago meus lábios em seu ouvido porque eu quero que esse idiota me ouça alto e claro. ─ Não brinque comigo,

Chandler. Contrate-a de volta, ou eu não só vou acabar com sua carreira, eu vou acabar com *você.*

Apesar de parecer que ele quer discutir, ele está petrificado demais para chamar meu blefe. — Certo. Mas espero que saiba o que está fazendo. Relacionamentos baseados em sexo e emoções voláteis raramente dão certo. Não é saudável estar tão preocupado com outra pessoa.

Minha risada é zombeteira quando eu o solto. — Isso é terrivelmente hipócrita vindo de você, você não acha?

Ele se arrepia. — Do que diabos você está falando?

Demitir Lennon era o equivalente a levar um chute no saco logo antes de você estar prestes a pegar um. É justo que eu retribua o favor.

— Você pode estar chateado com o acidente, mas com certeza não está quebrado por perder Josh. Eu me pergunto por que isso acontece.

Posso não ser capaz de ler ou escrever bem, mas não sou burro. Conheço e observo muito mais do que deixo transparecer.

Avaliando-o, tiro um cigarro do meu maço e acendo um. — Provavelmente pelo mesmo motivo que ouvi você no telefone com o relações-públicas do Barclay na outra noite, insinuando que Memphis e Gwen deveriam se casar.

Eu sei que o peguei porque ele parece um cervo pego nos faróis antes de se recuperar.

— Sim, sugeri que eles se casassem, mas foi simplesmente do ponto de vista de relações públicas. Nada mais.

Merda de merda.

— Relações públicas é o departamento de Skylar. — Estudando-o, esfrego meu queixo. — Então, novamente, nós dois sabemos por que ela nunca faria isso. — Meus olhos se estreitam. — Mas *você,* por outro lado. Funciona muito bem para você, não é?

Seu rosto fica vermelho de irritação e o que parece muito com

vergonha. ─ Eu não tenho ideia do que você está falando.

Ah, mas ele tem.

─ Um irmão já foi eliminado, então tudo o que você precisava fazer era se livrar do segundo. ─ Eu dou uma longa tragada no meu cigarro. ─ Agora que você alinhou sua dose, eu diria a você para ser homem e atirar, mas nós dois sabemos que Skylar viraria sua bunda em um piscar de olhos.

─ O bebê é dele, ─ Chandler morde. ─ Casados ou não, eles ainda estão ligados para sempre. Além disso, Memphis está de acordo. Ele quer fazer o que é melhor para seu filho.

Ele está certo sobre isso. Storm e eu tentamos convencê-lo de que se casar com Gwen seria um grande erro, mas ele não quer ouvir.

Ele quer dar tudo ao filho... porque ele não tinha nada.

─ Eu sei. Qual é a única razão pela qual eu não estou contando a ele sobre a conversa que eu ouvi.

Não só Memphis iria dar de ombros, isso não mudaria nada. Sua mente já está decidida.

O alívio de Chandler é tangível. ─ Obrigado. E realmente, Phoenix, estou simplesmente fazendo o que é necessário. Josh já fez um número na Skylar. Ela não deveria ter que ficar em segundo plano para outra mulher e criança. Você pode não concordar com meus métodos, mas prometo que estou fazendo o melhor para ambos. Às vezes, aplicar pressão não é suficiente para parar o sangramento... você tem que cauterizar a ferida.

Ele não está errado.

Eu assisti Memphis lutar contra seus demônios ao longo dos anos, mas seu maior de longe é que ele está secretamente ansiando pela namorada de seu irmão desde que eles eram crianças.

Mas agora ele finalmente seguiu em frente.

Enquanto eu pessoalmente não suporto Gwyneth, ele merece ser

feliz.

Assim como Skylar.

A última coisa que qualquer um de nós quer é que a história se repita e a veja sangrar por outro cara que não pode colocá-la em primeiro lugar.

Os dois juntos seriam o equivalente a uma bomba atômica e *todos* sofreríamos as consequências.

Mas embora eu concorde com Chandler, também sei que seus motivos não são tão virtuosos quanto ele afirma.

— Eu entendo por que você fez isso. Mas uma palavra de advertência?

Suas sobrancelhas se erguem. — O que é isso?

— Memphis perdeu Josh, mas ele ainda tem dois irmãos. Nunca *me* deixe pegar você puxando as cordas atrás das costas dele novamente. O mesmo vale para o resto de nós.

Ele engole. — Eu te dou minha palavra.

— Bom. — Apago meu cigarro na parede ao lado de sua cabeça. — Agora que *isso está* resolvido, limpe-se para poder contratar Lennon formalmente de volta. — Eu estalo meus dedos. — Ah, e mais uma coisa…

— Sim? — ele range os dentes.

Eu acaricio sua bochecha. — Jogue um pedido de desculpas também, enquanto você faz nisso.

# CAPÍTULO 65

## LENNON

— Por que diabos está demorando tanto a ambulância?

Em um momento eu estava fazendo as malas, e no próximo Storm estava carregando uma Quinn histérica aqui.

— Eu não sei — diz Storm, embora ele não pareça estar tão preocupado com o apêndice rompido de Quinn quanto eu.

Ou Skylar, que está andando de um lado para o outro. Ou Memphis que é... o que diabos Memphis está fazendo?

Eu olho para o outro lado da sala. Ele está bebendo uma cerveja e fumando um cigarro. *Adorável*.

Quinn segura minha mão com tanta força que tenho certeza de que ela a fraturou. — Dói demais.

— Eu sei, querida. Eu sei. — Eu passo minha mão ilesa pela testa dela. A pobre garota está com tanta dor que está suando e se debatendo na cama. — Eles estão vindo, ok? Apenas aguente aí.

— Acho que não consigo. — Lágrimas escorrem pelos cantos de seus olhos enquanto ela olha para o teto. — Eu vou morrer. Eu sinto.

Meu estômago afunda. *Puta merda.*

— Você não vai morrer, Quinn. — Pânico sobe pela minha garganta e eu olho para Storm. — Ela vai morrer se não fizermos alguma coisa.

— Você acabou de me dizer que eu não ia morrer. — lamenta Quinn.

Porcaria.

— Você não vai. — eu asseguro a ela antes de considerar Storm novamente. — Ligue para a recepção e pergunte se há algum hóspede que seja médico. Diga a eles que é uma emergência.

— Não acho que isso seja necessário. — Storm olha para Quinn. — Tem certeza de que isso não é apenas uma dor de estômago de todos aqueles waffles que você comeu hoje?

Quinn funga. — Eu tenho certeza. — Agarrando minha outra mão, ela olha para mim. — Você vai dizer ao meu irmão que eu o amo?

Meu Deus. *Isso não pode estar acontecendo*.

Os tiques da mandíbula de Storm. — Disque o drama para baixo, delinquente.

Storm não é do tipo quente e confuso e eu sei que Quinn o irrita pra caralho, mas isso é simplesmente cruel.

— O que diabos está acontecendo com você? Seu apêndice estourou. Você tem alguma ideia de quanta dor ela está sentindo?

— Tanto — Quinn grita.

Considerando que seu pai a espancou e ela nunca piscou um olho, isso deve ser excruciante.

— Eu sei, Baby. Eu sei. — Eu olho em volta. — Onde diabos está Phoenix?

— Eu já te disse, — Storm resmunga. — Ele está cagando.

— Enquanto a irmã dele está morrendo?

— Você disse que eu não ia morrer! — Quinn grita.

O som agudo é um milhão de vezes pior do que pregos em um quadro-negro e há um estremecimento coletivo.

— Você vai calar a boca? — Storm ruge tão alto que as janelas chacoalham. — Alguns de nós precisam de nossos ouvidos para ganhar a vida.

Então talvez *ele* não devesse estar gritando.

Quinn empalidece e um tremor atinge seu pequeno corpo. — Ddd-desculpe.

Se Quinn não estivesse segurando minhas duas mãos, eu usaria uma delas para dar um tapa em Storm. — Você está esquecendo em que

tipo de casa ela cresceu, idiota? Não há necessidade de gritar com ela. *Nunca*. Especialmente enquanto ela está tendo uma emergência médica.

Sua expressão suaviza. ─ Eu... foda-se. Foi mal, delinquente.

Mas Quinn não vai olhar para ele. Não posso dizer que a culpo. Eu também não quero olhar para ele.

─ Vai ficar tudo bem, querida ─ eu sussurro. ─ A ambu...

A porta se abre e Phoenix entra.

Eu me levanto. ─ Onde você esteve? Quinn está...

Eu não tenho a chance de terminar essa declaração porque ele agarra meu rosto e me beija.

Que diabos?

Sua mão desliza para a parte de trás do meu pescoço e ele passa a língua ao longo da costura dos meus lábios, incitando-me a separá-los para ele.

É quando eu o empurro.

─ Você e Storm estão fumando do mesmo cachimbo? O apêndice da sua irmã estourou. A ambulância está demorando uma eternidade para chegar aqui e em vez de se preocupar com isso, você está me beijando?

Os lábios de Phoenix se contraem. ─ Quinn está bem.

─ O que você está falando? Ela não está bem. Ela está...

─ Na verdade, eu estou. Phoenix nos disse para distraí-la para que você não fosse embora. ─ Quinn sai da cama. ─ Desculpe.

Eu recuo quando uma série de emoções filtram através de mim. Obviamente, estou aliviada por Quinn não estar morrendo, mas eu estava realmente com medo.

Sentindo isso, Quinn envolve seus braços em volta de mim. ─ Por favor, não me odeie.

Eu a abraço de volta, mesmo que eu ainda esteja no limite com a coisa toda. ─ Eu nunca poderia te odiar. Estou feliz que você esteja bem,

mas, por favor, nunca mais faça isso comigo.

— Nossa pequena atriz merece um Oscar — diz Skylar. — Eu tinha que ficar me lembrando que ela estava bem.

Quinn sorri, mas não alcança seus olhos. — Obrigada. Vou descer e fazer um lanche.

Antes que alguém possa detê-la, ela sai correndo da sala.

Skylar começa a ir atrás dela, mas Storm a vence. — Eu tenho isso.

Como ele deveria. Porque eu não era a única que estava com medo durante toda essa provação.

Eu bato no braço de Phoenix. — Eu não posso acreditar que você fez sua irmã fingir uma emergência médica só para eu ficar.

Pensando bem, eu posso. Ele é implacável.

Ele levanta as mãos. — Confie em mim, isso foi tudo Quinn. Ela inventou esse plano sozinha.

Isso eu também posso acreditar.

Vou até a minha mala e fecho-a. — Bem, já que a maioria de vocês estão aqui, eu provavelmente deveria começar a me despedir agora.

— Não tão rápido, — Chandler diz enquanto entra na sala. — Após uma cuidadosa consideração, decidi renegar meu pedido anterior de sua demissão.

— Inglês, filho da puta, — Memphis grunhe.

A irritação atravessa seu rosto. — Lennon, ou devo dizer *Yoko*. Você não está mais demitida.

Phoenix limpa a garganta.

— E eu sinceramente peço desculpas por insinuar que você era estúpida, fraca e não um trunfo para esta equipe.

É desnecessário dizer que estamos todos chocados. No entanto, é Memphis quem diz o que todos estão pensando.

— Droga. Doeu quando Phoenix arrancou suas bolas e as entregou para sua garota?

Ok, então eu não estava pensando *nisso,* mas está claro que tudo isso foi obra de Phoenix.

— Você vai ficar? — Skylar questiona, seu lindo rosto cheio de esperança.

Eu começo a responder, mas Phoenix enrola as mãos em volta dos meus quadris.

— Sim, ela vai.

Então ele fecha a distância entre nós e me beija.

Fazendo um ruído baixo em sua garganta, seus dedos enroscam meu cabelo e ele separa meus lábios com a língua. Meu pulso dispara enquanto ele mergulha na minha boca com golpes ardentes que me fazem sentir como se estivesse flutuando. Um som áspero o deixa, e suas mãos viajam pelas minhas costas até que ele está apertando minha bunda.

— Não se esqueça de usar um desses — diz Memphis antes de algo atingir a parte de trás da minha cabeça.

É quando me lembro que não estamos sozinhos.

— Uau, você imaginaria isso? — Skylar morde. — Alguém finalmente descobriu os preservativos.

— Seis dias, — eu sussurro enquanto Phoenix e eu nos separamos. — Mas isso está...

Ele me silencia com outro beijo.

# CAPÍTULO 66

## LENNON

— Puta merda, eu tenho que cagar, — Quinn anuncia antes de fazer uma corrida louca para o banheiro dentro da sala verde.

Dado que ela acabou de devorar um sanduíche de almôndega inteiro no tempo que a maioria das pessoas leva para escovar os dentes, não estou surpresa.

Balançando a cabeça, volto para minha tigela de legumes. Desde que as fotos saíram há cinco dias, eu tenho tentado comer super saudável. Eu já perdi dois dos cinco quilos que ganhei na turnê.

— Merda.

Estou pegando o garfo que acabei de deixar cair quando meus dedos roçam em algo suave e familiar. Deve ter caído da bolsa de Skylar quando ela saiu para dar um recado.

Meu estômago explode em uma onda de ansiedade quando pego a caneta preta.

Eu não tenho me divertido muito mentalmente desde que li esses comentários, apesar de me lembrar de ignorá-los como Skylar disse.

Infelizmente, as coisas ruins sempre ficaram presas na minha psique como cola. Teoricamente, eu poderia receber uma centena de elogios, mas ainda não seria suficiente para enterrar uma observação cruel.

Pelo menos era assim que *costumava* ser para mim. Embora essa voz esteja ficando cada vez mais alta nos dias de hoje.

Porque a pior coisa sobre esses artigos não é a crítica desagradável, é que parece ter negado toda a religação da minha auto-

estima na qual passei anos trabalhando.

Eu finalmente cheguei a um lugar onde eu estava confortável com quem eu era e mesmo que meu corpo não fosse perfeito, eu estava feliz com isso.

Meu coração torce contra minhas costelas, trazendo à tona todos aqueles velhos sentimentos que tentei abandonar enquanto continuo olhando para o marcador.

Seria tão fácil recair e escrever todas as suas palavras na minha pele... despejar sal nas feridas que eles criaram.

Mas fazer isso nunca fez doer menos.

Porque não é Sabrina, nem as pessoas da escola, nem os trolls online que são meus maiores inimigos.

É esta coisa.

Sou *eu*.

Certa vez, meu pai fez uma pergunta em que me perguntou se eu seria desagradável ou gentil com uma pessoa obesa que encontrara na rua.

Claro, eu disse o último.

Ao que ele respondeu: ─ *então por que você não estende a mesma compaixão a si mesma*?

Como sempre, meu pai estava certo.

Então, embora seja fácil marcar minha pele com todas essas palavras ofensivas, não quero voltar para aquele lugar escuro.

Não quero deixar essas pessoas ou meu antigo eu vencer.

Estou colocando o Sharpie no chão quando Skylar chega como uma mulher em uma missão.

Depois de uma rápida olhada ao redor da sala, ela fecha a porta.

É quando noto os papéis em sua mão.

─ O que é isso?

Ela empurra a pilha para mim. ─ Você tem deixado as palavras

desses idiotas viverem de graça na sua cabeça a semana toda, então eu queria te mostrar isso.

Com *isso*, ela quer dizer vários comentários que imprimiu. Só que, ao contrário dos outros... eles são legais.

Meu peito incha enquanto eu passo por eles.

*— Caramba. Ela é muito foda e muito fofa.*
*— Alguns de vocês precisam parar de odiar. Eu acho ela linda*.
*— Phoenix sabe o que está acontecendo. Curvas em todos os lugares certos*.
*— Mata menina*.
*— Coxas grossas salvam vidas*.
*— Ela pode me montar em qualquer dia da semana*. *Sem zoeira.*
*— Uau*. *Nós temos uma rainha curvilínea*.
*— É bom ver alguém como ele com uma garota normal. Dá ao resto de nós alguma esperança.*
*— Whoa. Essa bunda é válida. Phoenix entendeu a tarefa*.
*— Ele obviamente gosta dela e isso é tudo que importa. As pessoas precisam parar de sentir ciúmes.*

O fato de Skylar ter ido procurar por isso e imprimi-los para me mostrar significa mais do que ela jamais saberá.

— Você não tinha que fazer isso — eu sussurro através do nó na minha garganta. — Obrigada.

Ela caminha até o frigobar e pega uma garrafa de água. — Eu só queria que você visse o outro lado disso. Não deixe que alguns guerreiros do teclado façam você se sentir inferior e estrague sua confiança.

Se fosse assim tão simples. Embora eu aprecie o que Skylar fez, ela nunca vai realmente entender o que é... porque ela é impecável.

— Fácil para *você* dizer. — Coloco os papéis na mesa de centro à minha frente. — Você é perfeita, perfeita.

Portanto, ela nunca lutou com baixa auto-estima.

Estou prestes a sair para ver o final do show... mas Skylar tira sua camisa.

E seu sutiã.

— Uh... o que você está fazendo?

Ela aponta para seus incríveis peitos alegre. — São implantes. Eu os fiz seis meses depois de completar dezoito anos. Antes disso eu mal era um *A*, e é algo que eu costumava ser *muito* autoconsciente, especialmente desde que Jo... — Ela balança a cabeça. — Esquece. Isso não é importante.

Desapertando o botão de seu jeans, ela os desliza para baixo, revelando sua calcinha roxa minúscula. Ela arrasta a unha vermelha pela pele, gesticulando para algumas pequenas listras brancas em seus quadris. — São estrias. — Virando-se, ela dá um tapa na bunda. — E deleite seus olhos com minha magnífica covinha na bunda, polvilhada com um pouco de celulite.

Eu não posso deixar de rir porque ela é louca. Louca e *linda*.

Ela se vira. — Ninguém é perfeito, Lennon. Mas o que você acha que são defeitos não são para quem te ama. Então, seja uma daquelas pessoas que te amam, ok? Porque eu não quero que minha amiga pense coisas ruins sobre si mesma quando ela é linda por dentro e por fora.

Eu estou grata pela amizade de Skylar antes, mas não é nada comparado a agora. Meu peito está praticamente transbordando com o quanto eu a aprecio.

Estou prestes a correr para abraçá-la, mas Quinn sai do banheiro.

Seu queixo cai quando ela vê uma Skylar seminua. — Uau. Esses são *legais*.

Skylar ri. ─ Obrigada.

A intriga colore o rosto de Quinn. ─ Posso sentir?

Skylar encolhe os ombros. ─ Faça isso, irmã. ─ Ela olha para mim. ─ Você também pode se quiser.

Quer dizer, *estou* curiosa.

Eu mordo o interior da minha bochecha quando Quinn começa a fazer perguntas em fogo rápido enquanto nós a apalpamos.

─ Que tamanho são esses? Que tipo você obteve? Por que você não tem nenhuma cicatriz?

─ Eles são salinos. E são quatrocentos cc que me levaram de um *A* a um pequeno *D*. E eu não tenho nenhuma cicatriz porque eles fizeram isso no meu umbigo. Josh não queria que eu tivesse cica...

─ Bem, este é definitivamente uma maneira de comemorar nosso último show, ─ Storm profere.

*Merda.* Estávamos tão envolvidas em nossa conversa que nenhuma de nós ouviu a porta se abrir.

Chandler para de se mexer e seu rosto adquire uma cor de tomate.

─ Não é nada que nós todos não vimos antes, ─ Memphis zomba enquanto Skylar se esforça para colocar suas roupas.

─ Alguns muito mais do que outros, ─ Phoenix retruca, o que faz meu estômago dar uma estranha reviravolta.

Olho para Skylar, que está deslizando a camisa pela cabeça. Não é da minha conta e eu não teria o direito de ficar brava se ela e Phoenix ficaram juntos no passado. Eu só gostaria de saber.

O que é estúpido porque amanhã será meu último dia inteiro aqui e depois disso, Phoenix e eu terminamos para sempre.

Como se sentisse minha luta interna, Skylar murmura: 'Nunca. Prometo'.

Chegando atrás de mim, Phoenix trava os braços em volta da minha cintura. ─ Qual é o problema, Groupie?

— Nada.

— *Alguma coisa* — ele provoca antes de seus lábios roçarem o lado do meu pescoço. — Eu não estava me referindo a mim mesmo quando fiz esse comentário. Eu só estava tentando irritar um certo guitarrista.

Memphis, que está andando até o pequeno bar no canto, apesar de já ter uma cerveja na mão, o ignora.

— Parece que funcionou.

Sua risada é um estrondo baixo no meu ouvido. — Todo mundo tem uma fraqueza.

*Nenhum argumento aqui*.

— Quanta mercadoria eu teria que vender para comprar implantes mamários? — Quinn pergunta a Chandler.

Sinto o corpo inteiro de Phoenix tenso. — Eu vou matar Skylar.

— Como diabos eu deveria saber? — Chandler estala. — Parece que tenho um par?

Skylar lança a Phoenix um olhar de desculpas antes de se virar para Quinn. — Você não precisa deles, menina. Confie em mim, você é boa.

— Tetas reais são melhores de qualquer maneira — Memphis resmunga enquanto se serve de um copo de uísque. — Ninguém gosta de uma vadia falsa.

Uau. Estou prestes a deitar nele, mas não preciso.

— Então eu acho que você não gosta muito da mamãe do seu bebê. — Os saltos agulha vermelhos de Skylar estalam contra o chão enquanto ela se dirige para a saída... e então ela para. — Além disso, eu amo meus seios falsos… e da última vez que verifiquei, *você também*.

Minha boca fica aberta por duas razões. Um, o óbvio: Vai Skylar. E dois: além daquela breve conversa no ônibus, nunca ouvi nenhum deles reconhecer que havia algo entre eles.

É como um grande segredo de família que todo mundo conhece, mas ninguém fala.

Memphis leva o copo aos lábios. ─ As coisas mudam. As pessoas também.

Skylar se vira para encará-lo. ─ Bem, espero que você tenha gostado do show, porque é a última vez que você os verá.

Ninguém diz uma palavra, porque está claro que Skylar acabou de dar a última.

Até que Memphis fala.

─ Você estava errada antes, Sky. ─ O canto de sua boca se curva e o olhar que ele dá a ela é tão frio que me arrepia até os ossos. ─ Gwen não é minha mãezinha. Ela é minha futura noiva.

Meu coração salta para o chão e me sinto a pior amiga do mundo.

Dado que eu não ouvi nada sobre Memphis e Gwyneth se casando depois que Quinn me contou sobre a conversa que ela ouviu, imaginei que ele caiu em si e não era mais uma coisa.

Portanto, não contei a Skylar.

Eu realmente gostaria de tê-lo feito, porque mesmo que ela tente parecer fria, a dor respinga em seu rosto antes que ela saia.

─ Tome outra bebida, filho da puta, ─ Storm resmunga enquanto Chandler a persegue.

Memphis bebe o líquido em seu copo. ─ Cala a boca.

─ Por que *você não* cala a boca? ─ Eu deixo escapar antes que eu possa me parar. ─ Você a insultou sem motivo, não uma, mas duas vezes. Para alguém que está tendo um bebê e se preparando para pedir em casamento, você parece terrivelmente fixado em outra mulher.

Memphis olha além de mim para Phoenix. ─ É melhor você controlar sua garota.

Phoenix se move na minha frente. ─ É melhor você seguir o conselho dela. Ou a única coisa que estarei controlando é a maneira como meu punho balança sua mandíbula.

Eu quase salto para fora da minha pele quando Memphis lança seu

copo na parede e quebra. ─ Foda-se isso. Estou fora.

─ Incrível maneira de comemorar o último show, pessoal ─ murmura Storm enquanto Memphis sai.

Uma bola de ansiedade se aloja no meu esôfago. ─ Ele não quis dizer que estava fora da banda, certo?

Phoenix e Storm trocam um olhar. ─ Não. Ele está apenas lidando com alguma merda.

Assim é *meu* amigo.

─ Eu vou verificar Skylar.

─ Eu vou com... ─ diz Quinn.

Inclinando-se, Phoenix me dá um beijo rápido. ─ Não demore muito. Temos que acordar cedo amanhã.

Isso é estranho. ─ Por quê?

─ Vamos. Vamos lá. ─ Quinn puxa meu braço com tanta força que quase o arranca do corpo. ─ Eu preciso do chá.

# CAPÍTULO 67

## LENNON

Tudo dói e estou morrendo.

Algo crava nas minhas costas, só que não é algo que eu anseio pelas manhãs.

Parece... um pé.

Minha mente gira enquanto os eventos da noite passada voltam correndo para mim em um grande borrão.

Skylar me disse que me perdoaria por não divulgar o que Quinn ouviu se eu voltasse para seu quarto de hotel e ficasse bêbada com ela.

Então eu fiz.

Quinn naturalmente queria se juntar a nós, mesmo que ela não bebesse.

Eu penso. Espero.

Uma coisa levou a outra e nossa brisa da baía logo se transformou em tequila. *Muita* tequila.

Lembro-me vagamente de Phoenix vindo para nos verificar.

Então Storm apareceu logo depois... porque Phoenix precisava de reforços.

E então, em algum momento, Chandler entrou e começou a gritar conosco... o que realmente me chateou.

*Oh Deus.*

Tenho certeza de que disse a ele que seu pau não era grande o suficiente para sua atitude.

Eu abro um olho, mas imediatamente o fecho porque as cortinas não estão fechadas e santo inferno, é muito brilhante.

Provavelmente porque Skylar estava mostrando seus seios para as pessoas de Nova York da janela... enquanto eu os observava ao lado dela.

Meu cérebro bate no meu crânio enquanto me lembro do que aconteceu a seguir.

Eu disse — ou melhor, *exigi* — de Phoenix um anal.

Dado que minha bunda ainda está intacta, acho que é seguro dizer que ele não aceitou.

Depois disso, as coisas estão super confusas, mas eu me lembro de Quinn – a responsável, que Deus a abençoe – pedindo pizza para nós e nos colocando na cama.

Embora eu não tenha certeza em qual eu acabei.

— Bom dia, animal festeiro.

Eu abro minhas pálpebras ao som da voz de Phoenix.

Ele está em cima de mim com uma xícara de café na mão.

Me empurrando para cima em meus cotovelos, eu espio para baixo.

Sim, definitivamente um pé cutucando meu lado. O pé de Quinn.

Eu tento me sentar completamente, mas não consigo porque os braços de Skylar estão trancados em volta de mim... como se eu fosse seu ursinho de pelúcia pessoal.

Eu não tenho ideia de como nós três dormimos enroladas assim em uma cama.

Olho ao redor do quarto. Um grande corpo está caído no chão... levo um segundo para perceber que é Storm.

— Vocês dormiram no chão?

Minha voz sai dez vezes mais rouca do que o normal.

Phoenix bufa. — Eu não chamaria exatamente isso de *dormir*. — Ele olha para o relógio. — Acha que você pode tomar banho e ficar pronta nos próximos trinta minutos?

*Ugh*. Essa é uma tarefa difícil.

— Pronta para que?

Meu vôo não é até as dez da manhã de amanhã e o concerto final foi ontem à noite. O que significa que tenho o dia inteiro para me recuperar. Graças a Deus.

Um sorriso lento e sexy se abre. — Pronta para o nosso encontro.

O que dizer agora?

Eu varro meu olhar sobre ele. Ele está vestido com um par de jeans e uma camiseta preta que faz coisas espetaculares em seus braços cheios de veias.

Ao contrário de mim, ele também acabou de tomar banho e se barbeou.

Eu pisco em confusão. — Encontro? Que tipo de encontro?

— Aquele que eu estou levando você. — Ele olha para o relógio novamente. — Nós deveríamos sair para o brunch duas horas atrás, mas ainda podemos fazer a outra coisa que eu planejei.

Eu ainda devo estar bêbada porque Phoenix não faz brunch, planeja ou *namora*.

— Certo. Mas só porque você me trouxe cafeína.

Esticando, tento pegar a xícara de café, mas a maldita Skylar e seus tentáculos de polvo estão me mantendo como refém.

Há um brilho travesso em seus olhos. — Esse é meu.

Ele caminha até a porta e, um momento depois, Chandler entra... com um megafone.

— Todo mundo se foda. Partimos para a Europa em três horas.

Espere o que? Eu não pensei que eles iriam embora até amanhã.

Evidentemente, nosso *encontro* será muito curto.

Skylar surge como um vai a merda. — Estou de pé. — Segundos depois, ela desce, segurando a cabeça. — Retiro o que eu disse.

Quinn rola... um pouco demais, porque ela cai no chão com um baque alto. — Ai. Meu períneo.

Eu não tenho ideia de como ela conseguiu ferir *isso*.

— Puta merda — murmura Storm. — Eu odeio vocês.

Cavando em seu bolso, Chandler tira um frasco de aspirina e entrega para Skylar. — Achei que você poderia precisar disso.

E aqui eu pensei que Chandler não tinha um osso de consideração em seu corpo.

— Você é um anjo. — Ela pega o café que Phoenix estava tentando me entregar. — Nunca deixe ninguém te dizer algo diferente.

Claramente, Skylar ainda está embriagada.

Depois que ela toma sua aspirina, eu pego o copo de volta.

E guardo com cuidado porque Skylar, Quinn e Storm estão me olhando como se fossem vampiros famintos e eu tenho um corte de papel.

— Pegue o seu — resmungo antes de tomar um longo gole.

— Vinte e cinco minutos, — Phoenix range os dentes enquanto olha para o relógio.

*Meu, como as mesas viraram*.

Eu desço da cama. — Estou indo.

Nunca em um milhão de anos eu pensei que Phoenix seria o *meu* babá.



— Onde estamos indo? — Eu questiono enquanto caminhamos pelas ruas da cidade de Nova York. — E por que eles estão conosco?

Por *eles* estou me referindo ao cara enorme andando na minha frente e os dois seguindo logo atrás.

Phoenix odeia ter segurança, então tê-los vindo para o nosso encontro é um pouco peculiar.

Ele empurra seu aviador pretos no nariz. — Eu queria medidas de

segurança adicionais em vigor.

Isso é *alarmante*. ─ Por quê? Onde exatamente você está me levando?

Eu quase atropelo uma mulher que passava por nós. Seus olhos se arregalam quando ela vê Phoenix, mas então ela balança a cabeça, como se dissesse a si mesma que de jeito nenhum é ele.

Ele está vestindo um moletom escuro – com o capuz levantado – no meio do maldito agosto, então ele deve estar suando pra caramba.

─ Você vai descobrir quando chegarmos lá.

Não gosto nem um pouco do som disso. ─ Só para você saber, eu odeio surpresas.

Não estou dizendo isso para fazê-lo contar os detalhes também. Eu realmente os desprezo. Eu sou uma planejadora e a ideia de ter que lidar com qualquer bola curva ou bomba me deixa no limite.

Eu provavelmente posso *agradecê-lo* por isso.

Phoenix simplesmente sorri.

─ Certo. Você não precisa me dizer para onde estamos indo, mas você pode pelo menos me dizer por que de repente sentiu a necessidade de *medidas de segurança adicionais*?

Ele mantém seu foco à frente, sua expressão indecifrável. ─ Para você.

Essas palavras fazem meu estômago revirar. ─ Para mim? Por quê?

─ As fotos só saíram seis dias atrás. Ainda não atingiu você totalmente, já que você ainda está na minha bolha, mas estamos em toda parte. Inferno, nós estamos até no Trending Topics do Twitter... junto com Memphis e Gwyneth, porra, Barclay. ─ Os músculos de seu rosto se contraem. ─ A maioria dos nossos fãs são legais, mas alguns são idiotas. Não posso correr o risco de que um deles machuque você.

Por mais que eu odeie admitir, ele tem razão. Embora eu esteja bem ciente das fotos sendo espalhadas em todos os lugares, elas realmente

não impactaram minha vida porque as pessoas com quem me associo diariamente são famosas ou membros da equipe.

Vai ser diferente quando eu estiver de volta ao *mundo real* novamente.

Ainda ontem, a Sra. Palma me disse que três repórteres apareceram em casa pedindo para falar comigo.

Eu abro minha boca para dizer obrigada, mas suas próximas palavras me deixam cambaleando. — É exatamente por isso que eles vão te escoltar aonde quer que você vá depois que você voltar para casa.

Espera. Aí.

— Não, eles não vão. Não preciso de guarda-costas rastreando todos os meus movimentos.

— Relaxe. Será apenas por um mês... — Uma sugestão de um sorriso provoca seus lábios. — Por enquanto.

Eu olho para ele. — Não.

Um pensamento estranho me ocorre então. Embora eu acredite que as intenções de Phoenix sejam boas, também não posso deixar de me perguntar se essa é sua maneira doentia de ficar de olho em mim.

O que só tornará mais difícil para nós cortarmos os laços.

— Eu não quero seus seguranças me seguindo.

A diversão pisca em seu rosto. — É fofo como você acha que tem uma palavra a dizer sobre isso.

Eu esbarro em outra mulher na rua... só que desta vez ela prontamente tira uma foto com seu telefone.

*Incrível*.

Em um flash, ela corre em nossa direção enquanto chama o nome de Phoenix, o que chama *muita* atenção.

— Merda. — Ele se move na minha frente. — Eu sabia que deveríamos ter dirigido.

Os nervos se aproximam à medida que mais pessoas se reúnem ao nosso redor. ─ Por que não fomos?

─ Porque *alguém* teve uma ressaca que nos atrasou várias horas. E é mais rápido caminhar do que dirigir na cidade. ─ Eu não perco a irritabilidade em seu tom, apesar de usar seu corpo para me proteger do bando de mulheres tentando se aproximar com as mãos estendidas... estendendo a mão para ele.

Os guarda-costas rapidamente nos conduzem a um prédio próximo.

─ Uma semana ─ eu concedo enquanto esperamos pela pequena multidão do lado de fora da delicatessen que fomos empurrados para dentro para diminuir. ─ É isso.

Eventualmente, tudo isso vai acabar e eu serei uma notícia velha. Eu só tenho que andar um pouco.

Phoenix agradece à equipe por nos deixar nos proteger e rapidamente posa para algumas fotos.

─ Há uma saída nos fundos ─ um dos guarda-costas nos diz.

Phoenix termina de rabiscar sua assinatura na parede – a pedido do dono – e pega minha mão. ─ Vamos lá.

Depois de sair pela porta dos fundos, descemos um beco até que não temos escolha a não ser voltar para a rua principal.

Alcançando o bolso de seu moletom, Phoenix pega um par extra de óculos de sol e os entrega para mim. ─ Coloque isso.

Faço sem protestar, embora voltemos a ser pessoas discretas novamente.

Alguns minutos depois, seus passos param e ele olha para cima. ─ Chegamos.

Olho em volta e meu olhar se fixa em uma placa de rua que diz *Central Park West*. ─ Central Park?

Eu nunca estive aqui antes, então estou animada.

Essa excitação desaparece, porém, quando Phoenix balança a

cabeça. ─ Não.

Entrelaçando nossos dedos novamente, ele me leva a algum edifício vitoriano de aparência gótica.

Não me entenda mal, é uma bela peça arquitetônica – de um jeito misterioso e assombroso – mas não tenho ideia de porque ele me trouxe aqui.

Talvez seja um museu ou uma galeria de arte?

*Querido Deus, por favor, não seja mais uma exibição da Segunda Guerra Mundial.* Cheguei perigosamente perto de adormecer naquele que George me levou no nosso encontro.

Fico ainda mais perplexa quando Phoenix para em frente a um portão sob um arco. Eu também noto outro sinal. *Somente pessoal autorizado além deste ponto*.

E um porteiro com cara de bravo.

─ Nenhuma demora.

Dado que eu não quero passar o resto da minha tarde em uma cela de prisão, eu puxo sua mão. ─ Vamos lá.

Phoenix projeta o queixo para um dos seguranças que caminha até o porteiro e sussurra algo em seu ouvido... então ele lhe dá algum dinheiro.

O cara parece muito mais amigável depois disso.

─ Dez minutos ─ ele diz a Phoenix. ─ Mas eu não tenho permissão para deixar você entrar. Você teria que obter uma permissão especial para isso, e está acima do meu salário.

─ Tá legal ─ diz Phoenix. ─ Eu agradeço.

Ok, isso está ficando estranho agora. Não tenho ideia de porque estamos do lado de fora do que parece ser a entrada de qualquer prédio que seja.

─ Onde estamos?

─ Este é O Dakota. ─ Seus lábios se separam em uma inspiração. ─

É o lugar...

— Onde John Lennon foi morto — eu termino para ele enquanto um pico de inquietação flui através de mim.

Meu pai me disse que ele veio aqui uma vez, e foi tão perturbador para ele que ele derramou uma lágrima e jurou nunca mais voltar.

Eu posso entender o porquê.

— *Esta* é a sua ideia de um encontro? — Eu aponto para mim. — Você percebe que eu sou Lennon, certo? Por que diabos você me levaria ao lugar em que a pessoa que recebi o nome foi morta a tiros?

Phoenix realmente não pensou nisso. Ou talvez ele pensou... o idiota.

Seus lábios se curvam para baixo e suas sobrancelhas se erguem, como se *ele fosse* a parte insultada aqui. — Este não é apenas o lugar onde ele morreu. É também o lugar onde *viveu* e *criou*.

Minha inquietação se transforma em horror quando percebo que estamos exatamente onde o evento horrível aconteceu.

Eu abaixo minha voz para não chamar a atenção para nós ou para a conversa que estamos tendo. — Ele foi assassinado aqui mesmo. Qual é o problema com você?

Sua mandíbula flexiona, e mesmo com seus óculos escuros, posso sentir seu olhar. — Esta é a porra da entrada principal, Len "*Groupie"*. Não podemos ir além deste ponto. — Visivelmente abalado, ele acena com a mão na direção do porteiro. — Certo?

A piedade brilha nos olhos do homem e ele lhe dá um aceno afirmativo. — Sim senhor.

Seu rosto cai. — Eu nunca fiz essa merda de namoro antes. Mas, ei, foda-me, certo?

Uma risada borbulha em mim antes que eu possa pará-la. Ele é tão cativante agora, supera minha frustração.

Por mais *estranho* que seja esse nosso encontro, é óbvio que ele

pensou muito nisso.

Também é algo que eu nunca vou esquecer... então é isso.

Phoenix faz uma careta. ─ E agora você está rindo. ─ Tirando os óculos, ele passa a mão pelo rosto. ─ Cristo. Vamos v...

Ele não consegue terminar essa frase porque eu fico na ponta dos pés, agarro sua camisa e o beijo. Pegando ele – e a mim – de surpresa.

Meu pulso acelera enquanto sua língua provoca e acaricia a minha. Segurando meu rosto, ele inclina a cabeça e me beija mais profundamente. Tudo o que posso sentir é o baque do meu coração contra minhas costelas enquanto me perco neste momento. Nele.

Evidentemente um pouco longo demais, porque o porteiro pigarreia. ─ Seus dez minutos acabaram.

─ Precisamos de mais dez, ─ Phoenix murmura contra meus lábios antes de me apoiar em um lado do arco.

Ele é como areia movediça, me puxando para baixo e eu sou incapaz de pará-lo.

Dez minutos depois, há outra garganta limpa. ─ Sim, senhor. Você realmente tem que ir agora. Alguns moradores começam a reclamar.

Minhas bochechas coram de vergonha quando nos separamos. ─ Desculpe.

Meus olhos giram ao redor, absorvendo tudo.

─ Precisamos de mais um minuto, ─ Phoenix diz atrás de mim.

Um peso cheio de saudade se instala no meu peito. Faz tanto tempo que escrevi.

Desde que *criei*.

Por tanto tempo, provavelmente perdi a capacidade de fazê-lo, embora minha mente e minha alma anseiem por essa saída.

*Eu sinto tanta falta que dói*.

Como uma dor fantasma de perder um de seus membros.

Meu coração bate mais devagar – *mais fraco* – como se estivesse

escapando.

Eu olho para o chão. *Como morrer*.

Phoenix está na minha frente... me eclipsando.

Assim como ele sempre faz.

— Não podemos ficar mais. Não, a menos que eu compre um apartamento aqui.

Eu coloco minha bolsa no meu ombro. — Para onde agora?

Colocando os óculos escuros de volta, ele aponta para uma barraca de cachorro-quente próxima. — Comida. — Sua garganta afunda. — Depois o aeroporto.

Meu coração bate ainda mais devagar e minha próxima respiração é uma luta. — Oh.

*É isso.*

Ele estende a mão, e eu a pego.

— Eu pensei que você não iria para a Europa até amanhã? — Eu digo enquanto caminhamos até a arquibancada.

É uma loucura que eles já estejam começando outra turnê tão cedo.

— O que você gosta no seu cachorro-quente?

— Ketchup, mostarda... e chucrute.

Seus lábios se curvam. — Mesmo.

Ele rapidamente faz nosso pedido e dá ao cara algum dinheiro.

— Eu pensei que você não iria para a Europa até amanhã? — Repito enquanto ele me entrega meu cachorro-quente.

Phoenix dá uma mordida enorme... esquivando-se da pergunta pela segunda vez.

Estou prestes a repreendê-lo por não responder, mas então percebo que pode haver uma razão para isso.

*Como uma bela modelo europeia*.

No entanto, seu paradeiro não é mais minha responsabilidade.

É hora de cortar os laços.

Trazendo o cachorro-quente aos meus lábios, dou uma mordida.

Phoenix paralisa, me observando. Seus olhos estão obstruídos por seus óculos escuros, mas eu estaria disposta a apostar todo o dinheiro que vou ganhar com esta turnê que eles estão nublados com luxúria porque ele está me imaginando transando com ele.

— Você é tão pervertido.

Ele me dá um sorriso conhecedor. — Não é minha culpa você dar um grande boquete.

Eu o cutuco nas costelas porque os seguranças estão a menos de um metro e meio de distância e eles definitivamente o ouviram. Eu sei disso porque as orelhas do terceiro cara estão ficando rosadas.

Phoenix começa a responder, mas um SUV preto para.

De repente, ocorre-me que, embora eu esteja me despedindo dele, nunca tive a chance de me despedir de todos os outros.

— Posso ir com você ao aeroporto? — Percebendo o quão pegajoso isso soa, acrescento: — Quero dizer adeus a Skylar, Quinn e Storm...

Eu não sei o que fazer com a expressão em seu rosto enquanto ele limpa o resto de seu cachorro-quente. — Vamos lá.

Fico em silêncio durante todo o trajeto até lá, o que é estranho porque geralmente o repreendo por ser o quieto.

Só estou com medo de começar a falar que posso derramar coisas que é melhor guardar para mim.

Como eu odeio que nós não fizemos sexo ontem à noite... porque isso significa que nossa última vez foi ontem de manhã, enquanto Quinn estava batendo implacavelmente na porta de conexão porque ela estava com fome.

Embora fosse bom - porque *sempre* é - foi rápido e perturbador.

E eu não sabia que seria a última vez.

A bile atinge o fundo da minha garganta.

Tipo como eu não sabia que quando entrei no Voodoo naquela noite

meu coração seria partido.

Fechando os olhos, concentro-me na música que vem pelos alto-falantes.

É um pop alegre e animado. O fato de Phoenix não ter pedido para mudar me diz que ele está tão perdido em seus pensamentos quanto eu.

Memórias surgem... boas e ruins.

Agora que acabou, toda a aversão que eu nutria por ele deveria voltar com força total.

Mas no momento em que paramos no aeroporto, tudo o que consigo pensar é que, embora eu odeie o que ele fez...

Não consigo odiá-lo.

— Phoenix?

Ele tira o foco da janela. — Sim?

Já que estas serão minhas últimas palavras para ele, quero fazê-las valer a pena.

Mesmo que não fizessem nenhum sentido para ele.

— Você tem um dom — eu sussurro. — Você é o sol. — Minha garganta fica apertada e uma série de emoções incham dentro de mim. — Então, você nunca precisou de mais ninguém para brilhar.

Essas profundezas azuis prendem meu olhar.

Ele não pronuncia uma única palavra e nem eu... mas não precisamos.

Porque ninguém conhece o outro melhor do que nós.

E agora, nós dois estamos sofrendo porque nenhum de nós vai conseguir o que queremos.

Ele quer perdão.

Mas não tenho como dar isso a ele porque o que ele fez destruiu partes de mim que não posso recuperar.

Eu quero esquecê-lo.

Mas de jeito nenhum eu posso porque ele ainda está em minhas

veias... todas as que levam ao órgão no meu peito.

A guerra finalmente acabou, mas não há vencedor.

Nós dois vamos sofrer até finalmente seguirmos em frente com outras pessoas... porque é a única opção que temos.

O SUV cruza a pista até parar na frente de um jato particular... e do grupo com quem passei as últimas oito semanas da minha vida.

Um sentimento agridoce irrompe dentro de mim quando saio do carro.

Eu vim aqui por dinheiro e para fazer o vocalista deles pagar, mas estou saindo com um bloco de tristeza dentro do peito porque realmente vou sentir falta de cada um deles.

Memphis é o primeiro a me abraçar. ─ Me desculpe pela noite passada.

Não gosto que ele tenha insultado minha amiga, mas sei que por baixo dessas palavras cruéis havia muita dor.

─ Cuide-se, ok?

─ Vou fazer o meu melhor ─ ele fala com um sorriso.

Storm é o próximo a me abraçar... o que é chocante porque Storm não abraça. ─ Não seja uma estranha.

Infelizmente, terei que ser.

─ Eu falo sério ─ ele me diz quando nos separamos. ─ Se precisar de alguma coisa, me ligue.

Minha visão fica vítrea, então desvio com humor. ─ Olhe para você sendo o Sr. Suave.

Ele bufa.

─ Sim, mas uma vez que você aponta, ele se transforma em um idiota novamente ─ diz Quinn atrás de mim.

No segundo em que giro, ela me embosca com um abraço tão apertado que me tira o fôlego. ─ Não vá embora.

*Jesus*. Esses garotos vão me matar.

Eu enxugo as lágrimas de seus olhos. ─ Você é única, Quinn. Nunca mude. ─ Inclinando-me, sussurro as mesmas palavras que Storm acabou de me dizer. ─ Se você precisar de alguma coisa, por favor, entre em contato comigo.

Ela é a única pessoa por quem quebrarei minha regra de não-contato-com-Phoenix, se necessário.

Ela funga. ─ Ok.

O momento em que Skylar e eu nos abraçamos é quando as lágrimas se soltam... para nós duas.

─ Diga-me que ainda seremos amigas ─ ela engasga.

Eu a abraço mais forte. ─ Sempre.

Não consigo imaginar não tê-la em minha vida.

Contanto que ela não traga certas partes dela para a minha sempre que nos encontrarmos.

Mas eu sei que ela não vai, porque ela entende.

Eu pressiono minha testa na dela. ─ Você vai passar por isso.

Vai doer pra caramba, mas ela é muito mais forte do que imagina. E um homem que não a quer mais não é aquele que a merece.

─ Não vem com essa merda da Irmandade Ya-Ya de novo, ─ Chandler murmura ao nosso lado.

*Ugh*. Poderia muito bem acabar com isso.

─ Tem sido real, Chandler.

Muito exasperante.

─ Certamente tem. ─ Ele tira um envelope do bolso do paletó. ─ Este é um cheque para a minha metade. Vic enviará o dele para você em algum momento desta semana... já que eu lhe dei um bom relatório e tudo. Seus olhos se estreitam. ─ De nada, a propósito.

Eu arranco o envelope de sua mão. ─ Não vai voltar, não é?

─ Você vai descobrir em breve, não é?

Juro por Deus que se isso acontecer, vou voar para a Europa e

arrancar sua medula espinhal com meus dentes.

Eu estendo minha mão. ─ Tchau, Dicky.

Ele o sacode. ─ Tchau, Yoko.

Está na ponta da língua dizer que Yoko nunca deixou John.

Porque mesmo que a história de amor deles tenha acabado em uma tragédia... John nunca a teria traído como Phoenix me traiu.

*Ele a escolheu acima de tudo*.

Eu tento ignorar a agonia enchendo meu peito enquanto eu o encaro.

Ele sempre será meu adeus mais difícil.

─ Pelo menos estamos nos separando em melhores termos desta vez, certo?

Expressão impassível, ele fica em silêncio.

Eu não esperava um soneto dele nem nada, mas imaginei que devíamos compartilhar um último abraço e algumas palavras de despedida.

─ A decolagem é em três minutos, ─ Chandler anuncia, e todos entram no avião.

Com exceção de Phoenix, que ainda está olhando para mim... sem dizer uma palavra.

Está realmente começando a me irritar.

─ Sério? Você nem vai se despedir...

Seus lábios colidem contra os meus e ele me dá um beijo que deixa minha cabeça leve e meus joelhos fracos.

Pensando bem, talvez adeus fosse uma má ideia. Minha droga acabou de me dar outro golpe... o que tornará as retiradas muito mais difíceis.

─ Tchau... ─ Minhas palavras caem no esquecimento quando percebo o avião se movendo na minha periferia.

Sem Phoenix.

Acenando com os braços, corro em direção a ele, tentando pará-lo antes que decole. ─ Espere! Você está deixando alguém! ─ A ansiedade sobe pelo meu esôfago. ─ Ligue para Chandler... ou para o pessoal da companhia aérea. Eles estão partindo sem você.

Como diabos alguém poderia esquecer Phoenix?

Eu com certeza não posso.

Afastando meu olhar do jato em movimento, eu olho para ele. Ao contrário de mim, Phoenix não está pirando.

Pelo contrário. Ele parece muito divertido com a coisa toda.

Então, novamente, ele está agindo estranho o dia todo.

─ O que há de *errado* com você? Você nem me diz adeus. Então seu maldito avião decola sem você e você está *sorrindo*. O que...

─ Eu não disse adeus porque ainda não é um adeus. ─ Ele se aproxima. ─ E não estou preocupado com a decolagem do avião porque não é o meu avião. ─ Ele aponta para outro jato que está um pouco mais adiante na pista. ─ Esse é o meu avião. Ou devo dizer, *nosso* avião.

Mais uma vez, estou além de confusa. ─ O que você está falando? O que quer dizer, esse é o nosso avião? Avião para onde?

Já lhe disse que não posso ir para a Europa, e ele sabe muito bem que depois de hoje acabamos de vez.

─ Nosso encontro ainda não acabou. ─ Alcançando minha mão, ele começa a escoltar – ou melhor, me arrastar – até a aeronave. ─ Você me disse seis dias, cinco dias atrás, o que significa que eu te tenho até amanhã. E acredite em mim, estou lucrando com cada porra de segundo.

Eu planto meus pés e puxo meu braço porque ele é louco. Além disso, não tenho ideia de onde ele está me levando, mas considerando que envolve um maldito avião, suponho que não seja perto.

─ Meu voo para casa sai do JFK amanhã de manhã, que é em Nova York. Além disso, minha bagagem ainda está no hotel.

— Eu fiz Skylar reservar um novo voo para você. Um que sai de LAX amanhã. Eu também pedi para ela arrumar sua mala, que já está no avião. — Seus dedos apertam em volta do meu pulso e ele começa a puxar. — Problema resolvido.

Dificilmente.

— Primeiro de tudo, por que vamos para a Califórnia? Em segundo lugar, por que você não me contou nada disso? Passamos a tarde inteira juntos.

— Eu não te contei por que queria que fosse uma surpresa, mas também não queria mentir para você. — Ele dá de ombros. — Eu não tive escolha a não ser ignorá-la.

Eu nem sei o que dizer sobre isso.

Eu planto meus pés pela segunda vez quando chegamos aos degraus do avião.

Eu já me preparei mentalmente para me despedir antes, mas agora vou ter que fazer tudo de novo amanhã.

Talvez seja melhor seguirmos nossos caminhos separados agora.

— Vamos, groupie. — Ele embala meu rosto, seus olhos me implorando para estender nosso tempo. — Passe uma última noite comigo.

— Onde?

— Minha casa.

Sua casa.

O passeio consistia em noites passadas em um quarto de hotel ou em um ônibus. Ajudou a manter uma distinção clara entre o mundo da turnê e o mundo real. Também facilitou as coisas porque todos os lugares que íamos eram temporários.

Como nós.

Ir para a casa dele torna as coisas mais profundas... mais pessoais.

O laço muito mais difícil de cortar.

No entanto, a atração do sol é muito fascinante. Muito poderosa.
— Ok — eu sussurro. — Mais uma noite... mas é isso.

# CAPÍTULO 68

## LENNON

Acabei dormindo por metade da duração da viagem de avião de seis horas... depois de me juntar ao clube da milha de altura.

Felizmente, a Califórnia está três horas atrás de Nova York, então não perdemos todo esse tempo.

Casas muito bonitas e muito *grandes.*

— Não achei que esse fosse o seu estilo.

Se ofendi Phoenix com meu comentário, ele não demonstrou. — Eu também não. Mas quando você cresce sem nada…

— Você quer tudo — eu termino para ele.

Estou dividida porque, por um lado, estou feliz por ele.

Mas por outro? Não posso deixar de pensar no que ele fez para conseguir *tudo*.

Caindo em silêncio, olho pela janela para o pôr do sol. É vívido e bonito, especialmente no cenário de todas essas propriedades impressionantes.

Descemos por uma rua tranquila e continuamos passando por uma fileira de casas, cada uma maior que a outra, até pararmos em frente a uma casa de campo de dois andares com uma grande palmeira na frente.

O motorista para o SUV o suficiente para que Phoenix possa digitar o código de segurança. Um momento depois, o portão se abre e paramos em uma grande entrada circular.

Depois que Phoenix abre a porta da frente, ele coloca nossas malas no grande foyer.

— Vamos. — Pegando minha mão, ele me leva para a sala de estar. — Eu vou te mostrar a casa.

Por fora parece leve e alegre, mas por dentro é mais escuro.

Não de uma forma deprimente, mas de uma forma intensa.

Uma maneira muito *Phoenix*.

O esquema de cores consiste em preto e cinza... com toques de branco aqui e ali. Os tetos de três metros e meio fazem a casa já grande parecer ainda mais espaçosa.

Estou sem palavras enquanto absorvo tudo.

A sala de jantar formal com uma longa mesa preta que parece nunca ter sido usada.

A ampla cozinha gourmet cinza e branca que me faz querer preparar uma refeição de doze pratos.

O pátio ao ar livre que leva a uma piscina.

Não tenho dúvidas de que Quinn vai adorar este lugar, mas conhecendo-a, ela vai querer adicionar um pouco de brilho... ou pelo menos puxar as persianas pretas que obscurecem todas as janelas.

Phoenix me guia por um corredor, apontando um banheiro e uma sala de cinema ao longo do caminho. No entanto, quando vou para a porta no final, ele gentilmente me afasta. — Deixe-me mostrar-lhe o andar de cima.

Não insisto no assunto, pois sou hóspede em sua casa e ele tem direito à privacidade.

— Storm e eu moramos juntos — ele me informa enquanto subimos a escada de madeira que leva ao segundo andar da casa.

Isso faz sentido. Este lugar é lindo, mas seria terrivelmente solitário viver aqui sozinho.

Ele aponta outro banheiro e dois quartos de hóspedes - um dos quais será de Quinn. Conhecendo-a, ela ficará com aquele com um armário maior.

Seus passos vacilam quando chegamos à porta no final do corredor. ─ Storm e eu jogamos uma moeda para a suíte master. ─ Seu sorriso é arrogante quando ele gira a maçaneta. ─ Adivinha quem ganhou?

Estou prestes a lembrá-lo que ninguém gosta de se gabar, mas meu cérebro entra em parafuso quando entramos.

Uma cama king californiana com lençóis de seda preta e uma cabeceira de couro fica no meio do quarto, de frente para uma grande televisão de tela plana montada no teto. Há um closet e um luxuoso banheiro anexo. No entanto, é a vista panorâmica das colinas de Hollywood a partir das janelas que fazem este quarto passar de bonito a *uma porcaria sagrada*.

─ Uau.

Isso é tudo que eu posso controlar.

Acordar e adormecer com *essa* vista todos os dias deve ser uma experiência e tanto.

Eu não tenho certeza se eu iria embora.

Seu timbre grave reverbera dentro de mim enquanto ele trava os braços em volta da minha cintura e dá um beijo na curva do meu pescoço. ─ Você gosta disso?

─ É impressionante. Este lugar não parece nada com você e exatamente como você ao mesmo tempo.

O calor se desenrola quando uma de suas mãos desliza para baixo, segurando-me através da minha legging. ─ Eu quero foder você contra esta janela.

Estou assumindo que é isso que estamos prestes a fazer, especialmente porque é a razão pela qual estou aqui, mas ele remove a mão. ─ E eu vou... mais tarde. ─ Ele bate na minha bunda. ─ Vamos. Nosso encontro ainda não acabou.

Não consigo imaginar o que mais ele teria planejado depois de tudo isso.

— Qual é o próximo? — Eu brinco enquanto o sigo pelas escadas. — Jantar na Torre Eiffel? Talvez um passeio de helicóptero?

Seus lábios se contorcem enquanto atravessamos a casa. — Melhor ainda.

— Um passeio pelos seus carros? — Eu pergunto enquanto ele me leva para uma porta solitária na extremidade oposta da casa.

— Não. Meu carro está na outra.

Meu coração bate no meu peito quando entramos em uma garagem. Imediatamente, sou transportada de volta no tempo porque está configurada de forma idêntica à da casa da Vovó. Instrumentos antigos incluídos.

— Eu não posso acreditar que você guardou tudo.

— É onde começamos.

Presumi que ele se referia a ele e Storm. No entanto, ele está olhando diretamente para *mim* quando diz isso.

Meu coração bate pesado e meu estômago se revira enquanto ele caminha até o futon.

— Eu quebrei meu cérebro nas últimas quatro semanas, tentando descobrir o que seria um encontro perfeito para Lennon Michael. Pensei em jantar em um restaurante chique ou contratar um chef de renome mundial para vir cozinhar para nós. — Ele exala bruscamente. — Mas esse não é o seu estilo.

Ele tem razão. Eu não preciso de jantares extravagantes ou chefs.

Eu só preciso de honestidade.

*Alguém que não iria roubar e me machucar*.

Se jogando no sofá, ele gesticula para a caixa de cabeça para baixo com o que parece ser dois hambúrgueres de fast-food embrulhados em papel alumínio.

A sala gira e meu peito parece que está desmoronando. Isso é o que estávamos fazendo logo antes de eu cantar minha música para ele

pela primeira vez.

É como se ele intencionalmente replicasse aquele dia.

*Como se ele estivesse tentando voltar*.

— Porque perfeito para você é isso... como era entre nós antes de tudo mudar. — Sua voz cai para uma áspera crua. — É quem eu era... não quem me tornei.

Ele tem razão.

Meu fascínio por ele se desenvolveu no primeiro momento em que o vi, mas me apaixonei por Phoenix Walker nesta garagem.

E esse Phoenix é aquele a quem meu coração sempre pertencerá.

O coração em questão se contrai ao ponto de doer, e meus pés ficam enraizados no local.

Sempre desejei poder retroceder naquele dia... mas só para poder tomar uma decisão diferente.

Não para que eu pudesse revivê-lo.

— Eu também não sou a mesma pessoa.

— Eu sei. — Seu olhar tempestuoso trava em mim. — Assim como eu sei como nossa história termina. — O sulco em sua testa se aprofunda, e ele desvia o olhar, como se não pudesse olhar para mim quando diz suas próximas palavras. — Acaba com você pegando um avião amanhã de manhã sem intenção de me ver novamente. — Ele abaixa a cabeça. — Eu só quero algumas horas em que eu não seja o vilão nisso.

Ele levanta seu olhar para o meu e algo não dito passa entre nós.

— Ok.

Ele começa a desembrulhar nossos hambúrgueres quando me sento ao lado dele. — Pedi à minha governanta para pegar isso em um dos meus lugares favoritos em Los Angeles. Eles são muito bons.

Eles cheiram e parecem incríveis.

Estou prestes a comer, mas um pensamento mórbido me ocorre. — Eu sei que os instrumentos são os mesmos e tal, mas este não é *o* futon,

certo?

Ele dá uma grande mordida em seu hambúrguer... evitando a pergunta.

Estreitando meus olhos, eu alcanço o copo de isopor com refrigerante aos meus pés. ─ Você não pode usar essa tática duas vezes em um dia, Walker. Responda à pergunta.

Suas palavras saem abafadas devido a sua boca estar entupida. ─ Peço a quinta emenda.

Eu o cutuco nas costelas. ─ Phoenix.

Ele acaricia o lábio inferior com o polegar antes de lamber o ketchup. ─ É o mesmo. ─ Ele ri da minha expressão horrorizada. ─ Você perguntou.

Enojada, eu balanço minha cabeça. Claro, eu joguei os lençóis fora e fiquei muito grata ao descobrir que o colchão embaixo era preto, mas ainda é nojento.

─ Eu... parecia uma cena de assassinato. ─ Eu dou uma mordida no meu hambúrguer quando outro pensamento me ocorre. ─ Pobre Storm. Ele está se sentando sem saber em um colchão cheio do meu... hímen. ─ Trazendo o canudo à minha boca, tomo um gole do meu refrigerante. ─ Você é um péssimo amigo.

Phoenix ri. ─ Relaxe. Eu lavei mais tarde naquela noite. ─ Sua expressão se torna tímida. ─ E Storm sabe.

Isso é novidade para mim. ─ O que você quer dizer com ele sabe?

Sua língua encontra sua bochecha. ─ Você deixou o lençol na lata de lixo dele, e Vovó o fazia tirar o lixo todas as noites antes de ir para a cama. Além disso, ele nos encontrou durante... ─ Ele dá de ombros. ─ Não foi tão difícil para ele juntar dois e dois e descobrir que eu estourei sua cereja naquela noite.

─ Meio sexo ─ eu mantenho. ─ Sexo não conta a menos que você termine.

Um sorriso brinca em seus lábios. ─ Não é assim que funciona, querida.

Eu paro de comer. ─ Ok, primeiro, não venha com *querida* pra mim. Nunca. Em segundo lugar, eu não faço as regras, então não fique bravo comigo.

Ele pega um guardanapo. ─ Quem fez essas regras então, hein? Porque eu gostaria de fazer uma reclamação e solicitar uma revisão.

Maldito seja. Ele parece tão genuinamente chateado que é adorável.

Eu estou aderindo às minhas armas, no entanto.

─ Uau. Para alguém que tinha sua própria *regra* sobre não transar com virgens, você parece realmente querer levar o crédito pelo trabalho.

─ Droga, certo. E quanto mais cedo você admitir, mais cedo podemos colocar esse argumento na cama para sempre.

Não. Eu me recuso a deixá-lo ganhar. ─ Perdi minha virgindade com você e Doug Goldstein no final do meu primeiro ano em Dartmouth. Vocês dois compartilham o título.

Suas narinas se dilatam e sua mandíbula endurece. ─ Eu não compartilho, Lennon. Não quando se trata de você. Esse idiota do Doug Goldstein pode ir se foder. Ele não recebe crédito por algo que *eu* fiz.

*É uma merda, não é*.

─ Eu...

─ Você me disse que não se arrependeu ─ diz ele rispidamente, suas feições ficando frouxas. ─ Foi a última coisa que você me disse... antes que eu fodesse tudo.

Eu deveria dizer a ele que isso não é mais verdade, mas estaria mentindo.

Apesar do que aconteceu depois, naquele momento eu queria dar a Phoenix, e nada vai mudar isso. Nem mesmo minha teimosia.

─ Tecnicamente, também não terminei com Doug. ─ Coloco uma mecha de cabelo atrás da orelha. ─ Certo. Virgindade, sim. Namorada,

não. Feliz?

Phoenix me observa com cuidado, tanto que estou começando a pensar que há molho no meu rosto.

— Você já pensou no que teria acontecido conosco se eu não fodesse tudo?

Uma onda aguda de dor me empala. Já pensei nisso mais vezes do que gostaria de admitir, mas não vou dar a ele a satisfação de saber disso.

— Não.

Ele parece surpreso com isso. Suspirando, ele empurra seu hambúrguer meio comido para longe. — Penso nisso o tempo todo. — Seus olhos cortaram para os meus. — Nós ainda estaríamos juntos.

Ele diz isso como se fosse um fato indiscutível.

Mas por mais que eu queira acreditar nisso, existe essa coisinha chamada realidade... e mesmo se ele não tivesse roubado minha música, nós nunca teríamos dado certo.

*Não importa o quanto eu o amasse.*

— Certo. Vamos fingir. — Agarrando um guardanapo, eu limpo minhas mãos. — Você realmente quer saber o que teria acontecido se você continuasse as coisas comigo?

Ele concorda.

— Você teria me visitado em Dartmouth uma ou duas vezes e eu teria me apaixonado ainda mais por você... — Meu peito desaba enquanto continuo. — Mas então nós teríamos nos distanciado enquanto você alcançava o estrelato, as ligações se tornariam cada vez menos frequentes... e então eu teria descoberto que você me traiu com uma garota linda.

A indignação ilumina seu rosto. — Nunca.

A negação não é apenas um rio no Egito. — Você diz isso agora...

— Eu digo isso *sempre* — ele retruca, seu tom áspero e seus olhos

afiados.

Se eu não soubesse melhor, eu acreditaria nele. De todo o coração.

— Você é uma estrela do rock. Você tem milhões de garotas prontas e mais do que dispostas a deixar você fazer o que quiser com elas diariamente. Talvez não imediatamente, mas em algum momento você cederia. — Eu saio do futon. — É por isso que eu não me deixo pensar sobre *o que aconteceria 'se'*. Porque você roubando ou não minha música, você ainda teria me traído no final. Só que o método que você acabou escolhendo foi excepcionalmente brutal. Obrigada por isso.

— Lennon...

— Basta *parar*. Pare de mentir para si mesmo. E pelo amor de Deus, pare de mentir para mim. — Eu passo uma mão ao redor. — Tentar recriar como foi o nosso encontro foi doce, mas não muda o que aconteceu entre nós. Você pode ter ido à minha faculdade uma vez porque sua culpa o levou até lá, mas com certeza não chorou até dormir pensando em mim como eu fiz por *anos* sempre que pensava em você.

Eu ando até a porta, para não quebrar na frente dele. — Você pode ficar triste por alguns dias depois que eu partir, mas seu coração não vai quebrar como o meu quando *você* partiu. Porque você nunca me amou.

E essa é a realidade fria e dura disso.

Phoenix Walker não me ama. Nem no passado, nem agora, nem mesmo em um mundo de mentira.

Por que se tivesse amado?

Eu seria capaz de perdoá-lo.

# CAPÍTULO 69

## LENNON

Me forço a respirar através da dor enquanto espero que as lágrimas diminuam.

Phoenix deve ter percebido que ele me empurrou além do meu ponto de ruptura porque ele não bateu na porta uma vez nos dez minutos que estive escondida em seu banheiro.

Talvez ele pense que eu saí.

*Talvez eu devesse*.

Eu ainda tenho um cartão de crédito que não estourou ainda, então eu poderia chamar um Uber e dormir em um hotel durante a noite.

Limpando meus olhos inchados e manchas de rímel com um lenço de papel, eu me olho no espelho.

*Se recomponha*.

Eu inalo mais algumas respirações de limpeza, me sentindo muito melhor agora que tenho um plano de ação.

A única razão pela qual ainda estou em sua atmosfera é porque estou escolhendo estar.

A partir de agora, não há mais nada me mantendo refém além do meu coração idiota.

Preciso sair enquanto ainda posso.

Porque minhas paredes não são tão fortes ou tão altas quanto costumavam ser.

Como elas *precisam* ser.

Endireitando meus ombros, giro a maçaneta e saio do banheiro, aliviada por ele não estar em lugar algum.

Isso tornará minha fuga muito mais fácil.

O piso de madeira range sob meus sapatos quando fecho a porta atrás de mim e meu olhar se desvia para a sala ultra-secreta da qual ele me afastou antes.

A teimosia sempre foi minha pior qualidade, mas a curiosidade vem logo em seguida.

O que quer que esteja naquela sala não é da minha conta. Eu *sei* disso.

Mas quanto mais eu olho para ela, mais forte fica a vontade de bisbilhotar.

*Que outros segredos ele guarda?*

Skylar uma vez me disse que todas as garotas são detetives, e eu teria que concordar inequivocamente.

No entanto, se uma árvore cai na floresta e ninguém está por perto para ouvi-la, ela faz algum som?

E se alguém te trair e não estiver por perto para ver, isso te dá o direito?

Claro que não. Dois erros não fazem um acerto... mas posso lidar com isso com minha consciência mais tarde.

Olho ao redor do corredor uma última vez para ter certeza de que estou limpa antes de me arrastar em direção ao quarto.

Dado que não está trancado, não deve haver muitos esqueletos escondidos aqui.

Uma pontada de decepção torce meu peito quando abro a porta.

O caro piano de cauda preto no canto é lindo, mas dificilmente algo para manter em segredo.

Fale sobre um busto.

Estou prestes a sair e pegar minhas coisas, mas meu olhar trava na pilha de papéis espalhados em cima do piano.

Ele estava escrevendo alguma coisa?

*Músicas*?

A raiva sobe e ferve como um caldeirão dentro de mim.

Talvez eu devesse roubar uma dele e ver *se ele* gosta.

Uma sensação doentia sobe pela minha espinha, me incapacitando.

Phoenix sabe que escrevi todas as minhas músicas em um caderno, e levo essa coisa comigo para todos os lugares.

Visto que ele já roubou uma delas, quem pode dizer que ele não deu uma espiada enquanto eu estava no banheiro um dia?

Marchando, eu me preparo mentalmente para ter meu coração aniquilado mais uma vez... só que não são músicas.

São palavras. Especificamente, cartas. Manuscritas.

Dirigidas a mim.

Sua caligrafia não é das melhores, e ele soletra muitas palavras errado, mas ainda consigo entender o que ele escreveu.

*Lennon,*
*Já se passaram duas semanas desde a última vez que te vi.*
*Duas semanas desde que te traí.*
*Duas semanas desde que eu perdi você.*
*Eu deveria estar feliz. Estamos em negociações com Vic Doherty, outro dia nós conhecemos e tocamos com Memphis, que é um guitarrista matador, e seu irmão Josh, que toca baixo e nós quatro soamos incríveis juntos.*
*Está tudo se encaixando.*
*Mas por dentro estou me desfazendo.*
*Toda vez que canto a música tenho vontade de vomitar, porque não são minhas palavras.*
*São suas.*
*Tudo o que tenho é seu.*
*Incluindo a coisa fodida no meu peito.*

*Não sei como vou aproveitar tudo isso sem você*.

*Eu ainda estou deitado aqui...*
*Na bagunça que eu fiz*.

Puxando ar em meus pulmões, eu rapidamente viro para a próxima carta.

*Lennon,*
*Já faz um mês desde que eu perdi você.*
*Eu assinei um contrato com o Vic. Eu, Storm, Memphis e Josh somos oficialmente Sharp Objects.*
*Adivinha qual eles querem que seja o primeiro single?*
*Eu quero confessar tudo. Às vezes o desejo é tão forte que tenho que mergulhar e ir ao banheiro para que eu possa me recompor.*
*Tenho certeza de que Vic pensa que estou usando drogas.*
*Inferno, talvez eu devesse estar.*
*Eu quero derramar tudo, mas hoje Vic me disse que, embora eu tenha uma voz fenomenal e a aparência que ele quer, o que quer que isso signifique. Foram minhas palavras – suas palavras – que fizeram com que ele decidisse me assinar.*
*E não é mais apenas o meu sonho em jogo. É do Storm e dos outros caras.*
*Eles vêm do nada, assim como eu. Somos todos rejeitados com pais que não nos queriam... mas ainda estamos vivos hoje por causa da música.*
*Esta é a única chance que qualquer um de nós terá, Groupie.*
*Não vou apenas foder a minha vida, vou foder a deles.*
*Eu sei que isso não desculpa o que eu fiz, e eu sei que você nunca vai me perdoar.*
*Só espero que um dia você não me odeie mais.*

*Porque eu deveria ser o cortador...*
*Mas foi você quem me cortou*.

Minha garganta fica apertada enquanto leio outra.

*Lennon,*
*Já se passaram dois meses desde que te perdi.*
*Todas as noites antes de dormir eu pego o telefone e disco seu número... apenas para me impedir de ligar para você no último segundo.*
*Terminamos de gravar sua música na semana passada, e parece ótimo.*
*Não é nada comparado com a maneira como você canta, no entanto.*
*Porque são suas palavras. Não são as minhas.*
*Na outra noite, Vic nos convidou para uma festa. Ele queria que nos socializássemos e nos relacionássemos. Havia uma garota lá.*
*No passado, ela teria sido tudo o que eu queria por uma noite.*
*Mas eu me levantei e fui embora.*
*Tenho certeza de que Memphis, Josh e algumas outras pessoas pensam que sou gay agora.*
*Mas se eu transasse com ela, você não seria mais a última garota com quem eu dormi e agora, pelo menos eu ainda tenho isso.*
*Eu quero que você me ligue, mas eu não acho que você vai.*
*Porque você acha que eu transei com Sabrina.*
*Mas eu não transei.*
*O que eu fiz com você é pior*.
*Acidentado e quebrado*
*Aborrecido e desbotado.*
*Sim, parece certo.*

Minha visão fica embaçada quando pego a próxima.

*Lennon,*
*Já se passaram quatro meses desde que eu perdi você.*
*Alguns dias atrás, a música saiu no rádio, no YouTube e, bem, em todos os lugares.*
*Eu sei que você ouviu.*
*Também sei que deste ponto em diante não há volta e o que está feito nunca pode ser desfeito.*
*Sinto muito, Groupie.*
*Então, porra, desculpe*.

*Em todos os lugares que eu viro...*
*Eu respiro você e sangro você*.

Minhas lágrimas caem mais rápido quando eu pulo para a próxima.

*Lennon,*
*Já se passaram seis meses desde que eu perdi você.*
*Nosso álbum saiu, e está indo muito bem.*
*Mas não consigo aproveitar.*
*A porra da ironia. Eu tenho tudo que sempre quis... exceto você.*

*Foda-se as memórias que eu nunca terei.*
*Foda-se a dor da sua faca.*
*Foda-se esses sentimentos que você me deixou.*

Minhas lágrimas caem tão rápido que mancham a tinta na página.

*Lennon,*
*Faz um ano que eu perdi você.*
*Sua música foi indicada ao Grammy.*
*Por que você não está me ligando?*

*Porra, me ligue. Grite comigo. Grite comigo.*
*Diga ao mundo o que eu fiz.*
*Diga-lhes que sou uma fraude.*
*Diga-lhes que sou um merda.*
*Tire-me da minha maldita miséria antes que eu mesmo faça isso.*
*Porra, Lennon.*
*Eu roubei suas palavras, mas você roubou meu coração*.

Só resta uma carta. E a sensação de aperto no peito me diz que já sei o que vai estar nesta página.

*Lennon,*
*Faz um ano, seis meses e onze dias desde que perdi você.*
*Eu não aguentei mais, então entrei no meu carro e continuei dirigindo.*
*Eu dirigi até Dartmouth para poder te ver.*
*E eu vi.*
*Com outro cara.*
*Você sorriu para ele, como costumava sorrir para mim.*
*Você o beijou, como costumava me beijar.*
*Eu disse a mim mesmo para não perseguir você.*
*Eu disse a mim mesmo para não me apegar a você.*
*Eu costumava brincar que nunca teria um coração partido porque isso exigiria que eu tivesse um desses para começar e minha mãe o levou com ela quando foi embora.*
*Mas acho que os restos que ela não pegou pertenciam a você.*
*Mas agora esses resquícios estão extintos.*
*Jesus Cristo.*
*Eu pensei que você não me ligou porque estava com raiva ou com muito medo de me confrontar ou algo assim.*
*Mas é porque você seguiu em frente.*

*O que significa que não te perdi temporariamente, como tenho dito a mim mesmo.*
*Eu perdi você para sempre.*
*Acho que é hora de eu seguir em frente, também.*
*Esta é a última carta que vou escrever.*
*A última carta que eu não enviarei.*
*A última noite que eu vou me deixar pensar em você.*

Meu cérebro imediatamente entra no modo de autopreservação, tentando desesperadamente me convencer de que isso não muda o que ele fez.

Que ele poderia ter escrito isso recentemente e colocado aqui para eu encontrar.

Que eu não deveria confiar nele.

Mas o órgão dentro do meu peito me lembra que ele está em turnê nas últimas oito semanas, e ele não tinha ideia de que eu me juntaria a ele, então não havia como ele ter plantado isso antes de sair.

Inferno, ele nem mesmo queria que eu entrasse nesta sala.

Todo esse tempo, eu me convenci de que Phoenix só pensava em mim quando cantava ou ouvia minha música, porque ele não tinha escolha.

Mas isso não é verdade. Ele pensou muito em mim.

E ele não apenas sentiu remorso... ele sentiu dor.

Minha mente volta para algo que Storm me disse no início da turnê.

— *Ele está em uma situação ruim e não posso tirá-lo disso. Eu pensei que era o acidente, mas olhando para trás, isso foi apenas o catalisador. Sua cabeça está fodida por um tempo agora, e ele está a um erro de se tornar a pessoa que ele nunca quis ser.*

— O que você está fazendo?

Seu tom não é agravado ou ameaçador.

Está irregular e quebrado.

Eu me viro, tentando, mas falhando em controlar minhas emoções.

Tudo o que sinto está saindo de mim em um grande maremoto. ─ Por que você não enviou nenhuma das cartas?

Se ele tivesse enviado pelo correio mesmo uma, teria mudado as coisas. Talvez não tudo, mas pelo menos eu não o odiaria tanto.

Eu estaria aberta a possivelmente ter uma conversa com ele em algum momento.

*Pelo menos eu saberia que ele se importava.*

Fechando os olhos, ele esfrega a mão pelo rosto. ─ Como você faz alguém acreditar que está arrependido quando está vivendo seu sonho porque você o roubou?

Eu nunca estive nessa posição, então não tenho a menor ideia.

─ Não sei. ─ Minha voz falha e meu coração sobe e afunda. ─ Mas eu não quero passar nossa última noite assim.

Não quero pensar no que ele fez.

Não quero pensar no quanto dói.

Eu não quero pensar sobre o que suas cartas significam ou como elas mudam as coisas.

Eu só quero sentir ele.

Dou um passo e depois vários outros, até que estou fechando a distância entre nós e olhando para ele.

Seus dedos roçam meu queixo enquanto ele procura meu rosto. ─ O que você quer?

Só uma coisa.

E ele é o único que pode fazer isso.

─ Eu quero que você me queime.

A fome crua preenche sua expressão antes de ele agarrar a minha nuca e inclinar sua boca sobre a minha.

Seu beijo rouba o ar dos meus pulmões e a força dos meus joelhos.

Minhas unhas cravam em seus bíceps enquanto sua língua desliza contra a minha, me reivindicando, me possuindo.

Nossa respiração entrecortada enche o ar enquanto ele me leva pela casa e pelas escadas, me beijando como se houvesse um relógio contra o qual estamos correndo e estamos ficando sem tempo.

*Porque nós estamos*.

Em pouco tempo chegamos ao quarto, só que em vez de cair na cama, acabamos perto da janela.

Eu suponho que Phoenix vai cumprir sua promessa e me foder contra isso como ele disse que queria antes, mas ele não faz.

Sua boca se move para minha clavícula, e suas mãos deslizam dentro da minha legging, amassando minha bunda. Dentes afiados roçam minha pele enquanto ele os empurra para baixo enquanto eu tiro meus sapatos. No momento em que elas chegam aos meus tornozelos, eu as chuto para o lado, quase tropeçando no processo, o que nos faz rir... até que os lábios de Phoenix encontram os meus novamente.

Seu beijo é mais suave agora, nossas línguas se movendo em um ritmo lânguido. Os nervos se enrolam na minha barriga quando seus dedos deslizam ao longo da minha cintura, empurrando minha camisa para cima. Instintivamente, coloco minha mão em cima da dele, parando-o. Ele segura o lado do meu rosto com a mão livre e seu beijo fica ainda mais terno, como se ele estivesse me implorando para ser vulnerável enquanto também me assegura que eu posso confiar nele com meu corpo.

Meu coração bate como um tambor quando eu quebro o contato e levanto meus braços, permitindo-o. O ar entre nós muda quando ele levanta minha camisa sobre minha cabeça, a tensão entre nós se tornando mais intensa. *Profunda.*

Puxando meu lábio inferior entre os dentes, ele solta meu sutiã. Ele desliza pelos meus braços antes de cair no chão. Meus dedos

encontram o zíper de sua calça jeans e eu o puxo para baixo, querendo vê-lo e senti-lo. No entanto, quando eu enfio minha mão dentro e envolvo em torno de sua ereção, ele me para. Frustrada, eu arranco minha boca da dele, mas ele prende a mão em volta do meu pescoço, me mantendo lá enquanto a outra mão aperta meu seio.

Meus mamilos estão tão duros que doem, e quando ele belisca um, eu grito, desesperada para sentir sua boca lá.

Fazendo um som áspero, ele abaixa a cabeça, plantando uma linha suave de beijos no meu peito enquanto ele cai de joelhos. Um som carente me escapa quando ele enche meu peito em sua mão e sacode o botão tenso com a língua, me provocando, antes de puxá-lo em sua boca. Minha calcinha fica mais molhada, o tecido gruda em mim enquanto ele continua seus cuidados, dando ao meu outro mamilo a mesma atenção.

Um choque de eletricidade atravessa meu peito e meu sangue aquece. Cada parte de mim está doendo por ele.

Sua boca desce para o meu estômago, pintando minha carne com seus lábios e língua como se eu fosse uma bela obra de arte.

Ele se move mais baixo, convocando um gemido ofegante de mim. Mãos enroladas em volta dos meus quadris, seus lábios traçam a mancha molhada na minha calcinha antes de enterrar o nariz entre minhas coxas e me inalar... como se ele estivesse respirando meu cheiro em seus pulmões e memória, então ele nunca vai esquecer.

Gemendo, seus dedos engancham nas laterais da minha calcinha e ele a puxa pelas minhas pernas, me deixando nua.

Seu olhar aquecido percorre cada centímetro do meu corpo, levando a mim e a todas as minhas falhas. — Cada parte de você é perfeita. — Os tendões em seu pescoço flexionam e o pomo de Adão mergulha. — Eu sei que sempre que você pensar em mim, todas as coisas ruins estarão em primeiro plano... mas me prometa que você vai se lembrar disso.

Meu coração dói e a emoção entope minha garganta. Eu não posso falar. *Não consigo respirar.* Tudo o que consigo fazer é um aceno suave.

Nossos olhares colidem. A pura fome gravando sua expressão e o desejo em seus olhos - por mim - só faz minha dor e necessidade dele aumentar.

Arrepios percorrem meu corpo quando ele inclina a cabeça, mapeando beijos ao longo da parte interna das minhas coxas e boceta.

A ponta de sua língua sai, atingindo meu clitóris antes de mergulhar dentro de mim. Minhas pernas tremem e eu tenho que agarrar seus ombros para me apoiar porque é tão bom. Meu coração bate entre minhas coxas enquanto ele continua me espetando, estendendo sua língua o máximo possível antes de circular meu buraco.

Olho pela janela, observando o céu escuro e as luzes brilhantes... o reflexo de Phoenix Walker de joelhos, me dando prazer.

Meu orgasmo está tão perto, um rolo lento varrendo meu sistema. ─ Oh Deus.

Ele suga meu clitóris com precisão, mantendo a quantidade perfeita de pressão e me dando exatamente o que eu preciso. Eu estremeço contra seu rosto, agarrando seu cabelo enquanto gozo.

Estou lutando para recuperar o fôlego quando ele se levanta e me conduz para a cama.

Nossos lábios se fundem quando ele se acomoda em cima de mim, esfregando sua pélvis contra a minha. O jeans contra minha boceta sensível gera uma fricção que é demais para aguentar e uma mancha úmida se forma em seu jeans.

─ Eu preciso que você me foda.

Ele abaixa a cabeça, seus dentes afiados roçando minha garganta antes de chupar e morder forte o suficiente para deixar marcas.

─ Por favor.

Meu coração gagueja enquanto ele se move para baixo, chovendo

beijos por todo o meu corpo... adorando cada centímetro da minha pele.

É o tipo mais doce de tortura.

Um som de lamento me deixa quando ele enfia os ombros entre minhas coxas e enfia as mãos sob minha bunda, inclinando minha boceta sobre sua boca.

O primeiro golpe de sua língua me afasta porque ainda estou tão sensível, mas ele aperta seu aperto, me mantendo no lugar para que ele possa se banquetear.

É muito. Muito *intenso*.

— Phoenix, — eu imploro.

Mas ele não desiste. Ele continua me lambendo como um demônio.

*Como se ele estivesse memorizando meu gosto.*

O pensamento faz meu peito afundar, e eu tenho o desejo repentino de fazer o mesmo com ele. — Eu quero você na minha boca.

Eu olho para baixo para encontrá-lo me observando. Ele mostra a língua - intencionalmente me provocando com o visual explícito dele sacudindo minha pele rosa brilhante - antes de afundar entre meus lábios.

Agarro os lençóis. — Santo... *Deus*.

Sua boca forma uma sucção sobre meu clitóris... tão forte que grito e minhas pernas tremem.

Eu gemo e me contorço, empurrando em sua mandíbula enquanto ele arranca outro orgasmo de mim. Um que é tão intenso que um som engasgado sai da minha garganta e um jorro de líquido escorre, saturando os lençóis embaixo de mim.

Eu não tenho tempo para ficar envergonhada, porém, porque Phoenix abre mais minhas pernas, lambendo cada gota antes de agarrar a parte inferior das minhas coxas, prendendo minhas pernas no meu peito.

Tremores e espasmos percorrem meu corpo enquanto ele ataca a

área delicada entre minha boceta e bunda antes de espalhar minhas nádegas. E então sua língua está lá, circulando meu buraco enrugado. Um ruído distorcido voa para fora de mim e eu me contorço, minha respiração saindo em ofegos curtos e rápidos enquanto eu luto por oxigênio.

Phoenix Walker vai me matar esta noite. Estou certa disso.

No segundo em que ele se levanta de joelhos, eu me levanto, agarrando sua camisa. ─ Você tem um minuto para colocar seu pau na minha boca ou eu vou embora.

É uma ameaça que não quero dizer, mas que funciona.

Um sorriso arrogante se espalha em seu rosto antes que ele feche a distância entre nós, me dando outro beijo que faz meu cérebro embaralhar.

Minha necessidade por ele eventualmente rompe a neblina. Eu puxo sua camisa sobre sua cabeça e empurro seu jeans para baixo, liberando sua ereção.

Uma onda de calor se espalha por mim. Seu pau é tão perfeito quanto ele. Grosso, enorme, cheio de veias... lindo.

Dando-se uma carícia lânguida, ele se deita na cama e eu me coloco entre suas pernas.

A gota branca de líquido em sua ponta escorre em seu estômago e minha necessidade de prová-lo sobe a níveis perigosos.

No entanto, Phoenix é quem está no controle, porque no momento em que abaixo a cabeça, ele envolve a mão em torno de sua base e espalha o pré-sêmen ao longo dos meus lábios.

Seus olhos ficam encapuzados enquanto eu o lambo, saboreando seu sabor.

Essa voz grave e rica reverbera em meu peito. ─ Abre.

Quando eu faço, ele gradualmente me alimenta com seu pau.

Minha boca se estica tanto que dói quando deslizo minha língua ao

longo da parte inferior de seu comprimento.

Ele levanta os quadris, atingindo a parte de trás da minha garganta.

Aumentando minha sucção, eu engasgo em seu pau, levando-o em puxões profundos que fazem seu rosto se contorcer de prazer.

O gemido que irrompe dele envia pequenos arrepios para cima e para baixo na minha espinha. Ignorando o desconforto na minha mandíbula, eu o chupo fervorosamente mais e mais rápido, incapaz de obter o suficiente.

Os músculos de suas coxas se contraem e ele rosna. ─ *Caralho*.

Outro rosnado o deixa e ele se afasta abruptamente.

Eu perguntaria por que ele parou, mas o olhar carnal que ele está me dando, junto com a maneira como seu peito sobe e desce, me diz tudo o que preciso saber.

Ele dobra um dedo. ─ Venha aqui. *Agora*.

Quando não me movo rápido o suficiente, ele me puxa até eu cair sobre ele.

Seus lábios reivindicam os meus, sua língua devorando cada centímetro da minha boca enquanto ele nos rola para que ele fique por cima. Seu pau cutuca minha entrada, e ele se esfrega contra minha fenda, cobrindo seu eixo com minha maciez.

Meu coração acelera e estou prestes a chegar entre nós para que eu possa colocá-lo dentro de mim, mas ele agarra meus dois pulsos, prendendo-os acima da minha cabeça com uma de suas mãos.

Seu olhar escurece, e eu espero que ele comece a me foder... mas ele não o faz.

Aqueles olhos azuis procuram meu rosto, como se ele estivesse tentando armazenar todos os recursos em seu banco de dados para que ele nunca esqueça.

Eu me pego fazendo o mesmo, absorvendo as profundezas do oceano, a forma sensual de seus lábios, sua mandíbula estruturada e

maçãs do rosto afiadas... pela última vez.

Uma picada afiada perfura no meu peito e eu aperto meus olhos fechados antes que uma lágrima tenha a chance de cair.

*Perdê-lo não deveria doer tanto.*

Sua voz é uma rouquidão dolorosa que sinto em minha medula. — Lennon.

Ele pressiona sua boca na minha, enfiando os dedos pelo meu cabelo enquanto sua língua separa meus lábios.

Nossas línguas se emaranham, nosso beijo é uma mistura potente de raiva, arrependimento e tristeza.

Como se nós dois estivéssemos reconhecendo que o relógio contra o qual estamos correndo está prestes a terminar…

Porque tem que terminar.

Depois de liberar meus pulsos, ele se apoia nos cotovelos, pairando acima de mim.

Eu expiro e ele inala enquanto desliza dentro de mim centímetro por centímetro meticuloso.

Nossos olhares se encontram enquanto ele me enche até o fim. Meu peito se contrai porque sei que nada será tão bom quanto quando ele está dentro de mim.

Nossos corpos se encaixam perfeitamente, como se fôssemos feitos um para o outro... o que só torna isso ainda mais trágico.

Em um gemido estrangulado, ele se retira muito lentamente antes de empurrar de volta. Meus dedos roçam suas costas, e ele enterra seu rosto contra minha garganta, suas estocadas em um ritmo suave... como se ele estivesse tentando fazer o tempo parar.

Que faz de nós dois.

Toda vez que ele empurra dentro de mim, eu aperto em torno dele... meu corpo não está disposto a deixá-lo ir, apesar de minha mente saber que é a coisa certa a fazer.

Sua boca reivindica a minha novamente e eu o beijo de volta com cada gota de ódio e amor que eu já senti por ele.

Nosso beijo se torna confuso e desleixado e ele entrelaça nossos dedos, acelerando o ritmo. Meus quadris se encaixam contra os dele, encontrando-o impulso por impulso enquanto consumimos um ao outro.

Nossa respiração acelera, e ele quebra o beijo. A angústia corta seu rosto enquanto ele olha para mim e eu me agarro a ele com tudo que tenho por que nenhum de nós está pronto para isso acabar... mesmo que tenha que terminar.

Sua língua mergulha dentro da minha boca uma última vez antes que ele se aproxime de mim. Meu núcleo aperta enquanto ele dirige dentro de mim de novo e de novo, meus músculos tensos e meu corpo implorando por liberação.

O suor escorrega em nossa pele e nossos dedos se contraem, tentando desesperadamente segurar... mesmo que não possamos.

O prazer cresce dentro de mim enquanto nos movemos como um – nossa cadência em perfeita harmonia, como uma música impecável – até que se torna muito esmagadora e eu não tenho escolha a não ser deixar ir.

Uma gama de emoções enche meu peito – cada uma me penetrando com a força de uma bala – enquanto minhas paredes internas o apertam e eu sussurro seu nome pela última vez.

Seus lábios se abrem e suas sobrancelhas se juntam enquanto o prazer lava seu rosto. Seu olhar intenso nunca se desvia do meu enquanto o líquido quente me enche.

Nós olhamos um para o outro pelo que parece uma eternidade e eu sinto meu coração quebrar em mil pedacinhos... assim como aconteceu naquela noite no Voodoo.

O lembrete me faz colocar minha armadura no lugar novamente, embora pareça substancialmente mais fraca agora... como papel machê.

— Eu preciso dormir um pouco.

Meu tom é intencionalmente frio e distante, e não consigo olhar para ele.

Seus lábios suavemente roçam minha testa e ele permanece por um momento... silenciosamente me dizendo adeus.

Eu aperto meus olhos e o vazio que sinto quando ele sai de mim é pura agonia.

O colchão afunda e ouço seus passos em direção à porta.

Eu me enrolo em uma bola quando tenho certeza de que ele se foi, incapaz de impedir que as lágrimas rolem pelo meu rosto e encharquem seu travesseiro. Só que desta vez, minha dor não é por causa do que ele fez.

*É pelo que poderíamos ter sido*.

# CAPÍTULO 70

## PHOENIX

Lennon está dormindo nas últimas três horas... e eu a tenho observado nas últimas duas.

A mancha molhada que ela deixou no meu travesseiro está seca agora e eu não consigo decidir se saber que ela estava aqui chorando enquanto eu estava tentando não destruir tudo na porra da minha casa me faz sentir melhor ou pior.

Eu olho para o relógio na minha mesa de cabeceira. O sol vai nascer em breve... e logo depois disso, ela irá embora para sempre.

O que significa que é melhor eu fazer isso agora.

Ela não se mexe enquanto eu retiro os lençóis, e eu tenho que lembrar meu pau para não reagir enquanto eu passo meu olhar sobre seu corpo nu.

Deixar-me vê-la toda esta noite foi um prêmio de consolação, mas eu aprecio.

Esse sentimento sufocante eleva sua cabeça feia novamente - apertando como um laço em volta do meu pescoço.

*Ela está me deixando.* E não há porra nenhuma que eu possa fazer para impedir isso.

Os músculos do meu peito se contraem quando tiro a tampa da caneta preta.

Dado que meu voo sai duas horas antes do de Lennon, não terei a chance de dizer as últimas palavras a ela.

Vou ter que escrevê-las em vez disso.

Pensar em todas as vezes que ela estragou seu corpo perfeito –

marcando a si mesma – com as palavras cruéis dos outros me mata.

Eu levo meu tempo arrastando o marcador em seu estômago, esperando que eu não estrague tudo porque é muito importante e eu só tenho uma chance de acertar.

Cinco minutos depois, a palavra *linda* está gravada em sua pele... exatamente onde ela pertence.

Respirando fundo, pressiono o marcador em seu esterno.

As próximas palavras são muito mais difíceis de escrever. Não porque eu não quero dizê-las, mas porque isso nunca vai desfazer o que eu fiz com ela.

Alguns minutos depois*, sinto muito*, está tatuado em sua carne e a sensação sufocante se transforma em dor total.

Depois que minha mãe foi embora, jurei que nunca daria a outra mulher o poder de me destruir.

Mas Lennon não me destruiu... eu a destruí.

Suas esperanças. Seus sonhos. A capacidade de confiar e abrir seu coração novamente.

Pronto.

Todas as coisas que minha mãe tirou de mim, eu tirei dela.

Peito cheio de chumbo, dou a volta para o outro lado da cama.

Eu sabia que Lennon era especial, e nós compartilhamos uma conexão que eu nunca tive com outra pessoa antes, mas eu não percebi a magnitude do que isso significava até que fosse tarde demais.

Eu sempre fui um bastardo egoísta, então eu assumi que a angústia que eu estava sentindo era devido à falta de todas as coisas que ela fez por mim. Assim como ela cuidou de mim. Sua crença inabalável em mim. Como ela olhou para mim como se eu fosse algo especial, mesmo que eu fosse apenas um garoto idiota vivendo em um estacionamento de trailers perseguindo um sonho. Como ela me fez lutar para ser melhor.

Mas enquanto eu sentia falta dessas coisas, eu sentia mais falta

*dela*.

Sua teimosia. A maneira como ela ficava sob minha pele sempre que discutíamos. Sua paixão. Sua lealdade. O sorriso dela. Seus grandes olhos castanhos. Seu sarcasmo. A voz dela. O coração dela.

Eu disse a mim mesmo para não me apegar. Tentei me convencer de que ela era apenas uma garota apaixonada, e ela não significava nada para mim.

Que roubar a música dela foi bom, porque não é como se ela fosse fazer alguma coisa com isso, e ela deveria estar me agradecendo por ter a coragem que ela não teve e colocá-la no mundo.

Mas depois que ela saiu da minha vida... eu a queria de volta.

Porque não importa quanta fama ou dinheiro eu acumulasse, todas as noites antes de fechar os olhos, a sensação de aperto no peito voltava e eu ouvia a voz dela.

Eu pensei que era culpa, mas isso era apenas parte disso.

A outra parte era algo que eu não achava que fosse capaz de sentir por nada além de música.

Mas era tarde demais. Eu já tinha escolhido meu caminho, e ela seguiu em frente com um idiota que conheceu na faculdade.

Isso me deixou com raiva e amargo, mas não o suficiente para esquecê-la.

Eu corro meus dedos pelo comprimento de suas costas, lutando contra minha necessidade visceral de me enterrar dentro dela.

Mais cedo, Lennon me disse que eu era o sol, e nunca precisei de mais ninguém para brilhar... mas ela estava errada.

O sol não pode brilhar quando fica muito escuro.

Eu deixo um beijo em sua omoplata. *Mas a lua pode.*

Que é o que Lennon é para mim.

Minha única fonte de luz quando tudo fica preto.

Posicionando o marcador sobre a parte superior das costas, começo

a escrever minhas últimas palavras onde ela nunca as verá.

Eu a encaro enquanto espero a tinta secar. Uma vez que isso acontece, eu corro meu dedo pelas palavras que eu nunca direi... mas as que eu sempre sentirei por ela.

Depois de colocar o cobertor sobre seu corpo, saio da cama.

Lennon Michael é meu maior desejo e meu maior arrependimento.

E se eu fosse um homem melhor, eu saberia o que eu tinha quando tive todos aqueles anos atrás.

Se eu fosse um homem melhor, nunca a teria machucado.

Se eu fosse um homem melhor, não a perderia pela segunda vez.

Estou quase fora da porta quando viro a cabeça, dando-lhe um último olhar.

Eu não a mereço, mas também não quero deixá-la ir.

Eu quero lutar por ela. Por *nós*.

Eu quero fazer o que deveria ter feito todos esses anos atrás e escolhê-la.

É quando me ocorre que escolhê-la significa dar a ela o que *ela* merece.

A carreira.

O reconhecimento.

A *verdade*.

Arrastando a mão pelo meu rosto, eu caminho de volta para a cama. Eu sei que ela não pode ir em outra turnê porque ela tem que cuidar de seu pai, mas eu *preciso que* ela esteja lá para o nosso primeiro show amanhã à noite.

Eu não dou a mínima para o que eu tenho que fazer para que isso aconteça.

— Lennon.

Ela não se mexe, então eu dou a ela uma leve sacudida.

Quando isso não funciona, eu a sacudo com mais força e grito: —

Levante-se.

Seus olhos se abrem. ─ O que aconteceu? ─ O pânico se espalha por seu rosto e ela se contorce. ─ Perdi meu voo?

─ Não. São apenas quatro da manhã...

A confusão se espalha por suas feições. ─ Oh. Você está bem?

─ Você precisa ir para a Europa comigo.

Ela olha para mim como se eu tivesse brotado várias cabeças. ─ Você já sabe que eu não posso.

─ Só vai ser por cinco dias.

Isso faz merda para apontar a agulha na minha direção.

─ Não.

Cruzando meus braços, eu a encaro. ─ Não foi um pedido.

Eu não me importo se eu tiver que arrastá-la naquele avião chutando e gritando. Ela está indo.

Agarrando os lençóis contra o peito, ela zomba. Está claro que ela ainda não viu meu trabalho. ─ Você não pode *ordenar* que eu vá para a Europa.

Porra, eu não posso. ─ Eu apenas ordeno.

Visivelmente exasperada, ela pressiona as palmas das mãos nos olhos. ─ Você conhecia o acordo, Phoenix.

Sim, mas também sei que a teimosia dela não é páreo para a minha coragem.

O tempo é essencial, porém, então eu pego as grandes armas.

─ Se você não for, direi a Vic e Chandler para suspender o pagamento de seus cheques.

Sua boca cai aberta em choque antes que ela me encare com ódio. ─ Qual é o seu problema, idiota?

─ Eu não tenho nenhum, porque você está indo para a Europa. Fim da história.

Ela bate no colchão com o punho, e eu me deleito com o jeito que

isso faz seus seios saltarem. ─ Por quê?

Eu não quero arruinar meus planos ou mentir para ela, então eu fecho minha mandíbula.

Olhando para o teto, ela balança a cabeça, rindo sem humor. ─ Você é inacreditável.

─ Quatro dias.

Os olhos marrons de bebê estreitos. ─ Um.

Ela é adorável quando está sendo difícil. Como um bebê tubarão testando seus dentes pela primeira vez.

─ Ninguém pode ir para a Europa por um dia, Groupie. Só o voo dura mais de dez horas. ─ Inclinando-me, eu seguro sua bochecha. ─ Três.

Apesar do meu compromisso, ela dá um tapa na minha mão. ─ Não. ─ Tristeza pisca em seus olhos e ela franze a testa. ─ Eu preciso ir para casa. Sinto falta do meu pai.

Um espasmo indesejado me atinge bem no peito. Eu sei que ela sente. Mas também sei que ele iria querer isso para ela.

Eu retiro a única coisa que me resta no meu arsenal.

─ Três dias e eu nunca mais vou incomodá-la novamente. Prometo.

Suavizando a expressão, ela procura meu rosto, sem dúvida tentando decidir se estou sendo genuíno ou se estou sob a influência. ─ O que está acontecendo?

Ela vai descobrir em breve.

Sabendo que ela não vai conseguir nada de mim, ela suspira. ─ Certo. Mas é melhor você manter sua promessa. ─ Ela faz uma careta. ─ Na verdade, eu não posso. Meu passaporte está em casa.

Porra. Isso vai ser um problema, mas eu ainda posso fazer isso funcionar.

O dinheiro é a linguagem universal, e eu tenho uma porra disso. Vou oferecer alguns mil dólares a algum mensageiro da Flórida para pegar o

passaporte e pegar um avião para California. Problema resolvido.

— Vou arranjar alguém para buscá-lo e vamos sair mais tarde.

Muito *depois*.

Estarei cansado como o inferno quando chegarmos lá, mas posso dormir – e foder – no avião.

Lennon morde o lábio inferior, ponderando. — Vou ligar para a Sra. Palma e passar por ela, mas se sentir alguma hesitação da parte dela, não vou.

Não prevejo nenhum problema aí. Eles podem não ser de sangue, mas é claro que são da família.

Ela pega o telefone, mas congela quando percebe o relógio. — Eu não posso ligar para ela agora. São quatro e quinze da manhã.

— O que significa que são sete e quinze na Flórida.

Eu e as palavras não nos damos bem, mas sempre fui bom em matemática.

Apertando a ponta do nariz, ela leva o celular ao ouvido.

— Ela provavelmente ainda está dormindo - oh, ei, Sra. Palma. Desculpe ligar para você tão cedo. — Ela esfrega a testa. — Não, meu vôo ainda está no horário, mas... — Ela me encara. — Olha, você pode dizer totalmente não, mas há alguma maneira de eu ir para a Europa por três dias?

Há uma longa pausa. Estou me preparando para oferecer à mulher tudo o que ela quiser, mas não preciso, porque Lennon diz: — Tem certeza de que não é um problema? — Um sorriso se espalha em seu rosto. — Muito obrigada. Eu devo a você seriamente. Oh droga. Antes que eu me esqueça, você pode pegar meu passaporte no arquivo do escritório do papai?

Enquanto ela termina sua ligação, eu saio da sala. Eu não tenho um assistente pessoal, apesar de todos me dizerem que eu preciso realmente contratar um.

No entanto, conheço uma adolescente astuta que quer ganhar algum dinheiro.

Deus a ajude, e Skylar, se ela usar alguma coisa para comprar implantes mamários.



Meia hora depois, Quinn de alguma forma conseguiu organizar tudo. Está me custando o dobro do valor que eu estava disposto a desembolsar, mas vale a pena.

Lennon está lendo algo no telefone dela quando volto para o meu quarto.

— Está tudo pronto. O mensageiro deve estar em sua casa em dez minutos.

Bocejando, ela coloca seu celular na mesa de cabeceira. — Nesse caso, vou voltar a dormir.

Subindo na cama, eu envolvo meu braço em volta da cintura dela, puxando-a para mim. — Boa ideia.

Eu acaricio seu pescoço, enchendo minhas narinas com seu cheiro.

Acabei de estender nosso relógio novamente e estou aproveitando ao máximo.

Lennon ainda está chateada, porque ela sai dos meus braços.

Agarrando o lençol, ela sai correndo da cama. — Eu não posso fazer isso.

— Tarde demais. Já configurei tudo. — Eu curvo um dedo, chamando-a de volta. — Traga essa bunda.

— Não... — Sua voz racha como cristal e quando eu inclino minha cabeça, percebo que seus olhos estão vidrados. — Eu quis dizer isso. Nós.

É um golpe direto no centro do meu peito. Um para o qual eu não

estava preparado.

Eu me levanto e vou até ela, mas ela se retira para o outro lado da sala, como se estar perto de mim machucasse fisicamente.

— Por quê?

— Por que vamos para a Europa? — ela contra-ataca. — E não minta para mim ou evite a pergunta. Diga-me a verdade.

Eu *não posso.* Não agora.

Eu só preciso que ela confie em mim.

Mas é óbvio que ela ainda não o faz porque suas feições se contorcem com raiva. — Foda-se.

Ela sai para o banheiro, mas eu agarro seu braço quando ela passa por mim. — Lennon.

Eu poderia empurrar a questão de ela não querer foder e eu sei que ela cederia. Não porque ela é fraca, inferno, ela é a coisa mais distante disso, mas porque essa coisa entre nós é muito forte.

No entanto, eu quero mais do que sua boceta.

Eu quero cada parte, cada pedaço, cada centímetro dela.

*Eu quero a confiança dela*. Porque uma vez que eu tiver isso... eu vou ter tudo de novo.

Meus dedos traçam a curva de sua bochecha. — Olhe para mim.

Mas ela não olha. Inferno, ela nem sequer tenta. — Não posso. — Uma lágrima escorre pelo seu rosto e ela recua. — Dói demais.

O vazio no meu peito se espalha quanto mais o espaço entre nós cresce.

Estamos a apenas um metro e meio de distância, mas ela também pode estar em Guam.

Lennon me consertou duas vezes agora, mas nunca serei capaz de fazer o mesmo por ela.

Porque fui eu que fodi com ela.

Peguei uma obra-prima e a rasguei em pedaços.

Eu me viro, observando enquanto ela faz seu caminho para o banheiro... onde ela vai lavar cada vestígio de mim de sua pele e me enfiar em uma caixa marcada, *não abra*.

Dessa forma, ela pode seguir em frente e encontrar a felicidade.

Como ela merece.

De repente, ela para de andar e olha para baixo. ─ O que é isto?

*Sou eu... deixando você ir.*

# CAPÍTULO 71

## LENNON

O vôo para o Reino Unido foi tranquilo, mas longe de ser agradável.

Phoenix e eu evitamos um ao outro. Como dois navios passando na noite.

O que significa que minhas suspeitas sobre porque ele me arrastou para a Europa estavam certas.

Phoenix Walker não gosta de perder. Mas, em vez de aceitar a derrota, ele me intimidou e me manipulou para estender nosso tempo, porque ele sabe que quanto mais tempo estivermos juntos, mais difícil será para mim sair de sua atmosfera.

Por um breve momento, pensei que suas intenções talvez não fossem baseadas em sexo, orgulho ou culpa.

Que talvez ele...

Eu mentalmente dou um tapa no meu cérebro, desejando não seguir esse caminho novamente.

Eu sei que ele me quer, e enquanto isso pode ser o suficiente para algumas pessoas... não é o suficiente para mim.

Eu preciso de algo que ele não é capaz de me dar.

Meu coração bate quando sua voz baixa e rouca me envolve em uma névoa espessa, enviando tudo dentro de mim em espiral.

Eu não tinha intenção de vê-lo se apresentar hoje à noite, mas Sharp Objects está tocando no Estádio de Wembley, que está provando ser tão icônico quanto todos afirmam.

Mesmo de onde estou - todo o caminho nas asas - é enorme e avassalador. Nunca vi tanta gente no mesmo lugar ao mesmo tempo.

Eu não sei como ele não está surtando porque eu estaria me mijando e desmaiando de medo.

Então, novamente, ele é Phoenix Walker. *Ele nasceu para isso*.

Fico totalmente hipnotizada enquanto ele comanda o palco, fazendo todos reféns... roubando nossas almas.

*Ele escreveu em sua pele* ─ meu estúpido coração provoca enquanto ele canta o último verso de Existentialism.

Enquanto escrever '*Sinto muito'* e '*linda'* na minha pele foi incrivelmente doce, isso não muda nada.

Ele ainda é uma estrela do rock vivendo seu sonho, e eu ainda sou a garota cuja música ele roubou.

Ele vive uma vida que envolve frequentemente viajar ao redor do mundo. Um mundo onde milhões de mulheres lhe darão avidamente qualquer coisa que ele queira – coisas que eu não seria capaz – porque estarei em casa cuidando do meu pai.

Mas ainda mais importante do que isso? Não posso correr o risco de ele me quebrar de novo.

Eu mal sobrevivi à primeira vez.

O rugido estrondoso da multidão pulsa meus tímpanos quando a música chega ao fim.

Assim como Phoenix previu, as pessoas estão obcecadas com isso e mesmo que não esteja no álbum programado, está rapidamente se tornando seu novo hit.

Ele venceu Vic em seu próprio jogo e assumiu o controle do tabuleiro de xadrez.

Eu estou orgulhosa dele.

─ Puta merda ─ Skylar grita ao meu lado. ─ Isto é loucura.

Eu não posso deixar de sorrir. ─ Eu sei.

O fato de Skylar estar assistindo ao show quando ela participou de quase todos os shows por mais de quatro anos é uma prova de quão

épico isso é.

Então, novamente, ela estar aqui pode ter mais a ver com *Gwyneth Barclay* sentada na sala verde.

Ela foi bastante agradável, suponho, mas há algo nela que me incomoda. E não tem nada a ver com ela ter o bebê de Memphis, mesmo que esteja despedaçando o coração da minha amiga.

É a maneira como ela trata sua assistente. Como ela está sempre no celular tirando selfies e vídeos. O brilho satisfeito em seus olhos sempre que ela olha para Memphis... como se ela o prendesse em sua teia e ele fosse propriedade oficial dos *Barclay*.

Então, novamente, não é realmente da minha conta. Não sou eu que tenho que passar o resto da minha vida com ela. Caramba, eu nem vou vê-la novamente depois desta noite.

A próxima música começa e a multidão vai à loucura. Meu coração pula várias batidas, incapaz de desviar meu olhar.

Phoenix sempre dá um show infernal, mas esta noite há uma energia emitindo dele que não consigo explicar.

É ainda mais apaixonado e emocional do que o habitual. *Comovente*.

— Eu não acho que ela gosta de mim, — alguém que soa muito como Quinn diz atrás de mim.

— Quem? — Skylar pergunta.

— Gwen. Esta tarde ela me disse que poderíamos tirar algumas fotos juntas, mas quando entrei na sala verde e perguntei, ela agiu como se não pudesse ser incomodada.

Skylar e eu trocamos olhares tristes.

— Ela provavelmente está cansada ou tendo um dia ruim, — Skylar oferece.

Defender a mulher que está tendo o bebê do cara que ela ama não pode ser fácil, mas eu sei que Skylar não quer que Quinn sinta que tem

que escolher entre ela e seu ídolo.

Quinn franze a testa. ─ Eu acho.

Como se fosse uma deixa, Gwyneth passa. Estou assumindo que ela vai continuar andando, mas ela se esgueira ao meu lado, olhando para o palco.

─ Quão gostoso é meu futuro marido? ─ ela murmura enquanto tira uma foto dele com seu telefone. ─ Nós vamos ter bebês tão lindos.

Sinto Skylar tensa do meu outro lado. Estendendo a mão, eu agarro sua mão e mordo minha língua para não apontar que Memphis ainda nem a pediu em casamento e ela deve se concentrar em seu bebê atual antes de planejar quaisquer outros.

─ Sim ─ eu digo em vez disso. ─ Todo mundo está pegando fogo esta noite.

Ela torce o nariz. ─ É bastante surpreendente, dados os *problemas de Phoenix.*

Agora sou eu quem estuo tensa. ─ Que problemas?

Jogando o cabelo loiro descolorido por cima do ombro, ela ri. ─ Por favor, querida. Todo mundo sabe que ele é um viciado.

*Não é certo bater em uma mulher grávida*.

─ Francamente, estou surpresa que ele ainda não esteja morto. ─ Um sorriso torce seus lábios rosados e brilhantes e ela encolhe os ombros. ─ Sem querer ser uma vadia, mas a banda ficará muito melhor quando ele finalmente sofrer uma overdose. ─ Seus olhos giram para o pai do seu bebê. ─ Memphis pode ser o vocalista então.

Oh infernos não.

Minha visão fica vermelha e eu a encaro de frente.

Estou prestes a soltar uma série de insultos e ameaças que vão fazê-la se encolher, mas Quinn dá um tapinha no ombro dela. ─ Desculpe-me, Gwen?

Gwen se vira. ─ Voc...

Uma onda de líquido laranja voa pelo ar antes de encharcar a camisa de Gwen…

E minha.

— É melhor você manter o nome do meu irmão fora da sua boca, vadia, — Quinn zomba antes de sair, quase batendo em um Chandler boquiaberto no processo.

É seguro dizer que a obsessão de Quinn por Gwyneth acabou oficialmente.

Graças a Deus.

O queixo de Gwen cai. — Aquela vadiazinha.

— Cuidado, — Skylar rosna ao mesmo tempo que eu zombo, — Você mereceu.

Carrancuda, ela gira a cabeça. — *Desculpe-me?*

Dou um passo mais perto e sei que minha expressão é assassina porque é exatamente como me sinto agora. — A próxima vez que você falar merda sobre Phoenix ou desejar que ele tenha uma overdose, não será suco por todo o seu rosto e camisa. Será o seu sangue.

Indignada, Gwen começa a bater as mãos e gritar para sua assistente.

A pobre garota rapidamente vem em socorro e lhe dá um rolo de toalhas de papel.

— Eu preciso de uma camisa nova, não de toalhas de papel, sua idiota — ela guincha.

Atirando-lhe um olhar sujo, Skylar agarra minha mão e vamos direto para a sala verde.

Nós deveríamos sair para jantar depois do show, mas nós vamos ter que fazer uma parada rápida no hotel antes disso agora.

— Memphis está ciente de que seu bebê será meio demônio? — Eu murmuro enquanto ando até a mesa de lanches e pego um maço de guardanapos.

— De acordo com Storm, ele está *bem* ciente. — Skylar vasculha sua bolsa gigante. — Evidentemente, ele está alegando que são os hormônios da gravidez.

Isso me diz duas coisas.

Um — Memphis está em negação. E dois: Skylar e Memphis não estão mais se falando.

Quinn – que está de mau humor no sofá – faz uma careta. — Eu não posso acreditar que eu era a maior fã dela.

Eu daria um abraço nela, mas minha camisa está coberta de suco de laranja pegajoso. — Eu sinto muito.

Skylar me entrega um par de jeans e um top. — Aqui. Coloque isso.

Estou prestes a lembrá-la de que suas roupas não cabem em mim, mas então noto as etiquetas. Não são apenas novas. Eles são do *meu* tamanho.

Fale sobre conveniente. Conveniente e peculiar.

— Por que você tem uma roupa novinha em folha para mim na sua bolsa?

Skylar e Quinn trocam um olhar. — Fui fazer compras hoje.

— Compras para mim?

Skylar sorri. — Não especificamente, mas eu vi isso e imaginei que você iria adorar. Eu ia enviá-las pelo correio, mas aqui está você.

— É o destino, — Quinn fornece.

— Exatamente.

Dado que Skylar adora fazer compras, faz sentido.

Estou prestes a entrar no banheiro, mas Skylar agarra a barra da minha camisa e cuidadosamente a levanta sobre minha cabeça. — Deixe-me ajudá-la a a se trocar. Vai acelerar o processo.

Ok, *agora* ela definitivamente está agindo de forma estranha.

No entanto, não posso me concentrar nisso porque estou muito ocupada batendo as mãos dela para que eu possa ter alguma

autonomia. ─ Eu entendi.

Eu rapidamente puxo meu jeans novo, e eu tenho que entregá-lo a ela porque eles se encaixam perfeitamente. O top não é necessariamente algo que eu escolheria para mim, mas o decote em V turquesa com decote nas costas é muito fofo.

Essa roupa é muito melhor do que a que eu estava usando, então não estou brava com isso. ─ Obrigada.

Eu estremeço quando Skylar enfia o polegar na parte superior da minha coluna. ─ O que você está fazendo?

─ Fica parada. Estou tentando tirar essa marca de você.

─ Que marca?

─ Eu te amo ─ diz ela, embora soe como uma pergunta em vez de uma afirmação.

─ Eu também te amo, mas você está sendo *muito* estranha agora.

─ Eu quis dizer as palavras em suas costas.

─ O que v...

Oh. Meu. Deus.

A sala se inclina, e é uma luta para puxar o ar para meus pulmões.

Quinn sai do sofá e se aproxima. ─ Relaxe. Já está bem desbotado e se você soltar o cabelo, nem vai ver.

─ Eu não acho que é por isso que ela está pirando, ─ Skylar sussurra.

Meu coração bate no meu peito como se estivesse tentando se libertar.

Por que ele não me contou? Por que ele não…

─ Merda. Temos que ir, ─ Skylar anuncia antes de puxar meu rabo de cavalo do meu cabelo e passar os dedos por ele.

─ Vá se...

Quinn passa um pouco de gloss nos meus lábios.

Eu recuo porque isso passou de estranho a absolutamente bizarro.

— Por que vocês duas estão me *enfeitando*?

Ignorando minhas perguntas, Skylar puxa meu braço com tanta força que estou surpresa que não saia do meu soquete.

— O que diabos está acontecendo? — Eu exijo enquanto ela me arrasta para fora da sala com Quinn a tiracolo.

Tudo está acontecendo tão rápido, e nada disso faz sentido.

— É melhor uma de vocês começar a falar — eu estalo enquanto Skylar me conduz para o lado do palco.

— Eu não fiz nada, — Quinn defende.

O que definitivamente significa que ela *fez*.

Quando lhe dou uma olhada, ela levanta as mãos, fingindo inocência. — Não fique brava comigo. Eu simplesmente vi uma oportunidade de fazer o trabalho e aceitei.

— Viu uma oportunidade de fazer o trabalho?

É como se todos estivessem falando uma língua que não consigo entender.

Eu me viro para Skylar, que está gesticulando para Quinn ficar quieta. — Por favor...

Um nó de pânico estrangula minha garganta quando a música atual chega ao fim e Phoenix se dirige à multidão. — Já volto, pessoal. Há alguém especial que eu quero que vocês conheçam.

E então ele corre para fora do palco... indo direto para mim.

# CAPÍTULO 72

## PHOENIX

Lennon está visivelmente tremendo quando eu a alcanço.

— Vai ficar tudo bem.

Isso só a faz dar vários passos para trás.

Cristo. Eu sei que ela está com medo, mas ela não precisa estar.

Eu serei sua âncora desta vez.

Meu olhar trava com o dela. — Confie em mim. — Eu estendo minha mão. — Por favor.

Seu olhar petrificado salta entre minha mão estendida e meu rosto por várias batidas agonizantes.

Meu peito recua porque tenho certeza de que ela vai se virar e fugir...

Mas então ela aceita.

Eu não quebro o contato visual quando a trago para o palco, porque eu sei que uma vez que ela tenha um vislumbre da multidão enorme, seu medo vai tomar conta e ela vai fugir.

Quanto mais nos aproximamos do pedestal do microfone, mais ela treme.

— Confie em mim — eu repito enquanto a manobro para que ela fique na frente do microfone.

Então eu me movo atrás dela.

Outra onda de pânico percorre seu corpo, e ela me espia por cima do ombro. — Eu n-não posso fazer isso.

Eu prendo meus braços ao redor de sua cintura, mantendo-a exatamente onde ela deveria estar. — Sim, você pode.

A introdução começa e a excitação e a energia da multidão são tão tangíveis que me atravessam como uma corrente elétrica.

*Como mágica*.

Cinco minutos antes do show começar, eu disse a Storm, Memphis e o baixista substituto que estávamos fazendo Sharp Objects para nossa última música hoje à noite.

Eu só não disse a eles que Lennon seria quem cantaria.

Pelo menos esse era o plano... mas ela não faz um som.

Ela se contorce em meus braços, sem dúvida tentando fugir, mas eu a aperto com mais força.

Ela tem isso. Eu sei que ela sabe.

Meus lábios roçam a concha de sua orelha. ─ Feche seus olhos. ─ Depois que eles se fecham, eu pressiono um beijo suave em sua têmpora. ─ E não importa o que aconteça, não pare, porra.

A introdução começa novamente e eu prendo a respiração pelos primeiros quatro compassos, desejando que ela confie em mim... e em seu dom.

Então eu ouço.

*eu sou duro como um prego*

*Afiado como uma lâmina*

Seu tom rouco e sensual reverbera pelos alto-falantes, enchendo o estádio. O primeiro verso é um pouco instável, mas quando ela chega ao refrão, seus nervos se dissipam e é uma maldita perfeição.

Ela fica mais forte a cada nota, transformando-se em uma potência do caralho.

Uma mistura de orgulho e alegria incha no meu peito. Ela está dominando o palco. Mantendo-nos todos prisioneiros.

Eu sei, sem dúvida, que cada pessoa que testemunha isso percebe o que eu sei há anos.

*Ela é especial*.

Os minúsculos cabelos na parte de trás do meu pescoço se arrepiam e arrepios passam pelos meus braços enquanto ela canta o verso final.

Ela não apenas o matou. Ela o abateu.

Assim como eu sabia que ela faria.

As últimas notas ainda não terminaram quando a multidão irrompe em aplausos antes de se levantar... dando-lhe uma ovação de pé muito merecida.

— Abra seus olhos.

Eu não quero que ela perca isso.

*Porque ela merece.*

Um arrepio a percorre e ela engasga audivelmente.

Eu sorrio, absorvendo os últimos momentos que terei com ela em meus braços. — Você queria experimentar como seria ter um local cheio de duas mil pessoas ouvindo sua música... mas como são noventa mil?

Seus olhos estão vidrados quando ela se vira para mim. — Obrigada.

Não. Sou eu quem deveria estar agradecendo a ela.

Eu pude experimentar essa magia e viver meu sonho por mais de quatro anos.

Porque eu roubei.

— Eu nunca vou esquecer isso — ela sussurra. — Isso... isso foi incrível.

Inclinando-me, pressiono meus lábios em sua testa. *Isso foi um eclipse solar*.

Esta noite será o fim da minha carreira... mas o começo da dela.

Exatamente como deveria ser.

# CAPÍTULO 73

## LENNON

Puta. Que. Pariu.

Eu não posso acreditar *que isso* acabou de acontecer. Cantar minha música na frente de noventa mil pessoas superou até meus sonhos mais loucos.

Minhas pernas estão trêmulas quando saio do palco e há tanta adrenalina pulsando em mim que faz minha cabeça girar.

*É por isso que ele me trouxe aqui.*

Skylar e Quinn estão pulando de excitação e estou me preparando para me juntar a elas... mas a voz de Phoenix vem pelos alto-falantes.

— Ela é uma cantora incrível, certo? Quase como se ela fosse a pessoa que deveria cantar essa música.

A multidão aplaude, mas eu congelo.

Oh Deus.

A percepção do que ele está prestes a fazer me atinge como um furacão de categoria 5.

Eu rapidamente me viro. — Phoenix! — Quando ele olha para mim, eu balanço a cabeça e a boca, 'Não'.

Ele não tem que fazer isso.

Eu não quero que ele faça isso. *Não mais*.

Isso pode muito bem arruinar sua carreira. Vic pode tirá-lo da gravadora.

Ele será cancelado e rotulado como ladrão. Que já foi, no caso.

Seu talento fenomenal — *seu* dom — não passará de uma piada.

Roubar minha música foi uma coisa terrível de se fazer, mas ele não

precisa destruir seu sonho por causa disso. Ele *não pode*.

Ele é o sol. Ele precisa continuar brilhando.

Phoenix volta sua atenção para a multidão.

Eu corro pelo palco, desesperada para detê-lo... mas é tarde demais.

— Isso é porque foi ela quem escreveu. — Ele solta um suspiro pesado. — E eu roubei.

O silêncio cai sobre todo o estádio... com exceção de Chandler, que está gritando nos bastidores, e algumas pessoas na platéia que gritam coisas como: — Você está mijando agora, cara? — e, — Inferno sangrento.

Phoenix inclina a cabeça, seu olhar intenso me prendendo. — Quatro anos atrás, eu tive que escolher entre tudo isso e você. — A emoção corta seu rosto, e ele deixa cair o microfone. — Eu fiz a escolha errada.

Meu coração para frio e o tempo para.

Ele não precisava escrever essas três palavras na minha pele, porque agora eu as *sinto*.

No entanto, não vou deixá-lo destruir tudo o que ele sempre quis, tudo o que ele *é, só* para estar comigo.

*Eu não vou deixá-lo se quebrar como ele me quebrou*.

Meus pés se movem por conta própria, e eu vou para os bastidores.

Eu tenho que descobrir uma maneira de consertar isso. Vou precisar me sentar com Skylar, para que possamos bolar um plano para salvar sua carreira.

A expressão de Skylar está cheia de alarme quando eu a alcanço, mas sua atenção está apenas fixada em algo atrás de mim.

Eu mal tenho tempo para registrar que Phoenix está me seguindo antes que uma multidão de pessoas se apresse como um enxame.

— Que porra é essa? — Chandler grita.

Skylar aponta um dedo para ele. ─ Cale-se. ─ Seus olhos se voltam para Storm e Memphis, que estão visivelmente lívidos. ─ Ninguém diz uma única porra de palavra para ninguém até eu descobrir essa merda. Entendeu? ─ Seu olhar se concentra em Phoenix. ─ Quarto verde. Agora mesmo.

De repente me ocorre que Phoenix não apenas se ferrou... ele ferrou as pessoas que ele considera sua família.

Phoenix olha ao redor da área dos bastidores, mas no momento em que seu olhar pousa em mim, Skylar e Chandler o conduzem para a sala verde.

─ Maldição, ─ Chandler estala, gesticulando para seu celular. ─ Vic já está ligando.

E então a porta se fecha.

Não sei o que posso fazer, mas tem que haver *alguma coisa*.

Eu faço uma corrida louca para a sala verde, mas há um puxão forte no meu braço.

Quando olho para cima, encontro Storm olhando para mim. Ele parece tão chocado – tão chateado – que eu quero envolver meus braços ao redor dele.

─ Eu não sabia que ele roubou sua música.

─ Eu sei...

O som do meu telefone tocando me interrompe.

Levanto um dedo quando vejo o nome da Sra. Palma piscar na tela. ─ Um segundo. Eu tenho que atender isso.

Pelo que sei, *ela* pode ter ficado sabendo do que Phoenix fez, dada a rapidez com que as notícias circulam nas mídias sociais.

Depois de pressionar o botão verde, levo-o ao ouvido. ─ Ei. Eu acho que você...

─ Lennon, querida, ─ ela interrompe, sua voz trêmula cheia de pavor.

Meu coração para pela segunda vez em dez minutos. ─ O que está errado?

Storm – que estava prestes a ir embora – fica parado.

─ Seu pai... ele teve um derrame cerca de vinte minutos atrás. Chamei uma ambulância e estamos aqui no hospital. ─ Sua voz falha. ─ É... você precisa voltar para casa imediatamente.

O sangue escorre do meu rosto e o medo que senti antes não é nada comparado ao agora.

─ O que aconteceu? ─ Storm faz perguntas enquanto desligo a chamada.

─ Meu pai... eu. Ele... hospital. ─ Não consigo formar pensamentos ou frases coesas. A única coisa que sei é que tenho que chegar até ele o mais rápido possível.

Eu passo por ele, correndo o mais rápido que posso para fora da porta.

# CAPÍTULO 74

## LENNON

O zumbido constante de máquinas preenche todo o pequeno quarto de hospital e toda vez que ouço um bipe, minha cabeça se levanta.

Estou aqui há apenas três horas, mas parece uma eternidade.

Eu estava tolamente otimista durante a viagem de avião para casa e imaginei que ele estaria acordado e falando quando eu chegasse aqui.

Meu coração se dobra sobre si mesmo quando me concentro no ventilador que cobre o rosto do meu pai e nos vários tubos saindo dele.

Meu pai estava jantando na mesa da cozinha quando começou a reclamar de dor de cabeça. A Sra. Palma foi buscar-lhe paracetamol, mas quando voltou, a fala dele estava arrastada e ele começou a vomitar.

Ela já estava discando 911 quando ele desmaiou.

O derrame que ele teve foi grave, e os médicos informaram a Sra. Palma que sua condição era crítica e o resultado não era favorável.

Mas eles não conhecem meu pai.

Ele vai superar isso. Ele tem que superar.

*Vamos, pai*. *Acorde.*

A Sra. Palma se senta ao meu lado. — Eu sinto muito.

Ela continua dizendo isso, mas isso não é culpa dela.

É minha.

Eu deveria estar aqui. *Mas eu não estava.*

Porque mais uma vez, cheguei muito perto do sol.

Só que desta vez foi minha culpa eu ter me queimado.

Eu tento inalar, mas a culpa esmagando meu peito está me

asfixiando.

Eu deveria ter me recusado a ir para a Europa. Então teríamos tido mais tempo juntos.

Meus olhos ardem e eu engulo as lágrimas. *Eu não deveria ter saído em turnê*.

Talvez então meu pai não estivesse deitado em uma cama de hospital, lutando por sua vida.

Estendendo a mão, a Sra. Palma segura minha mão. ─ Você deveria tentar dormir um pouco, querida. Você deve estar exausta.

Ela está certa, entre a diferença de fuso horário e o voo de nove horas e quinze minutos para casa, eu deveria estar.

Mas não há como eu descansar até saber que ele vai ficar bem.

Eu balanço minha cabeça. ─ Eu preciso estar aqui quando ele acordar.

Porque ele *tem* que acordar.

E quanto mais eu repito, mais eu vou acreditar.

Movendo-se em seu assento, ela franze a testa. ─ Querida...

─ Senhor ─ uma voz feminina grita do corredor. ─ Esta é a UTI. Você não pode entrar aqui.

─ Em que quarto está o pai de Lennon Michael? ─ Phoenix ronca, aquela voz melódica inconfundível ricocheteando nas paredes.

O que diabos ele está fazendo aqui?

─ Não tenho liberdade para lhe dar essa informação. Por favor, saia.

Sua recusa não cai bem com Phoenix, porém, porque ele late: ─ Porra.

*Merda*.

A Sra. Palma e eu trocamos olhares pasmos antes de sair da minha cadeira. ─ Eu vou lidar com isso.

Quando eu saio da sala, eu o vejo vagando pelo corredor com as mãos em concha em volta da boca. ─ Lennon!

— Não me faça chamar a segurança, — a enfermeira avisa ao mesmo tempo em que Phoenix me vê.

Antes que eu possa piscar, ele está vindo em minha direção.

Eu planejava mandá-lo embora, mas no segundo em que seus braços estão ao meu redor, algo dentro de mim se rompe e eu desmorono.

Phoenix não tenta me animar, me encorajar a permanecer forte ou fazer falsas promessas de que tudo ficará bem.

Ele apenas me abraça forte enquanto eu desmorono.

Meus soluços abafados encharcam sua camiseta enquanto ele corre as pontas dos dedos para cima e para baixo nas minhas costas.

Momentos depois, a enfermeira se aproxima. — Sinto muito, mas você precisa sair.

Eu levanto minha cabeça. — Mas...

— Eu sei que é um momento incrivelmente difícil para você — ela interrompe. — E enquanto eu simpatizo, já lhe dei muita margem de manobra. — Ela acena com a mão para a Sra. Palma, que está saindo da sala. — Não só é bem antes do horário de visita, mas deve ser apenas uma pessoa de cada vez. — Ela estreita os olhos para Phoenix. — Três é demais.

Eu odeio essas regras estúpidas do hospital, mas eu sei que não é culpa dela. Além disso, ela está certa, ela tem sido incrivelmente flexível.

— Se eu sair, você vai permitir que ele fique com ela? — A Sra. Palma questiona, me surpreendendo.

— Não — eu digo rapidamente. — Eu não quero que você vá embora.

Meu peito cede quando olho para Phoenix.

— Eu... hum.

Também não quero que ele vá.

Inclinando-se, ele beija minha testa. — Eu vou ficar, Groupie. — Ele se vira para a enfermeira. — Chame o CEO no telefone. *Agora.*

Irritada, a enfermeira levanta uma sobrancelha. ─ Como é? Quem você acha...

─ Eu sou Phoenix Walker ─ ele rosna.

A enfermeira não deve ser fã de rock porque isso não parece incomodá-la nem um pouco.

No entanto, as duas mulheres de jaleco indo para a estação das enfermeiras quase tropeçam e caem de cara no chão quando o notam.

─ Isso pode acontecer de duas maneiras ─ continua Phoenix. ─ Primeira - você pode me colocar em contato com o CEO para que eu possa fazer uma doação muito generosa ao hospital e dizer a ele que você é uma funcionária maravilhosa. Ou segundo, posso contar a todo o país que experiência terrível tive aqui e fazer tudo ao meu alcance para que sua bunda seja demitida.

A ameaça dele funciona porque ela dá meia-volta. ─ Eu volto já.

Eu não deveria tolerar Phoenix jogando seu peso assim, mas estou muito fixada em meu pai para discutir.

São quase oito da manhã, então os médicos devem começar suas rondas em breve. Espero que me dêem uma atualização melhor do que a última que deram à Sra. Palma.

A inquietação marca o rosto de Phoenix quando entramos na sala e me sinto mal por não prepará-lo porque é muito para absorver.

Estou prestes a me desculpar, mas ele me puxa em seus braços. Colocando uma mão na parte de trás do meu pescoço, ele gentilmente me guia para seu peito.

─ Eu vou correr até a cafeteria e pegar um café para todos nós ─ sussurra a Sra. Palma.

As emoções tomam conta de mim novamente e antes que eu possa me impedir, um soluço surge na superfície.

*Não me deixe órfã, pai*.

Agarro sua camisa para salvar a vida, minhas lágrimas caindo como

chuva enquanto soluços de agonia escapam de mim.

Eu não posso perdê-lo. Eu *não posso*.

No entanto, pensar em coisas tão miseráveis não está fazendo nenhum favor a ele.

Meu pai precisa estar cercado de energia positiva, o que significa que tenho que me manter unida e não me deixar seguir por esse caminho sombrio.

— Ele vai conseguir. — De pé, eu limpo minha garganta. — Ele é um lutador.

Dando-me um aceno suave, Phoenix enxuga minhas lágrimas com o polegar.

A irritação percorre meu corpo quando percebo a tristeza em sua expressão. Não quero nem preciso da pena dele, porque tudo vai ficar bem.

*Vai* ficar.

— Ele vai ficar bem — eu mordo antes de caminhar até meu pai.

Não há como ele me deixar aqui sozinha.

Ele sempre brincava que ficaria por perto para me incomodar e me envergonhar até ter pelo menos cem anos.

Eu seguro sua mão, segurando-a o mais forte que posso. Tão forte que suas unhas cravam na minha pele, mas eu não me importo.

— Você sempre disse que era eu e você, pai. Então, eu realmente preciso que você mantenha sua palavra e acorde logo, ok?

*Não me deixe*.

Porque mesmo que sua mente divague na maioria dos dias, ainda há momentos em que ele volta para mim.

Eu preciso desse tempo.

Eu preciso *dele*.

Uma batida na porta me tira dos meus pensamentos e um homem baixo e mais velho vestindo um jaleco branco entra na sala.

— Olá, eu sou o Dr. Gannon. O médico assistente. — Ele olha brevemente para Phoenix, mas não parece chateado por termos quebrado as regras. — Você tem algum tempo para conversar?

*Algum tempo para conversar*. Eu respiro de alívio porque isso é uma boa notícia. Se ele precisar de tempo para conversar, isso significa que deve haver um plano de tratamento. Provavelmente envolverá fisioterapia e terapia ocupacional e talvez eu tenha que contratar uma enfermeira particular para vir à casa temporariamente... o que não será um problema porque tenho dinheiro para fazê-lo agora.

— Certo.

Eu beijo a bochecha do meu pai antes de fazer o meu caminho.

O médico olha para Phoenix. — Eu vou ter que pedir gentilmente que você saia.

— Eu vou ter que pedir *gentilmente* que você se foda, — Phoenix resmunga, chocando o médico, mas não a mim, porque isso é normal quando se trata dele. — Vou ficar.

Parecendo irritado, Dr. Gannon olha entre nós antes de seu olhar se fixar em mim. — Está tudo bem para você?

Eu concordo.

— Tudo bem então. — Ele gesticula para as duas cadeiras perto da parede. — Por que você não se senta?

Um nó estranho torce meu estômago, mas eu dou de ombros. — Vou ficar de pé.

Soltando um suspiro, ele se senta. — Diga-me o que você entende sobre o que aconteceu com seu pai.

Embora seu tom não seja exatamente condescendente, não me importo particularmente com isso ou com a pergunta.

— Meu pai teve um derrame.

— Está correto. — Ele estuda meu rosto e tudo o que vê o faz franzir a testa. — A condição do seu pai é bastante séria.

*Nenhuma merda.* Ele está deitado em uma cama de hospital.

No entanto, ele é forte.

— Eu sei, mas com a medicação certa e alguma reabilitação, ele vai se recuperar.

Aquele nó estranho está de volta, e eu olho para Phoenix.

Ele me dá um sorriso suave, mas a tristeza pisca em seu rosto novamente.

— Temo que isso não aconteça — diz o médico, e volto minha atenção para ele. — O derrame deixou seu pai sem oxigênio por muito tempo.

— Sra. Palma chamou uma ambulância imediatamente, no entanto. E ela deu-lhe RCP[11].

— Sim, mas infelizmente, o dano que ele sofreu foi muito extenso. — Sua carranca se aprofunda. — Eu entrei em contato com o neurologista. Ele fará uma consulta final em breve, mas não acha que haverá qualquer melhora. Eu concordo.

Eles estão errados. Esses caras podem ter diplomas médicos, mas isso não significa que sua avaliação seja infalível.

— Então você não conhece meu pai, — eu atiro de volta e Phoenix se aproxima.

Com as feições apertadas, ele se levanta da cadeira. — Lennon, sinto muito, mas seu pai não vai sobreviver.

Isso não é verdade. — Sim, ele vai.

— Não. Ele não vai. O ventilador é o que o mantém vivo agora.

Então eu acho que ele vai ter que ficar em um respirador.

Ele dá um passo à frente. — Muitas pessoas na sua situação veem a doação de órgãos como uma forma de transformar a tragédia em algo bom. Quando estiver pronta, algumas pessoas do centro de doações gostariam de falar com você.

Doação de órgãos? *O quê?* Ele não está correndo demais? Não

fazem nem vinte e quatro horas.

— Eu não vou desistir dele.

O médico diz respeito a Phoenix. — Vou enviar um conselheiro de luto para a sala em breve. — Ele me dá um sorriso simpático enquanto se dirige para a porta. — Se houver mais alguma coisa que eu possa fazer ou qualquer coisa que você precise, por favor, avise a mim ou às enfermeiras.

*Preciso que faça seu trabalho e salve meu pai.*

O nó estranho no meu estômago se torna uma onda violenta de dor. É tão intenso que meus joelhos se dobram e tudo ao meu redor gira.

*Ele está morrendo*.

As lágrimas vêm de novo... só que desta vez são lamentos que sacodem meu corpo inteiro.

— Respire, — Phoenix sussurra e me leva um segundo para registrar que estou em seus braços.

Tento respirar além da agonia, mas não consigo. Está me jogando no chão, roubando cada grama de força que possuo.

Essa dor é diferente de qualquer outra que já experimentei.

Quanto mais eu soluço, mais apertado Phoenix me segura.

Eu não sei quanto tempo isso vai durar, mas eventualmente minhas lágrimas secam, deixando-me completamente esgotada.

Não me lembro de Phoenix sentado em uma cadeira ou me puxando para seu colo, mas ele está esfregando círculos suaves para cima e para baixo nas minhas costas e seus lábios estão pressionados contra minha testa.

— Onde está a Sra. Palma? — eu pergunto.

— Ela foi para casa para pegar uma muda de roupa para você, mas ela estará de volta em breve. Você quer que eu ligue para ela?

— Não, está tudo bem.

Assim que ela estiver aqui, terei que dizer as palavras em voz alta e

não estou pronta para isso.

Eu olho para ele. ─ Eu realmente aprecio você ter vindo, mas você deveria voltar para a Europa.

Ele está no meio de sua própria tempestade de merda agora e o último lugar que ele precisa estar é aqui comigo.

A emoção corta as linhas afiadas de seu rosto, e ele apalpa minha bochecha. ─ Eu não estou indo a lugar nenhum.

Eu quero discutir, mas não tenho energia para isso.

Deslizando de seu colo, eu manobro para o assento vazio ao lado dele.

O que sobrou do meu coração se despedaça enquanto olho para meu pai. Você pensaria que seria mais fácil, já que eu o perdi em pedaços nos últimos dois anos, mas não é... porque não consigo parar de pensar em tudo que vou perder.

As coisas que nunca vamos experimentar.

─ Ele nunca vai me ver casar ─ eu sufoco quando outra onda de dor me engole inteira.

Uma vez ele me disse que o dia do meu casamento seria o melhor e o pior dia de sua vida. Quando eu perguntei por que, ele disse que era porque ele estaria me entregando a alguém que me amará tanto quanto ele... mas também significava que ele estaria me perdendo.

Mas sou eu quem está perdendo ele.

Eu sinto outro fio solto do meu coração partido puxar com meu próximo pensamento.

─ Ele nunca vai conhecer seus netos.

Meu pai disse que eu nunca entenderia o quão profundo o amor poderia ser até que eu tivesse meus próprios filhos um dia.

Mas não preciso ter filhos para entender, porque meu amor por ele é mais profundo que um oceano.

Provavelmente é por isso que eu já chorei lágrimas suficientes para

encher um.

Isso não deveria acontecer.

Ele não deveria me abandonar assim.

— Estou sozinha agora.

A voz de Phoenix é rouca crua. — Não, você não está.

Eu estou, no entanto.

Meu pai costumava dizer que eu era seu mundo inteiro... mas ele também era meu mundo.

Agora meu mundo está frio e escuro.

Phoenix agarra meu queixo, inclinando meu rosto para que eu não tenha escolha a não ser olhar para ele.

Inclinando-se, ele fecha a distância entre nós, me beijando com tanta ternura que uma onda de calor me engole.

E então ele sussurra duas palavras contra meus lábios... duas palavras que fazem o universo parar antes de explodir em chamas.

— Case comigo.

# CAPÍTULO 75

## PHOENIX

— Não — exclama Lennon enquanto ela pula da cadeira. — Você é Insano.

Engraçado porque nunca me senti mais são.

Lennon é tudo para mim.

Eu sabia disso quando escrevi aquela primeira carta e sei ainda mais agora.

E enquanto eu não posso desfazer o que está acontecendo, eu posso dar isso a ela.

Prova de que ela não está sozinha. Que ela tem uma família.

Que mesmo que ela esteja perdendo o primeiro homem que a amou... ela ainda tem outro homem que a ama tanto quanto.

— Case comigo, — eu repito.

Seu olhar chocado voa para o meu. — Não. Pare de perguntar... — Ela faz uma careta. — *Pedir*.

Foda-se isso. Vou continuar pedindo até que ela concorde.

Ela dá vários passos para trás e eu dou vários para a frente. — Case comigo, Lennon.

Um suspiro de surpresa soa atrás de mim e eu não preciso me virar para saber que é a Sra. Palma.

Lennon lança um olhar de ódio para mim. — Você é louco. Nós nem estamos juntos.

A culpa é minha.

Às vezes você quer tanto uma coisa que vai desistir de tudo para conseguir, mas eu aprendi minha lição.

Eu sei o que é perdê-la e *nada* vale a pena.

Eu só preciso que ela perceba que vale a pena lutar pelo que temos.

— Você gostaria de passar o resto de sua vida comigo se eu não tivesse fodido tudo?

Eu não dou a mínima para o que ela *pensa* que teria acontecido entre nós. Eu quero saber o que a coisa dentro de seu peito sentiu.

O que ainda sente.

Ela recua novamente, só que desta vez sua coluna encontra a parede.

Eu fecho o espaço entre nossos corpos, prendendo-a. Se ela quiser fugir, ela vai ter que passar por mim, mas ela não vai conseguir porque eu nunca vou deixá-la ir.

— Sim — ela sussurra, evitando seu olhar. — Eu te disse, eu te amava...

— Você ainda me ama?

A pergunta é mais pesada que o ósmio, mas eu já sei a resposta.

Eu sinto isso. Essa garota está tão enterrada em minha alma que o melhor cirurgião do planeta não conseguiria eliminá-la.

E eu sei que é o mesmo para ela quando se trata de mim. Ela só está com medo de ter seu coração partido novamente.

Mas vou passar o resto da minha vida não apenas juntando as peças, mas tornando-a ainda mais forte.

Parecendo derrotada, seu lindo rosto se contorce. — Sim.

Eu planto minha mão na parede ao lado de sua cabeça. — Bom, porque eu amo você.

Seu olhar procura o meu. Eu sei que ela vê a verdade em meus olhos porque suas paredes caíram e ela finalmente está olhando.

Mas o amor por si só não é suficiente, ele precisa de algo mais – algo essencial – para prosperar e passar por todos os testes fodidos que a vida lança em um relacionamento.

— Você confia em mim?

Eu prendo minha respiração. Um minuto pode parecer uma eternidade quando você espera que a mulher que você ama decida se você é digno dela o suficiente.

E enquanto eu poderia ficar aqui, bater no meu peito e gritar que mesmo que eu vá irritá-la pelo menos uma vez por dia pelo resto de nossas vidas, eu nunca vou machucá-la novamente... ela realmente acredita nisso.

Que em seu coração ela sabe sem sombra de dúvida que se eu pudesse voltar no tempo, eu a escolheria.

Sua expiração afiada é minha única resposta por um tempo.

Então ela levanta o queixo. Seu olhar percorre cada centímetro do meu rosto antes de colidir com o meu. — Eu acredito agora.

Minha mão serpenteia ao redor de sua cintura e eu a beijo.

É honesto e vulnerável. Um pedido de desculpas pelos erros que cometi e uma promessa de que nunca destruirei o que ela me devolveu.

É um juramento. Um *voto*.

— Case comigo, — eu repito.

Desta vez, ela finalmente me dá o que eu quero.

— Ok.

Por mais que eu queira ficar aqui adorando a boca dela, não temos muito tempo.

Eu vi como ela ficou arrasada quando percebeu que seu pai não estaria lá para vê-la se casar, mas eu vou fazer isso acontecer.

— Eu volto já.

A confusão nubla sua expressão. — Onde você está indo?

— Encontrar um padre. — Eu me viro para a Sra. Palma, que ainda está parada na porta... fungando. — Eles têm um desses aqui, certo?

Ela enxuga os olhos com um lenço. — Sim, há capelães de hospital.

— Espere, — Lennon guincha. — Você quer fazer isso *agora*?

— Quero passar o resto da minha vida com você, Lennon. Quanto mais cedo começar, melhor.

Eu começo a sair, mas então me ocorre que estou perdendo um passo crucial.

Um que seria importante para Lennon e seu pai se as circunstâncias fossem diferentes.

Meu peito se contrai quando olho para ele.

Não poderei sentar-me de homem para homem e obter a sua benção para casar com a sua filha.

Inferno, ele provavelmente mandaria eu me foder, e eu não posso culpá-lo por isso.

Mas eu faço-lhe uma promessa de qualquer maneira.

Uma que eu nunca vou quebrar.

*Eu sempre vou cuidar dela*.

# CAPÍTULO 76

## PHOENIX

Aproximadamente dez segundos depois que o capelão nos declarou marido e mulher, o pai de Lennon faleceu.

Era quase como se ele soubesse que eu honraria minha promessa e ela estaria em boas mãos.

Consolar minha nova esposa enquanto ela se desfazia em meus braços no que normalmente seria o melhor dia da vida de alguém não foi fácil, mas há uma razão pela qual nos apegamos aos votos tradicionais que incluíam as palavras 'para melhor, para pior'.

Embora eu tenha feito um adendo ao meu. 'Amar e amar... e nunca mais roubar', o que confundiu a ministra e fez Lennon balançar a cabeça antes que o menor indício de um sorriso surgisse.

Isso foi há quatro dias.

Hoje... é o funeral.

Lennon tentou se recompor o melhor que pôde para planejar, mas quando chegou a hora de escolher os caixões, ela desmoronou completamente.

E ela não tem sido a mesma desde então.

Felizmente, a Sra. Palma e Skylar assumiram os arranjos.

Eu só fui a uma dessas coisas antes – no de Josh - mas o serviço foi bom.

A parte do enterro? Não muito.

Deveríamos sair do cemitério meia hora atrás, mas Lennon continua olhando para o caixão... enquanto todo mundo continua olhando para mim. Sem dúvida, imaginando o que diabos fazer, já que deveríamos ter

uma festa depois – ou *reunião,* de acordo com a Sra. Palma – em casa. O que é muito estúpido se você me perguntar por que diabos você daria uma festa para alguém que não pode comparecer?

— Eu já volto — eu sussurro.

Ela não diz uma palavra. Nem tenho certeza se ela sabe que estou aqui.

Olho para Skylar, que acena com a cabeça antes de se aproximar e se sentar ao lado de Lennon. Como minha publicitária, ela ainda está chateada, mas como minha amiga - e de Lennon - ela não tem sido nada além de apoio.

O que é muito mais do que posso dizer sobre Storm e Memphis.

A única razão pela qual eles estão aqui é por causa da minha esposa.

Eu não posso culpá-los, no entanto.

Não só joguei uma bomba que também poderia arruinar suas carreiras, eu cancelei o resto da turnê.

É por isso que *Chandler está* aqui.

— Precisamos conversar — diz ele enquanto eu faço meu caminho até o grupo de pessoas esperando por alguém para orientá-los.

— Eu não vou mudar de ideia, — eu resmungo antes de me aproximar da Sra. Palma, que está conversando com alguns dos convidados.

Ela educadamente se desculpa quando me vê.

— Eu não vou fazer Lennon ir até que ela esteja pronta, então acho que todos deveriam sair sem nós.

Ela olha para Lennon, que não se mexeu. — Sem problemas. Avisarei a todos que podem me seguir até a casa e manter o forte lá.

— Obrigado.

Ela toca meu ombro. — Você não precisa me agradecer.

Vovó se aproxima de mim depois que ela sai. — Como você está,

ervilha doce?

Meu rosto deve transmitir como me sinto, porque suas sobrancelhas franzem e suas mãos seguram minhas bochechas. ─ Um arco-íris sempre vem depois da tempestade.

Interessante analogia, dado que seu neto - meu melhor amigo - me odeia pra caralho.

─ Ele não vai ficar bravo com você para sempre, e nem Memphis. Irmãos brigam, mas no final do dia, você ainda é da família. ─ Seus olhos se enchem de tristeza quando ela olha para Lennon. ─ Agora, você precisa cuidar de sua esposa. Confie em mim, eles vão entender.

Eu não tenho tanta certeza sobre isso.

Ela me cutuca. ─ Vá em frente e fale com eles antes que eles saiam.

Prefiro enfiar uma chave de fenda enferrujada na minha jugular, mas ela me dá outra cutucada. Uma mais dura que chama a atenção de algumas pessoas que estão por perto. ─ Continue.

Eu não deixaria a mulher me agarrar pela orelha e me arrastar, então eu me poupo do problema – e do constrangimento – e vou até lá eu mesmo.

Como eu, eles estão vestidos com ternos Armani totalmente pretos. Os mesmos que usamos no funeral de Josh.

Enfio as mãos nos bolsos da calça. ─ Oi.

Empurrando os óculos de sol no nariz, Memphis considera Storm. ─ Você ouve alguma coisa?

─ Nah, ─ Storm resmunga. ─ A menos que você queira dizer o pedaço de merda traidor que costumava ser nosso colega de banda.

As palavras doem, mas pelo menos eu sei exatamente onde elas estão agora.

Eu desisti de tudo para ter a garota que eu amo de volta, e isso inclui eles.

— Obrigado por vir — murmuro antes de ir embora.

— Jesus fodido Cristo, — Memphis rosna. — *Isso é* tudo que você tem a nos dizer?

— Eu não sei por que você está surpreso, — Storm zomba. — Ele sempre foi um idiota egoísta.

Isso é verdade.

Virando-me, olho para ele. — Foda-se.

Uma mulher colocando flores em uma lápide na próxima fileira me lança um olhar de reprovação.

Memphis estreita os olhos. — Você já nos fodeu o suficiente, idiota.

— Sem lubrificante — acrescenta Storm.

Arrastando uma mão pelo meu rosto, eu expiro bruscamente. — Eu não quis dize...

— Besteira — intervém Storm. — Você sabe exatamente o que fez. Você sabe há *anos*.

Ele me pegou lá. — Eu deveria ter dito a você.

Memphis solta uma risada sem humor. — Ou talvez você pudesse simplesmente – eu não sei – *não ter* roubado nossa porra de música de sucesso.

— Da última vez que verifiquei, eles não fazem máquinas do tempo.

— Que pena — afirma Storm. — Talvez então eu deixasse você morrer em vez de tirar sua bunda daquele carro. — Ele me saúda com o dedo médio. — Mas ei, aproveite o resto de sua vida com sua nova esposa. Tenho que dizer, cara. Manipular a garota cuja música você roubou para se casar com você foi uma jogada genial. Tenho certeza de que Chandler e Vic estão emocionados.

Eu esperava sua raiva e hostilidade. É Storm, seria estranho se ele *não estivesse* tendo um ataque de cadela.

Mas desejar que ele me deixasse para morrer e pensar que me casei com Lennon como algum tipo de golpe de relações públicas é um

tipo especial de baixo.

Eu considerava esse idiota minha família. Meu irmão.

E ele sabe muito bem que eu amo Lennon porque três minutos antes de eu desmaiar naquela maldita ambulância, eu *disse a* ele.

— Você sabe que eu nunca faria isso com ela.

Os cantos de seus olhos se dobram quando ele me examina. — A única coisa que sei é que você é uma cobra. — Sua expressão fica dura. — Um canalha inútil, assim como seu pai.

A indignidade surge em mim... e então vem a raiva.

Ele me atingiu abaixo da cintura, não uma vez, mas *duas vezes* agora. Foda-se esse filho da puta.

Eu lanço meu punho em seu rosto.

Storm tropeça para trás em descrença. Então ele me dá um soco no estômago.

Eu tusso algumas vezes. Ser atingido no estômago é uma merda, mas essa merda está longe de terminar. — Você bate como uma cadela, *Reese*.

Ele odeia ser chamado por seu primeiro nome porque é de *seu* pai. O único que tem permissão para usá-lo sem encontrar a ira de Deus é vovó.

Storm estufa o peito como um pavão e rola os ombros para trás, como um boxeador se preparando para lutar.

*Pode vir.*

— Ainda bem que estamos em um cemitério porque você é um homem morto.

Eu aceno para ele me bater novamente. — E você é uma porra de um maricas.

— Melhor do que ser um mentiroso. Espero que Lennon leve você para a lavanderia antes de chutar sua bunda para o meio-fio.

A raiva incandescente surge mais uma vez e então eu perco a

cabeça... e ele também.

Rosnando xingamentos e lançando socos para a esquerda e para a direita, nós esmurramos um ao outro.

A comoção ressoa atrás de mim, e algumas pessoas suspiram. Um deles sendo Skylar e o outro vovó.

— Eu disse para você falar com eles, não começar uma briga. Qual é o problema com vocês meninos? — Ela nos bate com a bolsa. — Pare de atacar uns aos outros. Este é um *funeral,* pelo amor de Deus.

Está prestes a ser do Storm.

— Eu não tenho certeza em qual investir dinheiro, — Quinn exclama. — Storm é maior, mas meu irmão é mais desorganizado.

— Nada para ver aqui, pessoal — diz Memphis aos espectadores horrorizados. — Apenas uma pequena discussão em família.

Memphis tenta ficar no meio de nós, mas acabamos derrubando-o conosco enquanto nossa briga se move para o chão.

— Foda-se — ele resmunga, ajoelhando-se ao nosso lado. — Vou dar a vocês idiotas mais um minuto para tirar essa merda de seus sistemas e então *vou* começar a dar socos.

Meu ex-melhor amigo é um grande idiota, então ele leva vantagem e sobe em cima de mim. — Por que você não me contou a verdade?

Eu mergulho dois dedos em seus olhos. Quando suas mãos voam, eu aproveito a oportunidade para jogá-lo no chão. — Eu queria, mas não sabia como.

Piscando, ele tenta me tirar de cima dele, mas está mais fraco do que antes. — Com a porra da sua boca, seu idiota.

Eu soco ele de novo, mas não tem muita força por trás disso porque estou perdendo força também. — E *é* exatamente por isso que eu não fiz, seu vibrador enorme.

Agarrando a gola da minha camisa, ele leva vantagem mais uma vez. — Que porra você está falando, seu cuzão?

Eu lhe dou a verdade porque sou homem o suficiente para admitir isso agora. ─ Tentei escrever uma música por anos, mas não *consegui*… porque sou um idiota. ─ A vergonha passa por mim enquanto continuo. ─ Só tivemos uma chance com Vic. Nosso sonho estava bem ali. Eu não queria estragar tudo.

Rolando de cima de mim, ele recupera o fôlego.

Olho para as nuvens cinzentas. Vai chover a qualquer segundo.

─ Você não é um idiota ─ diz ele depois de alguns momentos.

Posso ser bom em algumas coisas, mas não sei ler, escrever ou soletrar bem porque meu cérebro não funciona da maneira que deveria funcionar.

Eu odeio isso. Mas ainda não é desculpa.

─ O que eu fiz com Lennon - e com vocês - está além de fodido. Eu gostaria de poder voltar no tempo. ─ Inclinando minha cabeça, olho para Storm e Memphis, que estão em lados opostos de mim. ─ Lamento que vocês dois tenham sido pegos no fogo cruzado da minha bagunça. Vocês são minha família e eu não apenas roubei e menti, eu arruinei tudo pelo que vocês trabalharam.

Fechando os olhos, respiro fundo. Não sei o que o futuro reserva, mas não há mais um peso esmagador no meu peito.

A verdade ─ a coisa horrível que fiz ─ está fora.

Mas minha liberdade recém-descoberta tem um preço alto. Esses caras.

Storm ri, me pegando desprevenido. ─ Você me chamou de *vibrador?*

Meus lábios se contraem. Acho que sim. ─ Você me chamou de *cuzão.*

─ Ele aprendeu isso comigo. ─ Quinn chama em algum lugar à distância.

Memphis bufa. ─ Acho que Phoenix não é o único que rouba.

— Sim. Eu roubei um insulto; Phoenix roubou uma música... — A língua de Storm encontra sua bochecha. — E *você* roubou a garota do seu irmão.

— Irmão adotivo — Memphis murmura baixinho. — E ela nunca foi minha garota.

Storm e eu trocamos um olhar. *Merda*.

Suspirando, Memphis sai do chão. — O que acontece agora?

Storm é o próximo a ficar de pé. — Não sei. — Seu olhar oscila em minha direção enquanto eu me levanto. — Isso depende desse cuzão.

Meu foco se desvia para Lennon, que não moveu um músculo. Ela nem veio aqui durante a briga, o que só confirma ainda mais que sua cabeça está em um lugar ruim agora.

Ela sempre esteve lá para mim. É hora de eu cuidar dela.

— Eu não sei — eu digo a eles com sinceridade. — Eu preciso estar com Lennon.

Eu não dou a mínima para mais nada.

O olhar de Memphis se fixa em Skylar, que está falando com Quinn e Vovó. — Acho que todos nós poderíamos usar uma pausa.

Agarrando a parte de trás de seu pescoço, Storm solta um suspiro. — Concordo. Estou ansioso para chutar de volta, fumar alguns cigarros, ter meu pau chupado e relaxar.

Perguntei a Lennon se ela queria ir à minha casa na Califórnia alguns dias atrás, e o olhar mortal que ela me deu foi a minha resposta.

Ela não está pronta para sair e eu não vou obrigá-la.

— Bem, você terá a casa inteira para você agora. Enlouqueça. — Eu aponto um dedo em seu rosto. — Não foda na minha cama.

Eu não perguntei a Lennon, por causa de seu luto e tal, mas eu não prevejo que ela tenha um problema com Quinn ficando conosco. Na verdade, acho que será uma coisa boa, pois sei o quanto ela a adora.

Como se fosse uma deixa, Quinn se aproxima.

— Este tempo está uma droga — ela lamenta quando o céu se abre e começa a chuviscar.

— Não se preocupe — eu asseguro a ela. — A chuva na Flórida é como o vento em Chicago. Você vai se acostumar com isso. Além disso, nunca dura muito.

Ela me dá um sorriso que não alcança seus olhos. — Sim.

— Qual é o problema?

Ela desvia o olhar. — Nada... é só... — Ela balança a cabeça. — Esquece.

— Quinn...

— Há uma aula *incrível* ministrada por um prestigiado treinador de atuação que eu realmente quero me inscrever, mas é em Los Angeles, então não posso participar se for para a Flórida...

— Você vai ficar comigo.

Ela é minha responsabilidade, o que significa que ela vai aonde eu for.

— Por favor, Phoenix. Juro que nunca mais pedirei nada a você.

— Não. — Droga. Agora seu lábio inferior está tremendo. — Desculpe, mas você ainda é uma criança. Não vou deixar você ficar em uma casa do outro lado do país sem supervisão de um adulto.

— Eu *não sou* uma criança. Farei dezesseis em nove dias. Caramba, na Idade Média, garotas da minha idade já eram casadas e tinham bebês. — Ela cruza os braços. — E eu terei *supervisão de um adulto* porque Storm estará lá.

Storm bufa. — Não para tomar conta de você.

Batendo os cílios, ela se vira para encará-lo. — Por favor, Storm. *Por favor*. Se você disser sim, Phoenix também o fará, porque ele confia em você. Eu juro que não vou incomodá-lo. Eu só... eu quero tanto *isso*. É o meu sonho.

— Não vai acontecer — diz Storm.

Quinn esvazia. — Mas eu preciso disso. Estou literalmente te implorando. — Seu olhar faz pingue-pongue entre nós. — Como vocês se sentem sobre a música é como eu me sinto sobre atuar. É tudo para mim. É a única razão pela qual ainda estou viva.

*Merda*. Nossas personalidades são muito diferentes, mas essa vontade de perseguir os sonhos dela - porque eles te salvaram quando toda a merda quase te matou - é claramente algo que nós dois compartilhamos.

Eu não quero tirar isso dela.

Tirei o de Lennon e nunca vou me perdoar por isso.

Storm e eu trocamos um olhar e eu sei que ele está prestes a ceder.

Eu também estou.

— Não espere que eu cozinhe para você ou pegue depois de sua merda — grunhe Storm.

— E é melhor você tirar notas C na escola, — eu acrescento. — Eu não me importo que você esteja fazendo isso online. Não é desculpa.

Quinn pisca. — Mas eu tiro notas A na escola.

Certo. *Ela é* a irmã inteligente.

— Então é melhor eu não ver nenhum C. A primeira vez que eu fizer isso, sua bunda estará no primeiro avião de volta para a Flórida.

Seu rosto se ilumina. — Isso significa que posso ficar em LA?

— Eu acho.

Quinn solta um grito alto o suficiente para acordar o cemitério antes de jogar seus braços em volta de mim. — Você é o melhor irmão mais velho do mundo inteiro. Muito obrigada.

Tecnicamente, ela deveria estar agradecendo a Storm. Além de Lennon, ele é o único em quem confio para cuidar dela quando não estou por perto.

É quando me ocorre. — Como você está pagando por essas aulas de atuação de *prestígio?*

Em outras palavras, quanto isso vai me custar?

— Com o dinheiro que você me deu por ser sua assistente pessoal na semana passada. Será suficiente para cinco aulas.

Pelo menos ela não está gastando com implantes.

Mas foda-se, *mil* dólares por aula? É melhor ela ganhar um Oscar um dia.

Soltando outro grito, ela corre para Skylar e Vovó. — Funcionou. Phoenix vai me deixar ficar.

Memphis, que está ocupado em seu telefone, franze a testa. — Eu tenho que voltar para LA. Gwen tem uma consulta médica amanhã, mas ela me quer em casa hoje à noite.

Storm faz o som de um chicote estalando.

— Mudar para a mansão Barclay, hein? Isso vai ser... interessante.

E por interessante? Quero dizer, horrível.

Ao contrário de sua mãe, Memphis valoriza sua privacidade e vive um estilo de vida modesto. Ficar com uma estrela de reality show que vive para o drama e adora ter câmeras em seu rosto 24 horas é seu pior pesadelo.

Sua falta de resposta diz mais do que qualquer palavra pode.

— Quando você vai pedi-la em casamento? — Storm pergunta com um sorriso.

Esquivando-se da pergunta, ele bate a mão nas minhas costas. — Diga a Lennon que sinto muito...

O som de pessoas discutindo nos faz girar.

— Deixe-me em paz — grita Lennon antes de dar um tapa no rosto de Chandler.

Eu não sei o que esse filho da puta fez para aborrecê-la, mas o que quer que tenha sido, será a última coisa que ele fará.

Memphis e Storm pegam meus braços um segundo antes de eu esmurrá-lo no chão. — Que porra você fez?

Ele esfrega sua bochecha vermelha brilhante. ─ Eu simplesmente tentei conversar com sua *esposa* e perguntei se ela estaria disposta a dar uma entrevista.

─ Entrevista para quê? ─ Perguntas Skylar.

─ Para esclarecer as coisas... ─ Ele acena com a mão na minha direção. ─ Estou tentando salvar a banda. Algo em que sua pessoa de relações públicas deveria se concentrar em vez de planejar funerais.

Ele tem sorte de eu estar sendo contido porque quero quebrar seu maldito pescoço como um galho de merda.

─ Não há nada para esclarecer, e Lennon não está fazendo nenhuma entrevista em meu nome.

O fato de ele ter perguntado a Lennon, muito menos no *funeral do pai dela,* me faz querer esmagar seu crânio.

Não é à toa que ela deu um tapa nele.

Skylar parece igualmente agitada. ─ Eu disse que estava lidando com isso.

─ Não, você não está, ─ Chandler resmunga. ─ Ser um colírio para os olhos de Josh não vai mais funcionar. Você tem um trabalho real a fazer.

Memphis dá um passo para trás, me liberando. Storm segue o exemplo.

Chandler levanta a mão. ─ Antes que vocês três me batam até virar uma polpa sangrenta, me ouçam. Eu posso parecer o cara mau, mas é só porque eu dou a mínima. Se você dirigir esta banda para o chão, é isso. Você só tem uma chance no topo e a queda é brutal. ─ Seus ombros caem. ─ Individualmente, vocês três são excepcionalmente talentosos, mas vocês três juntos? Você sopra qualquer outra banda para fora da água. Não fodam isso.

Eu entendo o que ele está dizendo, mas Lennon é mais importante que a música.

— Estaremos dando um tempo.

— Por quanto tempo?

Eu dou de ombros. — Até novo aviso.

Encarando-o, dou um passo mais perto. — Não assedie minha esposa novamente. Porque eles não serão capazes de me segurar na próxima vez.

É o seu único aviso.

Frustrado, ele passa a mão pelo cabelo. — Você está cometendo um erro.

Não. Meu erro foi perder Lennon.

— Phoenix está tirando um tempo para sua saúde mental — diz Skylar. — Essa é a declaração que estamos divulgando.

Funciona para mim.

No entanto, está claro que Chandler não gosta nem um pouco disso. — E o casamento dele com Lennon? Você precisa contar à imprensa.

Skylar balança a cabeça. — Não. Ainda não.

Chandler faz uma careta. — O que você quer dizer com *não?* Esse é o único ângulo que temos...

— Meu casamento não é um *ângulo* — eu interrompo.

— Eu vim com uma abordagem melhor. — Skylar endireita a coluna. — Vamos tirar o calor de Phoenix desviando a atenção de todos para outra pessoa.

As sobrancelhas de Chandler se erguem para o céu. — Quem?

Seu olhar pousa no cara parado ao meu lado. — Memphis e Gwyneth. — Ela volta sua atenção para Chandler. — Vou planejar a proposta na viagem de avião para casa e, em seguida, marcaremos uma reunião com o publicitário do Barclay's e faremos a bola rolar. Enquanto Memphis e Gwen estiverem no centro do palco, isso manterá a banda relevante e nos dará algum tempo. Pelo menos por um tempo.

Acenando em aprovação, Chandler acaricia seu queixo. — Eu gosto

disso.

Claro que sim.

— Você deve começar imediatamente — afirma Chandler. — Não podemos perder mais tempo. — Ele olha ao redor. — O jato está abastecido e pronto para partir, então quem quiser voltar para a Califórnia esta noite é melhor colocar suas bundas no carro.

Depois de se despedirem, eles vão embora.

E então somos apenas eu e minha esposa... que voltamos a olhar para o caixão de seu pai.

Os coveiros que permanecem por perto trocam olhares inquietos. Eles precisam começar, mas está claro que preferem não ter um membro da família observando-os.

Caminhando de volta, me sento ao lado de Lennon. Há uma razão pela qual eles não querem que as pessoas fiquem por aqui nesta parte.

— Nós devemos ir.

Ela mantém o olhar fixo no caixão. — Não.

Porra. Eu não acho que ela estar aqui seja uma boa ideia, mas o que ela quiser, eu vou concordar.

— Então vamos ficar.

Só que, no momento em que eles começam a baixar o caixão no chão, Lennon começa a chorar.

Os trabalhadores se entreolham, depois para mim... esperando que eu assuma o controle da situação.

Mas estou perdido porque nunca estive nessa posição antes.

Quando Josh morreu, fiquei bêbado antes do funeral e drogado logo depois.

E então eu fiquei bêbado por uma semana até que Storm finalmente me encontrou festejando em algum quarto de hotel que eu não me lembro de ter entrado.

Mas Josh era meu amigo, e embora eu o tolerasse mais do que a

maioria – principalmente porque ele me alimentava com drogas e apoiava minha espiral descendente – ele não era uma boa pessoa ou um bom amigo para mim.

Minha dor por ele era baseada em minha própria culpa.

É completamente diferente para Lennon, no entanto. Seu pai foi um ótimo pai, e sua dor é tão intensa porque ela o amava muito.

Meus olhos caem para a lápide ao lado de sua futura sepultura. O nome *Kate* está rabiscado nele. Junto com as palavras amada esposa e mãe.

*Porque ele era tudo para ela*.

Pela primeira vez, encontro-me na posição de não saber o que Lennon precisa. Eu não quero pressioná-la porque isso seria egoísta e cruel. Mas também não quero dar muito espaço a ela porque não quero que ela se sinta sozinha.

Este é o processo dela. Só estou aqui para oferecer apoio enquanto ela passa por isso.

— Vocês podem continuar, — digo aos trabalhadores, apesar dos soluços de Lennon.

Puxando-a em meus braços, faço a única coisa que posso pensar.

Começo a cantar “Let It Be” dos Beatles.

E eu não paro.

Não até depois que o caixão de seu pai foi baixado no chão, seu túmulo foi preenchido com a terra, os trabalhadores foram embora...

E Lennon decide que finalmente é hora de ir.

# CAPÍTULO 77

## PHOENIX

A frustração sobe pela minha garganta quando vejo a bandeja de comida não consumida na mesa de cabeceira.

Eu trouxe o almoço de Lennon há duas horas e, assim como o café da manhã, ela não tocou.

Já se passaram três semanas desde que o pai dela morreu e, embora eu não esperasse que ela superasse isso, pensei que ela estaria melhor agora.

A Sra. Palma – que eu tenho certeza que foi uma santa de boa-fé em outra vida – tentou convencê-la a procurar aconselhamento, mas Lennon não quer.

A única coisa que ela quer é seu pai.

Que é a única coisa que não posso dar a ela.

— Você tem que comer alguma coisa.

Rolando na cama, ela se esconde debaixo das cobertas, me ignorando.

Eu me jogo no colchão. O pouco que consigo forçar a alimentá-la diariamente dificilmente é sustentável para a vida e as calças de moletom em que ela vive estão ficando mais folgadas.

Embora eu ame minha esposa pelo que está por dentro, também sou altamente atraído por ela. Lennon perder suas curvas não é algo que eu goste.

— Pegue algo desta bandeja. Ou então por Deus, eu vou amarrá-la a uma cadeira e fazer você terminar até a última migalha.

Estou pensando em implorar neste momento - o que é algo que

nunca faço - quando sua mão sai de debaixo das cobertas.

A cabeça enterrada sob os cobertores, a mão cegamente enrosca na bandeja. Ignorando o sanduíche e a banana, ela se acomoda na barra de granola.

Respiro aliviado porque estamos progredindo. ─ Obrigado.

Estou a meio caminho da porta quando algo atinge a parte de trás da minha cabeça.

Nem preciso olhar para saber que era a barra de granola.

Meus lábios se contorcem porque se Lennon está me agredindo, isso significa que ela ainda está lá em algum lugar.

Eu só preciso aguentar isso um pouco mais.



Apertando o botão do viva-voz, coloco o telefone no balcão para que eu possa terminar de carregar a máquina de lavar louça... algo que não faço há anos.

─ Como está Quinn? ─ Eu pergunto quando Storm atende.

Falo com a minha irmã regularmente, mas ela diz que está tudo fantástico e que não há problemas.

Eu quero o relatório sem censura e sei que Storm vai me dar.

─ Quinn está bem, ─ ele resmunga. ─ Eu, por outro lado? Não muito.

─ O que está errado?

─ Nada, tudo bem. Mas sua irmã é um maldito punhado, cara.

Eu endureço. ─ Ela está se metendo em problemas?

─ Não. É que... eu preciso de uma pausa. Ela está me irritando pra caralho.

Eu tinha a sensação de que isso iria acontecer. Esses dois são como óleo e água. Francamente, estou surpreso que o arranjo tenha

durado tanto.

— Eu vou reservar um voo...

— Não é necessário — ele interrompe. — Chamei reforços.

Eu fecho a lava-louças. — Reforços?

— Vovó — ele me diz com uma risada. — O avião dela vai pousar em uma hora e ela vai ficar aqui por uma semana gloriosa. O que significa que finalmente terei algum tempo para... você sabe.

— Foder?

— Exatamente. — Ele suspira. — Ter um filho por perto o tempo todo realmente mexe com a vida sexual de um homem.

Assim como o luto.

Não que eu esteja esperando que Lennon cuide das minhas necessidades. Eu simplesmente odeio como passamos de foder como animais duas vezes por dia para... merda.

A menos que você conte todas as punhetas que eu tenho feito no chuveiro.

Como se estivesse lendo minha mente, Storm diz: — Como está Lennon?

— Ela está bem.

— Fora da cama bem? Ou…

— Jogar uma barra de granola na minha cabeça, esse 'está bem' porque ela não quer comer.

— Ah — diz ele. — Então, *ainda não está* tudo bem.

Esfregando uma mão pelo meu rosto, eu me sento à mesa.

A mesma mesa em que seu pai estava sentado quando sofreu o derrame. Não é de admirar que Lennon não tenha pisado na cozinha.

— Ela precisa sair de casa.

— Sim — ele concorda. — Um pouco de ar fresco seria bom para ela.

— Quero dizer permanentemente. Como diabos ela deve seguir em frente quando está presa no lugar onde tudo é uma lembrança dele?

É como jogar sal em uma ferida que nunca vai cicatrizar.

Ele suga uma respiração. — Não é uma má ideia. Só há um problema.

— O que?

— Se ela está jogando barras de granola na sua cabeça e se recusando a sair da cama, como diabos você vai fazer ela sair de casa?

Eu não faço a menor ideia.

# CAPÍTULO 78

## PHOENIX

Quatro dias depois, estou chamando alguns reforços meus.

Skylar.

A Sra. Palma é ótima, mas Skylar sabe exatamente o que Lennon está passando porque ela mesma passou por isso recentemente quando perdeu Josh.

Também espero que ela consiga convencer Lennon a se mudar para a Califórnia, porque quando *abordei* o assunto, Lennon me trancou pelo lado de fora do quarto por 24 horas.

— Você sabe o que fazer, certo?

Skylar acena. — Vou tentar o meu melhor para completar a missão, mas não dou garantias.

— Diga a ela que podemos comprar uma casa nova. — Esfrego o nó de tensão que se forma no meu pescoço. — Eu vou fazer e dar a ela o que ela quiser.

Eu só preciso tirá-la *daqui*.

— Entendi.

Endireitando os ombros, ela sobe a escada, e eu ligo para Storm.

Ele atende no terceiro toque, parecendo sem fôlego. — Emergência?

O som de uma garota gemendo ao fundo enche meus ouvidos. É quando eu lembro que ele está fodendo por Los Angeles porque vovó ainda está na cidade por mais alguns dias.

— Não.

Depois de desligar com ele, ligo para Memphis.

Ao contrário de Storm, ele parece... entediado.

— Ei — ele fala arrastado. — Eu estava prestes a ligar para você.

— Por quê? E aí?

— Nada. — Ele faz um barulho irritado na garganta. — Além de evitar a equipe de filmagem porque eles estão filmando hoje.

Eu sufoco uma risada. Queria ser uma mosca na parede da mansão Barclay agora.

Como se fosse uma deixa, ele retruca: — Tire essa coisa da minha cara. Eu disse para você não me filmar.

— Acalme-se, querido, — Gwyneth choraminga ao fundo. — Será apenas por um minuto.

Há um estrondo alto.

— Ele acabou de quebrar minha câmera! — algum cara grita.

— Você tem sorte que não era a porra do seu rosto — Memphis berra antes de uma porta se fechar. — Desculpe por isso, cara. Voltei.

Eu sorrio. — Como está a vida de noivado?

Duas semanas atrás, ele fez o pedido e, assim como Skylar disse, tirou um pouco do calor de mim. Eu devo a ele.

Ele bufa. — Como está a vida de recém-casados?

Touché, filho da puta.

— Estou tentando convencer Lennon a se mudar para a Califórnia. Ou melhor, Skylar está.

— Não deve ser um problema. — Eu o ouço acender um cigarro. — Sky é boa em conseguir o que quer das pessoas.

Eu não perco a borda venenosa em seu tom.

Abrindo a porta dos fundos para o pátio, acendo meu próprio cigarro. — Vocês dois já estão se falando?

— Só quando necessário. — A borda em sua voz se intensifica. — Ela está falando muito com *Chandler*, no entanto.

Nenhuma surpresa.

Memphis não me parece estúpido. Longe disso, dado o jeito que ele

tende a sentar e observar merda, mas talvez ele não perceba o que eu faço.

— Chandler quer Skylar.

— Sim, sem merda.

Ele fica em silêncio por alguns segundos... e então.

— Eu não dou a mínima — ele late, o que significa que ele definitivamente dá. — Tenho um bebê a caminho e estou noivo. Deixe que ela seja o problema de outra pessoa, para variar.

— Certo.

— Vic me ligou outro dia, — ele afirma, mudando de assunto.

Os pelos da minha nuca se arrepiam. — O que ele disse?

— Não muito. Além de me lembrar que temos um contrato para um mínimo de cinco álbuns e se não cumprirmos... ele vai processar.

Merda. Eu sabia que ele forçaria sua mão mais cedo ou mais tarde.

Embora eu esperasse que fosse mais tarde, já que é apenas meados de setembro.

Nós ainda estaríamos na Europa se eu não cancelasse a turnê, então não sei por que o idiota já está tentando nos esmagar.

Eu dou uma longa tragada no meu cigarro. — O próximo álbum está programado para sair até janeiro.

As músicas já foram escolhidas, então levaríamos apenas algumas semanas para gravar.

— Eu sei. — Ele solta um suspiro. — Olha, Storm não queria te contar isso por causa de tudo que você está lidando, mas acho que você deveria saber…

— Sabe o que? — Eu exorto quando sua voz desaparece.

— Vic disse que vai encontrar um cara para substituí-lo, se necessário.

*Substituir- me*? Que porra?

— Eu gostaria de vê-lo tentar.

— Isso é o que eu disse a ele, mas aparentemente ele tem alguém em mente. Algum garoto novo que ele viu se apresentar algumas semanas atrás. Disse que ele tem uma voz fenomenal.

É o que ele disse sobre *mim* há quatro anos.

Chandler me avisou que isso aconteceria se eu não jogasse minhas cartas direito.

Eu posso ser raro... mas não insuperável.

Em algum lugar do mundo, há outro cara com um rosto bonito e uma ótima voz.

Alguém que desistiria de qualquer coisa para tomar o meu lugar.

Mas *meu* lugar é com Lennon.

Eu escolhi a música sobre ela – sobre tudo – por anos. Não há como eu voltar a viver meus sonhos quando não consigo nem mesmo tirá-la da cama.

A música incendeia minha alma, mas ela faz meu coração bater.

Mas não posso ter os dois.

E desta vez estou fazendo a escolha certa. *Ela*.

— Você deveria marcar com Vic uma reunião. Veja se é um bom ajuste.

Memphis diz alguma coisa, mas não registro o quê porque desligo a ligação.

Encontro Skylar de pé na cozinha quando volto para dentro. — Isso foi rápido. Como foi?

Evitando seu olhar, ela morde o lábio inferior entre os dentes. — Ela quer uma anulação.

As palavras me atingem como um trem de carga e meu peito fica tão apertado que dói fisicamente. — O que?

— Sinto muito, Phoenix. Mas ela parecia realmente inflexível. Ela perguntou se eu poderia entrar em contato com um advogado e preparar a papelada até o final da semana.

Foda-se isso. ─ Não.

Skylar abre a boca, mas então seu telefone toca.

─ Desculpe, eu tenho que atender isso ─ diz ela antes de responder. ─ Acalme-se, Chandler. O que está errado? ─ Ela aperta a ponte do nariz. ─ Eu não sei por que eles continuam tentando forçá-lo. Ele deixou perfeitamente claro que não quer estar na câmera. Sim, eu sei. ─ Olhando para o teto, ela suspira. ─ Estou saindo da casa de Phoenix agora. Vou ao Barclay's assim que voltar para Los Angeles e ver se consigo resolver alguma coisa.

Depois de desligar, ela olha para mim. ─ Eu tenho que ir.

─ Nós não estamos anulando nada.

Assentindo, ela aperta meu ombro.

No momento em que ela sai pela porta, eu corro escada acima.

Eu esperava que Lennon ainda estivesse na cama, mas eu a encontro saindo do banheiro. Seu cabelo está molhado e há uma toalha enrolada em seu corpo, então ela deve estar se sentindo melhor.

O que torna essa besteira de anulação ainda mais desconcertante.

─ Nós não estamos anulando o casamento.

Evitando-me, ela se dirige para o quarto. ─ Skylar me disse que você me daria qualquer coisa que eu quisesse. *É isso* que eu quero.

Seu tom é frio, distante... indiferente.

Eu a sigo até o quarto. ─ Eu pensei que você me amava.

Só então vejo a evidência disso em seu rosto. ─ Eu amo.

Eu não entendo. ─ Então qual é o problema?

Fazendo um barulho de desgosto, ela caminha até sua cômoda e tira algumas roupas.

─ Responda a pergunta, Groupie, ─ eu rosno depois que um minuto se passa. ─ Se você me ama, então por que diabos...

─ Porque *você* arrastou minha amiga aqui para tentar me convencer a deixar minha casa para que eu possa ser puxada de volta para sua

atmosfera novamente. ─ Ela puxa um novo par de calças de moletom. ─ Eu te disse outro dia que não queria, mas como sempre, você tem que continuar pressionando até conseguir o que quer. Assim como você me empurrou para a Europa quando eu queria vir para casa e ver meu pai.

Eu recuo com a força do golpe.

Achei que ela percebeu que fazê-la ir para a Europa era apenas para que eu pudesse fazer a coisa certa e dar a ela o que ela merece.

Não fazia ideia que o pai dela ia morrer.

A culpa – minha velha companheira - eleva sua cabeça feia. Junto com a vergonha.

Se eu não estragasse tudo para começar, eu não teria que consertar as coisas... e ela teria mais tempo com seu pai.

─ Eu sinto muito.

Parece que a única coisa que dou a essa garota é mágoa.

─ Eu não culpo você. ─ Uma carranca torce suas feições. ─ Eu *me* culpo, porque nunca posso dizer não para você. ─ Ela puxa uma camiseta pela cabeça e volta para a cama. ─ Mas estou dizendo desta vez, porque não vou sair de casa. Não posso.

─ Então não vamos.

Vou ficar na atmosfera dela. Problema resolvido.

Só que ela retruca: ─ É exatamente por isso que quero a anulação.

E nós voltamos para o começo. Ela querendo acabar com isso e eu não entendendo o porquê.

─ Acabei de dizer que podemos ficar.

─ Mas não é o que você quer, ─ ela grita, se levantando. ─ E por que você faria isso? Você é uma estrela do rock, Phoenix. A música não é o que você faz, é quem você *é*. Não vou deixar você jogar sua vida fora só para me ver sofrer pelo resto da minha. Não é justo com você.

Ela não entende. Depois de tudo, ela *ainda* não entendeu.

─ Você é o que eu quero, Lennon. Eu amo a música, mas eu te amo

mais.

Ela enxuga a lágrima que escorre pelo seu rosto. — E eu te amo. Tanto que me recuso a deixar você desistir do seu sonho por mim.

Rodando e rodando nós vamos. Quanto mais eu tento me segurar, mais ela me afasta.

— Foda-se.

Sua cabeça se levanta. — Eu nunca mais serei a mesma, Phoenix. Esta dor. Essa maldita *agonia* que se alojou em minha alma... nunca irá embora. — Seus olhos se enchem de mais lágrimas. — Estou tentando salvá-lo de uma vida inteira de miséria. Você não entende isso?

Eu agarro o rosto dela. — Você não *entende* que não somos algo que você pode jogar fora ou acabar? Eu não me importo se você ficar nessa porra de cama pelo resto de sua vida e chorar todos os malditos dias. Eu não estou deixando você.

Porque eu prefiro ser infeliz com ela do que feliz com qualquer outra pessoa.

# CAPÍTULO 79

## PHOENIX

Achei que tinha tido um avanço, mas dois dias depois Lennon ainda está deitada na cama e mal comendo.

Segundo a Sra. Palma, é assim que funciona o luto. Ele vem em etapas e ondas e não segue um padrão definido.

Um segundo você poderia estar sorrindo e no próximo? A dor ataca e você está de volta à estaca zero.

O problema é que não consigo tirar minha esposa da *estaca zero*.

Não vejo o sorriso de Lennon há mais de um mês. Estou começando a pensar que talvez nunca mais o veja.

A Sra. Palma me disse que eu deveria dar a ela algum espaço, e não do tipo que envolve eu fechar a porta do quarto e descer as escadas.

O tipo que envolve eu sair de casa por algumas horas. Dessa forma, Lennon não tem escolha a não ser cuidar de si mesma.

Não gostei da ideia, mas estou ficando sem opções. E coisas para fazer porque não há nada interessante nesta cidade de merda.

Encontro-me em uma lanchonete comendo um hambúrguer sem graça no jantar e conversando com Storm no telefone.

— Você o conheceu?

Meu *substituto*.

— Não. A reunião é só no próximo mês.

— Por que tão demorado?

— Estamos dando tempo para você mudar de ideia.

Eu dou uma mordida no meu hambúrguer. Quando engulo, parece

serragem caindo. ─ Eu não vou.

─ Você está...

─ Como está Quinn? ─ Eu pergunto, mudando o tópico da discussão para algo que não me faça querer me jogar da ponte mais próxima.

─ Ela está bem. Mal-humorada pra caralho, mas tudo bem.

─ Ela é uma adolescente. Vem com o território.

Merda, temos vinte e três anos e ainda somos mal-humorados.

─ É verdade, mas isso não é uma típica besteira de angústia adolescente. Ela parece brava comigo por causa de alguma coisa.

Nenhuma surpresa. Storm não é a pessoa mais fácil de se conviver.

Mas Quinn não é do tipo que deixa nada derrubá-la por muito tempo. ─ Tenho certeza que ela vai ficar bem em alguns dias. Apenas vá com calma com ela. Ela é…

─ Louca? ─ Storm interrompe. ─ Dramática? Irritante como o inferno?

─ Sensível.

Ele faz um som de resmungo. ─ Sim - oh, ei, Delinquente. Phoenix está ao telefone. Quer dizer oi?

Um momento depois, a voz de Quinn vem na linha. Embora não haja ânimo nela como de costume. ─ Oi.

─ O que está errado?

─ Tudo bem se eu ficar com Skylar por alguns dias?

Não tenho nenhum problema com isso, mas quero saber por que ela sente a necessidade repentina de fugir do local. Dado que ela tem um histórico de ser uma fugitiva, não é um bom sinal. ─ O que aconteceu?

─ Nada ─ ela sussurra. ─ Eu só... eu realmente quero ver Skylar.

─ Ok. ─ Eu tomo um gole da minha água. ─ Você pode ficar com Skylar por alguns dias. Mas depois acho que você deveria vir para Hillcrest.

— Não. Estou bem. Eu juro, — ela diz, embora eu ouça sua voz falhando.

— Quinn...

— Estou menstruada — ela deixa escapar. — E eu preciso ir à loja para comprar tampões, mas não quero pedir a Storm para me levar porque ele fica estranho com essas coisas.

Que faz de nós dois. No entanto, isso eu posso lidar.

— Aguente firme. Vou resolver.

Depois de desligar a ligação, abro meu aplicativo de fala em texto e peço dez caixas de absorventes internos e dez barras de chocolate para serem entregues em minha casa nos próximos trinta minutos. Acho que isso deve ser o suficiente para segurá-la por um tempo.

É bom ser realmente capaz de resolver um problema por uma maldita mudança.

— Existe mais alguma coisa que eu possa conseguir para você? — a garçonete pergunta.

Sim. *Minha esposa.*

Porque eu realmente sinto falta dela.



Estou agradavelmente surpreso ao encontrar Lennon vestida com algo diferente de calça de moletom e parada na cozinha quando chego em casa.

Talvez a Sra. Palma estivesse certa, e dar-lhe algum espaço era o que ela precisava.

— Ei.

Meu sorriso cai quando vejo a garrafa de bebida em sua mão. Mas então eu me lembro que, além de *nunca ter bebido* no ensino médio e da noite em que ela e Skylar se deram mal, ela nunca bebe.

Inferno, ela provavelmente poderia beber um pouco.

Preenchendo o espaço entre nós, ela cruza os braços em volta do meu pescoço e me beija.

É como uma injeção de epinefrina no coração. Imediatamente, meus braços encontram sua cintura e minha língua separa seus lábios.

A julgar pelo álcool em seu hálito e o gosto avassalador que sinto, ela tomou mais de uma dose.

Rindo, seus dedos vão para o zíper do meu jeans. ─ Quer se divertir um pouco?

Meu pau diz que *sim*, porra, mas minha mente diz para *pisar no freio* porque ela está arrastando as palavras.

─ Você está bêbada.

─ Bêbada e excitada.

Então ela cai de joelhos.

─ Lenn....

*Porra*. E agora meu pau está em sua boca.

Gemendo, eu agarro o balcão, minha mente e corpo em dois trens muito diferentes. Eu a desejo, mas algo sobre isso parece errado pra caralho.

Não para o meu pau, no entanto, porque ele está duro e se divertindo muito.

Mas se Lennon estivesse sóbria agora, ela não estaria me chupando.

Ela estaria lá em cima na cama chorando.

*Cristo*. Às vezes, fazer a coisa honrosa realmente é uma merda - ou no meu caso não é uma merda - porque eu a impeço.

─ Você pode me chupar quando você não estiver mais bêbada.

─ Você não... ─ Ela balança - um pouco demais - porque ela cai de bunda para trás e sua cabeça bate no forno. ─ Você não me quer?

Eu gesticulo para o meu pau. ─ Parece que eu não quero você?

Ela me alcança novamente, mas eu a paro. ─ Você está bêbada. ─ Eu corro a ponta do meu polegar sobre sua bochecha. ─ Confie em mim, se você não estivesse, eu te foderia tão bem que você me imploraria para não parar e com tanta força que você não seria capaz de andar por dias.

Seu lábio inferior se destaca em um adorável biquinho. ─ Baby, *vamos lá*. ─ Ela balança a cabeça enfaticamente. ─ Eu não sou...

E então ela vomita. Por todo o meu sapato, ela mesma e o chão.

Depois de guardar meu pau, eu coloco Lennon em pé. ─ Vamos te limpar.

─ Sinto muito ─ ela sussurra enquanto eu a conduzo para fora da cozinha. ─ Eu estou uma bagunça.

Ela está.

Mas ela é minha bagunça.

# CAPÍTULO 80

## LENNON

Limpando o vapor do chuveiro do espelho, olho para o meu reflexo. Eu pareço diferente e não é por causa dos cinco quilos que perdi... é porque me sinto diferente.

*Vazia.*

Há um vazio dentro de mim novamente, só que desta vez nada pode preenchê-lo.

Skylar disse que nem sempre vai doer tanto. A Sra. Palma me disse que vai melhorar com o tempo.

Elas estão erradas.

Não sei como vou viver em um mundo sem meu pai. Não sei como vou rir ou sorrir de novo, sabendo que nunca o verei *rir* ou sorrir novamente.

Não sei como vou superar isso e seguir em frente.

Soltando um suspiro trêmulo, tento inalar além da agonia esmagadora no centro do meu peito, mas não consigo.

Essa dor me fez refém - me afogando em um mar de miséria - e não consigo escapar de suas garras.

Duas noites atrás, eu fiquei bêbada. Eu pensei que isso iria me entorpecer e eu teria um adiamento, mas isso não aconteceu.

A única coisa que me fez fazer foi forçar meu marido e vomitar.

*Meu marido*.

Eu deveria estar em êxtase que minhas fantasias mais loucas se tornaram realidade e eu sou casada com Phoenix Walker.

Mas não estou... porque estou muito ocupada lamentando o

primeiro homem que amei.

Encontro Phoenix enrolado na cama dormindo quando entro no meu quarto. Uma rápida olhada no relógio na mesa de cabeceira me diz que é pouco depois das duas da manhã

Evidentemente, a dor faz você perder todo o conceito de tempo.

Eu nem sei que dia da semana é.

Eu sou uma bagunça. E a Lennon AMP ─ antes da morte do papai ─ ficaria positivamente mortificada.

Estou muito triste para me importar, no entanto. Sobre mim. Sobre qualquer coisa.

A coisa quebrada no meu peito aperta, me lembrando que não é verdade porque ainda há uma coisa com a qual me importo.

*Ele.*

Phoenix não merece isso, no entanto.

Eu sei que ele quer passar o resto de sua vida comigo, mas não será feliz. Porque dez segundos depois de me tornar sua esposa, me transformei em uma pessoa diferente. Uma com o qual ele está preso.

Não é justo com ele.

Mas quanto mais eu tento afastá-lo, mais ele segura.

Apesar de eu odiá-lo no seu pior... ele me ama no meu.

Abrindo minha gaveta da cômoda, pego um pijama e me visto.

Eu posso ser um fantasma, mas um com um coração que ainda bate por ele. Ele esconde bem, mas não poder cantar ou se apresentar está comendo ele vivo.

Eu sei exatamente como é perder aquela coisa que faz sua alma ganhar vida – a coisa que te cura – e mesmo que ele a tenha tirado de mim, eu não quero fazer o mesmo com ele.

O problema é que não tenho ideia de onde está sua carreira ou o que está acontecendo em público ou nos bastidores.

Chandler – aquele bastardo podre – me disse que eu precisava

fazer uma entrevista e dizer ao mundo que ele não roubou minha música. É algo que eu teria concordado em fazer em algum momento - uma vez que sentisse que não estava mais me afogando - se ele parasse por aí.

Mas não, o idiota continuou falando.

Ele me disse que só porque meu pai estava morto, não era uma desculpa para matar a carreira de todo mundo. Que até Yoko ainda queria que John fizesse música. Que eu deveria *querer* fazer esta entrevista porque Phoenix e eu não temos um acordo pré-nupcial e isso significava que eu ganharia mais dinheiro quando inevitavelmente nos divorciaríamos no próximo ano.

Mas não quero o dinheiro de Phoenix. Eu só quero que ele continue brilhando.

Agarrando meu celular, desço as escadas para a sala de estar. Não só Skylar é minha amiga, ela é sua publicitária.

Eu não estava a fim de falar muito no outro dia – além de pedir a ela para me encontrar um advogado – mas eu sei que ela vai me dizer a verdade sobre o que está acontecendo com Phoenix do ponto de vista de relações públicas.

Então eu vou saber o quão ruim é o dano e posso descobrir uma maneira de consertá-lo.

Felizmente, a Califórnia está três horas à frente, então mesmo que seja tarde, ela ainda estará acordada.

Ela atende após o terceiro toque. ─ Ei.

Eu me jogo no sofá. ─ Ei. Você tem um segundo?

─ Para você? Sempre. E aí?

Puxando meus joelhos para o meu peito, eu seguro o telefone entre meu pescoço e ombro. ─ O que está acontecendo com Phoenix?

Eu posso dizer que isso a deixa chocada porque há uma breve pausa antes que ela diga: ─ O que você quer dizer? Ele não está com

você?

— Sim. — Eu esfrego minha testa. — Eu quis dizer imagem pública e carreira… depois da Europa.

Ela suga uma respiração. — Phoenix não gostaria que você se preocupasse...

— Você deveria ser *minha* amiga também, Skylar, — eu a lembro. — Diga-me o que aconteceu. Por favor.

— Espere, — ela diz. — Você precisa da amiga Skylar agora, o que significa que não posso falar com você sobre isso aqui. Eu te ligo de volta em cinco minutos, ok?

Seguro dizer *que sou eu* quem é jogado agora.

— Ok.

Como prometido, meu telefone toca aproximadamente cinco minutos depois.

— Ei.

— Ei. Onde você estava?

Há uma longa pausa. Tanto tempo que quase acho que ela desligou.

— Skylar? Você está...

— Casa de Chandler — ela sussurra.

Meu queixo cai porque eu não esperava isso. — Por que você está na casa *de Chandler*? — Olho para o relógio na parede. — Às onze e vinte da noite?

— Não estou mais na casa dele — ela defende. — Estou sentada no meu carro do lado de fora.

Isso é uma esquiva se alguma vez houve uma. — Por quê?

— Porque eu não quero que ele ouça nossa conversa.

— Eu quis dizer, por que você está na casa de Chandler?

Houve um tempo em que contornávamos as perguntas uma da outra - sem saber se poderíamos confiar uma na outra - mas quebramos esse muro.

Pelo menos, eu *pensei* que nós fizemos.

Ela limpa a garganta. ─ Estávamos analisando algumas coisas de relações públicas para Memphis.

─ RP é o seu trabalho, no entanto. Não dele.

─ Sim, mas ele é o gerente. Tecnicamente, RP também está sob sua jurisdição.

Isso faz sentido, eu acho, mas ainda assim. Há algo suspeito acontecendo. Eu posso sentir isso.

─ Você e Chandler não estão... ─ Eu deixo minha frase sumir porque soa ridícula aos meus próprios ouvidos. Não só Skylar está anos-luz fora da liga de Chandler, ele é dezesseis anos mais velho que ela.

─ Não, ─ ela diz, embora não pareça muito convincente. ─ Ele é meu chefe... mais ou menos.

─ O que é mais uma razão para ele não estar chamando você para sua casa às onze da noite.

─ Ele não fez. Estou aqui desde esta tarde.

Minha boca cai aberta pela segunda vez. ─ Que diabos está acontecendo com Memphis que exige que você passe *tanto* tempo com Chandler?

─ Você quer saber o que está acontecendo com seu marido ou quer continuar especulando sobre minha vida amorosa? ─ ela estala.

Justo. ─ Opção um.

Mas estamos *definitivamente* voltando para a opção dois em algum momento.

─ Ok, obviamente, Phoenix cancelou o resto da turnê europeia.

─ Certo. Isso eu sei. Diga-me o que eu não sei. Como o quão ruim foi a precipitação depois... você sabe.

Ele disse ao mundo inteiro que ele roubou minha música.

Ela exala bruscamente. ─ Ok, então no começo foi muito feio. A cultura do cancelamento estava em pleno vigor e a receita caiu. Como

quase uma queda livre.

Eu estremeço. Não é à toa que Chandler queria que eu fizesse aquela entrevista mais cedo ou mais tarde.

— Enviei uma declaração pública declarando que Phoenix estava demorando para cuidar de sua saúde mental — continua ela. — E então eu desviei a atenção das pessoas para alguém que elas amam.

— Quem?

— Gwyneth Barclay, — ela diz secamente. — É difícil para as pessoas odiarem Sharp Objects quando o mundo inteiro ama Gwyneth, que agora está oficialmente noiva e tendo um bebê com Memphis. A receita ainda não é o que costumava ser, mas está aumentando.

Meu estômago rola. Isso deve estar matando ela.

Eu gostaria de ter feito aquela maldita entrevista como Chandler queria.

— Você não precisava...

— Memphis e Gwen vão ter um bebê. — Apesar de tentar manter seu tom indiferente, percebo um traço de emoção nele. — A cerca branca estava prestes a acontecer. Pelo menos agora é mutuamente benéfico para todos.

Exceto ela.

— Eu sinto muito.

Nada disso é justo com ela.

— É o que é. — Ela limpa a garganta. — De qualquer forma, é onde estamos no momento. Phoenix foi cancelado, mas Sharp Objects não.

— Bem, considerando que Phoenix é uma grande parte da Sharp Objects, tenho certeza de que as pessoas vão aparecer, certo?

Eles *precisam*.

— Sim, sobre isso...

Há uma emoção diferente em sua voz agora. Temor.

— O que?

— Phoenix não faz mais parte da Sharp Objects.

Eu pulo tão rápido que fico tonta e tenho que me sentar novamente. — *O quê...*

— Quero dizer, tecnicamente, ele faz... mas ele não fará.

— O que você quer dizer com ele *não fará*? — Eu suspiro quando percebo. — Vic o demitiu?

— Quase.

É como se ela estivesse falando em enigmas.

— Eu preciso que você me dê isso direto, Skylar. Agora estou enlouquecendo.

Outra expiração pesada a deixa. — Ok, então pelo que Chandler - e Storm - me disseram, Vic está furioso com Phoenix cancelando a turnê e se apresentando como um ladrão só porque ele enfiou o pau em alguma boceta de cidade pequena de volta para casa – essas são as palavras dele, não é minha.

— Devidamente anotado.

— Linha de fundo? Vic não gosta que o dinheiro dele seja fodido e pelo que Chandler me revelou na outra noite, ele ganha muito dinheiro. M*uito*.

Não é surpresa, já que Phoenix e o resto dos caras também ganham muito dinheiro.

— De qualquer forma — ela continua. — Vic estava pronto para largar Phoenix, mas Chandler o convenceu a não fazer isso e prometeu que mudaria tudo isso. É por isso que ele se aproximou de você no funeral e pediu para você fazer uma entrevista. Mesmo que ele não tivesse o direito de fazê-lo.

Isso me faz odiar menos o Chandler agora. Mas só um pouco.

— Depois que minha estratégia de Gwen e Memphis entrou em vigor, Vic ficou um pouco mais calmo porque as vendas aumentaram e ele começou a se concentrar no próximo álbum. No entanto, quando ele

mencionou mudar o horário do estúdio já que eles não estão mais na Europa, Chandler não teve escolha a não ser dizer a ele que Phoenix declarou que estava dando um tempo e ele não sabia quando - ou se - ele iria voltar.

*Uh-oh*. ─ Merda.

─ Fica pior. ─ Ela engole audivelmente. ─ Vic ligou para Memphis e Storm e lembrou a eles que todos haviam assinado um contrato para um compromisso de cinco álbuns e se eles não queriam que ele os processasse, eles precisavam convencer Phoenix a embarcar… ou ele seria substituído.

Eu quase riria se não fosse tão sério. ─ Não há como substituir Phoenix.

─ Isso é exatamente o que eles disseram a ele, mas evidentemente Vic tem um cara em andamento. Chandler me mostrou uma foto e me deixou ouvir uma demo hoje à noite. Ele é fofo e tem uma boa voz, mas não uma voz como a de *Phoenix*. Acho que é por isso que Vic está tão lívido e em uma viagem de poder. No fundo ele sabe que não importa quantos cantores bonitos ele encontre, eles nunca serão Phoenix. Mesmo com Memphis e Storm. São todos diamantes brutos, sabe? É isso que torna a Sharp Objects incomparável a qualquer outra banda por aí.

Ela está certa. ─ Concordo. ─ Coloco uma mecha de cabelo atrás da orelha. ─ Mas Storm e Memphis não têm com o que se preocupar porque Phoenix nunca deixaria Vic substituí-lo.

Não sem uma luta infernal.

─ Na verdade, ─ ela diz. ─ Phoenix encorajou os caras a se encontrarem com o novo protegido de Vic para ver se eles têm química.

Meu estômago cai. ─ Ele não pode... eles não são...

Puta merda.

─ Eles não querem ─ diz Skylar. ─ Mas Vic irá processá-los por

quebra de contrato também se o próximo álbum não for feito. Suas mãos estão atadas.

Por mais assustador que isso pareça, há algo ainda mais alarmante nessa declaração.

— O que você quer dizer com processá-los *também*?

Se Vic quer tanto *substituir* Phoenix, não é uma quebra de contrato.

— Por favor, não repita isso para ninguém porque Chandler vai me matar, mas hoje ele me disse que Vic está planejando levar Phoenix ao tribunal em fevereiro. Não apenas por quebra de contrato em relação aos álbuns, mas por cada centavo que eles ganharam com Sharp Objects… a música.

Meu coração se dobra sobre si mesmo e meu peito dá um nó. Isso é insano.

— Ele não pode fazer isso. — Meu choque rapidamente se transforma em indignação. — Pelo amor de Deus, nem é dele. É *minha.*

— Eu sei, mas Phoenix admitiu publicamente que mentiu sobre a composição e Vic assinou e financiou com base nessa música. É a reputação e o rótulo dele que estão em jogo. Chandler espera que Phoenix concorde em voltar e eles possam trabalhar em algo e fazer o controle de danos, mas Phoenix não quer.

— Vou convencê-lo.

Inferno, neste momento, ele não tem escolha.

— Eu não acho que você será capaz, também. Storm ligou para ele ontem e implorou. Então Memphis pegou o telefone e eles o marcaram. Eles esperavam fazê-lo ceder, mas não funcionou. Phoenix não quer mais nada com Sharp Objects ou música.

— Me dê um segundo.

Colocando o telefone para baixo, eu esfrego minhas têmporas. Eu poderia marchar até lá e exigir que ele tirasse a cabeça da bunda, mas ele simplesmente recusaria.

Phoenix desistiu de tudo por mim. E não enquanto ele ainda estava perseguindo seus sonhos... enquanto os estava *vivendo*.

E agora nós dois estamos de luto.

Só que ele não precisa porque ainda pode viver seu sonho.

Ele simplesmente não quer.

Uma pontada de dor passa por mim. Eu gostaria que meu pai estivesse aqui para que eu pudesse ouvir seus conselhos.

No entanto, eu sei o que ele me diria. Ele me diria para dizer a Vic para se foder porque ele não consegue ganhar ainda mais dinheiro com a *minha* música.

Eu pego meu telefone. ─ Skylar? Você ainda está aí?

─ Sim. Estou aqui.

É um tiro no escuro, mas aqui vai nada. ─ Vic sabe que somos casados?

Eu praticamente posso ver seu sorriso logo antes que ela diga: ─ Não. Chandler queria contar a ele - e ao mundo - mas eu o fiz prometer que não iria.

Tenho certeza de que ele cumpriu. No entanto, a necessidade de Chandler de manter Vic feliz parece mais importante do que suas promessas.

─ Tem certeza de que ele não estava apenas apaziguando você?

─ Certeza. Caso contrário, seria notícia. - Há um tom travesso em sua voz. - Eu também poderia ter usado meus poderes femininos de persuasão para garantir que ele cumprisse sua palavra. Bem, isso e ao contrário do que todos pensam que Chandler realmente se importa com a banda. Ele concordou em fingir que estava no escuro sobre tudo até que eu decidisse anunciá-lo.

─ Por que você não fez?

Embora algo me diga que eu já sei a resposta... e isso significa que ela não é apenas uma boa amiga. Ela é o *melhor* tipo de amiga.

Estou me preparando para dizer isso a ela, mas o telefone desliga.

Um momento depois, ele toca. Só que desta vez é uma chamada de vídeo.

Seu lindo rosto ilumina a tela depois que eu atendo.

— Porque eu estava esperando até que você estivesse pronta para ter essa conversa. — Ela morde o canto do lábio. — Ele roubou sua música, Lennon. E enquanto eu realmente acredito que Phoenix te ama mais do que qualquer coisa no mundo e ele está arrependido, eu queria te dar tempo para ter certeza de que se casar com ele é o que você realmente quer, porque uma vez que for anunciado... é isso.

*Eu sei*.

— As pessoas não vão simpatizar com ele roubando sua música e você não terá motivos para recorrer legalmente desde que se casou com o cara que fez isso — ela continua. — É por isso que eu não falei com você sobre querer arquivar uma anulação e insinuei que você seria capaz de alegar que tinha uma mente doentia ou coerção por parte de Phoenix, dadas as circunstâncias. Falei com um advogado, a propósito, e tenho as informações de contato dele, se você quiser.

Eu quero, mas não pela razão que ela pensa.

— Obrigada, Skylar. De verdade.

Ela me dá um sorriso triste. — Você não precisa me agradecer. Eu só quero que você saiba que, embora eu seja uma publicitária, sou sua amiga primeiro.

Se eu já tive alguma dúvida sobre isso, eu não tenho mais.

— Eu sei. — Eu engulo as emoções subindo pela minha garganta porque não posso ser a Lennon triste agora. Eu tenho que ser a Lennon *foda com o meu marido e eu vou fazer você desejar nunca ter nascido*. — Mas eu vou precisar que você volte para o modo publicitário, porque eu sei o que quero fazer sobre Phoenix.

Ou melhor, Vic.

Suas sobrancelhas franziram. — Ok, modo publicitário ativado. Como posso ser útil?

— Existe alguma maneira de marcar uma reunião com Vic Dougherty?

— Eu tenho uma agendada ainda esta semana, na verdade. Chandler está me convencendo e acho que passei no meu *período de teste* e Vic quer me contratar formalmente para trabalhar para a gravadora. — Ela faz uma careta. — Isso não vai acontecer agora, não vai?

— Não só vai acontecer, ele provavelmente vai querer te dar um aumento.

Porque acabei de descobrir como vou consertar essa tempestade de merda.

Ela pisca. — Por quê?

— Eu vou chegar a isso em um segundo. Primeiro, tenho uma mensagem muito importante que preciso que você dê a ele de mim.

— Anotando. — Ela coloca o telefone no suporte. Então ela vasculha sua bolsa gigante e tira um caderno e uma caneta. — Estou pronta quando você estiver.

— Vic não vai processar Phoenix.

Skylar olha para cima. — Mas...

— Quero dizer, ele pode tentar mas ele não vai ganhar. No entanto, ele *vai* parecer muito estúpido quando nós duas entrarmos em um tribunal e a esposa de Phoenix jurar sob juramento que ele não roubou minha música... desde que eu dei a ele. — Eu toco meu queixo, fingindo pensar. — Na verdade, não acredito que esqueci. Nós co-escrevemos porque ele veio com algumas das letras também.

Skylar sorri maliciosamente. — Fale sobre um movimento de vadia chefe. É uma pena que você já esteja casada porque eu simplesmente me apaixonei por você.

Isso me faz rir. ─ Então prepare-se para beber e jantar comigo, porque você realmente vai gostar dessa parte.

Seu rosto se ilumina. ─ Sou toda ouvidos.

Phoenix me ama, mas isso não significa que ele tem que desistir de outras coisas que ele ama.

No entanto, estou feliz que Skylar divulgou uma declaração proclamando que ele estava tirando algum tempo para sua saúde mental.

Porque até o sol pode queimar.

Phoenix precisa se recarregar e se apaixonar pela música novamente.

E quando ele voltar ─ porque eu vou me certificar de que ele volte ─ sua carreira não será mais manchada de culpa porque ele saberá que tudo o que tem daqui para frente é somente por causa *dele*.

Ele terá um novo começo.

─ Primeiro, tenho algumas perguntas.

Ela tira uma garrafa de água de sua bolsa e toma um gole. ─ Atira.

─ Quanto tempo leva para gravar um álbum?

Lembro-me de ter lido que o novo álbum estava programado para sair no final de janeiro. Estamos em meados de setembro agora, então a resposta dela me dirá quanto tempo ele terá.

─ Depende. Uma vez que a música é escrita e as músicas são escolhidas, tudo se resume ao tempo de estúdio. ─ Ela mastiga a ponta da caneta. ─ O primeiro álbum demorou mais porque eram novos. Foi um pouco mais de um mês. O segundo álbum levou apenas duas semanas para gravar.

─ Então, para este próximo álbum, eles não teriam que começar a gravar até…

─ O dia depois do ano novo ─ ela fornece. ─ Isso *deve* ser tempo suficiente.

Ano novo, ficha limpa. Soa perfeito para mim.

— Nesse caso, diga a Vic para reservar um tempo de estúdio para o início de janeiro. Phoenix cumprirá sua obrigação contratual, gravará o álbum e fará com que toda a imprensa o acompanhe. Mas *até* lá, ele está de férias.

Algo que ele precisa desesperadamente.

Ela estremece. — Eu vou dizer a ele, mas ele pode decidir cortar suas perdas e substituí-lo. Phoenix é incrível, mas esse cara novo não tem má fama.

Esta é a parte que vai exigir que eu seja sorrateira, porque Phoenix não vai gostar disso nem um pouco... já que vai desfazer tudo o que ele fez.

Mas eu o amo. Muito mais do que a música.

— Vou fazer uma entrevista uma semana antes do lançamento do álbum. — Desta forma, ele vai ter um buzz gerado. — Vou dizer a todos que somos casados, e que Phoenix não roubou minha música... ele a co-escreveu. Só que ele não contou a ninguém porque eu pedi especificamente que não contasse. Eu não…

Uma onda de dor me pega pela garganta.

*Desculpa pai. Vou precisar de você para isso.*

Junto com a coragem de revelar minha própria verdade.

— Eu tinha medo de ser comparada ao meu pai e não estar à altura.

Skylar para de escrever. — Lennon...

Meus olhos ardem, mas eu continuo. — Phoenix estava apenas fazendo o que eu pedi, mas a culpa que ele sentia por não me dar nenhum reconhecimento o atormentava, então ele decidiu ser honesto.

— Você sabe que Phoenix não vai aceitar isso.

— É por isso que não vamos contar a ele até depois de feito.

Então ele não poderá fazer nada sobre isso, por que como ele poderia? Sua esposa, de quem ele alegou ter roubado uma música, está

dizendo publicamente a todos que ele não roubou.

Seu status será restaurado e o mundo voltará a pensar que ele é um deus novamente.

*Porque ele nasceu para isso*.

— Isso deve cuidar de sua reputação.

— Ah, com certeza vai. — Ela faz uma careta. — Mas se por algum motivo maluco Vic não aceitar... e daí?

Então eu faço exatamente o que meu pai gostaria que eu fizesse.

— Diga a ele que essa *boceta de cidade pequena* vai processar ele e somente ele. Por cada centavo que ele ganhou com a porra da minha música. — Eu afio meu olhar. — Em outras palavras, ele tem duas opções. Ele pode jogar bem e todos nós teremos um lugar no tabuleiro de xadrez... ou eu vou acender a porra da coisa e vê-lo queimar.

Vic pode estar com fome de poder, mas ele não é estúpido.

Ela joga seu caderno. — É isso. Quero ser *você* quando crescer.

Houve um tempo na minha vida em que eu queria ser outra pessoa também.

Eu me encontro sorrindo. *Agora estou casada com ele*.

— Você tem certeza de que vai ficar bem lidando com a extravagância do bebê de Memphis e Gwen até janeiro?

É pedir muito e se ela me disser que é muito difícil, eu vou entender.

Eu só preciso de um pouco de tempo.

— Eu vou ficar bem — ela me assegura, embora eu pegue o breve lampejo de dor em seus olhos.

Estou prestes a investigar, mas há uma batida em sua janela e Chandler aparece... segurando o que parece ser uma calcinha na mão.

Mas. Que. Porra?

— Tenho que ir, — Skylar guincha antes que ela desapareça da minha tela.

*Droga.* Ligo de volta, mas ela deve ter desligado o telefone porque

vai direto para a caixa postal.

Balançando a cabeça, saio do sofá e volto para cima.

Phoenix ainda está dormindo quando eu volto, então eu rastejo para a cama ao lado dele.

Colocando minha cabeça em seu peito, eu traço as notas musicais sobre seu coração.

Mas elas não são mais minhas. Ou dele. Eles são *nossas*.

Porque metade do meu coração e alma pertencem a ele.

As outras metades estão quebradas além do reparo.

Mas não quero pensar nisso agora.

Eu só quero ouvir os batimentos cardíacos do meu marido, sentir sua pele contra a minha e inalar seu cheiro em meu sistema.

Eu pensei que deixá-lo entrar novamente depois que ele me destruiu significava que eu era fraca, mas talvez não seja.

Porque eu tenho o que é preciso para renascer das cinzas depois de ser queimada.

Eu não deveria acordá-lo; ele tem andado esfarrapado cuidando de mim e eu sei que ele precisa descansar, mas eu sinto falta dele.

E não há ninguém no planeta que possa me fazer esquecer minha dor como ele.

Na esperança de despertá-lo, deslizo minha mão pelo seu torso até chegar ao cós de sua boxer.

Quando isso não funciona, eu deslizo meus dedos sob o elástico e o puxo para fora.

Ele se contorce, ficando duro na minha mão, mas Phoenix não acorda.

Eu desço até que estou pairando acima de seu pau engrossando. Abrindo minha boca, eu lambo ao redor de sua cabeça.

Um gemido baixo e faminto o deixa, e seu pau incha até seu tamanho enorme, mas seus olhos não abrem.

Como diabos ele está dormindo com *isso*? Perdi o jeito?

Não. Dane-se isso. Phoenix disse isso mesmo, eu dou um grande boquete.

Provavelmente porque eu realmente gosto de satisfazer meu parceiro.

Embora meu parceiro não pareça muito satisfeito agora por estar desmaiado.

A impaciência passa por mim e eu envolvo minha mão em torno de sua base e o chupo mais fundo, acariciando ele e meu ego machucado em conjunto.

Eu descaradamente engasgo com ele, dando tudo de mim... e nada. Mesmo que seu corpo esteja respondendo porque eu posso sentir o gosto do pré-sêmen vazando de sua ponta e senti-lo sacudindo na minha boca. Ele está *tremendo,* pelo amor de Deus.

Cada vez mais frustrada, eu aumento minha sucção e acelero meu ritmo. Se ele não acordar depois disso, vou ligar para o 911.

— *Caralho* — ele geme, suas mãos agarrando os lençóis e seus quadris empurrando para cima. — Não aguento mais. Isso é uma maldita tortura. Por favor, pare.

*Uau.* Constrangimento corre através de mim enquanto eu solto minha mandíbula e o libero.

Eu não acho que ele se importaria de acordar com um boquete, mas cara, eu estava errada.

— Eu sinto muito. Eu não quis... — Eu me sinto como uma maluca. — Eu sinto muito.

Ele olha para mim. — Lennon?

Ele estava esperando outra pessoa?

Estreitando meus olhos, eu me sento. — Sim?

A confusão se espalha por seu rosto quando ele me observa. — Você não está bêbada.

— Eu não estou bêbada — eu confirmo, e agora faz muito mais sentido.

Mas também... *sério*? Eu estive bêbada um punhado de vezes em toda a minha vida.

Ele esfrega a mão pelo rosto. — Porra. Eu pensei…

— Que eu estava tentando te chupar bêbada de novo?

Ele dá de ombros. — Sim, mas eu percebi que se eu não acordasse, eu não teria que me sentir culpado por não te parar e eu poderia aproveitar.

Um modelo de nobreza que meu marido não é.

— Isso é... — Eu faço uma careta. — Você me fez sentir como se eu tivesse perdido meu jeito. E então eu me senti como uma maluca.

— Você não perdeu o jeito, Groupie. Confie em mim. — Sorrindo, ele gesticula para seu pau. — Por todos os meios, fique a vontade.

Eu vou, mas não sem obter um pequeno retorno primeiro.

Andando meus dedos ao longo de seu peito, eu monto nele. — Eu felizmente vou chupar você, mas só se eu ouvir você implorar de novo.

Sua boca abre e fecha em descrença. — Eu não *implorei*.

Oh, ele definitivamente vai.

— Eu não aguento mais — repito com uma voz profunda simulada. — Isso é uma maldita tortura. Por favor, pare. — Enrugando o nariz, mostro alguns dentes para ele. — Claro, parece implorar para mim, Sr. Walker.

— Não. Você quer me ouvir implorando? — Suas mãos agarram minha bunda e de uma só vez estou presa ao colchão e ele está em cima de mim. — Você está prestes a ouvir muito disso, Groupie... mas não será de mim.

Eu abro minha boca com uma réplica, mas seus dedos enroscam meu cabelo, e ele reclama.

O desejo surge na minha corrente sanguínea enquanto sua língua desliza sobre a minha e sua mão se move entre minhas coxas, me

esfregando através do material fino do meu short de dormir, me deixando em um frenesi.

Mas não vou implorar, não vou...

Oh Deus.

Eu grito quando ele desliza dois dedos por baixo do meu short e os empurra dentro de mim em um longo, profundo e gratificante golpe.

Então se foi.

Há um brilho arrogante em seus olhos enquanto ele desliza seus dedos molhados pelos meus lábios inchados e pelo comprimento da minha fenda, espalhando minha excitação ao redor... fazendo-me sentir a evidência do meu desejo por ele.

Contorcendo, eu mudo meus quadris, tentando colocá-los de volta dentro de mim.

O brilho em seus olhos se intensifica, e ele passa a língua sobre o piercing no lábio. — Dê-me o que *eu* quero, e eu lhe darei o que você quer.

Um choque de calor passa por mim quando a ponta áspera de seu dedo patina sobre meu clitóris.

— Estamos nos aproximando. — Tomando misericórdia, ele desliza um dedo longo em mim. Eu aperto em torno da invasão, desesperada para mantê-lo lá. — Menina teimosa.

Eu quase choramingo quando ele se afasta... apenas para empurrar de volta um momento depois.

Eu me estico e agarro, precisando de mais. Precisando *dele*.

— *Por favor*.

Triunfo pisca em seu olhar, mas não é suficiente. Ele vai me fazer trabalhar para isso. E Deus me ajude eu vou, porque sempre vale a pena.

— Tire sua camisa — ele diz enquanto puxa meu short e minha tanga.

Quando eu faço, seu olhar faminto varre minha forma nua. Ele não tem que me dizer que eu sou bonita porque ele está olhando para mim como se eu fosse a coisa mais perfeita que ele já viu.

Seus dentes roçam a coluna do meu pescoço, sugando minha pele, antes de descer, puxando meu mamilo em sua boca.

Um gemido passa pelos meus lábios. ─ Phoenix.

─ Adoro quando você diz meu nome. ─ O cascalho em sua voz, junto com sua provocação, envia um arrepio quente na minha espinha. ─ Mas acho que podemos fazer muito melhor. ─ Ele belisca meu outro mamilo. ─ Abra as pernas, Sra. Walker.

Ouvi-lo me chamar assim não deveria me excitar tanto, mas Deus, *excita*.

Eu avidamente sigo suas instruções e ele olha para minha boceta aberta como um homem faminto.

O olhar por si só é suficiente para me fazer derreter, mas quando ele segura meu olhar e desliza para baixo, enfiando os ombros entre minhas coxas, estou completamente acabada.

O filho da puta também sabe disso, porque ele me dá o sorriso mais arrogante logo antes de sua língua sair para provar.

─ Mais. ─ Quando ele me lança um olhar, eu acrescento: ─ Por favor.

Sua risada é um meio gemido enquanto ele me beija da mesma forma que beija minha boca. Apaixonado. *Carente.*

A tensão no meu núcleo aperta e eu imploro descaradamente.

Para ele. Pelo jeito que ele está acendendo meu corpo em chamas. Pelo jeito que ele é capaz de me fazer esquecer.

Phoenix se estabelece em um ritmo, trocando movimentos do meu clitóris com longos golpes gananciosos, me fortalecendo. *Devorando-me.*

Minha mão segura a parte de trás de sua cabeça, mantendo-o lá. ─

Não pare.

Ele não o faz, não até que eu esteja estremecendo, esmagando minha boceta em seu rosto enquanto eu grito seu nome e encharco os lençóis.

Ele me lambe durante a descida, causando pequenos tremores secundários que me fazem assobiar: ─ Me fode.

─ Confie em mim. Eu vou, ─ ele raspa contra a minha pele lisa. ─ Primeiro, quero outro sabor.

Ele lambe meu orgasmo, me deixando louca enquanto me constrói de novo, me preparando para o que está por vir.

Rastejando pelo meu corpo, sua boca encontra a minha. Quando eu abro meus lábios, ele me alimenta com sua língua, me fazendo sentir o gosto de mim mesma.

─ Agora, Phoenix. *Por favor*.

Eu sou uma bagunça desesperada e dolorida.

Segurando meus quadris, ele empurra dentro de mim em um único impulso que é tão duro quanto prazeroso.

Nossos olhares se chocam, e eu sei que ele não apenas sentiu falta disso, mas ele precisa disso tanto quanto eu. Esta conexão primitiva. A intensidade. O desejo de consumir um ao outro insaciavelmente.

Ele dá um beijo na minha testa, e nós compartilhamos um breve momento de ternura.

E então…

Sua compostura se rompe e ele começa a me foder tão forte – tão profundamente – que esqueço tudo.

Exceto ele.

As mãos em meus quadris apertam com força suficiente, eu sei que terei marcas, mas eu as quero.

Eu quero que ele me marque e me marque. *Queime-me*.

Eu tremo quando o prazer se forma dentro de mim novamente. ─

Oh. Deus.

Agarrando a cabeceira da cama, ele acelera o passo, nossas peles batendo juntas em uma cadência selvagem e carnal que é visceral.

E seu beijo é tão brutal. Toda língua e dentes afiados enquanto ele entra em mim. Receber e usar, mas também dar e fornecer.

— Porra.

Seus quadris batem nos meus implacavelmente, seus impulsos uma punição e uma recompensa.

Um gemido rouco sai de seus lábios. — Eu sinto você pingar nas minhas bolas toda vez que você toma essa porra de pau.

Eu agarro sua bunda, movendo-me com ele, encontrando seus impulsos selvagens. — Bom.

Ele arrasta seus lábios ao longo da minha garganta, sua respiração quente soprando ao longo do meu ponto de pulsação. Eu grito quando ele belisca minha carne. — Se você quer gozar, é melhor implorar por isso.

Sua mão desliza entre nós, encontrando meu clitóris. Um estremecimento se move através de mim e eu mordo meu lábio, mordendo de volta um gemido. — Me obrigue.

Ele se retira quase completamente antes de dirigir dentro de mim de novo e de novo, a força de seus impulsos me prendendo no colchão enquanto aqueles dedos me dedilham no esquecimento.

Estou perto. *Tão* perto. Ele sabe disso também porque há um sorriso presunçoso em seus lábios enquanto ele olha com olhos semicerrados.

Surgindo em mim, sua boca se instala sobre minha orelha. — Implore para molhar esse pau.

Meu corpo está tenso, meus pulmões apertados... mas eu imploro tanto que tenho certeza que a pobre Sra. Palma ao lado pode me ouvir.

A tensão fica mais forte, maior, mais apertada, até que não tenho

escolha a não ser deixar ir.

Eu o ordenho, apertando para salvar a vida e cravando minhas unhas em suas costas com tanta força que ele grunhiu uma série de maldições.

Abro os olhos a tempo de ver o prazer se mover em seu rosto. Seu gemido é gutural e seus lábios se chocam contra os meus enquanto o líquido quente me inunda.

Nós nos beijamos até nossos lábios ficarem inchados. Até ficarmos sem ar.

Phoenix estava certo. Houve muitos pedidos, mas nenhum deles foi dele.

Porque de alguma forma, ele sabia exatamente o que eu precisava esta noite, e ele me deu.

— Eu te amo — ele sussurra contra meus lábios.

Meu coração bate como as asas de um beija-flor e eu sorrio, uma onda de emoção apertando meu peito. — Eu também te amo.

*Tanto*.

Mas no momento em que ele escorrega para fora de mim, o vazio – a dor me prendendo – está de volta.

Depois que Phoenix está dormindo profundamente, eu me enrolo em uma bola e deixo as lágrimas caírem.

*Porque eu sei que isso nunca vai embora.*

# CAPÍTULO 81

## PHOENIX

Ontem foi difícil.

Lennon ficou na cama e passou a maior parte do dia chorando em meus braços.

Ela está com medo de que a dor nunca vá embora, e eu dei a ela a verdade fria e dura.

Não vai. Porque ela sempre vai sentir falta do pai.

Mas nem sempre vai parecer tão cru como agora. Ela só precisa se dar permissão para iniciar o processo de cura.

Felizmente, acho que descobri algo que pode ajudar com isso.

Estou pensando se devo falar sobre isso hoje quando olho para o lado dela da cama... e percebo que ela não está lá.

— Lennon?

Eu não recebo uma resposta.

Temendo o pior, vasculho todos os quartos antes de descer.

Os músculos do meu peito se contraem de alívio – e surpresa – quando a encontro na cozinha, tomando café enquanto despeja um pouco de cereal em uma tigela.

Eu beijo o topo de sua cabeça no meu caminho para a geladeira. — Ei.

Ela me dá um pequeno sorriso. — Ei.

Ela caminha em direção à mesa da cozinha, mas então se vira, indo para a sala de estar.

Eu quero me livrar dessa porra de mesa porque eu sei que toda vez que Lennon a vê, ela não pode deixar de pensar em seu pai.

No entanto, ela ainda não chegou a esse estágio.

Mas ela está com apetite novamente e está comendo, então é um progresso.

Depois de preparar minha própria tigela de cereal, me junto a ela no sofá da sala.

Eu posso dizer que ela está perdida em seus pensamentos porque suas sobrancelhas estão juntas e há uma carranca estragando seu rosto.

— O que está se passando nessa sua cabeça?

Ela mastiga e engole com cuidado antes de falar. — E se eu esquecer a voz dele?

— Você não vai. — Quando ela começa a protestar, digo: — Vivemos na era digital. Há mensagens de voz e vídeos. Tudo isso pode ser preservado e você poderá ouvir quando quiser.

Ela relaxa visivelmente... e então ela empalidece. — E se eu tiver demência como meu pai e me esquecer dele?

Depois de colocar minha tigela na mesa de café, eu escovo meu polegar sobre seu coração. — Ele sempre estará aqui.

Ela dá outra mordida em seu cereal. — Eu odeio não tê-lo por perto.

— Eu sei.

Mas vai ficar mais fácil.

Puxando-a em meus braços, eu beijo sua têmpora. — Você confia em mim?

A confusão nubla seus olhos enquanto ela inclina a cabeça para olhar para mim. — Sim. — Ela me dá um olhar. — Por quê?

Porque eu sei o que vai fazer com que ela passe por isso.

Levantando-me, eu pego sua mão. — Venha comigo.

Apesar da expressão duvidosa em seu rosto, ela me segue escada acima.

No entanto, quando chegamos à porta do quarto de seu pai, ela

balança a cabeça e planta os pés. ─ Eu não posso entrar aí.

Lennon odeia quando eu a empurro, e eu entendo. Sinto o mesmo quando ela me empurra. Isso me irrita pra caralho e meu primeiro instinto é desligar.

Mas nós empurramos um ao outro porque temos um ao outro... mais do que qualquer outra pessoa jamais poderia.

A música é uma terapia para Lennon, mas ela a enfiou em uma caixa e não se permitiu abri-la.

Ela não se deixa criar... mas é quem *ela* é.

É o que a faz inteira.

Eu peguei dela, mas farei qualquer coisa para devolvê-la.

Incluindo desistir da música eu mesmo. Porque eu não posso estar inteiro até que Lennon esteja novamente.

Quando ela quebra... eu quebro.

Mesmo quando eu sou o responsável por isso.

Girando a maçaneta, abro a porta. ─ Confie em mim.

As pessoas não amam a música dela porque eu a cantei. Eles amam porque *sentem*.

Porque eles se identificam com a dor dela.

Porque ela derramou cada grama disso em sua arte.

Porque suas palavras – sua música – sua *criação* os salvou.

É hora de salvá-la novamente.

Seus olhos se movem para o piano, e aqueles olhos marrons de bebê se alargam quando ela o vê.

Enquanto Lennon dormia ontem, eu vasculhei seu armário e encontrei seu velho diário descartado em alguma caixa lá atrás.

─ Eu não li.

Eu estava morrendo de vontade, no entanto. Mas eu não li. Não porque eu não posso, mas porque é dela. Ela decide com quem ela compartilha sua arte. Eu não.

Virando, eu seguro sua bochecha. — Eu sei que você herdou sua teimosia do seu pai, mas você também herdou sua força dele.

Ela engole visivelmente. — Não me sinto tão forte ultimamente.

Ela é, no entanto. Ela é a pessoa mais forte que eu conheço.

— Aposto que seu pai também não se sentiu forte depois que sua mãe morreu. — Eu gesticulo para o piano. — Mas ele ainda criou você.

Posso dizer que ela quer protestar, mas ainda não terminei. — Eu sei que é mais fácil sair por aquela porta. Eu sei que é mais fácil me afastar e todos os outros porque dói pra caralho. Eu sei que é mais fácil ceder à dor e deixá-la tomar conta.

Assim como eu fiz com a minha culpa.

Eu inspiro lentamente e deixo sair. — Mas alguém muito mais inteligente do que eu me disse uma vez que meus erros não definiam quem eu era… é o que eu faço depois disso. — Eu inclino seu queixo. — Não deixe sua dor definir você, Lennon. Não deixe que sua morte seja o fim dele, porque a maior coisa que ele já fez ainda está aqui. E ele não iria querer que ela passasse o resto de sua vida de luto por ele. Ele gostaria que ela vivesse.

Uma lágrima escorre pelo seu rosto e seu olhar se volta para o piano novamente.

Eu vejo o desejo em seus olhos. Só que diferente de mim, não é para que ela possa se tornar um recipiente para a magia.

É para que ela consiga.

— Faz anos desde que eu fiz isso. Acho que não consigo mais.

Ela está errada.

Ela não sabe, mas eu ouvi ela e seu pai conversarem naquele dia... por um tempo.

Não era minha intenção bisbilhotar, mas quando ele a fez cantar sua música, eu me vi correndo de volta pelas escadas e pressionando meu ouvido na porta para que eu pudesse ouvir.

No entanto, houve algo que ele disse pouco depois que eu nunca vou esquecer. Algo que Lennon precisava ouvir.

— Não deixe suas inseguranças dominarem o que faz sua alma ganhar vida. Caso contrário, você andará nesta terra nunca se sentindo inteira... e isso não é maneira de viver.

Ela fica imóvel, dor e adoração lutando em seu rosto.

Eu ando até o piano. — Passe um tempo com seu pai e tire o que estiver dentro de você. Porque *é* assim que você vai passar por isso.

Ela fica olhando para o piano por tanto tempo que acho que está planejando sua fuga.

Mas, eventualmente, ela dá alguns passos e depois mais alguns até que ela está sentada no banco.

— Certo. — Um leve sorriso curva seus lábios. — Mas eu sei que você só quer que eu escreva de novo porque não temos um acordo pré-nupcial. O que significa que você tem direito a metade de nossos bens conjugais.

*Lá está ela*.

Sorrindo, dou um beijo em sua testa. — Eu te amo pra caralho.

Dando-lhe espaço, saio pela porta, fechando-a atrás de mim.

Prendo a respiração até não ter escolha a não ser tomar uma.

Então acontece.

O canto da minha boca levanta quando um som escuro e melódico enche meus ouvidos.

*Porque eu sei que ela vai ficar bem.*

# EPÍLOGO

***Três meses depois…***

A irritação cresce dentro de mim quando olho o relógio. Estou quarenta e cinco minutos atrasado.

Maldito Memphis. Ou melhor, *Gwyneth*.

A razão pela qual *estou* atrasado agora é porque *ele* chegou atrasado ao estúdio hoje.

Eu pensei que tinha acabado com a música para sempre, mas alguns meses atrás, Vic me ligou do nada. Ele se desculpou por tentar ir pelas minhas costas e me substituir? Claro que não.

No entanto, o idiota me disse que “Existentialism” poderia ser o primeiro single do álbum e daqui para frente, a banda poderia ter mais informações sobre a música que queríamos fazer.

Fiquei chocado pra caralho porque não só sou o inimigo público número um hoje em dia, Vic estava decidido a se livrar da minha bunda... com uma boa razão.

Não tenho certeza do que o levou a mudar de ideia, mas de acordo com Chandler, isso é a coisa mais próxima de um pedido de desculpas que o homem já proferiu.

Não querendo desistir tão facilmente, eu fiz Vic suar e deixá-lo saber que eu pensaria em voltar. Ele gemeu e gemeu um pouco antes de *me deixar* saber que ele reservou tempo de estúdio para o dia depois do ano novo e ele esperava que eu estivesse lá.

Nunca confirmei se faria ou não.

Até que uma certa pessoa me convenceu a vir esta manhã.

Eu não canto há meses e eu tinha certeza que estaria enferrujado pra caralho, mas Storm e Memphis estavam lá – embora um deles estivesse *atrasado* – e nós decidimos deixar o estilo ─ Existentialism - old-school.

Ou seja, gravamos nossas partes ao mesmo tempo em vez de individualmente. Foi doente.

Eu estou querendo saber se eu posso convencer Vic a nos deixar fazer o resto das músicas do álbum dessa maneira porque há uma autenticidade que sangra na música.

Meu telefone vibra e o nome de Chandler pisca na tela. Pressionando o botão ignorar, abro a porta.

O bar mal iluminado é pequeno e não há muitas pessoas aqui.

É uma merda. Este lugar deveria estar lotado.

Não por causa do licor barato e pretzels velhos, mas por causa do entretenimento.

Um tom rouco e sensual enche meus ouvidos enquanto faço meu caminho até o bar.

Uma ruiva do outro lado me dá um sorriso. ─ O que posso te dar, bonitão?

─ Coca. Segure o Jack.

─ Ok. ─ Seu nariz enruga quando ela enche um copo com refrigerante e o desliza pelo bar. ─ Aqui.

Depois de colocar algum dinheiro, viro meu banco.

Lennon e eu fizemos um acordo algumas semanas atrás.

Se ela perseguisse seus sonhos... então eu teria que perseguir os meus.

Meu coração dispara quando ela atinge o clímax da música, sua voz esfumaçada um puxão lento no meu pau. Junto com o vestidinho preto que ela está usando. Eu não posso esperar para deslizar minha mão por baixo dela mais tarde e descobrir se ela está usando alguma calcinha.

No entanto, a coisa mais bonita sobre minha esposa agora é a felicidade que irradia dela. Ela está finalmente em seu elemento e fazendo o que ama. O que ela *pretendia*.

A música termina e eu me levanto da minha cadeira, torcendo por ela. Eu sei que ela me ouve porque há um grande sorriso em seu rosto quando ela começa a introdução de uma nova música.

Uma que eu nunca ouvi antes.

É boa. Muito boa, pra caralho.

Sento-me de volta, focando na melodia escura e áspera... e então Lennon começa a cantar e eu sou um caso perdido. Há tanta emoção em sua voz, tanta paixão e profundidade. Ela me surpreende toda fodida vez.

— Ela é incrível — diz um cara do outro lado de mim.

Olho para a faixa preta tatuada no meu dedo anelar esquerdo com uma nota musical. Uma que combina com a de Lennon.

— Sim, ela é.

E eu sou o sortudo que vai passar o resto da vida com ela.

— Puta merda — o cara de repente exclama, sua boca aberta. — *Você é* Phoenix Walker.

Pegando meu copo, eu o levanto em saudação. — Em carne.

Ele toma um longo gole dele. — Eu sou um grande fã. Ou devo dizer, costumava ser.

É quando eu ouço.

*'Eu roubei suas palavras, mas você roubou meu coração*'.

Meu peito recua, e cada músculo em mim se contrai porque *conheço* essas palavras.

Eu as escrevi.

Nossos olhares se chocam do outro lado do bar. Sorrindo, Lennon me dá um sorrisinho tímido enquanto seus dedos vibram pelas teclas de marfim.

Bem jogado, Groupie. Bem jogado.

— Cara, você era uma lenda. — Seu suspiro é expansivo. — Você tinha tudo... e então você perdeu.

O órgão pertencente a ela se contrai enquanto olho para minha esposa.

*Não, eu não perdi*.

FIM

# Notas

[←1]
É como se fosse uma disputada de dança.

[←2]

Faz menção ao estilo de dança BREAK.

[←3]

Plano de estudo individual

[←4]

Alguém que é bastante grande em tamanho , mas não de uma forma excessivamente grotesca!

[←5]

É um modelo de vestido, que é justo no busto e vai abrindo em evasê. Formando um A.

[←6]

Whisky com gelo e casca de limão siciliano.

[←7]

Quer dizer pau, pênis em inglês.

[←8]

Acordo de Confidencialidade.

[←9]

Ainda melhor do que um boquete, é quando a pessoa realmente sussurra /vibra os lábios enquanto a boca está em volta do seu pau.

[←10]

Pessoa cujas qualidades e talentos não são comuns, não podem ser encontrados com facilidade em comparação aos demais.

[←11]

Reanimação cardiopulmonar.